



**Darkover**

**15**

**A Herança de  
Hastur**

**Marion Zimmer Bradley**



# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **Darkover**

Considerado por Locus como "o melhor romance de Bradley", A HERANÇA DE HASTUR, o mais longo e intrincado dos livros da série de Darkover, é uma epopéia brilhante, girando em torno do estranho relacionamento de amor e ódio entre o Império Terráqueo e os descendentes de colonos há séculos esquecidos em outro mundo.

Esta é a história da tradição de Hastur e da confrontação entre aqueles que queriam barganhar seu mundo em troca das glórias da ciência das estrelas e os que desejavam preservar o poder especial da "matriz", que era ao mesmo tempo o orgulho e o fardo de Darkover, o planeta do sol vermelho.

"Uma história fascinante de política e magia, coragem e opressão... Uma aventura vertiginosa, em todos os sentidos."

— Lester Del Rey, Analog.

# A cronologia de Darkover

**Darkover** foi uma série de ficção científica de sucesso espetacular no mundo inteiro, a saga da humanidade criando uma nova civilização num mundo estranho, diferente de tudo o que jamais existiu na Terra. Cada livro constitui uma história completa e independente podendo ser lidos isoladamente, porém, seu conjunto relata o desenvolvimento de uma sociedade nova e fascinante.

Neste guia iremos separar os livros da série conforme as Eras Cronológicas a que pertencem, apesar das recomendações da autora que recomendou que a leitura fosse feita através das datas de publicação, em vez da ordem cronológica dos acontecimentos, dado que o seu estilo literário evoluiu consideravelmente ao longo da sua carreira

## A Fundação

Uma “nave perdida” originária da Terra, dos dias de colonização pré-império, aterriza em um planeta com uma turva estrela vermelha, mais tarde sendo chamado de Darkover.

### **Livros:**

A CHEGADA EM DARKOVER

## A Era do Caos

Mil anos após a colonização da chegada original, a sociedade retornou ao nível feudal. Os darkovanos, que se esqueceram ou renunciaram sua tecnologia terrestre, se voltaram a incontrollada, autônoma, tecnologia da matriz que concede poderes psíquicos, chamados de *laran*, aos descendentes dos colonizadores. Os habitantes vivem sob o domínio de Torres e um tirânico programa de procriação destinado a guarnecer as Torres com os poderosos dons de *laran*.

### **Livros:**

RAINHA DA TEMPESTADE

## DAMA DO FALCÃO

### **Os Cem Reinos**

Uma era de guerras e conflitos que retem muitos dos efeitos dizimadores e desastrosos da Era do Caos. As terras que mais tarde se tornariam os Sete Domínios, estão divididas por constantes disputas de fronteiras, são pequenos reinos independentes, cidades-estado, baronatos, condados e repúblicas independentes, chamados de "Os Cem Reinos" por conveniência. O encerramento desta era é guiado pela adoção de um pacto instituído por Varzil, o Bom. Este é um momento decisivo na história de Darkover, o pacto bani todas as armas à distância, tornando uma questão de honra que aquele que busca matar, deve ele próprio, encarar o mesmo risco de morrer.

#### **Livros:**

DOIS PARA CONQUISTAR  
OS HERDEIROS DE HAMMERFELL  
DOIS PARA CONQUISTAR  
A QUEDA DE NESKAYA  
A FORJA DE ZANDRU  
UMA CHAMA EM HALI

### **As Renunciantes (Amazonas Livres)**

Durante a Era do Caos e o tempo dos Cem Reinos, existiram duas ordens de mulheres que se distanciaram da natureza patriarcal da sociedade feudal de Darkover, as sacerdotisas de Avarra e as guerreiras da Irmandade da Espada. Eventualmente, estes dois grupos independentes se uniram para formar a poderosa e decretada por lei, Ordem das Renunciantes ou Amazonas Livres, uma guilda de mulheres unidas por juramento em uma irmandade de responsabilidade mútua. Sua lealdade primária é umas com as outras, ao invés de família, clã, casta ou qualquer homem. Solitárias dentre as mulheres de Darkover, elas são excluídas das usuais restrições e proteções legais. Sua razão de viver é prover as

mulheres de Darkover, uma alternativa as suas vidas socialmente limitadas.

**Livros:**

A CORRENTE PARTIDA  
A CASA DE THENDARA  
CIDADE DA MAGIA

## **Contra os Terráqueos, A Primeira Era (Recontato):**

Após as Guerras de Hastur, os Cem Reinos se consolidam em Sete Domínios, sendo governados por uma aristocracia hereditária e sete famílias, chamadas de Comyn, supostamente descendentes do legendário Hastur, Lorde da Luz. É durante esta era que o Império Terráqueo, na verdade uma forma de confederação, redescobre Darkover, que eles conhecem como o quarto planeta do sistema Cottman. O fato de Darkover ser uma colônia perdida do Império, não é assimilada facilmente ou de bom grado pelos darkovanos e seus senhores Comyn.

**Livros:**

REDESCOBERTA  
A ESPADA ENCANTADA  
A TORRE PROIBIDA  
ESTRELA DO PERIGO  
VENTOS DE DARKOVER

## **Contra os Terráqueos, A Segunda Era (Depois do Comyn):**

Com o choque inicial de recontato começando a enfraquecer, e com o espaço porto terráqueo se tornando uma instituição permanente na periferia da cidade de Thendara, os indivíduos mais jovens e menos tradicionais, da sociedade de Darkover, começaram a primeira troca real de conhecimento com os terráqueos - aprendendo a ciência e tecnologia terrestre e ensinando a tecnologia

da matriz de Darkover em troca. Eventualmente, Regis Hastur, um jovem lorde Comyn, mais ativo nestas trocas, se torna um Regente em um governo provisório, aliado aos terráqueos. Darkover é uma vez mais, reunida a seu Império fundador.

**Livros:**

O SOL VERMELHO

A HERANÇA DE HASTUR

OS SALVADORES DO PLANETA

O EXÍLIO DE SHARRA

OS DESTRUIDORES DE MUNDOS

CANÇÃO DO EXÍLIO

SHADOW MATRIX

TRAITOR'S SUN



**Marion Zimmer Bradley**



**A Herança de  
Hastur**



Jacqueline Lichtenberg  
Que me convenceu de que  
este livro podia  
e devia ser escrito,  
e me pressionou até que  
(e enquanto)  
o escrevi.



## Nota da autora

Aos fiéis seguidores das crônicas de Darkover, cujo maior prazer parece ser o de descobrir as menores incoerências de um livro para outro:

Este livro conta uma história que muitos dos amigos de Darkover já me pediram que relatasse — a história dos primeiros anos de Regis Hastur, do despertar de Sharra e do encontro de Lew Alton com Marjorie Scott e com o homem chamado Kadarin.

Os fiéis seguidores mencionados acima descobrirão umas poucas contradições entre este relato e a história como Lew Alton a contou mais tarde. Não peço desculpas por isso. A única explicação que posso oferecer é a de que nos anos que transcorreram entre os eventos neste livro e o romance posterior, sobre a destruição final da matriz de Sharra, às lembranças de Lew podem ter alterado suas percepções. Ou, como pessoalmente acredito, os telepatas da Torre de Arilinn podem ter misericordiosamente toldado sua memória, a fim de salvar sua razão.

Marion Zimmer Bradley

## Capítulo Um

Ao passarem pelo desfiladeiro que descia para Thendara, os cavaleiros puderam avistar, além da antiga cidade, o espaço-porto terráqueo. Vasto e esparramado, feio e estranho a seus olhos, estendia-se como uma excrescência insólita lá embaixo. E ao redor, cercando-o como uma crosta de ferida, surgiam os prédios muito agrupados da Cidade Comercial, que crescera entre Thendara e o espaço-porto.

Regis Hastur, cavalgando devagar no meio de sua escolta, refletiu que não era tão feio como lhe haviam dito em Nevarsin. Possuía uma beleza exclusiva, uma beleza austera, de torres de aço e prédios brancos, cada um para algum propósito alienígena e desconhecido. Não era um câncer na superfície de Darkover, mas um ornamento destoante, embora não desprovido de beleza.

A torre central do novo quartel-general ficava de frente para o Castelo Comyn, situado no outro lado do vale, com lamentável aparência. A impressão de Regis foi a de que a torre e o antigo castelo de pedra se confrontavam, como dois gigantes armados para o combate.

Mas ele sabia que isso era um absurdo. Reinara a paz entre o Império Terráqueo e os Domínios ao longo de toda a sua vida. Os Hasturs garantiam essa paz.

O pensamento, entretanto, não lhe proporcionou qualquer conforto. Não era um grande Hastur, refletiu ele, mas era o último. Tentariam tirar o melhor proveito de sua pessoa, embora fosse um medíocre substituto do pai, e todos sabiam disso. Nunca o deixavam esquecer, por um instante sequer.

O pai morrera havia quinze anos, apenas um mês antes de Regis nascer. Rafael Hastur, aos trinta e cinco anos, já exibia todos os sinais de um líder vigoroso e estadista sábio, profundamente amado por seu povo, respeitado até pelos terráqueos. E fora explodido em pedaços nas Colinas Kilghard, morto por armas contrabandeadas do Império Terráqueo. Eliminado na plena força de sua juventude e promessa, deixara apenas uma filha de onze anos e

uma esposa grávida e frágil. Alanna Elhaly-Hastur quase morrera com o choque da morte do marido. Apegara-se à vida angustiada, apenas porque sabia que tinha no ventre o último dos Hasturs, o filho tão desejado de Rafael. Sobrevivera, abalada pela dor, apenas o tempo suficiente para que Regis nascesse vivo; e depois, quase com alívio, abandonara a vida.

E depois da perda de seu pai, depois de todo o sofrimento por que a mãe passara, pensou Regis, tudo o que tinham era ele, não o filho que escolheriam. Era muito forte no físico, até bonito, mas curiosamente deficiente para um filho da casta telepática dos Domínios, o Comyn. Um não-telepata. Aos quinze anos, se tivesse herdado o poder do laran, já o teria manifestado.

Por trás, ele podia ouvir os comentários dos guardas da escolta.

— Vejo que eles já concluíram a construção de seu quartel-general. Não podia estar em lugar pior, tão perto do Castelo Comyn.

— Começaram a construí-lo nas Hellers, em Caer Donn. Foi o velho Istvan Hastur, no tempo do meu avô, quem os obrigou a transferir o espaço-porto para Thendara. Ele devia ter seus motivos.

— Pois deveria tê-lo deixado lá, longe das pessoas de bem!

— Ora, os terráqueos não são tão maus assim. Meu irmão tem uma loja na Cidade Comercial. De qualquer forma, você gostaria que os Terranan voltassem às colinas, onde os bandidos das montanhas e os malditos Aldarans poderiam fazer acordos com eles sem o nosso conhecimento?

— Selvagens miseráveis! — exclamou o segundo homem. — Nem sequer respeitam a Aliança por lá. Os homens das Hellers andam com suas sórdidas armas de covardes.

— O que se poderia esperar dos Aldarans?

Eles baixaram as vozes, e Regis suspirou. Já se acostumara a isso. Deixava a todos constrangidos, só por ser quem era: Comyn e Hastur. Era bem provável que os guardas pensassem que podia ler suas mentes. A maioria do Comyn era capaz.

— Lorde Regis — disse um dos guardas -, há um grupo de cavaleiros vindo pela estrada do norte, carregando estandartes.

Deve ser a comitiva de Armida, com Lorde Alton. Vamos esperá-los e continuar juntos?

Regis não sentia o menor desejo de se juntar a outra comitiva de lordes do Comyn, mas dizer isso seria uma inadmissível violação dos costumes. Na temporada do Conselho, os líderes de todos os Domínios reuniam-se em Thendara; Regis era obrigado pela tradição de gerações a tratá-los como parentes e irmãos. E os Altons eram seus parentes de fato.

Eles diminuíram o ritmo, esperando que a outra expedição os alcançasse.

Ainda se encontravam no alto das encostas, e Regis podia avistar o espaço-porto, além de Thendara. Um rumor intenso, como uma cachoeira distante, fez o solo vibrar como uma trovada, mesmo ali em cima. Uma forma mínima, quase como um brinquedo, começou a subir no espaço-porto, devagar a princípio, depois cada vez mais depressa. O som aumentou para um grito ténue; o objeto era como uma listra distante, virou um ponto, desapareceu por completo.

Regis deixou escapar a respiração, que prendera por um momento. Uma nave estelar do Império, a caminho de mundos distantes, sóis distantes... Regis percebeu que cerrara os punhos nas rédeas com tanta força que o cavalo sacudia a cabeça, protestando. Relaxou, afagou o pescoço do cavalo, num gesto distraído, como se pedisse desculpas. Seus olhos ainda fixavam o ponto no céu em que a nave estelar sumira.

Seguindo pelo espaço exterior, livre para percorrer as incomensuráveis vastidões do espaço, a nave viajava para mundos cujas maravilhas ele nunca poderia sequer adivinhar, pois se encontrava acorrentado aqui embaixo. Regis sentiu um aperto na garganta. Gostaria de não ser velho demais para chorar, mas o herdeiro de Hastur não podia demonstrar qualquer emoção pouco viril em público. Perguntou-se por que se sentia tão angustiado, mas sabia a resposta: a nave ia para lugares que ele nunca poderia conhecer.

Os cavaleiros se aproximaram, e Regis pôde identificar alguns. Ao lado de seu porta-bandeira vinha Kennard, Lorde Alton,



corpulento e encurvado, os cabelos vermelhos se tornando grisalhos. Depois de Danvan Hastur, o Regente do Comyn, Kennard era provavelmente o homem mais poderoso dos Sete Domínios. Regis o conheceu durante toda a sua vida; quando criança, chamava-o de tio. Por trás dele, em meio a todo um séquito de parentes, servos, guardas e membros mais pobres da família, ele avistou o estandarte do Domínio de Ardais, o que significava que Lorde Dyan devia acompanhá-los. Um dos guardas de Regis comentou, em voz baixa:

— O velho abutre trouxe seus dois bastardos. Como ele se atreve?

— O velho Kennard pode atrever-se a qualquer coisa, e fazer com que Hastur a aceite — respondeu o outro homem, num murmúrio de pátio de prisão. — De qualquer maneira, o jovem Lew não é um bastardo; Kennard legitimou-o, para que ele pudesse trabalhar na Torre de Arilinn. O mais novo...

O guarda viu Regis olhar em sua direção e ficou rígido; a expressão desvaneceu-se de seu rosto, como se fosse apagada por uma esponja.

Mas que droga! pensou Regis, irritado. Não posso ler sua mente, homem, tenho apenas ouvidos normais, por mais aguçados que sejam. Mas, mesmo assim, ele compreendeu, ouvira um comentário insolente sobre um lorde do Comyn, e o guarda se sentiria embaraçado por isso. Havia um provérbio antigo: O rato no alto das muralhas pode olhar para um gato, mas não é sensato alardear isso.

Regis, é claro, conhecia toda a história. Kennard fizera uma coisa chocante, até vergonhosa: tomara em casamento honrado uma mulher que era meio-terráquea, parenta do renegado Domínio de Aldaran. O Conselho do Comyn nunca aceitara o casamento, nem os filhos. Nem mesmo para agradar a Kennard. Nesse instante Kennard aproximou-se de Regis.

— Saudações, Lorde Regis. Está indo para o Conselho?

Regis sentiu-se exasperado com a pergunta óbvia — para onde mais ele iria, naquela estrada, naquela época do ano? — até compreender que as palavras formais implicavam seu

reconhecimento como um adulto. Respondeu com a mesma cortesia formal:

— Isso mesmo, parente. Meu avô solicitou a minha presença no Conselho este ano.

— Passou todos esses anos no mosteiro em Nevarsin, parente? Kennard sabia muito bem onde ele estivera, refletiu Regis; como não conseguisse imaginar qualquer outro meio de afastar Regis de sua presença, o avô despachara-o para São-Valentim-das-Neves. Mas seria uma terrível violação das boas maneiras mencionar isso na presença de outras pessoas, e assim ele se limitou a dizer:

— Passei, sim. Meu avô confiou minha educação aos cristoforos; estive lá durante três anos.

— Pois foi uma maneira infernal de tratar o herdeiro de Hastur — disse uma voz áspera mas musical.

Regis virou a cabeça para deparar com Lorde Dyan Ardais, pálido e alto, um rosto de falcão, que ele vira fazendo breves visitas ao mosteiro. Fez uma reverência e saudou-o:

— Lorde Dyan.

Os olhos de Dyan, aguçados e quase incolores — dizia-se que havia sangue chieri nos Ardais -, fixaram-se em Regis.

— Eu disse a Hastur que só um tolo mandaria um menino para ser criado naquele lugar. Mas calculei que ele se encontrava ocupado demais com os assuntos de estado, como resolver todos os problemas que os Terranan trouxeram para o nosso mundo. Eu bem que ofereci para tê-lo como adotado em Ardais; minha irmã Elorie não gerou nenhuma criança viva e teria acolhido com o maior prazer um parente para criar. Mas seu avô, eu acho, não me considerou um guardião apropriado para um menino de sua idade. — Dyan soltou uma risada breve, sarcástica. — Bom, parece que você sobreviveu a três anos nas mãos dos cristoforos. Como era a situação em Nevarsin, Regis?

— Muito fria.

Regis torceu para que o homem mais velho se contentasse cora essa resposta.

— Lembro-me muito bem disso — comentou Dyan, rindo. - Também fui criado pelos irmãos, como sabe. Meu pai ainda tinha

juízo... ou pelo menos o suficiente para me manter longe da vista de seus vários excessos. Passei cinco anos tremendo de frio.

Kennard alteou uma sobranalha grisalha.

— Não me lembro de ser tão frio.

— Porque ficou aquecido na casa de hóspedes — explicou Dyan, com um sorriso. — Eles mantêm o fogo aceso ali durante o ano inteiro, e você podia contar com alguém para aquecer sua cama, se assim desejasse. O dormitório dos estudantes em Nevarsin... eu lhe dou minha palavra solene... é o lugar mais frio de Darkover. Nunca observou aqueles pobres pirralhos tremendo de frio durante os ofícios? Eles o converteram num cristoforo, Regis?

A resposta de Regis foi sucinta:

— Não. Sirvo ao Lorde da Luz, como é próprio para um filho de Hastur.

Kennard gesticulou para dois rapazes com as cores de Alton, que se adiantaram.

— Lorde Regis — disse ele formalmente -, peço permissão para apresentá-lo a meus filhos: Lewis-Kennard Montray-Alton e Marius Montray-Lanart.

Regis sentiu-se desorientado por um instante. Os filhos de Kennard não eram aceitos pelo Conselho, mas, se Regis os saudasse como parentes e iguais, concederia a eles o reconhecimento Hastur. Se não fizesse isso, seria uma afronta ao parente. Ficou furioso com Kennard por tornar essa opção necessária, ainda porque o velho conhecia tudo sobre etiqueta e diplomacia do Comyn.

Lew Alton era um jovem alto e forte, cinco ou seis anos mais velho do que Regis, e disse com um sorriso irônico:

— Não se preocupe, Lorde Regis. Fui legitimado e designado formalmente como o herdeiro há dois anos. Pode ser polido comigo.

O rosto de Regis ficou vermelho de embaraço.

— O avô me escreveu, dando a notícia; eu tinha esquecido. Saudações, primo. Estão há muito tempo na estrada?

— Uns poucos dias — respondeu Lew. — A viagem foi pacífica, embora eu ache que meu irmão a tenha considerado longa demais. Ele é muito jovem para uma jornada assim. Lembra-se de Marius, não é?

Regis compreendeu, aliviado, que Marius, chamado Montray-Lanart, em vez de Alton, porque ainda não fora aceito como filho legítimo, tinha apenas doze anos, era jovem demais para uma saudação formal. O problema podia ser contornado, bastava tratá-lo como uma criança.

— Você cresceu desde a última vez que o vi, Marius. Imagino que nem se lembre de mim. Ainda tem aquele pequeno pônei cinzento que costumava montar em Armida?

Marius respondeu com toda a polidez:

— Tenho, sim, mas ele ficou no pasto; está velho e manco, não teria condições de fazer a viagem.

Kennard parecia irritado. E ainda se falava em diplomacia! O avô se orgulharia dele, concluiu Regis, embora ele não se orgulhasse de si mesmo pela arte da dupla linguagem. Por sorte, Marius não tinha idade suficiente para compreender que fora esnobado. Ocorreu a Regis que, no final das contas, era ridículo que rapazes da mesma idade se tratassem de uma maneira tão formal. Lew e ele tinham sido grandes amigos. Nos anos que passara em Armida, antes de sua ida para o mosteiro, eram tão chegados quanto irmãos. E agora Lew o chamava de Lorde Regis! Era uma estupidez! Kennard olhou para o céu.

— Vamos continuar a viagem? O pôr-do-sol se aproxima, e é certo que vai chover. Seria um estorvo ter de parar e guardar os estandartes. Além do mais, seu avô deve estar ansioso para vê-lo, Regis.

— Meu avô foi poupado da minha presença por três anos — disse Regis secamente. — Tenho certeza de que poderá agüentar por mais uma hora. Mas seria melhor não cavalgar no escuro.

O protocolo determinava que Regis seguisse ao lado de Kennard e Lorde Dyan; em vez disso, porém, ele ficou um pouco para trás, a fim de viajar junto com Lew Alton. Marius tinha a companhia de um rapaz mais ou menos da idade de Regis. Parecia tão familiar que Regis franziu o rosto, tentando recordar onde se haviam encontrado.

Embora a comitiva seguisse em fila, Regis mandou seu porta-bandeira adiantar-se para a vanguarda da coluna, juntando-se aos

de Ardais e de Alton. Observou o homem avançar com o emblema do pinheiro de Hastur, prateado e azul, e o lema em casta, que dizia Permanedál. Eu permanecerei, traduziu Regis, cansado; isso mesmo, ficarei aqui, serei um Hastur, quer goste ou não.

Depois, a revolta tornou a dominá-lo. Kennard não ficara. Fora educado na própria Terra, e por decisão do Conselho. Talvez houvesse também alguma esperança para Regis, sendo ou não Hastur.

Ele se sentia estranhamente solitário. A manobra de Kennard para obter o respeito apropriado aos filhos deixara-o irritado, mas também o comovera. Se seu pai estivesse vivo, ele especulou, teria sido tão solícito? Também recorreria a qualquer coisa para evitar que seu filho se sentisse inferior?

A expressão de Lew era sombria, indicava extrema solidão. Regis não podia saber se ele se sentia menosprezado, insultado ou apenas solitário, por saber que era diferente.

— Vai ocupar um lugar no Conselho, Lorde Regis? — perguntou Lew.

O formalismo deixou Regis outra vez contrariado. Seria uma esnobação pela maneira como tratara Marius? Subitamente, ele se cansou de tudo aquilo.

— Você costumava me tratar de primo, Lew. Somos velhos demais para sermos amigos?

Um sorriso rápido aflorou no rosto de Lew. Era bonito sem a expressão soturna e retraída.

— Claro que não, primo. Mas me foi impingido, entre os cadetes e em outros lugares, que você é Regis-Rafael, Lorde Hastur, e eu sou... ora, sou o herdeiro nedestro de Alton. Só me aceitaram porque meu pai não tem filhos darkovanos apropriados. Achei que cabia a você decidir se queria ou não me tratar como parente.

A boca de Regis se contraiu numa careta. Ele deu de ombros.

— Talvez tenham de me aceitar, mas eu bem que poderia ser um bastardo. Não herdei o laran.

Lew parecia chocado.

— Mas com certeza, você... pensei... — Ele parou de falar. - Mesmo assim, primo, terá um lugar no Conselho. Não há outro

herdeiro Hastur.

— Sei muito bem disso. Não tenho ouvido outra coisa desde o dia em que nasci. Mas é verdade que Javanne, desde que casou cora Gabriel Lanart, vem tendo filhos como gatinhos. Um deles pode tomar o meu lugar algum dia.

— Mas você está na linha direta de descendência masculina. O dom do laran salta uma geração de vez em quando. Todos os seus filhos podem herdá-lo.

Regis comentou, com uma impulsiva amargura:

— Acha que ajuda... saber que não tenho valor por mim mesmo, mas apenas pelos filhos que venha a ter?

Uma chuva fina começou a cair. Lew puxou o capuz sobre a cabeça, e a insígnia da Guarda da Cidade apareceu no manto. Portanto, ele está cumprindo os deveres regulares de um herdeiro do Comyn, pensou Regis. Pode ser um bastardo, mas é mais útil do que eu. Lew disse em voz alta, como se captasse seus pensamentos:

— Vai entrar este ano no corpo de cadetes da Guarda, não é mesmo? Ou os Hasturs são isentos?

— Está tudo planejado para nós, não é mesmo, Lew? Dez anos de idade, serviço de vigia de incêndio. Treze ou quatorze anos, o corpo de cadetes. Depois, meu turno como oficial. Sentar no Conselho, no momento oportuno. Casar com a mulher certa, se puderem encontrar uma que pertença a uma família bastante antiga e importante, e acima de tudo com laran. Pai de uma porção de filhos, e também de muitas filhas, para casar com outros filhos do Comyn.

Planejaram as nossas vidas, e temos de seguir tudo o que foi determinado, quer desejemos ou não.

Lew parecia inquieto, mas não respondeu. Obediente, como um príncipe respeitável, Regis se adiantou, a fim de atravessar os portões da cidade em seu devido lugar, ao lado de Kennard e de Lorde Dyan. Estava com a cabeça cada vez mais molhada, pensou ele, amargurado, mas era seu dever apresentar-se descoberto. Uma coisa insignificante como ficar encharcado não deveria incomodar um Hastur.

Regis se forçou a sorrir e acenou para a multidão nas ruas. Mas a distância, através do próprio solo, podia ouvir de novo a vibração, como uma cachoeira. As naves estelares ainda estavam ali, pensou ele, e as estrelas, mais além. Não importa quão profundo seja o caminho que me fixaram, ainda encontrarei um meio de me libertar. Algum dia.

## Capítulo Dois

(Narrativa de Lewis-Kennard Montray-Alton)

Eu não queria comparecer à reunião do Conselho naquele ano. Para ser mais preciso, jamais desejei ir ao Conselho em momento algum. Falando em termos brandos. A verdade é que não sou popular com os pares de meu pai nos Sete Domínios.

Em Armida, nada me incomoda. As pessoas sabem quem eu sou, e os cavalos não se importam. E em Arilinn ninguém pergunta pela família de ninguém, pela linhagem ou legitimidade. A única coisa que interessa numa Torre é a sua capacidade de manipular uma matriz e sintonizar com os círculos de energônio e com as telas de transmissão. Se você é competente, ninguém quer saber se nasceu entre lençóis de seda numa casa-grande ou numa vala à beira da estrada; e, se não é competente, nem vai para lá.

Você pode perguntar por que, se eu era bom em administrar a propriedade, e mais do que eficiente nas transmissões por matriz em Arilinn, o pai teve essa idéia de me impingir ao Conselho. Pode perguntar, mas terá de procurar outro para saber a resposta, porque eu nem imagino.

Quaisquer que tenham sido os seus motivos, ele conseguiu me impor ao Conselho como seu herdeiro. Eles não gostaram, mas tiveram de me conceder os privilégios legítimos de um herdeiro do Comyn e os deveres que os acompanhavam. Assim, aos quatorze anos, ingressei no corpo de cadetes e, depois de servir como um oficial inferior, era agora capitão na Guarda da Cidade. Era um privilégio que eu podia muito bem dispensar. Os lordes do Conselho podiam ser obrigados a me aceitar. Mas fazer com que os filhos mais jovens, os nobres de segunda classe e todos os demais que serviam no corpo de cadetes me aceitassem... isso era outra história.

É claro que ser bastardo não constitui uma desgraça especial.

Muitos lordes do Comyn têm meia dúzia de bastardos. Se um deles por acaso tem laran — e é essa a esperança de cada mulher que gera uma criança de um lorde do Comyn -, nada é mais fácil do que fazer com seja reconhecido e receba os privilégios e os deveres



em qualquer lugar dos Domínios. Mas fazer com que um deles se torne o herdeiro designado do Domínio, mo era uma iniciativa sem precedentes, e todos os filhos não reconhecidos de uma linhagem menor faziam com que eu sentisse quão pouco merecia esse tratamento especial.

Não podia deixar de saber por que reagiam dessa maneira — eu tinha o que todos os outros desejavam e achavam que mereciam também. Mas a compreensão só agravava a situação. Deve ser mais confortável nunca saber por que você é detestado. Talvez assim possa acreditar que não merece mesmo.

Seja como for, eu cuidava para que nenhum deles pudesse queixar-se de mim. Fizera um pouco de tudo, como se espera dos herdeiros do Comyn no corpo de cadetes: supervisionara as patrulhas de rua, organizando tudo, de rações para os animais de carga a escoltas para as damas do Comyn; ajudara o mestre-de-armas em seu trabalho e providenciara para que o homem que limpava os alojamentos cumprisse as suas funções da melhor forma possível. Detestara servir no corpo de cadetes e não me agradava o comando na Guarda. Mas o que podia fazer? Era uma montanha que eu não podia transpor nem contornar. O pai precisava de mim e me queria ao seu lado, e eu não podia deixá-lo sozinho.

Enquanto cavalgava junto com Regis Hastur, não pude deixar de especular se a sua escolha dessa posição era um sinal de amizade ou uma hábil tentativa de conquistar as boas graças de meu pai. Três anos atrás eu diria que era amizade, sem a menor dúvida. Mas os jovens mudam em três anos, e Regis mudara mais do que a maioria.

Ele passara alguns invernos em Armida, antes de ir para o mosteiro, e também antes de minha ida para Arilinn. Nunca pensara em Regis como o herdeiro de Hastur. Diziam que sua saúde era frágil; o velho Hastur achava que a vida no campo e companhia lhe fariam bem. Cabia a mim, principalmente, acompanhá-lo. Eu o levava a cavalgar e caçar falcões, subíamos para os platôs em que as grandes manadas de cavalos selvagens eram capturadas e levadas para serem domadas. Lembrava-me dele mais como um garoto pequeno, seguindo-me por toda parte, usando os calções e

as camisas que haviam ficado pequenos demais para mim, porque ele também crescera além de suas próprias roupas. Brincávamos com os cachorrinhos e com os potros recém-nascidos; eu o observava dar pontos desajeitados em capuzes de falcão que estava aprendendo a arrumar. O pai lhe ensinava esgrima, e ele praticava comigo. Durante a terrível primavera de seus doze anos, quando as Colinas Kilghard foram dominadas por incêndios nas florestas e todos os homens aptos entre dez e oitenta anos foram requisitados para as linhas de combate ao fogo, partíramos juntos, trabalhando lado a lado durante o dia, comendo da mesma tigela e partilhando as mantas à noite. Receáramos que até Armida fosse consumida no holocausto; e alguns dos prédios externos acabaram destruídos pelas chamas. Fôramos mais íntimos do que irmãos. Quando ele fora para Nevarsin, eu sentira muita saudade. Era difícil conciliar as lembranças daquele quase-irmão com aquele jovem príncipe solene e controlado. Talvez ele tivesse aprendido, no intervalo, que a amizade com o herdeiro nedestro de Kennard não era apropriada para um Hastur.

Eu poderia descobrir, é verdade, e ele nunca saberia. Mas isso nem chega a ser tentação para um telepata, depois dos primeiros meses de treinamento. Aprende-se a não bisbilhotar.

Mas não o senti, e dali a pouco ele me perguntou por que não o tratara pelo nome; apanhado de surpresa por essa indagação abrupta, dei uma resposta franca, em vez de diplomática, e depois o clima de companheirismo se restabeleceu entre nós, como não poderia deixar de acontecer.

Depois que passamos pelos portões, a viagem até o castelo não foi longa, durou apenas o tempo suficiente para ficarmos completamente encharcados. Percebi que o pai sofria com a umidade e com o frio — ele era coxo desde que eu podia me lembrar, mas seu estado piorara nos últimos invernos — e que Marius, todo molhado, se sentia desolado. Já estava quase escuro quando alcançamos o abrigo do castelo, e, embora a chuva noturna nessa época quase nunca se transforme em neve, caíam algumas pedras de granizo. Saltei do cavalo e me apressei a ajudar o pai a

desmontar, mas Lorde Dyan já cuidara disso e lhe oferecera o braço para se apoiar.

Tratei de me afastar. Desde o primeiro ano no corpo de cadetes, adquiri o hábito de não me aproximar de Lorde Dyan mais do que o indispensável. De preferência, fora do seu alcance.

Há um costume na Guarda para os cadetes do primeiro ano.

Somos treinados em combate desarmado e devemos cultivar o hábito de nos manter sempre vigilantes, em todos os momentos; assim, durante o primeiro tempo, na sala da Guarda e na armaria, qualquer superior na Guarda tem permissão para nos atacar de surpresa, se puder, e nos derrubar. É um bom treinamento. Depois de umas poucas semanas sendo agarrado pelas costas e jogado cora toda a força num chão de pedra, você desenvolve um sentido, como se fossem olhos atrás da cabeça. De modo geral, é tudo feito com a maior jovialidade; e, embora seja um jogo duro e a vítima acabe cheia de equimoses, ninguém realmente se incomoda.

Dyan, todos concordávamos, gostava demais de atacar os jovens cadetes de surpresa. É exímio no combate desarmado e poderia fazer tudo sem machucar muito, mas se mostrava extremamente violento e nunca perdia a oportunidade de machucar alguém. A mim em particular. Conseguiu até deslocar meu cotovelo, que mantive numa tipóia pelo resto daquela temporada. Dissera que fora um acidente, mas sou telepata, e ele não se dera o trabalho de disfarçar quanto gostara da experiência. Não fui o único cadete que passou por isso. Durante o treinamento, há momentos em que você odeia todos os seus oficiais. Mas Dyan era o único que realmente temíamos. Deixei o pai com ele e me aproximei de Regis.

— Alguém está à sua procura — informei-o.

Apontei um homem com a libré de Hastur, abrigado num portal, todo molhado e desolado, como se esperasse na chuva havia algum tempo. Regis virou-se para ouvir a mensagem, ansioso.

— As saudações do Regente, Lorde Regis. Ele foi chamado com urgência à cidade. Pede que fique à vontade e que o procure pela manhã.

Regis deu uma resposta formal e tornou a virar-se para mim, com um sorriso em que não havia qualquer humor.

— É assim a calorosa recepção do meu amado avô.

Era de fato uma terrível recepção, pensei. Ninguém podia esperar que o Regente do Comyn ficasse aguardando na chuva, mas ele poderia ter enviado algo mais do que uma mensagem por um criado! Apressei-me em dizer:

— Venha conosco. Mande um recado pelo mensageiro de seu avô e nos acompanhe para trocar de roupa e jantar.

Regis acenou com a cabeça, sem falar. Tinha os lábios roxos de frio, os cabelos encharcados caíam sobre a testa. Enquanto ele dava as ordens necessárias, fui cumprir minha tarefa: providenciar para que toda a comitiva do pai — servos, guardas, porta-bandeira e parentes pobres — fosse alojada nos lugares designados.

Pouco a pouco, tudo foi resolvido. Os guardas foram para seus alojamentos. A maioria dos servos sabia o que fazer. Alguém dera o aviso com antecedência para que as lareiras fossem acesas, e os quartos já se achavam preparados para ocupação imediata. O resto de nós encontrou o caminho pelo labirinto de salões e corredores até os aposentos reservados, pelas últimas doze gerações, aos lordes de Alton. Não demorou muito para só ficarem no salão principal de nossos aposentos o pai, Marius e eu, Regis, Lorde Dyan, nossos servos pessoais e meia dúzia de outros. Regis parou diante do fogo, aquecendo as mãos. Recordei a noite em que meu pai lhe dera a notícia de que deveria deixar-nos e passar os três anos seguintes em Nevarsin. Ele e eu sentávamos diante do fogo, no grande salão em Armida, quebrando nozes e jogando as cascas nas chamas; depois que meu pai acabara de falar, ele se aproximara da lareira e permanecera imóvel por um longo tempo, abatido e trêmulo, de costas para nós.

Maldito velho! Será que não havia nenhum amigo ou nenhuma parenta para cuja casa pudesse enviar Regis?

O pai se aproximou do fogo. Claudicava bastante. Fitou o companheiro de Marius durante a viagem e disse:

— Danilo, já mandei suas coisas para os alojamentos dos cadetes. Quer que eu peça a alguém que lhe mostre o caminho ou acha que pode descobri-lo?

— Não há necessidade de pedir a ninguém que me acompanhe, Lorde Alton.

Danilo Syrtis afastou-se do fogo e fez uma mesura cortês. Era um garoto esguio, de olhos brilhantes, em torno dos quatorze anos, usando trajes tão surrados que só vagamente os reconheci como tendo outrora pertencido a meu irmão ou a mim. Era típico do pai; cuidava para que qualquer protegido seu começasse com as vestimentas apropriadas para um cadete. O pai pôs a mão no ombro de Danilo.

— Tem certeza? Pois então cerra para lá, meu rapaz, e boa sorte.

Danilo retirou-se, depois de murmurar uma fórmula polida endereçada vagamente a todos. Dyan Ardais, esquentando as mãos ao fogo, fitou-o afastar-se e alteou as sobrancelhas.

— Um jovem de boa aparência. Outro filho nedestro seu, Kennard?

— Dani? Pelos infernos de Zandru, não! Eu sentiria o maior orgulho de reivindicá-lo como meu filho, mas ele não o é. A família tem sangue Comyn há algumas gerações, mas é pobre como o camundongo de um avarento. O velho Dom Felix não tinha condições de proporcionar-lhe um bom começo na vida, por isso arrumei-lhe uma vaga no corpo de cadetes.

Regis virou-se do fogo e disse:

— Danilo! Eu sabia que o reconhecia de algum lugar; ele passou um ano no mosteiro. Mas não consegui lembrar-me de seu nome, Tio. Deveria tê-lo cumprimentado.

A palavra que ele usara para tio era o termo casta, um pouco mais íntimo do que parente: eu sabia que ele se dirigira a meu pai, mas Dyan preferiu considerar-se a pessoa endereçada.

— Vai encontrá-lo no corpo de cadetes, com toda a certeza. E eu também não cumprimentei você da maneira apropriada.

Ele se adiantou e deu um abraço de parente em Regis, comprimindo seu rosto contra o dele. Regis submeteu-se, um pouco contra-feito. Depois, mantendo-o à distância do braço, Dyan fitou-o atentamente.

— Sua irmã se ressentente por você ter a maior beleza da família, Regis?

Surpreso e embaraçado, Regis soltou uma risada nervosa.

— Ela nunca me disse isso. Desconfio de que Javanne acha que eu ainda deveria andar com um avental de criança.

— O que confirma o que eu sempre disse: as mulheres não têm capacidade de julgar a beleza.

Meu pai lançou-lhe um olhar irritado e protestou:

— Pare cora isso, Dyan. Não zombe do rapaz.

Dyan teria continuado — era um homem terrível, queria recomeçar tudo, depois de todos os problemas do ano anterior — se um servo com a libre de Hastur não entrasse apressado nesse momento, para anunciar:

— Lorde Alton, uma mensagem do Regente.

O pai abriu a carta e pôs-se a praguejar em três línguas. Disse ao mensageiro que esperasse enquanto trocava de roupa e desapareceu em seu quarto, onde o ouvi gritar com Andres. Não demorou a voltar, enfiando uma camisa seca por dentro de um calção seco, a cara amarrada.

— Pai, o que aconteceu?

— A mesma coisa de sempre, problemas na cidade. Hastur convocou todos os anciãos do Conselho disponíveis e despachou duas patrulhas extras. É evidente que se trata de alguma crise.

Mas que droga! pensei. Depois da longa viagem desde Armida, concluída sob chuva, ser chamado à noite...

— Vai precisar de mim, Pai? Ele sacudiu a cabeça.

— Não, filho, não necessariamente. Não me espere acordado. É possível que eu fique ocupado durante a noite inteira.

Assim que ele saiu, Dyan disse:

— Creio que uma convocação similar me aguarda em meus aposentos; é melhor eu ir verificar. Boa-noite, rapazes. Eu os invejo por poderem dormir sossegados. — Com um aceno de cabeça para Regis, ele acrescentou: — Os outros nunca serão capazes de apreciar direito uma boa cama. Só nós, que já dormimos sobre pedra, temos condições para isso.

Com uma reverência formal para Regis, ao mesmo tempo que me ignorava por completo — não foi fácil, pois estávamos lado a lado -, Dyan se retirou. Olhei ao redor, a fim de saber o que faltava ser acertado. Mandeí Marius mudar suas roupas encharcadas — muito velho para uma babá, muito jovem para um valete, ele ficava aos meus cuidados durante a maior parte do tempo. Depois, ordenei que arrumassem um quarto para Regis.

— Tem um valete para ajudá-lo, Regis? Ou devo pedir ao servo de meu pai que o atenda esta noite?

— Aprendi a cuidar de mim sozinho em Nevarsin. — Regis parecia mais afetuoso agora, menos tenso. — Se o Regente está chamando todo o Conselho, desconfio de que se trate de algo muito sério, e não apenas que meu avô me esqueceu outra vez. Isso faz com que eu me sinta melhor.

Agora que eu já cuidara de tudo, podia trocar as roupas molhadas.

— Depois que você mudar de roupa, Regis, jantaremos aqui, na frente do fogo. Só estarei de serviço oficialmente amanhã de manhã.

Fui para o meu quarto, mudei de roupa num instante e enfiei os pés em botas de cano curto, forradas de pele. Resolvi verificar como estava Marius; encontrei-o sentado na cama, tomando uma sopa quente e já meio adormecido. Fora um longo percurso para um garoto da sua idade. E mais uma vez me perguntei por que o pai o submetera a uma viagem tão cansativa.

Os servos haviam arrumado uma refeição quente diante do fogo, entre velhos bancos de pedra que havia ali. As luzes em nossa parte do castelo são as antigas, rochas luminosas das cavernas mais profundas, que absorvem a claridade ao longo do dia e irradiam um brilho suave à noite. Não era o suficiente para a leitura ou para um trabalho de agulha mais meticuloso, mas dava para uma refeição tranqüila e para uma conversa descontraída ao lado da lareira. Regis voltou, em roupas secas e botas de usar em casa. Gesticulei para que o idoso camareiro se retirasse.

— Pode ir jantar. Lorde Regis e eu nos serviremos pessoalmente. Tirei as tampas das travessas. Havia uma galinha

assada e um guisado de legumes. Servi Regis, dizendo:

— Não é muito festivo, mas deve ter sido o melhor que puderam providenciar em tão pouco tempo.

— É melhor do que as coisas que costumávamos comer na linha de fogo — comentou Regis.

Não pude deixar de sorrir.

— Também se lembra disso?

— Como eu poderia esquecer? Armida foi como um lar para mim. Kennard ainda doma seus próprios cavalos, Lew?

— Não. Ele está coxo demais para isso.

Especulei de novo como o pai seria capaz de se agüentar na retomada de suas funções. Por egoísmo, torcia para que ele pudesse continuar no comando da Guarda. Era um cargo hereditário dos Altons, e eu seria o próximo. Os homens haviam aprendido a me tolerar como seu subcomandante, com o posto de capitão. Mas, se tivesse de assumir o comando, seria obrigado a travar outra vez as mesmas batalhas.

Conversamos por algum tempo sobre Armida, cavalos e falcões, enquanto Regis terminava a comida em sua tigela. Ele pegou uma maçã e foi até a lareira, onde havia um par de espadas antigas, usadas agora apenas na dança das espadas, pendurado sobre o consolo. Quando tocou o cabo de uma, resolvi perguntar:

— Esqueceu tudo o que aprendeu sobre esgrima no mosteiro, Regis?

— Não. Havia alguns discípulos que não se tornariam monges, por isso o Padre Mestre nos deixava praticar uma hora por dia. Além disso, um mestre-de-arms vinha nos dar aulas.

Tomando vinho, conversamos sobre a situação das estradas desde Nevarsin.

— Veio do mosteiro até aqui em um único dia?

— Claro que não. Interrompi a viagem em Edelweiss.

Era na terra dos Altons. Quando Javanne Hastur casara com Gabriel Lanart, dez anos antes, meu pai lhes arrendara a propriedade.

— Sua irmã está bem?



— Muito bem, mas grávida de novo. Javanne fez uma coisa absurda. Fazia sentido chamar o primeiro filho de Rafael, em homenagem a nosso pai. E o segundo, é claro, não podia deixar de ser Gabriel, o Moço. Mas, quando ela deu ao terceiro o nome de Mikhail, fez com que todos parecessem ridículos. Creio que ela reza freneticamente para ter uma filha dessa vez.

Soltei uma risada. Afinal, os "anjos Lanart" deveriam ter os nomes de parentes, não de arcanjos; e por que uma Hastur tiraria nomes da mitologia cristoforo?

— Ela e Gabriel já têm bastantes filhos.

— É verdade; e tenho certeza de que meu avô se sente contrariado por Javanne ter tantos filhos e por não lhes poder dar o direito de Domínio em Hastur. Há uma outra coisa, que eu deveria ter contado a Kennard: o marido de Javanne chegará a Thendara dentro de poucos dias, a fim de assumir seu lugar na Guarda. Era para vir comigo, mas, com Javanne tão próxima do parto, ele pediu licença para permanecer ao seu lado até a criança nascer.

Balancei a cabeça; não podia ser de outra forma. Gabriel Lanart era um nobre menor do Domínio de Alton, um parente nosso e telepata. Tinha de seguir o costume dos Domínios, de um homem partilhar com a mãe de sua criança o sofrimento do parto, permanecendo em contato telepático com ela até que tudo acabasse. Mas podíamos dispensá-lo por alguns dias. Um bom homem, Gabriel Lanart.

— Dyan parece considerar fato consumado você ingressar este ano no corpo de cadetes, Regis.

— Não sei se terei opção. Você teve?

Eu não tivera, é claro. Mas que o herdeiro de Hastur, entre todas as pessoas, questionasse isso... era algo que me deixava apreensivo.

Regis tornou a sentar no banco de pedra, arrastando as botas de feltro no chão, irrequieto.

— Lew, você tem uma parte terráquea e ainda assim é do Comyn. Sente como se pertencesse a nós? Ou aos terráqueos?

Uma pergunta desconcertante, até afrontosa, que eu nunca ousara formular a mim mesmo. Fiquei furioso com ele por levantar o

assunto, como se escarnecesse do que eu era. Aqui, eu era um alienígena; entre os terráqueos, uma aberração, um mutante, um tele-pata. Só respondi depois de um longo momento, e amargurado:

— Nunca pertenci a qualquer lugar... exceto, talvez, a Arilinn. Regis ergueu o rosto, e fiquei surpreso com a súbita angústia estampada ali.

— Lew, qual é a sensação de ter laran?

Fitei-o, desconcertado. A pergunta despertou outra recordação. Naquele verão em Armida, quando ele tinha doze anos. Por causa de sua idade, e como não havia mais ninguém disponível, coubera a mim responder a determinadas perguntas — coisas que era geral eram explicadas por pais ou irmãos mais velhos -, instruindo-o sobre fatos que os adolescentes deviam conhecer. Regis balbuciara essas perguntas com o mesmo tipo de premência, meio embaraçado, e eu experimentara a mesma dificuldade para respondê-las. Há algumas coisas que são quase impossíveis de discutir com alguém que não partilhou a experiência. Acabei dizendo, bem devagar:

— Não sei direito como responder. Eu o tenho há bastante tempo, e seria ainda mais difícil imaginar qual a sensação de não ter laran.

— Quer dizer que já nasceu assim?

— Não, claro que não. Mas quando tinha dez ou onze anos, comecei a ter noção do que as pessoas sentiam. Ou pensavam. Mais tarde, meu pai descobriu... provou para eles... que eu tinha o dom de Alton, e isso é raro até mesmo... — Cerrei os dentes, mas acrescentei: — ...até mesmo em filhos legítimos. Assim, não me puderam mais negar os direitos do Comyn.

— Sempre surge tão cedo, aos dez ou onze anos?

— Você nunca foi testado? Eu tinha quase certeza...

Senti-me um pouco confuso. Pelo menos em uma ocasião, durante os medos partilhados daquela última temporada que passáramos juntos, nas linhas de fogo, eu entrara em contato com sua mente, sentira que ele possuía o dom de nossa casta. Mas Regis era muito jovem naquele tempo, e o dom de Alton é o contato forçado, mesmo com não-telepatas.

— Uma vez, há cerca de três anos — respondeu Regis. — A Ieronis disse que eu tinha o potencial, até onde podia determinar, mas ela não era capaz de alcançá-lo.

Especulei se fora por isso que o Regente o mandara para Nevarsin: na esperança de que a disciplina, o silêncio e o isolamento desenvolvessem seu laran, o que às vezes acontecia, ou numa tentativa de esconder seu desapontamento com o herdeiro.

— Você é um mecânico licenciado de matriz, não é mesmo, Lew? Como é isso?

Era algo que eu podia responder.

— Sabe o que é uma matriz: uma pedra que amplifica as ressonâncias do cérebro e converte o poder psíquico em energia. Para manipular as forças maiores, é necessário um grupo de mentes ligadas, em geral num círculo de torre.

— Sei o que é uma matriz. Deram-me uma quando fui testado.

Regis mostrou-a para mim, pendurada em seu pescoço, num pequeno saco de couro revestido de seda, como a maioria a levava, e depois acrescentou:

— Nunca a usei. Nem mesmo tornei a olhar a pedra. Nos velhos tempos, pelo que sei, essas ligações entre mentes eram efetuadas por intermédio das Guardiãs. Não existem mais Guardiãs, não é mesmo?

— Não no sentido antigo, embora a mulher que opera no centro do círculo de matriz ainda seja chamada de Guardiã. No tempo de meu pai, descobriram que uma Guardiã podia funcionar, exceto nos níveis mais altos, sem qualquer dos velhos tabus, sem o treinamento terrível, o sacrifício, o isolamento, a clausura especial. A irmã-de-adoção de meu pai, Cleindori, foi a primeira a romper a tradição, e não mais treinam Guardiãs do jeito tradicional. É muito difícil e perigoso, e não é justo pedir a alguém que renuncie por completo à sua vida. Agora, todo mundo passa três anos ou até menos em Arilinn, e depois fica por um prazo similar no exterior, aprendendo a levar uma vida normal.

Fiquei em silêncio por um momento, pensando no meu círculo em Arilinn, agora disperso por seus lares e propriedades. Eu fora

feliz ali, sentira-me útil, aceito. Competente. Algum dia voltaria a esse trabalho, participaria das transmissões.

— Como é... a sensação é de total intimidade, Regis. Você se abre por completo aos integrantes de seu círculo. Seus pensamentos, sentimentos, tudo os afeta, e você se torna plenamente vulnerável aos deles. É mais do que a proximidade do parentesco de sangue. Não chega a ser amor. Também não é desejo sexual. É como... como viver sem sua pele. Duas vezes mais sensível a tudo. É diferente de qualquer outra coisa.

Sua expressão era extasiada, e tratei de acrescentar, em tom um pouco ríspido:

— Não romantize. Pode ser maravilhoso, é verdade, mas também pode ser um autêntico inferno. Ou as duas coisas ao mesmo tempo. Você aprende a manter distância, a fim de sobreviver.

Através do nevoeiro de seus sentimentos, pude captar apenas uma fração de seus pensamentos. Tentava manter minha percepção de Regis reduzida ao mínimo possível. Afinal, ele era vulnerável demais. Sentia-se esquecido, rejeitado, sozinho. Não pude deixar de captar isso. Mas um garoto da sua idade acharia que era uma intromissão.

— Lew, o dom de Alton é a capacidade de forçar o contato. Se eu tiver laran, você pode ativá-lo, fazer com que funcione?

Fitei-o em profunda consternação.

— Oh, não, Regis! Não sabe que assim eu poderia matá-lo?

— Sem laran, minha vida não significa muita coisa.

Ele era como um arco esticado. Por mais que eu tentasse, não poderia reprimir sua terrível ânsia de se integrar no único mundo que conhecia, de não ser privado de uma forma tão desesperadora de sua herança.

Era também a minha ânsia. Tinha a impressão de que a sentira desde o nascimento. Contudo, nove meses antes do nascimento, meu pai tornara impossível que eu pertencesse de um modo pleno ao seu mundo e meu também.

Enfrentava a tortura de saber que podia amar profundamente meu pai, mas também o odiava; e odiava-o por me tornar um

bastardo, mestiço, alienígena, alguém que não pertencia a lugar nenhum. Cerrei os punhos, desviando os olhos de Regis. Ele tinha o que eu nunca poderia conseguir. Pertencia por completo ao Comyn, pelo sangue e pela lei, legítimo...

E, contudo, Regis sofria tanto quanto eu. Não pude deixar de especular: eu seria capaz de renunciar ao laran para ser legítimo, aceito, para pertencer?

— Pode pelo menos tentar, Lew?

— Se eu o matasse, Regis, seria culpado de assassinato. — Seu rosto empalideceu. — Ficou assustado? Ainda bem. A idéia é insana. Desista, Regis. Só um telepata catalisador pode fazer isso com segurança, e não sou um deles. Pelo que sei, não existe mais nenhum telepata catalisador vivo. Deixe as coisas como estão.

Regis sacudiu a cabeça e disse, forçando as palavras pela boca ressequida:

— Quando eu tinha doze anos, Lew, você me chamava de bredu. Não há mais ninguém a quem eu possa pedir isso. Não me importo se me matar. Sempre ouvi dizer... — Ele engoliu em seco. — ...que os bredin têm obrigações um para com o outro. Era apenas uma palavra sem valor?

— Não, bredu, não era uma palavra sem valor — murmurei, abalado por sua angústia. — Mas éramos crianças naquele tempo. E isso não é uma brincadeira de criança, Regis, é a sua própria vida que está em jogo.

— Pensa que não sei disso? — Ele gaguejava agora. — E a vida é minha. Pelo menos poderá fazer uma diferença no que será o resto da minha vida. Bredu...

Ele se calou, e compreendi que não poderia continuar a falar sem chorar. O apelo me deixara indefeso. Por mais que eu tentasse me manter indiferente, aquele "Bred...", desolado, sufocado, rompera minha última defesa. Sabia que faria o que Regis desejava.

— Não posso fazer o que foi feito comigo, Regis. É um teste específico para o dom de Alton... o contato forçado... e apenas um Alton pode sobreviver. Meu pai experimentou, só uma vez, com o meu pleno conhecimento de que poderia me matar, e apenas por uns trinta segundos. Se o dom não existisse, eu teria morrido. O fato

de não ter morrido foi a única maneira que ele pôde pensar de provar ao Conselho que não podia continuar recusando aceitar-me. — Minha voz tremia agora. Mesmo depois de dez anos, ainda não gostava de pensar a respeito. — Nem seu sangue, nem sua paternidade são questionados. Não precisa correr esse risco.

— Você se dispôs a corrê-lo.

Era verdade. O tempo perdeu o foco, e mais uma vez me postei diante de meu pai, suas mãos tocando minhas têmporas, e revivi aquela memória de terror, aquela agonia lancinante. Submetera-me porque partilhava a angústia de meu pai, sua profunda necessidade de saber que eu era seu filho verdadeiro... o conhecimento de que, se não pudesse obrigar o Conselho a me aceitar como seu filho, a vida não valeria mais nada. Eu preferiria ter morrido naquele momento a viver para encarar a consciência do fracasso.

A lembrança se desvaneceu. Fitei Regis nos olhos.

— Farei o que puder. Posso testá-lo, como me testaram em Arilinn. Mas não espere demais. Não sou uma leronis, apenas um técnico.

Respirei fundo, antes de acrescentar:

— Mostre-me sua matriz.

Ele abriu a bolsa pendurada no pescoço, fez a pedra rolar para a palma, estendeu-a para mim. Isso me disse tudo o que eu precisava saber. As luzes na pedra estavam amortecidas, inativas. Se Regis a tinha havia três anos e seu laran fosse ativo, com certeza a teria sintonizado, mesmo sem saber. O primeiro teste falhara.

Como um teste final, com o maior cuidado, encostei a ponta do dedo na pedra; ele não se encolheu em dor. Sinalizei para que Regis a guardasse e soltei a bolsa que tinha em meu pescoço. Pus a matriz, ainda envolta pela seda isolante, na palma da minha mão e a abri com extrema cautela.

— Olhe para isto. Não, não a toque — adverti, prendendo a respiração. — Nunca toque numa matriz sintonizada; poderia deixar-me em estado de choque. Apenas olhe.

Regis inclinou-se, focalizou com intensidade imóvel os pequenos veios de luz em movimento dentro da pedra. Depois de

um momento, desviou os olhos. Outro mau sinal. Mesmo um telepata latente deveria ter a interrupção de padrões de energônio suficientes dentro do cérebro para demonstrar alguma reação: vertigem, náusea, euforia sem motivo. Perguntei, cauteloso, sem querer sugerir-lhe coisa alguma:

— Como se sente?

— Não tenho certeza — murmurou Regis, apreensivo. — Deixou meus olhos doloridos.

Portanto, ele tinha pelo menos um laran latente. Despertá-lo, porém, podia ser uma tarefa difícil e dolorosa. Talvez um telepata catalisador pudesse fazê-lo. Eram criados para esse trabalho, na época em que o Comyn realizava um trabalho complexo e vital nas matrizes de nível superior. Eu jamais conhecera algum. Talvez o gene estivesse extinto.

Mesmo assim, como um latente, ele merecia um teste adicional. Eu sabia que Regis possuía o potencial. Adquirira essa certeza quando ele ainda tinha doze anos.

— A Ieronis testou você com kirian?

— Ela me deu um pouco. Algumas gotas.

— E o que aconteceu?

— Deixou-me enjoado, tonto. Cores faiscantes surgiram diante de meus olhos. Ela disse que era provável que eu fosse jovem demais para muita reação, que em algumas pessoas o laran só se desenvolvia mais tarde.

Pensei a respeito. O kirian é usado para diminuir a resistência ao contato telepático; é usado no tratamento de empáticos e outros técnicos psíquicos que não possuem muito dom telepático natural, mas que precisam trabalhar diretamente com outros telepatas. Pode às vezes atenuar o medo ou a resistência deliberada ao contato telepático. Pode também ser usado, com extremo cuidado, no tratamento da doença do limiar — o estranho distúrbio psíquico que muitas vezes domina os telepatas na adolescência.

Regis parecia jovem para sua idade. Era possível que estivesse apenas desenvolvendo o dom mais tarde do que o normal. Mas raramente acontecia tão tarde assim. Só que eu tinha certeza de que

Regis era um latente. Será que algum evento em Nevarsin, algum choque emocional, o levava a bloquear a percepção?

— Eu poderia tentar isso de novo — murmurei, hesitante.

O kirian podia ativar a telepatia latente; ou talvez, sob sua influência, eu pudesse alcançar sua mente, sem afetá-lo em demasia, e descobrir se bloqueava deliberadamente a percepção do laran. Isso às vezes ocorria.

Não me agradava o uso do kirian. Mas uma dose pequena não poderia fazer pior do que o deixar nauseado ou com uma terrível ressaca depois. E eu tinha o nítido pressentimento, não muito agradável, de que, se cortasse suas esperanças agora, ele poderia fazer algo desesperado. Não gostava da maneira como Regis me fitava, tenso como um arco, tremendo, não muito, mas da cabeça aos pés. Sua voz também era trêmula quando disse:

— Muito bem, vamos tentar.

Pude ouvir, com absoluta clareza, o que ele pensava de fato: Tentarei qualquer coisa.

Fui para o meu quarto, já me censurando por concordar com aquela experiência lunática. Significava demais para Regis. Avaliei a possibilidade de lhe dar uma dose sedativa, o suficiente para deixá-lo inconsciente, e mantê-lo drogado e sonolento, são e salvo, até de manhã. Mas o kirian é imprevisível. A dose que põe uma pessoa para dormir como uma criança de peito pode deixar outra completamente frenética, fora de si, com acessos de raiva e alucinações. De qualquer forma, eu prometera; não o enganaria agora. Mas tomaria todas as precauções, daria a ele a mesma dose mínima cautelosa que usávamos com técnicos psíquicos estranhos em Arilinn. Essa quantidade ínfima de kirian não lhe poderia fazer mal.

Pinguei umas poucas gotas num copo de vinho. Regis engoliu, fez uma careta ao sentir o gosto e sentou num dos bancos de pedra. Depois de um minuto, cobriu os olhos. Eu o observava atentamente. Uma das primeiras reações era a dilatação das pupilas. Mais alguns minutos, e ele começou a tremer, recostou-se no banco, como se temesse a possibilidade de cair. Suas mãos estavam geladas. Peguei seu pulso de leve entre os dedos. Normalmente, detesto tocar as



pessoas; isso acontece com os telepatas, exceto na maior intimidade. Ao contato, Regis levantou os olhos e sussurrou:

— Por que está zangado, Lew?

Zangado? Será que Regis interpretara meu receio por ele como raiva?

— Não estou zangado, apenas preocupado com você. Não se pode brincar com kirian. Tentarei entrar em contato com você agora. Não resista, se puder evitá-lo.

Gentilmente, procurei o contato com sua mente. Não usaria a matriz para isso; sob o efeito do kirian, poderia sondar fundo demais e causar danos irreparáveis. Senti primeiro a vertigem e confusão — o que era apenas uma conseqüência da droga, nada mais — e depois um cansaço profundo e uma tensão física, que deviam ser o resultado da longa viagem, em seguida um senso de desolação e solidão, que me deixou com vontade de escapar de seu desespero. Hesitante, arrisquei um contato um pouco mais profundo.

E deparei com uma defesa firme, perfeita, uma muralha vazia. Depois de um momento, sondei com mais ímpeto. O dom de Alton era o contato forçado, mesmo com não-telepatas. Regis queria isso, e, se eu lhe pudesse proporcionar, era provável que ele conseguisse suportar a dor. Regis gemeu e balançou a cabeça, como se eu o estivesse machucando. E devia estar mesmo. As emoções ainda turvavam tudo. Não restava a menor dúvida de que ele possuía o potencial do laran. Mas bloqueara-o. Por completo.

Esperei mais um pouco, considerando as possibilidades. Não é incomum; alguns telepatas vivem por toda a vida assim. Não há motivo para que mudem. A telepatia, como eu dissera a ele, está longe de ser uma bênção incontestável. Mas de vez em quando o bloqueio cedia a um trabalho lento e paciente. Recuei para a camada externa de sua percepção e indaguei, não em palavras: O que tem medo de saber, Regis? Não bloqueie. Tente lembrar o que não suporta saber. Houve um tempo em que você podia fazer isso conscientemente. Tente lembrar...

Foi a coisa errada. Ele recebera meu pensamento; e senti sua reação — como um molusco fechando a concha, uma planta sensível

dobrando suas folhas. Regis retirou as mãos das minhas, num movimento brusco, tornou a cobrir os olhos e murmurou:

— Minha cabeça dói. Estou me sentindo mal, muito mal...

Tive de me retirar. Ele me excluía de uma maneira eficaz. Talvez uma Guardiã hábil e com um longo treinamento pudesse forçar a passagem pela resistência sem o matar. Mas eu não o podia fazer. Seria capaz de derrubar a barreira, obrigá-lo a enfrentar o que sepultara, o que quer que fosse, mas podia também fazê-lo desmoronar por completo, e era duvidoso que conseguisse recuperar-se depois.

Especulei se Regis sabia que fizera isso a si mesmo. Encarar esse tipo de conhecimento era um processo bastante doloroso. Ao mesmo tempo, erguer aquela barreira devia ter sido a única maneira de salvar sua sanidade, mesmo que implicasse pagar o preço angustiante de cortar também todo o seu potencial psíquico. Minha Guardiã explicara-me isso uma ocasião, com o exemplo da criatura que se descobre presa numa armadilha, impotente, e começa a roer a pata imobilizada, preferindo a mutilação à morte. Às vezes havia camadas e mais camadas de barricadas desse tipo.

A barreira — ou inibição — poderia algum dia se dissolver por si mesma, liberando seu potencial. O tempo e a maturidade seriam de grande ajuda. Talvez algum dia, na intimidade profunda do amor, Regis se descobrisse livre. Ou — e também aventei essa possibilidade — a barreira era genuinamente necessária para sua vida e sanidade, e nesse caso resistiria para sempre; ou, se fosse de alguma forma rompida, não restaria o suficiente de Regis para continuar a viver.

Um telepata catalisador poderia alcançá-lo. Mas hoje, por causa da endogamia, dos casamentos indiscriminados com não-telepatas e do desaparecimento dos meios antigos de estimular esses dons, os vários poderes psíquicos do Comyn não mais surgiam isolados e plenos. Eu era a prova viva de que o dom de Alton às vezes aparecia em sua forma pura. Mas, de um modo geral, ninguém podia separar o emaranhado de dons. O dom de Hastur, qualquer que fosse -nem mesmo em Arilinn me disseram qual era -, podia muito bem manifestar-se nos Domínios de Aillard ou Elhaly. A

telepatia catalisadora fora outrora um dom de Ardais. Dyan, com toda a certeza, não era um deles. E até onde eu sabia, não restava nenhum vivo.

Parecia que só muito tempo depois é que Regis voltou a se movimentar, esfregando a testa; depois, abriu os olhos, ainda com uma profunda ansiedade. A droga continuava em seu organismo — não desapareceria por completo durante várias horas -, mas ele já começava a ter breves intervalos em que não sentia os efeitos. Sua indagação silenciosa era óbvia. Tive de balançar a cabeça, pesaroso.

— Lamento muito, Regis.

Espero nunca mais ter de testemunhar tamanho desespero num rosto jovem. Se ele tivesse doze anos, eu o abraçaria e tentaria confortá-lo. Mas Regis não era mais uma criança, nem eu. Seu rosto tenso e angustiado me manteve a distância.

— Quero que me escute, Regis. Pelo que isso vale, posso garantir que o laran existe. Você tem o potencial, o que significa no mínimo que possui o gene, e seus filhos o herdarão.

Hesitei, não querendo magoá-lo ainda mais com a informação de que ele próprio erguera a barreira. Por que o ferir assim?

— Fiz o melhor que podia, bredu — acrescentei. — Mas não consegui fazer o contato, porque as barreiras são muito fortes. Bredu, não me olhe assim. Não posso suportar que me olhe desse jeito.

Sua voz soou quase inaudível:

— Sei disso. Você fez o melhor que podia.

Seria mesmo verdade? A dúvida me invadiu. Senti-me atordoado com a força de seu sofrimento. Tentei pegar suas mãos outra vez, forçando-me a enfrentar sua dor, em vez de me esquivar. Mas Regis desvencilhou-se, e não insisti.

— Pense bem, Regis. Talvez, no tempo das Guardiãs, fosse uma terrível tragédia para um Hastur ser desprovido de laran. Mas o mundo está mudando. O Comyn está mudando. Você encontrará outras forças.

Senti a inutilidade dessas palavras no instante mesmo em que as pronunciava. Como devia ser a vida sem laran? Como não ter a

visão, a audição... mas, como ele jamais o conheceria, não se devia permitir que sofresse a perda.

— Regis, você tem muitas outras coisas para dar. À sua família, aos Domínios, ao nosso mundo. E seus filhos terão...

Tornei a pegar suas mãos entre as minhas, tentando confortá-lo, mas ele explodiu:

— Pelos infernos de Zandru, pare com isso!

Ele tornou a retirar as mãos, bruscamente. Pegou seu manto, largado no banco de pedra, e saiu da sala quase correndo.

Fiquei paralisado pelo choque de sua violência, mas um momento depois, horrorizado, parti em seu encalço. Oh, Deuses! Drogado, atordoado, desesperado, não se podia permitir que escapasse assim. Era preciso vigiá-lo, cuidar dele, confortá-lo... mas não fui bastante rápido. Quando alcancei a escada, Regis já desaparecera no labirinto de corredores daquela ala, e o perdi por completo.

Chamei-o e procurei-o por horas, até cambaleiar de exaustão, porque também passara vários dias viajando. Acabei desistindo e retornei a meus aposentos. Não podia passar a noite inteira vagueando pelo Castelo Comyn, gritando seu nome. Não podia forçar a entrada nos aposentos do Regente para indagar se Regis se encontrava ali. Havia limites ao que o filho bastardo de Kennard Alton podia fazer. Desconfiei de que já os ultrapassara. Só me restava torcer, desesperado, para que o kirian o deixasse sonolento ou se dissipasse com a fadiga e ele voltasse para descansar ou seguisse para os aposentos dos Hasturs e dormisse ali.

Esperei por horas a fio e vi o sol nascer, vermelho como sangue, na neblina que pairava sobre o espaço-porto terráqueo, e depois, com cãibras e muito frio, adormeci no banco de pedra, junto da lareira.

Mas Regis não voltou.

## Capítulo Três

Regis saiu em disparada pelo corredor, atordoado e confuso, os pequenos pontos de cores ainda faiscando por trás de seus olhos, tremendo com a náusea interior. Um pensamento o dilacerava:

Fracassei. Fracassei outra vez. Até mesmo Lew, treinado na Torre, e com toda a sua habilidade, não pôde me ajudar. Não existe nada. Quando ele falou em potencial, estava querendo me acalmar, confortar uma criança.

Ele cambaleou, sentindo-se outra vez nauseado, apoiou-se na parede e continuou a correr.

O Castelo Comyn era um labirinto, e Regis não estivera ali por anos. Não demorou, na ânsia frenética em escapar do cenário de sua humilhação, para se descobrir totalmente perdido. Os sentidos, embotados pelo kirian, conservavam vagas recordações de becos de pedra sem saída, corredores sem janelas, arcadas, escadas intermináveis, pelas quais ele desceu correndo, às vezes caindo, atravessando pátios dominados pelo vento uivante e pela chuva ofuscante, hora após hora. Até o final de sua vida, guardaria a mesma impressão do Castelo Comyn, que podia convocar à vontade, sobrepondo-se às lembranças reais: um vasto labirinto de pedra, uma armadilha ao longo da qual vagueara sozinho por séculos, sem deparar com qualquer forma humana. Em determinado momento, ao virar um canto do corredor, ouviu Lew gritando seu nome. Comprimiu-se contra uma reentrância e ali ficou escondido por alguns milhares de anos, por muito tempo depois que o som já desaparecera.

Depois de um período indeterminado, vagueando, tropeçando, sofrendo alucinações, ele compreendeu que fazia bastante tempo que não via um lance de escada; que os corredores eram longos, mas não com quilômetros e quilômetros de comprimento; e que não mais eram povoados pelas cores fantásticas e pelos ruídos silenciosos. Ao sair finalmente para uma varanda alta, no nível mais elevado, Regis descobriu onde se encontrava.

O dia raiava sobre a cidade lá embaixo. Certa vez, durante a noite, postara-se junto de um parapeito alto como aquele, pensando que sua vida não era útil a ninguém, nem aos Hasturs, nem a si mesmo, e deveria jogar-se lá de cima, acabando com tudo de uma vez. Agora, porém, o pensamento era remoto, um pesadelo noturno, como um daqueles sonhos terríveis que faz a pessoa despertar tremendo e chorando, mas se dissolve em fragmentos poucos segundos depois.

Regis deixou escapar um suspiro longo e cansado. E agora?

Deveria ir para seus aposentos, a fim de se preparar para o encontro com o avô, que com certeza o chamaria em breve. Deveria comer alguma coisa, dormir um pouco; o kirian, haviam-no avisado, consumia tanta energia física e nervosa que era essencial compensar com alimentação e repouso extras. Deveria voltar, pedir desculpas a Lew Alton, que só fizera — e com muita relutância — o que o próprio Regis lhe suplicara... Mas já não agüentava mais ouvir o que deveria fazer!

Correu os olhos pela cidade que se estendia lá embaixo. Thendara, a cidade antiga, depois a Cidade Comercial, o quartel-general terráqueo e o espaço-porto. E as enormes naves, esperando, prontas para decolar, a caminho de algum destino inimaginável. Tudo o que ele queria realmente fazer agora era ir ao espaço-porto e contemplar de perto uma daquelas naves estelares.

E tratou de consolidar sua resolução. Não se achava vestido para sair, ainda usava as botas de sola de feltro, mas em seu ânimo atual isso não tinha a menor importância. Estava desarmado. E daí? Os terráqueos também não andavam armados. Ele desceu por longos lances de escada, perdeu-se de novo, mas sabia, agora que recuperara o controle mental, que bastava continuar descendo, até encontrar o nível do solo. O Castelo Comyn não era uma fortaleza. Construído para o cerimonial, não para a defesa, o prédio tinha muitos portões, e foi fácil escapulir por algum sem ser observado.

Regis descobriu-se numa rua escura, iluminada apenas pela tênue claridade do amanhecer, que descia a colina entre casas coladas umas nas outras. Estava exausto, pois não dormira depois da árdua viagem do dia anterior, mas o efeito energizante do kirian

ainda não se dissipara, e não sentia o menor soro. A fome se manifestava, mas tinha moedas nos bolsos, e sabia que muito em breve encontraria alguma casa de pasto, onde os trabalhadores comiam antes de iniciar suas atividades diárias.

O pensamento excitou-o, pelo prazer do proibido. Não podia lembrar-se de jamais ter ficado completamente sozinho, em toda a sua vida. Sempre houvera outros nas proximidades, para cuidar dele, protegê-lo, satisfazer todos os seus desejos: enfermeiras e babás quando era pequeno, servos e companheiros escolhidos com o maior cuidado quando se tornara mais velho. Depois, tivera os irmãos do mosteiro, embora fosse mais provável que frustrassem seus desejos em vez de atendê-los. Aquela excursão seria uma aventura e tanto.

Encontrou uma casa de pasto, ao lado de uma oficina de ferreiro, e entrou. Era mal iluminada, com velas de resina, mas havia um aroma agradável de comida. Por um instante, Regis teve receio de ser reconhecido; mas, afinal, o que lhe poderiam fazer? Já tinha idade suficiente para sair sozinho. E, se alguém notasse o manto azul e prateado, com o emblema de Hastur, pensaria apenas que se tratava de um servo.

Os homens sentados à mesa eram ferreiros e cavaleiros, tomando cerveja quente ou leite fervido, comendo alimentos que Regis nunca vira nem cheirara. Uma mulher se aproximou para anotar seu pedido. Não o fitou. Ele pediu mingau de nozes fritas e leite quente com condimentos. O avô, ele pensou, com extrema satisfação, teria um ataque se soubesse.

Regis pagou e comeu devagar, a princípio ainda sentindo a náusea residual da droga, que foi passando à medida que engolia. Quando saiu, sentindo-se melhor, a claridade já se espalhava, embora o sol ainda não tivesse surgido. Ao descer a ladeira, reparou que as casas eram estranhas, construídas em estranhos formatos, com estranhos materiais. Era óbvio que atravessara os limites para a Cidade Comercial. Podia ouvir, a distância, aquele ruído insólito de cachoeira, que o deixara tão emocionado. Devia estar próximo do espaço-porto.

Sabia alguma coisa sobre o espaço-porto em Darkover. O planeta, que quase não tinha comércio com o Império, situava-se numa locação excepcional, entre os braços superior e inferior da espiral da galáxia, uma encruzilhada de escala para grande parte do tráfego interestelar. Apesar de Darkover ter optado pelo isolamento, muitas naves pousavam ali para reabastecimento, trazendo passageiros, pessoal e cargas a caminho de outros lugares. Também paravam para reparos e licenças de descanso dos tripulantes na Cidade Comercial. A maioria dos terráqueos respeitava escrupulosamente o acordo de limitação às suas áreas. Houvera alguns inter-casamentos, um pouco de comércio, a importação — reduzida ao mínimo — de máquinas e tecnologia terráqueas. As restrições darkovanas a tais produtos eram rigorosas, e cada um tinha de ser estudado pelo Conselho antes que a permissão fosse concedida. Uns poucos técnicos de matriz licenciados foram instalados nas cidades; alguns até foram para o Império. Os terráqueos, ele ouvira dizer, eram fascinados pela tecnologia de matriz darkovana e, no passado, armaram tramas intrincadas para descobrir seus segredos. Regis não conhecia os detalhes, mas Kennard lhe contara algumas histórias.

Ele estremeceu, ao perceber que a rua à sua frente era bloqueada por dois homens enormes, num uniforme de couro preto que desconhecia. Tinham no cinto armas de um estranho formato, e Regis compreendeu, com um arrepio de horror, que deviam ser pistolas de raios ou de gás dos nervos. Tais armas eram proibidas em Darkover desde a Era do Caos, e Regis nunca vira nenhuma em uso, só as conhecia como antiguidades num museu. Só que aquelas não eram peças de museu; e pareciam mortíferas. Um dos homens disse:

— Está violando o toque de recolher, filho. Até que o problema acabe, todas as mulheres e crianças devem se manter fora das ruas de uma hora antes do pôr-do-sol até uma hora depois do nascer do sol.

Mulheres e crianças! Regis estendeu a mão para o cabo da faca.

— Não sou criança. Devo fazer um desafio para prová-lo?



— Está na Zona Terráquea, filho. Evite as encrencas.

— Exijo...

— Ah, um daqueles! — exclamou o segundo homem, irritado. -  
Escute aqui, garoto, não temos permissão para entrar em duelos,  
pelo menos quando estamos de serviço. Venha conosco para falar  
com o oficial.

Regis já ia fazer um protesto irado — como ousavam pedir  
explicações a um herdeiro do Comyn? — quando lhe ocorreu que o  
prédio do quartel-general era no espaço-porto, para onde ele  
pretendia mesmo ir. Com um sorriso secreto, resolveu acompanhar  
os guardas.

Depois de passarem pelos portões do espaço-porto, ele  
compreendeu que tivera uma vista muito melhor no dia anterior, do  
desfiladeiro. Aqui as naves rnantinham-se invisíveis, por trás de  
cercas e barricadas. Os patrulheiros da força espacial levaram-no  
para um prédio em que um jovem oficial, não em um uniforme de  
couro preto, mas em trajes terráqueos comuns, cuidava de diversos  
violadores do toque de recolher. No momento em que Regis entrou,  
ele estava dizendo:

— Esse homem tem razão; procurava uma parteira e seguiu  
pelo caminho errado. Mandem alguém lhe mostrar o percurso de  
volta à cidade.

O jovem oficial olhou para Regis, parado entre os guardas.

— Outro? Eu esperava já termos acabado por esta noite. Muito  
bem, garoto, qual é sua história?

Regis inclinou a cabeça para trás, arrogante.

— Quem é você? Com que direito me trouxeram para cá?

— Meu nome é Dan Lawton. — Ele respondeu na mesma  
língua em que Regis lhe dirigira a palavra, e que falava muito bem.  
Isso não era comum. — Sou assistente do Legado e neste momento  
dirijo o plantão do toque de recolher. Que você violou, meu jovem.

Um dos guardas interveio:

— Nós o trouxemos direto para você, Dan. Ele queria travar um  
duelo com a gente. Pode cuidar do caso?

— Não permitimos duelos na Zona Terráquea — disse Lawton.  
— Você é novo em Thendara? Os regulamentos do toque de recolher

foram postados em toda parte. Se não sabe ler, sugiro que peça a alguém que os leia para você.

— Não reconheço outras leis que não as dos Filhos de Hastur! - respondeu Regis.

Uma estranha expressão surgiu no rosto de Lawton. Regis pensou por um momento que o jovem terráqueo ria dele, mas logo a expressão desapareceu, e a voz soou neutra:

— Um digno objetivo, senhor, mas não muito apropriado aqui. Os próprios Hasturs determinaram e reconheceram esses limites, e concordaram em nos ajudar a impor as nossas leis dentro deles. Recusa-se a aceitar a autoridade do Conselho do Comyn? Quem é você para se recusar?

Regis empertigou-se à sua altura máxima. Sabia que entre os gigantes da força espacial ainda parecia infantilmente pequeno.

— Sou Regis-Rafael Felix Alar Hastur y Elhalyn — declarou ele, orgulhoso.

Os olhos de Lawton refletiam seu espantoso.

— Então, em nome de todos os deuses, o que faz vagueando sozinho a esta hora? Onde está sua escolta? É verdade, você parece mesmo com um Hastur.

Ele pegou um aparelho de comunicação interna e falou em tom de urgência, no Padrão Terráqueo. Regis aprendera a língua em Nevarsin.

— Os Anciãos do Comyn já foram embora?

Ele escutou por um momento, desligou e virou-se para Regis.

— Uma dúzia de seus parentes saiu daqui há cerca de meia hora. Foi enviado com uma mensagem para eles? Se é esse o caso, chegou tarde demais.

— Não — confessou Regis. — Vim por conta própria. Queria ver a decolagem das naves estelares.

Ali, naquela sala, parecia um capricho infantil. Lawton ficou aturdido.

— Isso pode ser providenciado com a maior facilidade. Se tivesse enviado um pedido formal, com alguns dias de antecedência, prepararíamos uma excursão especial. Num prazo tão curto, não há nada de espetacular acontecendo. Temos apenas uma nave

cargueira que partirá para Vega dentro de poucos minutos. Eu o levarei a uma das plataformas de observação. Enquanto isso, posso lhe oferecer um café? — Ele hesitou, mas acabou acrescentando: — Não pode ser Lorde Hastur; esse é o seu pai?

— Avô. O tratamento correto para mim é Lorde Regis.

Ele aceitou a beberagem terráquea oferecida, achou-a um pouco amarga, mas com um sabor até agradável. Dan Lawton conduziu-o a um elevador, que subiu com uma velocidade alarmante, abrindo-se para um terraço de observação, todo envolto por vidro. Lá embaixo, uma enorme nave cargueira se encontrava nos estágios finais de preparativos para a decolagem, com os guindastes de reabastecimento sendo retirados, andaimes e plataformas de carga afastados para alguma distância como se fossem brinquedos. O processo foi rápido e eficiente. Regis tornou a ouvir o som de cachoeira, elevando-se para um rugido, um grito. A grande nave subiu devagar, foi acelerando e logo desapareceu... a caminho das estrelas.

Regis permaneceu imóvel, olhando fixamente o ponto no céu era que a nave estelar sumira de vista. Sabia que outra vez havia lágrimas em seus olhos, mas não se importava. Depois de algum tempo, Lawton levou-o de volta ao elevador, e Regis seguiu como se fosse um sonâmbulo. A determinação se cristalizara subitamente em seu íntimo.

Em algum lugar do Império, em algum lugar longe dos Domínios, nos quais não havia qualquer posição que pudesse ocupar, havia um mundo à sua espera. Um mundo em que poderia viver livre do tremendo fardo imposto ao Comyn, um mundo em que seria ele próprio, mais do que apenas o herdeiro de seu Domínio, com a vida estendendo-se em deveres predeterminados, do nascimento à sepultura. O Domínio? Que os filhos de Javanne o herdassem! Regis sentia-se quase inebriado pelo cheiro da liberdade. Liberdade de um fardo com que nascera... e nascera incapacitado para suportá-lo! Lawton não percebera sua ansiedade e declarou:

— Providenciarei uma escolta para acompanhá-lo de volta ao Castelo Comyn, Lorde Regis. Não pode ir sozinho, nem pense nisso.

Seria impossível.

— Vim para cá sozinho e não sou uma criança.

— Claro que não — disse Lawton, imperturbável. — Mas com a situação atual na cidade, qualquer coisa pode acontecer. E, se ocorresse um acidente, eu seria pessoalmente responsável.

Ele usara a frase casta, que indicava honra pessoal. Regis alteou as sobrancelhas e cumprimentou-o por seu domínio da língua.

— Para ser franco, Lorde Regis, é a minha língua natal. Minha mãe nunca me falou de qualquer outra forma. Foi o terráqueo que aprendi como uma língua estrangeira.

— É darkovano?

— Minha mãe era, e parenta do Comyn. Lorde Ardais é primo de minha mãe, embora eu duvide de que ele reconheça o parentesco.

Regis pensou a respeito, enquanto Lawton convocava a escolta. Parentes muito mais distantes participavam com frequência do Conselho do Comyn. Aquele oficial terráqueo — meio-terráqueo — poderia ter optado por ser darkovano. Tinha tanto direito a um lugar no Comyn quanto Lew Alton, por exemplo. Lew, por sua vez, poderia ter optado por ser terráqueo, como Regis se preparava para escolher seu próprio futuro. Ele passou sem incidentes a viagem ao longo da cidade, refletindo sobre a melhor maneira de dar a notícia ao avô.

Nos aposentos dos Hasturs, um criado informou-o de que Danvan Hastur o aguardava. Enquanto trocava de roupa — não se podia sequer cogitar de ir à presença do Regente do Comyn em roupas de usar em casa e botinas leves de feltro -, Regis se perguntou, sombriamente, se Lew teria contado alguma coisa a seu avô. Ocorreu-lhe, com algumas horas de atraso, que, se tivesse sofrido algum acidente, Hastur podia muito bem atribuir toda a responsabilidade a Lew. Era assim que retribuía a amizade de Lew!

Depois que se fez apresentável, numa túnica de couro tingida de azul-celeste e botas de cano alto, ele subiu para a sala de audiências do avô.

Encontrou Danvan Hastur de Hastur, Regente dos Sete Domínios, conversando com Kennard Alton. No instante em que ele

abriu a porta, Hastur ergueu as sobrancelhas e gesticulou-lhe para que sentasse.

— Um momento, meu rapaz. Falarei com você mais tarde.

Ele tornou a se virar para Kennard e acrescentou, num tom de infinita paciência:

— Kennard, meu amigo, meu caro parente, o que pede é simplesmente impossível. Deixei que nos impingisse Lew...

— Por acaso se arrependeu? — indagou Kennard, irritado. - Disseram-me em Arilinn que ele é um forte telepata, um dos melhores ali. Na Guarda, é um oficial competente. Que direito tem de presumir que Marius seria uma desgraça para o Comyn?

— Quem falou em desgraça, parente? — Hastur se encontrava de pé diante de sua mesa de escrever, um velho forte, mas não tão alto quanto Kennard, com cabelos que outrora haviam sido prateado-dourados e agora estavam cinzentos quase por completo. Falava com suavidade lenta e cortês. — Deixei que nos impusesse Lew e não tenho motivo nenhum para lamentá-lo. Mas há mais do que isso. Lew não parece do Comyn, tanto quanto você, mas não há qualquer dúvida na mente de ninguém de que ele é darkovano e seu filho. Mas Marius? Impossível!

A boca de Kennard se contraiu.

— Questiona a paternidade de um filho reconhecido de Alton? Parado em silêncio num canto, Regis sentiu-se contente porque a raiva de Kennard não fora dirigida contra ele.

— Claro que não. Mas ele tem o sangue da mãe, o rosto da mãe, os olhos da mãe. Sabe muito bem, meu amigo, o que os cadetes do primeiro ano precisam suportar na Guarda...

— Ele é meu filho, não tem nada de covarde. Por que acha que Marius seria incompetente para ocupar seu lugar, o lugar a que tem direito legalmente...

— Legalmente, não. Não discutirei com você, Ken, mas nunca reconhecemos seu casamento com Elaine. Legalmente, em termos de herança do Domínio, Marius não tem direito a nada. Concedemos esse direito a Lew. Mas não se trata de um direito de nascimento, e sim de uma decisão do Conselho, porque ele era um Alton, telepata, com laran pleno. Marius não recebeu tais direitos do Conselho.

Ele fez uma pausa e suspirou.

— Como posso fazê-lo compreender? Tenho certeza de que o menino é bravo, digno de confiança, honesto... que possui todas as virtudes que o Comyn exige de seus filhos. Qualquer jovem criado por você teria essas qualidades. Quem sabe disso melhor do que eu? Mas Marius parece terráqueo. Os outros rapazes fariam picadinho dele. Sei o que Lew sofreu. Tive pena de suas provações, ao mesmo tempo que admirava sua coragem. Acabaram por aceitá-lo, até certo ponto. Mas nunca aceitariam Marius. Nunca mesmo. Por que submetê-lo a tanto sofrimento em troca de nada?

Kennard cerrou os punhos e pôs-se a andar furioso de um lado para outro. Sua voz tremia de raiva quando disse:

— O que está me dizendo é que posso arrumar uma vaga no corpo de cadetes para algum parente pobre, para um bastardo meu de uma meretriz ou para um idiota com mais facilidade do que para o meu filho legítimo mais novo!

— Se dependesse de mim, Kennard, eu daria a oportunidade ao rapaz. Mas tenho as mãos amarradas. Já houve problemas demais no Conselho por causa da cidadania daqueles que têm sangue misto. Dyan...

— Sei perfeitamente o que Dyan pensa. Ele já deixou bem claro.

— Dyan conta com um grande apoio no Conselho. E a mãe de Marius não apenas era terráquea, mas também meio-Aldaran. Se tivesse procurado por todo Darkover durante uma geração inteira, não conseguiria encontrar uma mulher menos provável de ser aceita como a mãe de seus filhos legítimos.

Kennard disse, em voz baixa:

— Foi seu próprio pai quem me enviou à Terra, pela vontade do Conselho, quando eu tinha quatorze anos. Elaine foi criada na Terra, mas pensava em si mesma como darkovana. Nem sequer percebi seu sangue terráqueo a princípio. Mas não faria qualquer diferença. Mesmo que ela fosse toda terráquea...

Ele parou de falar por um momento e logo continuou:

— Já chega disso. É o passado distante, e Elaine está morta. Quanto a mim, creio que meus serviços e reputação, os anos no

comando da Guarda, os dez anos em Arilinn, tudo prova de forma incontestável o que eu sou.

Kennard ainda andava de um lado para outro, os passos irregulares e a expressão transtornada, deixando transparecer a emoção que tentava evitar na voz.

— Você não é um telepata, Hastur. Foi fácil para você fazer o que sua casta lhe exigiu. Os Deuses sabem que tentei amar Caitlin. Não foi culpa dela. Mas era Elaine que eu amava, e ela foi a mãe de meus filhos.

— Sinto muito, Kennard. Não posso lutar contra todo o Conselho por Marius, a menos... Ele tem laran?

— Não faço a menor idéia. Isso é tão importante assim?

— Se ele tivesse o dom de Alton, seria possível, não fácil, mas possível, admitir alguns direitos. Há precedentes. Com laran, até mesmo um parente distante pode ser adotado nos Domínios. Sem isso... não é possível, Kennard. Não me peça. Lew é aceito agora, até mesmo respeitado. Não me peça mais.

Kennard baixou a cabeça.

— Eu não queria testar Lew para verificar se ele tinha o dom de Alton. Mesmo com todo o meu cuidado, o teste quase o matou. Não posso correr esse risco de novo, Hastur. Faria isso por seu filho mais novo?

— Meu único filho morreu. — Hastur suspirou. — Se eu puder fazer qualquer outra coisa pelo rapaz...

— A única coisa que eu quero para ele é o seu direito, e essa é a única coisa que você não me dará. Eu deveria ter levado os dois para a Terra. Mas você me fez sentir que eu era necessário aqui.

— E é mesmo necessário, Ken, sabe disso tão bem quanto eu. -O sorriso de Hastur era terno e perturbado. — Algum dia talvez você possa entender por que não tenho condições de fazer o que me pede.

Seus olhos se desviaram para Regis, irrequieto no banco, e depois acrescentou:

— Pode me dar licença, Kennard?

Era uma dispensa cortês, mas inequívoca. Kennard retirou-se, mas com expressão sombria, e omitiu qualquer despedida formal.

Hastur parecia cansado. Suspirou mais uma vez e disse:

— Venha até aqui, Regis. Por onde andou? Já não tenho problemas suficientes para me preocupar ainda com a sua fuga, que nem um pirralho tolo, a fim de olhar espaçonaves ou qualquer outra coisa igualmente insensata?

— Na última vez em que lhe causei tantos problemas, Avô, mandou-me para um mosteiro. Não é uma pena que não possa fazer a mesma coisa de novo, senhor?

— Não seja insolente, menino! — rugiu Hastur. — Quer que eu peça desculpas por não tê-lo recebido ontem à noite? Pois muito bem, peço desculpas. Não tive escolha.

Ele se adiantou, abraçou Regis, comprimindo as faces murchas, uma depois da outra, contra as do neto.

— Passei a noite inteira acordado, caso contrário pensaria numa maneira melhor de recepcioná-lo agora. — Ele manteve Regis à distância do braço, piscando os olhos de cansaço. — Você cresceu, rapaz. Está muito parecido com seu pai. Ele se teria orgulhado, eu creio, ao vê-lo voltar para casa como um homem.

Contra a sua vontade, Regis ficou comovido. O velho parecia exausto.

— Que crise o manteve desperto durante toda a noite, Avô? Hastur arriou no banco.

— A mesma coisa de sempre. Imagino que ocorre em cada planeta em que o Império constrói um grande espaço-porto, mas não estamos acostumados a isso aqui. Pessoas vindo e indo, de e para todos os cantos do Império. Viajantes, passageiros em trânsito, espaçonaves de licença, o setor que atende a suas necessidades. Bares, locais de diversão, cassinos, casas de... ahn...

— Já sou bastante velho para saber o que é um bordel, senhor.

— Na sua idade? Seja como for, os bêbados são desordeiros, e os terráqueos de licença andam armados. Pelo acordo, nenhuma arma pode ser levada para a cidade velha, mas as pessoas se extraviam e ultrapassam os limites... não há como evitar, a não ser construindo um muro ao longo da cidade. Têm havido brigas, duelos, brigas com faca e até algumas mortes, e nem sempre é claro se é a Guarda da Cidade ou a força espacial terráquea quem deve



cuidar dos culpados. Nossos códigos são tão diferentes que é difícil determinar como se chegar a um consenso. Houve uma briga ontem à noite, e um terráqueo esfaqueou um dos nossos guardas. O terráqueo apresentou como sua defesa o fato de que o guarda lhe fizera o que chamou de uma proposta indecente. Devo explicar?

— Claro que não. Mas está tentando me dizer que isso foi apresentado, a sério, como uma defesa legal contra assassinato?

— Exatamente. É evidente que os terráqueos acham tal coisa mais grave até do que os cristoforos. Ele insistiu em que sua agressão ao guarda era justificada. Agora, o irmão do guarda apresentou uma intenção-de-morte contra o terráqueo. Os terráqueos não estão sujeitos às nossas leis, por isso ele se recusou a aceitá-la. Em vez disso, entrou com uma acusação contra o irmão do guarda por tentativa de assassinato. Quanta confusão! Nunca pensei que veria o dia em que o Conselho seria obrigado a discutir uma briga com faca! Amaldiçoados sejam os terráqueos!

— Mas conseguiu resolver a questão? Hastur deu de ombros.

— Fizemos um acordo, como sempre. O terráqueo foi deportado, e o irmão do guarda ficou detido até que ele deixasse Darkover. Ou seja, ninguém ficou em paz, exceto o morto. Uma solução insatisfatória para todos. Mas chega de conversar sobre eles. Fale-me de você, Regis.

— Terei de falar de novo sobre os terráqueos. — Aquele não era o momento mais apropriado, mas talvez o avô não tivesse mais tempo de tornar a conversar com ele por muitos dias. — Avô, não sou necessário aqui. Já deve saber que não tenho laran, e descobri em Nevarsin que não tenho o menor interesse por política. Por tudo isso, decidi o que quero fazer da minha vida: pretendo ingressar no Serviço Espacial do Império Terráqueo.

Hastur ficou espantado. Amarrou a cara e perguntou:

— Isso é uma piada? Ou outra de suas tolas brincadeiras?

— Nenhuma das duas coisas, Avô. Falo sério, e já tenho idade.

— Mas não pode fazer isso! Eles nunca o aceitariam sem meu consentimento.

— Espero obtê-lo, senhor. Mas pela lei darkovana, que acabou de citar para Kennard, tenho idade legal para fazer o que quiser da

minha vida. Posso casar, travar um duelo, reconhecer um filho, ser responsabilizado por um assassinato...

— Os terráqueos não pensariam assim. Kennard foi declarado maior de idade antes de viajar. Mas na Terra foi enviado a uma escola e obrigado, legalmente, a um guardião indicado, até completar vinte anos. Você detestaria isso.

— Claro que detestaria. Mas aprendi uma coisa em Nevarsin, senhor... podemos conviver com coisas que detestamos.

— Essa é a sua vingança porque o enviei para Nevarsin, Regis? Foi tão infeliz assim? O que posso dizer? Queria que tivesse a melhor educação possível e achei que estaria melhor sendo bem cuidado ali do que negligenciado em casa.

— Não, senhor, não é uma vingança — declarou Regis, sem ter muita certeza. — Acontece apenas que eu quero ir embora e não sou necessário aqui.

— Você não fala as línguas terráqueas.

— Entendo o Padrão Terráqueo. Aprendi a ler e a escrever em Nevarsin. Como ressaltou, recebi uma excelente educação. Aprender uma nova língua não é muito difícil.

— Diz que já tem idade, pois então me deixe citar mais um pouco da lei. Como é herdeiro de um Domínio, a lei determina que antes de partir numa iniciativa tão arriscada, como viajar para um mundo exterior, você deve providenciar seu herdeiro. Tem um filho, Regis?

O rapaz baixou os olhos, soturno. Claro que Hastur sabia que ele não tinha.

— Que importância isso tem? Há gerações que o dom de Hastur não aparece com plena força na linhagem. Quanto ao laran comum, pode surgir ao acaso em qualquer lugar dos Domínios, não apenas na linha direta de descendência masculina. Escolha qualquer herdeiro, ao acaso; ele não poderia ser menos capacitado ao Domínio do que eu. Desconfio de que o gene é recessivo, já se extinguiu, como o do telepata catalisador. E Javanne tem filhos; um deles deve tê-lo, como poderia acontecer com qualquer filho meu, se eu tiver algum. O que não tenho, e é provável que não venha a ter. Nem agora, nem nunca.

— De onde tirou essas idéias? — indagou Hastur, chocado e aturdido. — Não é um ombredin, não é mesmo?

— Num mosteiro cristoforo? Não há a menor possibilidade. Nem mesmo como passatempo, senhor. E muito menos como um meio de vida.

— Então por que diz tais coisas?

— Porque pertenço a mim mesmo, não ao Comyn! — explodiu Regis, furioso. — É melhor deixar a linhagem morrer comigo do que continuar por gerações, intitulado-nos de Hastur, sem o nosso dom, sem laran, meras fachadas políticas sendo usadas pela Terra para manter o povo quieto!

— É assim que me considera, Regis? Assumi a Regência quando Stefan Elhalyt morreu, porque Derik tinha apenas cinco anos, pequeno demais para ser coroado, até mesmo como um reitítere. Tem sido meu infortúnio reinar durante um período de mudança, mas creio que tenho sido mais do que um testa-de-ferro da Terra.

— Conheço um pouco da história do Império, senhor. O Império acabará assumindo o controle aqui também. É o que sempre acontece.

— Pensa que não sei disso? Há três reinados agora que tenho vivido com o inevitável. Mas se viver por mais tempo suficiente, será uma mudança lenta, que nosso povo poderá aceitar. Quanto ao laran, costuma despertar tarde nos homens de Hastur. Dê tempo a si mesmo.

— Tempo! — exclamou Regis, concentrando toda a sua insatisfação nessa única palavra.

— Também não tenho laran, Regis. Apesar disso, creio que servi bem ao meu povo. Você não poderia se resignar a isso?

Ele fitou o rosto obstinado de Regis, suspirou e acrescentou:

— Muito bem, posso negociar com você. Não quero que parta como uma criança, sujeito a um guardião designado por tribunal, nos termos da lei terráquea. Isso seria uma desgraça para todos nós. Um herdeiro do Comyn adquire a idade depois que serve no corpo de cadetes. Cumpra o seu dever regular na Guarda, três temporadas como cadete. Depois, se ainda quiser partir,

encontraremos um meio de enviá-lo para fora do nosso mundo sem passar por todos os requisitos da burocracia terráquea. Você detestaria... já a suporto há cinqüenta anos e ainda a detesto. Mas não deixe o Comyn antes de fazer uma tentativa justa. Três anos não é tanto tempo assim. Concorda?

Três anos! Parecera uma eternidade em Nevarsin. Mas ele tinha opção? Nenhuma, a não ser o desafio direto. Poderia fugir, procurar ajuda dos terráqueos. Mas, se era legalmente uma criança pelas leis deles, tratariam de devolvê-lo a seus guardiões. E isso é que seria uma desgraça.

— Três temporadas como cadete — murmurou Regis, depois de um longo momento. — Mas apenas se me der sua palavra de honra de que, se eu decidir partir, depois disso, não se vai opor.

— Se ao final dos três anos você ainda quiser ir embora, prometo que encontrarei um meio honrado para nos deixar.

Regis estava atento, avaliando as palavras à procura de evasivas diplomáticas e meias-verdades. Mas os olhos do velho eram sinceros, e a palavra de Hastur era proverbial. Até os terráqueos sabiam disso.

— Concordo. Três anos no corpo de cadetes, em troca de sua palavra. — Uma pausa, e ele acrescentou, amargurado: — Não tenho opção, não é mesmo?

— Se quisesse uma opção — declarou Hastur, os olhos azuis fais-cando como fogo, embora a voz continuasse velha e cansada, como sempre -, deveria ter providenciado para nascer em outro lugar, de outros pais. Não escolhi ser o conselheiro-chefe de Stefan Elhalyn nem Regente para o Príncipe Derik. Rafael... que seu sono seja profundo!... também não optou por sua vida nem mesmo por sua morte. Nenhum de nós jamais teve a liberdade de escolher, não durante a minha vida.

A voz tremia, e Regis compreendeu que o velho se encontrava à beira da exaustão total ou de um colapso. Contra a sua vontade, ele ficou comovido de novo. Mordeu o lábio, sabendo que desmoronaria se falasse, suplicaria perdão ao avô, prometeria obediência incondicional. Talvez fosse apenas a consequência dos últimos resquícios de kirian, mas ele teve certeza, de uma maneira

súbita e angustiante, de que o avô não o fitava nos olhos porque o Regente dos Sete Domínios não podia chorar nem mesmo na presença de seu neto, nem mesmo pela lembrança da morte prematura e terrível de seu único filho.

Quando Hastur tornou a falar, a voz era dura e incisiva, como um homem acostumado a enfrentar uma crise depois de outra:

— A primeira chamada dos cadetes será no final desta manhã. Avisei o mestre-dos-cadetes para esperá-lo.

Ele se levantou, tornou a abraçar Regis, num gesto de dispensa.

— Tornarei a vê-lo em breve, Regis. Pelo menos não estamos agora separados por uma viagem de três dias e uma cordilheira.

Portanto, ele já comunicara ao mestre-dos-cadetes. O que indicava como era grande a sua certeza, refletiu Regis. Fora manipulado, acuado a fazer exatamente o que se esperava de um Hastur. E ele próprio prometera que suportaria três anos assim!

## Capítulo Quatro

(Narrativa de Lew Alton)

A sala estava clara com a luz do dia. Eu dormira por horas no banco de pedra ao lado da lareira, com cãibra e frio. Marius, descalço e de camisolão, me sacudia.

— Ouvi alguma coisa na escada. Escute!

Ele correu para a porta, e o segui, mais devagar. A porta foi aberta, e dois guardas entraram, carregando meu pai. Um deles me viu e indagou:

— Para onde devemos levá-lo, Capitão?

— Levem-no para o quarto.

Ajudei Andres a acomodá-lo na cama e depois perguntei, fitando com temor seu rosto pálido e inconsciente:

— O que aconteceu?

— Ele caiu na escada de pedra perto da casa da Guarda — informou um dos homens. — Passei todo o inverno tentando providenciar o conserto daquela escada. Seu pai poderia ter fraturado o pescoço... o que, aliás, poderia ter acontecido a qualquer outra pessoa.

Marius foi postar-se ao lado da cama, branco e apavorado.

— Ele morreu?

— Não, filho — respondeu o guarda. — Acho que o comandante quebrou uma ou duas costelas, feriu o braço e o ombro; mas, a menos que comece a vomitar sangue mais tarde, creio que ele ficará bom. Eu queria que Mestre Raimon fosse cuidar de seu pai lá embaixo, mas ele insistiu para que o trouxéssemos para cá.

Entre a raiva e o alívio, inclinei-me para examinar meu pai. Mas que momento mais inoportuno para se ferir, logo no primeiro dia da sessão do Conselho! Como se meus pensamentos descontrolados pudessem alcançá-lo — e talvez isso ocorresse -, ele gemeu e abriu os olhos. A boca se contraiu num espasmo de dor.

— Lew?

— Estou aqui, Pai.

— Você deve comparecer no meu lugar...

— Não, Pai. Há uma dúzia de outros com mais direito. Percebi que seu rosto assumira uma expressão determinada, senti que ele lutava contra a dor intensa.

— Você tem de ir! Lutei... contra todo o Conselho... por anos. Não vai pôr a perder todo o meu trabalho... só porque eu sofri uma queda ridícula. Tem o direito de ser meu representante e vai comparecer de qualquer maneira!

Sua dor me angustiava; eu me encontrava totalmente aberto. Em meio à dor lancinante, dava para sentir suas emoções, a fúria e uma determinação inabalável, lançando sua vontade em cima de mim.

— Vai, sim!

Não é sem motivo que sou Alton. Revidei no mesmo instante, lutando contra sua tentativa de forçar a aceitação.

— Não há necessidade disso, Pai. Não sou seu fantoche!

— Mas é meu filho! — insistiu ele, veemente, e foi como uma tempestade, sua vontade me pressionando. — Meu filho e meu subcomandante, e ninguém, mas ninguém mesmo, vai questionar isso!

Sua agitação aumentava tanto que compreendi que não poderia continuar a discutir sem lhe causar um grave dano. Precisava acalmá-lo de alguma forma. Fitei-os nos olhos enfurecidos e disse:

— Não há razão para gritar comigo. Farei o que quer, pelo menos por enquanto. Voltaremos a discutir o assunto mais tarde.

Ele fechou os olhos, não dava para saber se por exaustão ou dor. Mestre Raimon, o oficial-do-hospital da Guarda, entrou no quarto e foi direto para perto da cama. A ira, a fadiga e a falta de sono faziam minha cabeça latejar. Era demais! O pai sabia muito bem como eu me sentia! E não se importava!

Marius continuava de pé, paralisado, observando horrorizado, enquanto Mestre Raimon cortava a camisa de meu pai. Vi enormes equimoses, púrpuras, de sangue escurecido, antes de afastar Marius com firmeza.

— O estado dele não é grave — garanti a Marius. — Não poderia gritar tão alto se estivesse morrendo. Vá se vestir e procure

não atrapalhar.

Marius foi para seu quarto, obediente, e fiquei na câmara exterior, esfregando o rosto com os punhos, em consternação e confusão. Que horas seriam? Quanto tempo eu dormira? E onde estava Regis? Para onde teria ido? No estado em que se encontrava ao me deixar, ele poderia ter cometido algum ato desesperado! Lealdades e obrigações conflitantes mantinham-me paralisado. Andres saiu do quarto de meu pai e avisou:

— Se vai atender à chamada, Lew, é melhor se preparar logo. Compreendi que permanecera parado no mesmo lugar por um longo tempo, como se os pés se tivessem enraizado no chão. Meu pai me impusera uma missão. Mas, se Regis fugira num ânimo de desespero suicida, eu não deveria também sair à sua procura? Além do mais, tinha de entrar de serviço na Guarda naquela manhã. Ago-ra, parecia que teria de cuidar de tudo sozinho. Com toda a certeza, alguns haveriam de questionar minha presença. Era um direito de meu pai escolher seu subcomandante, mas eu é que teria de enfrentar a hostilidade. Virei-me para Andres.

— Mande alguém me trazer alguma coisa para comer e veja se consegue descobrir onde o pai guardou a lista do pessoal de serviço e a relação de chamada dos cadetes, mas não o perturbe. Preciso tomar um banho e trocar de roupa. Tenho tempo?

Andres fitou-me com a maior tranquilidade.

— Não se afobe. Dispõe de todo o tempo que precisar. Se está no comando, eles não poderão começar enquanto você não chegar. Trate de se fazer apresentável. Deve parecer pronto a assumir o comando, mesmo que não se sinta assim.

Ele tinha toda a razão, é claro; percebi isso, embora me ressentisse de seu tom. Andres tem o hábito de dizer as coisas certas. Era o coridom de Armida, o intendente-chefe, desde que eu podia lembrar. Era um terráqueo, e já servira na Força Espacial. Nunca soube onde conheceu meu pai ou por que deixou o serviço do Império. Os servos de meu pai contaram-me a história de que um dia ele aparecera em Armida, declarando-se cansado do espaço e da Força Espacial. Meu pai lhe dissera:



— Jogue fora sua pistola de raios, faça o juramento de respeitar a Aliança, e lhe garantirei um emprego em Armida por tanto tempo quanto desejar.

A princípio, Andres fora o secretário particular do pai, depois seu assistente pessoal e acabara por assumir o controle de toda a propriedade, dos cavalos e cachorros aos filhos e filha-de-adoção de meu pai. Houvera ocasiões em que sentira que Andres era a única pessoa viva que me aceitava por completo pelo que eu era. Bastardo, de meia-casta, não fazia a menor diferença para Andres. Ele acrescentou em seguida:

— É melhor para a disciplina aparecer tarde do que se apresentar todo desarrumado e sem saber o que está fazendo. Trate de se arrumar Lew, e não me refiro apenas ao uniforme. Nada vai ganhar se correr em várias direções ao mesmo tempo.

Fui tomar banho, comi um desjejum apressado e vesti-me de maneira apropriada para ser observado por uma centena ou mais de oficiais e guardas, cada um deles ansioso em encontrar alguma falha. Pois que o fizessem!

Andres encontrou as listas entre os pertences de meu pai; peguei-as e desci para a sala da Guarda.

Fica num dos níveis inferiores do Castelo Comyn, tendo por trás os alojamentos, o estábulo, o arsenal e o pátio de manobras, e na frente um portão barricado, de onde se desce para Thendara. O resto do Castelo Comyn me deixa indiferente, mas jamais contemplei as enormes janelas iluminadas sem experimentar um estranho aperto na garganta.

Tinha quatorze anos e já sabia que minha vida era fragmentada e insegura. Por causa do que eu era, quando meu pai me trouxera para cá pela primeira vez. Antes de me enviar para meus pares ou o que esperava que fossem meus pares — eles tinham outras idéias -, o pai falara-me sobre alguns dos Altons que haviam passado por aquele lugar antes de nós. Pela primeira e quase última vez, eu experimentara um senso de pertencer àqueles antigos Altons, cujos nomes eram uma crônica da história darkovana: meu avô Valdir, que organizara o primeiro sistema de faróis de incêndio nas Colinas Kilghard. Dom Esteban Lanart, que

cem anos antes expulsara os homens-gatos das cavernas de Corresanti. Rafael Lanart-Alton, que governara como Regente quando Stefan Hastur, o Nono, fora coroado no berço, antes de os Elhalyns se tornarem reis em Thendara.

A sala da Guarda era enorme, com arcadas de pedra, o chão também de pedra, desgastado pelos passos de séculos de guardas. A claridade entrava de forma insólita, multicolorida e fragmentada, através de janelas feitas antes de se conhecer a arte do vidro corrediço.

Tirei do bolso as listas que Andres me entregara, estudei-as por um momento. Na de cima constavam os nomes dos cadetes do primeiro ano. O nome de Regis Hastur se encontrava no final, obviamente acrescentado depois dos outros. Mas onde estava Regis? Conferi a lista dos cadetes do segundo ano. O nome de Octavien Vallonde fora suprimido. Não esperava encontrar seu nome, mas isso me teria aliviado a mente.

Na lista do pessoal de serviço, o pai riscara seu próprio nome como comandante e escrevera o meu no lugar, evidentemente com a mão direita, e com a maior dificuldade. Desejei que ele se tivesse poupado do esforço. Gabriel Lanart-Hastur, marido de Javanne e meu primo, substituía-me como subcomandante. Ele é que deveria assumir o posto de comandante. Eu não era um soldado, apenas um técnico de matriz, e tencionava voltar a Arilinn ao final do intervalo de três anos exigido agora por lei. Gabriel, por outro lado, era um guarda de carreira, gostava daquilo e era competente. Também era um Alton e integrava o Conselho. A maioria do Comyn achava que ele deveria ter sido designado o herdeiro de Kennard. Contudo, de certa forma, éramos amigos, e eu bem que gostaria de que ele estivesse hoje aqui, em vez de continuar em Edelweiss, aguardando o nascimento da criança de Javanne.

Era óbvio que o pai não via qualquer discrepância. Fora técnico psíquico em Arilinn por mais de dez anos, nos tempos de isolamento da Torre, mas depois se mostrara capaz de assumir o comando da Guarda sem qualquer dificuldade mais profunda. Com toda a certeza, meus conflitos interiores não eram importantes para ele nem mesmo compreensíveis.

O mestre-de-armas era outra vez o velho Domenic di Asturien, que fora capitão quando meu pai era um cadete de quatorze anos. Domenic fora meu mestre-dos-cadetes no primeiro ano e praticamente o único oficial da Guarda que me tratara de uma forma justa.

Mestre-dos-cadetes... Esfreguei os olhos, aturdido; devia ter lido errado. Mas as palavras, obstinadamente, permaneceram as mesmas: Mestre-dos-cadetes: Dyan-Gabriel, Lorde Ardais.

Soltei um gemido alto. Só podia ser uma das piadas de mau gosto de meu pai. Ele não é um tolo, e só um tolo poria um homem como Dyan no comando de rapazes ainda não de todo crescidos. Não depois do escândalo do ano anterior. Conseguíramos abafá-lo, impedir que chegasse ao conhecimento de Lorde Hastur, e eu pensava que até mesmo Dyan sabia que fora longe demais.

Mas devo ser bem claro sobre uma coisa: não gosto de Dyan e sei que ele não me aprova, mas não se pode negar que é corajoso, um bom soldado, talvez o melhor e mais competente oficial da Guarda. Quanto à sua vida pessoal, ninguém ousa comentar as diversões particulares de um lorde do Comyn.

Aprendi, há muito tempo, a não dar ouvidos a rumores. Meu próprio nascimento fora um escândalo de grandes proporções por anos. Mas aquilo era mais do que um rumor. Pessoalmente, acho que o pai fora insensato ao tirar o garoto Vallonde de casa sem qualquer indagação ou investigação. Parte do que ele disse era verdade. Octavien era mesmo perturbado, instável, nunca se integrara na Guarda, e fora um erro nosso, em primeiro lugar, aceitá-lo como cadete. Mas o pai dissera que, quanto mais cedo tudo fosse abafado, mais depressa a história desagradável morreria. Só que isso não acontecera, era bem provável que se continuasse a falar a respeito por muito tempo.

A sala começou a se encher com homens uniformizados. Dyan subiu ao palanque em que os oficiais se agrupavam e fitou-me de cara amarrada, com expressão hostil. Não parecia haver a menor dúvida de que ele imaginara que seria designado como o subcomandante de meu pai. Até isso seria melhor do que fazê-lo mestre-dos-cadetes.

Mas eu não podia permitir que a mesma coisa tornasse a ocorrer. Cora ou sem a escolha do pai.

A vida particular de Dyan só interessava a ele próprio, e eu não me importava que amasse homens, mulheres ou cabras. Podia ter tantas concubinas quanto um habitante das Cidades Secas, e a maioria das pessoas não daria muita importância. Mas um novo escândalo na Guarda? De jeito nenhum! Isso afetava a honra da corporação, e a dos Altons, que a comandavam.

O pai pusera-me no comando. Pois muito bem, aquela seria a minha primeira decisão de comando.

Fiz um sinal para a assembléia. Uns poucos atrasados seguiam apressados para seus lugares. Os veteranos entraram em formação. Os cadetes, como lhes fora determinado, permaneceram num canto.

Regis não se encontrava entre os cadetes. Amargurado, resenti-me por estar retido ali, mas não havia como evitar.

Corri os olhos por todos e senti que me retribuía o favor. Fechei a sensibilidade telepática tanto quanto podia — não era fácil naquela multidão -, mas ainda captei surpresa, curiosidade, repulsa, irritação. Tudo se resumia, mais ou menos, à mesma coisa: Onde está o comandante? Ou, pior ainda: O que o bastardo do velho Kennard está fazendo lá em cima no lugar do comandante?

Consegui finalmente atrair a atenção de todos e falei sobre o infortúnio de Kennard. Houve alguma agitação de murmúrios e comentários, e eu sabia que seria uma insensatez ouvir a maioria. Esperei que passassem, depois pedi ordem de novo e iniciei a tradicional cerimônia de chamada do primeiro dia.

Um a um, li os nomes de todos os guardas. Cada um se adiantou, repetiu uma breve fórmula de lealdade ao Comyn e me informou — obrigação da maior importância trezentos anos antes, mas agora mera formalidade — quantos homens, treinados, armados e equipados de acordo com o costume, podia lançar em combate, no caso de guerra. Era uma longa chamada. Na metade, houve uma comoção, quando Regis, escoltado por meia dúzia de servos com a libré de Hastur, entrou na sala. Um dos servos entregou-me uma mensagem do próprio Hastur, com uma desculpa e explicação pelo atraso de Regis.

Senti intensa raiva. Imaginara Regis desesperado, suicida, doente, prostrado, sofrendo algum efeito posterior imprevisível do kirian, até mesmo morto... e ele entrava agora na maior calma, tumultuando a cerimônia da chamada e a disciplina. Dispensei os servos e disse a ele, em tom brusco:

— Vá para seu lugar, cadete.

Ele não podia parecer menos com o menino que sentara junto comigo ao lado do fogo na noite anterior, comendo ensopado, extravasando sua amargura. Usava agora o traje completo do Comyn, com emblemas, botas de cano alto e túnica azul-celeste de corte requintado. Encaminhou-se para seu lugar entre os cadetes, de cabeça erguida. Pude sentir seu medo e timidez, mas sabia que os outros cadetes encarariam a pose como arrogância do Comyn, e ele sofreria por isso. Regis parecia cansado, quase doente, sob a fachada de controle arrogante. O que lhe teria acontecido na noite anterior? Ele que se dane, pensei, estremecendo; por que me preocupava tanto com o herdeiro de Hastur? Regis não se preocupava comigo, nem passara por sua cabeça que eu seria responsabilizado se algum mal lhe acontecesse!

Encerrei a sucessão de juramentos de lealdade. Dyan inclinou-se para mim e disse:

— Estive ontem à noite na cidade com o Conselho. Hastur pediu-me que explicasse a situação aos guardas; tenho sua permissão para falar, Capitão Montray-Lanart?

Dyan nunca me tratara por meu título, dentro ou fora da sala da Guarda. Disse a mim mesmo que a última coisa que queria era sua aprovação. Acenei com a cabeça, e ele foi para o centro do palanque. Dyan não se parece mais do que eu com um típico lorde do Comyn; seus cabelos são escuros, não o vermelho tradicional do Comyn, e ele é alto e esguio, com as mãos de seis dedos que às vezes aparecem nos clãs de Ardais e Aillard. Dizem que há sangue não-humano na linhagem de Ardais. Dyan dá essa impressão.

— Guardas da Cidade de Thendara — disse ele -, seu comandante, Lorde Alton, pediu-me que explicasse a situação.

Seu olhar desdenhoso dizia com mais vigor do que palavras que eu podia brincar de ter o comando, mas era ele quem tinha

condições de explicar o que estava acontecendo.

Pelo que pude deduzir das palavras de Dyan, havia uma grande tensão entre a Força Espacial terráquea e a Guarda da Cidade. Ele pediu a todos os guardas que evitassem incidentes, respeitassem o toque de recolher e lembrassem que a área da Cidade Comercial fora cedida ao Império por um tratado diplomático. Recordou-nos de que tínhamos o dever de lidar com os criminosos darkovanos e de entregar os terráqueos às autoridades do Império. O que era bastante justo. Duas forças policiais na mesma cidade precisam chegar a acordos e concessões que possibilitem a convivência.

Não pude deixar de admitir que Dyan era um bom orador. Mas ele conseguiu transmitir a impressão de que os terráqueos eram inferiores naturais, não respeitavam nem a Aliança, nem os códigos de honra pessoal, que devíamos assumir a responsabilidade por eles, como fazem todos os superiores; que, embora preferíssemos tratá-los com justificado desprezo, estaríamos prestando um favor pessoal a Lorde Hastur se mantivéssemos a paz, mesmo contra nosso melhor julgamento. Duvidei de que o seu pequeno discurso pudesse atenuar os atritos entre os terráqueos e os guardas.

Perguntei-me se os nossos equivalentes na Cidade Comercial, o Legado e seus prepostos, estariam fazendo determinações similares à Força Espacial. Achava que não.

Dyan voltou ao seu lugar, e mandei que os cadetes se adiantassem. Fiz a chamada da dúzia de cadetes do terceiro ano e dos onze do segundo, especulando se o Conselho tencionava preencher o lugar vago de Octavien Vallonde. Depois, dirigi-me aos cadetes do primeiro ano, chamando-os ao centro da sala. Decidi omitir o discurso habitual sobre a organização orgulhosa e antiga, em que era um prazer recebê-los. Não sou tão bom orador quanto Dyan e não ia competir. O pai poderia fazer-lhes esse discurso quando se recuperasse, ou o mestre-dos-cadetes, quem quer fosse. Não Dyan. Só por cima de meu cadáver.

Limitei-me a enunciar os fatos básicos. Depois de hoje, haveria formação e revista todas as manhãs, depois do desjejum. Os cadetes seriam mantidos à parte, em seus próprios alojamentos, e receberiam instruções, até que os intensos exercícios em ordem

unida lhes permitissem participar das formações e de outros deveres. A Guarda do Castelo era mantida dia e noite, e eles se revezariam nos plantões, dos mais velhos aos mais novos. Recordei que a Guarda do Castelo não era um serviço de sentinela subalterno, mas um privilégio reivindicado por nobres desde tempos imemoriais, para proteger os Filhos de Hastur. E assim por diante.

A formalidade final — fiquei contente ao alcançá-la, pois fazia bastante calor na sala apinhada a essa altura, e os cadetes mais jovens já começavam a se mostrar irrequietos — foi uma chamada dos cadetes do primeiro ano. Só conhecia pessoalmente Regis e Danilo, o jovem protegido de meu pai, mas alguns dos outros eram irmãos mais moços ou filhos de homens com os quais tivera contato na Guarda. O último nome que chamei foi o de Regis-Rafael, cadete Hastur.

Houve um silêncio confuso, que se prolongou por tempo demais. Depois, na fila dos cadetes, houve um arrastar de pés e um sussurro audível.

— É você, seu idiota! — disse Danilo, cutucando Regis nas costelas.

A voz de Regis balbuciou, atordoada:

— Ahn... — Uma pausa. — Aqui.

Dane-se, Regis! Eu já começara a esperar que naquele ano poderíamos concluir a chamada sem passar por aquela experiência humilhante. Algum cadete, nem sempre um homem do primeiro ano, invariavelmente se esquecia de responder direito a seu nome na chamada. Havia um procedimento para tais ocasiões, que devia existir há três dúzias de gerações. Pela expectativa dos outros guardas, dos veteranos e dos cadetes mais velhos, algumas risadinhas abafadas surgindo aqui e ali, não restava a menor dúvida de que todos esperavam esse trote ritual e até torciam para que acontecesse.

Se dependesse de mim, poderia dizer em tom ríspido "Da próxima vez, cadete, responda a seu nome" e depois trocar uma palavra com Regis em particular. Mas, se tentasse privar os outros de sua diversão, era provável que descontassem em Regis de qualquer maneira. Ele já chamara atenção ao chegar atrasado e

vestido como um príncipe. Era melhor eu seguir adiante. Regis teria de se acostumar a coisas piores nas semanas subseqüentes.

— Cadete Hastur — falei, com um suspiro -, adiante-se para que o possamos olhar direito. Assim, se tornar a esquecer seu nome mais tarde, todos poderemos lembrá-lo.

Regis adiantou-se, com uma expressão impassível.

— Conhece meu nome.

Houve um coro de risadinhas. Pelos infernos de Zandru, será que ele se encontrava bastante confuso para piorar ainda mais a situação? Mantive a voz fria e controlada:

— É da minha conta sabê-lo, cadete, e é da sua responder a qualquer pergunta feita por um oficial. Qual é o seu nome, cadete?

Ele respondeu, rápido e furioso:

— Regis-Rafael Felix Alar Hastur-Elhalyn!

— Muito bem, Regis-Rafael isso e mais aquilo! Seu nome na Guarda é cadete Hastur, e sugiro que o memorize e responda de imediato, a menos que prefira ser chamado de É você, seu idiota.

Danilo riu; lancei-lhe um olhar irado, e ele se calou no mesmo instante.

— Cadete Hastur, ninguém vai chamá-lo de Lorde Regis aqui. Qual é a sua idade, cadete Hastur?

— Quinze — respondeu Regis.

Mentalmente, praguejei outra vez. Se ele tivesse dado a resposta apropriada dessa vez — mas como poderia, se ninguém o avisara? -, eu o poderia dispensar. Agora, tinha de levar aquela farsa até o fim. A expressão de expectativa hilariante nos rostos ao redor me enfureceu. Mas havia ali uma tradição de duzentos anos da Guarda.

— Quinze o que, cadete?

— Quinze anos — disse Regis, mordendo a velha isca para os incautos.

Suspirei. Bom, os outros cadetes tinham direito à sua diversão. Gerações haviam-nos condicionado a exigí-la, e eu não podia deixar de proporcioná-la. Indaguei, cansado:

— Vocês não querem dizer ao cadete Hastur quantos anos ele tem?



— Quinze, senhor! — explodiram todos, em coro.

As gargalhadas foram estrondosas. Sinalizei para que Regis voltasse ao seu lugar. A expressão de raiva com que ele me fitou poderia matar. Não o podia culpar. Por vários dias, até que outro cometesse alguma estupidez de grandes proporções, ele seria o alvo das zombarias no alojamento. Eu sabia disso. Podia recordar um dia, vários anos atrás, em que o nome do desafortunado cadete fora Lewis-Kennard, cadete Montray. Talvez a minha desculpa fosse melhor — nunca antes ouvira meu nome pronunciado daquela forma. Também não tornara a ouvi-lo desde então, porque meu pai exigira que me fosse permitido usar seu nome, Montray-Aiton. Fora na ocasião em que ainda discutiam a minha legitimidade. Mas o pai usara o argumento de que era impróprio para um cadete ostentar um nome terráqueo na Guarda, embora um bastardo legalmente use o nome da mãe.

A cerimônia terminou. Eu deveria entregar os cadetes ao mestre-dos-cadetes e deixá-lo assumir o comando. Mas não podia fazer isso. De jeito nenhum, enquanto não exortasse meu pai a reconsiderar. Não quisera o comando da guarda, mas ele insistira, e agora, para o melhor ou para o pior, todos os Guardas, do mais jovem cadete ao veterano mais velho, encontravam-se sob os meus cuidados. Teria de fazer o melhor por eles... e meu melhor não incluía Dyan Ardais como mestre-dos-cadetes!

Chamei o velho Domenic di Asturien. Era um oficial experiente, merecia uma confiança absoluta, o tipo de homem que deveria ficar encarregado dos jovens. Retirara-se do serviço ativo anos antes -já devia estar na casa dos oitenta anos -, mas ninguém se podia queixar dele. Sua família era tão antiga que os próprios homens do Comyn eram arrivistas em comparação. Havia até uma piada, contada aos sussurros, de que ele comentara uma ocasião que os Hasturs eram "a nova nobreza".

— Mestre, o comandante sofreu um acidente esta manhã e ainda não me informou de sua escolha para mestre-dos-cadetes. - Comprimi as listas em minha mão, como se o velho pudesse ver o nome de Dyan escrito ali, o que revelaria minha mentira. — Solicito

respeitosamente que assuma o comando dos cadetes, até que ele possa transmitir seu desejo.

Quanto voltei para meu lugar, Dyan começou a se levantar.

— Ora, seu garoto insolente, Kennard não lhe disse... — Ele percebeu que olhos curiosos nos observavam e baixou a voz: — Por que não falou comigo em particular sobre isso?

Ele sabia. Recordei que se dizia que Dyan era um poderoso tele-pata, embora se recusasse a entrar em qualquer Torre, por razões desconhecidas. Portanto, ele sabia que eu sabia. Tratei de barricar minha mente contra ele. São bem poucos os que podem ler um Alton quando ele se mantém alerta. O fato de Dyan ter penetrado minha mente sem ser convidado era uma grave violação da cortesia e da ética do Comyn. Ou será que ele queria expressar com isso que eu não merecia a imunidade do Comyn? Falei com frieza, mas tentando ser cortês:

— Depois que eu consultar o comandante, Capitão Ardais, transmitirei o que ele deseja.

— O comandante já manifestou o seu desejo, e você sabe disso!

A boca de Dyan contraiu-se numa linha fina. Ainda havia tempo. Eu podia fingir que descobria seu nome nas listas. Mas me submeter àquele sórdido prostituto das Hellers? Virei-me e disse a Domenic di Asturien:

— Quando quiser, Mestre, pode dispensar seus pupilos.

— Seu bastardo insolente! Vou arrancar sua pele por isso!

— Posso ser um bastardo — respondi, mantendo a voz baixa -, mas considero que não é nada edificante dois capitães discutirem na presença de cadetes.

Ele se conteve. Era bastante soldado para saber que eu tinha razão. Enquanto dispensava os homens, refleti que adquirira um poderoso inimigo. Antes daquele momento, Dyan não gostava de mim, mas era amigo de meu pai e tolerava qualquer coisa que pertencesse a um amigo, desde que permanecesse em seu devido lugar. Agora, eu fora muito além de seu conceito restrito sobre esse lugar, e ele nunca me perdoaria.

Ora, eu podia muito bem viver sem sua aprovação. Mas era melhor não perder tempo e conversar logo com o pai. Dyan não perderia.

Encontrei-o desperto e irrequieto, envolto por ataduras, a perna defeituosa levantada. Parecia abatido e febril, e lamentei a necessidade de incomodá-lo naquele momento.

— A chamada transcorreu sem dificuldades?

— Claro, e Danilo teve uma boa presença — respondi, sabendo que ele queria saber.

— Regis foi acrescentado na última hora. Ele compareceu? Acenei com a cabeça, e o pai acrescentou:

— Dyan se apresentou para assumir o comando? Ele também passou a noite acordado, mas garantiu que estaria presente.

Fitei-o, indignado, e não pude conter a explosão:

— Não pode estar falando sério, Pai! Pensei que era uma piada! Dyan como mestre-dos-cadetes?

— Não brinco com a Guarda — declarou meu pai, o rosto duro.

— E por que não Dyan?

Hesitei por um instante.

— Devo explicar tudo? Já esqueceu o ano passado e o jovem Vallonde?

— Histeria — disse meu pai, dando de ombros. — Você levou o caso mais a sério do que deveria. Quando chegou o momento, o jovem Octavien não quis se submeter ao interrogatório sob laran.

— Isso só prova que ele tinha medo de você, mais nada! Já vi homens adultos, veteranos calejados, cederem e aceitarem qualquer punição, em vez de enfrentarem essa provação! Quantos adultos maduros podem se submeter ao exame telepático de um Alton? Octavien tinha apenas quinze anos!

— Está esquecendo o ponto principal, Lew. Como ele não comprovou a acusação, não sou obrigado oficialmente a aceitá-la.

— Por acaso notou que Dyan também nunca a negou? Ele não teve a coragem de enfrentar um Alton e mentir, não é mesmo?

Kennard suspirou e tentou levantar-se na cama.

— Deixe-me ajudá-lo, Pai.

Mas ele me dispensou com um aceno de mão.

— Sente-se, Lew, não fique aí de pé como a estátua de um deus vingador! O que o faz pensar que ele se rebaixaria a mentir ou que tenho algum direito de lhe pedir detalhes de sua vida particular? Por acaso sua vida é tão pura e perfeita...

— Pai, é irrelevante o que eu possa ter feito como diversão antes de me tornar adulto. Nunca abusei da autoridade...

Ele protestou, friamente:

— Parece-me que você abusou quando ignorou minhas ordens por escrito. Eu disse para sentar! Lew, não lhe devo qualquer explicação, mas como parece transtornado, deixarei tudo bem claro. O mundo é como é, não como você ou eu gostaríamos. Dyan pode não ser o mestre-dos-cadetes ideal, mas pediu-me o posto, e eu não vou recusar.

— Por que não? — Eu me sentia mais indignado do que nunca. — Só porque ele é Lorde Ardais, deve ter liberdade para qualquer tipo de depravação e corrupção que lhe aprover? Não me interessa o que ele faz, mas deve ter permissão para agir à vontade na Guarda? Por quê?

— Preste atenção, Lew. É fácil usar palavras duras com alguém que é menos do que perfeito. Eles também falam a seu respeito... ou já esqueceu? Escutei durante quinze anos, porque precisava de você. Precisamos de Lorde Ardais no Conselho, porque é um homem forte, um firme partidário de Hastur. Ficou tão absorvido em seu mundo particular em Arilinn que não lembra a verdadeira situação política?

Fiz uma careta, mas ele continuou, muito paciente agora:

— Uma facção no Conselho gostaria de nos lançar em guerra contra os terráqueos. Isso é tão inconcebível que não preciso levar a sério, a menos que essa facção ganhe novos adeptos. Outra facção quer uma aliança total com os terráqueos, renunciando aos nossos antigos costumes e tradições, renunciando à Aliança, para nos tornarmos uma colônia do Império. Essa facção é maior e muito mais perigosa para o Comyn. Creio que a solução de Hastur — a mudança lenta e gradativa, concessões, acima de tudo tempo — é a única razoável. Dyan é um dos poucos homens dispostos a

empenhar todo o seu poder em apoio a Hastur. Por que lhe deveríamos recusar um posto que ele deseja em troca?

— Então somos sórdidos e corruptos! — gritei. — Só para ter o apoio dele em suas ambições políticas, estão dispostos a subornar um homem como Dyan com o comando de rapazes ainda inexperientes?

A ira fácil de meu pai aflorou. Nunca antes se concentrara em mim com todo o seu peso.

— Acredita sinceramente que é minha ambição pessoal que tento promover? Pois eu lhe pergunto o que é mais importante: a ética pessoal do mestre-dos-cadetes ou o futuro de Darkover e a própria sobrevivência do Comyn? Não, fique sentado aí, e continue a me escutar! Quando precisamos desesperadamente do apoio de Dyan no Conselho, acha que eu brigaria com ele por causa de seu comportamento particular?

Revidei com igual veemência:

— Eu não me importaria se fosse apenas seu comportamento particular! Mas se houver outro escândalo na Guarda, não acha que o Comyn vai sofrer? Não pedi para comandar a Guarda. Disse até que preferia não fazê-lo. Mas não quis aceitar minha recusa, e agora se recusa a escutar meu melhor julgamento! Pois saiba que não admitirei Dyan como mestre-dos-cadetes! Não enquanto exercer o comando!

— Vai aceitar, sim — disse meu pai, em voz baixa e incisiva. - Acha que vou deixá-lo me desafiar?

— Então, Pai, arrume outro para comandar a Guarda! Ofereça o comando a Dyan... isso não satisfaria sua ambição?

— Mas não satisfaria a mim. Trabalhei por muitos anos para levá-lo a essa posição. Se pensa que vou deixá-lo destruir o Domínio de Alton por causa de escrúpulos infantis, está completamente enganado. Ainda sou o lorde do Domínio, e você é obrigado por juramento a aceitar minhas ordens sem questionar! O posto de mestre-dos-cadetes é bastante poderoso para satisfazer Dyan, mas não pretendo arriscar os direitos dos Altons ao comando. Estou fazendo isso por você, Lew.

— Gostaria que se poupasse desse trabalho! Não o quero!

— Você não se encontra em posição de saber o que quer. Agora, faça o que estou mandando: entregue a Dyan o posto de mestre-dos-cadetes ou... — Ele fez um tremendo esforço para continuar, ignorando a dor. — ...sairei da cama e cuidarei de tudo pessoalmente.

Sua ira eu podia enfrentar; seu sofrimento era outra coisa. Fiquei dividido entre a raiva e uma terrível apreensão.

— Pai, nunca lhe desobedeci. Mas eu lhe peço, suplico-lhe que reconsidere. Sabe que nada de bom vai resultar disso.

Ele voltou a ser gentil:

— Você ainda é muito jovem, Lew. Algum dia aprenderá que todos nós temos de fazer concessões, e com o melhor ânimo possível. É preciso fazer o melhor que se pode dentro de uma determinada situação. Não é possível comer as nozes sem quebrar as cascas. — Ele me estendeu a mão. — Você é o meu principal esteio, Lew. Não me obrigue a lutar contra você também. Preciso de você ao meu lado.

Segurei a mão estendida entre meus dedos; parecia inchada e febril. Como podia aumentar seus problemas? Ele confiava em mim. Que direito eu tinha de lançar meu julgamento contra o seu? Era meu pai, meu comandante, o lorde do meu Domínio. Meu único dever era obedecer.

Fora de sua vista, minha raiva tornou a aflorar. Quem poderia acreditar que o pai seria capaz de comprometer a honra da Guarda? E cora que rapidez ele manobrou contra mim, como um titeriteiro puxando os cordões do amor, da lealdade, da ambição, minha própria necessidade de reconhecimento?

Provavelmente jamais esquecerei a entrevista com Dyan Ardais. Claro que ele foi bastante cortês. Até elogiou minha cautela. Mantive a mente barricada, fui polido, mas tenho certeza de que ele sabia que eu me sentia como um camponês que acabara de chamar um lobo para guardar as aves domésticas.

Havia apenas um conforto mínimo na situação: eu não era mais um cadete!

## Capítulo Cinco

Enquanto os cadetes se encaminhavam para seus alojamentos, Regis pouco ouvia as conversas e brincadeiras. Seu rosto ardia. Seria capaz de matar Lew Alton com o maior entusiasmo.

Depois, no entanto, surgiu-lhe uma reflexão tardia de justiça. Todos ali sabiam obviamente o que ia acontecer; portanto, era evidente que se tratava de algo que ocorria de vez em quando. Apenas fora ele quem cometera o equívoco. Poderia ter sido qualquer outro.

Subitamente, Regis sentiu-se melhor. Pela primeira vez na vida, era tratado como os outros. Sem deferências. Sem atenções especiais. Ele se animou e passou a escutar o que os outros diziam.

— Onde foi criado, cadete, para não responder a seu nome?

— Fui educado em Nevarsin — respondeu Regis, o que provocou mais zombarias e risos.

— Ei, temos um monge entre nós! Vivia ocupado demais com as orações para ouvir seu nome?

— Não, era a hora do Grande Silêncio, e o sino ainda não tocara para permitir que alguém falasse!

Regis ouvia com um sorriso cordial, mas um tanto apático, o que era a melhor coisa que podia fazer. Um cadete do terceiro ano, impecável em seu uniforme verde e preto, conduziu-os a um alojamento no outro lado do pátio.

— Os cadetes do primeiro ano ficarão aqui. Alguém perguntou:

— O que aconteceu com o comandante?

O cadete do terceiro ano, no comando do grupo, disse:

— Lave direito seus ouvidos na próxima vez. Ele quebrou alguns ossos numa queda. Todos ouvimos.

Outro jovem, tomando o cuidado de não falar muito alto para que o superior não ouvisse, perguntou:

— Vamos ter de agüentar o bastardo durante toda a temporada?

— Cale essa boca! — reagiu Julian MacAran. — Lanart-Alton não é um mau sujeito. Tem um temperamento explosivo, quando

alguém o provoca, mas nada parecido com o velho num acesso de raiva. De qualquer forma, podia ser pior.

Ele fez uma pausa, lançando um olhar cauteloso para o cadete do terceiro ano, que se encontrava no momento um pouco longe para ouvi-lo, antes de acrescentar:

— Lew é justo e não mete as mãos onde não é da sua conta, o que é mais do que se pode dizer sobre algumas pessoas.

— Quem vai ser o mestre-dos-cadetes? — perguntou Danilo. - Di Asturien está aposentado há anos. Ele serviu com meu avô.

Foi Damon MacAnndra quem respondeu, depois de lançar também um olhar cauteloso para o cadete superior:

— Ouvi dizer que será vocês sabem quem... o Capitão Ardais.

— Espero que você esteja enganado — disse Julian. — Fui ao arsenal ontem à noite e...

Sua voz baixou para um sussurro. Regis se encontrava muito longe para ouvir, mas os rapazes em torno de Julian reagiram com risadinhas nervosas e estridentes. Damon disse:

— Isso não é nada. Já ouviram falar de meu primo Octavien Vallonde? No ano passado...

— Calem-se! — interveio um cadete estranho, em voz bastante alta para que Regis ouvisse. — Sabem o que aconteceu com ele por falar mal de um herdeiro do Comyn. Já esqueceu que temos um no alojamento agora?

Houve um silêncio abrupto. Os cadetes se dispersaram, passaram a vaguear pelo alojamento. Para Regis, foi como um tapa na cara. Num momento eles riam e gracejavam, incluindo-o na conversa; e de repente ele se tornava um forasteiro, uma ameaça. Era ainda pior porque não entendera direito o que os outros comentavam. Ele se aproximou de Danilo, que pelo menos era um rosto familiar.

— O que acontece agora?

— Acho que esperamos que alguém nos diga. Não tive a intenção de atrair atenção para metê-lo numa encrenca, Lorde Regis.

— Você também, Dani?



Aquele Lorde Regis formal parecia um símbolo da distância que todos mantinham. Mas ele conseguiu rir e acrescentou:

— Não ouviu Lew Alton me lembrar com bastante veemência que ninguém me chamaria de Lorde Regis aqui?

Dani ofereceu-lhe um sorriso rápido e espontâneo.

— Certo.

Ele correu os olhos pelo alojamento. Era desolado, frio, desconfortável. Uma dúzia de camas de campanha, duras e estreitas, estavam dispostas em duas fileiras, ao longo das paredes. Todas já tinham sido arrumadas. Danilo apontou para a única que ainda não fora escolhida e disse:

— Descemos até aqui ontem à noite e escolhemos as camas. Acho que aquela terá de ser a sua. Pelo menos fica ao lado da minha.

Regis deu de ombros.

— Não me deixaram muita opção.

Claro que era o local menos desejável, num canto, sob uma janela alta, pela qual o vento devia entrar. Ora, não podia ser pior do que o dormitório dos estudantes em Nevarsin. Nem mais frio. O cadete do terceiro ano anunciou:

— Homens, vocês podem aproveitar o resto da manhã para arrumar suas camas e guardar as roupas. Não se permite comida no alojamento em qualquer ocasião; qualquer coisa deixada no chão será confiscada. — Ele correu os olhos pelos rapazes, esperando em silêncio suas instruções. — Os uniformes serão distribuídos amanhã. MacAnndra...

— Pois não, senhor?

— Vá ao barbeiro para cortar os cabelos; não está num curso de dança. Cabelos abaixo dos ombros são proibidos. Sua mãe podia adorar esses cachos, mas os oficiais não vão gostar.

Damon baixou a cabeça, vermelho como uma maçã.

Regis examinou a cama, que era feita de tábuas, com um colchão de palha, coberto por um pano áspero, mas limpo. Havia duas mantas grossas, de um cinza-escuro, dobradas no pé da cama. Pareciam do tipo que arranhava o corpo. Os outros rapazes arrumavam suas camas com seus próprios lençóis. Regis iniciou uma

lista mental das coisas que deveria buscar nos aposentos do avô. Começava por lençóis e um travesseiro. Na cabeceira de cada cama havia uma estreita prateleira de madeira, na qual cada cadete já arrumara seus objetos de uso pessoal. Ao pé da cama havia uma tosca caixa de madeira, a tampa com marcas de faca, iniciais entrelaçadas, emblemas, os sinais de gerações de jovens inquietos. Ocorreu a Regis que anos antes seu pai devia ter sido um cadete naquele mesmo alojamento, numa cama dura como a sua, seus pertences reduzidos, independentemente da posição ou riqueza, ao que podia guardar numa prateleira estreita. Danilo arrumou em sua prateleira um pente de madeira, uma escova para o cabelo, um copo e um prato amassados, uma caixa pequena com ornamentos de prata, da qual tirou, com reverência, a pequena estátua cristoforo do Portador dos Fardos, carregando seu peso dos pesares do mundo.

Por baixo da prateleira, havia ganchos para a espada e para a adaga. As de Danilo pareciam muito antigas. Herança de família?

Todos se encontravam ali porque seus antepassados também haviam estado, pensou Regis, com o antigo ressentimento. Jurara que nunca seguiria o caminho determinado para um herdeiro Hastur, mas agora estava ali.

O cadete-oficial circulou pelo alojamento, fazendo uma verificação final. No outro lado havia um espaço aberto, com dois pesados bancos e uma mesa de madeira bastante escalavrada. Havia ainda uma lareira aberta, mas sem fogo ardendo no momento. As janelas eram altas e estreitas, sem vidro, com venezianas de madeira, que no mau tempo eram fechadas em detrimento da claridade. O cadete-oficial avisou:

— Cada um de vocês será chamado ainda hoje para fazer um teste com um mestre-de-armas.

Ele avistou Regis, sentado na beira da cama, e foi até lá.

— Você chegou atrasado. Alguém lhe deu uma cópia do manual de armas?

— Não, senhor.

O cadete-oficial entregou-lhe um livrete velho.

— Soube que foi educado em Nevarsin; suponho que sabe ler. Alguma pergunta?

— Eu não... meu avô não... ninguém trouxe minhas coisas para cá. Posso mandar alguém buscá-las?

O rapaz mais velho respondeu, com alguma cordialidade:

— Não há ninguém aqui para ir buscar suas coisas, cadete. Amanhã, depois do jantar, terá um tempo de folga e poderá pegar o que precisar. Enquanto isso, terá de se contentar com as roupas que está usando.

Ele contemplou Regis de alto a baixo. Havia um desdém velado, imaginou Regis, pelas roupas requintadas que tivera de pôr para se apresentar ao avô naquela manhã.

— Você é a maravilha sem nome, não é mesmo? Já se lembrou do seu nome?

— Cadete Hastur, senhor — respondeu Regis, o rosto ardendo outra vez.

O cadete-oficial balançou a cabeça e murmurou, antes de se afastar:

— Muito bom, cadete.

E com toda a certeza era por isso que agiam daquela maneira, pensou Regis. Provavelmente ninguém esquecia duas vezes. Danilo, que escutara o diálogo, perguntou:

— Ninguém o avisou para trazer tudo o que precisaria na noite anterior? Foi por isso que Lorde Alton me mandou para cá mais cedo.

— Ninguém me disse nada.

Regis desejou ter perguntado a Lew, enquanto ainda podiam conversar como amigos, e não como cadete e comandante, o que precisaria no alojamento. Danilo disse, hesitante:

— Essas são as suas melhores roupas, não é? Posso lhe emprestar uma camisa comum; somos mais ou menos do mesmo tamanho.

— Obrigado, Dani. Ficarei agradecido. Este traje não é nada apropriado, não acha?

Danilo ajoelhou-se diante de seu baú de madeira. Pegou uma camisa de linho, limpa mas velha, com remendos nos cotovelos. Regis tirou a túnica de couro tingida e a camisa de rufos por baixo e

vestiu a camisa remendada. Ficou um pouco grande. Danilo desculpou-se.

— E um pouco grande também para mim. Pertencia a Lew... isto é, Capitão Alton. Lorde Kennard me deu algumas roupas que não cabiam mais nele, a fim de que eu tivesse trajes decentes para o corpo de cadetes. Também me deu um bom cavalo. Tem sido muito generoso comigo.

Regis riu.

— Eu costumava usar as roupas pequenas para Lew nos anos que passei em Armida. Estava crescendo, não cabia nas roupas que trouxera, e com as vigias de incêndio, a intervalos de poucos dias, ninguém tinha tempo de me fazer novas ou de buscá-las na cidade.

Ele deu o laço no cordão no pescoço, enquanto Danilo comentava:

— E difícil imaginar você usando roupas de outro.

— Nunca me importei em usar as roupas de Lew, mas detestava usar as camisolas que não cabiam mais em minha irmã. Sua governanta ensinou-a a costurar mandando que diminuísse as camisolas para o meu tamanho. Sempre que se irritava por isso, ela me espetava com os alfinetes ao experimentar a roupa. Ela jamais gostou de costura.

Regis pensou na irmã como a vira pela última vez, os pés inchados da gravidez. Pobre Javanne. Também se encontrava acuada, sem outra perspectiva pela frente que não a de gerar crianças para a casa de Hastur.

— Algum problema, Regis?

Ele ficou surpreso com a expressão preocupada de Danilo.

— Não. Pensava em minha irmã. Não sei se sua criança já nasceu.

— Tenho certeza de que já teriam avisado se ocorresse algum problema — disse Danilo gentilmente. — O ditado antigo é de que as boas notícias rastejam, enquanto as más têm asas.

Damon MacAnndra aproximou-se.

— Já foram testados pelo mestre-de-armas?

— Não fui chamado ontem — respondeu Dani. — Como é o teste?

Damon deu de ombros.

— O mestre-de-armas entrega uma espada padronizada da Guarda e pede a você que demonstre as posições básicas de defesa. Se você não sabe em que extremidade da espada deve segurar, ele o inclui nas aulas para principiantes, e tem de praticar três horas por dia. Durante o tempo de folga, é claro. Se você conhece os elementos básicos, ele ou um de seus assistentes passa a treiná-lo. Quando subi, ontem à noite, Lorde Dyan estava assistindo. Juro que suei sangue! Banquei o idiota, escorreguei, e agora tenho de praticar todos os dias. Mas quem pode fazer alguma coisa direito com aquele homem olhando?

— Tem toda a razão — disse Julian, de sua cama, onde tentava tirar um ponto de ferrugem de sua faca. — Meu irmão me contou que ele gosta de assistir ao treinamento dos cadetes. Parece divertir-se ao vê-los nervosos, cometendo erros. É um homem mesquinho.

— Estudei esgrima em Nevarsin — informou Danilo. — Não estou preocupado com o teste do mestre-de-armas.

— Mas é bom se preocupar com Lorde Dyan. É bastante jovem, bonito...

— Cale-se! — explodiu Danilo. — Não deve falar assim sobre um lorde do Comyn.

Damon soltou uma risada.

— Eu tinha esquecido. Você não é protegido de Lorde Alton? Estranho... nunca ouvi falar que ele tinha qualquer interesse por garotos bonitos.

Danilo ficou vermelho.

— Feche essa boca nojenta! Você não é digno de sequer limpar as botas de Lorde Kennard! E se disser algo assim de novo...

— Parece que temos todo um claustro de monges por aqui. - Julian aderiu ao riso. — Recita o Credo de Castidade quando vai para a batalha, Dani?

— Não faria mal algum às suas bocas sujas se dissessem alguma coisa decente!

Danilo virou as costas aos dois e concentrou-se no manual de armas. Regis também ficara chocado com a acusação e a linguagem usada. Mas compreendeu que não se podia esperar que jovens

comuns se comportassem e falassem como monges noviços, e concluiu que eles logo tornariam sua vida insuportável se deixasse transparecer qualquer sinal de aversão. Preferia manter a paz. Aquele tipo de coisa deveria ser bastante comum ali para ser uma piada.

Contudo, provocara um assassinato e quase um motim na Zona Terráquea. Seria possível que homens crescidos levassem aquelas coisas tão a sério a ponto de matar? Os terráqueos, talvez. Deviam ter costumes muito estranhos, se eram ainda mais rigorosos do que os cristoforos.

Ele recordou de repente, como uma coisa que podia ter ocorrido anos antes, que naquela manhã mesmo postara-se ao lado do jovem Lawton, na Zona Terráquea, observando a nave estelar livrar-se da gravidade do planeta, a caminho das estrelas. Perguntou-se se Dan Lawton saberia que lado da espada segurar e se por acaso se importava com isso. E Regis experimentou uma insólita sensação de que caía, de forma rápida e dolorosa, entre dois mundos.

Três anos... três anos para estudar esgrima, enquanto as naves terráqueas chegavam e partiam, bem perto, a menos de uma flecha de distância.

Seria esse tipo de percepção que o avô carregava dia e noite, a constante lembrança de dois mundos convivendo, mas com histórias, hábitos, costumes e morais violentamente opostos? Como Hastur vivia com o contraste?

O dia foi-se arrastando. Regis foi chamado, e um ordenança mediu-o, para a confecção do uniforme. Quando o sol estava alto, um oficial inferior apareceu para lhes mostrar o caminho até o refeitório, onde os cadetes comiam em mesas separadas. A comida era simples e ordinária, mas Regis já fizera refeições piores em Nevarsin, e tratou de se alimentar. Alguns cadetes, no entanto, protestaram em voz alta.

— Não é tão ruim assim — comentou Regis para Danilo, em voz baixa.

Os olhos de Danilo faiscaram de malícia.

— Talvez eles queiram que saibamos que estão acostumados a uma comida melhor... mesmo que não estejam!

Regis, consciente da camisa remendada de Danilo que vestia, refletiu que a família do rapaz devia ser muito pobre. Apesar disso, haviam-no enviado para estudar em Nevarsin.

— Pensei que você se tornaria um monge, Dani.

— Não seria possível. Sou o único filho de meu pai agora, e isso seria ilegal. Meu meio-irmão foi morto há quinze anos, antes do meu nascimento.

Ao deixarem o refeitório, ele acrescentou:

— Meu pai me ensinara a ler, a escrever e a fazer contas, para que eu pudesse um dia administrar sua propriedade. Ele está ficando velho demais para cuidar de Syrtis sozinho. Não queria que eu viesse para a Guarda, mas não podia recusar quando Lorde Alton fez uma oferta tão generosa. É por isso que detesto quando falam mal dele. Lorde Alton não é nada assim, mas um homem bom, generoso e decente!

— Tenho certeza de que ele não dá ouvidos, Dani. Lembre-se de que também vivi em sua casa. E um de seus ditados prediletos era o seguinte: se você escuta os cães latindo, vai acabar surdo sem aprender muito. O pessoal de Syrtis está sob o Domínio de Alton, Danilo?

— Não. Sempre estivemos sob a tutela de Hastur. Meu pai foi mestre-dos-falcões do seu, e meu meio-irmão foi seu guarda.

E uma coisa que Regis sempre soubera, uma história antiga que fora parte de sua infância, mas que nunca associara a pessoas vivas, aflorou de repente em sua mente; e ele indagou, muito excitado:

— Dani, seu irmão... o nome dele era Rafael-Felix Syrtis de Syrtis?

— Isso mesmo. Ele foi morto antes do meu nascimento, no mesmo ano em que Stefan IV morreu...

— E meu pai também! — exclamou Regis, experimentando uma emoção desconhecida. — Conheci a história durante toda a minha vida, sempre soube o nome de seu irmão. Dani, seu irmão era o guarda pessoal de meu pai. Foram mortos na mesma

ocasião... ele morreu tentando proteger meu pai com seu corpo. Sabia que foram enterrados lado a lado, na mesma sepultura, no campo de Kilghairlie?

Regis também recordou, mas não disse, o que um velho criado lhe contara: que os dois haviam sido explodidos em fragmentos e foram sepultados juntos onde tombaram, porque nenhum homem vivo podia determinar que fragmento era de seu pai ou do irmão de Dani.

— Eu não sabia — murmurou Danilo, os olhos arregalados. Dominado por uma estranha emoção, Regis acrescentou:

— Deve ser horrível morrer assim, mas não tão horrível se seu último pensamento é proteger outra pessoa...

A voz de Danilo não era muito firme:

— Ambos se chamavam Rafael e haviam jurado lealdade um ao outro, lutaram juntos, morreram, foram sepultados na mesma cova... — Como se mal soubesse o que fazia, ele se inclinou para Regis e pegou suas mãos. — Eu gostaria de morrer assim... você também?

Regis acenou com a cabeça, incapaz de falar. Por um instante, teve a sensação de que algo o alcançara lá no íntimo, uma percepção quase dolorosa, uma emoção intensa. Era quase um contato físico, embora os dedos de Danilo pousassem apenas de leve sobre os seus. Subitamente, assustado com a força de seus sentimentos, ele largou a mão de Danilo, e o ímpeto de emoção se desvaneceu. Uma dos cadetes-oficiais se aproximou para comunicar:

— Dani, o mestre-de-armas mandou chamá-lo.

Danilo pegou sua surrada túnica de couro, vestiu-a por cima da camisa e deixou o alojamento.

Regis, lembrando que passara a noite inteira acordado, estendeu-se no colchão de palha sem lençol. Sentia-se inquieto demais para dormir, mas acabou mergulhando num cochilo instável, em que se misturavam os sons estranhos da sala da Guarda, o retinido metálico de alguém consertando um escudo na armaria, vozes de homens, muito diferentes das vozes abafadas que se ouviam no mosteiro. Meio adormecido, ele começou a ver uma seqüência de rostos, como se fosse um pesadelo: Lew Alton



parecendo triste e zangado ao dizer que Regis não tinha laran, Kennard suplicando por Marius, seu avô se esforçando para não revelar exaustão ou dor. Enquanto resvalava mais fundo para o território neutro no limite do sono, Regis recordou Danilo, nos exercícios com espadas de madeira em Nevarsin. Alguém cujo rosto Regis não podia ver encontrava-se parado por trás dele, bem perto; Danilo desviou-se abruptamente, e ele ouviu, pelo sonho, uma risada áspera e estridente, parecendo o grito de um falcão. E depois teve uma súbita imagem mental de Danilo, o rosto virado para o outro lado, encolhido contra a parede, soluçando desolado. E pelos soluços do sonho, Regis percebeu uma indicação chocante de medo, repulsa e uma vergonha angustiante...

Alguém pôs a mão em seu ombro e o sacudiu de leve. O crepúsculo se instalara no alojamento. Danilo disse:

— Lamento acordá-lo, Regis, mas o mestre-dos-cadetes quer falar com você. Conhece o caminho?

Regis sentou, ainda um pouco atordoado do pesadelo. Por um momento, pensou que o rosto de Danilo, inclinado em sua direção na semi-escuridão, estivesse vermelho de um choro prolongado, como acontecera no sonho. Não, isso era um absurdo. Dani parecia afogueado e suado, como se tivesse corrido muito ou se exercitado de outra forma. Provavelmente haviam testado sua habilidade com a espada. Regis tentou descartar os resquícios do sonho. Foi para o banheiro de chão de pedra e molhou o rosto com a água gelada da bomba. De volta ao alojamento, vestiu sua túnica de couro por cima da camisa remendada de Dani. Viu o companheiro sentado em sua cama, com a cabeça nas mãos. Ele deve ter-se saído mal no teste e ficou transtornado por isso, concluiu Regis, e saiu sem incomodar o amigo.

Dentro da armaria, ele encontrou um cadete do segundo ano com longas listas nas mãos, outro oficial escrevendo a uma mesa e Dyan Ardais, sentado por trás de uma velha mesa roída por cupins. Como esquentara bastante durante a tarde, ele abrira a gola, e os cabelos escuros grudavam úmidos na testa larga. Levantou os olhos,

e Regis sentiu que Dyan, naquele rápido instante, descobrira tudo o que queria saber a seu respeito.

— Cadete Hastur, tudo está correndo bem para você até agora?

— Está, sim, Lorde Dyan.

— Sou apenas o Capitão Ardais aqui na Guarda, Regis.

Dyan tornou a fitá-lo, de alto a baixo, numa avaliação lenta e prolongada que deixou Regis contrafeito.

— Pelo menos lhe ensinaram a se manter empertigado em Nevarsin. Devia ver a postura de alguns dos rapazes. — Dyan consultou uma lista na mesa. — Regis-Rafael Felix Alar Hastur-Elhalyn. Prefere Regis-Rafael?

— Apenas Regis, senhor.

— Como quiser. Embora me pareça lamentável deixar que o nome de Rafael Hastur se perca. É um nome honrado.

Mas que droga, pensou Regis, sei que não sou meu pai! Ele sabia que parecia brusco, quase impolido, ao dizer:

— O filho de minha irmã recebeu o nome de Rafael, Capitão. Prefiro não partilhar o nome honrado de meu pai antes de merecê-lo.

— Um objetivo admirável. Acho que todo homem quer fazer o seu próprio nome, em vez de ficar no passado. Posso compreender, Regis. — Depois de um momento, com um estranho e impulsivo sorriso, Dyan acrescentou: — Deve ser muito agradável ter a honra de um pai para acalentar, um pai que não sobreviveu a seu momento de glória. Sabia, Regis, que meu pai esteve louco durante os últimos vinte anos, incapaz até de reconhecer o rosto do filho?

Regis ouvira alguns rumores sobre o velho Kyril Ardais, que não era visto por ninguém fora do Castelo Ardais havia tanto tempo que a maioria das pessoas nos Domínios já esquecera até sua existência ou que Dyan não era Lorde Ardais, mas apenas Lorde Dyan. Abruptamente, Dyan perguntou, num tom diferente:

— Qual é sua altura?

— Um metro e setenta e oito.

As sobranceiras se altearam numa indagação divertida.

— Já? É verdade, deve ser isso mesmo. Você bebe?

— Só ao jantar, senhor.

— Pois não comece. Há muitos jovens ébrios por aí. Apareça embriagado no serviço e será expulso, não se aceitando desculpas ou explicações. Também está proibido de jogar. Não me refiro, é claro, a apostar umas poucas moedas num jogo de cartas ou de dados, mas jogar quantias substanciais é contra os regulamentos. Já lhe deram um manual de armas? Muito bem, leia-o esta noite. Depois de amanhã será responsável por tudo o que há ali. Mais algumas coisas. Os duelos são absolutamente proibidos, e sacar uma espada ou uma faca contra outro guarda implicará a sua dispensa. Portanto, trate de se controlar, não importa o que aconteça. Não é casado, eu suponho. Já tem um casamento acertado?

— Não que eu saiba, senhor.

Dyan soltou um estranho grunhido desdenhoso.

— Pois trate de aproveitar; seu avô provavelmente vai querer casá-lo antes de o ano terminar. Deixe-me ver... O que faz em suas folgas é só da sua conta, mas não se torne falado. Há um regulamento sobre causar comentários escandalosos em decorrência de um comportamento escandaloso. Não preciso lhe dizer que todos esperam que o herdeiro de um Domínio dê o exemplo, não é mesmo?

— Não, Capitão, não precisa me dizer isso.

Regis ouvira tais exortações durante toda a sua vida e imaginava que o mesmo acontecera com Dyan. Os olhos de Dyan tornaram a se encontrar com os seus, divertidos, simpáticos.

— Não acha injusto, parente? Não ter permissão para reivindicar nenhum dos privilégios do Comyn, mas ainda assim ter de dar o exemplo, por causa do que somos. — Com outra rápida mudança de ânimo, ele voltou a ser o oficial distante. — De um modo geral, fique fora da Zona Terráquea em suas... diversões.

Regis pensou no jovem oficial terráqueo que se oferecera, antes de se despedirem, para lhe mostrar mais do espaço-porto, no momento que quisesse.

— É proibido entrar na Zona Terráquea?

— Claro que não. A proibição não se aplica ao turismo, às compras ou a comer ali, se você gosta de alimentos exóticos. Mas os costumes terráqueos diferem tanto dos nossos que se envolver com

as prostitutas terráqueas, fazer qualquer avanço para elas, constitui um risco. Portanto, evite as encencas. Para ser mais claro... supõe-se que você já é um adulto agora... se gosta de tais aventuras, procure-as no lado darkovano. Pelos infernos de Zandru, meu rapaz, não acha que já está velho demais para corar? Ou ainda não se livrou dos resquícios do mosteiro? — Dyan soltou uma risada. — Educado em Nevarsin, também não sabe nada sobre armas?

Regis ficou satisfeito pela nova mudança de assunto. Disse que recebera algumas lições, e as narinas de Dyan tremeram em desdém.

— Algum velho soldado alquebrado, ganhando umas poucas moedas para ensinar as posições básicas?

— Kennard Alton me ensinou quando eu era criança, senhor.

— Bom, vamos verificar o que você sabe. — Ele gesticulou para um dos oficiais. — Hjalmar, dê-lhe uma espada de exercício.

Hjalmar entregou a Regis uma das espadas de madeira e couro usadas no treinamento. Regis equilibrou-a na mão.

— Senhor, estou um pouco sem prática.

— Não importa — disse Hjalmar, entediado. — Veremos que tipo de treinamento você teve.

Regis ergueu sua espada em saudação. Viu Hjalmar altear uma sobancelha, enquanto ele assumia a posição defensiva que Kennard lhe ensinara, anos antes. No momento em que Hjalmar baixou a espada, Regis percebeu o ponto fraco em sua defesa; fez uma finta, deu um passo para o lado e quase no mesmo instante tocou a coxa de Hjalmar. Reiniciaram o combate. Por um instante, não houve qualquer som além do ruído dos passos, enquanto circulavam um ao outro. Depois, Hjalmar desferiu um golpe rápido, que Regis aparou. Virou sua espada e tocou o ombro do adversário.

— Já chega. — Dyan tirou o colete e levantou-se apenas de camisa. — Dê-me sua espada, Hjalmar.

Regis compreendeu, assim que Dyan levantou a espada de madeira, que o adversário à sua frente não era um amador. Hjalmar, com toda a certeza, era usado para testar cadetes tímidos ou completamente inexperientes, talvez empunhando uma arma pela primeira vez. Dyan era muito diferente. Regis sentiu um aperto na

garganta, recordando os comentários dos cadetes: Dyan gostava de ver as pessoas perturbadas, cometendo alguma estupidez.

Ele conseguiu aparar o primeiro golpe e também o segundo, mas no terceiro sua espada deslizou pela lâmina de madeira virada de Dyan, e a ponta atingiu-o nas costelas, com força. Dyan acenou com a cabeça para que ele continuasse, aparou todos os seus golpes e tornou a atingi-lo, três vezes, em rápida sucessão. Regis ficou vermelho e baixou sua espada. Sentiu a mão do homem mais velho apertar seu ombro.

— Quer dizer que está sem prática?

— É muito, Capitão.

— Pare de se gabar, chiyu. Fez-me suar, e nem mesmo o mestre-de-armas consegue me deixar assim muitas vezes. Kennard ensinou-o muito bem. Eu meio que esperava que você, com essa carinha bonita, só tivesse aprendido danças de salão. Muito bem, rapaz, pode ser dispensado das aulas regulares, mas é melhor se apresentar para exercícios todos os dias. Isto é, se pudermos encontrar alguém para treinar com você. Se não, terá de praticar comigo.

— Seria uma honra, Capitão.

Mas Regis torcia para que Dyan não cumprisse essa promessa. Alguma coisa no olhar intenso e nos elogios zombeteiros do homem mais velho fazia-o sentir-se constrangido, jovem demais. A mão de Dyan apertava seu ombro com força, de uma maneira quase dolorosa. Ele virou Regis lentamente para fitá-lo e declarou:

— Como já tem alguma habilidade com a espada, parente, talvez, se gostar da idéia, eu possa pedir que seja designado para meu assistente. Entre outras coisas, significaria que não precisaria dormir no alojamento.

Regis apressou-se em responder:

— Preferia que não, senhor. — Ele procurou uma desculpa aceitável. — Senhor, é um posto para... um cadete experiente. Se eu for designado de imediato para essa honrosa posição, vai parecer que estou me aproveitando dos meus privilégios, a fim de ser dispensado do que os outros cadetes são obrigados a fazer. Agradeço a honra, Capitão, mas acho que... não devo aceitar.

Dyan inclinou a cabeça para trás e riu. Regis teve a impressão de que a risada áspera soava um pouco como o grito de um falcão, que havia algo de pesadelo no som. Foi dominado por uma estranha sensação de déjà vu, de que aquilo já acontecera antes.

Acabou tão depressa quanto começara. Dyan soltou o ombro de Regis.

— Respeito a sua decisão, parente, e ousou dizer que tem razão. E vejo que já começa a treinar para ser um estadista. Não posso encontrar qualquer falha em sua resposta.

Outra vez a risada de falcão.

— Pode se retirar, cadete. E avise ao jovem MacAran que quero vê-lo.

## Capítulo Seis

(Narrativa de Lew Alton)

O pai ficou acamado durante os primeiros dias da sessão do Conselho, e andei muito ocupado e assediado para dispor de tempo suficiente para os cadetes. Tive de comparecer às reuniões do Conselho, que naquele momento em particular trataram principalmente de alguns aspectos lamentáveis dos acordos comerciais com as Cidades Secas. Mas encontrei tempo para mandar consertar a escada, antes que alguém mais quebrasse a perna ou o pescoço. O que também constituiu um problema: precisei lidar com arquitetos e construtores, os pedreiros nos atrapalharam por vários dias, os cadetes tossiam de manhã à noite com a poeira sufocante, e os veteranos não paravam de resmungar porque tinham de dar uma volta comprida para usar a outra escada.

Muito antes que eu achasse que ele já se recuperara, o pai insistiu em retomar seu lugar no Conselho, de onde saí com a maior satisfação. Pouco depois, ele também voltou ao comando da Guarda, o braço ainda na tipóia, muito pálido e cansado. Desconfiei de que o pai partilhava um pouco da minha apreensão pelo desempenho dos cadetes naquela temporada, mas ele nada me disse. Era uma coisa que me angustiava a todo instante; ressentia-me tanto por causa de meu pai quanto por mim. Se o pai tivesse optado por confiar em Dyan Ardais, talvez eu não me sentisse tão perturbado. Mas tinha a impressão de que ele também fora compelido, e que Dyan desfrutava ter esse poder.

Alguns dias mais tarde, Gabriel Lanart-Hastur chegou de Edelweiss com a notícia de que Javanne tivera gêmeas, às quais dera os nomes de Ariel e Liriel. Com Gabriel ao seu lado, meu pai enviou-me às colinas, com a missão de instituir um novo sistema de faróis de vigia de incêndio, inspecionar os postos estabelecidos desde o tempo do meu avô e instruir o pessoal nas novas técnicas de combate ao fogo. Era o tipo de missão que exigia tato e alguma autoridade do Comyn, a fim de persuadir homens separados por rivalidades de família, às vezes perdurando há gerações, a

trabalharem juntos e em paz. A trégua do fogo é a mais antiga tradição de Darkover, mas, em distritos que foram bastante afortunados para escapar aos incêndios na floresta por séculos, é difícil convencer alguém de que a trégua do fogo deve ser estendida à manutenção das estações e dos faróis.

Eu contava com a plena autoridade de meu pai, o que ajudou muito. A lei do Comyn transcende — ou se espera que transcenda — as brigas pessoais e as rivalidades de família. Levei uma dúzia de guardas, para o trabalho físico, mas era eu quem tinha de conversar, persuadir e acalmar os ânimos quando as antigas divergências escapavam ao controle. Era preciso muito tato e ponderação; também exigia conhecimento das várias famílias, de suas lealdades hereditárias, inter-casamentos e interações, durante as últimas sete ou oito gerações. Já era verão alto quando voltei a Thendara, mas sentia que realizara muita coisa. Cada providência contra a constante ameaça de incêndio na floresta em Darkover me impressiona mais do que todas as ações políticas dos últimos cem anos. É algo que ganhamos com a presença do Império Terráqueo: um grande incremento no conhecimento do combate ao fogo e um intercâmbio de informações com outros planetas de densas florestas sobre os novos métodos de vigilância e proteção.

E nas colinas o nome Comyn significava alguma coisa. Nas proximidades da Cidade Comercial, a influência da Terra erodira o hábito antigo de recorrer ao Comyn em busca de liderança. Mas nas colinas o prestígio do Comyn ainda era imenso. As pessoas não sabiam nem se importavam que eu fosse um bastardo meio-terráqueo. Era o filho de Kennard Alton, e isso era tudo o que lhes interessava. Pela primeira vez, exerci a plena autoridade de um herdeiro do Comyn.

Até acertei uma rivalidade de sangue que se prolongava por três gerações, sugerindo que o filho mais velho de uma família casasse com a filha única da outra, e a terra disputada fosse concedida a seus filhos. Só um lorde do Comyn poderia fazer essa sugestão sem se envolver na briga, mas todos aceitaram. Ao pensar nas vidas que o acordo pouparia, eu me sentia contente pela oportunidade.



Entrei em Thendara numa manhã do verão alto. Ouvira forasteiros dizerem que nosso planeta não tem verão, mas fazia três dias que não nevava, nem mesmo nas horas que antecediam o amanhecer, e isso era verão suficiente para mim. O sol se encontrava oculto pelas nuvens, mas ao descermos do desfiladeiro rompeu entre as camadas, projetando seus raios vermelhos sobre a cidade lá embaixo. Velhos e crianças reuniram-se junto aos portões para nos observar, e me descobri sorrindo. Em parte, sem dúvida, pela perspectiva de poder dormir duas noites seguidas na mesma cama. Mas em parte, também, pelo puro prazer de saber que realizara um bom trabalho. Parecia-me, pela primeira vez na vida, que aquela era a minha cidade, que estava voltando para casa. Não escolhera aquele dever — nascera com ele -, mas não acalentava tanto ressentimento.

Entrando no pátio do estábulo, avistei dois cadetes no serviço de guarda e outros saindo do refeitório. Pareciam muito mais militares, não o amontoado de meninos desajeitados do primeiro dia. Era evidente que Dyan fizera um bom trabalho. É verdade que jamais questioneei sua competência, mas de qualquer forma me senti melhor. Entreguei o animal aos cavaleiros e fui apresentar o relatório a meu pai.

Ele já não mais exibia as ataduras e dispensara a tipóia, mas ainda estava pálido, claudicava mais do que nunca. Usava o traje do Conselho, não o uniforme. Acenou com a mão quando comecei a apresentar o relatório.

— Não há tempo para isso agora. E tenho certeza de que você se saiu tão bem quanto eu próprio seria capaz. Temos problemas aqui. Sente-se muito cansado?

— Não muito. Qual o problema, Pai? Mais distúrbios?

— Não desta vez. Uma reunião do Conselho com o Legado Terráqueo esta manhã. Na cidade, no quartel-general terráqueo.

— Por que ele não comparece à Câmara do Conselho?

Os lordes do Comyn não podiam ir e vir pela vontade dos Terranan! Meu pai balançou a cabeça.

— Foi o próprio Hastur quem pediu a reunião. É mais importante do que você pode imaginar. É por isso que quero que

faça uma coisa por mim. Precisamos de uma guarda de honra. Escolha os integrantes com todo o cuidado. Seria desastroso se a reunião se tornasse um tema de boatos na Guarda... ou em qualquer outro lugar...

— Ora, Pai, qualquer guarda seria obrigado pela honra...

— Na teoria, sim — interrompeu-me ele secamente. — Na prática, porém, alguns merecem mais confiança do que outros, e você conhece os mais jovens melhor do que eu.

Era a primeira vez que ele admitia isso. Sentira a minha falta, precisava de mim. Fiquei feliz, embora ele se limitasse a dizer:

— Escolha guardas ou cadetes ligados pelo sangue ao Comyn, se puder, ou os mais dignos de confiança. Sabe melhor quais deles têm a língua solta.

Gabriel Lanart, pensei, enquanto descia para a sala da Guarda, um parente dos Altons, casado com uma Hastur. Lerrys Ridenow, o irmão mais moço do lorde do Domínio. O velho Di Asturien, cuja lealdade era tão firme quanto as próprias fundações do Castelo Comyn. Encarreguei-o de escolher os veteranos que nos escoltariam pelas ruas — eles não entrariam na sala de reunião, e assim essa escolha não era tão crítica — e fui para os alojamentos dos cadetes.

Era o momento de folga entre o desjejum e o exercício da manhã. Os cadetes do primeiro ano arrumavam suas camas, dois deles varriam o chão e limpavam a lareira. Regis estava sentado na cama do canto, consertando uma bota. Teria sido por fraqueza ou cordialidade que deixara os outros imporem aquele lugar, por baixo da janela, onde mais ventava? Ele se levantou de um pulso, assumindo posição de sentido, quando parei ao pé da cama. Gesticulei para que ficasse à vontade.

— O comandante encarregou-me de escolher uma guarda de honra — anunciei. — É um assunto do Comyn, e creio que nem preciso dizer que nenhuma palavra do que pode ouvir deve transpirar fora da sala do Conselho. Está me entendendo, Regis?

— Estou, sim, Capitão.

Ele era formal, mas percebi curiosidade e excitação em seu rosto. Parecia mais velho, já não tão infantil, não tão tímido. Como eu sabia da minha primeira e atormentada temporada no corpo de

cadetes, uma de duas coisas acontece naqueles dias iniciais. Você cresce depressa... ou volta rastejando para casa, derrotado. Tenho pensado com freqüência que é por isso que se exige que os cadetes sirvam na Guarda por algumas temporadas. Ninguém pode prever quais deles vão sobreviver.

— Como está indo, Regis? Ele sorriu.

— Muito bem.

Regis já ia acrescentar alguma coisa quando Danilo Syrtis, coberto de poeira, saiu de sob sua cama.

— Achei! — exclamou ele. — É evidente que caiu esta manhã, quando eu...

Ele me viu, parou de falar e assumiu posição de sentido.

— Capitão!

— À vontade, cadete, mas é melhor tirar essa sujeira dos joelhos antes de sair para a inspeção. — Ele era protegido de meu pai, e sua família era leal aos Hasturs por gerações. — Você também vai integrar a guarda de honra, cadete. Ouviu o que eu disse a Regis, Dani?

Ele acenou com a cabeça, o rosto ficou vermelho, os olhos faiscaram, e disse com uma formalidade exagerada:

— Sinto-me extremamente honrado, Capitão.

Mas, nas palavras formais, captei excitação, apreensão, curiosidade, uma satisfação inconfundível pela honra.

Inconfundível. Não era a transmissão casual de emoções que posso captar em qualquer grupo, mas um contato firme.

Laran. O rapaz tinha laran, era com certeza um telepata, provavelmente tinha um dos outros dons. Não chegava a ser uma grande surpresa. O pai me dissera que a família tinha sangue Comyn. Regis ajoelhou-se diante de seu baú, procurando o tabardo de couro do uniforme de gala. Quando Danilo já ia seguir seu exemplo, chamei-o a um lado e disse:

— Uma palavra, parente. Não agora... não há urgência... mas em outro momento, quando estiver de folga, procure meu pai, ou Lorde Dyan, se preferir, e peça para ser testado por uma leronis. Eles entenderão. Diga que fui eu quem recomendou. — Virei-me e

acrescentei para os dois: — Assim que estiverem prontos, juntem-se ao pessoal da guarda de honra no portão.

Os lordes do Comyn esperavam no pátio enquanto a guarda de honra se formava. Lorde Hastur num manto azul-celeste, com o emblema do pinheiro prateado. Meu pai, dando ordens em voz baixa ao velho Di Asturien. O Príncipe Derik não estava presente. De qualquer forma, Hastur falaria por ele, como o Regente, mas Derik, aos dezesseis anos, já tinha idade suficiente e o devido interesse para comparecer a uma reunião tão importante.

Edric Ridenow se encontrava ali, o corpulento lorde de Serrais, com sua barba vermelha. Havia também uma mulher, pálida e esguia, envolta por um manto cinza um tanto fino, o capuz protegendo-a de olhos curiosos. Não a reconheci, mas não podia haver a menor dúvida de que se tratava de uma comynara; devia ser uma Aillard ou uma Elhaly, já que apenas esses dois Domínios concedem direitos às suas mulheres, independentemente do Conselho. Dyan Ardais, no escarlate e cinza de seu Domínio, adiantou-se para seu lugar; lançou um rápido olhar para a guarda de honra, parou por um instante ao lado de Danilo e falou em voz baixa. O rapaz corou e ficou olhando fixamente para a frente. Eu já notara que Danilo se tornava vermelho como uma criança quando alguém lhe dirigia a palavra. Perguntei-me que pequeno defeito o mestre-dos-cadetes encontrara em sua aparência ou postura. Eu não percebera nenhum, mas é função do mestre-dos-cadetes notar as trivialidades.

Atraímos olhares surpresos ao atravessar as ruas de Thendara. Malditos terráqueos! Era uma afronta à dignidade do Comyn ser-mos chamados e sairmos correndo!

O Regente não parecia consciente de qualquer perda da dignidade. Avançava no meio da escolta com a energia de um homem da metade de seus anos, o rosto solene e controlado. Mesmo assim, fiquei contente quando alcançamos os portões do espaço-porto. Deixando a escolta do lado de fora, fomos conduzidos, os lordes do Comyn e a guarda de honra, para uma enorme sala no primeiro andar do quartel-general.

Como o costume determinava, entrei primeiro, a espada na mão. Em comparação com a câmara do Conselho, a sala era pequena, mas continha uma grande mesa redonda e muitas cadeiras. Havia alguns terráqueos sentados no outro lado, a maioria em alguma espécie de uniforme. Alguns usavam medalhas, e presumi que tencionavam prestar as honras devidas ao Comyn.

Uns poucos demonstraram considerável apreensão quando entrei com a espada desembainhada, mas o homem de cabelos cinzentos no meio — o que tinha mais medalhas — apressou-se em explicar:

— É o costume deles, o chefe da guarda de honra entrar com a espada na mão. Veio em nome do Regente do Comyn, oficial?

Ele falou em cahuenga, o dialeto das montanhas que se tornara uma língua comum em todo Darkover, das Hellers às Cidades Secas. Levantei a espada em saudação e respondi:

— Capitão Montray-Alton a seu serviço, senhor.

Não avistei armas visíveis em qualquer parte, concluí que não havia necessidade de uma busca adicional e tornei a guardar a espada na bainha. Chamei o resto da guarda de honra, gesticulei para que Regis tomasse uma posição por trás do lugar que seria ocupado pelo Regente, mandei Gabriel ficar na porta e depois introduzi os membros do Conselho, anunciando seus nomes, um a um.

— Danvan-Valentine, Lorde Hastur, Guardiã de Elhaly, Regente da Coroa dos Sete Domínios.

O homem de cabelos cinzentos — presumi que era o Legado Terráqueo — levantou-se e fez uma reverência. Não bastante profunda, mas mais do que eu podia esperar de um terráqueo.

— É uma honra, Lorde Regente.

— Kennard-Gwynn Alton, Lorde Alton, Comandante da Guarda da Cidade.

Ele avançou para seu lugar, claudicando.

— Lorde Dyan-Gabriel, Regente de Ardais. Independentemente dos meus sentimentos pessoais em relação

a ele, não pude deixar de admitir que Dyan era uma figura que impressionava.

— Edric, Lorde Serrais. E...

Hesitei por um instante quando a mulher de manto cinza entrou na sala, e lembrei que não sabia seu nome. Ela sorriu de forma quase imperceptível e murmurou baixinho:

— Mas que vergonha, parente! Não me reconhece? Sou Callina Aillard.

Senti-me um tolo rematado. Claro que eu a conhecia!

— Callina, Dama Aillard... — Hesitei de novo, pois não podia recordar em qual das Torres ela servia como Guardiã. Ela transmitiu a informação por telepatia, com um sorriso divertido por trás do capuz, e arrematei: — ...leronis de Neskaya.

Callina encaminhou-se com tranqüila compostura para o lugar restante. Manteve o capuz encobrendo o rosto, como era o costume para as mulheres solteiras no meio de estranhos. Constatei, com algum alívio, que o Legado fora informado do costume polido entre os darkovanos e instruíra seus homens a não fitá-la diretamente. Também mantive os olhos desviados; ela era minha parenta, mas nos encontrávamos no meio de estranhos. Só vira que ela era franzina, com um rosto solene e pálido.

Depois que todos ocuparam os lugares designados, tornei a desembainhar a espada, fiz uma saudação a Hastur, outra ao Legado, e fui postar-me atrás de meu pai. Um dos terráqueos indagou:

— Agora que tudo isso acabou, podemos tratar de negócios?

— Espere um momento, Meredith — interveio o Legado, contendo a impaciência indevida do homem. — Nobre lordes, minha dama, é uma grande honra que nos concedem. Permitam que me apresente. Meu nome é Donnell Ramsay, e tenho o privilégio de ser o Legado do Império aqui. É meu prazer dar-lhes as boas-vindas. Estes... — Ele indicou os homens ao seu lado. — ...são meus assistentes pessoais, Laurens Meredith e Reade Andrusson. Se algum de vocês não fala cahuenga, nosso homem de ligação, Daniel Lawton, terá o maior prazer em traduzir para o casta. Se pudermos servi-los por qualquer outra forma, basta pedirem. E, se assim desejar, Lorde Hastur — acrescentou ele, com uma reverência -, a

reunião pode ser conduzida de acordo com o protocolo formal, na língua casta. Estamos prontos para aceitar.

Senti-me satisfeito por verificar que ele conhecia os rudimentos da cortesia. Hastur disse:

— Com sua concordância, senhor, dispensaremos o tradutor, a menos que surja algum mal-entendido que ele possa esclarecer. Mas é claro que ele pode permanecer.

O jovem Lawton fez uma reverência. Tinha cabelos vermelhos flamejantes e a aparência do Comyn. Lembrei a informação de que sua mãe fora uma mulher do clã de Ardais. Perguntei-me se Dyan conhecia aquele seu parente e o que pensava a respeito. Era estranho imaginar que o jovem Lawton podia muito bem ser um integrante da guarda de honra. Meus pensamentos divagavam, e tratei de controlá-los enquanto Hastur começava a falar:

— Vim até aqui, Legado, a fim de pedir sua atenção para uma grave violação da Aliança em Darkover. Chegou ao meu conhecimento que, nas montanhas perto de Aldaran, está sendo vendida abertamente uma ampla variedade de armas contrabandeadas. Não apenas dentro dos limites da Cidade Comercial, onde o acordo entre nós permite que seus cidadãos portem as armas que quiserem, mas também na cidade velha de Caer Donn há terráqueos circulando pelas ruas com pistolas de raios e neurais. Também fui informado de que é possível adquirir essas armas naquela cidade e de que já foram vendidas, em diversas ocasiões, a cidadãos darkovanos. Meu informante adquiriu uma dessas armas sem qualquer dificuldade. Creio que não preciso lembrá-lo de que isso constitui uma grave violação da Aliança.

Tive de recorrer a todo o meu autocontrole para manter o rosto impassível apropriado a uma guarda de honra, cujo modelo perfeito é um soldado de brinquedo esculpido, que não ouve nem vê. Será que os terráqueos ousariam até mesmo violar a Aliança?

Compreendi agora por que meu pai queria ter certeza de que nada transpiraria do teor da reunião. Desde a Era do Caos, a Aliança Darkovana banira qualquer arma que tivesse alcance superior ao da mão do homem que a empunhava. Era uma lei fundamental: o homem que matasse devia também se expor à morte. A notícia de

que a Aliança vinha sendo violada representaria um tremendo abalo em Darkover, criaria distúrbios e desconfiança pública, afetaria a confiança da população em seus governantes.

O rosto do Legado nada deixou transparecer, mas alguma coisa, uma contração ínfima dos olhos e da boca, me indicou que aquilo não era novidade para ele.

— Não é da nossa conta impor o cumprimento da Aliança em Darkover, Lorde Hastur. A política do Império é manter uma posição de absoluta neutralidade em relação às disputas locais. Nossas operações em Caer Donn e na Cidade Comercial que ali existe são com Lorde Kermiac de Aldaran. Foi-nos deixado bem claro que o Comyn não tem jurisdição sobre as montanhas próximas de Aldaran. Fui mal informado? O território de Aldaran está sujeito às leis do Comyn, Lorde Hastur?

Hastur respondeu num tom incisivo:

— Aldaran não é um Domínio do Comyn há muitos anos, sr. Ramsay. Mesmo assim, a Aliança não pode ser considerada uma decisão local. Embora Aldaran não esteja sob a nossa lei...

— Foi o que imaginei, senhor — disse o Legado. — Portanto...

— Desculpe-me, sr. Ramsay, mas ainda não acabei.

Hastur estava irritado. Eu tentava manter a mente defendida, como faz qualquer telepata na presença de tantas pessoas, mas não podia excluir tudo. O rosto calmo de Hastur não se alterou em nada, mas sua raiva era como o brilho distante de um incêndio na floresta, contra o horizonte. Ainda não constituía um perigo, mas já era uma ameaça distante. Ele continuou a falar:

— Corrija-me se eu estiver errado, sr. Ramsay, mas não é verdade que quando o Império negociou que Darkover seria incluído na Classe D, Mundo Fechado... — A linguagem técnica soava estranha em sua língua, e ele dava a impressão de que a falava com aversão. -

...que uma das condições para o uso e arrendamento do espaçoporto e para a conversão de Porto Chicago, Caer Donn e Thendara em Cidades Comerciais foi o absoluto respeito à Aliança fora dos seus limites e um controle total sobre o contrabando de armas? Com base nesse acordo, pode declarar com toda a



sinceridade que não é da sua conta impor o cumprimento da Aliança em Darkover, senhor?

— Nós assim agimos nos Domínios do Comyn e sob a Lei do Comyn, Lorde Hastur, com um considerável esforço e despesa de nossa parte. Preciso lembrá-lo de que um dos nossos homens foi ameaçado de assassinato, há pouco tempo, porque estava sem armas e indefeso numa sociedade que espera que todo homem lute e se defenda?

Dyan Ardais interveio, em tom ríspido:

— O episódio que menciona foi desnecessário. Cabe ressaltar que o homem ameaçado de assassinato já assassinara um dos nossos Guardas, numa discussão tão trivial que um menino darkovano de doze anos se envergonharia de achar que era mais do que uma piada. Depois, esse assassino terráqueo escondeu-se por trás de seu notório estado de desarmado... — Nem mesmo um terráqueo podia deixar de perceber o escárnio. — ...para recusar um desafio legal pelo irmão do guarda assassinado. Se os seus homens escolhem sair desarmados, senhor, tornam-se os únicos responsáveis por seus atos.

Reade Andrusson protestou:

— Eles não escolhem sair desarmados, Lorde Ardais. Somos obrigados pela Aliança a privá-los das armas a que estão acostumados.

— Pelas nossas leis, eles podem carregar quaisquer armas éticas que escolherem — insistiu Dyan. — Não podem se queixar de que estão desarmados quando são eles próprios que preferem assim.

Fitando Dyan com um ar pensativo, o Legado disse:

— Nossos homens andam desarmados, Lorde Ardais, em obediência às nossas leis. Temos uma posição firme, refletida nas leis, contra retalhar pessoas com espadas e facas.

— Está alegando, senhor, que de alguma forma um homem fica menos morto se é alvejado de uma distância segura, sem derramamento de sangue visível? — indagou Hastur, veemente. — A morte é mais pura quando parte de um assassino que se mantém fora do alcance de sua própria morte?

Mesmo em meio a minhas barreiras, sua angústia era tão violenta, tão palpável, que parecia um longo gemido de desespero; eu sabia que ele pensava no próprio filho, explodido em fragmentos por armas contrabandeadas, morto por um homem cujo rosto nunca vira! Era tão intenso o grito de agonia que vi Danilo, impassível por trás de Lorde Edric, estremecer e contrair os punhos nos lados do corpo, deixando as articulações esbranquiçadas; meu pai ficou pálido e abalado; a boca de Regis se contraiu, e ele piscou várias vezes. Não dava para imaginar como os terráqueos ignoravam tamanho sofrimento. Mas a voz de Hastur continuou firme, sem trair coisa alguma para os alienígenas:

— Proibimos essas armas de covarde para garantir que qualquer homem que matasse alguém visse o sangue de sua vítima correr e assumisse o risco de perder a própria vida, se não nas mãos de sua vítima, então pelas mãos da família ou de amigos da vítima.

O Legado respondeu:

— Esse assunto já foi definido há bastante tempo, Lorde Regente, mas devo lembrá-los de que nos dispusemos a processar nosso homem por matar um dos seus guardas. Não podíamos, porém, expô-lo aos desafios dos parentes do morto, um depois de outro, ainda mais quando era mais do que evidente que fora o guarda quem provocara o conflito original.

— Qualquer homem que encontrasse provocação numa ocorrência tão trivial devia ser mesmo desafiado — declarou Dyan -, mas os terráqueos escondem-se por trás de suas leis e renunciam à sua responsabilidade pessoal! Assassinato é uma questão particular, e nada tem a ver com as leis!

O Legado contemplou-o com o que poderia ser uma aversão franca, se fosse um pouco menos controlado.

— Nossas leis são feitas por acordo e consenso, e, quer as aprove ou não, Lorde Ardais, não serão alteradas para fazer com que um assassinato seja uma questão de vendeta particular e duelos individuais. Mas não é isso o que está em discussão aqui.

Tive de admirar seu controle, a maneira firme pela qual interrompeu Dyan. Minhas barreiras, já enfraquecidas pela intensidade da angústia de Hastur, estavam agora reduzidas a quase

nada; pude sentir o desdém de Dyan como uma risada escarninha audível.

Consegui recompor um pouco as barreiras, enquanto Hastur tornava a silenciar Dyan, lembrando-lhe que o incidente já fora resolvido.

— Não foi resolvido, mas abafado — protestou Dyan, desdenhoso.

Mas Hastur conteve-o com firmeza, insistindo em que havia uma questão mais importante a ser resolvida. Quando tornei a prestar atenção à conversa, o Legado estava dizendo:

— Lorde Hastur, a questão é ética, não legal. Cumprimos as leis do Comyn dentro de sua jurisdição. Em Caer Donn e nas Hellers, onde as leis são feitas por Lorde Aldaran, cumprimos as leis que ele determina. Se Lorde Aldaran não se dá o trabalho de respeitar a Aliança que vocês tanto prezam, não é da nossa conta policiar o cumprimento por ele... nem por vocês.

Callina Aillard interveio, em voz calma e incisiva:

— Sr. Ramsay, a Aliança não é absolutamente uma lei, em seu sentido. Creio que nenhum de nós compreende direito o que outro quer dizer ao falar em lei. A Aliança tem sido a base ética da história e da cultura de Darkover há centenas de anos; nem Kermiac de Aldaran nem qualquer outro homem em nosso planeta tem o direito de ignorá-la ou desobedecer a ela.

— Deve discutir esse problema direito cora Aldaran, minha dama — disse Ramsay. — Ele não é um súdito do Império, não tenho qualquer autoridade sobre sua pessoa. Se querem que ele mantenha a Aliança, terão de obrigá-lo diretamente.

Edric Ridenow falou pela primeira vez:

— É sua responsabilidade, Ramsay, cumprir o acordo com o nosso mundo. Tenciona se esquivar a esse dever com evasivas?

— Não me esquivo a qualquer responsabilidade dentro do âmbito de meus deveres, Lorde Serrais, mas não tenho a menor obrigação de resolver suas divergências com Aldaran. Parece-me que seria usurpar a responsabilidade do Comyn.

Dyan tornou a abrir a boca, mas Hastur gesticulou para que ele se mantivesse calado.

— Não precisa me ensinar quais são minhas responsabilidades, sr. Ramsay. O acordo do Império com Darkover, com a conseqüente abertura do espaço-porto, foi celebrado com o Comyn, não com Kermiac de Aldaran. Uma das condições foi o cumprimento da Aliança; e tencionamos impô-lo, não apenas nos Domínios, mas em todo Darkover. Detesto recorrer a ameaças, senhor, mas, se insiste em seu direito de violar nosso acordo, tenho autoridade para fechar o espaço-porto até o momento em que tudo venha a ser resolvido.

— Isso não é razoável, senhor — disse o Legado. — Declarou que a Aliança não é uma lei, mas sim uma preferência ética. Também detesto recorrer a ameaças, mas, se assumir esse curso, tenho certeza de que minhas próximas ordens do Centro Administrativo seriam para negociar um novo acordo com Kermiac de Aldaran e transferir o quartel-general do Império para a Cidade Comercial de Caer Donn, onde não precisaremos nos preocupar com os escrúpulos do Comyn.

— Afirmou que está proibido de tomar partido nas decisões políticas locais — comentou Hastur, amargurado. — Compreende que essa atitude lançaria toda a força do Império contra a própria existência da Aliança?

— Não me deixa alternativa, senhor.

— Não sabe que isso acarretaria a guerra? Não uma guerra promovida pelo Comyn, mas seria inevitável com o abandono da Aliança. Há muito tempo que não temos guerras aqui. Pequenas escaramuças apenas. O respeito à Aliança tem mantido os combates dentro de limites admissíveis. Quer a responsabilidade por desencadear um tipo de guerra diferente?

— Claro que não. — Ramsay não era telepata, por isso suas emoções eram meio indefinidas, mas deu para perceber que se sentia angustiado. Essa reação me fez simpatizar com ele, pelo menos um pouco. — Quem poderia querer?

— Contudo, esconde-se por trás de suas leis, ordens e superiores, e deixa nosso mundo mergulhar na guerra outra vez? Tivemos a nossa Era do Caos, Ramsay, que foi encerrada pela Aliança. Isso nada significa para você?

O terráqueo fitou Hastur nos olhos. Captei uma insólita imagem mental, projetada por alguém na sala, de que eram como duas torres enormes se enfrentando, o Castelo Comyn e o quartel-general terráqueo, fitando-se através do vale, gigantescas figuras blindadas, prontas para o combate singular. A imagem perdeu o foco, desapareceu, eram apenas dois velhos, ambos poderosos, ambos dominados por uma integridade obstinada, cada um fazendo o melhor por seu lado. Ramsay respondeu:

— Significa muito para mim, Lorde Hastur. Devo ser franco. Se houvesse aqui uma guerra de grandes proporções, as Cidades Comerciais teriam de ser fechadas, no cumprimento de nossa lei contra a interferência. Não quero transferir o espaço-porto para Caer Donn. A primeira instalação foi ali, há muitos anos. Quando o Comyn nos ofereceu este lugar, mais conveniente, na planície de Thendara, ficamos satisfeitos por abandonar as operações em Caer Donn, exceto pelo comércio e por um movimento restrito de transporte. A localização em Thendara tem sido de benefício mútuo. Se formos obrigados a voltar a Caer Donn, teríamos de reformular todo o tráfego, reconstruir nosso quartel-general nas montanhas, onde o clima é mais desfavorável para os terráqueos, e, acima de tudo, depender de estradas inadequadas e de uma região inóspita. Não quero isso, e faremos qualquer coisa razoável para evitá-lo.

— Sr. Ramsay, não exerce o comando sobre todos os terráqueos em Darkover? — perguntou Dyan.

— A informação não é precisa, Lorde Dyan. Sou um legado, não um ditador. Minha autoridade é principalmente sobre o pessoal do espaço-porto, e apenas em questões que, por um motivo ou outro, transcendam a competência de seus departamentos de pessoal específicos. Minha principal função é manter a ordem na Cidade Comercial. Além disso, tenho a autorização da Administração Central para tratar com os cidadãos darkovanos, por intermédio de seus governantes constituídos. Não tenho autoridade sobre qualquer cidadão darkovano, exceto por uns poucos empregados civis que aceitaram trabalhar para nós, nem sobre qualquer cidadão do Império que venha aqui para fazer negócios, a não ser para determinar se sua atividade é legítima num mundo da Classe D.

Posso também interferir se a operação perturbar a paz entre Darkover e o Império. Mas, a menos que alguém me solicite, não tenho autoridade fora da Cidade Comercial.

Parecia complicado demais. Como o Império conseguia efetuar suas operações? Meu pai ainda não dissera nada; então levantou a cabeça e disse bruscamente:

— Pois não estamos solicitando sua interferência. Esses cidadãos do Império que vendem pistolas de raios no mercado de Caer Donn não estão fazendo um negócio legítimo para um Mundo Fechado da Classe D. Sabe disso tão bem quanto eu. Cabe a você tomar uma providência, e tem de agir agora. Isso se inclui em suas responsabilidades.

— Se a violação fosse cometida aqui em Thendara, Lorde Alton, eu agiria com o maior prazer. Mas não posso fazer nada em Caer Donn se Lorde Kermiac de Aldaran não apresentar uma solicitação.

Meu pai ficou furioso, uma raiva intensa que poderia deixar o Legado inconsciente, se ele não fizesse um grande esforço para controlá-la.

— Sempre a mesma história antiga da Terra... a transferência de responsabilidade. Vocês são como crianças naquele jogo das castanhas quentes, jogando-as de um para outro e tentando não se queimar. Passei oito anos na Terra e nunca encontrei nenhum homem que me fitasse nos olhos e dissesse: "Isto é responsabilidade minha, e a aceitarei, quaisquer que sejam as conseqüências".

Ramsay parecia consternado.

— Está querendo dizer que é responsabilidade do Império... ou minha... policiar seus sistemas éticos?

— Sempre achei que o comportamento ético era uma responsabilidade de todos os homens honestos — comentou Callina, a voz serena e incisiva.

Hastur acrescentou:

— Uma de nossas leis fundamentais, senhor, qualquer que seja a definição de lei, é a de que o poder de agir confere a responsabilidade de agir. Ocorre o contrário com os terráqueos?

O Legado apoiou o queixo nas mãos cruzadas.

— Posso admirar essa filosofia, Lorde Regente, mas devo respeitosamente me recusar a debatê-la. Estou preocupado neste momento em evitar grandes inconveniências para as nossas sociedades. Investigarei um pouco mais o assunto para determinar o que pode ser feito, dentro da lei, sem interferir nas suas decisões políticas. E, se me permite uma sugestão respeitosa, acho que deve conversar a respeito com Kermiac de Aldaran. Talvez possa persuadi-lo a aceitar sua posição, e ele assuma o encargo de acabar com o tráfico de armas nas áreas em que é a suprema autoridade legal.

A sugestão me deixou chocado. Negociar com aquele Domínio renegado, exilado do Comyn há gerações? Mas ninguém parecia tão chocado quanto eu com a sugestão.

— Claro que vamos discutir o problema com Lorde Aldaran, senhor — declarou Hastur. — E, como se recusa a assumir a responsabilidade social pelo cumprimento do acordo por todo Darkover, talvez eu leve o assunto ao Supremo Tribunal do Império. Se for decidido ali que o acordo com Darkover inclui o cumprimento da Aliança em todo o planeta, sr. Ramsay, tenho a sua garantia de que vai fazer a sua parte?

Especulei se o Legado percebia o desdém absoluto na voz de Hastur pelo fato de um homem precisar receber ordens de uma autoridade suprema para impor o comportamento ético. Quase me envergonhei do meu sangue terráqueo. Mas, se Ramsay notou o desprezo, nada revelou.

— Se eu receber ordens nesse sentido, Lorde Hastur, pode ter certeza de que as cumprirei com rigor. E permita-me dizer que não ficaria insatisfeito se recebesse tais ordens.

Mais algumas palavras foram trocadas, quase todas cortesias formais. Mas a reunião fora encerrada, e tive de controlar meus pensamentos, reunir a guarda de honra, conduzir os membros do Conselho para fora do quartel-general e do espaço-porto, ao longo das ruas de Thendara. Podia sentir os pensamentos de meu pai, como sempre acontecia quando estávamos próximos.

Ele pensava que, sem dúvida, lhe caberia a missão de ir a Aldaran. Kermiac o receberia, pelo menos como parente de minha

mãe. E senti um cansaço extremo, como dor, no pensamento. Aquela viagem as Hellers era terrível, mesmo no alto verão; e o verão já se aproximava do fim. O pai refletia que não poderia esquivar-se ao seu dever. Hastur era velho demais. Dyan não era um diplomata, tentaria resolver o problema desafiando Kermiac para um duelo. Mas quem mais havia? Os rapazes Ridenow ainda eram muito inexperientes...

Pareceu-me, enquanto seguia meu pai pelas ruas de Thendara, que quase todos no Comyn eram velhos demais ou jovens demais. O que aconteceria com os Domínios?

Seria mais fácil se eu estivesse absolutamente convencido de que os terráqueos eram os culpados por todo o mal, que deveríamos enfrentá-los. Contra a minha vontade, porém, descobria que havia alguma sensatez no que Ramsay dissera. Leis rigorosas, sem poder demais concentrado em um único par de mãos, pareciam-me uma forte barreira contra o tipo de corrupção com que nos defrontávamos agora. E uma determinada lei básica a que se pudesse recorrer quando os homens não merecessem confiança. Os homens, como eu comprovara quando o comando dos cadetes fora entregue a Dyan, eram falíveis com muita freqüência, agindo por conveniência e não pela honra de que tanto falavam. Ramsay podia hesitar em agir sem ordens, mas pelo menos agia com base na responsabilidade de homens e de leis que julgava mais sábios do que ele. E havia também um controle do poder, pois ele sabia que, se agisse por sua própria iniciativa e responsabilidade, contra a vontade de cabeças mais sensatas, seria afastado antes de poder causar muitos danos. Mas quem poderia controlar o poder de Dyan? Ou o de meu pai? Eles tinham o poder de agir, e assim contavam com o direito de fazê-lo.

E quem podia questionar seus motivos ou dar um basta a seus atos?



## Capítulo Sete

O dia permaneceu claro e sem nuvens. Ao pôr-do-sol, Regis saiu para a varanda alta, de onde se descortinava toda a cidade e o espaço-porto. O sol poente transformava a cidade lá embaixo num padrão reluzente de paredes vermelhas e janelas facetadas. Danilo comentou:

— Parece a cidade mágica dos contos de fadas.

— Não há nada de mágico aqui — disse Regis. — Foi o que aprendemos esta manhã, na guarda de honra. Lá está a nave que decola todos os dias a esta hora. É muito pequena para ser uma nave estelar. Para onde será que vai?

— Talvez Porto Chicago ou Caer Donn. Deve ser estranho ter de enviar mensagens a outras pessoas por escrito, em vez de usar as mentes ligadas, como fazemos, por meio das Torres. E deve ser ainda mais estranho nunca saber o que as outras pessoas estão pensando.

É isso mesmo, pensou Regis. Dani era um telepata. Subitamente, ele compreendeu que estivera em contato com Dani várias vezes, e parecera tão normal que nenhum dos dois reconhecera como telepatia. Hoje, diante do Conselho, fora diferente, muito diferente. Ele devia ter laran, no final das contas... mas como e quando, depois da tentativa fracassada de Lew?

E foi então que as indagações e dúvidas ressurgiram. Havia muitos telepatas presentes, irradiando laran em todas as direções, até mesmo um não-telepata poderia ter captado. Não significava coisa alguma. Regis sentiu-se angustiado, em parte esperando desesperado que não mais ficasse isolado, em parte temendo que isso continuasse a acontecer.

Ele tornou a contemplar a cidade. Era a hora de folga, em que um cadete podia ir aonde quisesse, desde que não estivesse de serviço ou sob alguma punição. A manhã e a primeira parte da tarde eram consumidas em treinamentos, de esgrima e combate desarmado, nos diversos conhecimentos militares de que mais tarde precisariam, como guardas, na cidade e nos campos. Ao final da

tarde, cada cadete tinha de cumprir deveres especiais. Danilo, que tinha a melhor letra entre todos os cadetes, fora designado para ajudante do oficial de suprimentos. Regis tinha a missão relativamente subalterna de sair em patrulha pela cidade, com um ou dois veteranos experientes, a fim de manter a ordem nas ruas, prevenir brigas, desencorajar os ladrões. Descobrira que gostava desse serviço, apreciava a própria idéia de manter a ordem na cidade do Comyn.

A vida no corpo de cadetes não era insuportável, como ele receara. Não se importava com a cama dura, com a comida ordinária, com as contínuas exigências a seu tempo. A disciplina em Nevarsin era ainda mais rigorosa, e a vida no alojamento era fácil, em comparação. O que mais o perturbava era sempre se encontrar cercado por outros e ainda assim permanecer solitário, isolado por um abismo que não era capaz de transpor.

Desde o primeiro dia, ele e Danilo se haviam unido, a princípio por acaso, já que suas camas eram lado a lado, e nenhum dos dois tinha outro amigo no alojamento. Os oficiais logo passaram a juntar os dois nos serviços que precisavam de duplas, como a faxina do alojamento, na qual os cadetes se revezavam; e como Danilo e Regis eram mais ou menos da mesma altura e peso, também eram unidos nos treinamentos de combate desarmado. No grupo do primeiro ano, eram chamados com jovialidade, embora num tom um pouco desdenhoso, de "irmãos de clausura", porque falavam casta por opção, em vez de cahuenga, como os monges de Nevarsin.

A princípio, passavam muito do tempo de folga também juntos. Não demorou muito, porém, para Regis notar que Danilo procurava cada vez menos a sua companhia e se perguntar se fizera alguma coisa que ofendera o amigo. Depois, por acaso, ouvira um cadete do segundo ano dar os parabéns a Danilo, em tom de escárnio, por sua esperteza em escolher um amigo. Alguma coisa na expressão de Danilo lhe revelara que não era a primeira vez que se fazia essa zombaria. Regis sentira vontade de fazer algo, defender Danilo, agredir o outro cadete, qualquer coisa. Pensando melhor, compreendera que tal atitude seria ainda mais embaraçosa para Danilo e daria uma impressão completamente falsa. Nenhuma

zombaria, ele concluiria, poderia deixar Danilo mais magoado. O rapaz era pobre, sem dúvida, mas a família Syrtis era antiga e honrada, nunca precisara adular para obter favores e vantagens. Desde esse dia, Regis passara a tomar iniciativa das aberturas... o que não era fácil, pois era tímido e tinha um medo angustiante de rejeição. Tentara deixar bem claro, pelo menos para o amigo, que era ele quem procurava a companhia de Danilo, sentia a maior satisfação em sua amizade. Hoje, fora ele quem sugerira que subissem à varanda no alto do Castelo Comyn, de onde poderiam avistar a cidade e o espaço-porto.

O sol começava a mergulhar no horizonte agora, e o crepúsculo espalhou-se pelo céu. Danilo disse:

— É melhor voltarmos para o alojamento.

Regis relutava em deixar o silêncio ali, a sensação de paz, mas sabia que Danilo tinha razão. Num súbito impulso, ele confidenciou:

— Dani, quero lhe contar uma coisa. Depois de passar os três anos na Guarda... tenho de fazê-lo, foi uma promessa... pretendo partir para outro mundo. Ir para o espaço. Ingressar no Império.

Dani ficou espantado.

— Porquê?

Regis abriu a boca para apresentar seus motivos, mas se descobriu de repente sem saber o que dizer. Por quê? Não sabia direito. Exceto que era um mundo estranho e diferente, com o excitação do desconhecido. Um mundo que não o lembraria, a cada momento, de que nascera privado de sua herança, sem laran. Mas depois de hoje...

O pensamento era perturbador. Se, na verdade, ele tinha laran, então não havia mais motivos. Ainda assim, não queria renunciar ao sonho. Não podia expressar em palavras, mas era evidente que Danilo não esperava nenhuma.

— Você é um Hastur, Regis. Acha que vão deixá-lo partir?

— Tenho a promessa de meu avô de que não vai se opor, se eu ainda quiser partir depois de três anos.

Ele se descobriu pensando, com uma pontada de angústia, que nunca permitiriam sua partida se tivesse mesmo laran. A antiga atração pelo desconhecido tornou a dominá-lo; estremeceu ao

decidir que não deixaria os outros saberem. Danilo sorriu, hesitante, e disse:

— Quase o invejo. Se meu pai não fosse tão velho ou se tivesse outro filho para cuidar dele, eu iria com você. Seria maravilhoso se pudéssemos partir juntos.

Regis sorriu também. Não podia encontrar palavras para exprimir o prazer que aquelas palavras lhe proporcionaram. Mas Danilo acrescentou, pesaroso:

— Ele precisa de mim, porém. Não posso deixá-lo enquanto estiver vivo. E de qualquer maneira... — Danilo soltou uma risada curta. — ...por tudo o que ouvi falar, nosso mundo é melhor do que o deles.

— Ainda assim, deve haver coisas que podemos aprender. Kennard Alton foi para a Terra e passou anos ali.

— É verdade, mas apesar disso ele voltou. — Danilo olhou o sol. — Vamos nos atrasar. Não quero ter nenhum demérito; é melhor nos apressarmos.

Estava escuro no poço da escada que descia entre as torres do castelo, e nenhum dos dois avistou um homem alto descendo pela escada no outro lado, até que todos colidiram, de forma um tanto brusca, lá embaixo. O outro homem se recuperou primeiro, pegou Regis pelo cotovelo e torceu seu braço de leve. Estava muito escuro para ver, mas Regis sentiu, pelo contato, a presença de Lew Alton. A experiência era tão nova, um autêntico choque, que ele piscou aturdido, não foi capaz de se mover por um momento.

— E agora, se estivéssemos na sala da Guarda, eu o jogaria no chão, só para ensinar o que deve fazer quando é surpreendido no escuro — disse Lew, em tom jovial. — Não sabe que se deve manter sempre alerta, Regis, até mesmo nas folgas?

Regis ainda se encontrava muito abalado e surpreso para falar. Lew largou seu braço e indagou, com súbita consternação:

— Eu o machuquei, Regis?

— Não... mas...

Ele se descobriu outra vez incapaz de falar, por causa de sua agitação. Não vira Lew. Não ouvira sua voz. Ele apenas o tocara, no escuro, e fora mais claro do que ver e ouvir. Por alguma razão, isso

lhe incutia uma ansiedade quase insuportável, que não podia compreender.

Lew sentiu a aflição que ele experimentava. Virou-se para Danilo e perguntou, muito cordial:

— E você, Dani, já aprendeu a andar atento para evitar que alguém o surpreenda por trás e o derrube?

— Já, sim — respondeu Danilo, rindo. — Gabriel... o Capitão Lanart-Hastur... tentou me surpreender ontem. Mas consegui bloqueá-lo, e ele não foi capaz de me derrubar. Apenas me ensinou o golpe que usara.

Lew também riu.

— Gabriel é o melhor lutador da Guarda. Tive de aprender da maneira mais dura. Fiquei com equimoses por todo o corpo. Cada oficial achava que eu era o mais fácil de derrubar. Depois que tive o braço deslocado... por um acidente... — A impressão de Regis foi a de que ele ia dizer outra coisa. — ...Gabriel sentiu pena de mim e me ensinou alguns dos seus segredos. De modo geral, no entanto, eu preferia me manter fora do alcance dos oficiais. Aos quatorze anos, era menor do que você, Dani.

A angústia de Regis já se desvanecera um pouco, e ele comentou:

— Só que não é tão fácil assim manter-se a distância.

— Sei disso — concordou Lew. — Creio que eles devem ter bons motivos. É um treinamento eficiente, mantém o cadete alerta durante todo o tempo. Senti-me grato por isso mais tarde, quando comecei a sair em patrulhas e precisava enfrentar bêbados corpulentos e brigões com o dobro do meu tamanho. Mas podem estar certos de que não gostei do aprendizado. Lembro que o pai me disse uma ocasião que era melhor ser machucado um pouco por um amigo do que ser gravemente ferido, algum dia, por um inimigo.

— Não me importo de ficar machucado — declarou Danilo, e Regis compreendeu, com sua nova e insuportável percepção, que sua voz tremia, como se ele estivesse prestes a chorar. — Fiquei com o corpo todo machucado quando aprendia a montar. Dá para suportar. Mas não gosto quando... quando alguém acha que é engraçado me ver sofrer uma queda. Não me importei quando

Lerrys Ridenow me agarrou ontem e me jogou pela metade da escada, porque ele disse que aquele era o lugar mais perigoso para ser atacado e que eu deveria sempre me manter prevenido num local assim. Não me importo quando tentam me ensinar alguma coisa. É para isso que estou aqui. Mas, de vez em quando, alguém parece gostar... de me machucar ou de me assustar.

Haviam deixado a escada agora, caminhavam ao longo de uma colunata aberta; Regis podia ver o rosto de Lew, que exibia uma expressão sombria.

— Sei que isso acontece — disse ele. — E também não compreendo. Nunca fui capaz de entender por que algumas pessoas pensam que transformar um rapaz num homem significa convertê-lo num bruto. Se estivéssemos na sala da Guarda, eu me sentiria compelido a jogar Regis a três metros de distância e acho que não seria mais gentil do que qualquer outro oficial. Mas também não gosto de machucar pessoas quando não há necessidade. Creio que o mestre-dos-cadetes me julgaria vergonhosamente relapso em meus deveres. Não contem nada a ele, está bem?

Lew sorriu de repente, pôs a mão no ombro de Danilo por um momento e apertou de leve.

— E agora vocês dois devem se apressar, pois já estão atrasados. Ele entrou num corredor à direita e se afastou. Os dois cadetes

seguiram em frente, apressados. Regis refletiu que nunca imaginara que Lew se sentia assim. Deviam ter sido duros com ele, Dyan em particular. Mas como ele sabia disso?

— Gostaria de que todos os oficiais fossem como Lew — comentou Danilo. — Você não preferia também que ele fosse o mestre-dos-cadetes?

Regis acenou com a cabeça.

— Mas não creio que Lew quisesse ser o mestre-dos-cadetes. É pelo que ouvi dizer, Dyan dá muita importância à honra e à responsabilidade. Ouviu-o falar no Conselho.

Danilo fez uma careta.

— De qualquer forma, você não precisa se preocupar. Lorde Dyan gosta de você. Todo mundo sabe disso.

— Está com inveja? — indagou Regis, jovial.

— Você é do Comyn, merece um tratamento especial.

As palavras constituíam um súbito e doloroso lembrete da distância entre os dois, uma distância que Regis quase deixara de sentir. E o magoaram.

— Não seja tolo, Dani. Refere-se ao fato de ele me usar como parceiro no treinamento com a espada? É uma honra que eu trocaria com você com o maior prazer! Se pensa que recebo dele afagos de afeto, dê uma olhada em meu corpo nu um dia desses... terei o maior prazer em lhe mostrar as marcas dos afagos de afeto de Dyan!

Ele estava completamente despreparado para o rubor intenso que se espalhou pelo rosto de Danilo, a raiva repentina e intensa que o fez virar para confrontar Regis.

— O que está querendo insinuar com esse comentário?

Regis ficou aturdido.

— Apenas que o treinamento de espada com Lorde Dyan é uma honra que eu dispensaria com a maior satisfação. Ele é muito mais rigoroso do que o mestre-de-armas e bate com muito mais força! Olhe para as minhas costelas e vai verificar que estou todo roxo, dos ombros aos joelhos! O que pensou que eu quis insinuar?

Danilo virou-se, sem responder. Limitou-se a dizer:

— Estamos atrasados. É melhor correremos.

Regis passou as primeiras horas da noite era patrulha nas ruas da cidade, junto com Hjalmar, o jovem e gigantesco guarda que fora o primeiro a testar seus conhecimentos de esgrima. Apartaram dois homens brigando, levaram um bêbado desordeiro para a cadeia, orientaram meia dúzia de camponeses perdidos para a estalagem em que haviam deixado seus cavalos e gentilmente lembraram a umas poucas mulheres vagueando que as meretrizes eram obrigadas por lei a permanecer apenas em determinados distritos. Uma noite tranqüila em Thendara. Ao voltar à sala da Guarda para entrar de folga, encontraram Gabriel Lanart e meia dúzia de oficiais, que planejavam visitar uma pequena taverna, perto dos portões. Regis já ia retirar-se para o alojamento quando Gabriel o deteve.

— Venha conosco, irmão. Deve ver mais da cidade do que é possível pela janela do alojamento.

Assim convidado, Regis saiu com os homens mais velhos. A taverna era pequena e enfumaçada, repleta de guardas de folga. Regis sentou ao lado de Gabriel, que se deu o trabalho de lhe ensinar o jogo de cartas que realizavam. Era a primeira vez que Regis se encontrava na companhia dos oficiais mais velhos. Permaneceu em silêncio durante a maior parte do tempo, escutando muito mais do que falava, mas era agradável ser aceito naquela companhia.

Lembrou-se, apenas um pouco, dos verões que passara em Armida. Nunca ocorrera a Kennard, a Lew ou ao velho Andres tratar o garoto solene e precoce como uma criança. Essa aceitação prematura entre homens mais velhos o deixara em descompasso, provavelmente para sempre, ele refletiu agora, com remota tristeza, com os rapazes de sua idade. Agora, porém — e o conhecimento era como se um peso fosse removido de seus ombros -, sabia que se sentia à vontade entre homens. Era como se respirasse livre pela primeira vez desde que o avô o pressionara, com apenas uns poucos minutos de preparativo, a ingressar no corpo de cadetes.

— Está muito quieto, parente — comentou Gabriel, enquanto voltavam, juntos. — Bebeu demais? É melhor dormir um pouco. Amanhã já estará recuperado.

Ele desejou boa-noite em tom cordial e foi para seu alojamento. O oficial de serviço no turno da noite declarou:

— Chegou com alguns minutos de atraso, cadete. Como é a sua primeira violação, não vou incluí-lo no relatório desta vez. Mas não faça isso de novo. As luzes já foram apagadas no alojamento do primeiro ano; terá de se despir no escuro.

Regis seguiu para o alojamento, os passos um tanto trôpegos. Gabriel tinha razão, pensou ele, surpreso e não de todo insatisfeito, bebera demais. Não estava acostumado a beber qualquer coisa e naquela noite tomara vários copos de vinho. Ao tirar as roupas, ao luar, compreendeu que se sentia confuso e desfocado. Refletiu, com uma estranha vaguidão, que fora um dia significativo, mas ainda não sabia o que tudo representava. O Conselho. A descoberta um tanto



chocante de que fizera contato com a mente do avô e de que reconhecera Lew pelo contato, sem o ver nem ouvir. A inesperada meia-discussão com Danilo. Aumentava a confusão que sentia e que era mais do que mera embriaguez. Especulou se haviam posto kirian em seu vinho, ouviu-se rir alto ao pensamento e depois mergulhou num sono irrequieto, dominado por pesadelos.

...Voltara a Nevarsin, ao frio dormitório dos estudantes, onde no inverno a neve entrava pelas persianas de madeira e se acumulava nas camas dos noviços. No sonho, como acontecera de fato uma ou outra vez, dois ou três estudantes deitavam na mesma cama, partilhando mantas e o calor do corpo contra o frio intenso, para serem descobertos pela manhã e severamente censurados por violarem a regra inflexível. Era um sonho recorrente; cada vez, ele deparava com algum estranho corpo nu em seus braços e despertava na mais profunda perturbação, com uma mistura de medo e culpa. E sempre que acordava desse sonho repetido, ficava ainda mais transtornado, até que acabou escapando para um reino do sono mais profundo e escuro. Parecia agora que se encontrava em companhia do pai, agachado numa encosta vazia, no escuro, com fogos alaranjados explodindo ao seu redor. Tremia de medo, enquanto homens caíam mortos em torno, cada vez mais perto, sabendo que dentro de poucos momentos também seria explodido em fragmentos por um daqueles fogos em erupção. Foi então que sentiu alguém se aproximar, no escuro, envolvendo-o, protegendo seu corpo com o dele. Regis tornou a despertar, sobressaltado, tremendo todo. Esfregou os olhos, contemplou o alojamento silencioso, iluminado apenas pelo luar, divisou as formas vagas dos outros cadetes, roncando ou murmurando no sono. Nada daquilo era real, pensou ele, e arriou de novo no colchão duro.

Logo recomeçou a sonhar. Desta vez vagueava por uma paisagem cinzenta indefinida, em que nada havia para ver. Alguém chorava em algum lugar dos espaços cinzentos, um choro desesperado, soluços longos e angustiados. Regis se virava a todo instante, sem ter certeza a princípio se procurava a fonte do choro ou se tentava escapar do som aflitivo. Palavras trêmulas soaram entre os soluços: Não vou, não quero, não posso. E sempre que o

choro se atenuava por um momento, havia uma voz cruel, uma voz quase familiar, dizendo: Vai, sim, sabe que não pode lutar contra mim, e outras vezes: Pode me odiar tanto quanto quiser, gosto mais assim. Regis se contorcia de medo. E de repente ficou sozinho com o choro, os pequenos soluços inarticulados, de protesto e súplica. Continuou a procurar, pela paisagem cinzenta solitária, até que uma mão o tocou no escuro, procurando, rude e indecente, meio dolorosa, meio excitante. Ele gritou "Não!" e tornou a fugir para o sono mais profundo.

E sonhou que se encontrava no pátio dos estudantes em Nevarsin, praticando com espadas de madeira. Podia ouvir o som de sua própria respiração, ofegante, dobrada e multiplicada na vasta câmara ressonante, enquanto um adversário sem rosto se deslocava à sua frente, em movimentos rápidos e insistentes. Regis percebeu de repente que ambos estavam nus, e os golpes acertavam em seu corpo exposto. Enquanto o oponente sem rosto se movia cada vez mais depressa, Regis foi ficando quase paralisado, incapaz de levantar sua espada. E foi nesse instante que uma voz retumbante proibiu-os de continuar. Regis largou sua espada e olhou o capuz escuro do monge aterrador. Mas não era o mestre-dos-noviços do mosteiro de Nevarsin, mas Dyan Ardais. Enquanto Regis se mantinha paralisado pelo medo, Dyan pegou a espada no chão, que deixara de ser de madeira, era agora um florete afiado. Estendendo-a, enquanto Regis olhava com pavor e horror, Dyan cravou-a em seu peito. Curiosamente, ela penetrou sem que Regis sentisse qualquer dor. Ele olhou para baixo, num medo trêmulo, viu a espada atravessar todo o seu corpo. "Isso aconteceu porque não atingiu o coração", explicou Dyan. Regis despertou com um grito ofegante e sentou na cama.

— Por Zandru, que pesadelo! — murmurou ele, removendo o suor da testa.

Constatou que seu coração ainda batia forte e depois que as coxas e as cobertas estavam úmidas e pegajosas. Agora que se achava desperto e sabia o que acontecera, podia quase rir do absurdo do sonho, mas ainda o angustiava de tal forma que não podia deitar e voltar a dormir.

Reinava o silêncio no alojamento, faltando mais de uma hora para o dia amanhecer. Ele não se sentia mais bêbado ou atordoado, mas tinha uma dor latejante por trás dos olhos.

Pouco a pouco, percebeu que Danilo chorava na cama ao lado, um choro desolado, desesperado, de irremediável angústia. Regis recordou o choro no sonho. Ouvira o som, incluía-o em seu pesadelo?

E de repente, com espanto, compreendeu que Danilo não estava chorando.

Podia ver, ao luar difuso, que Danilo se mantinha imóvel, num sono profundo. Ouviu sua respiração suave e regular, verificou que os ombros se mexiam gentilmente com a respiração. O choro não era de fato um som, mas uma espécie de padrão intangível de vibrações de angústia e desespero, como o menino perdido chorando em seu sonho, mas sem qualquer som.

Regis cobriu os olhos com as mãos, no escuro, e pensou, com crescente perplexidade, que não ouvira o choro, mas sabia que ocorreria.

Era verdade, portanto. Laran. Não captado ao acaso de outro telepata, mas seu.

O choque de tal pensamento expulsou todo o resto de sua mente. Como surgira? Quando? E a formulação da pergunta trouxe também a resposta: naquele primeiro dia no alojamento, quando Dani o tocara. Sonhara sobre a conversa à noite, sonhara por um instante que ele era seu pai. E outra vez sentiu aquele ímpeto de intimidade, de emoção tão intensa que o deixou com um aperto na garganta. Danilo dormia serenamente agora, até mesmo a impressão telepática de choro silencioso se desvanecera. Regis ficou preocupado e perturbado com a repercussão do sofrimento do amigo, imaginando qual seria o problema.

Apressou-se em bloquear a curiosidade. Lew dissera que tinha de se aprender a manter alguma distância, a fim de sobreviver. Era um pensamento triste e estranho. Não podia espionar a privacidade do amigo, mas ainda se encontrava à beira das lágrimas pela percepção do sofrimento de Dani. Já o sentira, naquele dia mesmo, ao conversarem com Lew. Alguém o machucara, o maltratara?

Ou apenas Danilo se sentia solitário, com saudade de casa, querendo voltar para a família? Regis sabia muito pouco a seu respeito.

Recordou seus primeiros dias em Nevarsin. Com frio e solitário, angustiado, sem amigos, odiando sua família por enviá-lo para aquele lugar, apenas um resquício forte do orgulho Hastur o impedira de chorar até dormir, todas as noites, por um longo tempo.

Por algum motivo, esse pensamento tornou a incutir-lhe um quase insuportável senso de ansiedade, de medo, de inquietação. Olhou para Danilo, desejou que pudessem conversar a respeito. Dani já passara por isso; saberia de tudo. Regis concluiu que teria de contar a alguém muito em breve. Mas a quem? Seu avô? A súbita descoberta de seu laran o deixara estranhamente vulnerável, abalado por sucessivas ondas de emoção; mais uma vez, chegou à beira das lágrimas, agora pelo avô, revivendo o instante lancinante de angústia pela morte terrível do filho.

E, ainda vulnerável, ele passou do desespero à rebelião. Tinha certeza de que o avô o obrigaria a seguir a trilha determinada para um herdeiro Hastur com laran. Nunca seria livre! Viu outra vez a enorme nave decolando para as estrelas, e todo o seu coração, o corpo, a mente empenhavam-se em segui-la para o desconhecido. Se acalentava esse sonho, nunca poderia contar ao avô.

Mas podia partilhar com Dani. Ansiou com toda a intensidade em transpor o curto espaço entre suas camas, partilhar com ele aquela incrível experiência dupla de pesar e tremenda alegria. Mas se conteve, recordando com estranha lucidez imperativa o que Lew dissera; era como viver sem sua pele. Como podia impor o fardo de suas próprias emoções a Dani, que já se achava onerado por um pesar desconhecido, tão perturbado e angustiado que as lágrimas não derramadas se infiltravam até nos sonhos de Regis, como um som de choro? Se devia ter o dom telepático, refletiu Regis, com tristeza, então precisava aprender a viver pelas regras de um telepata. Percebeu que sentia frio e cãibras, e tornou a meter-se sob as cobertas. Aconchegou-se, solitário e triste. Sentiu-se outra vez desfocado, vagueando numa busca ansiosa, mas em resposta à sua mente inquisitiva divisou apenas cenas frágeis na imaginação,

homens e estranhos não-humanos lutando ao longo de uma estreita platibanda rochosa; os rostos de duas crianças pequenas alvas e delicadas, arruinando no sono, e depois frias na morte, com uma angústia quase horrível demais para se suportar; vultos dançando, girando, como folhas sopradas pelo vento, num êxtase inebriado; uma forma enorme, cada vez mais alta, ardendo em chamas...

Exausto de tantas emoções, ele voltou a mergulhar no sono.

## Capítulo Oito

(Narrativa de Lew Alton)

Há duas teorias sobre a Noite do Festival, o grande feriado do solstício do verão nos Domínios. Alguns dizem que é o aniversário da Abençoada Cassilda, a mãe do Comyn. Outros dizem que comemora a época do ano em que ela encontrou Hastur, Filho de Aldones, Senhor da Luz, dormindo na praia de Hali, depois de sua jornada desde os reinos da Luz. Como não acredito que qualquer dos dois jamais existiu, não tenho preferência emocional sobre nenhuma teoria.

Meu pai, que na juventude viajou pelo Império, contou-me que cada planeta que visitou, e a maioria dos que não visitou, possui um festival no solstício do verão e outro no solstício do inverno. Não somos exceção. Nos Domínios, há duas celebrações tradicionais no Festival do verão; uma é a celebração particular da família, em que as mulheres ganham presentes, em geral frutas ou flores, em nome de Cassilda.

No início da manhã, levei algumas flores para minha irmã-de-adoção, Linnell Aillard, em homenagem ao dia, e ela me lembrou da outra celebração, o grande baile do Festival, realizado todos os anos no Castelo Comyn.

Jamais gostei dessas comemorações de massa, nem mesmo quando era jovem demais para o baile e participava apenas da festa das crianças à tarde; detestei desde a primeira vez, aos sete anos de idade, quando Lerrys Ridenow me bateu na cabeça com um cavalo de pau.

Só que a minha ausência seria inconcebível. Meu pai deixara bem claro que o comparecimento era um dos deveres inevitáveis de um herdeiro do Comyn. Quando comentei para Linnell que pensava em desenvolver uma doença bastante grave para não ir ou trocar de serviço com um dos oficiais da Guarda, ela ficou contrariada.

— Se você não for, quem vai dançar comigo?

Linnell é muito jovem para dançar nessas festas, a não ser com parentes. Desde que começou a ter permissão para comparecer,

sempre sou lembrado de que só a minha presença evitará que ela seja obrigada a passar todo o baile assistindo do balcão. Meu pai, é claro, conta com a excelente desculpa do problema na perna.

Resolvi comparecer, dançar algumas vezes com Linnell, ser cortês com algumas damas idosas e depois promover uma saída discreta, tão depressa quanto a polidez permitisse.

Cheguei tarde, pois estivera de serviço na Guarda, onde ouvira os cadetes conversarem o tempo todo sobre o baile. Não os podia culpar por isso. Todos os guardas, independentemente do posto, e todos os cadetes que não estão de serviço têm o privilégio de participar. Para os jovens criados em comunidades distantes, imagino que seja um espetáculo emocionante. Senti-me mais relutante do que nunca em comparecer depois que Marius entrou em meu quarto enquanto me vestia. Ele fora levado à festa das crianças, passara mal de tanto comer doces, tinha um olho roxo e os nós dos dedos esfolados, de uma briga com algum menino arrogante, parente distante dos Elhalyns, que o chamara de bastardo terráqueo. Já fui chamado de coisas piores no passado, e foi o que expliquei, mas não tinha como confortá-lo. Já me sentia disposto a chutar a canela de todo mundo quando descii. Era um terrível começo para a noite.

Como era costumeiro, as primeiras danças foram exhibições de profissionais ou amadores talentosos. Quando cheguei, um grupo de dançarinos, com os trajes típicos das montanhas distantes, apresentava uma dança tradicional, com muita saia girando e botas batendo no chão. Já vira danças melhores, pouco tempo antes, durante minha viagem pelos contrafortes. Talvez nenhum profissional fosse capaz de proporcionar às danças das montanhas a alegria autêntica e o excitação das pessoas que as dançam por puro prazer.

Fui andando devagar pela beira do salão. Meu pai estava sendo polido com algumas damas idosas, à beira do salão. O velho Hastur fazia a mesma coisa com um grupo de terráqueos, provavelmente convidados por razões políticas ou cerimoniais. Os guardas, em particular os jovens cadetes, já haviam descoberto o elegante bufê, estendendo-se ao longo de uma parede, e sempre reabastecido por

uma tropa de servos. A noite ainda começando, eles eram quase os únicos ali. Não pude deixar de sorrir, recordando meus tempos. Não sou mais obrigado a partilhar o refeitório dos homens, mas lembrava com bastante nitidez meus tempos de cadete para saber como parecia maravilhosa a abundância de iguarias depois do que passa por jantar nos alojamentos.

Danilo se encontrava ali, no uniforme de gala. Um pouco constrangido, ele me desejou um alegre Festival. Retribuí a saudação e indaguei:

— Onde está Regis? Não o vejo em parte alguma.

— Ele foi escalado para o serviço esta noite, senhor. Ofereci-me para trocar... todos os parentes dele estão aqui... mas Regis disse que teria muitos anos para aproveitar e que seria melhor eu me divertir agora.

Perguntei-me que oficial, por maldade ou para enfatizar que nem mesmo um Hastur podia esperar favores no corpo de cadetes, providenciara para que Regis Hastur ficasse de serviço na Noite do Festival; e desejei ter uma desculpa tão boa para não vir.

— Pois então trate de se divertir, Dani.

Os músicos ocultos começaram a tocar uma dança da espada, e Danilo virou-se ansioso para observar dois guardas se adiantarem com tochas, para pôr as espadas nos lugares devidos. As luzes do salão foram abaixadas para realçar a qualidade antiga e bárbara dessa que é a mais antiga das danças tradicionais das montanhas. É em geral apresentada por um dos maiores dançarinos de Thendara; para minha surpresa, foi Dyan Ardais quem se apresentou, usando o traje bárbaro de cores brilhantes, cuja história se perdeu antes da Era do Caos.

Não há muitos amadores, nem mesmo nas Hellers, que ainda conheçam todos os passos tradicionais. Eu já vira Dyan se exhibir na dança da espada, quando era pequeno, em Armida, no salão de meu pai. Achei que fora melhor ali, ao som de uma única gaita de foles, ao clarão do fogo na lareira, e apenas uma ou outra tocha, do que naquele salão de baile requintado, cercado por damas em trajes luxuosos, nobres entediados e habitantes da cidade.



Mas até mesmo as damas e os nobres ficaram em silêncio, impressionados com a estranha solenidade da dança antiga. E com a performance de Dyan, pois não posso negar o crédito que ele merece. Por uma vez, ele parecia grave, austero, sem o cinismo irreverente que eu tanto detestava, absorvido por completo nos passos tensos, delicados e complexos. A dança mostra intensa virilidade, quase selvagem, e Dyan acrescentou uma espécie de violência contida. Ao segurar as espadas no movimento final, erguendo-as acima da cabeça, não havia qualquer som em todo o salão. Porque ficara impressionado contra a minha vontade, tentei deliberadamente quebrar o encantamento e disse em voz alta a Danilo:

— Quem será que ele vai fascinar desta vez? É uma pena que Dyan seja indiferente às mulheres; depois dessa dança, ele poderia conquistar qualquer uma.

Descobri-me com pena de qualquer mulher — ou qualquer homem, diga-se de passagem — que se permitisse ficar encantada com Dyan. Torcia para que Danilo, para o seu próprio bem, não fosse um deles. É muito natural que os rapazes dessa idade experimentem intensa atração por qualquer caráter forte, e um mestre-dos-cadetes é um alvo natural dessa identificação romântica. Se o homem mais velho é honrado e gentil, não resulta dano algum, e tudo se desgasta em pouco tempo. Há muito que já deixei para trás essas fixações infantis; e, embora me tenha tornado o alvo uma ou outra vez, cuidei para que não fosse além de umas poucas trocas de sorrisos.

Bom, eu não era o guardião de Danilo, e já me fora determinado que Dyan se encontrava além do meu alcance. Ainda por cima, já tinha minhas próprias preocupações.

Dyan se aproximava do bufê; vi-o parar para tomar um copo de vinho, conversando com os guardas ali, dando uma demonstração de afabilidade. Ficamos frente a frente por um instante. Tendo decidido que, se houvesse alguma descortesia entre o Comyn, não seria uma iniciativa minha, fiz um comentário breve e polido sobre a dança. Ele respondeu com uma cortesia igualmente insossa, os olhos se desviando além do meu ombro. Especulei para

quem ele olhava e recebi em troca — devia ter baixado as barreiras por um instante -um ímpeto de raiva intensa e violenta. Talvez, depois desta noite, esse bastardo intrometido se ocupe com seus próprios problemas e tenha menos tempo para interferir nos meus!

Fiz uma rápida reverência e me afastei para a dança prometida a Linnell. A pista se enchia depressa de dançarinos. Peguei Linnell pelas pontas dos dedos e levei-a para lá.

Linnell é uma linda criança, com cabelos ruivo-castanhos lisos, os olhos azuis emoldurados por pestanas tão compridas e escuras que parecem irreais. Era muito mais bonita, pensei, do que sua parenta Callina, tão austera e severa na reunião do Conselho no dia anterior.

O Domínio de Aillard é o único em que o laran e o lugar no Conselho não são transmitidos pela linha masculina, mas sim pela feminina; os homens não têm permissão para exercer os plenos direitos do Domínio no Conselho. A última comynara na linha direta fora Cleindori, também a última das Guardiãs treinada na tradição antiga, enclausurada e virginal. Ainda muito jovem, ela deixara a Torre, rebelara-se contra as superstições que envolviam os círculos de matriz e as Guardiãs em particular, tomara um consorte, em desafio à tradição e à crença, e gerara uma criança, enquanto continuava a usar os poderes que aprendera. Fora assassinada de forma horrível por fanáticos, que achavam que a virgindade de uma Guardiã era mais importante do que sua competência ou seus poderes. Mas ela rompeu o molde antigo, contestara as superstições e criou uma nova visão científica para o que é agora chamado de mecânica da matriz. Durante anos, seu nome fora abominado, como o de uma renegada. Agora, sua memória era reverenciada por todos os técnicos psíquicos em Darkover.

Mas ela não deixara filhas. A antiga linhagem Aillard finalmente desaparecera, e Callina Lindir-Aillard, uma parenta distante de meu pai e do chefe masculino do Domínio de Aillard, fora escolhida para comynara, como a sucessora feminina mais próxima. Linnell fora a Armida para se tornar filha-de-adoção de meu pai, sendo criada como minha irmã.

Era hábil dançarina, e gostei de dançar com ela. Tenho pouco interesse pelos atavios femininos, mas Linnell me ensinara as cortesias de tais coisas, por isso fiz elogios polidos a seu vestido e ornamentos. Quando a dança terminou, levei-a para o lado e perguntei-lhe se achava que eu deveria convidar Callina para dançar; Callina também, pelo costume do Comyn para as mulheres solteiras, estava restrita a dançar com parentes, exceto nos bailes de máscaras.

— Não sei se Callina vai querer dançar — respondeu Linnell. - Ela é muito tímida. Mas você deve convidá-la. Tenho certeza de que ela lhe dirá, se não quiser. Ei, lá está Javanne Hastur! Todas as ocasiões em que a vi, nos últimos nove anos, ao que parece, ela estava grávida. Mas é muito bonita, não acha?

Javanne dançava com Gabriel. Tinha as faces rosadas e dava a impressão de que se divertia muito. Creio que qualquer jovem matrona ficaria feliz, depois de gerar quatro crianças a intervalos mínimos, por se entrosar de novo na sociedade. Javanne era muito alta e magra, uma jovem morena num requintado vestido verde e dourado. Não a julgava tão bonita assim, mas não se podia negar que era atraente.

Aproximei-me de Callina, junto com Linnell, mas meu pai me abordou antes que pudesse falar com ela.

— Venha comigo, Lew — disse ele, num tom que eu aprendera a considerar, por mais polida que fosse a frase, como uma ordem. - Deve cumprimentar Javanne.

Isso me surpreendeu. Javanne? Ela jamais gostara de mim nem mesmo quando freqüentávamos as mesmas festas infantis. Uma ocasião fomos ambos punidos, imparcialmente, por nos engalfinhar numa briga de chutes e arranhões, por volta dos sete anos de idade. Mais tarde, por volta dos onze anos, ela se recusara a dançar comigo, dizendo de uma forma rude que eu sempre pisava em seus pés. É bem provável que isso acontecesse de fato, mas eu já era bastante telepata para saber que não era esse o seu verdadeiro motivo.

— Pai — protestei, com a maior paciência -, tenho certeza de que Dama Javanne pode dispensar quaisquer cumprimentos da

minha parte.

Será que ele perdera o juízo?

— E Lew prometeu dançar comigo outra vez — acrescentou Linnell, insinuante.

Meu pai fez um afago no rosto de Linnell e assegurou que haveria tempo suficiente para outras danças, lançando-me um olhar que não admitia nenhuma protelação, a menos que eu o quisesse desafiar abertamente e fazer uma cena.

Javanne estava no meio de um grupo de mulheres mais jovens, tomando um copo de vinho. A voz de meu pai parecia mais incisiva do que o habitual ao me apresentar.

— Eu lhe desejo um alegre Festival, parente — disse ela, com uma reverência cortês.

Parente! É verdade que Gabriel e eu éramos muito amigos; talvez Javanne tivesse sabido pelo marido e pelo irmão que, no final das contas, eu não era um escândalo tão grande. Pelo menos, para variar, ela me tratou como se eu fosse um ser humano. Chamou uma das moças que a cercavam e disse:

— Desejo apresentar-lhe uma jovem parenta sua, Lew, Linnea Storn-Lanart.

Ela era muito jovem, não devia ser mais velha do que Linnell, os cabelos avermelhados caindo em cachos em torno do rosto no formato de coração. Os Storns eram da antiga nobreza das montanhas, de uma região próxima de Aldaran, e ao longo dos anos haviam se casado com Lanarts e Leyniers. O que uma donzela tão jovem fazia sozinha em Thendara?

Linnea, embora parecesse bastante recatada, ergueu os olhos para meu rosto com franca curiosidade. As moças das montanhas — eu soubera disso por intermédio de meu pai — não seguiam os costumes exagerados das terras baixas, onde um olhar direto para um estranho é impudente; por isso, as moças das montanhas muitas vezes são consideradas ousadas demais nos Domínios. Ela me fitou direito por um momento, sorrindo, depois percebeu que Javanne a observava, ficou vermelha e apressou-se em baixar os olhos para os pés. Deduzi que Javanne lhe dera aulas sobre as maneiras

apropriadas nos Domínios, e ela não queria ser julgada uma camponesa.

Senti-me desorientado, sem saber o que dizer a ela. Era minha parenta ou pelo menos fora apresentada como tal, embora o relacionamento não pudesse ser muito próximo. Talvez fosse esse o problema — Javanne desejava passar seu tempo dançando, sem ter de cuidar de uma parenta jovem demais para dançar com estranhos.

— Quer me dar a honra de uma dança, damisela?

Ela lançou um olhar rápido para Javanne, solicitando permissão, depois acenou com a cabeça. Levei-a para a pista. Era uma boa dançarina e parecia gostar, mas tive de me perguntar por que meu pai se dera o trabalho de facilitar a vida de Javanne. E por que me fitara de uma maneira tão insistente quando nos encaminháramos para a pista de dança? E por que a apresentara como uma parenta, quando o relacionamento devia ser distante demais para ser registrado oficialmente? Ao terminar a música, ainda me sentia perplexo, e resolvi perguntar, de forma um tanto brusca:

— Por que tudo isso?

Esquecendo as instruções meticulosas em boas maneiras, ela respondeu de imediato:

— Não lhe contaram? Pois a mim explicaram tudo!

Um súbito rubor tornou a se espalhar por seu rosto. Deixava-a muito bonita, mas eu não me encontrava no ânimo para apreciar.

— Explicaram o quê?

Suas faces pareciam estandartes escarlates. Ela balbuciou:

— Disseram que... que deveríamos olhar um ao outro... e nos conhecer... e se... gostássemos um do outro, então um... casamento seria...

Meu rosto devia denunciar o que eu pensava, pois ela parou de falar, deixando a frase inacabada.

Que se danassem todos! Tentavam controlar minha vida mais uma vez!

Os olhos cinza da moça estavam arregalados, a boca infantil tremia. Apressei-me em controlar minha raiva, erguer as barreiras. Era óbvio que se tratava de uma pessoa muito sensível, possuía pelo

menos empatia, talvez fosse uma telepata. Torci, desolado, para que ela não chorasse. Não era culpa sua. Podia imaginar como seus pais haviam-na persuadido ou pressionado, como ela própria se deixara seduzir pela atração de um bom casamento com o herdeiro do Domínio.

— E o que lhe disseram a meu respeito, Linnea? Ela parecia confusa.

— Apenas que é filho de Lorde Alton, que serviu na Torre de Arilinn, que sua mãe era terráquea...

— E acha que pode suportar essa desgraça?

— Desgraça? — Sua perplexidade aumentou. — Muitas pessoas nas Hellers têm sangue terráqueo; há terráqueos em minha família. Acha que é uma desgraça?

O que alguém de sua idade podia saber sobre esse tipo de intriga da corte? Senti-me revoltado, recordando o olhar exultante de Dyan. Ocupado com seus próprios problemas... Era evidente que ele soubera do que estava para acontecer.

— Damisela, não tenho intenção de casar, e, se o fizer, não permitirei que o Conselho me escolha uma esposa. — Tentei sorrir, mas desconfio de que foi mais uma careta sinistra. — Não fique tão desolada, chiya. Uma donzela tão bonita quanto você logo encontrará um marido que saberá apreciá-la melhor.

— Também não tenho nenhum desejo específico de casar — declarou ela, recuperando o controle. — Tencionava solicitar admissão em uma das Torres; minha bisavó foi treinada como Guardiã e achou que eu era capacitada. Mas sempre obedeci à minha família e não ficaria descontente se me escolhessem um marido. Só lamento não ter sido capaz de agradá-lo.

Ela se mostrava tão calma que me senti acuado, quase frenético.

— Não vou dizer que me desagrada, Linnea. Acontece apenas que não tenciono casar por decisão deles.

Minha ira tornou a aflorar; e a senti estremecer ao contato. Sua mão ainda pousava de leve em meu braço, ocorrera durante a dança; ela a retirou, como se se tivesse queimado. Minha vontade era afastar-me, furioso, e cheguei a fazer menção, mas compreendi,

bem a tempo, que seria uma atitude infame. Abandonar uma moça no meio de uma pista de dança era uma grosseria que nenhum homem de boa criação jamais cometeria contra uma moça de boas maneiras e reputação incontestável. Não a podia expor a comentários, pois seria inevitável que todos especulassem que coisa horrível ela teria feito para merecer tal tratamento. Olhei ao redor. Javanne dançava no outro lado do salão, por isso conduzi Linnea na direção do bufê. Ofereci-lhe um copo de vinho, que ela recusou, balançando a cabeça. Em vez disso, servi-lhe um copo de shallan e permaneci ao seu lado, irritado, tomando goles de vinho, uma bebida de que não gostava. Assim que me acalmei um pouco, propus uma solução:

— Nada é irremediável até agora. Pode dizer a quem a envolveu nisso... meu pai, o velho Hastur, qualquer outro... pode dizer que não gostou de mim, e será o fim de tudo.

Ela sorriu, com um brilho divertido nos olhos.

— Mas gosto de você, Dom Lewis. Não mentiria a respeito, mesmo que achasse que seria capaz. Lorde Kennard saberia no mesmo instante se eu tentasse mentir. Sente-se zangado e infeliz, mas creio que seria muito simpático se não estivesse tão furioso. Até que ficaria contente com tal casamento. Se deseja recusar, Lew, deve assumir a iniciativa pela recusa.

Se ela fosse menos jovem, menos ingênua, eu poderia dizer-lhe que era de esperar que protestasse antes de renunciar a um casamento no Comyn. Mas tenho certeza de que ela captou o pensamento, pois exibiu uma expressão angustiada. Tratei de excluir seus pensamentos e declarei, incisivo:

— Uma mulher deve ter o privilégio da recusa. Pensei em poupá-la da ofensa de me ouvir dizer a meu pai que não...

Descobri nesse instante que não podia dizer expressamente que não gostava dela. Tratei de me corrigir, acrescentando:

— Que não tenciono casar por ordem sua. A compostura de Linnea era inquietante.

— Ninguém casa por sua livre e espontânea vontade. Acha mesmo que um casamento entre nós seria insuportável, Lew? É

evidente que mais cedo ou mais tarde arranjarão um casamento para você.

Hesitei por um instante. Ela era sem dúvida sensível e inteligente; fora cogitada para o treinamento na Torre, o que significava que tinha laran. Meu pai, com toda a certeza, empenhara-se ao máximo para encontrar uma mulher que me fosse aceitável, uma mulher com sangue terráqueo, capaz da fusão emocional e mental que um telepata deve ter era qualquer mulher que conheça na intimidade. Ela era bonita. Não tinha a mente vazia de uma boneca, demonstrava espírito e equilíbrio. Refleti sobre tudo isso. Teria de casar mais cedo ou mais tarde, sempre soubera disso. Um herdeiro do Comyn deve gerar filhos. E, os Deuses sabiam, sentia-me solitário, muito solitário...

E meu pai contara justamente com essa reação! A raiva tornou a prevalecer.

— Damisela, já lhe expliquei por que não serei parte de nenhum casamento arranjado assim. Se prefere acreditar que a rejeitei pessoalmente, o problema é seu.

Tomei o último gole de vinho em meu copo e larguei-o na mesa do bufê.

— Agora, permita-me que a leve até minhas parentas, já que Ja-vanne se encontra muito ocupada.

Javanne dançava outra vez. Pois que ela se divertisse. Casara aos quinze anos de idade e passara os últimos nove anos cumprindo o seu dever para a família. Não me pegariam nessa armadilha!

Gabriel reclamara uma dança de Linnell — o que me deixou contente -, mas Callina continuava parada à beira da pista. Seu vestido vermelho só servia para enfatizar a ausência de cor nas feições suaves. Apresentei-lhe Linnea, e pedi a Callina que cuidasse dela, enquanto ia conversar com meu pai. Ela me fitou curiosa, evidentemente sentindo a minha raiva. Devia estar irradiando-a para todo mundo.

E a raiva aumentou enquanto circulava pelo salão, à procura de meu pai. Dyan sabia, Hastur também sabia... e quantos outros estariam a par? Teria havido uma reunião do Conselho para discutir o destino do herdeiro bastardo de Lorde Alton? Quanto tempo



levaram para descobrir uma mulher que me aceitasse? Foram para bem longe, e encontraram uma mulher bastante jovem para obedecer ao pai e à mãe sem questionar! Talvez eu devesse sentir-me lisonjeado por terem escolhido uma moça tão bonita!

E, de repente, deparei com o Regente. Ofereci-lhe uma reverência brusca e comecei a seguir adiante; ele segurou meu braço, detendo-me, e desejou os cumprimentos da estação.

— Obrigado, Lorde Hastur. Por acaso viu meu pai? O velho me disse, muito afável:

— Se pretende se queixar, Lew, por que não me fala diretamente? Fui eu quem pediu à minha neta que lhe apresentasse a moça. -Ele se virou para o bufê. -Já comeu? As frutas estão excepcionais este ano. Temos melões-do-gelo de Nevarsin; é difícil encontrá-los no mercado.

— Agradeço, mas não tenho fome. É permitido perguntar por que demonstra tanto interesse por meu casamento? Ou devo me sentir lisonjeado por seu interesse pessoal, sem indagar por quê?

— Ou seja, devo presumir que a moça não o agradou.

— O que eu poderia ter contra ela? Peço que me perdoe, senhor, mas tenho certa aversão a falar de meus problemas pessoais diante da metade da cidade de Thendara.

Gesticulei para indicar as pessoas dançando. Ele sorriu.

— Pensa realmente que alguém está interessado em outra coisa que não a sua própria vida?

Ele enchia um prato, na maior calma, com iguarias diversas. Contrariado, segui seu exemplo. Hastur encaminhou-se para duas cadeiras mais ou menos isoladas e disse:

— Podemos sentar aqui e conversar, se você quiser. Qual é o problema, Lew? Está na idade apropriada para casar.

— Assim desse jeito, sem me consultarem?

— Pensei que o estávamos consultando — disse Hastur, levando à boca um bocado de frutos-do-mar em tiras com folhas. — Afinal, não o convocamos à capela com apenas umas poucas horas de aviso, para casar de imediato, como acontecia há poucos anos. Não tive sequer a oportunidade de ver o rosto de minha querida esposa até poucos minutos antes de fecharem as pulseiras em

nossos pulsos, e apesar disso vivemos juntos em harmonia durante quarenta anos.

Meu pai, falando sobre seus primeiros anos na Terra, como fora lançado abruptamente no meio de seus estranhos costumes, usara uma expressão para o que eu sentia agora: choque cultural.

— Com toda a deferência, Lorde Hastur, os tempos mudaram demais para que essa continue a ser a maneira conveniente de promover casamentos. E por que tanta pressa?

O rosto de Hastur endureceu subitamente.

— Lew, será que compreende que, se seu pai tivesse quebrado o pescoço naquela escada, em vez de umas poucas costelas e a clavícula, você seria agora o Lorde Alton de Armida, com tudo o que isso acarreta? Meu próprio filho não viveu para conhecer seu filho. Com o nosso mundo na situação em que se encontra, nenhum de nós pode correr riscos com a herança de um Domínio. Qual é a sua objeção específica ao casamento? É por acaso um amante de homens?

Ele usou a frase casta mais polida, e eu, acostumado à linguagem mais vulgar que se usava na Guarda, não entendi por um momento o significado. Depois, sorri sem qualquer humor.

— Essa flecha passou longe do alvo, Lorde Hastur. Mesmo quando menino, nunca apreciei tais diversões. Posso ser jovem, mas não tão jovem assim.

— Então o que pode ser? — Ele parecia sinceramente aturdido. — É com Linnell que deseja casar? Tínhamos outros planos de casamento para ela, mas se os dois desejam...

Protestei, com uma indignação genuína:

— Que Evanda nos proteja! Lorde Hastur, Linnell é minha irmã!

— Não é uma parenta de sangue ou pelo menos não tão próxima que constitua um risco grande para os filhos. E pode ser uma união apropriada, no final das contas.

Levei à boca um pouco da comida em meu prato. O gosto era repugnante, engoli às pressas, larguei o prato.

— Senhor, sinto um profundo amor por Linnell. Fomos crianças juntos. Se fosse apenas para partilhar minha vida, não poderia

pensar numa pessoa mais feliz como companhia. Mas... — Procurei uma explicação, um pouco embaraçado. — ...depois que se bate numa menina por quebrar seus brinquedos, de levá-la para sua cama quando tinha um pesadelo ou chorava de dor de dente, de suspender sua saia para que pudesse atravessar um regato, de vesti-la e escovar seus cabelos... é quase impossível pensar nela como... como uma companheira de cama, Lorde Hastur. Perdoe-me por falar com tanta franqueza.

Ele gesticulou para indicar que isso não importava.

— Nada de formalidades. Pedi que fosse franco comigo. Posso compreender. Casamos seu pai muito jovem com uma mulher que o Conselho julgou apropriada, e fui informado de que eles viveram juntos em total harmonia e completa indiferença por muitos anos. Mas também não quero esperar que você fixe seu desejo em alguma mulher inadequada. Seu pai acabou casando para agradar a si mesmo e... perdoe-me por falar, Lew... e você e Marius têm sofrido por causa disso. Tenho certeza de que preferiria poupar seus filhos de tantos dissabores.

— Não pode esperar até que eu tenha filhos? Nunca se cansa de comandar as vidas de outras pessoas?

Seus olhos ardiam quando respondeu:

— Cansei de tudo isso há trinta anos, mas alguém tem de fazê-lo! Já sou bastante velho para sentar e recordar o passado, em vez de carregar o fardo do futuro, mas parece que me coube essa missão. O que você está fazendo para arrumar sua vida de maneira condigna, poupando-me desse trabalho?

Ele pôs na boca mais um pouco de salada e mastigou furioso.

— Quanto sabe da história do Comyn, Lew? No passado distante, recebemos o poder e o privilégio porque servíamos a nosso povo, não porque o governássemos. Depois, passamos a acreditar que tínhamos esses poderes e privilégios por causa de alguma superioridade inata, como se ter laran nos tornasse tão melhores do que as outras pessoas que podíamos, fazer o que bem quiséssemos. Nos-sos privilégios são usados agora não para nos compensar por todas as coisas a que tivemos de renunciar a fim de servir ao povo, mas para perpetuar nossos poderes. Queixa-se de que sua vida não

Ihe pertence, Lew. Pois não pertence, e não deve mesmo pertencer. Tem certos privilégios...

— Privilégios! — exclamou, amargurado. — São principalmente deveres que não quero e responsabilidades que não posso assumir.

— Privilégios que deve merecer servindo a seu povo — insistiu Hastur.

Ele se inclinou e tocou de leve a marca do Comyn, gravada fundo em minha carne, logo acima do pulso. Seu próprio braço tinha uma marca igual, esbranquiçada pela idade.

— Uma das obrigações que acompanham isto, Lew, uma obrigação sagrada, é cuidar para que seu dom não desapareça, gerando filhos e filhas que o herdem de você e, por sua vez, sirvam também ao povo de Darkover.

Contra a minha vontade, fiquei comovido com as palavras. Sentira-me assim durante a viagem pelas terras exteriores, adquirira a noção de que minha posição como herdeiro do Comyn era uma coisa séria, sagrada, que eu representava um elo importante numa corrente interminável de Altons, estendendo-se da pré-história ao futuro. Por um momento, senti que o velho acompanhava meus pensamentos, enquanto encostava outra vez a ponta do dedo na marca do Comyn em meu pulso.

— Sei quanto isso lhe custa, Lew. Ganhou esse dom ao risco da própria vida. Começou bem, servindo em Arilinn. O pouco que resta de nossa ciência antiga está preservado nas Torres, à espera do dia em que tudo possa ser recuperado ou redescoberto. Pensa que não sei que os jovens ali sacrificam suas vidas pessoais, renunciando a muitas coisas que os rapazes e as moças tanto prezam? Nunca tive essa opção, Lew, nasci com apenas um mínimo de laran. Assim, faço o que posso com os poderes seculares para atenuar o fardo dos que arcam com as responsabilidades mais pesadas. Até agora, pelo que sei, você nunca usou mal os seus poderes. Nem é um daqueles jovens frívolos que querem desfrutar os privilégios da posição e passar o resto de suas vidas na diversão e na loucura. Por que então você se deve abster de cumprir esse dever para com seu clã?

Desejei de repente poder descarregar meus medos e apreensões para ele. Não podia duvidar da integridade pessoal do velho. Mas Hastur se encontrava tão envolvido em seu plano por objetivos políticos em Darkover que desconfiava dele também. Não o deixaria manipular-me para atender a esses objetivos. Sentia-me confuso, meio convencido, mas também mais desafiador do que nunca. Ele esperava minha resposta; abster-me de oferecê-la. Os telepatas acostumam-se a enfrentar os problemas — não há outro jeito, se quiserem manter um mínimo de sanidade -, mas não aprendem a traduzir as coisas em palavra com facilidade. Num lugar como Arilinn, a gente se acostuma a saber que todos em seu círculo podem partilhar seus sentimentos, emoções e desejos. Não há reticências ali, nenhuma das pequenas evasivas e cortesias que as outras pessoas usam ao falar sobre coisas íntimas. Mas Hastur não podia ler meus

pensamentos, e fiquei contrafeito, sem saber como traduzi-lo em palavras que não constituíssem um embaraço grande demais para qualquer dos dois.

— Acima de tudo, jamais conheci uma mulher com quem desejasse passar o resto da minha vida... e, sendo um telepata, não estou disposto a... a apostar na escolha de outros.

Não. Eu não estava sendo completamente honesto. Teria apostado em Linnea de bom grado, se não sentisse que era manipulado, usado como um peão impotente. Minha raiva tornou a aflorar.

— Hastur, se quisesse me casar apenas para perpetuar meu dom, a fim de gerar um filho para o Domínio, deveria tê-lo feito antes que eu crescesse, antes que tivesse sentimentos sobre qualquer mulher, quando poderia querer somente que fosse uma mulher e estivesse disponível. Agora é diferente.

Voltei a ficar em silêncio. Como podia dizer a Hastur, que era bastante velho para ser meu avô e nem mesmo era um telepata, que, quando tomasse uma mulher, todos os pensamentos e sentimentos dela se abririam para mim, e vice-versa, que, se o contato não fosse completo e a empatia quase total, isso poderia num instante me degradar? Poucas mulheres eram capazes de

suportar isso. E como podia explicar os fracassos paralisantes que uma falta de empatia acarretaria? Ele pensava mesmo que eu seria capaz de viver com uma mulher cujo único interesse por mim fosse a capacidade de lhe dar um filho com laran? Sei que alguns homens no Comyn conseguem isso. Suponho que praticamente qualquer casal saudável pode dar um ao outro alguma coisa na cama. Mas os telepatas treinados numa Torre, acostumados a uma partilha plena... Acrescentei, sabendo que minha voz tremia, incontrolável:

— Nem mesmo um deus pode ser compelido a amar por ordem. Hastur fitou-me com simpatia. O que também doeu. Já seria muito difícil me expor assim diante de um homem da minha idade. Ao final, ele disse, gentilmente:

— Nunca se cogitou de compulsão, Lew. Mas prometa-me que pensará a respeito. A jovem Storn-Lanart candidatou-se à Torre de Neskaya. Precisamos de Guardiães e técnicos psíquicos. Mas também precisamos de mulheres sensíveis, telepatas, para casar em nossas famílias. Se você viesse a gostar de outra, nós a acolheríamos com a maior satisfação.

Respirei fundo.

— Pensarei a respeito.

Linnea era telepata. Poderia ser suficiente. Mas, em termos claros, eu tinha medo. Hastur gesticulou para que um servo levasse seu prato vazio e o meu intacto.

— Mais vinho?

— Obrigado, senhor, mas já bebi mais do que costumo beber em uma semana inteira. E prometi outra dança à minha irmã-de-adoção.

Por mais gentil que ele tivesse sido, senti-me contente por escapar. A conversa me perturbara, despertando pensamentos que eu aprendera a manter com firmeza abaixo da superfície da mente.

O amor — para ser mais preciso, o sexo — nunca é fácil para um telepata. Nem mesmo quando se é muito jovem, ainda participando de brincadeiras infantis, descobrindo as próprias necessidades e desejos, aprendendo a conhecer o próprio corpo e seus anseios.

A julgar pelas conversas dos outros rapazes — e se fala muito sobre isso entre os cadetes e na Guarda -, imagino que, para a maioria das pessoas, pelo menos por algum tempo, serve qualquer pessoa do sexo certo que seja acessível e não de todo repulsiva. Mas mesmo durante essas experiências iniciais, eu sempre estivera consciente dos motivos e das reações da outra parte, e quase nunca resistiam a um exame mais metuculoso. E depois que fui para Arilinn e submergi por completo na intensa partilha e intimidade que prevalece ali, a questão passou de apenas difícil para impossível.

Mas eu prometera uma dança a Linnell. E era verdade o que dissera a Hastur. Linnell não era uma mulher para mim e não me causaria qualquer distúrbio emocional.

Mas Callina se encontrava sozinha, assistindo a uma exibição de um grupo de dançarinos clássicos, que imitavam as folhas numa tempestade de primavera. Seus trajes, cinza-verde, amarelo-verde, azul-verde, faiscavam e fluíam sob as luzes como os raios do sol. Empurrara o capuz para trás e, parada ali, absorvida nos dançarinos, parecia um tanto desamparada, muito pequena, frágil e solene. Fui postar-me ao seu lado. Depois de um momento, ela se virou e disse:

— Não prometeu outra dança a Linnell? Pois nem precisa se incomodar, primo. Ela e a criança Storn-Lanart saíram para a varanda, conversando sobre vestidos e penteados.

Ela sorriu, um sorriso sugestivo, que desanuviou por um instante seu rosto austero, antes de acrescentar:

— É uma tolice trazer moças dessa idade para um baile formal. Elas ficariam igualmente felizes numa aula de dança.

Deixei escapar minha raiva acumulada ao comentar:

— Ora, elas têm idade suficiente para serem leiloadas a quem der mais. É assim que fazemos os grandes casamentos no Comyn. Também está à venda, damisela?

Ela tornou a sorrir.

— Não devo imaginar que está me fazendo uma oferta, não é mesmo? Não, não estou à venda, pelo menos este ano. Sou Guardiã na Torre de Neskaya, e você sabe o que isso significa.

Claro que eu sabia. As Guardiãs não são mais obrigadas a serem virgens enclausuradas para as quais nenhum homem ousa

sequer lançar um olhar descuidado. Mas enquanto trabalham no centro das redes de energônio, devem manter-se, pela pura necessidade, absolutamente castas. Aprendem a não atrair desejos que não podem satisfazer. É bem provável que aprendam também a não os sentir, o que deve ser ótimo, quando se consegue. Eu bem que gostaria de ser capaz.

Relaxe um pouco. Contra Callina, treinada em uma Torre e uma Guardiã em operação, não precisava ficar de guarda. Partilhávamos uma afinidade mais profunda que a do sangue, o vínculo forte dos telepatas treinados nas Torres.

Fui técnico de matriz por tempo suficiente para saber que o trabalho consome tanta energia física e nervosa que não resta muito para o sexo. A vontade pode existir, mas não a energia. As Guardiãs são obrigadas, para sua segurança física e emocional, a permanecer celibatárias. As outras pessoas no círculo — técnicos, mecânicos, monitores psíquicos — são em geral generosas e sensíveis para satisfazer o pouco que resta. Chega-se bem perto dos jogos elaborados de flerte e recuo a que os homens e as mulheres em outras partes se entregam por prazer. E Callina compreendia tudo isso sem que fosse preciso explicar, já que era parte do sistema.

Ela era também bastante sensitiva para captar meu ânimo; e disse, com um ténue tom de malícia gentil:

— Soube que Linnea será enviada a Arilinn no ano que vem, se vocês dois decidirem não casar. Terão tempo suficiente para pensar. Devo pedir para que não a treinem como Guardiã, caso você venha a mudar de idéia?

Eu me senti um tanto contrafeito. Era uma coisa afrontosa para se dizer! Mas o que me deixaria enfurecido se viesse de alguém de fora, não me perturbou por partir dela. Dentro de um círculo de Torre, tal declaração não me teria embaraçado, embora também não me sentisse obrigado a responder. Callina simplesmente me tratava como um dos seus. Nos contatos dos círculos de Torre, todos têm conhecimento das necessidades e ânsias dos outros, e se preocupam em impedir que alcancem um ponto de frustração ou angústia. Mas agora meu círculo se dispersara, outros serviam no



meu lugar, e de alguma forma precisava lidar com um mundo repleto de jogos elaborados e relacionamentos complexos.

— Estão me pressionando para casar, Callina — comentei, como se conversasse com uma irmã. — O que devo fazer? É muito cedo. Ainda sou...

Gesticulei, incapaz de traduzir em palavras. Ela acenou com a cabeça, solene.

— Talvez devesse aceitar Linnea, no final das contas. E assim não poderiam lhe impingir alguém menos aceitável. — Ela falava sério, avaliando meu problema, concedendo a ele toda a sua atenção. — Creio que eles querem, acima de tudo, que você gere um filho para Armida. Se pudesse fazer isso, não se importariam se casasse ou não com a moça, não acha?

Não teria sido difícil gerar uma criança em uma das mulheres do meu círculo em Arilinn, apesar da gravidez tornar muito perigosa a permanência da mulher na Torre. Mas o pensamento era como sal numa ferida em carne viva. Podia ouvir minha voz tremendo ao responder:

— Sou um bastardo. Acha mesmo que eu infligiria isso a um filho meu? E Linnea é muito jovem e foi... honesta comigo. — Toda aquela conversa me perturbava, por razões obscuras. — E como pode saber tanta coisa a respeito? Minha vida amorosa se tornou um tema nos debates do Conselho, comynara Callina?

Ela balançou a cabeça, compadecida.

— Não, claro que não. Mas Javanne e eu brincamos com bonecas juntas, e ela ainda me conta as coisas. Não é debate no Conselho, Lew, apenas conversa entre mulheres.

Mal ouvi o que ela disse. Como todos os Altons, às vezes tenho uma tendência desconcertante a ver o tempo fora de foco, e a imagem de Callina oscilava e tremia, como se a visse através de água correndo ou da passagem do tempo. Por um momento, perdi-a de vista como era agora, pálida, sem qualquer atrativo, vestida de escarlate. Ela tremeluziu numa neblina reluzente, azul de gelo. Depois, pareceu flutuar, fria, arredia e bela, refulgindo com uma escuridão como o céu da meia-noite. Senti-me atormentado, lutando com uma mistura de raiva e frustração, o corpo todo ansiando por...

Pisquei, aturdido, tentando restabelecer o foco do mundo.

— Está se sentindo mal, parente?

E compreendi nesse instante, com um horror total, que estivera prestes a tomá-la em meus braços. Como ela era agora Guardiã dentro de um círculo, isso seria apenas uma grosseria, não uma atrocidade inconcebível. De qualquer forma, eu devia ter enlouquecido! Tremia da cabeça aos pés. Era uma insanidade! Ainda fitava Callina, reagindo a ela como se fosse uma mulher desejável, não proibida pelo duplo tabu e pelo juramento de um técnico de Torre.

Callina fitou-me nos olhos, profundamente perturbada. Havia simpatia e ternura em sua expressão, mas nenhuma reação ao meu ímpeto de emoção incontrolável. Claro que não!

— Damisela, peço sinceras desculpas — balbuciei, sentindo a respiração doer na garganta. — É essa multidão. Faz coisas terríveis... com as minhas barreiras.

Ela acenou com a cabeça, aceitando a desculpa.

— Detesto essas reuniões. Evito comparecer, exceto quando não há outro jeito. Vamos respirar um pouco de ar fresco, Lew.

Ela seguiu na frente para uma das pequenas varandas. Aspirei a umidade fria com alívio. Ela usava um véu preto comprido e tremeluzente, estendido em sua esteira como asas, brilhando na escuridão. Não podia resistir ao impulso de tomá-la em meus braços, comprimi-la contra meu peito, os lábios se encontrando... Tornei a piscar, atordoado, olhando para a noite fria e sem chuva, as estrelas aparecendo, Callina muito serena em seus trajes coloridos. E de repente me senti nauseado e fraco, tive de me apoiar na grade da varanda. Experimentava a sensação de que caía por distâncias infinitas, um nada turbilhante de espaço vazio...

— Não é apenas a multidão — murmurou Callina. — Tomou um pouco de kirian, Lew?

Sacudi a cabeça, outra vez me esforçando para pôr o mundo em sua devida perspectiva. Era muito velho para isso. A maioria dos telepatas supera esses distúrbios psíquicos na puberdade. Eu não sofria a doença do limiar desde que fora para Arilinn. Não entendia

por que haveria de me dominar agora. Callina acrescentou, gentilmente:

— Eu gostaria de poder ajudá-lo, Lew. Sabe qual é o seu problema, não é mesmo?

Ela passou por mim, roçando-me de leve, e me deixou sozinho na varanda, Continuei ali, sentindo o ar frio e úmido, sentindo a mordacidade das palavras. Era verdade, eu sabia qual era o meu problema, e me ressentia, amargurado, por Callina tê-lo lembrado, de trás da barricada de sua própria invulnerabilidade. Ela não partilhava minhas necessidades e desejos; era um tormento de que estava livre, como Guardiã. Por um instante, em minha raiva intensa, esqueci a cruel disciplina por trás de sua imunidade, adquirida com muito esforço.

Mas eu sabia qual era de fato o meu problema. Em Arilinn, acostumara-me a mulheres que eram sensíveis às minhas necessidades, que as partilhavam. Agora, já fazia muito tempo que saíra de lá, já fazia muito tempo que estava sozinho. Era-me até vedado, sendo o que sou, o tipo de alívio simples que o mais insignificante dos meus companheiros na Guarda podia encontrar. Nas poucas vezes — bem poucas vezes — em que o desespero me levara a procurá-lo, servira apenas para me deixar nauseado. Mulheres sensíveis não se dedicam a essa profissão específica. Ou, se o fazem, eu jamais encontrara alguma. Encostando a cabeça na grade, cedi à inveja... uma inveja amarga de um homem que podia descobrir conforto, mesmo que apenas temporário, em qualquer mulher com um corpo acessível.

Por um instante, sabendo que ao final seria pior, deixei-me pensar na jovem Linnea. Sangue terráqueo. Uma sensitiva, uma telepata. Talvez eu estivesse sendo precipitado.

A ira tornou a me dominar. Então Hastur e meu pai concluíram que não me podiam manipular de nenhum outro jeito e por isso tentavam agora me subornar com sexo! Haviam subornado Dyan com o comando de um alojamento cheio de rapazes ainda inexperientes, que no mínimo alimentariam seu ego, admirando-o e adulando-o. E mesmo com toda a discrição, ele vicejava com isso.

E me subornariam também. De uma maneira diferente, é claro, pois minhas necessidades eram diferentes, mas ainda assim, na essência, seria um suborno. Tratariam de me manter sob controle, dócil, oferecendo-me uma mulher jovem e bela, sexualmente excitante, num acordo meio tácito.

E minhas necessidades, que meu pai telepata conhecia muito bem, cuidariam do resto. Uma onda de náusea envolveu-me ao pensar como estivera próximo de cair na armadilha.

As festividades dentro do salão de baile se aproximavam do fim. Os cadetes já se haviam retirado há muito para os alojamentos. Uns poucos retardatários ainda bebiam no bufê, mas os servos circulavam por toda parte, iniciando a limpeza. Fui para os aposentos reservados aos Altons, ainda tremendo de raiva.

O corredor central se achava deserto, mas havia uma luz acesa no quarto de meu pai, e entrei sem bater. Ele estava seminu, parecia exausto, desprevenido.

— Quero falar com você!

— Não precisava entrar aqui como um cralmac no cio para isso — protestou ele, suavemente.

Meu pai se projetou por um instante, fez contato com a minha mente. Não agia assim desde que eu me tornara adulto, e isso me deixou furioso, ser tratado como uma criança depois de tantos anos. Ele se retirou no instante seguinte e indagou:

— Não pode esperar até de manhã, Lew? Você não está bem. Até sua solicitude aumentava minha irritação.

— Se não estou, sabe de quem é a culpa. O que quer afinal, tentando me casar sem nenhum aviso prévio?

Ele enfrentou minha ira sem hesitação.

— Você é muito orgulhoso e teimoso demais para admitir que precisa de alguma coisa, Lew. Já está pronto para o casamento, mais do que pronto. Não seja como o homem da velha história, que, quando o demônio lhe indicou a estrada para o paraíso, preferiu partir pelo caminho para o inferno! — Ele parecia tão furioso quanto eu me sentia. — Pensa que eu não sei como se sente?

Refleti a respeito por um instante. Eu me tenho perguntado, de vez em quando, se meu pai viveu mesmo sozinho durante todos

esses anos, desde que minha mãe morreu. É verdade que ele não tinha amantes reconhecidas. Nunca tentara espioná-lo, nem inquirir sequer em pensamento sobre sua vida íntima; por isso sentia-me duplamente enfurecido por ele não me deixar qualquer resquício de privacidade para cobrir minha nudez, obrigando-me a ficar exposto diante de Hastur e desgraçando-me com minha prima Callina.

— Não vai adiantar! — assegurei, em fúria total. — Eu não me casaria com aquela moça agora nem que ela fosse tão bela quanto a Abençoada Cassilda e trouxesse como dote todas as jóias de Carthon!

Meu pai deu de ombros, com um suspiro profundo.

— Claro que não — murmurou ele, exausto. — Quando foi que você fez uma coisa tão sensata? Mas faça como achar melhor. Casei para agradar a mim mesmo; e disse a Hastur que nunca obrigaria você.

— Pensa que seria capaz?

— Como não estou tentando, que diferença isso faz? — Meu pai parecia tão cansado quanto eu me sentia. — Acho que é um tolo, mas se isso o ajuda a se sentir independente e virtuoso, continue a andar por aí sentindo dor no... — Para minha surpresa e choque, ele usou uma palavra vulgar da Guarda, que eu nem desconfiava de que conhecia. — ...e seja tão cabeçudo quanto quiser. É mesmo meu filho, não resta a menor dúvida; não tem mais juízo do que eu tinha na sua idade!

Ele deu de ombros, de maneira a indicar que o assunto estava encerrado.

— Doença do limiar? Tenho um pouco de kirian em algum lugar, se você precisa.

Balancei a cabeça, compreendendo que alguma coisa, talvez apenas o fato de descarregar a raiva violenta de meu organismo, já dissipara o pior.

— Eu tinha uma coisa para lhe dizer, mas pode esperar até amanhã, se você não está em condições de ouvir. Agora, quero apenas outro drinque.

Ele começou a se levantar, com um visível esforço, mas tratei de detê-lo, dizendo:

— Pode deixar que eu o sirvo, Pai.

Despejei vinho num copo para ele e noutro para mim, e sentei ao seu lado para beber. Meu pai foi bebendo em goles pequenos, devagar. Depois de algum tempo, inclinou-se e pôs a mão em meu ombro, um gesto raro de intimidade da infância. Não me incomodou agora.

— Você esteve no Conselho, Lew. Sabe o que está acontecendo.

— Refere-se a Aldaran?

Fiquei contente por ele ter mudado de assunto.

— O pior de tudo, Lew, é que não posso me afastar de Thendara agora... e ainda por cima creio que não tenho condições de realizar a viagem.

Ele arriara as barreiras, e pude sentir sua exaustão. Oferecendo-me seu sorriso raro e rápido, continuou:

— Nunca admiti antes que houvesse alguma coisa que eu não pudesse fazer, mas agora... tenho um filho em quem posso confiar para tomar meu lugar. E como ambos desafiamos Hastur, Thendara pode não ser muito agradável para você durante as próximas semanas. Vou enviá-lo a Aldaran como meu representante, Lew.

— Eu, Pai?

— Quem mais poderia ser? Não confio tanto em qualquer outra pessoa. Você se saiu tão bem quanto eu seria capaz na viagem de inspeção aos faróis de incêndio. E pode alegar parentesco de sangue ali; o velho Kermiac de Aldaran é seu tio-avô.

Eu sabia que tinha um parentesco com Aldaran, mas não imaginara que fosse tão alto no clã, nem tão próximo.

— Além disso, Lew, você tem sangue terráqueo. Pode descobrir, além de todos os rumores, o que está acontecendo de fato nas montanhas.

Senti-me ao mesmo tempo exultante e inseguro sobre aquela missão tão delicada, sabendo que o pai depositava tanta confiança em mim. Hastur falara de nosso dever para com o Comyn, para com o nosso mundo. Agora, eu me encontrava prestes a ocupar meu lugar entre aqueles do nosso Domínio que haviam agido assim, por mais gerações do que qualquer um de nós podia contar.

— Quando devo começar?

— Assim que eu providenciar uma escolta e o salvo-conduto para você. Não há tempo a perder. Eles sabem que você é herdeiro do Comyn. Mas também é parente em Aldaran; vão acolhê-lo como nunca me receberiam.

Eu estava grato por meu pai me incumbir daquela missão, e depois compreendi que a gratidão não precisava ser toda minha, o que era um sentimento novo e agradável. Ele precisava realmente de mim. Tinha a oportunidade de servi-lo também, de fazer uma coisa melhor do que ele próprio seria capaz. E me senti ansioso em começar.

## Capítulo Nove

Nessa época do ano, o sol já surgira quando soou o sino para despertar o pessoal nos alojamentos. A neve se derretia em pequenos filetes no pátio quando os cadetes o atravessaram, a caminho do refeitório. Regis ainda se sentia sonolento, apesar de ter molhado o rosto com água gelada. Quase achava que preferia perder o desjejum a se levantar tão cedo. Mas, por outro lado, orgulhava-se de seu bom registro; era o único cadete que nunca incorrera num serviço de punição por dormir além do toque de despertar e chegar atrasado no refeitório, cambaleando e meio adormecido. Nevarsin, no final das contas, servira para alguma coisa.

Ele sentou no lugar designado, entre Danilo e Gareth Lindir. Um ordenança jogou as bandejas amassadas na frente deles: tigelas grossas de cerâmica de mingau misturado com nozes e canecas com a cerveja amarga do campo, que Regis detestava e nunca tomava. Ele enfiou a colher no mingau, com evidente aversão.

— A comida fica pior cada manhã ou será apenas imaginação minha? — indagou Damon MacAnndra.

— Fica pior — confirmou Danilo. — Quem é capaz de imaginar alguma coisa nesta hora esquecida de Deus? Mas o que foi isso?

Houve uma pequena comoção na entrada. Regis virou a cabeça abruptamente. Depois de uma breve luta, um cadete foi jogado ao longo do refeitório, bateu com a cabeça numa mesa, caiu e ficou imóvel. Dyan Ardais ficou parado na porta, esperando que o infeliz cadete levantasse. Como ele não se mexesse, Dyan gesticulou para que o ordenança fosse ajudá-lo.

— Pelos infernos de Zandru, é Julian! — exclamou Damon.

Ele se levantou e correu para o lado do amigo. Dyan se adiantou, com expressão sombria.

— Volte para seu lugar, cadete. Termine sua refeição.

— Ele é meu amigo, e quero verificar se está ferido.

Ignorando o olhar furioso de Dyan, Damon ajoelhou-se ao lado do cadete caído; os outros cadetes, esticando o pescoço, puderam



ver a mancha brilhante de sangue no lugar em que a cabeça de Julian batera na mesa.

— Ele está sangrando! — gritou Damon, a voz estridente e trêmula. — Você o matou!

— Não diga bobagem! — respondeu Dyan, em tom ríspido. — Os mortos não sangram assim.

Ele se ajoelhou, passou as pontas dos dedos pela cabeça do rapaz e gesticulou para dois cadetes do terceiro ano.

— Levem-no para a sala da Guarda e peçam a Mestre Raimon que o examine.

Enquanto Julian era carregado para fora do refeitório, Gabriel Vyandal murmurou:

— Não é justo nos surpreender a esta hora da manhã, quando estamos todos meio adormecidos.

O silêncio no refeitório era tão grande que todos puderam ouvir. Dyan aproximou-se dele e disse, fitando-o com expressão desdenhosa:

— É em momentos como este que deveria estar mais alerta, cadete. Acha que os assaltantes na cidade ou os homens-gatos e os bandidos na fronteira, vão escolher uma hora de sua conveniência para atacar? Essa parte do treinamento é para ensinar-lhes que se devem manter em guarda em todos os momentos, literalmente.

Ele virou as costas e deixou o refeitório. Gareth comentou:

— Ele ainda vai matar um de nós algum dia desses. O que dirá quando isso acontecer?

Damon voltou ao seu lugar, muito pálido.

— Ele nem me deixou ir junto, segurando a cabeça de Julian. Gabriel pôs a mão em seu braço, num gesto confortador.

— Não se preocupe. Mestre Raimon cuidará bem dele.

Regis ficara chocado à visão do sangue, mas um senso de justiça escrupulosa o levou a dizer:

— Lorde Dyan tem razão, vocês sabem disso. Quando estivermos em campanha, um momento de desatenção pode nos matar, não apenas ferir.

Damon lançou um olhar furioso para Regis.

— É muito bom para você dizer isso, Hastur. Já notei que ele nunca o escolhe.

Regis, que tinha as costelas sempre pretas e roxas dos golpes de Dyan no treinamento com espada, respondeu:

— Imagino que ele acha que já me machuca o suficiente nos treinamentos de combate armado.

Ocorreu-lhe que havia nisso também um elemento de crueldade. Kennard Alton ensinara-o a manejar uma espada na época em que era considerado o melhor espadachim dos Domínios. Nos exercícios diários, porém, com Kennard ou Lew, durante dois anos, sofrera menos equimoses do que recebera de Dyan em umas poucas semanas.

— O que se podia esperar do Comyn? Todos eles são unidos — comentou um cadete do segundo ano.

Regis baixou a cabeça para o mingau frio. De que adiantava protestar? pensou ele. Não podia mostrar a todos suas equimoses... nem deveria ter aberto a boca. Danilo tentava comer, com as mãos trêmulas. A visão deixou Regis aflito, mas ele sabia o que podia dizer que não fosse uma intromissão.

No alojamento, Regis arrumou sua cama num instante e foi ajudar Damon a arrumar a cama e as coisas de Julian; ao voltar, Julian pelo menos não teria de arcar com deméritos por deixar a cama e a prateleira desarrumadas. Depois que os outros cadetes saíram para os exercícios com armas, ele e Danilo permaneceram. Era a vez de os dois varrerem o alojamento e limparem a lareira. Nunca se sabia que oficial faria a inspeção, e alguns eram mais rigorosos do que outros. Ele trabalhou com mais afinco porque detestava aquele serviço, mas seus pensamentos estavam longe. Julian ficara muito ferido? Não podia haver a menor dúvida de que Dyan fora brutal.

Regis sentiu que Danilo, manejando a pesada vassoura no outro lado do alojamento, com uma sombria determinação, se deixara dominar por uma profunda angústia, que prevalecia sobre todo o resto. Especulou se haveria algum meio de bloquear o acesso das emoções dos outros, pois era sensível demais aos ânimos de Danilo. Se soubesse o que Dani pensava ou por que se mantinha tão

furioso e aflito durante todo o tempo, talvez não fosse tão ruim assim, mas Regis só era capaz de captar as emoções.

Ele sentiu a presença de Lew Alton e levantou os olhos para vê-lo avançando pelo alojamento.

— Ainda não acabou? Não precisa se apressar, cadete. Cheguei um pouco cedo.

Regis relaxou. Lew podia ser bastante rigoroso, mas não se empenhava em procurar fragmentos ocultos de poeira. Ele continuou em seu trabalho de limpeza da lareira, mas depois de alguns minutos Lew se inclinou e tocou seu braço.

— Quero falar com você.

Regis levantou-se e seguiu-o até a porta do alojamento, onde se virou para dizer:

— Voltarei num instante, Dani. Não tente mudar a posição daquela mesa antes que eu esteja aqui para ajudá-lo.

Assim que saíram, consciente do contato dos pensamentos de Lew, Regis virou o rosto para fitar seus olhos risonhos.

— Eu soube outro dia, no Conselho, mas não tive a oportunidade de conversar com você na ocasião — disse Lew. — Quando isso aconteceu, Regis? E como?

— Não sei direito, mas de alguma forma entrei... em contato... com Danilo ou ele comigo, não posso afirmar qual dos dois. Foi como se alguma espécie de... de barreira desaparecesse. Não sei explicar.

Lew acenou com a cabeça.

— Eu compreendo. Não há palavras para a maioria dessas experiências, e as que existem não são muito esclarecedoras. Mas Danilo? Senti que ele tinha laran no outro dia, mas se conseguiu fazer isso com você, então...

Lew parou de falar, a testa franzida, e Regis acompanhou o resto do pensamento: Isso significa que ele é um telepata catalisador! São raros, e pensei que não restava mais nenhum.

— Conversarei com meu pai antes de partir para Aldaran.

— Vai até lá no lugar de Tio Kennard? Quando?

— Poucos dias antes de a sessão do Conselho terminar. Não falta muito agora. A viagem para as montanhas é difícil em qualquer

estação, e impossível depois que as neves passam a cair com toda a força.

Danilo se encontrava parado na porta do alojamento, e Regis lembrou-se abruptamente do trabalho.

— É melhor eu voltar, antes que Dani pense que estou querendo me esquivar.

Lew lançou um olhar superficial pelo interior do alojamento.

— Pode ir. Parece que está tudo bem. Assinarei o relatório de inspeção. Podem terminar sem pressa.

Ele se aproximou de Danilo e disse:

— Partirei para Aldaran dentro de um ou dois dias, Dani. Deverei passar por Syrtis. Tem alguma mensagem para Dom Felix?

— Apenas que eu me empenho em cumprir meus deveres entre os melhores, Capitão — respondeu Danilo, com voz soturna.

— Direi a ele que você é um crédito para todos nós.

O rapaz não respondeu. Afastou-se e seguiu na direção da lareira, arrastando a vassoura. Lew observou-o, curioso.

— O que acha que o está perturbando?

Regis andava preocupado com o comportamento de Danilo. Seu choro silencioso despertara Regis mais duas vezes, e ele ficara dividido entre a vontade de consolar o amigo e o respeito à sua privacidade. Gostaria de perguntar a Lew o que fazer, mas os dois se encontravam de serviço, e não havia tempo para problemas pessoais. Além do mais, talvez Lew fosse obrigado pelos regulamentos da Guarda — Regis não os conhecia muito bem — a dizer que deveria procurar o mestre-dos-cadetes para tratar de qualquer assunto pessoal.

— Não sei — respondeu Regis, depois de um longo momento. - Talvez saudade de casa. E como está Julian? Não morreu, não é?

Lew se mostrou um pouco surpreso.

— Claro que não. Ele ficará bom. Foi apenas uma pequena pancada na cabeça.

Tornando a sorrir, Lew deixou o alojamento. Danilo encostou a vassoura na parede e começou a empurrar a pesada mesa de madeira, a fim de alcançar a sujeira que havia por baixo. Regis se apressou em ir para o outro lado.

— Eu disse que o ajudaria; pode se machucar todo por dentro ao tentar levantar uma mesa tão pesada. — Danilo fitou-o com expressão irada, e Regis acrescentou: — Eu não me esquivava do trabalho, apenas queria me despedir do meu parente. Você foi muito grosseiro com ele, Dani.

— Vamos trabalhar ou conversar?

— Trabalhar, é claro — respondeu Regis, dando um empurrão no seu lado da mesa. — Não tenho nada a lhe dizer quando você fica com esse mau humor.

Ele foi buscar a vassoura. Danilo murmurou alguma coisa baixinho, e Regis se virou, indagando:

— O que você disse?

— Nada.

Danilo virou as costas. Soara como "Não vá sujar as mãos", e Regis ficou espantado.

— Qual é o problema? Acha que devo cuidar do resto? É o que farei, se você quiser, mas acho que não me ausentei para conversar por tanto tempo assim.

— Ora, nunca me passaria pela cabeça lhe impor qualquer coisa, Lorde Regis! Permita que eu lhe sirva!

O desdém era evidente na voz de Danilo, e Regis ficou desconcertado.

— Danilo, você está tentando brigar comigo? O amigo fitou-o de alto a baixo.

— Não, obrigado, meu lorde. Brigar com um herdeiro do Comyn? Posso ser um tolo, mas não chego a esse ponto. — Ele empinou os ombros e esticou os lábios, beligerante. — Vá correndo para sua aula de esgrima com Lorde Ardais e deixe o trabalho sujo para mim.

O espanto de Regis foi substituído pela raiva.

— Quando deixei algum trabalho sujo para você ou para qualquer outro?

Danilo baixou os olhos para o chão e não respondeu. Regis avançou para ele, ameaçador.

— Foi você quem começou, agora tem de responder! Diz que não tenho feito a minha quota justa? — Nenhuma outra acusação

poderia deixá-lo tão furioso. — E tire essa expressão da cara ou eu mesmo vou arrancá-la!

— Tenho de tomar cuidado até mesmo com minha expressão, Lorde Hastur?

O título, pela maneira como foi pronunciado, era um insulto ostensivo, e Regis agrediu-o. Danilo cambaleou para trás, recuperou o equilíbrio e fez menção de revidar o ataque, mas se conteve a tempo.

— Oh, não! Pode ter certeza de que não vai me meter numa encrenca assim. Já disse que não vou brigar, Lorde Hastur.

— Vai, sim! Foi você quem começou! E agora erga os punhos, ou vou usá-lo como esfregão no chão!

— Não seria divertido — murmurou Danilo — forçar-me a brigar e depois me meter numa encrenca por brigar? Mas isso não vai acontecer, Lorde Regis. Não permitirei.

Regis recuou. Sentia-se agora mais perturbado do que zangado, perguntando-se o que poderia ter deixado Dani tão transtornado. Projetou-se para tentar um contato com a mente do amigo, mas nada encontrou além de uma raiva intensa, que se sobrepunha a tudo mais. Aproximou-se de Danilo, que se empertigou no mesmo instante, alerta, na defensiva.

— Pelos infernos de Zandru, o que vocês dois estão fazendo? - Hjalmar passou pela porta, avaliou a situação à primeira vista e agarrou Regis pela gola, não muito gentilmente. — Ouvi vocês gritando do outro lado do pátio. Cadete Syrtis, seu lábio está sangrando.

Ele largou Regis, adiantou-se, ergueu o queixo de Danilo e virou seu rosto para examinar o ferimento. Danilo explodiu em violência, empurrando a mão para o lado, depois segurou o cabo da faca. Hjalmar pegou seu pulso.

— Pelos infernos de Zandru, rapaz, não faça isso! Sacar uma faca no alojamento acabaria com você, e eu seria obrigado a denunciá-lo. Qual é o problema? Eu só queria verificar se ficou muito machucado.

A preocupação de Hjalmar parecia sincera. Danilo baixou a cabeça, o corpo todo tremendo.

— O que houve com vocês? Eram ligados como irmãos!

— A culpa foi minha — murmurou Regis. — Eu o agredi primeiro.

Hjalmar deu um empurrão em Danilo. Parecia um tanto rude, mas foi na verdade bastante gentil.

— Vá molhar o lábio com água fria, cadete. Hastur pode terminar de limpar o alojamento sozinho. Vai ensiná-lo a manter a boca grande fechada.

Depois que Danilo se retirou, ele se virou para Regis, irritado, de cara amarrada.

— Mas que exemplo a oferecer aos rapazes em posição inferior!

Regis não argumentou nem se desculpou. Ficou imóvel, aceitando a repreensão de Hjalmar, e os três dias de punição. Sentia-se quase grato ao jovem oficial por interromper uma situação que escapara ao controle. Mas por que Danilo explodira daquela maneira?

Ele acabou de varrer o alojamento, refletindo que não era típico de Dani provocar uma briga.

E Dani a provocara, sem a menor dúvida, concluiu Regis, muito sóbrio, jogando o lixo na lareira, sem perceber que já estava limpa.

Mas por quê? Será que o haviam atormentado demais, com a acusação de se insinuar nas boas graças de um Hastur?

Durante todo o dia ele cumpriu os seus deveres preocupado e angustiado, tentando imaginar o que levava o amigo a tal ponto de desespero. Já estava meio decidido a procurar Danilo assim que entrassem de folga, expor-se à sua ira e indagar qual era o problema. Mas foi lembrado de que tinha de fazer o serviço da punição, que era a tarefa desagradável de limpar os estábulos, junto com os ordenanças. Depois, levou muito tempo para se limpar, para se livrar do fedor do estábulo, e teve de seguir apressado para sua nova missão, tediosa ao extremo. Na maior parte, consistia em montar guarda nos portões da cidade, conferindo permissões e salvo-condutos, interrogando os viajantes que não tinham nenhum dos dois, lembrando aos mercadores que chegavam as regras de seu ofício. Depois, junto com um oficial júnior, foi encarregado da

supervisão da guarda noturna nos portões da cidade, seu primeiro exercício de autoridade sobre qualquer dos guardas. Já sabia, em teoria, que os cadetes faziam o treinamento para oficiais, mas até aquele momento sempre se sentira com um mero subalterno, um laçao, inferior a todos. Agora, depois de meia temporada apenas, já tinha uma responsabilidade pessoal; e por algum tempo esqueceu a preocupação com os problemas do amigo.

Já era quase meia-noite quando ele voltou ao alojamento, perguntando-se qual teria sido o serviço para o qual Danilo fora designado, naquela rotação na metade do ano. Foi estranho, ao chegar, ver o oficial de plantão apenas registrar o seu nome como alguém que ficara de serviço até tarde, em vez de censurá-lo por se atrasar. Regis aproveitou para perguntar ao homem:

— Sabe alguma coisa sobre Julian... o cadete MacAran, senhor?

— MacAran? Ah, sim... Ele sofreu uma concussão. Levaram-no para a enfermaria, mas estará recuperado em poucos dias. Mandaram chamar seu amigo para lhe fazer companhia. Ele estava delirando, e ficaram com receio de que pudesse sair da cama e se machucar. Mas reconheceu a voz de Damon. Parecia não ouvir mais ninguém, mas quando MacAnndra lhe disse que ficasse quieto, caiu no sono no mesmo instante, como um bebê. É o que ocorre às vezes com uma concussão.

Regis disse que se sentia satisfeito por saber que o estado de Julian não era grave e foi para a cama. Sua extremidade do alojamento se encontrava quase vazia, com Damon e Julian na enfermaria. A cama de Danilo também estava vazia. O amigo devia ter sido destacado para um serviço noturno. Regis ficou um pouco desolado, pois esperava conversar com ele, talvez uma oportunidade de descobrir o que o perturbava, restabelecer a amizade.

Foi despertado uma ou duas horas depois pelo som da chuva forte no telhado e vozes alteadas na porta. O oficial de plantão estava dizendo:

— Terei de incluir seu nome no relatório por isso. Ao que Danilo respondeu, um tanto brusco:

— Não me importo. Que diferença pode fazer para mim agora?



Um momento depois ele entrou no alojamento, os passos meio trôpegos. O que havia com ele? perguntou-se Regis. Estaria embriagado? Concluiu que era melhor não lhe falar. Se Danilo bebera tanto assim ou se achava muito nervoso, a ponto de ser grosseiro com o oficial de plantão, poderia fazer outra cena, e sua situação se tornaria ainda pior.

Danilo esbarrou na cama de Regis, que pôde perceber que tinha as roupas encharcadas, como se estivesse vagueando sob a chuva. A luz fraca que ficava acesa no banheiro durante a noite, Regis viu-o cambalear de um lado para outro, tirando as roupas e jogando-as para todos os lados, e ouviu o barulho quando o amigo largou a espada no baú de roupas, em vez de pendurá-la na parede. Danilo parou sob a janela por um instante, nu, hesitante, e Regis quase falou. Poderia fazê-lo em voz baixa, sem atrair a atenção de mais ninguém; com Damon e Julian fora do alojamento, eles se mantinham a uma distância considerável dos outros cadetes. Mas foi dominado pelo medo antigo e angustiante de uma repulsa. Não podia suportar a perspectiva de outra briga. Por isso, permaneceu em silêncio, e logo Danilo se virou e deitou em sua cama.

Regis caiu num sono leve e irrequieto, e depois de um longo tempo acordou com um sobressalto, ouvindo mais uma vez o som de choro. E dessa vez, embora a vibração do sofrimento atingisse seus nervos de forma direta, constatou que Danilo estava desperto e de fato chorava baixinho, desolado, desesperado. Regis ficou escutando, dividido, não querendo intrometer-se, mas também incapaz de agüentar tanta angústia. Ao final, o senso de amizade levou-o a sair da cama. Foi ajoelhar-se ao lado da cama de Danilo e sussurrou:

— O que aconteceu, Dani? Você está doente? Recebeu uma má notícia de casa? Há alguma coisa que eu possa fazer?

A cabeça virada para o outro lado, Danilo respondeu, em tom sombrio:

— Não... não há nada que alguém possa fazer, já é tarde demais para isso. E pelo que aconteceu... Ó Santo Portador dos Fardos, o que meu pai vai dizer?

Regis disse, num sussurro que não podia ser ouvido a mais de um metro de distância:

— Não fale assim. Nada é tão ruim que não se possa corrigir de alguma forma. Vai se sentir melhor se me contar? Por favor, Dani.

Danilo virou-se, o rosto apenas uma mancha branca na semi-escuridão.

— Não sei o que fazer. Acho que estou enlouquecendo... — Subitamente, ele soltou um soluço longo e ofegante. — Não consigo ver... quem... é você, Damon?

— Não — sussurrou Regis. — Damon está na enfermaria com Julian. E todos os outros dormem. Creio que ninguém mais o ouviu entrar. Eu não ia dizer nada, mas você parecia tão infeliz...

Esquecendo a briga, esquecendo tudo, exceto que o amigo se metera em algum problema desesperador, Regis inclinou-se para a frente e pôs a mão no ombro nu de Danilo, um contato tímido, hesitante.

— Não há alguma coisa que eu possa...

Ele sentiu a explosão de raiva e de algo mais — medo? vergonha? — subir por seu braço, através das pontas dos dedos, como um choque elétrico. Retirou a mão bruscamente, como se tivesse queimado. Com um movimento irado, violento, Danilo empurrou Regis, com as duas mãos, e disse num sussurro tenso:

— Amaldiçoado... repulsivo... Comyn, saia de perto de mim, não me ponha suas mãos nojentas, seu...

Ele usou uma palavra que fez Regis, embora acostumado à linguagem rude da Guarda, soltar uma exclamação de espanto e recuar, trêmulo e nauseado.

— Dani, você está enganado — protestou ele, consternado. — Só achei que você estava doente ou com algum outro problema. Não importa o que esteja errado, não fiz nada contra você, entende? E vai acabar muito doente se continuar assim, Dani. Não pode me contar o que aconteceu?

— Contar a você? Pelas correntes de Sharra, prefiro sussurrar para um lobo com as presas em minha garganta! — Ele deu outro empurrão em Regis e acrescentou, em voz meio alta: — Se chegar

perto de mim outra vez, seu ombredin asqueroso, vou torcer o seu pescoço!

Regis se levantou e voltou para sua cama, sem dizer mais nada. Seu coração ainda batia forte com o choque físico da explosão de ira violenta que sentira ao tocar Danilo, e tremia todo com a investida contra sua mente. Deitou-se e ficou escutando a respiração tensa de Danilo, transtornado pelo impacto do ódio e por seu fracasso em conseguir comunicar-se. Pensara que, de alguma forma, entre duas pessoas com laran, aquele tipo de mal-entendido não podia ocorrer. Continuou ouvindo por um longo tempo a respiração ofegante de Danilo, que depois se transformou em soluços abafados, até que o amigo mergulhou num sono inquieto e agitado. Mas Regis quase não conseguiu fechar os olhos naquela noite.

## Capítulo Dez

(Narrativa de Lew Alton)

Uma chuva forte depois da meia-noite se transformara em neve; o dia em que eu deveria partir para Aldaran amanheceu cinzento e sombrio, o sol oculto por trás de nuvens ainda impregnadas de neve por cair. Acordei cedo, continuei deitado, meio sonolento, ouvindo vozes iradas no quarto de meu pai. A princípio, pensei que Marius recebia alguma repreensão por uma falta de importância menor... mas tão cedo? Depois, o sono se dissipou mais pouco, e percebi um tom na voz do pai que nunca era empregado contra qualquer de nós. Sempre o conheci, durante toda a minha vida, como um homem ríspido, impetuoso e impaciente, mas que de um modo geral mantinha sua raiva sob controle; a ira incontida de um Alton pode matar, mas ele tinha a disciplina da Torre, e o domínio de si mesmo era perceptível em cada sílaba que pronunciava. Vesti-me apressado e saí para a sala central dos nossos aposentos.

— Dyan, isso não é digno de você! É uma questão de orgulho pessoal?

Senhor da Luz, acontecera de novo! Mas pelo menos dessa vez, se eu bem conhecia aquele tom na voz de meu pai, ele não ficaria sem punição! A voz de Dyan era um baixo profundo, abafada a um rumor pelas paredes grossas; mas nenhuma parede seria capaz de abafar a resposta aos gritos de meu pai:

— Não, Dyan, de jeito nenhum! Não serei cúmplice de uma coisa tão monstruosa!

Na sala central, pude ouvir com nitidez a resposta firme de Dyan:

— Não se trata de orgulho pessoal, mas sim da honra do Comyn e da Guarda.

— Honra? Você não conhece o significado...

— Tome cuidado, Kennard. Há algumas coisas que nem mesmo você pode dizer. Quanto ao fato... em nome de Zandru, Ken, não posso ignorá-lo. Mesmo que fosse seu próprio filho. Ou o meu,

pobre rapaz, se tivesse vivido por tanto tempo. Está disposto a permitir que um cadete saque uma arma contra um oficial sem sofrer qualquer punição? Se não pode aceitar que estou pensando na honra da Guarda, então o que me diz da disciplina? Justificaria esse comportamento mesmo que fosse de seu bastardo?

— Precisa incluir Lew em cada...

— Tento não fazê-lo, e foi por isso que o procurei diretamente com o problema. Não espero que ele seja sensível a uma questão de honra.

Meu pai tornou a interrompê-lo, mas os dois passaram a falar mais baixo. Ao final, Dyan declarou, num tom decidido e inflexível:

— Não me fale das circunstâncias. Se permitir que o respeito devido ao Comyn seja corroído em tempos como este, à plena vista de todo bastardo e cadete insolente em Thendara, como você pode falar em honra?

A ira violenta já desaparecera da voz de meu pai, substituída por uma profunda amargura.

— Dyan, você usa a verdade como outros homens usam uma mentira, para servir às suas próprias finalidades. Conheço-o desde que éramos meninos, e esta é a primeira vez em que cheguei perto de odiá-lo. Muito bem, Dyan. Não me deixa opção. Como me apresenta a queixa oficialmente, de mestre-dos-cadetes para comandante, as providências serão tomadas. Mas acho difícil acreditar que você não fosse capaz de evitar que a situação alcançasse esse ponto.

Dyan abriu a porta e saiu em passos largos. Lançou-me um olhar breve e desdenhoso e murmurou, antes de se afastar:

— Ainda espionando seus superiores?

Passei pela porta que ele deixara aberta. Meu pai fitou-me com um olhar vazio, como se não conseguisse lembrar meu nome, depois suspirou e disse:

— Mande os homens se reunirem no salão principal da Guarda depois do desjejum. Todos os serviços estão suspensos pela manhã.

— Mas o que...

— Assembléia disciplinar. — Ele ergueu as mãos grossas, encarquilhadas e rígidas da doença das articulações que o atormenta

desde que posso me lembrar. — Você terá de ficar de prontidão. Não tenho mais forças para quebrar a espada e não deixarei que Dyan cuide disso.

— Pai, o que aconteceu?

— Você terá mesmo de saber. Um dos cadetes sacou a espada contra Dyan.

Senti meu rosto empalidecer em consternação. Era realmente uma coisa que não podia ser ignorada. Claro que especulei — quem não o faria? — qual teria sido a provocação de Dyan. Em meu primeiro ano como cadete, ele me deslocara o braço, mas ainda assim eu sabia que tinha de me controlar. Mesmo que dois cadetes, numa briga infantil, sacassem seus canivetes um contra o outro, já haveria motivo suficiente para que ambos fossem expulsos em desgraça.

Espantava-me que meu pai tivesse tentado interferir. Parecia-me que, por uma vez, eu fizera um julgamento errado de Dyan.

Imaginei logo o que acontecera. Se o jovem MacAran morrera da concussão, e Damon atribuíra a responsabilidade a Dyan — três oficiais me haviam relatado em separado o incidente, e todos concordaram que Dyan fora indesculpavelmente rude -, então Damon se sentiria obrigado pela honra a vingar o amigo. Os dois rapazes eram filhos das montanhas, e a amizade era sempre profunda nas colinas Kilghard. Não culpava o rapaz, mas sentia-me irritado com Dyan. Um homem mais generoso teria compreendido; Dyan, sendo o que era, poderia muito bem demonstrar compreensão pelo amor entre eles.

O pai me lembrou de que eu precisaria usar o uniforme completo. Apressei-me em vesti-lo, pois queria chegar ao refeitório enquanto os homens ainda estivessem comendo.

O sol rompera a camada de nuvens, e a neve derretendo acumulava-se em poças por todo o pátio calçado com pedras, mas o céu continuava cinzento e ameaçador ao norte. Pensara em deixar a cidade logo depois do amanhecer. Se recomeçasse a nevar mais tarde, o início da jornada seria bastante desagradável.

Havia salsicha no desjejum, e o cheiro forte dos temperos me fez lembrar, assim que entrei no refeitório, de que ainda não comera.

Senti-me tentado a pedir ao ordenança que me trouxesse um prato, mas depois recordei que vestia o uniforme completo. Fui para o meio das mesas apinhadas e pedi a atenção de todos.

Ao anunciar a assembléia, olhei para a mesa a que os cadetes sentavam. Para minha surpresa, Julian MacAran se encontrava ali, a cabeça toda enfaixada, mas presente e parecendo apenas um pouco pálido. Lá se ia minha teoria sobre o que acontecera! Regis também estava ali, o rosto tão branco e angustiado que por um momento, em consternação, cheguei a pensar que fosse ele o cadete em desgraça. Mas não era possível, pois nesse caso ele ficaria detido em outro lugar.

Deixando o refeitório, passei pelo alojamento do primeiro ano e ouvi vozes lá dentro. Parei no mesmo instante, a fim de verificar se deveria repetir a mensagem para mais alguém. Ao me aproximar, ouvi a voz do velho Domenic. Ele é que deveria ser o mestre-dos-cadetes, pensei, amargurado.

— Não, filho, não há necessidade disso. Sua espada é uma herança de família. Poupe isso a seu pai, pelo menos. Leve esta espada simples.

Durante meus anos como cadete, eu pensara muitas vezes que o velho Domenic era o homem mais bondoso que já conhecera. Qualquer espada serviria para ser quebrada. A resposta foi em voz baixa, não deu para ouvir, mas impregnada por uma angústia que, mesmo àquela distância, sufocou-me como uma cinta de ferro apertando minha testa. A voz profunda de Hjalmar soou numa gentil repreensão:

— Não faça isso agora, meu rapaz. Não admitirei nenhuma palavra contra o Comyn. Eu o adverti uma vez de que seu temperamento explosivo ainda o meteria em dificuldades.

Dei uma olhada nesse momento, e desejei não tê-lo feito. Danilo estava sentado em sua cama, acabrunhado, e o mestre-de-armas e Hjalmar o ajudavam a recolher seus pertences. Danilo! Pelos nove infernos de Zandru, como aquilo pudera acontecer? Não era de admirar que o pai se mostrasse disposto a argumentar com Dyan! Algum homem são seria capaz de levantar uma questão de honra contra um menino como ele? É verdade que, se ele tinha

idade suficiente para ser um cadete, também tinha idade para arcar com as conseqüências de um ato precipitado.

Endureci minha consciência e segui em frente sem dizer nada. Também sofrera provocações — por algum tempo, enquanto o braço continuava na tipóia, eu dormia pensando em meios de matar Dyan -, mas mantivera a mão longe da espada. Se Danilo não era capaz de se controlar, o corpo de cadetes não era o lugar em que deveria estar.

Os homens já começavam a se reunir quando cheguei ao salão da Guarda. As assembléias disciplinares não eram comuns, já que as pequenas violações e punições eram resolvidas pelos oficiais ou pelo mestre-dos-cadetes em particular; por isso, havia muita curiosidade e perguntas sussurradas. Eu nunca vira um cadete ser formalmente expulso. Às vezes um cadete se afastava por doença ou problemas na família, ou era persuadido a renunciar, por incapacidade física ou emocional para assumir os deveres e a disciplina. O caso de Octavien Vallonde fora abafado assim. E a culpa também fora de Dyan.

Ele já se encontrava ali, em seu lugar, com uma expressão austera e virtuosa. Meu pai entrou, claudicando mais do que nunca. Di Asturien trouxe Danilo. Ele estava tão branco quanto o reboco da parede, o rosto tenso e controlado, mas as mãos tremiam. Houve murmúrios audíveis de surpresa e consternação. Tentei erguer uma barreira contra isso. Para qualquer lado que se olhasse, a reação era de tragédia ou ainda pior.

Meu pai se adiantou. Parecia tão mal quanto Danilo. Pegou um documento longo e formal — especulei se Dyan já o aprontara antes — e desdobrou-o.

— Danilo-Felix Kennard Lindir-Syrtis, adiante-se — disse ele, em voz exausta.

Danilo parecia tão pálido que pensei que ele fosse desmaiar, e senti-me contente por Di Asturien manter-se ao seu lado. Quer dizer que ele era também homônimo de meu pai?

Kennard começou a ler o documento, escrito em casta. Como a maioria dos homens das colinas, eu fora criado falando cahuenga, e foi com dificuldade que acompanhei a linguagem legal, tendo de me



concentrar em cada palavra. Já conhecia a essência. Danilo Syrtis, cadete, em desafio a toda ordem e disciplina, contra todos os regulamentos do corpo de cadetes, desembainhara deliberadamente o aço contra um oficial superior, seu mestre-dos-cadetes, Dyan-Gabriel, Regente de Ardais. Portanto, era agora dispensado, em desgraça, despojado de todas as honras e privilégios, e assim por diante, tudo repetido duas ou três vezes, em termos diferentes, até que desconfiei de que a leitura da acusação era muito mais prolongada do que a violação.

Eu tremia com o vazamento acumulado de emoções, que não podia bloquear por completo naquela multidão. A angústia de Danilo era quase uma dor física. Acabem logo com isso! pensei, desesperado, escutando as intermináveis frases legais, ouvindo as palavras agora apenas através das reverberações agoniadas na mente de Danilo. Acabem logo com isso antes que o pobre coitado se descontrole e tenha um acesso histérico ou querem ver essa humilhação também?

— ...e assim será privado de sua honrada posição e voltará para sua casa em desgraça... e como símbolo disso... sua espada será quebrada diante dos seus olhos e na presença de todos os guardas aqui reunidos...

Essa era a minha parte do trabalho sujo. Odiando-a, adiantei-me e tirei a espada de Danilo. Era uma espada simples da Guarda, e abençoei o velho generoso por essa misericórdia. E além do mais, pensei transtornado, aquelas espadas de herança eram de tempera tão boa que seriam necessários uma forja e os fogos de Sharra para causar alguma impressão em qualquer uma!

Tive de tocar o braço de Danilo. Tentei transmitir-lhe um pensamento de conforto, de que aquilo não era o fim do mundo, mas sabia que não conseguiria alcançá-lo. Ele se encolheu ao contato de minha mão enluvada, como se fosse um ferro de marcar em brasa. Teria sido uma terrível provação para qualquer jovem que não fosse um idiota rematado; para alguém com laran, talvez um telepata catalisador, eu sabia que era uma tortura. Danilo seria capaz de suportar sem um colapso total? Ele se mantinha imóvel, olhando fixamente para a frente, os olhos meio fechados, mas piscava como

se tentasse reprimir lágrimas ardentes. As mãos se contraíam em punhos nos lados do corpo.

Com a espada de Danilo, voltei à plataforma. Segurei-a pelas extremidades e entortei-a sobre o joelho. Era pesada e mais dura de entortar do que eu imaginara, e tive tempo para me perguntar o que faria se a espada não partisse ou se escapulisse de minhas mãos e voasse ao longo do salão. Houve algumas tosses nervosas, e fiz mais força ainda, pensando: Quebre logo, sua desgraçada, quebre de uma vez, vamos acabar com esse espetáculo sórdido antes que todo mundo comece a gritar!

A espada finalmente se partiu, com um som chocante, que parecia de vidro quebrando. Eu devia antes esperar uma ressonância metálica. Uma das metades deslizou para o chão, e a deixei ali.

Empertigando-me, vi os olhos de Regis cheios de lágrimas. Olhei para Dyan.

Dyan...

Por um instante, ele arriara suas barreiras. Não olhava para mim nem para a espada. Fixava-se em Danilo, com expressão odiosa, intensa, zombeteira, saciada. Uma expressão de luxúria horrenda e satisfeita. Não havia qualquer outra palavra para descrever.

E no mesmo instante compreendi — deveria ter adivinhado desde o início — exatamente como e por que Danilo fora perseguido, até que num momento de desespero impotente fora espicaçado a sacar uma arma contra seu algoz... ou talvez contra si mesmo.

De qualquer forma, no momento em que a lâmina saía da bainha, Dyan o tivera na posição em que desejava. Ou na melhor posição seguinte.

Creio que jamais saberei como consegui suportar o resto da cerimônia. Minha mente conserva apenas vinhetas isoladas. O rosto de Danilo tão branco quanto sua camisa depois que o tabardo do uniforme foi cortado. Como ele parecia desesperado... e jovem! Dyan tirando a espada quebrada de minha mão, com um sorriso. Quando meu cérebro tornou a desanuviar por completo, eu já

deixara o salão da Guarda e subia a escada para os aposentos dos Altos.

Meu pai, cansado, tirava o uniforme. Estava mesmo muito doente, pensei, e não era de admirar. Aquilo deixaria qualquer um assim. Ele me fitou quando entrei e disse, a voz exausta:

— Já providenciei todos os salvo-condutos. Há uma escolta pronta à sua espera, com animais de carga. Pode partir antes do meio-dia, a menos que ache que haverá muita neve antes do anoitecer.

Ele me entregou um pacote de documentos dobrados. Parecia muito oficial, com lacres e essas coisas. Por um instante, mal pude recordar-me do que ele estava falando. A viagem a Aldaran recuara para muito longe. Guardei os documentos no bolso, sem os examinar.

— Pai, você não pode fazer isso. Não pode arruinar a vida de um rapaz por causa do rancor de Dyan. Não outra vez.

— Tentei dissuadi-lo, Lew. Ele poderia resolver tudo em particular. Mas como tornou o problema oficial, eu não podia ignorar. Mesmo que fosse você ou o garoto Hastur.

— E o que me diz de Dyan? É digno de um soldado provocar um menino?

— Deixe Dyan fora disso, filho. Um cadete deve aprender a se controlar, em quaisquer circunstâncias. Terá algum dia em suas mãos a vida ou a morte de dezenas ou centenas de homens. Se não consegue controlar seus sentimentos pessoais...

Meu pai inclinou-se e pôs a mão em meu pulso, numa rara carícia.

— Meu filho, pensa que eu não sei quanto ele tentou provocá-lo a fazer a mesma coisa? Mas confiei em você e estava certo. Fiquei desapontado com Dani.

Mas havia uma diferença. Embora talvez fosse mais rigoroso do que a maioria das pessoas achava que um oficial deveria ser, Dyan nunca fizera nada comigo que não fosse permitido pelos regulamentos do corpo de cadetes. Foi o que eu disse a meu pai, acrescentando:

— Os regulamentos exigem que um cadete deva suportar isso também de um oficial? A crueldade e a disciplina sádica já são bastante terríveis. Mas a perseguição desse tipo, a ameaça de ataque sexual...

— Que provas você tem?

Foi como um dilúvio de água gelada. Provas. Eu não tinha nenhuma. Apenas a expressão satisfeita e triunfante de Dyan, a vertigem da vergonha em Danilo, uma percepção telepática que eu não tivera o direito de captar. Certeza moral, sim, mas nenhuma prova. Eu simplesmente sabia.

— Lew, você é sensível demais. Lamento também por Dani. Mas se ele tinha algum motivo para se queixar do tratamento que Dyan lhe dispensava, há um processo formal de apelação...

— Contra o Comyn? Ele sabia o que aconteceu com o último cadete que tentou isso.

Mais uma vez, contra toda a razão, o pai ficava do lado do Comyn, apoiava Dyan. Fitei-o quase com incredulidade. Mesmo agora, ainda não podia acreditar que ele não quisesse reparar o erro.

Sempre. Sempre confiara nele, totalmente, certo de que encontraria um meio de fazer justiça. Podia ser rigoroso, exigente, mas era sempre justo. Agora, Dyan fizera — de novo! — o que eu sempre soubera que tornaria a fazer, e meu pai se mostrava disposto a relevar, a permitir que aquela monstruosa injustiça persistisse, a deixar que a vingança corrupta e iníqua de Dyan prevalecesse contra toda a honra e razão.

E eu confiara nele! Confiara-lhe literalmente minha vida. Soubera que, se ele falhasse ao me testar para o dom de Alton, eu teria uma morte rápida e dolorosa. Senti que estava prestes a me desmanchar num fluxo de lágrimas que só serviria para me envergonhar. Mais uma vez, o tempo perdeu o foco, e voltei a ter onze anos, apavorado, mas confiante, tremendo diante dele, aguardando o contato que me proporcionaria os plenos direitos hereditários do Comyn... ou me mataria! Sentia a solenidade daquele momento, com um medo horrível, mas também me

encontrava ansioso em justificar sua fé em mim, a fé de que eu era seu legítimo filho, que herdara seu dom e seu poder...

Poder! Alguma coisa dentro de mim explodiu em angústia, uma angústia que devia ter sentido ao longo dos anos, desde aquele dia, mas que nunca ousara permitir que aflorasse.

Ele assumira o risco de me matar! Por que eu nunca pensara nisso antes? A sangue frio, mostrara-se disposto a me expor à morte, contra a esperança de adquirir um instrumento para o poder. Poder! Como Dyan, ele não se importava com a tortura que podia infligir para obtê-lo! Ainda podia recordar a agonia explosiva daquele primeiro contato. Passara muito tempo doente depois, e sob seu amor e preocupação acabara esquecendo — para ser mais preciso, sepultara-o conhecimento de que meu pai se arriscara a provocar minha morte.

Por quê? Porque, se ficasse comprovado que eu não tinha o dom, então... ora, nesse caso minha vida não teria maior interesse para ele, minha morte não seria pior do que a de um cachorro de estimação! Descobri que ele me fitava, consternado, e sussurrou:

— Não, meu filho, não, meu querido, não foi assim!

Mas tratei de fechar a mente, surdo pela primeira vez a palavras de afeto... palavras que visavam apenas a impor sua vontade sobre mim, mais uma vez! E sua angústia agora era por ver seus planos frustrados, quando seu fantoche, seu instrumento cego, sua criatura se rebelava!

Ele não era melhor do que Dyan. Honra, justiça, razão... todas essas coisas podiam ser varridas para o lado na ânsia implacável por poder! Será que ele sequer sabia que Danilo era um telepata catalisador, o mais sensível e poderoso dos dons, um talento que se julgava quase extinto?

Por um momento, parecia que seria o último argumento para comovê-lo. Danilo não era um cadete comum, dispensável, para salvar o orgulho avariado de Dyan. Danilo deveria ser resguardado para o Comyn a qualquer custo!

Mas me contive no instante mesmo em que as palavras alcançaram os lábios. Não. Se dissesse isso ao pai, ele encontraria um meio de usar Danilo também, como um instrumento em sua

busca incessante por mais poder. Era melhor para Danilo ficar livre do Comyn, afortunado por estar além do nosso alcance!

Meu pai retirou as mãos estendidas e disse friamente:

— Muito bem, é uma longa jornada até Aldaran; talvez você se acalme e recupere o bom senso antes de chegar lá.

Tive vontade de dizer Aldaran que se dane! Faça você mesmo o seu trabalho sujo desta vez, ainda estou nauseado da última missão! Não dou um peido no vento alto por toda a sua política de poder! Vá para Aldaran você mesmo, e que se dane!

Mas não falei isso. Recordei que também era um Aldaran, além de terráqueo. Já me fora jogado na cara muitas vezes. Todos presumiam que eu sentiria bastante vergonha da desgraça de minhas origens para fazer qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, para ser aceito como Comyn e herdeiro de meu pai. Fora assim que ele me mantivera subserviente e dócil, durante toda a minha vida.

Mas o sangue terráqueo, como Linnea dissera, não era uma desgraça nas montanhas. Ela se espantara por saber que eu pensava assim. E os Aldarans também eram meus parentes.

Meu pai deixara-me pensar que os terráqueos e os Aldarans eram malignos. Servira a seus propósitos me deixar pensar assim.

E talvez isso fosse outra mentira, mais um passo em sua estrada para o poder. Fiz uma reverência, numa irônica submissão.

— Estou inteiramente a seu serviço, Lorde Alton.

Virei as costas e deixei-o, sem um abraço ou uma palavra de despedida.

E assim selei o meu destino.

## Capítulo Onze

Desde a partida de Danilo que o alojamento dos cadetes do primeiro ano se mantinha silencioso, hostil, agitado às vezes por turbilhões de murmúrios em pequenos grupos, dos quais Regis era sempre excluído. O que não o surpreendia. Danilo sempre fora apreciado pelos outros cadetes, que identificavam Regis como o Comyn que provocara sua expulsão.

Seu próprio sofrimento, sua solidão — ainda pior porque fora rompida por um breve período — não eram nada, ele sabia, em comparação com o que seu amigo devia estar sentindo. Dani se virara contra ele naquela noite, tinha certeza, porque não era mais apenas Regis, tornara-se outro algoz. Outro Comyn. Mas o que poderia levá-lo a tamanho desespero?

Regis repassou tudo em sua mente, várias vezes, mas não conseguiu chegar a nenhuma conclusão. Gostaria de poder conversar a respeito com Lew, que também ficara chocado e horrorizado. Regis sentira sua reação. Mas Lew viajara para Aldaran, e Regis não tinha idéia de quando ele voltaria.

Um dia antes da dispensa dos cadetes, quando todos seguiriam para suas casas e só voltariam no verão seguinte, na próxima sessão do Conselho, Regis tinha um treinamento de esgrima marcado com Dyan Ardais. Foi para o exercício cora a mistura habitual de excitação e apreensão. Gostava de sua reputação entre os cadetes, como um espadachim hábil demais para os ensinamentos comuns, e o treino com Dyan o desafiava ao máximo. Ao mesmo tempo, porém, sabia que aquelas sessões o afastavam ainda mais dos outros cadetes. Além disso, saía delas com várias equimoses pelo corpo, completamente exausto.

Os cadetes aprontavam-se para o exercício no pequeno vestiário da armaria, pondo os coletes reforçados que eram usados para amortecer os piores golpes. As pesadas espadas de exercício, de madeira e couro, não podiam matar, mas eram capazes de infligir lesões consideráveis, muita dor e até fratura de ossos. Regis tirou o manto e a túnica e enfiou o colete pela cabeça, estremeando ao

virar o corpo para amarrar as tiras. Tinha sempre as costelas doloridas.

Enquanto ele terminava de se arrumar, Dyan entrou, jogou seu gibão num banco e vestiu apressado o traje de exercício. Por trás da máscara de esgrima, ele parecia um gigantesco inseto. Impaciente, gesticulou para que Regis o seguisse até a sala de exercício. Em sua pressa de obedecer, Regis esqueceu-se de pegar as luvas, e o homem mais velho disse, em tom ríspido:

— Depois de todos esses meses? Olhe aqui...

Dyan estendeu um punho cerrado, apontou o carço sobre os tendões do dorso da mão e acrescentou:

— Isso me aconteceu quando tinha a sua idade. Devia obrigá-lo a experimentar um dia sem as luvas... esqueça outra vez, e é o que farei. Garanto que nunca mais vai esquecer.

Sentindo-se como um menino repreendido, Regis voltou apressado ao vestiário e pegou as pesadas luvas. No outro lado da sala de treinamento, um dos ajudantes do mestre-de-armas dava uma lição ao jovem Gareth Lindir, pacientemente ajeitando e reajutando seus braços e pernas, ombros e mãos, depois de cada golpe separado. Regis não podia ver seus rostos por trás das máscaras, mas ambos se movimentavam como se estivessem entediados com o exercício. As equimoses eram melhor do que isso, pensou Regis, enquanto se aproximava de Dyan.

O combate foi breve. Dyan se movia mais devagar do que o habitual, quase desajeitado. Regis descobriu-se recordando, com um pouco de embaraço, um sonho que tivera tempos atrás, sobre uma luta com espadas que travara com Dyan. Não podia lembrar os detalhes, mas por qualquer motivo, ignorado, isso lhe provocou uma intensa angústia. Acabou tocando Dyan e esperou que o homem mais velho retomasse a posição. Em vez disso, Dyan largou a espada de madeira.

— Você terá de me desculpar por hoje. Estou um pouco... - Dyan fez uma pausa. — ...um pouco... Não me sinto propenso a continuar.

Regis teve a impressão de que ele tencionara alegar doença.



— Se quiser continuar — acrescentou Dyan -, posso arrumar outro para treinar com você.

— Como achar melhor, Capitão.

— Pois então já chega.

Ele tirou a máscara e voltou para o vestiário. Regis seguiu-o devagar. A respiração de Dyan era ofegante, o suor escorria pelo rosto. Ele pegou uma toalha e comprimiu-a contra o rosto. Regis, tirando o colete protetor, tratou de se virar. Como a maioria dos jovens, sentia-se constrangido por testemunhar a fraqueza de alguém mais velho. Sua camisa estava encharcada de suor; tirou-a e foi até seu armário, a fim de pegar a outra que aprendera a deixar sempre ali. Dyan largou a toalha e aproximou-se dele por trás. Parou, olhando para o tronco nu de Regis, escurecido pelas equimoses, e só depois de um longo momento é que comentou:

— Você deveria ter falado. Não pensei que estava batendo com tanta força.

Mas ele sorria enquanto falava. Passou as mãos pelas costelas de Regis, em movimentos firmes e meticulosos. O rapaz se encolheu ao contato e soltou uma risada nervosa. Dyan deu de ombros, rindo também.

— Não há fraturas — murmurou ele, correndo os dedos pelas costelas inferiores -, e assim não há problemas maiores.

Regis apressou-se em vestir a camisa limpa e a túnica, pensando que Dyan sabia com precisão cada vez que acertava em uma equimose antiga... ou fazia uma nova! Dyan sentou num banco para calçar as botas e jogou as sandálias de treinamento em seu armário.

— Quero conversar com você — disse ele -, e sei que só entrará de serviço dentro de uma hora. Vamos até a taverna. Deve estar com sede também.

— Obrigado.

Regis pegou seu manto, e os dois desceram a ladeira até a taverna perto dos estábulos militares, não a grande, em que os soldados comuns costumavam beber, mas a pequena, onde oficiais e cadetes passavam as horas de lazer. Não havia muitos fregueses naquele momento. Dyan foi sentar num reservado vazio.

— Podemos ir para a sala dos fundos, se você preferir.

— Não precisa. Aqui está ótimo, senhor.

— Vejo que é bastante sensato — comentou Dyan, em tom impessoal. — Os outros cadetes se ressentiriam se fossem afastados de suas diversões habituais. O que vai beber?

— Sidra, senhor.

— Não quer algo mais forte? Fique à vontade.

Dyan chamou o garçom e pediu vinho para si e sidra para Regis. Depois que o homem se afastou, ele disse:

— Creio que sei por que tantos cadetes bebem demais: a cerveja que servem no refeitório é tão insuportável que eles preferem vinho. Talvez devêssemos melhorar a qualidade da cerveja como uma maneira de mantê-los sóbrios.

Ele falou num tom tão engraçado que Regis não pôde deixar de rir. Foi nesse instante que meia dúzia de cadetes entraram na taverna. Já iam sentar à mesa ao lado, mas viram os dois Comyn ali, rindo juntos, e foram agrupar-se a uma mesa menor, junto da porta. Dyan estava de costas para eles. Alguns eram companheiros de alojamento de Regis, que lhes acenou com a cabeça, polidamente, mas todos fingiram não ver.

— Amanhã terminará sua primeira temporada como cadete — disse Dyan. — Já decidiu voltar para a segunda?

— É o que espero fazer, Capitão. Dyan balançou a cabeça.

— Se você sobrevive ao primeiro ano, todo o resto se torna mais fácil. É o primeiro ano que separa os soldados dos meninos mimados. Conversei com o mestre-de-armas e sugeri que ele o experimentasse como um dos seus ajudantes no próximo ano. Acha que pode ensinar aos garotos algumas das coisas que venho tentando meter em sua cabeça?

— Posso tentar, senhor.

— Só não deve ser muito gentil com eles. Umas poucas equimoses no momento certo podem salvar suas vidas mais tarde. — Dyan sorriu subitamente. — E parece que me saí melhor com você do que imaginava, parente, a julgar pela aparência de suas costelas.

O sorriso foi contagiante. Regis riu também.

— É verdade que não me poupou as equimoses. Sem dúvida, algum dia ainda serei grato por isso.

Dyan deu de ombros.

— Pelo menos você não se queixou. É uma coisa que admiro em alguém da sua idade.

Ele fitou o jovem cadete nos olhos por uma fração de segundo a mais do que Regis gostaria, depois pegou sua caneca e tomou um longo trago.

— Eu me orgulharia de tal comportamento em meu próprio filho.

— Não sabia que tinha um filho, senhor.

Dyan serviu-se de mais vinho e disse, sem levantar os olhos:

— Tive um filho. — Seu tom não se alterou, mas Regis pôde sentir uma angústia genuína por trás da voz firme de Dyan. — Ele morreu numa avalanche em Nevarsin, há alguns anos.

— Sinto muito, parente. Nunca me contaram.

— Ele só esteve em Thendara uma vez, quando o legitimei. Estava aos cuidados da mãe, e eu quase nunca o via. Nunca chegamos a nos conhecer direito.

O silêncio prolongou-se. Regis não podia resguardar-se contra o sentimento de pesar e perda irradiado por Dyan. Precisava dizer alguma coisa.

— Ainda não é tão velho assim, Lorde Dyan. Poderia ter muitos outros filhos.

O sorriso de Dyan foi um mero movimento mecânico da boca.

— É mais provável que eu adote um dos bastardos de meu pai. Ele os espalhou por toda parte, das Hellers às Planícies de Valeron. Deve ser bastante fácil encontrar um com laran, o que é tudo o que interessa ao Conselho. Nunca fui um homem para as mulheres, e também não fiz segredo disso. Forcei-me a cumprir meu dever para com o clã. Uma vez. E foi o suficiente.

Para a sensibilidade desperta de Regis, ele pareceu extremamente amargurado.

— Recuso-me a pensar em mim mesmo como uma espécie muito especial de animal reprodutor, cujos produtos pertencem ao Comyn. Tenho certeza de que você... — Dyan levantou o rosto e

tornou a fitar Regis nos olhos, num gesto prolongado e intenso. — ...pode compreender o que estou querendo dizer.

As palavras de Dyan eram explícitas, mas o sentimento que ele aparentemente tentava criar, de que havia uma relação especial entre os dois, deixou Regis embaraçado. Ele baixou os olhos e murmurou:

— Não tenho certeza se entendi, parente.

Dyan deu de ombros, e a intensidade de seu olhar desapareceu, de forma tão abrupta quanto surgira.

— Ora, só estou querendo dizer que por você ser o herdeiro de Hastur já começaram a pressioná-lo para casar, como fizeram comigo, quando tinha sua idade. Seu avô tem uma reputação no Conselho como o mais persistente e tenaz promotor de casamentos. Por acaso ele deixou a Noite do Festival passar sem lhe mostrar uma dúzia das donzelas mais apropriadas, na esperança de despertar em você uma atração intolerável por uma delas?

— Ele não fez nada disso, senhor. Eu estava de serviço na Noite do Festival.

— É mesmo? — Dyan alteou as sobrancelhas, expressivo. — Havia ali uma dúzia de donzelas bem-nascidas, todas bonitas, e pensei que todas se destinavam à sua aprovação. Fico surpreso que ele tenha permitido a sua ausência.

— Nunca pedi para ser dispensado do serviço, senhor, e tenho certeza de que meu avô nunca pediria por mim.

— Uma atitude das mais louváveis, como se poderia esperar do filho de seu pai. Mas como o velho deve ter ficado desapontado! E eu o acusei de ser alcoviteiro! — Dyan estava sorrindo de novo. -Mas ele me garantiu que sempre toma o cuidado de promover o casamento antes que o casal vá para a cama.

Regis não pôde deixar de rir, embora soubesse que deveria sentir vergonha de se divertir à custa do avô.

— Não, Lorde Dyan, ele não me falou de casamento. Ainda não. Só disse que eu deveria ter um herdeiro tão jovem quanto possível.

— Estou me sentindo envergonhado por ele! — Dyan riu de novo. — Seu avô casou Rafael quando ele ainda era da sua idade!

Regis ressentira-se da memória do pai, cuja morte o privara de tanta coisa; nesse instante, experimentou um anseio profundo de saber que tipo de homem ele fora.

— Sou tão parecido com meu pai quanto dizem, parente? Conheceu-o bem?

— Não tão bem quanto eu gostaria. Ele casou jovem, quando eu ainda me encontrava em Nevarsin, onde... a devassidão de meu pai não me poderia contaminar. Mas é isso mesmo, você é bem parecido com seu pai. — Ele fitou Regis atentamente. — Embora seja mais bonito do que Rafael... muito mais bonito.

Dyan se calou e ficou olhando para seu copo de vinho. Regis pegou a caneca com sidra e tomou um gole, sem levantar os olhos. Tornara-se sensível aos comentários um tanto freqüentes demais sobre sua beleza em Nevarsin e no alojamento. Partindo de Dyan, pareciam mais deliberados. Deu de ombros, mentalmente, recordando o que mais diziam no alojamento, que Lorde Dyan apreciava rapazes atraentes. Dyan tornou a fitá-lo.

— Onde tenciona passar o inverno, parente? Vai voltar ao Castelo Hastur?

— Acho que não. O avô é necessário aqui, e creio que ele prefere me ter por perto. A propriedade está entregue em boas mãos, e assim não preciso ir até lá.

— É verdade. Ele perdeu tanta coisa da vida de Rafael que desconfio de que é um erro que não deseja repetir. Devo permanecer aqui também, por causa das sucessivas crises na cidade, e com Kennard doente durante a maior parte do tempo. Mas Thendara é um lugar interessante para se passar o inverno. Há concertos em quantidade suficiente para satisfazer qualquer amante da música. E há também restaurantes elegantes, bailes, as mais variadas diversões. E para um jovem da sua idade, as casas do prazer não podem ser esquecidas. Conhece a Casa das Lanternas, primo?

Em contraste com os outros momentos de intensidade, aquele foi quase casual. A Casa das Lanternas era um bordel discreto, um dos poucos que não eram expressamente proibidos aos cadetes e aos oficiais. Regis sabia que alguns dos cadetes mais velhos

visitavam o lugar de vez em quando, mas embora partilhasse a curiosidade dos outros cadetes do primeiro ano, ainda não fora suficiente para superar sua aversão à idéia. Ele sacudiu a cabeça.

— Só de reputação.

— Acho o lugar meio insípido. O Gaiola Dourada é muito mais ao meu gosto. Fica junto da Zona Terráquea, e podem-se encontrar ali várias diversões exóticas, até mesmo alienígenas e não-humanos, além de mulheres de todos os tipos. — Uma breve pausa, e Dyan acrescentou, no mesmo tom casual: — Ou todos os tipos de homens e rapazes.

Regis corou e tentou esconder seu constrangimento tossindo, como se tivesse engasgado com a sidra. Mas Dyan percebera o rubor e sorriu.

— Eu tinha esquecido como os jovens podem ser convencionais. Talvez um gosto por... diversões exóticas... precise ser cultivado, como o gosto por bons vinhos em vez de sidra. E três anos num mosteiro em nada contribuem para desenvolver o gosto por qualquer das melhores diversões e luxos que ajudam um jovem a aproveitar a maior parte de sua vida.

Regis corou ainda mais. Dyan inclinou-se para a frente e pôs a mão em seu braço.

— Primo, o mosteiro ficou para trás; já compreendeu de fato que não está mais sujeito a todas as suas regras?

Dyan observava-o com a maior atenção. Como Regis não dissesse nada, ele continuou:

— Podem-se desperdiçar os anos, parente, os anos preciosos da juventude, tentando-se cultivar gostos que mais tarde se descobre serem equivocados. Pode perder muita coisa assim. Aprenda o que quer e o que é enquanto ainda é jovem para desfrutar. Eu gostaria de que alguém tivesse me dado esse conselho na sua idade. Meu próprio filho não viveu para precisar dele. Seu pai não está aqui para dá-lo a você... e seu avô, não tenho a menor dúvida, está mais preocupado em ensinar seu dever para com a família e o Comyn do que em ajudá-lo a aproveitar sua juventude!

A intensidade de Dyan não o perturbava agora. Regis compreendeu que fazia muito tempo que se sentia ansioso pela

oportunidade de conversar sobre essas coisas com um homem de sua casta, alguém que entendesse o mundo em que ele deveria viver. Largando a caneca na mesa, ele disse:

— Parente, eu me pergunto se não foi por isso que o avô insistiu em que eu deveria servir no corpo de cadetes.

Dyan balançou a cabeça.

— É bem provável. Fui eu quem o aconselhou a mandar você para o corpo de cadetes, em vez de deixá-lo consumir seu tempo na ociosidade e diversão. Há um tempo para isso, é claro. Mas achei que o tempo passado entre os cadetes lhe ensinaria mais depressa as coisas que deixou de aprender antes.

A expressão de Regis era da maior seriedade.

— Eu não queria entrar no corpo de cadetes e o detestei a princípio.

Dyan tornou a pôr a mão em seu ombro, de leve, e disse afetuosamente:

— Todo mundo detesta. Se isso não acontecesse com você, eu ficaria preocupado; significaria que se tornou um homem duro cedo demais.

— Mas agora creio que sei por que os herdeiros do Comyn devem servir no corpo de cadetes. Não é apenas a disciplina. Tive muita em Nevarsin. Mas aprender como ser um do nosso povo, fazer o mesmo trabalho que os outros, partilhar suas vidas e seus problemas, para que... — Regis mordeu o lábio, procurando as palavras certas com todo o cuidado. — ...para que saibamos o que é o nosso povo.

— Foi muito eloqüente, meu rapaz. Como seu mestre-dos-cadetes, sinto-me contente. E como seu parente também. Gostaria de que mais jovens de sua idade tivessem essa compreensão. Tenho sido acusado de ser implacável. Mas tudo o que eu fiz, sempre foi por lealdade ao Comyn. Pode compreender isso, Regis?

— Acho que sim.

Regis sentia-se satisfeito, um pouco menos solitário, por ter alguém que se importava com seus sentimentos e pensamentos.

— Compreende também o que eu disse sobre a reação desfavorável dos outros cadetes se você recusasse suas diversões

comuns?

Regis mordeu o lábio outra vez.

— Entendo o que está querendo dizer. Mesmo assim, eu me sinto estranho sobre... — Ele voltou a se sentir embaraçado. — Sobre lugares como a Casa das Lanternas. Talvez passe à medida que eu me torne mais velho. Mas sou um... um telepata...

Como era estranha a sensação de dizer isso! E como era estranho que Dyan fosse o primeiro a ser informado! Regis acrescentou, experimentando alguma dificuldade com as palavras:

— E me parece... errado.

Dyan levantou o copo e bebeu o resto do vinho, antes de responder:

— Talvez você tenha razão. A vida já pode ser bastante complicada para um telepata sem isso. Algum dia saberá o que quer, e virá o momento de confiar em seus instintos e necessidades.

Ele ficou em silêncio, pensativo, e Regis se descobriu especulando que recordações amargas haveria por trás daquele olhar perdido no espaço. Só depois de um longo momento é que Dyan voltou a falar:

— Nesse caso, é provável que seja melhor que você se mantenha afastado de tais lugares e espere, se os Deuses forem generosos, que alguém que possa amar o ajude a descobrir essa parte de sua vida. -Ele soltou um suspiro profundo. — Se conseguir. Talvez descubra necessidades ainda mais imperativas do que os instintos. É sempre um equilíbrio difícil para um telepata. Há necessidades físicas. E há necessidades que podem ser ainda mais fortes. Necessidades emocionais. E o equilíbrio entre essas coisas pode destruir qualquer um.

Regis teve a estranha impressão de que Dyan não falava a respeito dele, mas sim de si próprio. Abruptamente, Dyan largou o copo de vinho vazio e levantou-se, acrescentando:

— Mas um prazer que não acarreta qualquer perigo é observar os jovens crescerem era sabedoria, primo. Espero testemunhar muito desse crescimento em você durante o inverno, e o observarei com interesse. Enquanto isso, não se esqueça de uma coisa: conheço a cidade muito bem, e seria um prazer mostrar qualquer



coisa que deseje ver. — Ele soltou uma risada. — E pode estar certo, primo, de que essa instrução não vai lhe deixar nenhuma equimose.

Ele se afastou apressado. Regis, pegando seu manto no banco, sentia-se mais perplexo do que nunca, com a impressão de que Dyan queria dizer mais alguma coisa.

Tinha de passar pela mesa ocupada pelos cadetes, tomando cerveja ou sidra; notou que o fitavam de um jeito que nada tinha de amistoso. Nenhum deles lhe ofereceu sequer a cortesia mínima de uma saudação formal. Empinou o queixo e virou-lhes as costas. Ouviu um dos cadetes dizer, em voz baixa:

— Catamita!

Regis foi dominado por intensa raiva. Sua vontade era de partir para cima do rapaz e espancá-lo até que sangrasse. Mas rangeu os dentes e obrigou-se a sair dali, fingindo que não ouvira. Se você prestar atenção aos cães ladrando, vai ficar surdo e não aprenderá muito.

Lembrou os vários insultos que fingira não ter ouvido, a maioria sobre a união do Comyn, de que ele desfrutava favores especiais porque era um herdeiro do Comyn. Mas aquele era novo. Recordou o escárnio que Danilo lhe lançara na noite anterior à sua expulsão. Dani era um cristoforo, e para ele fora mais que um insulto.

Sabia que Dyan só tinha desprezo por tais comentários. Nunca fizera segredo de suas preferências. Regis, no entanto, sentia-se estranhamente protetor em relação ao parente, depois de perceber sua amargura. E tinha um insólito desejo de defendê-lo.

Ocorreu-lhe mais uma vez, com uma frustração nova demais para que compreendesse que se tratava de uma situação comum entre os telepatas, que havia ocasiões em que o laran não servia de qualquer ajuda nas relações pessoais.

A temporada terminou. Os cadetes foram dispensados para voltar às suas casas, e Regis foi para os aposentos dos Hasturs no Castelo Comyn. Apreciou a paz e o sossego e encontrou certo prazer em poder dormir pela manhã até a hora que quisesse. E as cozinheiras dos Hasturs eram sem dúvida muito melhores do que os homens que preparavam a comida no refeitório da Guarda. Mas a

austeridade prolongada, primeiro em Nevarsin, depois no alojamento, fez com que se sentisse quase culpado por esse tipo de luxo. Não podia desfrutá-lo como gostaria.

Uma manhã, quando comia o desjejum em companhia do avô, Lorde Hastur perguntou abruptamente:

— Você tem andado diferente. Algum problema?

Regis refletiu que o avô o vira tão pouco que não podia ter a menor idéia de como ele era normalmente. Mas era polido demais para dizer isso e limitou-se a comentar:

— Talvez me sinta entediado. Não tenho feito exercício suficiente.

Perturbou-o não poder deixar de captar os pensamentos do avô: É um erro manter o rapaz sem ter nada para fazer aqui, quando disponho de tão pouco tempo para passar em sua companhia. Em voz alta, Hastur disse:

— Receio estar muito ocupado para lhe dar maior atenção, meu rapaz. Sinto muito. Gostaria de voltar ao Castelo Hastur ou ir para algum outro lugar?

— Não estava me queixando, senhor. Mas sinto que não tenho qualquer utilidade aqui. Quando me pediu que passasse o inverno, pensei que poderia ajudá-lo em alguma coisa.

— Eu bem que gostaria que pudesse. Infelizmente, você ainda não tem a experiência necessária para me prestar uma grande ajuda. — Hastur não pôde ocultar um momento de satisfação. Ele está começando a se interessar. — Em algum momento deste inverno, você pode assistir a sessões das Cortes e verificar quais são os problemas com que nos defrontamos. Vou lhe providenciar um passe. Ou pode ir a Edelweiss e passar alguns dias com Javanne.

Regis deu de ombros. Achava Edelweiss um lugar insípido. Não havia caça ali, exceto coelhos e esquilos, a chuva os obrigava a permanecer dentro de casa durante a maior parte do tempo, e ele e Javanne eram muito separados pela idade e pela diferença de personalidades para encontrar grande prazer na companhia um do outro.

— Sei que não é um lugar dos mais emocionantes — acrescentou Hastur, quase como se pedisse desculpas -, mas ela é

sua irmã, e não temos tantos parentes assim que possamos negligenciar uns aos outros. Se prefere caçar, pode ir para Armida em qualquer tempo. Lew está ausente, e Kennard muito doente para viajar, mas você pode levar um amigo.

Mas o único amigo que ele fizera entre os cadetes, pensou Regis, fora expulso em desgraça.

— Kennard está doente, senhor? Qual é o problema? Danvan suspirou.

— Este clima não lhe faz bem. Ele se torna mais entredado cada ano que passa. Ficarà melhor quando as chuvas...

Ele parou de falar quando um servo entrou com uma mensagem.

— Já? Tenho de ir conversar com uma delegação comercial das Cidades Secas. — Lorde Hastur falou com cansada resignação, largando o guardanapo na mesa. — Avise-me de seus planos, rapaz, e providenciarei uma escolta.

Ficando sozinho, Regis serviu-se de outra xícara do café terráqueo, um dos poucos luxos que o austero velho se permitia, e pensou na situação. Claro que não poderia evitar a visita a Javanne. Uma visita a Armida poderia aguardar o retorno de Lew; era improvável que ele tencionasse passar todo o inverno em Aldaran.

Se Kennard estava doente, a cortesia exigia que Regis fosse visitá-lo em seus aposentos; por algum motivo desconhecido, no entanto, ele relutava em encarar Lorde Alton. Não sabia por quê. Kennard sempre o tratara muito bem. Depois de algum tempo, ele focalizou a causa do ressentimento: o velho assistira à desgraça de Danilo sem dizer nada. Lew bem que quisera interferir, mas não podia; Kennard não se importara.

E Kennard era um dos mais poderosos telepatas no Comyn. Regis, com tanto ressentimento, não queria vê-lo. Kennard saberia no mesmo instante como ele se sentia.

Racionalmente, Regis compreendia que deveria procurar Kennard sem demora, quanto menos não fosse para lhe contar sobre o recente desenvolvimento de seu laran. Havia técnicas de treinamento para ajudá-lo a dominar e controlar seu novo poder. Mas no corpo de cadetes isso parecia não ter muita importância, e

nunca surgira um momento oportuno para conversar a respeito com Lew, até que ele viajara. Dyan parecia considerar que ele já tinha todo o treinamento necessário. Kennard era a pessoa óbvia para orientá-lo. Regis advertiu a si mesmo, com firmeza, que deveria procurá-lo de imediato, hoje mesmo, agora.

Mas ainda relutava em confrontá-lo. Decidiu primeiro passar alguns dias com Javanne. Ao final da visita, talvez Lew já tivesse voltado.

Poucos dias mais tarde, ele seguiu para o norte, o peso da omissão ainda em sua consciência. Syrtis ficava a menos de um quilômetro da estrada para o norte, e Regis, num súbito impulso, mandou que a escolta esperasse numa aldeia próxima. Foi sozinho para Syrtis.

Situava-se na extremidade de um vale comprido, de onde se descia para a região de lagos em torno de Mariposa. Era um dia claro de outono, as frutas amadurecendo nos galhos das árvores, e pequenos animais faziam barulho ao correr pelo mato seco à beira da estrada. Os sons e os cheiros fizeram Regis se sentir contente, enquanto cavalgava sozinho. Ao se aproximar da fazenda, no entanto, sentiu um aperto no coração. Pensara que Danilo estava bem por voltar para casa, naquela aprazível região, mas não imaginara como o lugar era pobre. A casa principal era pequena, uma ala tão dilapidada que não podia ser apropriada à habitação humana. Os poucos prédios anexos indicavam que não havia muitas pessoas vivendo ali. O velho fosso fora drenado, convertido em horta, com fileiras de legumes e ervas em vasos. Um velho e encurvado servo informou-o, depois de tocar o peito, na cortesia rústica, de que o amo acabara de voltar da caça. Regis desconfiou de que num lugar como aquele o coelho seria mais abundante na mesa do que a carne do açougueiro.

Um homem alto e idoso, num manto outrora elegante, agora bastante puído, aproximou-se lentamente em seu cavalo. Tinha bigode e barba, e sentava no cavalo com a competência ereta de um velho soldado. Havia um falcão encapuçado na sela.

— Saudações — disse ele, com uma voz profunda. — Recebemos poucos viajantes em Syrtis. Como posso servi-lo?

Regis desmontou e fez uma reverência cortês.

— Dom Felix Syrtis? Regis-Rafael Hastur, para servir-te.

— Minha casa e eu estamos a seu dispor, Lorde Regis. Deixe-me cuidar de sua égua. O velho Mauris é meio cego; eu não lhe confiaria um animal tão esplêndido. Não quer me acompanhar?

Puxando sua montaria, Regis seguiu o velho para um estábulo de pedra, em melhores condições do que a maioria dos outros prédios, todo calafetado, com um telhado novo. Havia uma área fechada no outro lado; mais perto, havia baias abertas, e Regis conduziu sua égua para uma delas, enquanto Dom Felix tirava uma porção de pequenas aves do gancho em sua sela, para depois desmontar. Regis viu o lindo castrado preto de Danilo em outra baia, o velho caçador que Dom Felix montava e mais duas éguas, de boa qualidade, mas já velhas. As outras baias estavam vazias, exceto por dois pesados cavalos de arado e um ou outro animal leiteiro. Era de fato uma pobreza extrema para uma família de sangue nobre, e Regis sentiu-se envergonhado por testemunhá-la. Recordou que Danilo mal tinha uma camisa inteira quando ingressara no corpo de cadetes.

Dora Felix admirava a égua preta de Regis com o tipo de amor que os homens de sua classe só demonstravam abertamente por seus cavalos e falcões.

— Uma bela montaria, vai dom. Criada em Armida, não é mesmo? Conheço esse pedigree.

— É verdade. Um presente de aniversário de Lorde Kennard, antes de minha partida para Nevarsin.

— Posso lhe perguntar como ela se chama, Lorde Regis?

— Melisande.

O velho afagou o focinho aveludado com a maior ternura. Regis acenou para o cavalo preto de Danilo.

— E ali está outro animal da mesma espécie; talvez até tenham sido crias da mesma égua.

— É possível. Lorde Alton não retira um presente, mesmo que tenha sido imerecido.

Dom Felix falou em tom brusco, e Regis sentiu um frio no coração; era um mau presságio para sua missão. O velho virou-se

para cuidar do falcão, e Regis perguntou, com toda a polidez:

— Teve uma boa caçada, senhor?

— Indiferente. — Dom Felix tirou o falcão da sela e levou-o na direção da área fechada. Quando Regis fez menção de segui-lo, ele acrescentou: — Não, meu lorde, vai assustar um falcão ainda não domado que tenho aqui. Agradeceria se continuasse onde está.

Repreendido, Regis manteve-se a distância. Quando o velho voltou, elogiou-o por um pássaro bem treinado.

— É o trabalho da minha vida, Lorde Regis. Fui mestre falcoeiro do seu avô, quando seu pai ainda era um rapaz.

Regis estranhou, mas naqueles dias conturbados não era difícil encontrar um antigo cortesão que caíra em desgraça.

— Por que honra a minha casa com sua visita, Lorde Regis?

— Vim falar com seu filho Danilo.

Os lábios comprimidos do velho quase desapareceram entre o bigode e o queixo. Só depois de um longo tempo é que ele falou:

— Meu lorde, por seu uniforme, sei que conhece a desgraça de meu filho. Qualquer que tenha sido seu crime, ele já pagou mais do que pode imaginar.

Regis protestou, chocado:

— Mas sou amigo dele!

A hostilidade acumulada explodiu nesse instante.

— A amizade de um lorde do Comyn é como o mel de uma colméia: traz uma picada mortal! Já perdi um filho pelo amor a um lorde de Hastur; devo perder também o último filho de minha velhice?

Regis falou gentilmente:

— Durante toda a minha vida, Dom Felix, só ouvi falar coisas boas sobre o homem que sacrificou a própria vida numa vã tentativa de defender meu pai. Acha que eu seria bastante iníquo para desejar qualquer mal à família de um homem assim? Independentemente dos ressentimentos que possa ter contra meus antepassados, senhor, não tem nada contra mim. Se Danilo tiver, ele mesmo deve me dizer. Não sabia que seu filho era tão jovem que precisa da permissão do pai para receber um visitante.

Uma tênue rubor espalhou-se pelo rosto barbudo. Regis compreendeu, tarde demais, que fora impertinente. Não era surpresa que Danilo incorresse no desprazer do pai, mas Regis falara a verdade: pelas leis dos Domínios, Danilo era um adulto responsável.

— Meu filho está no pomar, Dom Regis. Tenho de mandar chamá-lo? Não dispomos de servos suficientes para levar mensagens.

— Irei até lá, se me permitir.

— Perdoe-me por não acompanhá-lo, já que diz que veio até aqui para falar com meu filho. Preciso levar estas aves para o meu pessoal da cozinha. Aquele caminho o levará ao pomar.

Regis seguiu pelo caminho que o velho apontara. Ao final, a trilha estreita abria-se para um pomar de macieiras e pereiras. As frutas, maduras, pendiam brilhantes entre as folhas escuras. Danilo se encontrava no outro lado do pomar, de costas para Regis, agachado, retirando a palha que cobria as raízes das árvores. Estava sem camisa, os pés metidos em sapatos de madeira. Havia uma faixa úmida de suor contornando a testa, os cabelos escuros em desordem por cima.

O cheiro das maçãs era adocicado. Danilo empertigou-se lentamente, segurando uma fruta que o vento derrubara, e mordeu-a, pensativo. Regis permaneceu imóvel a observá-lo, sem ser visto, por um momento. Ele parecia cansado, concentrado e, se não contente, pelo menos embalado pelo árduo trabalho físico e pelo sol quente numa paz momentânea.

— Dani?

Surpreso, o rapaz largou a maçã e tropeçou no ancinho, ao se virar. Regis não sabia o que dizer. Danilo deu um passo em sua direção.

— O que você quer?

— Eu seguia pela estrada para a casa de minha irmã e resolvi dar um pulo até aqui, para apresentar meus respeitos a seu pai e ver como você está.

Ele percebeu a luta visível de Danilo entre o impulso de repelir o gesto polido — o que mais tinha a perder? — e o hábito vitalício

da hospitalidade. Ao final, Danilo disse:

— Minha casa e eu estamos à sua disposição, Lorde Regis. — A polidez era exagerada quase a ponto da caricatura. — Qual é o desejo do meu lorde?

— Quero conversar com você.

— Como pode ver, meu lorde, estou muito ocupado. Mas farei o que deseja.

Regis ignorou a ironia e aceitou apenas a palavra.

— Venha sentar comigo.

Ele se acomodou num tronco caído, derrubado havia tanto tempo que se achava coberto por um líquen cinza. Em silêncio, Danilo obedeceu, mantendo-se tão distante quanto as dimensões do tronco permitiam. Depois de um momento, Regis declarou:

— Quero que saiba que não tenho a menor idéia do motivo de sua expulsão da Guarda. Ou melhor, sei apenas o que ouvi naquele dia. Mas pela maneira como todos se comportaram, era de pensar que deixei você assumir a culpa por algum ato meu. Por quê? O que foi que eu fiz?

— Você sabe... — Danilo parou de falar e chutou com o sapato de madeira uma maçã caída, que se partiu no mesmo instante. - Acabou. O que quer que eu tenha feito para ofendê-lo, já paguei.

E de repente, por um momento, o contato, a percepção que Danilo despertara nele, tornou a ocorrer. Regis pôde sentir o desespero e o sofrimento de Danilo como se fossem seus, e disse, com a voz enrouquecida pela angústia:

— Danilo Syrtis, anuncie o motivo de seu ressentimento contra mim e deixe-me confessá-lo ou negá-lo! Tentei não pensar mal de você, mesmo quando caiu em desgraça! Mas me chamou de nomes terríveis num momento em que eu só queria ser gentil, e se espalhou mentiras a meu respeito ou de meus parentes, então merece tudo o que lhe fizeram, e ainda terá de acertar contas comigo!

Sem perceber, ele se levantara, estendendo a mão para o cabo da espada. Danilo também se levantou, numa atitude desafiadora. Os olhos cinza, brilhando como metal derretido sob as sobrancelhas escuras, irradiavam ira e pesar.



— Dom Regis, eu lhe suplico, deixe-me em paz! Não é suficiente que eu esteja aqui, minhas esperanças perdidas, meu pai envergonhado para sempre... poderia muito bem estar morto!

O tom era desesperado, as palavras saíam aos borbotões.

— Ressentimento, Regis? Não, não tenho nenhum contra você, sempre me tratou com toda a gentileza. Mas era um deles, um daqueles... daqueles...

Danilo fez outra pausa, a voz trêmula com o esforço para não chorar. Só depois de um momento é que ele gritou, com a maior veemência:

— Regis Hastur, como todos os Deuses vivem, minha consciência está limpa, e o seu Senhor da Luz e o Deus dos cristoforos podem julgar entre os Filhos de Hastur e mim!

Quase sem pensar, Regis desembainhou a espada. Danilo, aturdido, deu um passo para trás, em medo; depois se empertigou e ergueu a cabeça.

— Pune a blasfêmia tão depressa, meu lorde? Estou desarmado, mas se minha ofensa merece a morte, então pode me matar agora! Minha vida não presta para mim!

Chocado, Regis baixou a ponta da espada.

— Matar você, Dani? — murmurou ele, horrorizado. — Deus me livre! Isso nunca me passou pela cabeça! Eu só queria... Dani, ponha sua mão no cabo da minha espada.

Confuso, Danilo obedeceu, estendendo a mão, hesitante. Regis segurou a mão e o cabo da espada juntos, entre seus dedos.

— Filho de Hastur, que é o Filho de Aldones, que é o Senhor da Luz! Que esta mão e esta espada penetrem meu coração e destruam minha honra, Danilo, se tiver qualquer participação ou conhecimento de sua desgraça, ou se alguma coisa que disser agora for usada para lhe causar mal no futuro!

Mais uma vez, pelo contato das mãos, ele sentiu aquele estranho choque subindo por seu braço, turvando seus pensamentos, sentiu os soluços de Danilo comprimidos em sua própria garganta. Danilo balbuciou:

— Nenhum Hastur repudiaria esse juramento!

— Nenhum Hastur repudiaria sua palavra de honra — proclamou Regis, orgulhoso -, mas se era um preciso um juramento para convencê-lo, então você o tem agora.

Ele guardou a espada, depois acrescentou:

— E agora me conte o que aconteceu, Dani. Quer dizer que a acusação era uma mentira?

Danilo ainda se encontrava visivelmente atordoado.

— Na noite em que cheguei tarde no alojamento... estivera chovendo. Você acordou e soube de tudo...

— Soube apenas que você sofria muito, Dani. Não mais do que isso. Perguntei se podia ajudar, mas você me repeliu.

A dor e o choque que ele experimentara naquela noite voltaram agora, em plena força, e Regis sentiu o coração outra vez disparado na agonia, como ocorrera quando Danilo o empurrara.

— Você é um telepata. Pensei...

— Um telepata muito rudimentar, Danilo — disse Regis, tentando manter a voz firme. — Senti apenas que você estava infeliz, sofria muito. Não sabia por que, e você não me disse.

— Por que você iria se importar?

Regis estendeu a mão devagar e segurou o pulso de Danilo.

— Sou um Hastur e Comyn. Afeta a honra do meu clã e de minha casta que alguém tenha motivo para falar mal de nós. Podemos enfrentar as falsas calúnias, mas cora a verdade só podemos tentar corrigir o que está errado. Nós do Comyn podemos errar.

Vagamente, no fundo de sua mente, ele compreendeu que dissera "Nós do Comyn" pela primeira vez. Sorriu e acrescentou:

— Não é só isso. Gosto do seu pai, Dani. Ele estava disposto a desafiar a ira de um Comyn para que você fosse deixado em paz.

Muito nervoso, Danilo cerrava e abria as mãos.

— A acusação é verdadeira. Saquei minha adaga contra Lorde Dyan. Só gostaria de ter aproveitado para cortar sua garganta; independentemente do que fizessem comigo depois, o mundo seria um lugar mais limpo sem ele. Regis ficou incrédulo.

— Por Zandru! Dani...

— Sei que no passado os homens que tocavam um lorde do Comyn em irreverência seriam dilacerados em ganchos. Talvez naquele tempo o Comyn merecesse todo o respeito...

— Pare por aí, Dani. Sou herdeiro de Hastur, mas nem mesmo eu poderia empunhar o aço contra um oficial sem cair em desgraça. Mesmo que o oficial atacado não fosse um lorde do Comyn, mas o jovem Hjalmar, por exemplo, cuja mãe é uma meretriz das ruas.

Danilo teve de fazer um esforço para manter o controle.

— Se eu atacasse o jovem Hjalmar, Regis, então mereceria a punição, pois ele é um homem honrado. Não saquei uma arma contra Lorde Dyan como meu oficial. Ele perdera o direito a qualquer obediência e respeito.

— Cabe a você julgar isso?

— Nas circunstâncias... — Danilo engoliu em seco. — Poderia respeitar e obedecer a um homem que esqueceu quem era a ponto de tentar me fazer seu...?

Ele usou uma palavra cahuenga que Regis não conhecia, sabia apenas que era extremamente obscena. Mas como ainda mantinha contato com Danilo, não houve a menor sombra de dúvida sobre o significado. Regis empalideceu. Não podia falar, tamanho era o seu choque.

— A princípio, pensei que ele estivesse brincando — continuou Danilo, quase gaguejando. — Não gosto desses gracejos... sou um cristoforo... mas disse alguma piada similar como resposta. Se ele falava sério, minha resposta não continha qualquer ofensa. Mas depois Lorde Dyan foi mais claro, e se enfureceu quando eu disse não. Ele jurou que me obrigaria a concordar. Não sei o que ele fez comigo, Regis, mas foi alguma coisa com sua mente. Onde quer que eu estivesse, sozinho ou com outrem, podia senti-lo me tocando, ouvia... seus sussurros sórdidos, aquela risada zombeteira. Ele me perseguia, parecia estar dentro de minha mente durante todo o tempo. Todo o tempo. Pensei que pretendia me levar à loucura! Sempre achei... um telepata não podia infligir dor... não posso suportar sequer a proximidade de alguém que se sente muito infeliz, mas ele experimentava uma espécie de prazer horrível e odioso nisso.

Danilo fez uma pausa e desatou a chorar.

— Fui procurá-lo, supliquei que me deixasse em paz! Regis, não sou alguém criado na sarjeta, minha família serviu aos Hasturs com honra por anos; mas, mesmo que eu fosse o filho de uma rameira, e ele o rei em seu trono, Lorde Dyan não teria o direito de me usar de uma maneira tão vergonhosa!

Danilo teve outro acesso de choro, antes de prosseguir:

— E depois... depois ele disse que eu sabia muito bem como poderia me livrar de sua pressão. Riu de mim, aquela sua risada repulsiva. Foi nesse instante que saquei minha adaga, até agora não sei direito como, nem o que pretendia fazer, talvez me matar... — Danilo cobriu o rosto com as mãos. — Você já sabe o resto.

Regis mal conseguia respirar.

— Que Zandru lhe envie garras de escorpião! Dani, por que não apresentou uma acusação e reivindicou imunidade? Ele também está sujeito às leis do Comyn, e um telepata que usa errado seu laran dessa maneira...

Danilo deu de ombros, cansado. O gesto dizia mais do que palavras.

Regis sentia-se atordoado com a revelação. Como poderia encarar Dyan outra vez, sabendo o que acontecera?

Eu sabia que não era verdade o que diziam a seu respeito, Regis. Mas você também era Comyn, e Dyan cumulou-o com muitos favores, e naquela última noite, quando você me tocou, tive medo...

Regis levantou os olhos, indignado, depois compreendeu que Danilo não falara. Mantinham um contato profundo; ele sentia os pensamentos do amigo. Recostou-se no tronco, sentindo que as pernas não o poderiam sustentar.

— Só toquei você... para confortá-lo — murmurou ele.

— Sei disso agora. De que adiantaria dizer que lamento muito, Regis? Foi lamentável o que eu falei.

— Não é de admirar que você não possa acreditar em honra ou decência em pessoas da nossa espécie. Mas cabe a nós provar que está errado. Ainda mais porque é um de nós. Danilo, há quanto tempo você tem laran?

— Eu, laran? Eu, Lorde Regis?

— Não sabia? Há quanto tempo é capaz de ler pensamentos?

— Isso? Ora, por toda a minha vida, é a impressão que tenho. Desde os doze anos, mais ou menos. Mas é isso...

— Não sabe o que significa, se você possui um dos dons do Comyn? E pode ter certeza de que possui. Os telepatas não são tão in-comuns, mas você conseguiu fazer meu dom aflorar, mesmo depois que Lew Alton fracassou. — Com um fluxo de emoção, Regis pensou: Devolveu minha herança. — Creio que você é o que chamam de telepata catalisador, um dom muito raro e precioso.

Ele se absteve de dizer que era um dom de Ardais. Duvidava de que Danilo apreciasse essa informação naquele momento. — Já contou a mais alguém?

— Como poderia, se eu mesmo não sabia? Sempre pensei que todos podiam ler pensamentos.

— Não. É bem mais raro. Significa que você também é Comyn, Dani.

— Está querendo dizer que minha paternidade...

— Pelos infernos de Zandru, claro que não! Mas sua família é nobre, é bem possível que sua mãe tivesse parentes do Comyn, sangue do Comyn, talvez mesmo por algumas gerações. Com um laran pleno, você tem direito a participar do Conselho do Comyn e deve ser treinado para usar seu dom, consagrar-se ao Comyn.

Ele percebeu a repulsa no rosto de Danilo e se apressou em acrescentar:

— Pense um pouco. Significa que você é igual a Lorde Dyan. Ele pode ser responsabilizado por tentar se aproveitar de você.

Regis abençoou o impulso que o levava até ali. Sozinho, a mente sobrecarregada pela natureza soturna e hipersensível do telepata destreinado, sob o desprazer sombrio do pai... Danilo podia mesmo acabar se matando.

— Mas não vou — declarou Danilo, em voz alta.

Regis compreendeu que haviam feito contato outra vez. Inclinou-se para tocar Danilo, recordou o problema e absteve-se de fazê-lo. Para disfarçar o movimento, abaixou-se e pegou uma maçã caída no chão. Danilo levantou-se e vestiu a camisa. Regis terminou de comer a maçã e largou o caroço na palha.

— Dani, devo dormir esta noite na casa de minha irmã. Mas lhe dou minha palavra: você será reabilitado. Enquanto isso, há alguma coisa que eu possa fazer por você?

— Há, sim, Regis. Diga a meu pai que a desgraça e desonra não foram por culpa minha. Ele não fez perguntas, não disse qualquer palavra de censura, mas nenhum homem em nossa família jamais foi desonrado. Posso suportar qualquer coisa, menos a sua convicção de que lhe menti.

— Prometo-lhe que ele saberá tudo... Não! — Regis fez uma pausa abrupta. — Não foi por isso que você não ousou lhe contar? Ele mataria...

Regis compreendeu que, na verdade, alcançara a essência do medo de Danilo.

— Ele desafiaria Dyan — disse Danilo, hesitante -, e, embora pareça forte, já é um velho, e seu coração não é dos mais sólidos. Se ele soubesse a verdade... tive vontade de lhe contar tudo, mas preferi... que me desprezasse... a arriscar sua vida.

— Tentarei limpar seu nome com Dom Felix sem o expor a qualquer risco. Mas e você, Dani? Devemos-lhe alguma coisa pela ofensa.

— Você não me deve nada, Regis. Se meu nome for limpo diante de meus parentes, já me sentirei contente.

— Ainda assim, a honra do Comyn exige a reparação dessa injustiça. Se há uma podridão em nosso meio, devemos extirpá-la.

Naquele momento, transbordando de ira virtuosa, ele se sentia disposto a enfrentar um regimento inteiro de homens injustos que abusavam de seu poder. Se os homens mais velhos no Comyn eram corruptos ou enlouquecidos pelo poder, e os mais jovens indolentes, então os rapazes teriam de acertar tudo! Danilo se abaixou, apoiado num joelho, estendeu as mãos e disse, com a voz trêmula:

— Há uma vida entre nós. Meu irmão morreu para proteger seu pai. Quanto a mim, peço apenas a oportunidade de dar minha vida a serviço de Hastur. Aceite minha espada e meu juramento, Lorde Regis. Pela mão que ponho em sua espada, dedico a minha vida.

Surpreso, profundamente comovido, Regis tornou a desembainhar a espada e estendeu o cabo para Danilo. Suas mãos tornaram a se encontrar no cabo, e Regis, tropeçando nas palavras rituais, tentando recordar uma a uma, disse:

— Danilo-Felix Syrtis, deste dia em diante seja meu escudeiro... e que esta espada me golpeie se eu não for um lorde justo, se não o defender...

Ele mordeu o lábio, fazendo um esforço para recordar o que vinha em seguida, depois continuou:

— Os Deuses são testemunhas, e as relíquias sagradas em Hali.

Parecia que havia mais alguma coisa, mas pelo menos a intenção já ficara devidamente expressa, pensou ele. Enfiou a espada na bainha, levantou Danilo e beijou-o nas faces, com a maior inibição. Viu lágrimas nos olhos de Danilo e compreendeu que os seus também não se encontravam secos; e comentou, tentando desanuviar a solenidade do momento:

— Agora formalizamos o que ambos já sabíamos desde o início, bredu.

Regis se ouviu pronunciar a palavra com um pequeno choque de espanto, mas sabia que falava sério, mais do que em qualquer outra ocasião anterior. Fazendo um esforço para firmar a voz, Danilo disse:

— Eu deveria... lhe oferecer minha espada. Não a estou usando, mas aqui...

Fora isso o que faltara no ritual. Regis já ia dizer que não tinha importância, mas sem isso não seria completo. Ele olhou para a adaga que Danilo estendia, o cabo virado para a frente. Regis tirou sua adaga, estendeu-a também com o cabo virado, e murmurou:

— Empunhe isto a meu serviço. Danilo encostou a lâmina em seus lábios.

— Só a empunharei a seu serviço.

Ele guardou a adaga de Regis em sua bainha. Regis, por sua vez, também enfiou a adaga de Danilo na bainha em sua cintura. Não cabia direito, mas isso não importava.

— Você deve continuar aqui até eu chamá-lo, Dani. Não será por muito tempo, eu prometo, mas tenho de pensar no que fazer.

Ele não se despediu. Não era necessário. Virou-se e voltou pelo mesmo caminho. Ao se encaminhar para o estábulo, a fim de pegar sua égua, Dom Felix aproximou-se, andando devagar.

— Lorde Regis, posso lhe oferecer alguma coisa para beber? Regis respondeu com toda a amabilidade:

— Agradeço, mas a hospitalidade relutante tem um gosto amargo. Mas é cora prazer que lhe asseguro, sob a palavra de um Hastur... — Ele tocou com a mão por um instante no cabo da espada. -...que deve se orgulhar de seu filho, Dom Felix. A desonra dele deveria ser seu orgulho.

O velho franziu o rosto.

— Fala por enigmas, vai dom.

— Senhor, foi mestre-falcoeiro de meu avô, mas não o vi na corte durante toda a minha vida. Uma opção ainda mais amarga foi oferecida a Danilo: ganhar o favor por meios desonrosos ou manter sua honra ao preço da aparente desgraça. Em suma, senhor, seu filho ofendeu o orgulho de um homem poderoso, mas que não possui a honra que confere dignidade ao poder. E esse homem se vingou.

O vinco na testa de Dom Felix se aprofundou, enquanto absorvia o que acabara de ouvir.

— Se a acusação foi injusta, um ato de vingança particular, por que meu filho não me contou?

— Porque, Dom Felix, Dani temia que pudesse se arruinar ao tentar vingá-lo. — Regis apressou-se em acrescentar, vendo mil e uma perguntas aflorarem nos olhos do velho: — Prometi a Danilo que não lhe diria mais do que isso. Mas pode aceitar a palavra de um Hastur de que ele é inocente?

O rosto transtornado se desanuviou.

— Eu o abençôo por ter vindo e suplico que me perdoe pelas palavras rudes, Dom Regis. Não sou um cortesão, mas estou grato.

— E também é leal a seu filho. Não tenho a menor dúvida, Dom Felix, de que ele merece.



— Vai honrar minha casa com sua presença, Lorde Regis? Dessa vez o convite era sincero, e Regis sorriu.

— Lamento não ser possível, senhor, pois sou esperado em outro lugar. Danilo já me demonstrou sua hospitalidade; cultivam aqui as melhores maçãs que já comi em muito tempo. E dou minha palavra de que um dia será meu prazer homenagear o pai de meu amigo. Enquanto isso, peço que se reconcilie com seu filho.

— Pode ter certeza de que farei isso, Lorde Regis.

Ele ficou olhando enquanto Regis montava e se afastava. Regis podia sentir sua confusão e gratidão. Descendo a colina, lentamente, para se encontrar com a escolta, ele refletiu sobre o compromisso que acabara de assumir: restaurar o bom nome de Danilo e providenciar para que Dyan nunca mais fizesse o mesmo mau uso de seu poder. O que significava que ele, que outrora jurara, renunciar ao Comyn, agora teria de reformá-lo por dentro, sozinho, antes de poder desfrutar sua liberdade pessoal.

## Capítulo Doze

(Narrativa de Lew Alton)

As colinas se elevam além do Kadarin, prolongando-se pelas montanhas, no território desconhecido em que a lei do Comyn não prevalece. No meu atual estado, assim que atravessei o Kadarin, senti que um peso enorme fora removido de meus ombros.

Nesta parte do mundo, a cinco dias de viagem para o norte de Thendara, meus salvo-condutos nada significavam. Dormíamos à noite em barracas, com turnos de vigia. Era uma região árida, há muito despovoada. Apenas três ou quatro vezes, num dia de viagem, avistávamos uma pequena aldeia, meia dúzia de choupanas agrupadas numa clareira ou uma pequena propriedade em que um fazendeiro obstinado lutava para arrancar o sustento mínimo no meio da floresta pedregosa e perpendicular. Passavam tão poucos viajantes por ali que as crianças corriam para nos observar.

As estradas se tornavam cada vez piores à medida que nos embrenhávamos pelas colinas, degenerando às vezes para meras trilhas. Não há muitas estradas boas em Darkover. Meu pai, que viveu na Terra por vários anos, contou-me sobre as boas estradas que existem ali, mas acrescentou que não há a menor possibilidade de implantar o mesmo sistema aqui. Para abrir estradas, era preciso o trabalho escravo ou imensas quantidades de homens dispostos a trabalhar num nível de subsistência ou então máquinas pesadas. E nunca houve escravos em Darkover nem mesmo escravos das máquinas.

Não era de admirar, pensei, que os terráqueos relutassem em transferir seu espaço-porto de volta para aquelas colinas.

Por isso, fiquei surpreso quando, no nono dia de viagem, deparamos com uma estrada larga, a superfície bem-cuidada, capaz de suportar o tráfego de veículos com rodas, e vários homens cavalgando na mesma linha. Meu pai também me dissera que em sua última visita às colinas próximas de Aldaran, Caer Donn era pouco mais do que uma aldeia de bom tamanho. Recebera informações de que era agora uma cidade em crescimento. Mas isso

não diminuiu meu espanto no momento em que chegamos ao topo de uma das colinas mais altas e a avistamos estendida lá embaixo, no vale, ao longo das encostas inferiores da montanha seguinte.

Era um dia claro, e podíamos ver por uma longa distância. No fundo do vale, onde o terreno era mais plano, havia uma enorme área cercada, e mesmo lá de cima pude divisar as pistas e as zonas de pouso delimitadas. Pensei que era o antigo espaço-porto terráqueo, agora convertido em campo de pouso para seus aeroplanos e pequenos foguetes, que traziam cargas e mensagens de Thendara e Port Chicago. Havia um pequeno campo de pouso similar perto de Arilinn. Além do campo, espalhava-se a cidade, e quando a escolta parou por trás de mim, pude ouvir os comentários dos homens.

— Não havia nenhuma cidade aqui quando eu era um menino! Como pôde crescer tão depressa?

— É como a cidade que cresceu do dia para a noite no antigo conto de fadas!

Repeti algumas coisas que o pai me dissera, sobre os prédios pré-fabricados. Tais cidades não eram construídas para resistir por séculos, mas podiam ser feitas rapidamente. Os homens se mostraram cétricos, e um deles chegou a comentar:

— Não quero faltar com o respeito ao Comandante, senhor, mas ele não deveria ter lhe contado essas histórias absurdas. Nem mesmo na Terra as mãos humanas podem construir tão depressa.

Não pude deixar de rir.

— Ele também me contou sobre um planeta quente, cujos habitantes não acreditavam que pudesse existir uma coisa como neve, e acusaram-no de inventar histórias quando falou de montanhas cobertas de gelo durante o ano inteiro.

Outro homem apontou.

— É o Castelo Aldaran?

Não podia ser outra coisa, a menos que nos tivéssemos desviado do curso de uma maneira inconcebível: uma fortaleza antiga, de pedras desgastadas pelo tempo. Era o baluarte do Domínio renegado, exilado há séculos do Comyn — nenhum homem

vivo sabia agora por que motivo. Constituía o Sétimo Domínio, de uma linhagem antiga de descendentes de Hastur e Cassilda.

Experimentei uma curiosa mistura de ansiedade e relutância, como se estivesse prestes a dar um passo irrevogável. Mais uma vez, o senso de tempo desfocado dos Altons me envolveu. O que me aguardava na antiga fortaleza de pedra, situada na outra extremidade do vale de Caer Donn?

Franzindo o rosto, tratei de retornar ao presente. Não era preciso ter precognição para sentir que, numa parte do mundo completamente estranha, eu poderia encontrar algumas pessoas que causariam um efeito permanente em minha vida. Disse a mim mesmo que a travessia do vale e a passagem pelos portões do Castelo Aldaran não representariam uma grande e irrevogável divisão em minha vida, a ponto de me isolar do meu passado e de todos os meus parentes. Aqui estava por determinação de meu pai, um filho obediente, desleal apenas no pensamento e na vontade. Fiz um esforço para recuperar o foco.

— Muito bem, vamos tentar chegar enquanto ainda resta um pouco da claridade do dia.

Comecei a descer pela excelente estrada. A passagem por Caer Donn, de uma estranha maneira, foi como um sonho. Eu optara por viajar com simplicidade, sem a ampla escolta de um embaixador, encarando a missão mais como a visita de família que supostamente era. Por isso, não atraí muita atenção. De certa forma, pensei, a cidade era como eu, toda darkovana no exterior, mas com uma diferença subliminar em algum lugar, algo que não se encaixava direito. Durante todos aqueles anos, eu me sentira contente por me aceitar como um darkovano; agora, contemplando o antigo espaçoporto terráqueo, como jamais olhara para o familiar em Thendara, refleti que aquela era também minha herança... se tivesse coragem de assumi-la.

Meu ânimo era de curiosidade, e me sentia bastante excitado, como se pudesse farejar um vento que trazia meu destino, sem imaginar que forma tomaria.

Havia guardas nos portões de Aldaran, homens das montanhas, e pela primeira vez enunciei meu nome completo, não o

que usava como herdeiro nestro de meu pai, mas o que me fora dado antes de que pai ou mãe pudessem desconfiar de que alguém duvidaria de minha legitimidade.

— Sou Lewis-Kennard Lanart-Montray Alton y Aldaran, filho de Kennard, Lorde Alton, e de Elaine Montray-Aldaran. Venho como enviado de meu pai, e peço uma recepção de parente a Kermiac, Lorde Aldaran.

Os guardas fizeram uma reverência, e um deles, o mordomo ou intendente, declarou:

— Entre, dom. É bem-vindo e honra a casa de Aldaran. Em seu nome, eu lhe ofereço as boas-vindas, até que as ouça diretamente de seus lábios.

A escolta foi conduzida para ser alojada em outra parte, enquanto eu era levado a um quarto espaçoso, em uma das alas do castelo; meus alforjes foram trazidos, e providenciaram servos para me atender, quando descobriram que eu viajava sem um valete. De modo geral, instalaram-me no luxo. Depois de algum tempo, o intendente apareceu.

— Meu lorde, Kermiac de Aldaran vai jantar e o convida para encontrá-lo no salão, se não estiver muito cansado da viagem. Se a exaustão for demais, ele o exorta a comer aqui, mas me pediu para acrescentar que está ansioso em conhecer o neto de sua irmã.

Respondi que me juntaria a ele com o maior prazer. Naquele momento, não seria capaz de sentir qualquer fadiga; o estranho ânimo de excitação ainda me dominava. Lavei-me para tirar a poeira da viagem, vesti meu melhor traje, com uma túnica de couro, pintada de escarlate, calção combinando, botas de veludo, um manto forrado com pêlo — não era por vaidade, mas para demonstrar a honra que merecia meu parente desconhecido.

O crepúsculo se adensava quando o servo voltou para me levar ao grande salão de jantar. Esperando a luz de tochas, fiquei aturdido ao deparar com uma claridade que parecia a luz do dia. Luz de arco voltaico, pensei, piscando, igual à que os terráqueos usam em sua Cidade Comercial. Parecia estranho entrar à noite num salão com o brilho do meio-dia, estranho e desorientador, mas me senti contente, porque me permitia ver com nitidez os rostos que encontrei ali.

Apesar da iluminação moderna, logo se tornou evidente que Kermiac mantinha os costumes antigos, pois a parte inferior do salão era ocupada por um aglomerado dos rostos mais variados, guardas, servos, pessoas das montanhas, ricas e pobres, até mesmo alguns terráqueos e um ou outro monge cristoforo, em suas túnicas pardas.

O servo me conduziu à mesa alta no outro lado do salão, onde sentavam os nobres. A princípio, os rostos pareciam um pouco indefinidos: um homem alto, esguio e com aparência lupina, de cabelos louros; uma jovem bonita, de cabelos vermelhos, num vestido azul; um menino mais ou menos da idade de Marius; e no centro um homem idoso, com barba avermelhada, velho a ponto da decrepitude, mas ainda empertigado, de olhos aguçados. Ele me fitou e estudou meu rosto com toda a atenção. Só podia ser Kermiac, Lorde Aldaran, meu parente. Usava uma roupa simples, de corte confortável, parecida com um traje terráqueo, e por um instante me senti envergonhado da indumentária de bárbaro que escolhera.

Ele se levantou e desceu da plataforma para me cumprimentar. A voz, embora enfraquecida pela idade, ainda era firme.

— Seja bem-vindo, parente.

Ele estendeu os braços e deu-me um abraço de parente, os lábios finos e ressequidos se comprimindo contra as minhas faces. Manteve as mãos em meus ombros por um momento.

— Aquece meu coração contemplar seu rosto finalmente, filho de Elaine. Recebemos notícias aqui, nas Hellers, até mesmo do Hali'imyn. — Ele usou a palavra antiga, mas sem intenção de ofensa. — Venha comigo. Deve estar exausto e faminto depois de uma viagem tão longa. Sinto-me contente que tenha preferido jantar conosco. Sentará ao meu lado, sobrinho.

Ele me conduziu ao lugar de honra ao seu lado. Os servos nos trouxeram a comida. Nos Domínios, a comida mais seleta é servida a um convidado sem se indagar sua preferência; ali, fizeram questão de me perguntar se preferia carne de gado, ave ou peixe, se queria beber o vinho branco das montanhas ou o vinho tinto dos vales. Tudo estava muito bem preparado e foi servido com perfeição, e fiz

plena justiça ao banquete, depois de dias comendo as rações de viagem.

— Soube que é treinado na Torre, um telepata, sobrinho — disse Kermiac finalmente, depois que apaziguei a fome e tomava um gole de vinho branco, saboreando alguns doces desconhecidos e deliciosos. — Aqui, nas montanhas, pensa-se que os homens treinados nas Torres são meio eunucos, mas posso ver que você é um homem de verdade; tem a aparência de um soldado. É um dos guardas?

— Sou capitão da Guarda há três anos. Ele balançou a cabeça.

— Há paz nas montanhas agora, embora os habitantes das Cidades Secas tenham idéias diferentes de vez em quando. Mas posso respeitar um soldado; na juventude, tive de defender Caer Donn pela força das armas.

— Ninguém imagina nos Domínios que Caer Donn é uma cidade tão grande — comentei.

Ele deu de ombros.

— A maior parte é de prédios terráqueos. Eles são bons vizinhos ou pelo menos os consideramos assim. É diferente em Thendara?

Eu ainda não me encontrava preparado para discutir o que achava dos terráqueos, mas para meu alívio ele não insistiu nesse tema. Estudava meu perfil.

— Não é muito parecido com seu pai, sobrinho. Por outro lado, também não vejo nada de Elaine em você.

— Dizem que meu irmão Marius é que tem o rosto e os olhos de minha mãe.

— Nunca o vi. Estive com seu pai pela última vez há doze anos, quando ele trouxe para cá o corpo de Elaine, a fim de que fosse sepultado junto de sua família. Pedi-lhe então o privilégio de adotar os filhos de Elaine, mas Kennard preferiu criá-los em sua própria casa.

Eu nunca soubera disso. Nada me haviam dito sobre a família de minha mãe. Nem mesmo conhecia o meu grau de parentesco com o velho. Fiz um comentário a respeito, o velho acenou com a cabeça e disse:

— Kennard não teve uma vida fácil. Não posso culpá-lo por jamais ter querido olhar para trás. Mas se ele optou por nada lhe contar sobre a família de sua mãe, não pode se ofender se eu lhe disser tudo agora, à minha maneira. Há muitos anos, quando os terráqueos, em sua maior parte, estavam estacionados em Caer Donn e ainda começavam a preparar o terreno para o seu quartel-general em Thendara... ouvi dizer que ficou pronto no inverno passado... num tempo em que eu não era muito mais do que um menino, minha irmã Mariel decidiu casar com um terráqueo, Wade Montray. Viveu com ele na Terra por muitos anos. Soube que o casamento não era feliz, e eles acabaram se separando, depois que ela teve duas crianças. Mariel preferiu permanecer com sua filha Elaine na Terra; Wade Montray voltou a Darkover com seu filho Larry, a quem chamávamos de Lerrys. E agora você pode ver como a mão do destino trabalha, pois Larry Montray e seu pai, Kennard, conheceram-se quando eram meninos e juraram amizade. Não sou um grande crente na predestinação, no destino inevitável, mas aconteceu que Larry Montray permaneceu em Darkover, para ser criado em Armida, enquanto seu pai era enviado à Terra, para ser criado como filho de Wade Montray, na esperança de que esses dois rapazes reconstruíssem a ponte antiga entre a Terra e Darkover. E lá, como não podia deixar de acontecer, seu pai conheceu a filha de Montray, que era também a filha de minha irmã Mariel. Para encurtar uma longa história, Kennard retornou a Darkover, foi dado em casamento a uma mulher dos Domínios, que não lhe trouxe nenhum filho, serviu na Torre de Arilinn... você já deve ter sido informado de alguma coisa a respeito. Mas ele guardava a lembrança de Elaine, ao que parece, no fundo de seu coração, e acabou procurando-a para propor casamento. Como o parente mais próximo de Elaine, fui eu quem consentiu. Sempre achei que tais casamentos são afortunados e que as crianças de sangue misturado constituem o melhor caminho para a amizade entre pessoas de mundos diferentes. Não tinha idéia, na ocasião, que seus parentes do Comyn não abençoariam o casamento, como eu fizera, e até me regozijara.

O que era mais um erro do Comyn, pensei, já que fora por iniciativa deles, em primeiro lugar, que meu pai viajara para a Terra.



E outro ressentimento que eu tinha contra eles.

Meu pai, no entanto, permanecera com o Comyn!

— Quando ficou patente que eles não o aceitariam — continuou Kermiac -, propus a Kennard que você fosse criado aqui, honrado como o filho de Elaine, se não como o dele também. Mas Kennard tinha certeza de que poderia obrigá-los a aceitar seu filho. Ele deve ter tido êxito, não é mesmo?

— De certa forma. Sou o seu herdeiro.

Eu não queria discutir quanto isso lhe custara. Ainda não.

O intendente vinha tentando atrair a atenção de Lorde Kermiac havia algum tempo; ele finalmente o fitou e fez um sinal para que as mesas fossem esvaziadas. Enquanto a enorme multidão que comia ali começava a se retirar, Kermiac me levou a uma pequena sala de estar, com uma suave iluminação, aconchegante, aquecida por uma lareira aberta.

— Sou um velho, sobrinho, e os velhos se cansam depressa. Mas antes de ir para meus aposentos, quero que conheça seus parentes. Sobrinho, este é seu primo, meu filho Beltran.

Até hoje, mesmo depois de tudo o que aconteceu mais tarde, ainda me lembro do que senti quando fitei meu primo pela primeira vez. Compreendi finalmente que sangue me moldara em alguém tão diferente entre o Comyn. No rosto e no jeito, poderíamos ter sido irmãos; já conheci gêmeos que eram menos parecidos. Beltran estendeu a mão, mas retirou-a abruptamente, comentando:

— Desculpe. Ouvi dizer que os telepatas não gostam de tocar estranhos.

— Jamais recusaria a mão a um parente — declarei.

Trocamos um ligeiro aperto de mão. No estranho ânimo em que eu me encontrava, o contato proporcionou-me uma rápida sucessão de impressões: curiosidade, entusiasmo, uma cordialidade desconcertante. Kermiac sorriu para nós e disse:

— Deixo seu primo com você, Beltran. Lew, pode ter certeza de que você está em sua casa.

Ele se despediu e foi embora. Beltran me levou aos outros.

— Os filhos-de-adoção e pupilos de meu pai, primo, e meus amigos. Quero que os conheça. Quer dizer que foi treinado numa

Torre? É também um telepata natural?

Acenei com a cabeça, e ele informou:

— Marjorie é nossa telepata.

Ele me apresentou à moça bonita de cabelos vermelhos, usando um vestido azul, que eu já notara à mesa. Ela sorriu, fitando-me nos olhos, como as moças das montanhas costumam fazer.

— Sou uma telepata, é verdade, mas destreinada. Muitas das coisas antigas foram esquecidas aqui nas montanhas. Talvez possa nos contar o que aprendeu em Arilinn, parente.

Seus olhos eram de uma cor estranha, uma tonalidade que eu nunca vira antes, âmbar com pintas douradas, como o de algum animal desconhecido. Seus cabelos eram quase tão vermelhos quanto os do Comyn das planícies. Estendi a mão, como fizera com Beltran. Lembrava um pouco a maneira como as mulheres em Arilinn me haviam aceitado, apenas como um ser humano, sem qualquer rebuliço, sem intenção de flerte. Senti uma curiosa relutância em largar seus dedos e perguntei:

— É i ma parenta? Beltran explicou:

— Marjorie Scott, sua irmã e seu irmão são também pupilos de meu pai. É uma história comprida, ele lhe poderá contar algum dia, se assim desejar. A mãe deles era irmã-de-adoção de minha própria mãe, por isso eu os chamo de minhas irmãs e meu irmão.

Ele chamou os outros e apresentou-os. Rafe Scott era um menino de onze ou doze anos, não muito diferente de meu irmão Marius, com os mesmos olhos de pintas douradas. Fitou-me com timidez e não disse nada. Thyra era uns poucos anos mais velha do que Marjorie, uma mulher franzina, irrequieta, de feições afiladas, com os olhos da família, mas também com alguma coisa do velho Kermiac. Fitou-me nos olhos, mas não ofereceu a mão.

— É uma viagem longa e extenuante para um homem das terras baixas, parente.

— Contei com a ajuda do bom tempo e de uma escolta que conhece as montanhas.

Fiz uma reverência para ela, igual à que teria oferecido a uma dama dos Domínios. Seu rosto moreno parecia divertido, ela se

mostrou bastante cordial, e durante algum tempo conversamos sobre o tempo e as estradas nas montanhas. Depois de algum tempo, Beltran interferiu:

— Meu pai era muito eficiente na juventude e ensinou a todos nós algumas das habilidades de um técnico de matriz. Mas já disseram que não tenho muito talento natural. Você recebeu o treinamento adequado, Lew, pode me dizer o que é mais importante: talento ou habilidade?

Repeti o que me haviam dito.

— Talento e habilidade são como a mão direita e a esquerda; é a vontade que governa as duas coisas, e a vontade deve ser disciplinada. Sem talento, pouca habilidade se pode aprender; mas o talento por si só vale pouco sem o treinamento.

— Já me disseram que possuo o talento — interveio Marjorie. — O tio me garantiu. Mas não tenho habilidade, pois quando alcancei a idade necessária para aprender, ele já passara da idade para ensinar. E também sou meio-terráqueo. Acha que um terráqueo pode aprender as habilidades?

Não pude deixar de sorrir.

— Também sou terráqueo em parte, mas mesmo assim servi em Arilinn... Marjorie?

Tentei pronunciar seu nome terráqueo, e ela sorriu à maneira titubeante com que juntei as sílabas.

— Marguerida, se preferir assim — murmurou ela, em cahuenga. Sacudi a cabeça.

— Como você o pronuncia, é raro e estranho... e precioso — comentei, sentindo vontade de acrescentar "como você".

Beltran contraiu os lábios, desdenhoso.

— Então o Comyn o deixou entrar, mesmo com seu sangue terráqueo, em suas sagradas Torres? É muita condescendência da parte deles! Eu teria rido em suas caras e diria o que podiam fazer com sua Torre!

— Não, primo, não foi assim que aconteceu. Foi somente nas Torres que ninguém se importou com meu sangue terráqueo. Entre o Comyn, eu era um nedestro, um bastardo. Em Arilinn, ninguém

jamais se importou com o que eu era, só se interessavam pelo que podia fazer.

— Está perdendo seu tempo, Beltran — disse uma voz suave, perto do fogo. — Tenho certeza de que ele não conhece a história mais do que qualquer outro do Hali'imyn, e seu sangue terráqueo de nada lhe serviu.

Olhei para o outro lado da lareira e vi um homem alto e magro, os cabelos prateado-dourados caindo pela testa. Seu rosto se achava meio oculto pelas sombras, mas por um momento tive a impressão de que seus olhos brilhavam na escuridão como os de um gato à luz de tochas.

— Não resta a menor dúvida de que ele acredita — acrescentou o homem -, como a maioria das pessoas das terras baixas, que o Comyn caiu direto dos braços do Senhor da Luz, e passou a crer em todos os seus romances e contos de fadas. Devo lhe ensinar sua própria história, Lew?

— Bob, ninguém questiona seus conhecimentos, mas seus modos são horríveis! — protestou Marjorie.

O homem soltou uma risada curta. Pude ver suas feições agora, à luz do fogo, atiladas, lembrando um falcão. Quando ele gesticulou, percebi também que tinha seis dedos em cada mão, como os homens de Ardais e Aillard. Havia também alguma coisa terrivelmente estranha em seus olhos. Ele estendeu as pernas compridas, levantou-se e ofereceu-me uma reverência irônica.

— Devo respeitar a castidade de sua mente, vai dom, como vocês respeitam a castidade de suas iludidas feiticeiras? Ou tenho permissão para extasiá-lo com algumas verdades, na esperança de que possam produzir os frutos da sabedoria?

Franzi o rosto pelo escárnio.

— Quem no inferno é você?

— No inferno, não sou absolutamente ninguém — respondeu ele, jovial. — Em Darkover, eu me chamo Robert Raymon Kadarin, s'dei par servu. — Em seus lábios, as elegantes palavras em casta tornavam-se uma zombaria. — Lamento não poder seguir seu costume e acrescentar uma longa sucessão de nomes detalhando meus antepassados por gerações. Não conheço meus antepassados,

da mesma forma que o Comyn não conhece os seus, mas ao contrário de vocês ainda não aprendi a compensar a deficiência com uma lista de pretensos deuses e figuras lendárias.

— Você é terráqueo? — perguntei, pois suas roupas davam essa impressão.

Ele deu de ombros.

— Nunca fui informado. Mas há um ditado que é verdadeiro: só um cavalo de corrida ou um lorde do Comyn são julgados pela linhagem. Passei dez anos no serviço de informações do Império Terráqueo, embora eles não admitam isso agora; puseram um preço por minha cabeça porque, como todos os governos que compram cérebros, gostam de limitar o uso desses cérebros. Descobri, por exemplo, que tipo de jogo o Império vem fazendo em Darkover e como o Comyn vem ajudando. Não, Beltran, não tente me impedir. Vou contar a ele. É o homem que esperávamos.

A maneira ríspida e desconexa como ele falava levou-me a especular se não estaria louco ou embriagado.

— O que está querendo dizer com o jogo que os terráqueos fazem, ajudados pelo Comyn?

Eu viera até ali para descobrir se Aldaran tinha alguma aliança com a Terra, contra o Comyn. Agora, aquele homem, Kadarin, acusava o Comyn de cumplicidade com a Terra.

— Não tenho a menor idéia do que está falando — acrescentei. — Parece bobagem.

— Muito bem, vamos começar pelo seguinte — disse Kadarin. — Você sabe quem são os darkovanos, de onde vieram? Alguém já lhe contou que somos a primeira e a mais antiga colônia terráquea? Não? Eu já imaginava que não sabia disso. Por direito, deveríamos ser iguais a qualquer dos governos planetários que formam o Conselho do Império, fazendo a nossa parte para formular as leis do Império, junto com as outras colônias. Deveríamos integrar a civilização galáctica em que vivemos. Em vez disso, somos tratados como um mundo atrasado e selvagem, parentes pobres que devem se contentar com as migalhas de conhecimento que eles se mostram dispostos a nos conceder, gota a gota, mantidos sempre apartados do centro do Império, continuando a viver como bárbaros!

— Por quê? Se isso é verdade, por quê?

— Porque o Comyn quer assim. Convém a seus propósitos. Você sabia ao menos que Darkover é uma colônia terráquea? Disse que escarneciam de seu sangue terráqueo. O que eles pensam que são? Terráqueos, todos eles!

— Você está completamente louco!

— É o que você gostaria de pensar. E eles também. Não é mais lisonjeiro pensar na preciosa casta de seu pai como descendente de deuses e designada por direito divino para reinar sobre Darkover? Mas não é nada disso. Eles são apenas terráqueos, como todas as outras colônias do Império!

Kadarin parou de andar de um lado para outro, fitando-nos do alto de sua considerável estatura, uma cabeça a mais do que eu, e não sou nada pequeno.

— Vi os registros na Terra e nos Arquivos Administrativos, na colônia Coronis. Os fatos estão ocultos ali ou deveriam estar ocultos, mas qualquer pessoa com um visto de segurança pode verificá-los sem a menor dificuldade.

— De onde você tirou toda essa coisa?

Eu poderia ter usado uma palavra mais rude; por deferência às mulheres, no entanto, usei um significado, literalmente o de estrume de estábulo.

— Uma coisa de extraordinária fertilidade, o estrume de estábulo. Proporciona boas colheitas. Os fatos estão lá. Tenho um dom para as línguas, como todos os telepatas... é isso mesmo, Dom Lewis, também sou um telepata. Por falar nisso, sabia que tem um nome terráqueo?

— Claro que não tenho.

Lewis era um nome usado pelos Altons por gerações.

— Estive na ilha de Lewis, na própria Terra — garantiu o homem chamado Kadarin.

— É pura coincidência. As línguas humanas desenvolvem as mesmas sílabas, já que possuem o mesmo mecanismo vocal.

— Sua ignorância, Dom Lewis, é impressionante. Algum dia, se quiser uma aula de lingüística, deve viajar pelo Império e ouvir pessoalmente as estranhas sílabas que a língua humana desenvolve

quando não existe uma linguagem comum, transmitida pela cultura. Senti uma súbita pontada de temor, como um vento frio. Ele continuou:

— Enquanto isso, não faça declarações ignorantes, que só demonstram que é um rapaz pouco viajado. Quase todos os nomes já registrados em Darkover são conhecidos na Terra... e numa pequena parte da Terra, diga-se de passagem. A gaita de foles, o mais antigo dos instrumentos musicais darkovanos, era outrora conhecida na Terra, mas agora só sobrevive em museus, pois se perdeu a arte de tocá-la; músicos vieram a Darkover para reaprender a arte e descobriram que a música sobrevivente aqui era de uma pequena área geográfica, conhecida como Ilhas Britânicas. Lingüistas que estudaram a linguagem de Darkover descobriram vestígios de três línguas terráqueas. Espanhol em seu casta; inglês e gaélico no cahuenga e na língua das Cidades Secas. A língua falada nas Hellens é uma forma de gaélico puro como não se fala mais na Terra, mas sobrevive em manuscritos antigos. Para abreviar uma história comprida, como disse a velha esposa ao cortar os chifres de sua vaca, logo descobriram os registros de uma única espaçonave, enviada antes que as colônias terráqueas se unissem para formar o Império e que desapareceu sem deixar vestígios. Todos pensavam que fora destruída num acidente ou que se perdera para sempre. E encontraram a lista dos tripulantes.

— Não acredito numa só palavra.

— Sua convicção não tornaria a história verdadeira, sua dúvida não faria cora que fosse falsa — declarou Kadarin. — O próprio nome deste mundo, Darkover, é uma palavra terráquea, significando... — Ele pensou por um momento na tradução correta. — ...a cor da noite lá em cima. Na lista de tripulantes havia Di Asturiens e MacArans, e esses são, como você diria, os bons e antigos nomes darkovanos. A espaçonave tinha uma oficial chamada Camilla Del Rey. Camilla é um nome raro entre os terráqueos agora, mas é o nome mais comum para as mulheres nas Colinas Kilghard; vocês o deram até a uma das semi-deusas do Comyn. Havia um sacerdote em São Cristóvão de Centaurus, o Padre Valentine Neville... e quantos dos filhos do Comyn estudaram no mosteiro

crisoforo de São Valentim-das-Neves? Eu trouxe para Marjorie, que é uma crisoforo, uma pequena medalha religiosa da própria Terra; é igual à que é cultuada em Nevarsin. Devo continuar com tais exemplos... e lhe asseguro que poderia citá-los durante a noite inteira sem me cansar? Os seus anciãos do Comyn alguma vez lhe contaram esses fatos?

Minha cabeça girava. Tudo parecia terrivelmente convincente.

— O Comyn não pode saber disso. Se o conhecimento se perder...

— Eles sabem, é claro — assegurou Beltran, desdenhoso. — Kennard sabe, com toda a certeza. Afinal, ele viveu na Terra.

Meu pai sabia de tudo aquilo e nunca me contara?

Kadarin e Beltran ainda me contavam sua história de uma "nave perdida", mas eu cessara de escutar. Podia sentir os olhos suaves de Marjorie fixados em mim, à luz do fogo definhando, embora não os visse mais. Senti que ela acompanhava meus pensamentos, não se intrometendo, mas sim reagindo a mim, de uma forma tão completa que não havia mais barreiras entre nós. Isso nunca me acontecera antes. Nem mesmo em Arilinn, eu jamais experimentara urna sintonia tão plena com qualquer ser humano. Senti que ela sabia como tudo aquilo me deixara consternado e exausto.

No banco almofadado, ela me estendeu a mão, e pude sentir sua indignação se irradiando dos dedos pequenos para minha mão, o braço, o resto do corpo. Ela protestou:

— Bob, o que está tentando fazer com ele? Lembre-se de que ele chegou aqui cansado de uma longa viagem, um parente e hóspede; é essa a nossa hospitalidade das montanhas?

Kadarin riu.

— Ponha um camundongo para guardar um leão! — Senti aqueles estranhos olhos penetrando pela escuridão para ver nossas mãos unidas. — Tenho minhas razões, criança. Não, sei que destino o enviou até aqui, mas quando vejo um homem que sempre viveu por uma mentira, tento lhe dizer a verdade, se acho que ele merece ouvi-la. Um homem que deve fazer uma opção tem de se basear nos



fatos, não em nebulosas lealdades, verdades incompletas, mentiras antigas. A maré do destino se move...

Interrompi-o bruscamente:

— O destino é um dos seus fatos? E me chamou de supersticioso! Ele balançou a cabeça, muito sério.

— Você é um telepata, um Alton; sabe o que é a precognição.

— Está indo muito depressa, Bob — disse Beltran. — Nem mesmo sabemos por que ele veio até aqui e não podemos esquecer que é herdeiro de um Domínio. É possível até que tenha sido enviado para saber como estão as coisas por aqui e contá-las ao velho de barba grisalha em Thendara e seus lacaios. Beltran virou-se para mim.

— Por que veio nos procurar? Depois de tantos anos, Kennard não pode estar tão ansioso assim em fazê-lo conhecer a família de sua mãe, caso contrário você seria meu irmão-de-adoção, como o pai desejava.

Pensei a respeito com certo pesar. Aceitaria de bom grado aquele parente como irmão-de-adoção. Em vez disso, nunca soubera de sua existência até agora, e fora uma perda mútua. Ele insistiu na pergunta:

— Por que veio, primo, depois de tanto tempo?

— É verdade que vim por vontade de meu pai. Hastur recebeu informações de que a Aliança estava sendo violada em Caer Donn; meu pai se encontrava doente demais para viajar, e fui enviado em seu lugar.

Sentia-me estranhamente empurrado de um lado para outro. O pai me mandara para espionar os parentes? Ou, na verdade, queria que eu conhecesse a família de minha mãe? Não sabia, e isso me deixava indeciso, angustiado.

— Como pode perceber, é inútil falar com ele — disse a mulher chamada Thyra, de seu lugar, à sombra de Kadarin. — É um dos fantoches do Comyn.

A ira me dominou.

— Não sou fantoche de ninguém. Nem de Hastur. Nem de meu pai. E também não serei de vocês, mesmo sendo primo. Vim por minha livre e espontânea vontade, porque, se a Aliança for violada,

a vida de todos nós será afetada. E mais do que isso, independentemente do que disse meu pai, eu queria verificar pessoalmente se era verdade o que me disseram sobre Aldaran e a Terra.

— Falou honestamente — disse Beltran. — Mas quero lhe fazer uma pergunta, primo. Sua lealdade é com o Comyn... ou com Darkover?

Se me fizessem essa pergunta em qualquer outra ocasião, eu responderia, sem a menor hesitação, que ser leal ao Comyn era ser leal a Darkover. Desde que deixara Thendara, porém, não tinha mais tanta certeza. Mesmo aqueles em quem eu confiava plenamente, como Hastur, não tinham o poder — ou talvez não tivessem o desejo — de reprimir a corrupção dos outros.

— A Darkover — respondi. — Sem a menor sombra de dúvida, a Darkover.

— Então você deve ser um de nós! — declarou Beltran, com veemência. — Foi-nos enviado neste momento, eu acho, porque precisávamos de sua ajuda, porque não podíamos continuar sem alguém como você!

— Para fazer o quê?

Eu não queria participar em nenhuma conspiração de Aldaran.

— Só uma coisa, parente: dar a Darkover o lugar que lhe pertence por direito, como um mundo integrado em nosso tempo, não como um lugar atrasado e bárbaro! Merecemos o lugar no Conselho do Império, que já deveríamos ocupar há muitos séculos, se o Império fosse honesto conosco. E vamos obtê-lo!

— Um nobre sonho, se for viável. Mas como pretendem realizá-lo?

— Não será fácil — admitiu Beltran. — Convém ao Império e ao Comyn perpetuar a mesma idéia de nosso mundo: atrasado, feudal, ignorante. E nos tornamos muitas dessas coisas.

— Mas também temos algo que é exclusivamente darkovano — interveio Thyra, das sombras. — Nossos poderes psíquicos.

Ela se inclinou para a frente, a fim de pôr mais lenha no fogo, e vi suas feições por um instante, iluminadas pelas chamas, escuras, vigorosas, faiscando.

— Se são exclusivos de Darkover, como ajustá-los à teoria de que somos todos terráqueos?

— Todos esses poderes foram registrados e são lembrados na Terra — explicou ela. — Mas a Terra negligenciou os poderes da mente, concentrando-se nas coisas materiais, nos metais, nas máquinas, nos computadores. Por isso, os poderes psíquicos foram esquecidos e reprimidos. Nós, ao contrário, tratamos de desenvolvê-los, deliberadamente nos reproduzimos por eles... essa parte da lenda do Comyn é verdadeira. E contamos com as pedras de matriz para conversão da energia. O isolamento, a tendência genética e a reprodução seletiva fizeram o resto. Darkover é um reservatório de poder psíquico, o único planeta na galáxia, até onde eu sei, que optou por ele, em detrimento da tecnologia.

— Mesmo com a amplificação da matriz, esses poderes são perigosos — declarei. — A tecnologia darkovana deve ser usada com cautela, com bastante comedimento. O preço, em termos humanos, é geralmente muito alto.

A mulher deu de ombros.

— Não se podem pegar falcões sem escalar os penhascos.

— E o que vocês tencionam fazer?

— Obrigar os terráqueos a nos levarem a sério!

— Não estão pensando em guerra, não é? — Parecia uma loucura suicida, e foi o que eu disse. — Combater os terráqueos, armas contra armas?

— Claro que não — respondeu Kadarin. — Ou apenas se for preciso demonstrar a eles que não somos ignorantes nem impotentes. Uma matriz de alto nível, pelo que sei, é uma arma capaz de fazer até mesmo os terráqueos tremerem. Mas espero e confio que nunca chegaremos a esse ponto. O Império Terráqueo orgulha-se do fato de jamais conquistar, de os próprios planetas pedirem para serem admitidos no Império. Em vez disso, o Comyn decidiu manter Darkover apartado, mergulhado no barbarismo, uma busca pelo ontem, não pelo amanhã. Temos algo para dar ao Império em troca do que eles nos oferecerem, nossa tecnologia de matriz. Podemos nos juntar como iguais, não como suplicantes.

Soube que nos velhos tempos havia aeronaves impulsionadas por matriz em Arilinn...

— É verdade — confirmei. — Ainda existiam recentemente, no tempo de meu pai.

— E por que não temos mais agora? — Ele não esperou minha resposta. — Poderíamos dispor também de uma técnica de comunicações bastante eficaz...

— Temos isso agora.

— Mas as Torres só operam sob o controle do Comyn, não por toda a população do mundo.

— Os riscos...

— Só o Comyn parece saber alguma coisa sobre esses riscos - interveio Beltran. — Estou cansado de deixar o Comyn decidir por todos quais os riscos que podemos assumir. Quero que sejamos aceitos como iguais pelos terráqueos. Quero que nos tornemos parte do comércio terráqueo, não apenas um filete mínimo que entra e sai pelo espaço-porto sob complexas autorizações, assinadas e reassinadas por seus especialistas em culturas alienígenas, depois de se certificarem de que não vai perturbar nossa cultura primitiva! Quero boas estradas, fábricas e transportes, quero algum controle sobre o clima esquecido de Deus neste mundo! Quero nossos estudantes nas universidades do Império, e os deles vindo para cá! Outros planetas têm essas coisas! E, acima de tudo, quero a viagem pelas estrelas. Não como uma diversão de homem rico, como acontece com os jovens Ridenow, passando uma temporada de vez em quando num distante mundo de prazeres e trazendo de volta novos brinquedos e novas libertinagens, mas pelo livre comércio, com naves darkovanas e indo e vindo de acordo com a nossa vontade, não por determinação do Império!

— Devaneios — declarei, incisivo. — Não há metal suficiente em Darkover para se construir o casco de uma espaçonave, muito menos o combustível para acioná-la.

— Podemos trocar nossos produtos pelo metal — insistiu Beltran. — E não acha que as matrizes, acionadas pelo poder psíquico, são capazes de movimentar espaçonaves? E isso não faria

com que a maioria das outras fontes de energia na galáxia se tornasse obsoleta da noite para o dia?

Fiquei imóvel por um momento, dominado pela força daquele sonho. Naves estelares para Darkover... usando a matriz como força propulsora! Por todos os Deuses, que sonho! E os darkovanos como companheiros, concorrentes, não como enteados esquecidos do Império...

— Não pode ser possível — murmurei — ou os círculos da matriz já teriam feito isso, nos velhos tempos.

— Já foi feito — assegurou Kadarin. — Foi o Comyn que suspendeu. Teria diluído seu poder sobre este mundo. Viramos as costas a uma civilização galática porque aquele bando de mulheres velhas em Thendara decidiu que gostava do nosso mundo do jeito como era, com o Comyn mandando, com os Deuses e não sei mais o quê, e todas as outras pessoas lhes fazendo reverência e se submetendo! Até desarmaram a todos nós. Sua preciosa Aliança parece muito civilizada, mas o que fez, para todos os efeitos, foi tornar impossível qualquer tipo de rebelião armada que pudesse pôr em perigo o poder do Comyn!

Isso estava de acordo, de forma embaraçosa, com alguns de meus próprios pensamentos. Até Hastur falava nobres palavras sobre o Comyn se devotando ao serviço de Darkover, mas tudo se resumia ao fato de que ele sabia o que era melhor para o nosso planeta, e não queria idéias independentes desafiando o seu poder de impor o "melhor".

— É um sonho nobre. Eu já disse isso antes. Mas o que tenho a ver com tais coisas?

Foi Marjorie quem respondeu, apertando minha mão, na maior ansiedade:

— Primo, você é treinado na Torre. Conhece as habilidades e as técnicas, e como podem ser usadas até mesmo por telepatas latentes. Muito do antigo conhecimento se perdeu, fora das Torres. Só podemos experimentar, trabalhar no escuro. Não dispomos da habilidade, da disciplina com a qual poderíamos aprofundar as experiências. Aqueles de nós que são telepatas não têm a menor chance de desenvolver os dons naturais; e os que não são não têm

como aprender a mecânica do trabalho de matriz. Precisamos de alguém... alguém como você, primo!

— Não sei... Só trabalhei dentro de uma Torre. Fui ensinado que não é seguro...

— Claro — disse Kadarin, desdenhoso. — Eles se arriscariam a que qualquer homem treinado fizesse experiências por conta própria e talvez aprendesse mais do que o pouco que lhe permitiram saber? Kermiac treinava técnicos de matriz aqui nas Hellers quando vocês, nos Domínios, ainda trabalhavam em círculos fechados, eram considerados feiticeiras e bruxos! Mas ele está muito velho, não já nos pode orientar agora.

Kadarin sorriu, um sorriso breve e desolado, antes de acrescentar:

— Precisamos de alguém que seja jovem e competente, e acima de tudo destemido. Acho que você dispõe da força necessária. Tem a vontade também?

Descobri-me recordando o estranho senso de destino que me dominara ao chegar ali. Era esse o destino que previra, romper o controle de um clã corrompido sobre Darkover, derrubar a garra que nos apertava pela garganta, levar Darkover a seu lugar de direito entre os iguais do Império?

Era quase demais para absorver. E, de repente, senti-me muito cansado. Marjorie, ainda acarinhando gentilmente minha mão com seus dedos pequenos, murmurou, sem levantar os olhos:

— Já chega, Beltran. Dê-lhe algum tempo. Ele está exausto da viagem, e vocês o pressionaram até deixá-lo confuso. Se ele achar certo, tomará a decisão que esperamos.

Ela pensava em mim. Todos os outros só pensavam na maneira como eu podia enquadrar-me em seus planos. Beltran disse, com um sorriso pesaroso e cordial:

— Primo, minhas desculpas! Marjorie tem razão, já chega por enquanto. Depois de uma viagem tão longa, você precisa mais de um drinque tranqüilo e de uma cama macia do que de uma preleção sobre a história e a política de Darkover. Muito bem, o drinque agora, e a cama daqui a pouco, eu prometo!

Ele pediu vinho e um cordial doce, com gosto de frutas, não muito diferente do shallan que bebemos no vale. Levantou seu copo na minha direção.

— Ao nosso conhecimento mais profundo, primo, e a uma agradável estada entre nós!

Fiquei contente por beber a isso. Os olhos de Marjorie encontraram-se com os meus por cima da borda do copo. Tive vontade de pegar sua mão outra vez. Por que ela me atraía tanto? Parecia jovem e tímida, com um embaraço cativante, mas não era bonita no sentido clássico. Vi Thyra sentada na curva do braço de Kadarin, bebendo do copo dele. Entre os habitantes das terras baixas, isso seria um sinal de que eram amantes confessos. Eu não sabia o que significava aqui, se é que significava alguma coisa. E gostaria de ter liberdade para também sentar assim com Marjorie.

Concentrei minha atenção no que Beltran dizia, sobre os métodos terráqueos usados na construção rápida de Caer Donn, na maneira pela qual telepatas treinados podiam ser usados na previsão e no controle do tempo.

— Cada planeta do Império enviaria pessoas para cá, a fim de serem treinadas por nós, e pagariam muito bem pelo privilégio.

Era tudo verdade, mas eu me sentia cansado, e os planos de Beltran eram tão excitantes que temi não conseguir dormir depois. Além disso, tinha os nervos à flor da pele com a tentativa de manter minha percepção de Marjorie sob controle. Preferia ser espancado até virar uma massa ensangüentada a me intrometer, mesmo de uma forma periférica, em sua sensibilidade. Mas continuava a desejar projetar-me para ela, testar sua percepção de mim, ver se partilhava meus sentimentos ou se sua gentileza era a cortesia de uma parenta a um hóspede exausto...

— Beltran — falei finalmente, interrompendo o fluxo de idéias entusiasmadas -, há uma falha séria em seus planos. Não existem telepatas suficientes. Não temos bastantes homens e mulheres treinados sequer para manter todas as nove Torres em operação. Para o seu plano de dimensões galáticas, precisaríamos de dezenas, centenas.

— Mas não se esqueça de que até mesmo um telepata latente pode aprender a mecânica de matriz — disse ele. — E muitos que herdaram os dons nunca os desenvolveram. Creio que alguém treinado numa Torre pode despertar o laran latente.

Franzi o rosto.

— O dom de Alton é forçar o contato. Aprendi a usá-lo na Torre para despertar os latentes, se não estiverem defendidos demais. Nem sempre consigo fazê-lo. Isso exige um telepata catalisador. O que eu não sou.

Thyra comentou, em tom ríspido:

— Eu lhe disse, Bob, que esse gene está extinto. Algo em seu tom me deu vontade de contestá-la.

— Não está, não, Thyra. Conheço um. É apenas um menino, e destreinado, mas é sem dúvida um telepata catalisador. Despertou o laran num latente, mesmo depois que eu havia fracassado.

— Isso de nada nos adianta — disse Beltran, irritado. — O Conselho do Comyn provavelmente o controla, com favores e proteção, a tal ponto que ele nunca verá além da vontade deles. É o que costumam fazer com os telepatas. Estou surpreso de que não o tenham ainda subornado desse jeito, primo.

Pensei, mas não disse, que haviam tentado.

— Não fizeram isso. Dani não tem o menor motivo para amar o Comyn... e dispõe de razões suficientes para odiá-lo.

Sorri para Marjorie e passei a lhes contar o que acontecera com Danilo no corpo de cadetes.



## Capítulo Treze

Regis estava deitado no quarto de hóspedes em Edelweiss, exausto, mas sem conseguir dormir. Chegara ao final da tarde, em meio a uma nevasca, ainda aturdido e nauseado demais para conversar ou para comer o jantar que Javanne preparara. A cabeça latejava, os olhos tremeluziam com pequenos pontos de luz, que persistiam mesmo quando os fechava, sempre em movimento, formando estranhos rendilhados visuais por trás das pálpebras.

Dyan, ele não parava de pensar, no comando dos cadetes, abusando de seu poder daquela forma, e ninguém sabia ou não se importava, ou não interferia.

Mas eles sabiam, é claro, compreendiam tudo. Não podiam deixar de saber. Ele jamais acreditaria que Dyan fosse capaz de enganar Kennard!

Regis lembrou a conversa estranha e insatisfatória com Dyan na taverna, e sua cabeça latejou ainda mais, como se a própria violência de suas emoções pudesse explodi-la. Sentia-se ainda pior porque, na verdade, gostava de Dyan, admirara-o, ficara lisonjeado com sua atenção. Apreciara a oportunidade de conversar com um parente como um igual... e bancara a criança tola e estúpida! Sabia agora o que Dyan tentava descobrir, de uma forma tão sutil que nem chegara a ser um convite.

Não era a natureza dos desejos de Dyan que tanto o perturbava. Afinal, não se considerava tão vergonhoso assim ser um ombredin, um amante de homens. Entre os garotos muito jovens para o casamento, mantidos rigidamente apartados pelo costume de quaisquer mulheres, exceto suas próprias irmãs ou primas, era considerado condizente procurar a companhia e até mesmo o amor de seus amigos, em vez de ligações com mulheres que eram de todos. Podia ser excêntrico, num homem da idade de Dyan, mas com certeza não era vergonhoso.

O que repugnava Regis eram a espécie e o tipo de pressão usada contra Danilo, com sua crueldade deliberada e sádica, a vingança de Dyan por seu orgulho ferido.

Uma perseguição mesquinha seria cruel, embora compreensível. Mas usar o laran contra ele! Impor-se na mente de Danilo, atormentá-lo daquela maneira! Regis experimentava uma náusea física de tanta repulsa.

Além do mais, pensou ele, ainda se revirando na cama, inquieto, havia muitos homens e rapazes que acolheriam muito bem o interesse de Dyan. Alguns talvez apenas porque Dyan era um lorde do Comyn, capaz de proporcionar presentes e privilégios a seus amigos, mas outros, sem dúvida, achariam Dyan um companheiro encantador, agradável e sofisticado. Ele poderia ter uma dúzia de apaniguados e amantes, e ninguém pensaria em criticá-lo. Mas alguma crueldade pervertida o levava a procurar o único rapaz entre os cadetes que jamais o aceitaria. Um cristoforo.

Virando-se de lado, Regis puxou um travesseiro sobre o rosto, a fim de bloquear a luz da única vela acesa, pois se sentia cansado demais para levantar e apagá-la, e tentou dormir. Mas sua mente insistia em voltar aos pesadelos assustadores e desconcertantemente sexuais que haviam precedido o despertar de seu próprio laran. Sabia agora como Dyan pressionara Danilo até mesmo no sono, saboreando o medo e a vergonha do rapaz. E também sabia agora qual era a suprema corrupção do poder: converter outra pessoa num brinquedo para se submeter à sua vontade.

Dyan seria um louco? Regis refletiu a respeito. Não, ele era muito são, para escolher um garoto pobre, sem amigos ou patronos poderosos. Brincara com Danilo como um gato brinca com um passarinho cativo, torturando por não poder matar. Regis sentiu-se nauseado outra vez. O prazer no sofrimento. Dyan experimentava esse tipo de prazer ao bater nele com toda a força nos treinamentos, deixando-o cheio de equimoses? Com a intensa memória tátil de um telepata, ele reconstituiu o momento em que Dyan passara as mãos por seu corpo machucado, a deliberada qualidade sensual do contato. Se Dyan estivesse fisicamente presente agora, Regis o teria agredido e assumido as conseqüências.

E Dani era um telepata.catalisador. Essa força terrível, essa compulsão abominável, contra o mais raro e o mais sensível dos

telepatas!

Por várias vezes, de forma compulsiva, ele voltou naquela noite ao alojamento em que tentara — e fracassara — entrar em contato com Danilo, para confortá-lo. Sentiu outra vez a angústia, o choque físico e mental da violenta rejeição, o fluxo de culpa, terror e vergonha que o envolvera por completo, por causa daquele breve e inocente toque no ombro nu de Danilo. Cassilda, abençoada Mãe do Comyn, pensou Regis, numa vergonha profunda, eu o toquei! Não é de admirar que ele julgasse que eu não era melhor do que Dyan!

Regis deitou de costas e ficou olhando para o teto abobadado, sentindo o corpo se tornar gelado de medo. Dyan era um membro do Conselho. Não era possível que todos fossem tão corrompidos que nada falassem ao saber o que Dyan fizera. Mas quem lhes poderia contar?

A única vela acesa, perto de sua cama, tremeluziu de repente, entrando e saindo de foco; cores surgiam e giravam em seu campo visual, o quarto pareceu expandir-se, depois encolher, até dar a impressão de que se encontrava muito distante, e depois assomou vasto ao seu redor, como uma imensa câmara ressonante.

Ele reconheceu as sensações da ocasião em que Lew lhe dera kirian... mas não tomara nenhuma droga agora!

Agarrou-se nas cobertas, fechando os olhos com toda a força. Ainda podia divisar a chama da vela, um fogo escuro gravado dentro de suas pálpebras, o quarto ao redor iluminado por um brilho radiante, com imagens revertidas, escuro para brilhante, brilhante para escuro, e um rumor em seus ouvidos, como o rugido distante de um incêndio na floresta...

...As linhas de fogo em Armida! Por um instante, ele teve a sensação de ver de novo o rosto de Lew, avermelhado, contemplando um terrível incêndio, atraído com terror e fascínio, e depois o rosto de uma mulher, reluzente, coroado pelo fogo, queimando, queimando viva nas chamas... Sharra, a Deusa da Forja, em suas correntes douradas. O quarto vibrava com o fogo, e ele se protegeu sob as cobertas, sufocado, assediado, num turbilhão. O quarto dissolvia-se ao seu redor, inclinava-se... cada fio dos lençóis de linho parecia penetrar seu corpo, duro e áspero, as fibras se

encrespavam e se retorciam, cortando sua pele dolorosamente. Ouviu alguém gemer muito alto e se perguntou quem poderia estar chorando assim. O próprio ar parecia desmanchar-se contra sua pele, como se estivesse dividindo em pequenas gotas, antes que o pudesse respirar. E sua respiração sibilava, assoviava, gemia, ao entrar e sair, como fogo cauterizando, só apagado pelas gotas de água separadas em seus pulmões...

A dor comprimia sua cabeça. A sensação era a do crânio sendo esmagado, explodindo em fragmentos mínimos; outro golpe projetou-o para o alto, voando, para depois cair pela escuridão.

— Regis!

Outra vez um impacto, a vertigem de girar pelo espaço. O som era apenas uma vibração sem sentido, mas ele o tentou focalizar, fazer com que significasse alguma coisa.

— Regis!

Quem era Regis? A chama ruidosa da vela definhou para um mero lampejo, e Regis se ouviu soltando um sonoro ofego. Alguém se inclinava por cima dele, gritando seu nome, batendo com força em seu rosto. E de repente, sem qualquer barulho, o quarto recuperou o foco.

— Regis, acorde! Levante-se e ande, não se deixe dominar por isso!

— Javanne... — balbuciou ele, fazendo um esforço para segurar sua mão, que já descia para outro golpe. — Não, irmã...

Ele se surpreendeu ao constatar como sua voz soava fraca e distante. Javanne soltou um grito de alívio. Estava de pé ao lado da cama, um xale branco estendido pelos ombros, por cima da camisola comprida.

— Pensei que era uma das crianças chorando, e só depois descobri que era você. Por que não me contou que podia sofrer a doença do limiar?

Regis piscou, atordoado, e baixou a mão da irmã. Mesmo sem o contato mental, podia sentir o medo de Javanne. O quarto ainda não se tornara completamente sólido ao seu redor.

— Doença do limiar?

Ele pensou a respeito, por um momento. Claro que já ouvira falar, pois nascera numa família do Comyn: um distúrbio físico e psíquico da telepatia despertando na adolescência, a incapacidade do cérebro de absorver as súbitas sobrecargas de dados sensoriais e extra-sensoriais, resultando em distorções na percepção de vista, som, tato...

— Nunca tive isso antes. Não sabia o que era. As coisas pareciam se diluir e desaparecer, eu não conseguia ver direito, nem sentir...

— Sei como é. Agora, levante e ande um pouco.

O quarto ainda girava ao seu redor; Regis segurou-se na armação da cama.

— Vou cair, se tentar me levantar...

— E se não se levantar e andar, seus centros de equilíbrio voltarão a perder o foco. Tome aqui.

Com uma débil risada, ela estendeu o xale branco para o irmão e desviou os olhos enquanto ele o enrolava em torno do corpo e fazia um tremendo esforço para se levantar.

— Ninguém o alertou para isso quando seu laran despertou, Regis?

— E quem me poderia alertar? Acho que ninguém sabia.

Ele deu um passo hesitante, depois outro. Javanne tinha razão; sob o esforço concentrado de se levantar e andar, o quarto voltou a ficar sólido. Regis estremeceu e aproximou-se da vela. As pequenas luzes ainda dançavam no fundo de seus olhos, mas agora reduzidas outra vez às dimensões da vela. Como a chama se expandira para as proporções de um furioso incêndio na floresta de sua infância? Ele pegou a vela, espantado ao perceber como sua mão tremia. Javanne disse, em tom ríspido:

— Não pegue a vela enquanto sua mão não estiver firme, pois pode atear fogo a alguma coisa! Regis, você me assustou!

— Por causa da vela? Ele a largou.

— Não. Pela maneira como gemia. Passei meio ano em Neskaya quando tinha treze anos e uma ocasião vi uma das garotas entrar em convulsões na crise.

Regis fitou a irmã como se a visse pela primeira vez. Podia sentir agora a emoção por trás de seu comportamento brusco, o medo genuíno, uma ternura de que ele nunca suspeitara. Passou o braço pelos ombros de Javanne e murmurou, aturdido:

— Sentiu mesmo tanto medo assim?

As barreiras entre os dois haviam arriado por completo, e Javanne ouviu outra coisa: Você se importaria realmente se alguma coisa me acontecesse? Ela reagiu ao espanto dessa indagação com uma sincera consternação.

— Como pode duvidar disso? Você é meu único parente!

— Tem Gabriel e as cinco crianças.

— Mas você é o filho de meu pai e de minha mãe. — Javanne deu-lhe um abraço rápido e firme. — Parece estar bem agora. Volte para a cama antes de pegar um resfriado. Terei de cuidar de você como se fosse um dos bebês!

Mas Regis sabia agora o que a rispidez da voz da irmã encobria, e não se incomodou. Obediente, meteu-se debaixo das cobertas. Ela sentou na cama.

— Deve passar algum tempo em uma das Torres, Regis, apenas para aprender o controle. O avô pode enviá-lo para Neskaya ou Arilinn. Um telepata destreinado é uma ameaça para si mesmo e para todos ao seu redor, como me disseram quando eu tinha a sua idade.

Regis pensou em Danilo. Alguém se lembrara de alertá-lo?

Javanne puxou as cobertas até debaixo de seu queixo. Ele recordou que a irmã fazia isso quando era muito pequeno, antes de compreender a diferença entre uma irmã mais velha e uma mãe que jamais conhecera. A própria Javanne era apenas uma criança na ocasião, mas tentara assumir o papel de mãe. Por que ele esquecera isso?

Ela o beijou gentilmente na testa. Sentindo-se seguro e protegido no momento, Regis resvalou pela beira do vasto abismo do sono.

No dia seguinte, sentia-se doente e atordoado. Javanne bem que o tentou manter na cama, mas ele estava irrequieto demais para permanecer deitado.

— Tenho de voltar imediatamente a Thendara. Descobri uma coisa que torna necessária uma conversa sem demora com o avô. E você mesma disse que devo providenciar minha ida para uma das Torres. O que pode me acontecer com uma escolta de três guardas?

— Sabe muito bem que não está em condições de viajar! — exclamou ela, irritada. — Eu deveria dar uma surra em você e levá-lo para a cama, como faria com Rafael se ele fosse tão teimoso e irracional!

Sua nova percepção da irmã levou-o a responder com gentileza:

— Bem que gostaria de ser bastante pequeno para ser mimado por você, mesmo que isso representasse uma surra. Mas sei o que devo fazer, Javanne, e já passei da idade em que me submetia ao domínio de uma mulher. Por favor, não me trate como uma criança.

A seriedade de Regis também a tornou sóbria, e ela mandou chamar sua escolta e os cavalos.

Durante todo aquele longo dia de viagem, Regis teve a sensação de se mover ao longo de memórias torturantes, que se repetiam intermináveis, e de uma inquietação e incerteza crescentes: acreditariam nele, estariam dispostos a pelo menos ouvi-lo? Danilo se encontrava agora fora do alcance de Dyan; havia tempo suficiente para se manifestar, antes que ele pressionasse outro jovem. E Regis sabia que, se mantivesse o silêncio, seria cúmplice do que Dyan fizera.

No meio da tarde, ainda a quilômetros de Thendara, a neve e o granizo recomeçaram a cair, mas Regis ignorou as sugestões da escolta para que procurassem abrigo e hospitalidade em algum lugar. Cada momento que o separava de Thendara era agora uma tortura; ansiava em chegar, acabar logo com a terrível confrontação. Enquanto os quilômetros se arrastavam, e ele ficava mais e mais encharcado, aconchegou-se dentro do manto, como se fosse um casulo protetor. Sabia que os guardas falavam a seu respeito, mas excluiu-os com firmeza de sua consciência, retirando-se mais e mais para sua própria angústia.

Ao alcançar o topo do desfiladeiro, ele ouviu a vibração distante do espaço-porto, transmitida de forma intensa e

reverberante no ar pesado e úmido. Pensou com um profundo anseio nas naves partindo, invisíveis por trás da muralha de chuva e granizo, símbolos da liberdade que desejava ter agora.

Deixava que a tempestade cada vez mais forte o fustigasse, sem se preocupar. Recebia com satisfação o vento gelado, o granizo se congelando em camadas no manto grosso, nas pestanas, nos cabelos. Impedia-o de resvalar de volta àquela percepção estranha, hiper-sensível, alucinatória.

O que direi ao avô?

Como se podia encarar o Regente do Comyn e declarar que seu conselheiro de maior confiança era um corrupto, um pervertido sádico, usando seus poderes telepáticos para interferir numa mente sob seu comando?

Como dizer ao Comandante da Guarda que seu amigo de maior confiança, num dos postos de maior responsabilidade, maltratara um menino sob seus cuidados e abusara dele de uma forma vergonhosa? Como acusar seu próprio tio, o mais forte telepata no Comyn, de se manter de lado, indiferente, presenciando o mais raro e mais sensível dos telepatas ser falsamente acusado, sua mente assediada, atormentada e desonrada, enquanto ele, um técnico psíquico treinado numa Torre, nada fazia?

Os muros de pedra do Castelo fecharam-se em torno deles, protegendo-os do vento forte. Regis ouviu os homens da escolta praguejarem, enquanto se afastavam com os cavalos. Sabia que lhes deveria pedir desculpas por obrigá-los a uma viagem tão extenuante, com aquele tempo. Fora uma grande irresponsabilidade com homens leais, e a situação se tornava ainda pior pelo fato de que jamais questionariam seus motivos. Ele fez um agradecimento breve e formal e aconselhou-os a irem logo jantar e descansar, sabendo que o oferecimento de qualquer recompensa seria encarado como um insulto.

Os longos degraus para os aposentos dos Hasturs assomaram por cima dele, encolhendo-se e expandindo-se. O idoso valete do avô correu ao seu encontro, meio indistinto, desfocado, balançando a cabeça e falando com o privilégio do longo serviço:



— Lorde Regis, está completamente encharcado! Vai ficar doente! Vou buscar vinho, roupas secas...

— Obrigado, mas não quero nada agora. — Regis piscou para remover as gotas de gelo que se derretiam em suas pestanas. — Pergunte ao Lorde Regente... — Ele fez um esforço para impedir que os dentes batessem. — ...se pode me receber.

— Ele está jantando, Lorde Regis. Vá juntar-se a ele.

Uma mesa pequena fora armada diante do fogo, na sala de estar particular do avô. Danvan Hastur fitou o neto, consternado, repetindo de uma maneira quase cômica a aflição do idoso servo.

— Meu rapaz! Como pode chegar a esta hora, tão encharcado? Marton, pegue seu manto, para enxugar junto ao fogo! Você deveria passar alguns dias com Javanne. O que aconteceu?

— Necessário... — Regis descobriu que seus dentes batiam com tanta força que mal conseguia falar; teve de cerrá-los para conseguir algum controle. — Voltar imediatamente...

O Regente balançou a cabeça, cético.

— Em meio a uma nevasca? Sente-se aqui, junto do fogo.

Ele pegou o jarro na mesa e inclinou-o para despejar uma sopa fumegante numa caneca, que estendeu para Regis.

— Tome isto e se esquente, antes de falar qualquer coisa.

Regis começou a dizer que não queria, mas teve de pegar para que não caísse das mãos do velho. O vapor quente e fragrante era tão apetitoso que ele passou a tomar a sopa, aos goles, lentamente. Sentiu-se enfurecido por sua própria fraqueza, e com mais raiva ainda pelo fato de o avô testemunhá-la. As barreiras do velho estavam arriadas, e ele teve um relance de Hastur quando jovem, um comandante em campanha, conhecendo seus homens, julgando as forças e as fraquezas de cada um, sabendo o que cada um precisava, e como e quando providenciar. À medida que a sopa quente espalhava calor por seu corpo trêmulo, Regis relaxou e passou a respirar de forma mais regular. O calor da caneca confortava seus dedos, que se encontravam azulados de frio; e, mesmo depois de tomar toda a sopa, continuou a segurá-la entre as mãos, desfrutando o calor.

— Avô, preciso lhe falar.

— Estou escutando. Nem mesmo o Conselho me procuraria com este tempo.

Regis olhou para os servos que circulavam pela sala.

— A sós, senhor. É uma conversa que envolve a honra dos Hasturs.

Uma expressão de surpresa estampou-se no rosto do velho, que acenou para que os servos se retirassem.

— Não vai me contar que Javanne conseguiu se desgraçar, não é? O mero pensamento da irmã séria e meticulosa caindo na libertinagem teria feito Regis rir, se pudesse rir.

— Não, senhor. Tudo está bem em Edelweiss, as crianças crescem com saúde.

O frio acabara, mas ele sentia agora um tremor interior, que nem sequer reconhecia como medo. Largou a caneca vazia, que esfriara em suas mãos, e sacudiu a cabeça à oferta de mais sopa.

— Avô, lembra-se de Danilo Syrtis?

— Os Syrtis são homens de Hastur, o escudeiro de seu pai tinha esse nome, o velho Dom Felix foi meu mestre falcoeiro. Espere... Não houve um incidente lamentável na Guarda este ano, um cadete em desgraça, sua espada partida? O que isso tem a ver com a honra dos Hasturs, Regis?

Regis sabia que se devia manter calmo agora, manter a voz firme.

— Os homens de Syrtis são nossos ajudantes e escudeiros, senhor. Pelos anos de serviços que nos prestaram, não é nosso dever salvaguardá-los de serem atacados e abusados, até mesmo pelo Comyn? Eu descobri... Danilo Syrtis foi injustamente atacado e desgraçado, senhor. Pior do que isso. Danilo é um... telepata catalisador, e Lorde Dyan abusou dele, tramou sua desgraça por vingança...

Regis não pôde continuar. Aquele momento lancinante de contato com Danilo voltou a dominá-lo. Hastur fitava-o com profunda aflição.

— Isso não pode ser verdade, Regis!

Ele não acredita em mim! Regis ouviu sua voz tremer quando balbuciou:

— Avô, eu juro...

— Criança, criança, sei que não está mentindo, pois o conheço muito bem...

— Não me conhece absolutamente! — exclamou Regis, quase histérico.

Hastur levantou-se, preocupado, e adiantou-se para encostar a mão na testa do neto.

— Você está doente, Regis, febril, talvez delirante. Regis desvencilhou-se da mão.

— Sei muito bem o que estou dizendo. Sofri um ataque da doença do limiar em Edelweiss, mas já estou melhor agora.

O velho fitou-o com um ceticismo surpreso.

— A doença do limiar é uma coisa que deve ser levada muito a sério, Regis. Um dos sintomas é a ilusão, a alucinação. Não posso acusar Lorde Dyan pelos devaneios delirante de um jovem doente. Vou chamar Kennard Alton; ele é treinado numa Torre e pode lidar com esse tipo de doença.

— Isso mesmo, chame Kennard — exigiu Regis, a voz tremendo. — Ele é o único homem em Thendara que saberá com certeza que não estou mentindo nem delirando! E aconteceu por culpa dele também, pois ficou de braços cruzados e deixou que Danilo fosse desgraçado e o corpo de cadetes envergonhado!

Hastur parecia profundamente perturbado.

— Não pode esperar... — Ele fez uma pausa, fitando Regis atentamente. — Não, não pode, se você viajou por uma nevasca, a esta hora, para me trazer a notícia. Mas Kennard também está muito doente. Pode ir ao encontro dele?

Regis reprimiu outra explosão de raiva e disse apenas, sob um controle tenso:

— Não estou doente. Posso muito bem ir ao encontro dele. O avô fitou-o nos olhos.

— Se ainda não está doente, ficará em breve, se continuar tremendo assim, todo encharcado. Vá para seu quarto e troque de roupa, enquanto mando o aviso a Kennard.

Regis sentiu-se irritado por receber uma ordem para trocar de roupa, como se fosse uma criança, mas obedeceu. Parecia a melhor

maneira de convencer o avô de sua racionalidade. Ao voltar, em roupas secas, sentindo-se melhor, o avô disse bruscamente:

— Kennard está esperando. Vamos para os seus aposentos.

Enquanto percorriam os longos corredores, Regis percebeu a intensa desaprovação do avô. Nos aposentos dos Altons, Kennard estava sentado na sala principal, diante do fogo. Levantou-se e deu um passo para ele. Regis constatou, com profundo pesar, que ele parecia muito doente, o rosto encovado e febril, as mãos inchadas e disformes. Mas sorriu para Regis, com uma satisfação sincera, e estendeu a mão enorme.

— Como fico contente por vê-lo, meu rapaz!

Regis tocou os dedos inchados com extremo cuidado, captando a dor e a exaustão de Kennard. Sentia-se hipersensível. Kennard mal conseguia ficar de pé!

— Lorde Hastur, é uma honra recebê-lo em meus aposentos. Em que posso servi-lo?

— Meu neto me apareceu com uma história estranha e perturbadora. A história é dele, e deixarei que a conte.

Regis experimentou intenso alívio. Temera ser tratado como um menino doente, arrastado relutante para o médico. Mas estava sendo tratado como um homem. Sentiu-se grato por isso, um pouco desconcertado.

— Não posso permanecer de pé assim por muito tempo. Você aí... — Kennard gesticulou para um servo. — Providencie uma cadeira para o Regente. Sente-se ao meu lado, Regis, e me conte o que o perturba.

— Meu Lorde Alton...

Kennard interrompeu-o gentilmente:

— Não sou mais Tio, rapaz?

Regis sabia que, se não resistisse à efusão paternal com toda a sua força, acabaria balbuciando a história como um menino confuso. Por isso, insistiu, a voz tensa:

— Meu lorde, é um assunto da maior gravidade, envolvendo a honra da Guarda. Visitei Danilo Syrtis em sua casa...

— Foi um gesto caridoso, sobrinho. Aqui entre nós, foi uma coisa lamentável. Tentei dissuadir Dyan, mas ele decidiu usar Dani

como um exemplo, e a lei é a lei. Eu não poderia fazer coisa alguma, mesmo que Dani fosse meu próprio filho.

— Comandante — disse Regis, usando o mais formal dos títulos militares de Darkover -, sob a minha palavra mais solene, como um cadete e como um Hastur, juro que foi cometida uma terrível injustiça. Danilo foi erradamente acusado, e Lorde Dyan é culpado de algo tão vergonhoso que mal ousou dizê-lo. Um cadete é forçado a se submeter...

— Espere um pouco — interrompeu-o Kennard, fitando-o com olhos ardentes. -Já ouvi isso de Lew. Não sei o que os três anos entre os cristoforos lhe fizeram, mas se veio se lamuriar pelo fato de que Dyan gosta de rapazes como amantes, e acusá-lo...

— Tio! — protestou Regis, chocado. — Que tipo de idiota me julga? Não, Comandante. Se fosse apenas isso...

Ele fez uma pausa, procurando pelas palavras certas, confuso, antes de continuar:

— Comandante, Lorde Dyan não queria aceitar uma recusa. Perseguiu Danilo dia e noite, invadiu sua mente, usou o laran contra ele...

Os olhos de Kennard se contraíram.

— Lorde Hastur, o que sabe dessa história incrível? O rapaz parece doente. Está delirando?

Regis levantou-se, num ímpeto de raiva intensa, que se igualava à de Kennard.

— Kennard Alton, sou um Hastur e não minto] Chame Lorde Dyan, se quiser, e interrogue-o na minha presença!

Kennard tornou a fitá-lo nos olhos, sem raiva agora, mas muito sério.

— Dyan não se encontra na cidade esta noite. Diga-me, Regis, como soube de tudo isso?

— Dos lábios do próprio Danilo e pelo contato com sua mente. Você, entre todos os homens, sabe muito bem que não há como mentir para a mente.

Kennard continuou a fitá-lo nos olhos.

— Eu não sabia que você tinha laran.

Regis estendeu a mão para Kennard, a palma virada para cima, um gesto que nunca vira antes, mas para o qual o instinto o guiava.

— Você tem e saberá descobrir. Verifique pessoalmente.

Ele viu o respeito aflorando no rosto encovado e febril do homem mais velho, um instante antes de sentir, com um arrepio de medo, o contato em sua mente. Ouviu Lew dizendo, na memória de Kennard: Conheço homens adultos que nunca tiveram coragem de enfrentar este teste. Depois, sentiu o acesso de Kennard, o choque do contato... o momento em que se postara diante de Danilo no pomar, atordoado com o choque da ira e da vergonha do amigo... sua própria simpatia por Dyan, o momento meio envergonhado de reação a ele... as próprias recordações de Kennard sobre Dyan, um Dyan mais jovem, esguio, ansioso em ser amado, protegido, acalentado... o terror atordoado de Danilo, o fluxo de sonhos de pesadelo, as crueldades que os dois haviam partilhado, o choro no escuro, o riso estridente...

O turbilhão de lembranças e impressões se desvaneceu. Kennard cobrira o rosto com as mãos. Seus olhos permaneciam secos, mas mesmo assim Regis teve a impressão de que o homem mais velho chorava em consternação.

— Pelos infernos de Zandru, Dyan! — sussurrou Kennard.

Regis pôde sentir a angústia lancinante nas palavras. Kennard arriou no banco, e Regis compreendeu que ele teria caído se não fizesse isso. Mas, pela primeira vez, Regis sentiu toda a força e domínio com que um telepata treinado numa Torre pode se controlar, quando necessário. Sentiu também um lampejo assustador de agonia, como se Kennard mantivesse a mão firme sobre chamas. Kennard, no entanto, apenas respirou fundo e murmurou:

— Então Danilo tem laran. Lew não me disse, e também não me contou que Dani despertara você. — Um silêncio prolongado. — Isso é um crime, e dos mais terríveis... usar o laran para impor sua vontade. Sempre confiei em Dyan; nunca pensei em questioná-lo. Éramos bredin. A responsabilidade é minha, e arcarei com a culpa.

Ele parecia profundamente abalado.

— Aldones, Filho da Luz! Confiei a ele os meus cadetes! E Lew tentou me alertar, mas eu não quis ouvir. Mandeí meu filho para

longe em ira porque ele tentou me fazer compreender... Hastur, o que vamos fazer?

Hastur estava consternado.

— Todos os Ardais são instáveis. Dom Kyril permanece louco há vinte anos. Mas você conhece a lei tão bem quanto eu. Forçou-nos a aceitar Lew como seu herdeiro por essa mesma lei. Deve haver alguém na linha direta, varão e saudável, para representar cada Domínio, e Dyan não tem nenhum herdeiro designado. Não podemos sequer afastá-lo do Conselho do Comyn, como fizemos com Kyril, quando ele começou a delirar. Não sei como podemos tirá-lo do Conselho pelo tempo suficiente para curar sua mente, se é que ele está mesmo louco. Acha que Dyan tem a sanidade necessária para escolher um herdeiro?

Regis ficou furioso e magoado. Os dois pareciam importar-se apenas com Dyan. Dani nada representava para eles, como também nada significara para Dyan. Ele interveio, agressivo:

— E o que podem dizer de Danilo? Como ele fica, depois de sua desgraça e sofrimento? Ele possui o mais raro dos dons do Comyn, e a maneira como foi tratado é uma desonra para todos nós!

Os dois se viraram para fitá-lo, como se tivessem esquecido sua presença. Regis sentiu-se como uma criança impertinente, intrometendo-se na conversa dos mais velhos, mas se manteve firme, observando a luz das tochas dançar sobre as espadas antigas por cima da lareira, e viu Dyan cravar uma lâmina afiada em seu peito...

— As reparações serão feitas, mas deve deixar tudo ao nosso encargo — declarou Hastur.

— Deixarei Dyan para vocês, mas Dani é minha responsabilidade! Prestei a ele o juramento da espada. Sou um Hastur, herdeiro de um Domínio, e exijo...

— Você exige? — interrompeu-o o avô. — Pois eu lhe nego o direito de exigir qualquer coisa! Já me disse que deseja renunciar a esse direito, partir para o mundo exterior. Foi preciso todo o meu esforço para lhe arrancar a promessa de prestar um mínimo de dever no corpo de cadetes. Tem se recusado, da mesma forma que Dyan, a dar um herdeiro a seu Domínio. Com que direito ousa

criticá-lo? Renunciou à sua herança como Hastur; com que direito se apresenta agora para nós e faz exigências? Sente-se e comporte-se ou volte para seu quarto e deixe essas coisas para seus superiores!

— Não me trate como uma criança!

— Você é uma criança — declarou Hastur, os lábios comprimidos -, uma criança tola e doente.

A sala entrava e saía de foco, à luz das chamas. Regis cerrou os punhos e teve de fazer um tremendo esforço para falar.

— Uma injúria a alguém com laran... desonra a todos nós. — Ele se virou para Kennard, suplicante. — Pela honra da Guarda... por sua própria honra...

As mãos entrevadas de Kennard tocaram-no gentilmente; Regis pôde sentir a dor que dilacerava aquelas mãos inchadas ao se desvencilhar. Sentiu também que saía e voltava a seu corpo, incapaz de suportar o turbilhão e a confusão dos pensamentos deles. Com intenso anseio, pensou em estar a bordo de uma nave seguindo para o espaço exterior, livre, deixando para trás aquele pequeno mundo, com todas as suas intrigas. Por um momento, esteve com a memória de Kennard na superfície distante da Terra, lutando com a pressão da honra e do dever contra tudo por que ansiava, de volta à herança que recebera antes mesmo de nascer, um caminho que devia trilhar, quer quisesse ou não... sentiu a angústia do avô, Rafael, Rafael, você não podia ter desertado de minha vida assim... ouviu a voz cínica e lenta de Dyan, um animal reprodutor muito especial, cujos honorários são pagos ao Comyn...

E o peso de tudo aquilo forçou-o a ficar de joelhos. Passado, presente e futuro se entrelaçaram, girando, ele viu a mão de Danilo se encontrar com a sua no cabo de uma espada reluzente, sentiu a mente se dilacerar, sufocando-o. Filho de Hastur, que é o Filho da Luz! Estava chorando, como uma criança, e sussurrou:

— Pela Casa de Hastur... eu juro...

As mãos de Kennard, quentes e inchadas, encostaram em suas têmporas; ele sentiu por um instante que Kennard o levantava. Pouco a pouco, foi-se desvanecendo o fluxo efervescente de emoção, presciência e memória. Ouvia Kennard dizer:



— É a doença do limiar. Não há uma crise, mas o rapaz está muito doente. Fale com ele, senhor.

— Regis...

Com um tremendo esforço, Regis sussurrou:

— Avô, Lorde Hastur... eu juro...

Os braços do avô o enlaçaram com ternura.

— Regis, Regis, eu sei. Mas não posso aceitar qualquer juramento seu agora. Não no estado em que se encontra. Os Deuses sabem que quero, mas não posso. Deve deixar tudo isso aos nossos cuidados. Não há outro jeito. Trataremos com Dyan. Você já fez tudo o que precisava. Agora, como diz Kennard, seu dever é ir para Neskaya, aprender a controlar seu dom.

Ele tentou ergue-se outra vez... mas continuou ajoelhado em pedras frias, com luzes de cristal ao seu redor. As palavras saíram devagar, dolorosas, mas não podia evitá-las: Empenho minha vida e minha honra... por Hastur, para sempre... e com uma angústia terrível, sabendo que falava para uma porta se fechando, entregou sua vida e sua liberdade. Não podia expelir nenhuma palavra, nem sequer uma sílaba, experimentava a sensação de que o corpo e o cérebro explodiriam com as palavras que fervilhavam dentro dele. Mas ainda assim sussurrou, mesmo sabendo que ninguém poderia ouvi-lo, enquanto os sentidos se desvaneciam, "...juro... honra..."

Os olhos do avô encontraram-se com os seus por um instante, uma âncora momentânea na escuridão turbilhonante em que ele pairava; e ouviu a voz de Hastur, profunda e compadecida, dizendo com firmeza:

— A honra do Comyn esteve segura em minhas mãos por noventa anos, Regis. Pode deixá-la comigo agora.

Regis deixou que o estendessem, quase sem sentidos, no banco de pedra.

E se deixou resvalar para a inconsciência como se fosse uma pequena morte.

## Capítulo Quatorze

(Narrativa de Lew Alton)

Uma nevasca se abateu sobre as Hellers durante três dias. No quarto dia despertei para o sol, os picos por trás do Castelo Aldaran brilhando sob o seu fardo de neve. Vesti-me e desci para os jardins por trás do castelo, parei na beira de um terraço, contemplando o espaço-porto lá embaixo, onde enormes máquinas já se movimentavam, tão pequenas àquela distância quanto insetos rastejando, a fim de remover as pesadas camadas de neve. Não era de admirar que os terráqueos não quisessem transferir sua base principal para cá.

Contudo, ao contrário do que acontecia em Thendara, aqui o espaço-porto e o castelo pareciam formar um todo harmonioso, não gigantes em conflito, preparando-se para a batalha.

— Acordou cedo, primo — disse uma voz suave, atrás de mim.

Virei-me para deparar com Marjorie Scott, envolta por um manto com capuz, a pele emoldurando seu rosto. Fiz uma reverência formal.

— Damisela.

Ela sorriu e estendeu-me a mão.

— Gosto de levantar cedo quando o sol está brilhando. Ficou muito escuro durante a tempestade.

Enquanto descíamos pelos terraços, ela segurou minha mão fria e a puxou para debaixo de seu manto. Tive de dizer a mim mesmo que essa liberdade não insinuava o que significaria nas terras baixas, era apenas um gesto inocente e despreocupado. Era difícil lembrar isso com minha mão entre seus seios quentes. Mas ela era uma tele-pata, não podia deixar de saber.

Caminhando pela trilha, ela me apontou as resistentes flores de inverno, as hastes já se projetando através da neve, em busca do sol, e as árvores frutíferas abrigadas, os galhos vergando ao peso das frutas de inverno. Chegamos a um terraço com parapeito de mármore, por onde caía uma cachoeira, engrossada pela tempestade, perdendo-se no vale.

— Este córrego leva as águas dos picos mais altos para Caer Donn. É a água que eles bebem. A represa mais acima, que forma esta cachoeira, serve para gerar energia para as luzes, aqui e no espaço-porto.

— É mesmo, damisela? Não temos nada parecido em Thendara. Era difícil concentrar minha atenção no regato. Subitamente,

ela se virou para me fitar, ágil como um gato, os olhos faiscando como ouro. Suas faces estavam coradas, e ela largou minha mão de uma forma brusca, dizendo com voz tensa, que mal escondia a raiva:

— Perdoe-me, Dom Lewis. Presumi por nosso parentesco.

Ela começou a se afastar. Minha mão exposta ao frio de novo, senti o coração ainda mais gelado, por sua súbita ira. Sem pensar, inclinei-me e segurei-a pelo pulso.

— Dama, como pude ofendê-la? Por favor, não vá!

Ela ficou absolutamente imóvel por um momento, o pulso em minha mão, antes de murmurar:

— Todos os homens das terras baixas são tão estranhos e formais? Não estou acostumada a ser chamada de damisela, exceto pelos servos. Não gosta de mim... Lew?

Nossas mãos ainda se tocavam. Ela ficou vermelha de repente e tentou retirar o pulso dos meus dedos. Apertei-os, dizendo:

— Eu temia ser queimado... muito perto do fogo. Sou um ignorante dos costumes das montanhas. Como devo tratá-la, prima?

— Uma mulher das terras baixas seria considerada muito ousada se o chamasse pelo primeiro nome, Lew?

— Marjorie... — murmurei, acariciando o nome com a língua. - Marjorie...

Seus dedos pequenos pareciam frágeis e animados, como algum animalzinho trêmulo que viera a mim em busca de refúgio. Nunca, nem mesmo em Arilinn, eu conhecera tanto calor humano, tamanha aceitação. Ela disse que minhas mãos estavam frias e tornou a agasalhá-las sob seu manto. Tudo o que me dizia parecia maravilhoso. Eu sabia alguma coisa sobre geradores de energia elétrica — nas colinas Kilghard, enormes moinhos captavam a força

dos ventos -, mas sua voz tornava tudo novo para mim, e fingi menos conhecimento do que tinha, enquanto ela continuava a falar.

— Houve um tempo, Lew, em que geradores acionados por matriz proporcionavam luzes ao castelo. Essa técnica se perdeu.

— É conhecida em Arilinn — informei -, mas raramente a usamos; o custo é elevado, em termos humanos, e sempre há algum perigo.

Mesmo assim, pensei, nas montanhas eles devem precisar de mais energia, contra um clima mais brutal. Era bastante fácil renunciar a um luxo, mas aqui podia fazer a diferença entre a vida civilizada e uma terrível luta pela sobrevivência.

— Aprendeu a usar uma matriz, Marjorie?

— Só um pouco. Kermiac é muito velho para nos mostrar as técnicas. Thyra é mais forte do que eu, porque consegue se ligar com Kadarin, mas não por muito tempo. Não conhecemos as técnicas de efetuar ligações.

— É muito simples. — Hesitei um pouco, porque não me agradava a perspectiva de trabalhar em círculos ligados fora da segurança do campo de força de uma Torre. — Marjorie, quem é Kadarin? De onde ele veio?

— Não sei mais do que ele disse a você. Sei que viajou por vários mundos. Há ocasiões em que fala como se fosse mais velho do que meu tutor, mas não parece ter mais idade do que Thyra. Nem mesmo ela sabe mais do que eu, apesar de estarem juntos há muito tempo. Ele é um homem estranho, Lew, mas eu o amo, e quero que você também o ame.

Eu simpatizara com Kadarin, sentindo a sinceridade por trás de sua intensidade irada. Era um homem que conhecia a vida sem ilusões, sem as mentiras e as concessões com que eu vivera durante tanto tempo. Fazia dias que eu não o via; ele deixara o castelo antes da nevasca, em alguma missão inexplicada. Olhei o sol, cada vez mais forte.

— A manhã está linda. Alguém nos espera?

— Costumam me esperar para o desjejum, mas Thyra gosta de dormir até tarde, e ninguém vai se importar se eu não aparecer.-

Ela me fitou, timidamente, antes de acrescentar: — Prefiro ficar com você.

Experimentei uma alegria profunda.

— Quem precisa de desjejum?

— Podemos descer até Caer Donn e comer alguma coisa num estande. Não será uma comida tão boa quanto a que temos à mesa de meu tutor...

Ela seguiu na frente por um caminho transversal, descendo por um lance de degraus íngremes, com uma cobertura para proteção dos respingos da cachoeira. A cobertura evitara a formação de gelo nos degraus. O barulho da cachoeira era tão grande que nem tentamos conversar, deixando que as mãos dadas falassem por nós. Finalmente chegamos a um terraço inferior, de onde partia uma encosta suave até a cidade. Olhei para cima e comentei:

— Não me agrada a perspectiva de ter de subir todos esses degraus.

— Podemos dar a volta e subir pelo caminho dos cavalos, por onde você veio com sua escolta. Há também um teleférico no outro lado da cachoeira; os terráqueos o construíram para nós, com correntes e roldanas, em troca do uso de nossa energia.

Assim que passamos pelos portões da cidade, Marjorie me levou para um estande de comida. Comemos pão fresco e bebemos sidra quente temperada. Refleti sobre o que ela dissera de matrizes gerando energia. É verdade, haviam sido usadas no passado, e também abusadas, e por isso era agora ilegal construí-las. A maioria fora destruída, embora nem todas. Se Kadarin queria tentar recuperar alguma, não havia limite, pelo menos em teoria, ao que poderia fazer.

Se ele não tivesse medo dos riscos, é claro. O medo, no entanto, parecia não existir naquela personalidade curiosa e enigmática. Mas a prudência normal?

— Está perdido em algum lugar outra vez, Lew. O que é agora?

— Se Kadarin quer fazer essas coisas, deve conhecer uma matriz capaz de proporcionar esse tipo de poder. Qual e onde?

— Só posso lhe dizer que é uma matriz que não aparece nos monitores das Torres. Era usada no passado pelo povo da forja para

extrair seus metais do solo. Depois, ficou guardada em Aldaran por séculos, até que um dos pupilos de Kermiac, treinado por ele, usou-a para romper o sítio do Castelo Storn.

Não pude evitar um assovio. A matriz fora proibida como arma havia séculos. A Aliança não fora celebrada para nos impedir o acesso a brinquedos simples como as pistolas de raios dos terráqueos, mas sim contra as armas terríveis criadas em nossa Era do Caos. Também não me sentia feliz com a perspectiva de tentar sintonizar um grupo de telepatas inexperientes para uma matriz realmente grande. Algumas podiam ser controladas e usadas com segurança e facilidade. Outras tinham histórias sinistras, e o nome de Sharra, Deusa do povo da forja, estava ligado nas histórias antigas a mais de uma matriz. Talvez fosse possível — ou não — controlar aquela.

— Você está com medo? — perguntou Marjorie, incrédula.

— Claro que estou. Pensei que a maioria dos talismãs do culto de Sharra tivesse sido destruída antes do tempo de Regis IV. Sei que algumas foram destruídas.

— Essa foi escondida pelo povo da forja e devolvida para seu culto depois do sítio de Storn. — Ela contraiu os lábios. — Não tenho paciência com esse tipo de superstição.

— Ainda assim, uma matriz não é brinquedo para ignorantes. - Estendi a mão, a palma virada para cima, mostrando a cicatriz branca, do tamanho de uma moeda, a costura enrugada subindo para o pulso. — Em meu primeiro ano de treinamento em Arilinn, perdi o controle por uma fração de segundo. Três de nós tiveram queimaduras assim. Não estou brincando quando falo em riscos.

Por um momento, o rosto de Marjorie se contraiu, enquanto a ponta do dedo encostava na cicatriz, com extrema delicadeza. Depois, ela empinou o queixo, com uma expressão decidida, e disse:

— De qualquer forma, o que uma mente humana pode construir, outra mente humana pode dominar. E uma matriz não tem qualquer proveito para ninguém, se fica num altar para ser cultuada por pessoas ignorantes. — Ela empurrou para o lado as sobras do pão. — Agora, vou lhe mostrar a cidade.

Nossas mãos tornaram a se encontrar, num impulso irresistível, enquanto andávamos pelas ruas, lado a lado. Caer Donn era uma linda cidade. Mesmo agora, quando se encontra sob toneladas de escombros, e talvez eu nunca mais volte para lá, ainda sobressai em minha memória como uma cidade num sonho, uma cidade que por algum tempo/oi de fato um sonho. Um sonho que partilhamos.

As casas eram construídas ao longo de ruas largas e praças espaçosas, cada uma com árvores frutíferas e uma estufa de telhado de vidro para a cultura de legumes e ervas, que raramente eram encontrados nas colinas, por causa da reduzida duração da estação de cultivo e do sol fraco. Havia coletores solares nos telhados para captar e focalizar os raios do sol de inverno para as hortas interiores.

— Essas estufas funcionam até mesmo no inverno?

— Funcionam, graças a uma invenção terráquea, prismas para concentrar e refletir mais luz do sol da neve.

Pensei na escuridão em Armida durante o inverno. Havia tanta coisa que podíamos aprender com os terráqueos!

— Cada vez que vejo o que os terráqueos têm feito em Caer Donn, eu me orgulho de ser terráquea — comentou Marjorie. — Imagino que Thendara é ainda mais avançada.

Sacudi a cabeça.

— Você ficaria desapontada. Uma parte é toda terráquea, outra parte é toda darkovana. Caer Donn... Caer Donn é como você, Marjorie, o melhor de cada mundo, fundindo-se num todo único e harmonioso...

Era isso o que nosso mundo podia ser. E deveria ser. Era esse o sonho de Beltran. Senti nesse momento, as mãos entrelaçadas com as de Marjorie, numa intimidade mais profunda do que um beijo, que arriscaria qualquer coisa para converter esse sonho em realidade, semeá-lo por todo Darkover.

Fiz um comentário sobre como me sentia enquanto subíamos. Optáramos pelo caminho mais longo, relutantes em encerrar aquele interlúdio mágico. Deveríamos ter sabido então que nada jamais se poderia comparar àquela manhã, quando partilhamos um sonho, e o vimos reluzente e novo, belo demais para ser real.

— Sinto como se estivesse drogado com kirian! Ela riu, um som inebriante.

— Mas a flor de kireseth não mais desabrocha nestas colinas, Lew. É tudo real. Ou pode se tornar.

Ainda naquele dia, mais tarde, comecei o que prometera. Kadarin não voltara, mas nós nos reunimos na pequena sala de estar.

Eu me sentia nervoso, um tanto relutante. Era sempre angustiante trabalhar com um grupo estranho de telepatas. Mesmo em Arilinn, quando o círculo mudava cada ano, havia a mesma tensão ansiosa. Eu me sentia nu, com os nervos à flor da pele. Quanto eles sabiam? Que habilidades e potenciais se encontravam ocultos naqueles estranhos? Duas mulheres, um homem e um menino. Não era um círculo grande, mas o suficiente para me fazer estremecer por dentro.

Cada um tinha uma matriz. O que não chegou a me surpreender, já que a tradição dizia que as pedras de matriz haviam sido encontradas pela primeira vez naquelas montanhas. Nenhum deles tinha sua matriz salvaguardada de uma maneira que eu pudesse considerar apropriada. O que também não me surpreendeu. Em Arilinn, éramos muito rigorosos com os costumes antigos. Como a maioria dos técnicos treinados, eu guardava a minha embrulhada em seda, dentro de uma pequena bolsa de couro, pendurada no pescoço por uma tira, a fim de evitar qualquer ressonância por um estímulo acidental.

A de Beltran era protegida por um pedaço de couro macio e guardada no bolso. A de Marjorie estava enrolada em seda e metida dentro do vestido, entre os seios, onde minha mão estivera! A de Rafe era pequena e ainda escura; ele a levava numa pequena bolsa de pano, pendurada no pescoço. Thyra guardava a sua num medalhão de cobre, o que considerei criminosamente perigoso. Talvez meu primeiro ato devesse ser o de lhes ensinar a guardar direito a matriz.

Olhei para as pedras azuis brilhando em suas mãos. A de Marjorie era a mais brilhante, com uma intensa luminosidade interior, desmentindo a sua declaração de modéstia de que Thyra era



a tele-pata mais forte. Mas a de Thyra também possuía um brilho enorme. Meus nervos comichavam. É muito difícil trabalhar com um "telepata selvagem", alguém que aprendeu sozinho, pelo método das tentativas. Numa Torre, o contato poderia ser efetuado primeiro por uma Guardiã, não a leronis muito bem resguardada do tempo de meu pai, mas uma mulher altamente treinada, com sua força protegida e disciplinada. Não tínhamos nenhuma ali. Cabia a mim tomar a iniciativa.

Era mais difícil do que tirar minhas roupas diante de tal assembléia, mas eu tinha de conseguir de alguma forma. Suspirei e fitei um a um.

— Presumo que todos vocês sabem que não existe nada de mágico numa matriz — declarei. — É apenas um cristal que pode promover ressonâncias e amplificar as correntes de energia do cérebro.

— Sei disso — respondeu Thyra, com um desdém divertido. - Mas não esperava que alguém treinado pelo Comyn também soubesse.

Tentei disciplinar o ímpeto espontâneo de raiva. Ela pretendia tornar tudo tão difícil para mim quanto pudesse?

— Foi a primeira coisa que me ensinaram em Arilinn, parenta. Fico contente que você já saiba.

Concentrei-me em Rafe. Era o mais jovem e o que deveria ter desaprendido menos.

— Quantos anos você tem, irmãozinho?

— Treze neste inverno, parente.

Franzi um pouco o rosto. Não tinha qualquer experiência com crianças — quinze é a idade mínima para as Torres -, mas tentaria. Havia luz em sua matriz, o que significava que ele a sintonizara de alguma forma.

— Pode controlá-la?

Não dispúnhamos de nenhum dos materiais normais de teste; eu teria de improvisar. Fiz um breve contato. A lareira. Faça a chama subir duas vezes e depois definhar.

A pedra refletiu o brilho azul em suas feições infantis quando ele se inclinou, a testa se franzindo no esforço da concentração. A

luz aumentou; a chama na lareira se elevou, desceu, tornou a subir, foi-se apagando, apagando...

— Tome cuidado, não a deixe morrer por completo — falei. — Está frio aqui.

Pelo menos ele podia receber meus pensamentos; embora o teste fosse elementar, qualificava-o para integrar o círculo. Rafe levantou os olhos, satisfeito consigo mesmo, e sorriu.

Os olhos de Marjorie encontraram-se com os meus. Apressei-me em virar o rosto. Nunca é fácil fazer contato com uma mulher por quem você se sente atraído. Eu aprendera em Arilinn a considerar isso como um fato incontestável, pois o trabalho psíquico consumia toda a energia física e nervosa disponível. Mas Marjorie não aprendera esse fato, e me senti inibido. O pensamento de tentar explicar a ela me deixou aflito. Na segurança e tranqüilidade de Arilinn, com nove ou dez séculos de tradição, era fácil manter uma isenção fria e objetiva. Aqui, tínhamos de criar outros meios de nos proteger.

Os olhos de Thyra eram frios, com um brilho divertido. Ela sabia. Se estivera trabalhando com Kadarin, sem dúvida já descobrira. Eu não gostava dela e sentia que Thyra também não gostava de mim, mas até agora, pelo menos, podíamos entrar em contato com isenção; sua presença física não me embaraçava. Onde, trabalhando sozinha, ela aprendera aquela precisão fria e meticulosa? Eu me sentia contente ou triste por Marjorie não demonstrar a mesma frieza?

— O que você pode fazer, Beltran? — perguntei.

— Truques de criança — respondeu ele. — Pouco talento, ainda menos habilidade. A mesma coisa que Rafe fez com o fogo.

Ele repetiu, mais devagar, com um pouco mais de controle. Projetou-se para uma vela apagada, numa mesa no lado e dobrou-a com uma intensa concentração. Uma chama tênue saltou da lareira para a ponta da vela, que se acendeu. Uma brincadeira de criança, é claro, um dos testes mais simples que usávamos em Arilinn.

— Pode provocar o fogo sem a matriz? — indaguei.

— Nesta área, é um perigo grande demais atear fogo em qualquer coisa. Prefiro aprender a extinguir fogo. Os seus telepatas

de Torre fazem isso, talvez num incêndio na floresta?

— Não, mas às vezes chamamos nuvens e criamos chuva. O fogo é um elemento perigoso demais, exceto em brincadeiras de criança, como estas. Pode invocar a luz superior?

Ele sacudiu a cabeça, sem compreender. Estendi a mão e focalizei a matriz. Uma pequena chama verde tremeluziu e aumentou na palma da minha mão. Thyra também estendeu a mão; uma luz branca e fria expandiu-se, pálida em torno de seus dedos, iluminando a sala, projetando-se como um raio.

— Muito bom — comentei. — Mas deve aprender a controlá-la. A luz mais brilhante ou mais forte nem sempre é a melhor. Marjorie?

Ela se inclinou sobre o brilho azul de sua matriz. Diante de seu rosto, flutuando no ar, apareceu uma pequena bola de fogo azul-branca, que pouco a pouco foi-se tornando maior, depois flutuou para cada um de nós. Rafe só conseguiu produzir algumas centelhas de luz; quando tentou moldá-las ou movê-las, elas desapareceram. Beltran não foi capaz de fazer qualquer luz. Eu também não esperava. O fogo, o elemento mais fácil de invocar, era também o mais difícil de controlar.

— Experimentem isto.

A sala estava bastante úmida; condensei a umidade do ar numa pequena fonte de gotas de água, cada uma chiando no fogo por um instante, antes de se desvanecer. As mulheres conseguiram fazê-lo com facilidade; Rafe dominou a técnica sem maiores dificuldades. Precisava de prática, mas possuía um excelente potencial. Beltran fez uma careta.

— Eu lhe disse que tinha pouco talento e menos habilidade.

— Há algumas coisas que posso lhe ensinar mesmo sem talento, parente — assegurei. — Nem todos os mecânicos são telepatas naturais. Pode ler pensamentos?

— Só um pouco. Acima de tudo, sinto emoções.

O que não era nada bom. Se ele não pudesse ligar sua mente com as nossas, de pouco adiantaria no círculo da matriz. Havia outras coisas que poderia fazer, mas seríamos muito poucos para um círculo, exceto para as matrizes menores.

Projetei-me para entrar em contato com sua mente. Às vezes um telepata que nunca aprendeu a técnica de contato pode ser mostrado, quando tudo mais falha. Como muitos que crescem com um mínimo de laran, destreinados, ele erguera defesas contra o uso de seu dom. Foi cooperativo, deixando-me tentar várias vezes a derrubada da barreira, e ambos estávamos pálidos e suando com o esforço quando finalmente desisti. Usara nele uma força maior do que a que empregara com Regis, mas em vão.

— Não adianta — acabei dizendo. — Se insistirmos, poderemos matar a nós dois. Lamento muito, Beltran. Eu lhe ensinarei o que pode fazer fora do círculo, mas sem um telepata catalisador isso é o máximo a que você pode chegar.

Ele baixou os olhos, consternado, mas agüentou melhor do que eu esperava.

— Portanto, as mulheres e as crianças podem conseguir onde eu fracasso. Se você fez o melhor de que é capaz, o que eu posso dizer?

Ao contrário, era fácil fazer contato com Rafe. Não erguera defesas fortes, e concluí, pela facilidade e confiança com que entrou em contato comigo, que devia ter tido uma infância feliz e confiante, sem medos angustiantes. Thyra sentiu o que fizéramos; projetou-se e fez a abertura telepática, que é o equivalente a uma mão estendida ao longo de um abismo. Entrou em contato no instante seguinte, sem hesitação, e...

Um animal selvagem, escuro, sinuoso, rondando por uma selva inexplorada. Um cheiro de almíscar... garras em minha garganta...

Era essa a sua idéia de uma brincadeira? Rompi o contato que desabrochava e declarei, em voz tensa:

— Isso não é um jogo, Thyra. Espero que nunca descubra isso pelo caminho mais difícil.

Ela parecia aturdida. Portanto, fora inconsciente. Apenas estava na imagem interior que ela projetara. Eu teria de aprender a conviver com isso. Não tinha a menor idéia da maneira como ela me percebia. É uma coisa que nunca se pode saber. Claro que você tenta, a princípio. Uma jovem no meu círculo em Arilinn dissera simplesmente que eu parecia "firme". Outra tentou explicar, confusa,

como me "sentia" em sua mente e acabou dizendo que eu tinha o cheiro de couro de sela. Afinal, trata-se de uma tentativa de traduzir em palavras o que não tem nada a ver com idéias verbais.

Projetei-me para Marjorie, e a senti no círculo rudimentar... um turbilhão de flocos de neve dourados caindo, o farfalhar de seda, como sua mão em meu rosto. Nem precisava olhar para ela. Rompi o contato experimental a quatro e disse:

— É isso, basicamente. Temos de aprender a harmonizar as ressonâncias.

— Se é tão simples assim, por que nunca conseguimos antes? - indagou Thyra.

Tentei explicar que a arte de fazer um vínculo com mais de uma mente ao mesmo tempo, com mais de uma matriz, era a mais difícil das habilidades básicas ensinadas em Arilinn. Senti que ela se projetava, baixei minhas barreiras e permiti que fizesse contato de novo. Outra vez a besta sinistra, a sensação de garras... Rafe ofegou, soltou um grito de dor, e me apressei em romper o contato de Thyra.

— Só depois que você souber como, Thyra — disse a ela. — Tentarei lhe ensinar, mas você precisa aprender a harmonizar as ressonâncias antes de se projetar. Prometa que nunca tentará por conta própria, Thyra, e eu prometo que lhe ensinarei. Combinado?

Ela prometeu, bastante abalada com o fracasso. Eu me sentia deprimido. Éramos apenas quatro, e Rafe não passava de uma criança. Beltran era incapaz de entrar em contato, e Kadarin ainda figurava como um elemento desconhecido. Não era suficiente para os planos de Beltran. Nem de longe.

Precisávamos de um telepata catalisador. Caso contrário, aquilo era o máximo a que poderíamos chegar.

As tentativas de Rafe de reduzir o fogo e nossas experiências com as gotas de água haviam feito a lareira fumegar; Marjorie começou a tossir. Qualquer um de nós poderia dissipar a fumaça, mas acolhi satisfeito a oportunidade de deixar a sala e sugeri:

— Vamos para o jardim.

O sol da tarde era brilhante, derretendo a neve. As plantas que naquela manhã mesmo esticavam suas hastes pela camada de neve

já desabrochavam.

— Kermiac ficará muito zangado se destruirmos algumas de suas flores? — indaguei.

— Flores? Claro que não. Pode colher as que precisar. Mas o que fará com elas?

— As flores oferecem o teste ideal, constituem o material prático — expliquei. — Seria perigoso experimentar com tecido mais vivo; com flores, pode-se aprender um controle muito delicado, e elas vivem por tão pouco tempo que não há uma interferência maior com o equilíbrio da natureza. Vou dar um exemplo.

Com a matriz na mão, focalizei minha atenção num botão já todo formado, mas que ainda não desabrochava, e exerci a mais tênue das pressões mentais. Lentamente, enquanto eu prendia a respiração, o botão desabrochou, projetando seus finos estames. As pétalas se desdobraram, uma a uma, até que a flor se mostrou em todo o seu esplendor diante de nós. Marjorie deixou escapar um murmúrio suave de excitação e surpresa.

— Mas você não a destruiu!

— De certa forma, destruí, sim; o botão não estava ainda amadurecido de todo, e agora talvez nunca fique o suficiente para ser polinizado. Não tentei; amadurecer uma planta assim exige um profundo controle intercelular. Apenas manipulei as pétalas.

Fiz contato com Marjorie. Tente comigo. Primeiro, procure ver fundo na estrutura celular da flor, para determinar a forma exata de cada camada de pétalas...

Na primeira vez, ela perdeu o controle, e as pétalas se desmancharam numa massa amorfa e sem cor. Mas conseguiu na segunda vez, quase com a mesma perfeição da minha demonstração. Thyra também dominou a habilidade, sem muita dificuldade. Rafe fez algumas tentativas antes de conseguir. Beltran teve de fazer o maior esforço para alcançar o controle delicado que exigia, mas acabou obtendo êxito. Talvez ele pudesse ser um monitor psíquico. Não-telepatas eram às vezes excelentes monitores.

Vi Thyra junto da cachoeira, olhando para sua matriz. Não falei com ela, curioso em descobrir o que poderia fazer sem ajuda. Já estava ficando tarde — passáramos um tempo considerável com as

flores — e o crepúsculo se adensava, as luzes se acendiam aqui e ali na cidade lá embaixo. Thyra mantinha-se tão imóvel que mal parecia respirar. Subitamente, a torrente impetuosa e espumante ao seu lado pareceu congelar-se, detida em pleno ar, apenas uma ou outra das gotas mais distantes flutuou para baixo. O resto parou por completo, como se o próprio tempo e movimento houvessem cessado. E depois, deliberadamente, a água começou a subir pela encosta.

Lá embaixo, uma depois da outra, as luzes de Caer Donn piscaram e apagaram. Rafe soltou uma exclamação de espanto; e no silêncio fantástico, o som me trouxe de volta à realidade. Gritei em tom ríspido:

— Thyra!

Ela estremeceu, sua concentração rompida, e toda a água despencou, com um estrondo. Thyra virou-se para mim, furiosa. Pus a mão em seu ombro, afastei-a da beira e levei-a para um ponto em que poderíamos conversar acima do barulho da cachoeira.

— Quem lhe deu permissão para interferir...!

Reprimi minha explosão de raiva. Assumira a responsabilidade por todos eles agora, e a capacidade de Thyra de me enfurecer era uma coisa que precisava aprender a controlar.

— Desculpe, Thyra. Nunca lhe disseram que isso é perigoso?

— O perigo, sempre o perigo! É tão covarde assim, Lew? Sacudi a cabeça.

— Já passei do ponto em que preciso demonstrar minha coragem, criança. — Thyra era mais velha do que eu, mas falei como se fosse uma criança impetuosa e imprudente. — Foi uma exibição impressionante, mas há maneiras mais sábias de demonstrar sua habilidade.

Apontei para a cidade lá embaixo e acrescentei:

— Veja o que você fez. Apagou as luzes. As equipes de manutenção precisarão de algum tempo para restaurar os cabos de transmissão de energia. Foi uma coisa insensata e tola. Segundo, é um absurdo interferir nas forças da natureza sem grande necessidade, sem que haja um bom motivo. Lembre-se de que a chuva em um lugar, mesmo para apagar um incêndio na floresta,

pode acarretar uma seca em outro lugar, com a perturbação do equilíbrio da natureza. Até que possa julgar em termos planetários, Thyra, não queira interferir numa força natural, e nunca, mas nunca mesmo, apenas por seu orgulho! Lembre-se de que pedi permissão a Beltran até mesmo para destruir umas poucas flores!

Ela baixou os olhos. As faces estavam vermelhas, como uma menina repreendida por alguma travessura. Lamentei a necessidade de fixar a lei de uma maneira tão rude, mas o incidente me deixara profundamente perturbado, despertando muitas apreensões. Os telepatas destreinados eram perigosos! Até que ponto eu podia confiar em qualquer um deles?

Marjorie se aproximou; percebi que ela partilhava a humilhação de Thyra, mas não fez qualquer protesto. Virei-me e passei o braço em torno de sua cintura, um gesto que nos proclamaria como amantes nas terras baixas. Thyra exibiu um sorriso sardônico por trás de sua atitude de submissão, mas disse apenas:

— Estamos todos às suas ordens, Dom Lewis.

— Não tenho o menor desejo de dar ordens, prima — respondi.

— Acontece apenas que seu tutor não teria muitos motivos para gostar de mim se eu ignorasse as regras de segurança mais simples no treinamento.

— Deixe-o em paz, Thyra! — explodiu Marjorie. — Ele sabe o que está fazendo! Lew, mostre sua mão a ela!

Ela pegou minha mão, virou-a, mostrou a cicatriz esbranquiçada na palma.

— Ele aprendeu a seguir as regras e aprendeu pela dor! Você quer aprender assim?

Thyra teve um arrepio visível e desviou os olhos da cicatriz, como se a nauseasse. Eu jamais poderia imaginar que ela fosse tão melindrosa. Ficou abalada e murmurou:

— Nunca pensei... não sabia. Farei tudo o que você disser, Lew. Perdoe-me.

— Não há nada a perdoar, parenta. — Pus minha mão livre em seu pulso. — Aprenda que a cautela deve acompanhar a habilidade, e um dia será uma leronis muito forte.



Ela sorriu à palavra, que literalmente significava feiticeira.

— Uma técnica de matriz, se preferir assim. Talvez algum dia haja novas palavras para novas habilidades. Ficamos muito ocupados nas Torres em dominar as habilidades para pensar nas palavras que devem designá-las, Thyra. Chame como quiser.

Um tênue nevoeiro começava a descer dos picos por trás do castelo. Marjorie estremeceu em seu vestido leve, e Thyra propôs:

— É melhor entrarmos, pois daqui a pouco estará escuro.

Depois de lançar um olhar desolado para a cidade às escuras lá embaixo, ela se encaminhou apressada para o castelo. Marjorie e eu fomos andando de braços dados, com Rafe logo atrás.

— Por que precisamos do tipo de controle que praticamos com as flores, Lew?

— Se alguém no círculo ficar tão envolvido no que estiver fazendo a ponto de se esquecer de respirar, o monitor de fora tem de fazer com que recomece a respirar, sem lhe fazer mal. Um empático bem treinado pode deter a hemorragia até mesmo de uma artéria, ou curar ferimentos. — Toquei em minha cicatriz. — Isto teria sido muito pior se a Guardiã do círculo não interferisse, evitando uma lesão maior.

Janna Lindir fora Guardiã em Arilinn por dois dos três anos que eu passara ali. Aos dezessete anos, eu me apaixonei por ela. Nunca a tocara, nem sequer beijara as pontas de seus dedos. Claro que não.

Olhei para Marjorie. Não. Não. Nunca amei antes, nunca... As outras mulheres que conheci nada representaram para mim...

Ela me fitou e sussurrou, meio rindo:

— Já amou tantas assim?

— Nunca desse jeito. Juro...

Inesperadamente, Marjorie me enlaçou e comprimiu seu corpo contra o meu.

— Eu amo você — murmurou ela, para se afastar no instante seguinte e partir em disparada pelo caminho para o castelo.

Thyra sorriu para mim, sugestiva, quando entramos, mas não me importei. Era preciso aprender a aceitar esse tipo de coisa. Ela se virou para a janela e olhou pela escuridão e pelo nevoeiro. Ainda nos

mantínhamos tão próximos que pude acompanhar seus pensamentos. Kadarin, onde ele está? Como se saiu em sua missão? Comecei a uni-los de novo, o contato delicado de Marjorie, Rafe alerta e ágil, como algum pequeno animal arisco, Thyra com a estranha sensação de uma besta sinistra à espreita.

Kadarin. O círculo interligado formou-se, e para minha surpresa e momentânea consternação descobri que Thyra se encontrava no centro, reunindo-nos em torno de sua mente. Mas ela parecia trabalhar com tanta segurança e habilidade que a deixei ocupar esse lugar. E, de repente, vi Kadarin, ouvi sua voz, no meio de uma frase:

— ...recusa então, Dama Storn?

Podíamos até ver a sala em que ele se encontrava, de pé, uma sala de arcadas altas, as janelas com vidro azul, de uma antiguidade quase inacreditável. Diante de seus olhos se postava uma mulher alta e idosa, empertigada em orgulho, com olhos cinza e cabelos brancos. Ela parecia profundamente transtornada.

— Recusar, dom? Não tenho autoridade para dar ou recusar. A matriz de Sharra foi entregue à guarda do povo da forja, depois do sítio de Storn. Fora tirada deles sem autorização, gerações atrás, e agora se acha segura em sua guarda, não na minha. Cabe a eles decidir.

A exasperação de Kadarin foi sentida por todos nós — a velha dama teimosa e supersticiosa! — quando ele disse:

— É Kermiac de Aldaran quem me exorta a lembrar-lhe que tirou a matriz de Sharra de Aldaran sem permissão...

— Não reconheço o direito dele.

— Desideria, não vamos mais discutir. Kermiac enviou-me para levar a matriz de Sharra de volta a Aldaran; Aldaran é senhor feudal de Storn, e ponto final.

— Kermiac não sabe o que eu sei, senhor. A matriz de Sharra está bem onde se encontra; deixe-a lá. Não existem hoje Guardiãs bastante poderosas para controlá-la. Eu mesma só pude invocá-la com a ajuda de uma centena do povo da forja. Seria um erro de minha parte privá-los de sua deusa. Eu lhe peço que diga a Kermiac que, pelo meu melhor julgamento, no qual ele sempre confiou, a matriz de Sharra deve continuar onde está.

— Estou cansado dessa conversa supersticiosa sobre deusas e talismãs, dama. Uma matriz é uma máquina, não mais do que isso.

— Acha mesmo? Era o que eu também pensava quando era jovem. Sabia mais da arte de uma matriz aos quinze anos do que você sabe agora. Sei também qual é de fato a sua idade.

Senti Kadarin se encolher, sob o olhar firme e profundo da mulher, que acrescentou:

— Além do mais, eu conheço essa matriz, você não. Aceite o meu conselho. Não poderia manipulá-la. Nem Kermiac. Nem mesmo eu, na minha idade. Deixe-a como está! Não a desperte! Se não gosta da conversa de deusa, chame-a de uma força basicamente além do controle humano nos dias de hoje, uma força maligna.

Kadarin pôs-se a andar de um lado para outro, e eu o acompanhei, partilhando sua inquietação.

— Dama, uma matriz não pode ser pior ou melhor do que a mente do homem que a manipula. Acha então que sou maligno?

Ela descartou o comentário com um gesto impaciente.

— Acho que é honesto, mas não vai acreditar que há alguns poderes tão fortes, tão além do propósito humano comum, que distorcem todas as coisas para o mal. Ou para o mal em termos humanos comuns, pelo menos. E o que você pode saber a respeito? Deixe como está, Kadarin.

— Não posso. Não há outra força bastante poderosa para meus propósitos, que são honestos. Providenciei todas as salvaguardas, e tenho um círculo pronto à minha disposição.

— Quer dizer que não tenciona usar sozinho a matriz de Sharra ou apenas com a mulher Darriell?

— Não sou tão imprudente assim. Já lhe disse que providenciei as salvaguardas. Recrutei um telepata do Comyn para me ajudar. Ele é cauteloso e hábil, foi treinado em Arilinn.

A mulher permaneceu em silêncio por um longo momento, antes de murmurar:

— Arilinn... Sei como as pessoas eram treinadas em Arilinn. Não acreditava que esse conhecimento ainda sobrevivesse. Neste caso, deve ser seguro. Mas deve me prometer, Kadarin, que deixará

tudo nas mãos dele, confiará em seu julgamento em todas as coisas, e lhe entregarei a matriz.

— Prometo.

O contato era tão profundo que até pareceu que fui eu mesmo, Lew Alton, quem se inclinou diante da idosa Guardiã, sentindo seus olhos cinza a esquadriharem minha própria alma, não a de Kadarin.

É pela lembrança desse momento que sou capaz de jurar, mesmo depois de todo o pesadelo que veio depois, que Kadarin era honesto, não tinha intenções malignas...

— Que assim seja, Kadarin. Eu lhe confiarei a matriz. — Os olhos cinza de Desideria tornaram a se encontrar com os dele. — Mas devo lhe advertir, Robert Kadarin, ou como quer que se chame agora: tome cuidado! Se você tem qualquer falha, será exposta brutalmente; se procura apenas o poder, converterá seus propósitos em ruínas que nem sequer pode imaginar; e se atear o fogo de forma irresponsável, acabará se virando contra você, destruindo-o e a tudo o que ama! Sei disso tudo, Kadarin! Já estive na chama de Sharra, e embora tenha saído sem me queimar, não fiquei imune às cicatrizes. Há muito que renunciei a meu poder, pois estou velha, mas uma coisa ainda posso dizer... tome muito cuidado!

E, subitamente, a identidade entrou em turbilhão, dissolveu-se. Thyra suspirou, o círculo se desfez, como filamentos de uma teia de aranha se desmanchando, e olhamos uns para os outros, atordoados, na sala escurecendo. Thyra se achava pálida de exaustão, e senti as mãos de Marjorie tremerem nas minhas.

— Já chega — declarei com firmeza.

Sabia que até ser determinado quem ocuparia a posição central, até termos certeza de quem exerceria a liderança, era minha responsabilidade salvaguardar a todos. Gesticulei para que os outros se separassem, até fisicamente, a fim de romper os últimos fios do contato. Soltei as mãos de Marjorie com pesar e acrescentei:

— Já chega. Todos precisamos descansar e comer. Devem aprender a nunca exigir demais de seu vigor físico. — Meu tom era incisivo, didático, a fim de atenuar o contato e a preocupação emocional. — A autodisciplina é tão importante quanto o talento, e muito mais importante do que a habilidade.

Mas eu não me sentia tão desligado quanto parecia, e desconfiei de que os outros sabiam disso.

Três dias depois, durante o jantar no grande salão iluminado, falei com Kermiac sobre minha missão original. Beltran pensava que eu virara as costas por completo ao Comyn. Era verdade que eu não mais me sentia obrigado a cumprir a vontade de meu pai. Ele mentira para mim, me usara de uma forma terrível. Kadarin falara da Aliança como apenas mais uma trama do Comyn para desarmar Darkover, para manter intacto o controle do Conselho. Agora, eu especulava como meu idoso parente se sentia em relação a isso. Ele reinara por muitos anos nas montanhas, com os terráqueos sempre dispostos a ajudá-lo. Era de esperar que percebesse as coisas de uma maneira diferente da dos lordes do Comyn. Eu já ouvira o lado deles, mas nunca tivera uma oportunidade de conhecer a outra posição.

Quando falei sobre a apreensão de Hastur com as violações da Aliança e disse que fora enviado para descobrir a verdade, ele acenou com a cabeça, franziu o rosto e pensou por um longo momento, antes de falar:

— Danvan Hastur e eu já trocamos palavras irritadas a respeito disso antes. Duvido que possamos alguma dia concordar. Tenho o maior respeito por esse homem: lá embaixo, entre as Cidades Secas e os terráqueos, sua vida não é um mar de rosas, e até que ele tem se saído bem, tendo em vista as circunstâncias. Mas suas opções não são as minhas, e felizmente não estou obrigado por juramento a acatá-las. Pessoalmente, creio que a Aliança já sobreviveu além de sua utilidade, se é que teve alguma, do que não tenho mais certeza.

Eu sabia que ele se sentia assim, mas ainda fiquei chocado. Desde a infância, fora condicionado a pensar na Aliança como o primeiro código de ética de homens civilizados.

— Pense um pouco — continuou Kermiac. — Compreende que somos parte de uma grande civilização galática? Os dias em que qualquer planeta podia viver no isolamento acabaram para sempre. As espadas e os escudos pertencem a esse tempo, e devemos abandoná-los junto com o passado. Pode entender que somos um anacronismo?

— Não, senhor, não posso. Não sei muita coisa sobre qualquer outro mundo.

— E também não sabe muita coisa sobre este, ao que parece. Quero lhe perguntar uma coisa, Lew: quando aprendeu o uso de armas?

— Aos sete ou oito anos.

Eu sempre me orgulhara de não precisar temer qualquer espadachim nos Domínios... ou fora deles.

— Eu também, Lew. E quando passei a governar, no lugar de meu pai, presumi que teria guardas me acompanhando por toda parte, a não ser para o leito nupcial. Na metade de minha vida, compreendi que vivia dentro de um passado morto, desaparecido há séculos. Mandeï meus guardas de volta para suas fazendas, exceto por uns poucos velhos, que não tinham outras habilidades, nem meios de subsistência. Permiti que continuassem a circular por aqui, parecendo importantes, mais pelo bem deles do que pelo meu. Apesar disso, aqui estou, tranqüilo e livre, em minha própria casa, meu regime incontestado.

Eu me sentia horrorizado.

— À mercê de qualquer descontente... Kermiac deu de ombros.

— Estou vivo e bem. De um modo geral, aqueles que devem fidelidade a Aldaran me querem aqui. Se não quisessem, eu os persuadiria pacificamente ou sairia de cena e deixaria que tentassem governar melhor. Acredita mesmo que Hastur só mantém a autoridade sobre os Domínios porque conta com uma guarda pessoal maior e melhor do que a de seus rivais?

— Claro que não. Nunca soube que ele tivesse sido desafiado para valer.

— É essa a situação. Meu povo se sente tão satisfeito com meu regime que não preciso de nenhum exército particular para o impor.

— Ainda assim... algum descontente, algum louco...

— Algumas pessoas escorregam numa escada quebrada, algumas são atingidas por um raio, algumas são pisoteadas por um cavalo assustado, algumas comem um cogumelo venenoso que a cozinheira julgava ser bom... Lew, cada pessoa viva só está separada da morte por uma linha tênue. Isso é tão verdadeiro na

sua idade quanto na minha. Se eu reprimir uma rebelião com homens armados, isso prova que sou melhor ou apenas que sou o único que pode pagar melhores espadachins ou fabricar armas mais eficientes? O longo reinado da Aliança significou apenas que se espera que cada homem resolva suas divergências pela espada, em vez de usar o cérebro ou a justiça de sua causa.

— Mesmo assim, manteve a paz nos Domínios por gerações.

— Bobagem! — exclamou o velho. — Vocês têm paz nos Domínios porque, de um modo geral, a maioria das pessoas sente-se contente em obedecer à lei do Comyn, e não mais resolve qualquer divergência pela espada. Sua famosa Guarda do Castelo não passa de uma força policial que tira os bêbados das ruas. Não a estou insultando, pois acho que é assim que deve ser. Quando foi a última vez que você desembainhou sua espada a sério, filho?

Tive de parar para pensar.

— Há quatro anos, bandidos das colinas Kilghard invadiram Armida, roubando cavalos. Nós os perseguimos ao longo das colinas e enforcamos alguns.

— Quando foi a última vez que travou um duelo?

— Nunca travei nenhum.

— E a última vez que empunhou a espada foi contra ladrões de cavalos. Não houve rebeliões, guerras, ataques de não-humanos?

— Não em meu tempo.

Comecei a perceber aonde ele queria chegar.

— Portanto, por que arriscar homens que respeitam as leis, homens bons e fiéis, contra ladrões de cavalos, bandidos, uma rale que não tem qualquer direito à proteção concedida a homens de honra? Por que não desenvolver uma proteção realmente eficaz contra os fora-da-lei, e deixar que seus filhos aprendam algo mais útil do que as artes da espada? Sou um homem pacífico, e creio que Beltran não terá qualquer motivo para se impor a meu povo pela força armada. A lei nas Hellers determina que nenhum homem propenso a violar a paz pode possuir qualquer arma, nem mesmo uma espada. Há leis até sobre o comprimento da lâmina do canivete que ele pode ter. Quanto aos homens que cumprem minhas leis, eles podem ter qualquer arma que conseguirem obter. Um homem

honesto é menos ameaça para o nosso mundo com uma pistola de nervos terráquea do que um fora-da-lei com a faca de trinchar da minha cozinheira ou com o martelo do pedreiro. Não acredito em comparar homens de bem com bandidos, ambos com as mesmas armas. Quando abandonei os contos de fadas, deixei de acreditar que um homem honesto sempre será um espadachim melhor do que um ladrão de cavalos ou um assaltante. A Aliança, que permite armas brancas ilimitadas e treinamento em seu uso tanto para os homens de bem quanto para os criminosos, apenas significou que os honestos se devem esforçar dia e noite para se tornar mais fortes do que os bandidos brutais.

Havia alguma verdade no que ele dizia. Agora que meu pai ficara entrevado, Dyan era sem dúvida o melhor espadachim dos Domínios. Isso significava que, se Dyan travasse um duelo e vencesse, sua causa era justa? Se os ladrões de cavalos fossem melhores espadachins do que nossos homens em Armida, teriam direito a nossos cavalos? Mas havia também falhas em sua lógica. Talvez não existisse a lógica impecável em parte alguma.

— É verdade o que diz, Tio, pelo menos até certo ponto. Mas desde a Era do Caos sabemos que um homem injusto pode causar grandes danos se dispuser de uma arma poderosa. Com a Aliança, usando apenas as armas que lhe são permitidas, ele só pode causar danos limitados.

Kermiac balançou a cabeça, reconhecendo a verdade do que eu dissera.

— Tem razão. Mas se as armas são proscritas, não demora muito para que só os bandidos consigam obtê-las... e eles sempre dão um jeito. Foi assim que morreu o herdeiro do velho Hastur. A Aliança só é viável enquanto todos estiverem dispostos a cumpri-la. No mundo de hoje, com Darkover à beira de se tornar parte do Império, é inviável. Absolutamente inviável. E se você tenta impor uma lei inviável e fracassa, estimula outros homens a violarem as leis. Não tenho amor a gestos ir úteis, por isso só exijo o cumprimento das leis que posso impor. Desconfio de que a única solução é a que Hastur, ao mesmo tempo que defende a Aliança, tenta estabelecer nos Domínios: tornar a terra tão segura que



nenhum homem precise de se defender a sério e deixar as armas virarem brinquedos de honra e símbolos de virilidade.

Apreensivo, toquei o cabo da espada que usara em todos os dias de minha vida adulta. Kermiac afagou meu pulso, afetuoso.

— Não se preocupe, sobrinho. O mundo continuará como tem de ser, não como você ou eu possamos desejar. Deixe os problemas de amanhã para os homens de amanhã resolverem. Deixarei a Beltran o melhor mundo que eu puder, mas, se ele quiser um mundo melhor, sempre poderá se empenhar para consegui-lo. Eu gostaria de pensar que algum dia Beltran e o herdeiro de Hastur poderão sentar juntos para construir um mundo melhor, em vez de destilar veneno um contra o outro, entre Thendara e Caer Donn. E gostaria de pensar também que, quando esse dia chegar, você estará presente para ajudar, quer esteja atrás de Beltran ou do jovem Hastur. É importante apenas que você esteja presente.

Ele pegou uma noz e a rachou com os dentes fortes. Perguntei-me o que ele sabia dos planos de Beltran, quanto do que dissera era franco, quanto se destinava aos ouvidos de Hastur. Começava a amar o velho, mas a apreensão ainda me atormentava. A maior parte da multidão ao jantar já se dispersara. Thyra e Marjorie conversavam com Beltran e Rafe, perto de uma janela. Kermiac percebeu a direção do meu olhar e riu.

— Não continue sentado aqui entre os velhos, sobrinho. Pode ir ao encontro dos jovens.

— Só mais uma coisa. Beltran as chama de irmãs-de-adoção; elas também são suas parentes?

— Thyra e Marguerida? É uma história estranha. Há muitos anos, quando ainda me permitia tais absurdos, tive um guarda em minha casa chamado Zeb Scott, um terráqueo. Dei-lhe Felicia Darriell para esposa... Essa história comprida vai aborrecê-lo, Lew?

— De jeito nenhum.

Eu me sentia ansioso em descobrir tudo o que pudesse sobre os pais de Marjorie.

— A família Darriell é muito antiga nestas colinas. O último deles, o velho Rakhal... o verdadeiro nome de Rafe é Rakhal, mas meus terráqueos acham muito difícil pronunciá-lo... o velho Rakhal

Darriell vivia como um eremita, meio louco e meio bêbado, na mansão da família, que estava quase em ruínas já naquele tempo. E, de vez em quando, enlouquecido pelo vinho ou nas ocasiões em que soprava o Vento Fantasma... a kireseth ainda cresce em alguns dos vales mais distantes... ele vagueava inconsciente pela floresta. Contava estranhas histórias depois, de mulheres perdidas na floresta, dançando nuas ao vento, tomando-o em seus braços... histórias que qualquer louco poderia inventar. Mas há muito e muito tempo atrás, o velho Rakhal, pelo que dizem, apareceu no Castelo Storn com uma menina no colo, dizendo que a encontrara nua, na neve, em sua porta. Declarou que era sua filha com uma mulher do povo da floresta, largada ali para morrer por sua família. A dama de Storn acolheu-a, independentemente do que a criança era, humana ou filha do povo da floresta, já que o velho Rakhal não tinha condições de cuidar dela. Criou-a junto com suas próprias filhas. E muitos anos mais tarde, quando casei com Lauretta Storn-Lanart, Felicia Darriell, como era chamada, veio junto para Aldaran, como dama de companhia. A criança mais velha de Felicia, Thyra, pode muito bem ser minha filha. Quando Lauretta se encontrava pesada com criança, foi Felicia, por desejo dela, que levei para minha cama. A primeira criança de Lauretta nasceu morta, e ela adotou Thyra como filha de criação. Sempre a tratei como irmã de Beltran, embora nada seja certo. Mais tarde, Felicia casou com Zeb Scott, e suas duas crianças seguintes, Rafe e Marguerida, são meio-terráqueas e não pertencem à sua família, sobrinho. Mas é bem possível que Thyra seja sua prima.

Depois de uma pausa, ele acrescentou, pensativo:

— A história do velho Rakhal talvez seja verdadeira. Felicia era uma mulher diferente, com olhos muito estranhos. Sempre achei que tudo não passava de invenção de bêbado. Mas tendo conhecido Felicia...

Kermiac se calou, perdido em recordações do passado distante. Olhei para Marjorie. Também nunca acreditara em tais histórias, mas aqueles olhos... Kermiac soltou uma risada e me dispensou:

— Sobrinho, já que seus olhos e seu coração estão lá com Marguerida, leve logo o resto de você também!

Thyra olhava a tempestade com a maior intensidade; pude sentir os tentáculos inquisitivos de seu pensamento e compreendi que ela esquadrihava a crescente escuridão à procura do amante. Thyra, eu podia muito bem acreditar, não era completamente humana.

Mas Marjorie? Ela estendeu as mãos para mim, peguei-as com uma das minhas e passei o outro braço por sua cintura. Beltran anunciou, juntando-se a nós:

— Ele chegará em breve, Lew. O que faremos então?

— O plano é seu, e não tenho a menor dúvida de que Kadarin é bastante telepata para se integrar num círculo. Você sabe o que queremos fazer, embora haja limites ao que se pode realizar com um grupo desse tamanho. Há com certeza algumas tecnologias que podemos demonstrar. Como a da construção de estradas, por exemplo. Isso deve convencer os terráqueos a nos levar a sério. A de aeronaves impulsionadas por matriz pode ser mais difícil. Talvez haja registros a respeito em Arilinn. Mas não será rápido, nem fácil.

— Você ainda acha que não tenho competência para participar de um círculo de matriz.

— Não é uma questão de competência. Você não é capaz. Sinto muito, Beltran. Alguns poderes ainda podem se desenvolver, mas sem um catalisador...

Ele contraiu os lábios, e por um momento sua expressão foi terrível. Depois, Beltran riu.

— Talvez algum dia possamos persuadir o jovem em Syrtis a se juntar a nós, já que ele não ama o Comyn, como você disse.

Não houvera qualquer som que eu pudesse ouvir, mas Thyra afastou-se da janela e saiu ao salão. Voltou poucos momentos depois com Kadarin. Ele trazia nos braços um fardo comprido e gesticulou para dispensar os servos que se ofereceram para pegá-lo.

Kermiac levantara-se para deixar a mesa; esperou Kadarin na beira da plataforma, enquanto as outras pessoas no salão se retiravam. Kadarin disse:

— Eu a tenho, parente, embora precisasse insistir muito com a velha dama. Desideria lhe envia seus cumprimentos.

Ele fez uma careta irônica, e Kermiac comentou, com um sorriso desolado:

— Desideria sempre foi teimosa. Não precisou usar uma persuasão mais forte?

Havia sarcasmo no sorriso de Kadarin.

— Conhece Dama Storn melhor do que eu. Acha mesmo que teria adiantado? Ainda bem que não houve necessidade. Tenho pouco talento para pressionar mulheres.

Kermiac estendeu a mão para pegar o fardo, mas Kadarin balançou a cabeça.

— Não. Assumi o compromisso, e devo mantê-lo, parente, de entregar a pedra somente nas mãos do telepata de Arilinn e me deixar guiar por seu julgamento.

Kermiac acenou com a cabeça.

— É uma sábia decisão de Desideria. Pois então, Bob, honre seu compromisso.

Kadarin pôs o embrulho num banco e começou a remover o traje externo, coberto de neve.

— Você parece ter saído do pior tempo nas Hellers, Bob — comentei. — Estava tão ruim assim?

Ele confirmou com um aceno de cabeça.

— Eu não queria me demorar ou ser detido pela tempestade no meio do caminho, carregando isto. — Kadarin apontou para o embrulho, pegou a bebida quente que Marjorie lhe trouxera e tomou-a, sedento. — O inverno chegou mais cedo, e já se aproxima outra tempestade de grandes proporções. O que vocês fizeram durante a minha ausência?

Thyra fitou-o nos olhos, e senti, como um pequeno choque palpável, o contato rápido e o vínculo, quando ele se integrou no círculo. Era mais fácil do que longas explicações. Kadarin largou a caneca vazia e murmurou:

— Bom trabalho, crianças.

— Nada foi feito por enquanto, apenas começamos — ressaltei. Thyra se ajoelhou para desamarrar os cordões do embrulho.

Kadarin segurou-a pelo pulso, dizendo:

— Não faça isso. Assumi um compromisso. Pegue a pedra, Lew.

— Já sabemos, pois ouvimos a conversa — informou Thyra, impaciente.

— Se ouvirem, acha que minha palavra nada vale, ave selvagem?

A mão que mantinha a dela imóvel era enorme, castanha. Como os Ardais e Aillards, ele tinha seis dedos na mão. Eu podia acreditar sem a menor dificuldade que Kadarin também tinha sangue não-humano. Thyra sorriu, e ele a puxou para seu peito, enquanto me dizia:

— Cabe a você pegar a pedra, Lew.

Ajoelhei-me e comecei a abrir o fardo. Era mais longo do que meu braço, estreito, com várias camadas de lona grossa, cada uma presa por tiras. Marjorie e Beltran se adiantaram para olhar por cima de meu ombro, enquanto eu desfazia os nós. A última camada do embrulho era de seda crua, sem cor definida, como o material isolante de uma matriz. Quando finalmente a desenrolei, vi que era uma espada ornamental ou cerimonial, forjada em prata pura. Experimentei um arrepio atávico nas extremidades da espinha. Nunca antes vira aquilo, mas sabia o que era.

Minhas mãos quase se recusaram a pegá-la, embora aquele objeto de beleza do povo da forja tivesse sido feito para defender e proteger. Logo me forcei à sanidade. Seria tão supersticioso quanto Thyra me julgava? Envolvi o cabo com a mão, sentindo a pulsação interior. Avaliei a espada com as duas mãos e torci o cabo com força.

Saiu em minha mão. Lá dentro estava a matriz propriamente dita, uma enorme pedra azul, com um intenso brilho interior, as chamas se enroscando. Apesar de treinado, senti a cabeça girar, a visão se turvar.

Ouvi Thyra soltar um ofego alto. Beltran virou-se apressado. Se eu, que passara três temporadas em Arilinn, precisava fazer um tremendo esforço para manter o controle, podia imaginar o que causara nele. Tratei de acomodá-la na seda e levantei-a entre os dedos, cauteloso. Sentia uma imensa relutância em olhar, mesmo que apenas por um instante, para aquelas intermináveis profundezas

vivas. Mas acabei baixando os olhos para a pedra. O espaço se distorceu, me dilacerou. Por um momento, senti que caía, contemplei o rosto de uma jovem emoldurada em chamas, vermelhas, laranja e escarlates. Era um rosto que eu conhecia de algum lugar... Desideria! A velha que eu vira na mente de Kadarin! Mas logo o rosto mudou, se desvaneceu, não era mais uma mulher, mas sim uma forma imensa de fogo, com os contornos de uma mulher, acorrentada em ouro, elevando-se, flamejando, golpeando, paredes desmoronando como poeira... Envolvi a pedra com a seda e indaguei:

— Vocês sabem o que é isto?

Foi Kadarin quem respondeu:

— Era usada no passado pelo povo da forja para extrair metais do solo.

— Não tenho tanta certeza assim. Algumas das matrizes de Sharra eram usadas dessa maneira. Outras eram... menos inocentes. Não sei se esta é uma matriz monitorada.

— Tanto melhor. Não queremos olhos do Comyn espionando o que fazemos.

— Mas isso significa que é essencialmente incontrolável — expliquei. — Uma matriz monitorada tem um fator de segurança: se escapa ao controle, o monitor assume e rompe o círculo. É por isso que ainda tenho uma mão direita.

Mostrei a cicatriz. Kadarin titubeou um pouco e perguntou:

— Está com medo?

— De que isto aconteça outra vez? Não. Sei que precauções adotar. Mas desta matriz? Sim, tenho medo.

— Vocês do Comyn são covardes supersticiosos! Durante toda a minha vida ouvi falar dos poderes dos telepatas e dos mecânicos treinados em Arilinn. Agora você está com medo...

A ira me invadiu. Do Comyn? E covarde? Parecia que a raiva pulsava, vibrava dentro de mim, subindo pelo braço, a partir da matriz na mão. Enfiei-a de volta na espada e fechei-a com o cabo. Thyra disse:

— Nada se pode ganhar com insultos. Lew, isto pode ser usado para realizar os planos de Beltran?

Eu experimentava um desejo incompreensível de pegar a espada outra vez. A matriz parecia me chamar, exigir que eu a tirasse, a dominasse... Era quase uma ânsia sensual. Poderia ser realmente perigosa? Embrulhei a espada com as lonas e pensei por um momento na indagação de Thyra, antes de responder:

— Com um círculo bem treinado, no qual eu pudesse confiar, creio que sim, provavelmente. Um círculo de Torre é em geral integrado por sete ou oito mecânicos e por uma Guardiã, e raramente manipulamos mais do que matrizes do quarto ou do quinto nível. Sei que esta é mais forte do que isso. E não temos nenhuma Guardiã treinada.

— Thyra pode fazer esse trabalho — sugeriu Kadarin.

Considerarei por um momento. Era verdade que ela atraía a todos, assumindo a posição central com rapidez e precisão. Mas acabei sacudindo a cabeça.

— Não vou arriscar. Ela operou sem controle por tempo demais. Aprendeu sozinha, e seu treinamento pode desmoronar sob pressão.

Pensei na besta à espreita que sentira quando o círculo se formara. Percebi os olhos de Thyra fixados em mim, experimentei profundo constrangimento, mas fora disciplinado a manter honestidade absoluta dentro de um círculo. Não é possível esconder-se um do outro, a tentativa redundava em desastre.

— Posso controlar Thyra — afirmou Kadarin.

— Sinto muito, Bob. Isso não é uma solução. Ela própria deve estar no controle ou será morta... e não é uma maneira muito agradável de morrer. Eu mesmo poderia controlá-la, mas a essência de uma Guardiã é efetuar o controle. Confio nos poderes de Thyra, Bob, mas não em seu julgamento sob pressão. Se vou trabalhar com ela, devo ter total confiança. E não posso ter. Não enquanto Guardiã. Acho que Marjorie pode fazer isso... se quiser.

Kadarin olhou para Marjorie com um estranho sorriso irônico e comentou:

— Você está racionalizando, Lew. Pensa que não sei que se apaixonou por ela, e por isso quer que Marjorie assuma essa posição de honra?

— Você está louco! — protestei. — É verdade, estou apaixonado por ela. Mas é evidente que você nada sabe sobre círculos de matriz. Acha que eu quero que ela seja Guardiã neste círculo? Não sabe que isso tornará impossível que eu a toque? Enquanto Marjorie estiver atuando como Guardiã, nenhum de nós poderá tocá-la, muito menos eu, porque a amo e desejo. Não sabia disso?

Removi meus dedos lentamente dos dedos de Marjorie. Senti a mão fria e solitária.

— Superstição do Comyn — declarou Beltran, desdenhoso -, bobagem sobre virgens e pureza! Acredita realmente nesses absurdos?

— Não tem nada que ver com acreditar — respondi. — O fato é que as Guardiãs não precisam mais ser virgens resguardadas hoje em dia. Mas, enquanto trabalham nos círculos, devem permanecer absolutamente castas. É um problema físico, relacionado com as correntes nervosas. Não é mais superstição do que as coisas que todas as parteiras sabem; por exemplo, que uma mulher grávida não deve andar a cavalo muito depressa ou por muito tempo nem usar rendas apertadas. E mesmo com todas as precauções, ainda é perigoso. Extremamente perigoso. Se acha que eu quero que Marjorie seja nossa Guardiã, então é mais ignorante do que pensei!

Kadarin me fitava com firmeza, e compreendi que ele avaliava a situação.

— Acredito em você — disse ele finalmente. — Mas acha que Marjorie pode fazer o trabalho?

Acenei com a cabeça, desejando poder mentir, acabar logo com aquilo. A vida amorosa de um telepata é sempre muito complicada. E Marjorie e eu acabáramos de descobrir um ao outro. Tivéramos tão pouco, tão pouco...

— Ela pode, se quiser. Mas precisa consentir. Nenhuma mulher relutante pode ser feita Guardiã. É um peso grande demais para suportar, exceto por livre e espontânea vontade.

Kadarin olhou para nós dois e disse:

— Portanto, tudo depende de Marjorie. O que tem a dizer, Margie? Vai ser Guardiã para nós?



Ela me fitou, mordeu o lábio e estendeu-me as mãos.

— Lew, não sei...

Marjorie sentia medo, o que não era de admirar. E nesse momento, como um sonho mágico, compulsivo, recordei a manhã em que passeáramos juntos por Caer Donn e partilháramos nossos sonhos para este mundo. Não valia um pouco de perigo, uma pequena espera para a nossa felicidade? Um mundo em que não precisaríamos sentir vergonha — ao contrário, teríamos orgulho -de nossa dupla herança, darkovana e terráquea? Senti que Marjorie captava esse sonho, pois sem dizer nada retirou a mão da minha, e nos separamos. A partir daquele momento e até que o nosso trabalho fosse concluído, o círculo se dissolvendo, Marjorie permaneceria inviolada, apartada, sozinha. A Guardiã.

Não havia necessidade de palavras, mas Marjorie falou as palavras simples, como se fosse um juramento selado no fogo:

— Concordo. Se você me ajudar, farei tudo o que puder.

## Capítulo Quinze

A tempestade persistira por dez dias, descendo das Hellers pelas Colinas Kilghard e se abatendo sobre Thendara com fúria quase incessante. Agora, o tempo era claro e bom, mas Regis cavalgava de cabeça baixa, ignorando o dia bonito.

Sentia que fracassara, assumira um compromisso, mas nada conseguira fazer. Agora, estava sendo despachado para Neskaya, sob os cuidados de Gabriel, como uma criança doente com uma babá! Mas ergueu a cabeça, surpreso, quando fizeram a curva que descia para o vale, na direção de Syrtis.

— Por que estamos pegando esta estrada?

— Tenho um recado para Dom Felix — explicou Gabriel. — Os poucos quilômetros extras vão cansá-lo? Posso mandar a escolta acompanhá-lo até Edelweiss...

A solicitude de Gabriel o deixou irritado. Como se alguns quilômetros a mais pudessem fazer alguma diferença! Foi o que ele disse, contrariado.

Sua égua preta, de andar seguro, desceu firme pelo caminho. Embora tivesse negado para Gabriel, ele se sentia doente e fraco, como estivera durante a maior parte do tempo desde o colapso nos aposentos de Kennard. Por um ou dois dias, em delírio, drogado, ele não tivera a menor noção do que estava acontecendo; e mesmo agora, muito do que recordava dos últimos dias não passava de ilusão. Danilo estava presente, gritando, em protesto frenético, sendo contido à força, com medo, angustiado. Parecia que Lew também aparecia, às vezes, fitando-o com frieza, rigor e irritação, formulando sempre a mesma indagação: O que você tem medo de saber? Ele sabia, porque lhe haviam dito depois, que por um ou dois estivera tão perigosamente doente que o avô não saíra de seu lado. Uma ocasião, ao despertar, entre os intervalos doentios de alucinações fragmentadas, vira o rosto do avô e indagara:

— Por que não está no Conselho?

Ao que o avô respondera, com veemência:

— Que se dane o Conselho!

Ou teria sido outro sonho? Sabia que em uma ocasião Dyan entrara no quarto. Regis escondera o rosto nas cobertas, recusara-se a lhe falar, embora Dyan se mostrasse muito gentil. Ou isso também fora um sonho? E depois, pelo que pareceram anos, ele estivera nas linhas de fogo em Armida, quando haviam convivido dia e noite com o terror; durante o dia, o árduo trabalho físico mantinha o medo a distância, mas à noite ele despertava, chorando e soluçando... Nessa noite, o avô lhe contara, seus gritos inconscientes se tornaram tão apavorados, tão insistentes, que Kennard Alton, ele próprio gravemente enfermo, fora ao seu quarto e ali permanecera até de manhã, tentando acalmá-lo com um contato mental. Mas ele continuara a clamar por Lew, e Kennard não conseguira entrar em contato.

Regis, envergonhado de seu comportamento infantil, concordara finalmente em ir para Neskaya. A memória indistinta e os pensamentos-imagens constrangiam-no, e não tentara distinguir a verdade das fantasias drogadas. Mesmo assim, sabia que pelo menos uma vez Lew estivera com ele, embalando-o em seus braços, como a criança assustada que fora de fato naquele momento. Quando ele disse isso a Kennard, o velho balançara a cabeça, muito sério, e dissera:

— É bem provável. Talvez você tenha se extraviado no tempo; ou talvez Lew sentiu, do lugar em que se encontra, que você precisava dele, e procurou-o, como um telepata é capaz. Nunca pensei que vocês dois fossem tão ligados.

Regis sentia-se desamparado, vulnerável, por isso, assim que se recuperara o suficiente para viajar, concordara em ir para a Torre de Neskaya. Seria insuportável continuar a viver assim... A voz de Gabriel despertou-o agora de seus devaneios, ao dizer, em consternação:

— Olhe ali! O que terá acontecido? Dom Felix...

O velho subia pelo vale, montado no cavalo preto de Danilo, o castrado criado em Armida, que era o único animal de qualidade em Syrtis. Aproximava-se no que era, para um homem de sua idade, uma velocidade vertiginosa. Por alguns minutos, parecia que ele galoparia até esbarrar no grupo no caminho, mas poucos passos

antes puxou as rédeas do cavalo, que parou no mesmo instante, resfolegando. Dom Felix olhou furioso para Regis.

— Onde está meu filho? O que vocês, ladrões assassinos, fizeram com ele?

A fúria e o desespero do velho foram como um golpe físico. Regis balbuciou, confuso:

— Seu filho? Danilo, senhor? Por que pergunta a mim?

— O que vocês, tiranos abomináveis, fizeram com ele? Como ousam vir à minha terra, depois de me roubar o filho mais...

Regis tentou interrompê-lo e conter a torrente de palavras.

— Não estou entendendo, Dom Felix. Separei-me de Danilo há alguns dias, em seu pomar. Não o vi desde então; estive doente...

A lembrança do sonho drogado atormentou-o, Danilo sendo manietado à força, apavorado, angustiado...

— Mentiroso! — gritou Dom Felix, o rosto vermelho e contraído em raiva e desespero. — Quem, além de vocês...

— Já chega, senhor — interveio Gabriel, com firme autoridade. — Ninguém fala assim ao herdeiro de Hastur. Eu lhe dou minha palavra...

— A palavra de um Hastur não vale nada! Eu ousou falar contra esses tiranos sórdidos! Levaram meu filho para seu...

Ele lançou para Regis uma palavra terrível; comparada a ela, "catamita" parecia um cumprimento cortês. Regis empalideceu diante da fúria do velho.

— Dom Felix... se quiser me escutar...

— Escutá-lo? Meu filho o escutou, senhor, ouviu suas palavras bonitas!

Dois guardas se adiantaram, pegaram as rédeas do cavalo do velho enfurecido e tentaram imobilizá-lo.

— Larguem-no — disse Gabriel calmamente. — Dom Felix, nada sabemos sobre seu filho. Vim lhe trazer uma mensagem de Kennard Alton a respeito dele. Posso transmiti-la?

Dom Felix se aquietou, com um esforço que deixou seus olhos esbugalhados.

— Pode falar, Capitão Lanart, e que os Deuses o tratem como o Comyn tratou meu filho.

— Que os Deuses me tratem assim e mais ainda, se eu ou algum dos meus fizer qualquer mal a seu filho — declarou Gabriel. — Ouça agora a mensagem de Kennard, Lorde Alton, Comandante da Guarda: "Diga a Dom Felix de Syrtis que chegou a meu conhecimento que um grave erro de justiça foi cometido na Guarda este ano, do qual seu filho, Danilo-Felix, cadete, pode ter sido vítima inocente; e peça a ele que envie seu filho Danilo-Felix a Thendara, sob qualquer escolta de sua escolha, a fim de se apresentar como testemunha numa ampla investigação contra homens em altas posições, até mesmo dentro do Comyn, que podem ter abusado de seus poderes". Gabriel fez uma pausa, depois acrescentou:

— Também fui autorizado a lhe dizer, Dom Felix, que daqui a dez dias, depois de escoltar meu cunhado, que se encontra neste momento com saúde precária, até a Torre de Neskaya, devo voltar aqui e escoltar seu filho para Thendara. Poderá acompanhá-lo, como seu protetor, ou designar qualquer guardião ou parente de sua escolha. Kennard Alton será pessoalmente responsável pela segurança e honra de seu filho.

Dom Felix disse, a voz trêmula:

— Nunca tive qualquer motivo para duvidar da honra e da boa vontade de Lorde Alton. Quer dizer que Danilo não está em Thendara?

Um dos guardas, um veterano grisalho, interveio:

— Já me conhece, senhor. Servi com Rafael na guerra, há dezesseis anos. Fiquei de olho em Dani, por respeito a seu irmão. Dou minha palavra, senhor, de que Dani não se encontra lá, com ou sem a conivência do Comyn.

O rosto do velho empalideceu pouco a pouco para a tonalidade normal.

— Então Danilo não fugiu para encontrá-lo, Lorde Regis?

— Por minha honra, senhor, juro que não sei de seu paradeiro. Eu o vi pela última vez quando nos despedimos no pomar. E agora conte como ele foi embora. Não deixou nenhuma mensagem?

O rosto do velho estava branco agora.

— Não vi nada. Dani saiu para caçar. Eu não me sentia bem, tive de permanecer na cama. Disse a ele que estava com vontade de

comer alguma ave no jantar, que os Deuses me perdoem por isso. Ele pegou um falcão e saiu para caçar, como um filho bom e obediente...

A voz do velho falhou. Ele teve de fazer um esforço para se controlar, e acrescentou:

— Foi ficando tarde, e ele não voltava. Comecei a especular se seu cavalo não teria machucado uma perna, ou se ele não se metera em alguma aventura de rapaz. Foi então que o velho Marius e o pessoal da cozinha entraram correndo em meu quarto e disseram que o viram encontrar-se com um grupo de cavaleiros no caminho, ser arrancado de sua sela e levado à força...

Gabriel parecia perplexo e consternado.

— Por minha honra, senhor, nenhum de nós teve qualquer participação ou conhecimento desse seqüestro. Quando aconteceu? Ontem? Anteontem?

— Anteontem, Capitão. Perdi os sentidos ao ouvir a notícia. Mas assim que meus velhos ossos se recuperaram um pouco, peguei o cavalo e parti... à procura de meu filho...

A voz tornou a definhar. Regis adiantou-se em seu cavalo e pôs a mão no braço de Dom Felix.

— Tio — disse ele, num súbito impulso, usando a mesma palavra com que tratara Kennard Alton -, é pai de meu amigo; também merece de mim o dever de um filho. Gabriel, leve a Guarda para procurar, interrogue as testemunhas.

Ele tornou a se virar para Dom Felix e murmurou gentilmente:

— Juro que farei tudo o que puder para trazer Danilo de volta, são e salvo. Mas não tem condições de cavalgar. Venha comigo.

Pegando as rédeas do cavalo preto, Regis conduziu Dom Felix para o pátio calçado com pedras. Desmontou, ajudou Dom Felix a descer e guiou seus passos trôpegos. Levou-o para o salão, dizendo ao velho servo meio cego que encontrou ali:

— Seu amo está doente. Vá lhe buscar um pouco de vinho. Depois que o vinho chegou e Dom Felix bebeu um pouco, Regis sentou ao seu lado, perto da lareira fria.

— Lorde Regis, seu perdão...

— Não há necessidade, senhor. Foi submetido a uma terrível provação.

— Rafael...

— Senhor, assim como meu pai tinha o maior apreço por seu filho mais velho, eu lhe garanto que a segurança e a honra de Danilo são tão importantes para mim como se fossem minhas. — Ele levantou os olhos quando os guardas entraram na casa. — Descobriu alguma coisa, Gabriel?

— Revistamos o local em que ele foi capturado. Havia sinais de muitos cavalos, e ele os enfrentou com sua adaga.

— Saindo para caçar com um falcão, ele não levava outra arma.

— A adaga ficou para trás.

Gabriel entregou a arma a Dom Felix. Ele a examinou e viu o emblema de Hastur.

— Dom Regis...

— Fizemos um juramento — disse Regis, tirando de sua própria bainha a adaga de Danilo — e trocamos nossas lâminas como símbolo.

Ele pegou a adaga com o brasão de Hastur e acrescentou:

— Vou levá-la para devolver a Dani. Descobriram mais alguma coisa, Gabriel?

Um dos guardas disse:

— Encontrei isto no chão, rasgado durante a luta. Ele deve ter resistido bravamente, para um jovem enfrentando vários homens.

Era um manto comprido e grosso, de cor parda, preso com tiras e fivelas de couro. Estava todo cortado. Dom Felix examinou-o por um momento, antes de dizer:

— Esse tipo de manto não é mais usado nos Domínios, desde que nasci, mas creio que ainda os usam nas Hellers. E é forrado com pele de um animal que só existe nas montanhas; veio de algum lugar além do rio. Os bandidos das montanhas usam mantos assim. Mas por que Dani? Não somos bastante ricos para pagar um resgate, nem bastante importantes para que ele seja um refém valioso.

Regis refletiu, sombrio, que os homens de Dyan vinham das Hellers. Em voz alta, porém, disse apenas:

— Os homens das montanhas trabalham para quem lhes paga bem. Por acaso tem inimigos, Dom Felix?

— Não. Há quinze anos que vivo em paz, cuidando da minha propriedade. — O velho parecia atordoado. Olhou Regis. — Meu lorde, se está doente...

— Não importa. Dom Felix, eu lhe prometo, pelo juramento que nenhum Hastur pode quebrar, que encontrarei o responsável e trarei Dani de volta, nem que precise arriscar minha própria vida.

Ele pôs a mão sobre a do velho por um momento, depois se empertigou.

— Um dos guardas permanecerá aqui, para tomar conta da propriedade, na ausência de seu filho. Gabriel, volte com a escolta para Thendara e conte o que aconteceu a Kennard Alton. E mostre-lhe este manto; talvez ele saiba de que lugar das Hellers veio.

— Regis, tenho ordens para levá-lo a Neskaya.

— No momento oportuno. Isto precisa ser resolvido primeiro. Você é um Hastur, Gabriel, quanto menos não seja pelo direito de casamento, e seus filhos são herdeiros de Hastur. A honra de Hastur é a sua honra também, e Danilo é meu homem por juramento.

O cunhado fitou-o com evidente hesitação. Havia boas coisas em ser herdeiro de um Domínio, concluiu Regis, como ter suas ordens obedecidas sem serem questionadas. Ele acrescentou, impaciente:

— Ficarei aqui, para fazer companhia ao pai de meu amigo ou esperarei em Edelweiss.

— Não pode ficar aqui desprotegido — declarou Gabriel finalmente. — Ao contrário de Dani, você é bastante rico para um resgate e importante o suficiente para ser mantido como refém.

Ele era bem próximo do Comyn para se sentir indeciso e sugeriu:

— Talvez seja melhor eu mandar um guarda escoltá-lo até Edelweiss.

Regis protestou, irritado:



— Não sou mais uma criança! Preciso de uma babá correndo em meus calcanhares para percorrer cinco quilômetros?

Os próprios filhos mais velhos de Gabriel começavam a se aborrecer com a necessidade de serem vigiados dia e noite.

— Olhe para mim, Regis. Você foi entregue aos meus cuidados. Dê sua palavra de honra de que seguirá direto para Edelweiss, sem se desviar da estrada, a menos que encontre homens armados, e poderá viajar sozinho.

Regis prometeu, despediu-se de Dom Felix e partiu. A caminho de Edelweiss, ele pensou, um pouco triunfante, que fora mais esperto do que Gabriel. Um oficial mais experiente talvez lhe permitisse viajar sozinho para Edelweiss, com a promessa de que seguiria direto para lá... mas também exigiria que Regis promettesse que não deixaria Edelweiss sem permissão!

O sentimento de triunfo foi de curta duração. O conhecimento do que devia fazer o atormentava. Precisava descobrir para onde — e como — Danilo fora levado. E só havia um meio de fazer isso: com a matriz. Ele nunca tocara à pedra desde a malfadada experiência com kirian. Ainda se encontrava na bolsa isolante pendurada em seu pescoço. A lembrança daquele sofrimento dilacerante quando olhara a matriz de Lew ainda era viva nele, e sentia intenso medo.

Surpreendentemente, para aqueles tempos pacíficos, os portões de Edelweiss estavam fechados e trancados. Regis se perguntou que alarme teria levado a isso. Por sorte, a maioria dos servos de Javanne conhecia sua voz. Não demorou muito para que Javanne descesse correndo da casa, uma serva bufando em sua esteira.

— Regis! Recebemos a informação de que homens armados haviam sido vistos nas colinas! Onde está Gabriel?

Ele pegou as mãos da irmã.

— Gabriel está bem, a caminho de Thendara. E a informação é verdadeira, pois homens armados estiveram em Syrtis. Mas não creio que seja alguma rixa particular, nem uma guerra, irmã.

— Ainda me lembro muito bem do dia em que o pai partiu para a guerra — comentou ela, a voz trêmula. — Era uma criança na

ocasião, e você nem tinha nascido. E depois veio a notícia de que ele morrera, com muitos de seus homens, e o choque matou a mãe...

Os dois filhos mais velhos de Javanne se aproximaram correndo, Rafael e Gabriel, de nove e sete anos de idade, cabelos escuros, meninos bem desenvolvidos. Estacaram ao deparar com Regis, e Rafael disse:

— Pensei que você estava doente e ia para Neskaya. O que veio fazer aqui, parente?

— A mãe disse que haveria guerra — acrescentou Gabriel. — Vai haver mesmo uma guerra, Regis?

— Não, até onde eu sei, não há nenhuma guerra nem aqui, nem em qualquer outro lugar, e vocês devem agradecer por isso. E agora voltem para casa, pois preciso conversar com sua mãe.

— Posso montar Melisande até o estábulo? — pediu Gabriel. Regis pôs o menino na sela e subiu para a casa com Javanne.

— Você esteve doente e emagreceu um pouco — comentou Javanne. — Recebi um aviso do avô de que ia para Neskaya. Por que veio para cá?

Ele olhou o céu escurecendo.

— Contarei tudo mais tarde, irmã, depois que os meninos forem para a cama e pudermos conversar em particular. Passei o dia inteiro viajando; deixe-me primeiro descansar e pensar um pouco. Saberá de tudo depois.

Sozinho, Regis passou um longo tempo andando de um lado para outro de seu quarto, tentando tomar coragem para o que sabia que tinha de fazer.

Tocou a pequena bolsa em seu pescoço, começou a abri-la, mas logo a largou. Ainda não.

Encontrou Javanne diante do fogo, na pequena sala de estar; ela acabara de amamentar a menor das gêmeas e se aprontava para o jantar.

— Leve a criança para seu quarto, Shani — disse ela à babá -, e avise às mulheres que não devo ser incomodada por qualquer motivo. Meu irmão e eu jantaremos em particular.

— Su serva, domna — respondeu a mulher, pegando o bebê e se retirando.

A própria Javanne serviu Regis.

— Agora me conte, irmão: o que aconteceu?

— Homens armados levaram Danilo Syrtis de sua casa.

Ela ficou perplexa.

— Por quê? E por que você deveria se perturbar tanto com isso?

— Ele é meu escudeiro, e fizemos o juramento de bredin. Talvez já uma vingança particular. É isso o que preciso descobrir.

Regis apresentou uma versão resumida do incidente no corpo de cadetes, nos termos que julgava apropriados para os ouvidos de uma mulher. A irmã se mostrou nauseada e chocada.

— Já ouvi falar das... preferências de Dyan. Quem não ouviu? Houve um tempo em que se falou que ele deveria casar comigo. Fiquei contente quando Dyan recusou, embora é claro que não me ofereceram nenhuma opção na questão. Ele me parece um homem sinistro, até mesmo cruel, mas nunca imaginei que fosse também um criminoso. Ele é Comyn, e obrigado por juramento a não interferir na integridade de uma mente. Acha que ele seqüestrou Dani, para silenciá-lo?

— Não posso acusá-lo sem provas — disse Regis. — Você passou algum tempo numa Torre, Javanne. Qual é o seu grau de treinamento?

— Passei uma temporada lá. Posso usar uma matriz, mas disseram que não tenho muito talento, e o avô insistiu em que eu deveria casar jovem.

Regis pegou sua própria matriz.

— Pode me ensinar como usá-la?

— Posso, sim. Não é necessária muita habilidade para isso. Mas não seria tão seguro quanto em Neskaya, e você ainda não se recuperou de todo. Prefiro não fazê-lo.

— Preciso saber agora, imediatamente, o que aconteceu com Danilo. É a honra da nossa família que está em jogo, irmã.

Ele explicou a situação. Javanne ficou em silêncio, girando um garfo no prato, e só falou depois de um longo momento:

— Espere um instante.

Ela se virou, mexendo na gola do vestido. Quando tornou a fitar Regis, tinha algo embrulhado em seda nas mãos. Falou devagar, as feições ainda franzidas em preocupação:

— Nunca vi Danilo. Mas quando era pequena, e o velho Dom Felix era o mestre falcoeiro, conheci Dom Rafael muito bem; ele era o escudeiro do pai, e os dois seguiam juntos para toda parte. Ele me chamava de nomes carinhosos, me punha em sua sela, me levava para passear... Fui apaixonada por ele, como qualquer menina reage a um homem bonito que a trata com atenção e gentileza. Ainda não tinha dez anos, mas quando veio a notícia de que Rafael morrera, acho que chorei mais por ele do que pelo pai. Lembro que uma ocasião lhe perguntei por que não tinha uma esposa. Ele me deu um beijo no rosto e disse que estava esperando que eu crescesse para ser sua mulher.

Javanne tinha as faces vermelhas, os olhos distantes. Acabou suspirando e perguntou:

— Tem alguma coisa de Danilo, Regis?

Ele estendeu a adaga com o brasão de Hastur, explicando: - Juramos por esta adaga. Foi derrubada de sua mão quando o capturaram.

— Então deve ressonar para ele.

Com a adaga em sua palma, Javanne descobriu a matriz. Regis desviou os olhos, mas não antes de ter um vislumbre de um ofuscante clarão azul, que fez seu corpo estremecer. A irmã manteve-se em silêncio por um momento, antes de dizer, numa voz distante:

— É isso mesmo, no caminho na colina, quatro homens... mantos estranhos... um emblema, duas águias... arrancaram sua adaga... Regis! Ele foi levado num helicóptero terráqueo!

Ela ergueu os olhos da matriz e fitou-o espantada. Regis experimentou a sensação de que um punho apertava seu coração.

— Não foi para Thendara, pois os terráqueos ali não teriam qualquer proveito com ele. Aldaran?

A voz de Javanne tremia agora:

— Exatamente. O emblema de Aldaran é uma águia... dobrada... e não teriam qualquer dificuldade para tomar emprestada

uma aeronave terráquea... o avô já fez isso aqui, num caso de urgência. Mas por quê?

A resposta era óbvia. Danilo era um telepata catalisador. Houvera um tempo em que Kermiac de Aldaran treinava Guardiões em suas montanhas, e sem dúvida tinha muitas maneiras para aproveitar um catalisador. Regis murmurou:

— Danilo já suportou mais do que qualquer telepata destreinado pode agüentar. Se aplicarem mais pressão ou coação, sua mente pode se desintegrar. Devo levá-lo de volta a Thendara. Não posso deixá-lo lá, desprotegido. A culpa é minha.

Angustiado, lutando contra um medo terrível, ele ergueu a cabeça.

— Preciso salvá-lo. Prestei um juramento. Javanne, você tem de me ajudar a sintonizar cora a matriz. Não tenho tempo para ir a Neskaya.

— Não há outro meio, Regis?

— Absolutamente nenhum. O avô, Kennard, o Conselho... Dani nada representa para eles. Se fosse Dyan, eles poderiam se empenhar. Se os homens de Aldaran me seqüestrassem, eles enviariam um exército no mesmo instante. Mas Danilo? O que você acha?

— Aquele herdeiro nedestro de Kennard... ele foi enviado a Aldaran e é parente deles. Não posso deixar de me perguntar se ele não tem alguma participação nessa história.

— Lew? Ele jamais faria tal coisa! Javanne se mostrou cética.

— A seus olhos, ele não pode fazer nada errado. Quando menino, era apaixonado por Lew, como eu fui por Dom Rafael. Mas eu não tenho uma paixão de criança para me cegar sobre o que ele é. Kennard obrigou o Conselho a aceitá-lo com manobras escusas.

— Você não tem o direito de dizer isso, Javanne. Ele faz parte do Comyn, foi treinado numa Torre.

Ela se recusou a discutir.

— Seja como for, posso entender por que você acha que deve ir. Mas não tem nenhum treinamento, e é muito perigoso. Há mesmo necessidade de tanta pressa?

Javanne fitou o irmão nos olhos e acrescentou, depois de um instante:

— Como você quiser. Mostre-me sua matriz.

Os dentes cerrados, Regis desembrulhou a pedra. Prendeu a respiração, atônito: uma tênue luz brilhava nas profundezas da matriz. Javanne balançou a cabeça.

— Isso significa que posso ajudá-lo a sintonizar. Sem essa luz, você não estaria pronto. Permanecerei em contato com você. Não vai adiantar muito, mas se você... sair e não conseguir voltar a seu corpo, talvez eu possa alcançá-lo.

Ela respirou fundo. Um instante depois, Regis sentiu seu contato. A irmã não se mexera, mantinha a cabeça inclinada sobre a pedra azul. Só dava para ele ver os cabelos escuros repartidos, mas Regis teve a sensação de que ela se abaixava em sua direção, uma garota magricela, ainda muito mais alta do que o irmão caçula. Javanne levantou-o, como se ele fosse um bebê, e ajeitou-o em seu quadril, sustentando-o com o braço. Havia anos que Regis não se lembrava disso, como a irmã o segurava quando era pequeno. Ela andou de um lado para outro, pelo grande salão com o teto alto em arcadas, as janelas azuis, cantando para ele, em voz baixa e rouca... Regis sacudiu a cabeça para se livrar da ilusão. Javanne ainda se encontrava ali, com a cabeça inclinada sobre a matriz, adulta outra vez, mas seu contato mental persistia, íntimo, protetor. Por um momento, ele sentiu vontade de chorar, de se agarrar à irmã, como fazia naquele tempo. Javanne murmurou:

— Olhe para a matriz. Não tenha medo. Essa não foi sintonizada para mais ninguém. A minha o incomoda porque você está em descompasso com ela. Olhe para a sua, concentre seus pensamentos nela, não se mexa até ver as luzes despertarem no interior...

Ele tentou deliberadamente relaxar; percebeu que contraía cada músculo contra a dor recordada. Acabou olhando para a pedra, experimentou apenas um choque mínimo de percepção. Alguma coisa dentro da pedra faiscou, muito fraca. Regis concentrou os pensamentos e projetou-os... mais e mais fundo, pelo interior da pedra. Algo se agitou, tremeu, irrompeu numa centelha viva. E

depois foi como se soprasse numa brasa na lareira: a centelha era um fogo azul brilhante, em movimento, pulsando com o ritmo de seu sangue. O excitação percorreu seu corpo, uma emoção quase sexual.

— Já chega! — exclamou Javanne. — Desvie os olhos depressa ou ficará aprisionado!

Não, ainda não... Relutante, ele tirou os olhos da pedra. A irmã acrescentou:

— Comece devagar. Olhe apenas por uns poucos minutos de cada vez, até poder dominá-la ou será dominado pela pedra. A lição mais importante é a de que você deve sempre controlar, nunca se deixar controlar.

Regis lançou um último olhar, tornou a embrulhar a matriz, com um estranho senso de pesar, e sentiu a retirada do contato/abraço de Javanne.

— Você pode fazer o que quiser com a pedra, Regis, mas não será muita coisa, antes de receber o treinamento necessário. Tome cuidado. Ainda não está imune à doença do limiar, que pode voltar. Uns poucos dias fariam tanta diferença? Neskaya fica a pouco mais de um dia de viagem.

— Não sei como explicar, mas sinto que cada momento é importante. Tenho medo, Javanne, medo por Danilo, medo por todos nós. Devo partir agora, esta noite. Pode me arrumar algumas roupas velhas de montaria de Gabriel, Javanne? As minhas atrairão atenção demais nas montanhas. E pode pedir às suas mulheres que me providenciem comida para alguns dias? Quero evitar as aldeias próximas, onde posso ser reconhecido.

— Cuidarei de tudo pessoalmente; não quero que as mulheres saibam e comentem.

Ela o deixou com seu jantar negligenciado e foi procurar as roupas. Regis não tinha fome, mas mesmo assim comeu uma fatia de ave assada e um pão. Ao voltar, Javanne trazia seus alforjes e uma roupa velha de Gabriel. Retirou-se para que ele trocasse de roupa ao lado do fogo, depois levou-o pelo corredor até a cozinha deserta. Os servos há muito tinham ido para a cama. Javanne arrumou um pacote com carne seca, pão duro, bolachas e frutas

secas. Guardou um pequeno equipamento de cozinhar num alforje, informando que Gabriel sempre o levava em suas expedições de caça. Regis observava-a em silêncio, sentindo-se mais ligado àquela irmã tão pouco conhecida do que em qualquer outra ocasião anterior, desde os seis anos de idade, quando ela saíra de casa para casar. Ele desejou ser ainda bastante jovem para se agarrar na saia de Javanne, como fizera naquela ocasião. Um medo gelado o dominou, e ele pensou: antes de partir para o perigo, um herdeiro do Comyn deve deixar seu herdeiro. Recusara-se até a pensar nisso, como Dyan também recusara, não querendo ser apenas mais um elo na corrente, o filho de seu pai, o pai de seus filhos. Alguma coisa em seu íntimo se rebelava, com a maior intensidade, pelo que devia fazer. Por que se incomodar? Se não voltasse, daria no mesmo, um dos filhos de Javanne seria designado como seu herdeiro... Não podia fazer nada, dizer nada... Ele suspirou. Era muito tarde para isso, já fora longe demais.

— Só mais uma coisa, irmã. Vou para um lugar de onde talvez nunca volte. Você sabe o que isso significa. Deve me dar um de seus filhos, Javanne, para meu herdeiro.

Ela empalideceu e soltou um grito baixo e angustiado. Regis sentiu seu desespero, mas não desviou os olhos, até que a irmã murmurou, a voz trêmula:

— Não há outro jeito? Ele tentou gracejar:

— Não tenho tempo de fazer um herdeiro pela forma habitual, irmã, mesmo que conseguisse arrumar uma mulher para me ajudar em tão curto prazo.

O riso de Javanne foi quase histérico, e cortado no meio, deixando um silêncio total. Regis percebeu a lenta aceitação aflorando em seus olhos. Soubera desde o início que ela concordaria. Javanne era uma Hastur, de uma família mais antiga do que a realeza. Por necessidade, casara-se com um homem de posição inferior à sua, já que não havia nenhum igual, e passara a amar o marido profundamente, mas seu dever com os Hasturs vinha em primeiro lugar. Ela disse apenas, num fio de voz:

— O que direi a Gabriel?



— Ele soube desde que a tomou como esposa que este dia poderia chegar. Eu podia muito bem ter morrido antes de alcançar a maioridade.

— Está certo, mas você mesmo terá de escolher.

Ela seguiu na frente para o quarto em que os três filhos dormiam, em camas lado a lado. À luz de vela, Regis estudou seus rostos, um a um. Rafael, franzino e moreno, os cachos bem curtos espalhando-se desgrehados sobre o travesseiro; Gabriel, forte e trigueiro, já mais alto do que o irmão. Mikhail, com quatro anos, ainda era muito pequeno, mais louro do que os outros, as faces rosadas emolduradas pelos cabelos quase prateados. O avô devia parecer assim quando era pequeno, pensou Regis. Sentia-se estranhamente frio e despojado. Javanne dera ao clã três filhos e duas filhas. Talvez ele nunca tivesse um filho seu. Estremeceu pelas implicações do que estava fazendo e baixou a cabeça, balbuciando uma prece a que não estava acostumado:

— Cassilda, abençoada Mãe dos Domínios, ajude-me a escolher com sabedoria...

Regis deslocou-se em silêncio de uma cama para outra. Rafael era o mais parecido com ele, pensou. Depois, num impulso irresistível, ele se inclinou sobre Mikhail e levantou o menino adormecido.

— Este é meu filho, Javanne.

Ela acenou com a cabeça, mas havia fúria em seus olhos.

— E se você não voltar, ele será o Hastur de Hastur; mas se você voltar, o que vai acontecer? Ele se tornará um parente pobre aos pés de Hastur?

Regis disse, em voz baixa:

— Se eu não voltar, ele será nedestro, irmã. Não assumirei com você o compromisso de nunca tomar uma esposa, mesmo em troca dessa dádiva extraordinária. Mas juro o seguinte: ele só ficará em segundo para o meu primeiro filho legítimo. Meu segundo filho será o terceiro, depois dele, e prestarei o juramento de que nenhum outro herdeiro nedestro jamais tomará seu lugar. Isso a satisfaz, bredda?

Mikhail abriu os olhos, olhou ao redor, sonolento, mas viu a mãe e não chorou. Javanne acariciou a cabeça loura.

— Isso me satisfaz, irmão.

Segurando o menino meio desajeitado, em braços sem prática, Regis deixou o quarto em que seus irmãos dormiam.

— Traga testemunhas — disse ele. — Devo partir logo. Você sabe que isso é irrevogável, Javanne, que a partir do momento em que eu fizer o juramento ele não será mais seu, passará a ser meu, e deve ser sacramentado meu herdeiro. Deverá enviá-lo para o avô em Thendara.

Ela balançou a cabeça. A garganta se agitou quando engoliu em seco, mas não protestou.

— Desça para a capela, Regis. Levarei as testemunhas.

Era uma câmara antiga nas profundezas da casa, as quatro formas divinas pintadas toscamente nas paredes, luzes ardendo diante delas. Regis ficou com Mikhail no colo, deixando que o menino sonolento torcesse um botão de sua túnica, até que as testemunhas chegaram, quatro homens e duas mulheres idosos da casa. Uma das mulheres fora a babá de Javanne na infância, e de Regis também.

Ele tomou posição no altar, solene, sempre com Mikhail no colo.

— Juro diante de Aldones, Senhor da Luz e meu divino antepassado, que Hastur de Hasturs é esta criança, por uma linhagem de sangue ininterrupta, conhecida para mim em autêntica descendência. E na falta de qualquer herdeiro de meu corpo, eu, Regis-Rafael Felix Alar Hastur y Elhaly, escolho-o e o indico como meu herdeiro nedestro, e juro que mais ninguém, salvo meu filho primogênito em casamento genuíno, contestará seu direito à minha casa ou herança. Declaro que meu filho não será mais chamado Mikhail Regis Lanart-Hastur, mas...

Ele fez uma pausa, hesitando entre os antigos nomes do Comyn, procurando novos nomes apropriados, que confirmariam o ritual. Não havia tempo para pesquisar a lista de nomes honrados. Portanto, celebraria a necessidade desesperada que o levara a tomar aquela atitude, e acrescentou:

— Ele será chamado Danilo Lanart Hastur, e assim mantereí diante de toda e qualquer contestação, diante de meu pai antes de mim, e dos filhos que me seguirão, diante de meus ancestrais e de minha posteridade. E jamais renunciarei a essa concessão enquanto viver, e nunca seja negada por qualquer dos herdeiros do meu corpo.

Ele inclinou a cabeça e beijou os lábios infantis de seu filho. Estava feito. Era um estranho início. Regis especulou qual seria o fim. Fitou a velha babá.

— Mãe-de-adoção, entrego meu filho a seus cuidados. Quando as estradas estiverem seguras, deve levá-lo a Lorde Hastur em Thendara e providenciar para que ele receba o Sinal do Comyn.

Javanne derramava lágrimas silenciosas, mas limitou-se a dizer:

— Deixe-me beijá-lo mais uma vez.

Depois, ela permitiu que a velha babá levasse o menino. Regis acompanhou-os com os olhos. Seu filho. Era um estranho sentimento. Especulou se o menino tinha laran ou o desconhecido dom de Hastur; e especulou se algum dia saberia, se tornaria a ver aquela criança.

— Devo partir agora — disse ele à irmã. — Mande trazer meu cavalo e ordene que alguém abra os portões sem barulho.

Enquanto esperavam juntos, ao lado do portão, Regis disse:

— Se eu não voltar...

— Não diga um presságio de mau agouro!

— Javanne, você tem o dom de Hastur?

— Não sei. Ninguém sabe, até que desperta naquele que o possui. Sempre pensamos que você não tinha laran...

Ele acenou com a cabeça, sombrio. Crescera com isso, e até agora ainda era uma ferida dolorosa demais para se tocar. A irmã acrescentou:

— Um dia virá em que você deve procurar o avô, que o possui para despertar em seu herdeiro, e pedir pelo dom. Então, e só então, saberá o que é. Eu mesma não sei. Mas se você tivesse morrido antes de ser declarado um homem, ou antes de ter um

filho, seria despertado em mim, para que eu o passasse, antes de minha morte, para um de meus filhos.

E isso ainda pode acontecer, pensou Regis. Ele ouviu o barulho suave dos cascos do cavalo no escuro. Preparou-se para montar. Virou-se e abraçou Javanne por um instante. Ela estava chorando. Regis piscou para conter as lágrimas em seus próprios olhos e sussurrou:

— Seja boa com meu filho, querida.

O que mais ele podia dizer? Javanne beijou-o e murmurou:

— Diga que você voltará, irmão. Não fale qualquer outra coisa.

Sem esperar mais alguma palavra, ela se desvencilhou do abraço e voltou correndo para a casa escura.

Os portões de Edelweiss fecharam-se por trás dele. Regis estava sozinho. A noite era escura, o nevoeiro espesso. Ele ajustou o manto na garganta, tocando a pequena bolsa em que guardava a matriz. Mesmo sobre a camada isolante, podia senti-la, embora nenhum outro fosse capaz, uma pequena coisa viva, vibrando... Encontrava-se sozinho com a pedra, sob o pequeno chifre de lua, baixando por trás das -colinas distantes. Muito em breve até mesmo essa claridade mínima desapareceria.

Ele respirou fundo, murmurou palavras de estímulo para o cavalo, ergueu a cabeça e seguiu para o norte, na primeira etapa de sua viagem rumo ao desconhecido.

## Capítulo Dezesseis

(Narrativa de Lew Alton)

Até o dia em que eu morrer, tenho certeza de que lembrarei em sonhos aqueles primeiros dias alegres em Aldaran.

Nos meus sonhos, tudo o que veio depois foi apagado, e recordo apenas aquela época em que estávamos todos juntos, e eu era feliz, muito feliz, pela primeira e última vez em minha vida. Nesses sonhos, Thyra aparece em toda a sua estranha e selvagem beleza, como era naquele tempo, terna, dócil e afetuosa. Beltran também comparece, com seu fogo e com o entusiasmo pela esperança que contagiara a todos nós, meu amigo, quase meu irmão. Kadarin surge sempre sorrindo nos meus sonhos, gentil, um rochedo de fortaleza, sustentando a todos nós quando fraquejávamos. E Rafe, o filho que nunca terei, sempre ao meu lado, os olhos levantados para os meus.

E Marjorie.

Marjorie está sempre comigo nesses sonhos. Mas não há nada que eu possa dizer a respeito de Marjorie. Apenas que estávamos juntos, apaixonados, e o medo ainda era apenas uma sombra mínima, como um sopro gelado de uma geleira distante. Claro que eu a queria, e me ressentia de não poder tocá-la, nem mesmo da maneira mais casual. Mas não era tão ruim quanto eu temera. O trabalho psíquico consome tanta energia e força que não resta muita coisa. Permanecíamos juntos em cada momento de vigília, e isso era suficiente. Quase suficiente. E podíamos esperar o resto.

Eu queria uma equipe bem treinada, por isso trabalhava com eles dia a dia, tentando moldar a todos nós num círculo operacional, capaz de atuar com perfeita sintonia. Por enquanto, ainda trabalhávamos com nossas matrizes pequenas; antes de nos reunir para invocar o poder da grande, devíamos estar absolutamente sintonizados, sem fraquezas ocultas. Eu me sentiria mais seguro com um círculo de seis ou oito pessoas, como em Arilinn. Cinco é um círculo pequeno, mesmo com Beltran operando por fora, como monitor psíquico. Mas Thyra e Kadarin eram mais fortes do que a

maioria das pessoas em Arilinn — sabia que ambos eram mais fortes do que eu, embora minha habilidade e treinamento fossem superiores -, e Marjorie possuía um talento fantástico. Mesmo em Arilinn, ela seria escolhida desde o primeiro dia como uma Guardiã em potencial.

Uma profunda afeição, até mesmo amor, aflorara entre todos nós, com a gradativa fusão de nossas mentes. Era sempre assim, no desenvolvimento de um círculo. Era uma intimidade mais íntima que a da família, maior que a do amor sexual. Era uma espécie de fusão, como se todos nos integrássemos uns nos outros, cada um contribuindo com algo especial, individual e único, e de certa forma todos juntos nos tornávamos mais do que a soma de cada um.

Mas os outros começavam a se mostrar impacientes. Foi Thyra quem finalmente expressou o que todos queriam saber:

— Quando começaremos a trabalhar com a matriz de Sharra? Já estamos mais do que prontos.

Mas eu ainda tinha algumas reservas.

— Esperava encontrar outros para trabalhar conosco; não tenho certeza se podemos operar sozinhos uma matriz do nono nível.

— O que é uma matriz do nono nível? — indagou Rafe.

— De modo geral — respondi secamente -, trata-se de uma matriz que não é segura para se operar com menos de nove pessoas. E isso com uma Guardiã competente, com um treinamento completo.

— Eu disse que deveríamos ter escolhido Thyra — lembrou Kadarin.

— Não vou discutir sobre isso. Thyra é uma telepata muito forte, uma excelente técnica e mecânica. Mas não é uma Guardiã.

— Em que exatamente uma Guardiã é diferente de qualquer outro telepata? — perguntou Thyra.

Fiz um esforço para traduzir em palavras que ela pudesse compreender:

— Uma Guardiã é o controle central no círculo; todos já viram isso. É ela que mantém as forças unidas. Sabem o que são energônios?

Só Rafe se arriscou a especular:

— São aquelas pequenas coisas ondulantes que não consigo ver direito quando olho para a matriz?

Na verdade, era uma excelente resposta.

— É um nome puramente teórico para uma coisa que ninguém tem certeza se de fato existe. Já foi aventado que a parte do cérebro que controla as forças psíquicas emite certo tipo de vibração, que chamamos de energônios. Podemos descrever o que fazem, embora não os possamos descrever. Quando direcionados e focalizados por meio de uma matriz... como eu demonstrei... são bastante ampliados, com a matriz atuando como um transformador. São os energônios amplificados que transformam a energia. Num círculo de matriz, é a Guardiã que recebe o fluxo de energônios de todos os membros do círculo e os une num único feixe focalizado, que passa pela matriz grande.

— Por que são sempre as mulheres que assumem a função de Guardiãs?

— Não necessariamente. Já houve homens que foram poderosos Guardiões, e outros que assumem temporariamente as funções de uma Guardiã. Eu mesmo já fiz isso. Mas as mulheres têm fluxos de energônios mais positivos, começam a gerá-los mais cedo e os mantêm por mais tempo.

— Explicou por que uma Guardiã tem de ser casta, mas ainda não compreendo — comentou Marjorie.

Kadarin interveio:

— Isso não passa de sandice supersticiosa. Não há nada para compreender; é pura bobagem.

— No passado, quando se faziam enormes telas de matriz, as sintéticas, as Guardiãs eram virgens, treinadas desde o início da infância e condicionadas por meios que vocês nem são capazes de imaginar. Sabem como é ligado um círculo de matriz. — Olhei para cada um, saboreando a intimidade. — Naquele tempo, uma Guardiã tinha de aprender a ser parte integrante do círculo e ao mesmo tempo se manter completamente apartada.

— Eu diria que elas enlouqueciam — comentou Marjorie.

— Isso acontecia com muitas. Mesmo agora, a maioria das mulheres que atuam cotio Guardiãs acaba desistindo depois de um ou dois anos. É um trabalho muito difícil e frustrante. As Guardiãs nas Torres não são mais obrigadas a serem virgens, mas devem permanecer castas enquanto ocupam a posição.

— Parece-me um absurdo — declarou Thyra.

— Mas não é, nem um pouco. A Guardiã absorve e canaliza a energia de todos. Ninguém que já manipulou esses fluxos de alta energia deseja correr qualquer risco de sofrer um curto-circuito em seu próprio corpo. Seria como se postar no caminho de um raio. Tornei a mostrar minha cicatriz, antes de acrescentar:

— Um refluxo de três segundos fez isso comigo. Lembrem-se disso. Existem no corpo agrupamentos de fibras nervosas que controlam os fluxos de energia. O problema é que esses agrupamentos transmitem dois tipos de energia: os fluxos psíquicos, os energônios que levam a força ao cérebro, e também as mensagens e as energias sexuais. É por isso que alguns telepatas sofrem a doença do limiar na adolescência; são os dois tipos de energia, a sexual e o laran, despertando ao mesmo tempo. Se não são controlados direito, pode ocorrer uma sobrecarga, às vezes fatal, porque cada tipo estimula o outro, criando-se uma reação em cadeia.

Beltran indagou:

— É por isso que...

Acenei com a cabeça, já sabendo o que ele ia perguntar.

— Sempre que há uma drenagem de energônios, como no trabalho de matriz concentrado, ocorre alguma sobrecarga nervosa. Suas energias são exauridas... já notaram como todos temos comido?... e as energias sexuais também são reduzidas. O maior efeito colateral para os homens é a impotência temporária.

Fiz uma pausa e repeti, oferecendo um sorriso tranqüilizador a Beltran:

— Impotência temporária. Não é preciso se preocupar, mas leva algum tempo para se acostumar. Por falar nisso, se algum de vocês descobrir que não consegue comer, avise imediatamente, para



ser monitorado. Pode ser um sinal prévio de que seus fluxos de energia estão desordenados.

— Monitoração... não é isso o que tem me ensinado a fazer? - indagou Beltran.

Acenei com a cabeça em confirmação.

— Exatamente. Mesmo que você não possa se ligar no círculo, ainda podemos aproveitá-lo como monitor psíquico.

Eu sabia que Beltran ainda se ressentia por isso. Ele já conhecia o bastante, àquela altura, para saber que era, em geral, um trabalho realizado pelos mais jovens e menos hábeis. O pior era que, se ele não parasse de projetar esse ressentimento, não poderíamos sequer mantê-lo perto do círculo. Nem mesmo como um monitor psíquico. Há poucas coisas que podem perturbar um círculo mais depressa do que ressentimentos descontrolados. Tratei de acrescentar:

— Em certo sentido, a Guardiã e o monitor psíquico são as duas extremidades de um círculo... e quase com a mesma importância. -Era a pura verdade. — Muitas vezes, a vida de uma Guardiã fica nas mãos do monitor, porque ela não tem energia a desperdiçar no cuidado com o próprio corpo.

Beltran sorriu, pesaroso, mas pelo menos sorriu.

— Portanto, Marjorie é a cabeça, e eu sou o rabo da vaca!

— Não é assim, Beltran. Ela se encontra no topo da escada, e você é a base que a mantém firme. É a linha vital. — Lembrei de repente que nos desviáramos bastante do assunto. — Seja como for, se os canais nervosos da Guardiã não estiverem completamente desobstruídos, ela queimará como uma tocha. Portanto, enquanto os canais estiverem sendo usados para transmitir essas tremendas cargas de energia, não podem ser utilizados como veículos para qualquer outro tipo de energia. E só a castidade total pode manter os canais abertos.

— Posso agora sentir os canais em todos os momentos — comentou Marjorie. — Mesmo quando não estou trabalhando com as matrizes. Até quando durmo.

— Isso é ótimo.

Significava que ela já passara a operar como uma Guardiã. Beltran fitou-a, com os olhos semicerrados, e disse:

— Quase posso vê-los.

— O que também é ótimo — declarei. — Chegará um momento em que você poderá sentir a energia fluir pela sala... ou a um quilômetro de distância... e determinar os refluxos e desvios de energia em qualquer um de nós.

Mudei de assunto, deliberadamente, e perguntei:

— O que queremos fazer precisamente com a matriz de Sharra, Beltran?

— Conhece meus planos.

— Claro que conheço, mas o que você quer fazer primeiro} Sei que no final você quer provar que uma matriz desse tamanho pode impulsionar uma nave estelar...

— E pode? — indagou Marjorie.

— Uma matriz desse tamanho, amor, pode desviar uma das luas menores de sua órbita, se fôssemos bastante insanos para tentar. Destruiria Darkover, é claro. Talvez seja possível impulsionar uma nave estelar, mas não podemos começar por aí. Entre outros motivos, porque ainda não temos uma nave estelar. Precisamos de um projeto menor para experimentar, para aprender a direcionar e focalizar a força. Como é uma força acionada pelo fogo, também precisamos de um lugar para trabalhar em que, se perdêssemos o controle por alguns segundos, não queimaríamos milhares de quilômetros de floresta.

Vi Beltran estremecer. Ele também era criado nas montanhas, e partilhava com todos os darkovanos o medo de incêndio na floresta.

— O pai possui quatro aeronaves terráqueas, dois aviões pequenos e dois helicópteros. Um dos helicópteros está longe daqui, nas terras baixas, mas o outro não seria adequado para a experiência?

Pensei por um momento.

— O combustível explosivo deve ser removido primeiro, a fim de não queimar, se algo sair errado. Resolvido esse problema, um helicóptero pode ser o ideal, com os rotores ligados, pronto para alçar vôo. É uma questão de desenvolver o controle e a precisão.

Você não poria o nosso Rafe para montar seu mais veloz cavalo de corrida, não é mesmo?

Rafe interveio, hesitante:

— Lew, você disse que precisamos de outros telepatas. Lorde Kermiac... ele não treinou mecânicos de matriz antes de qualquer de nós nascer? Por que ele não trabalha conosco?

Era verdade. Ele treinara Desideria, e tão bem que ela podia usar a matriz de Sharra...

— E ela a usava sozinha — lembrou Kadarin, captando meus pensamentos. — Então por que o preocupa o fato de sermos tão poucos?

— O problema é que ela não a usava sozinha — ressalttei. — Contava com cinqüenta a cem crentes focalizando suas emoções puras na pedra. Mais do que isso, ela não tentava controlá-la ou focalizá-la. Em vez disso, usou-a como uma arma,, deixou que a pedra a usasse.

Senti um súbito calafrio de medo, como se todos os cabelos de meu corpo ficassem arrepiados. Tratei de cortar o pensamento. Era treinado numa Torre. Não tinha a menor disposição para manipular uma matriz em busca de poder. Prestara um juramento.

— Quanto a Kermiac — acrescentei -, ele já é velho, passou da idade em que podia controlar uma matriz. Eu não correria esse risco, Rafe.

Beltran ficou furioso.

— Pode ter peio menos a cortesia de falar com ele!

O que parecia bastante justo, quando avaliei a experiência que ele devia possuir contra sua idade e fraqueza.

— Está certo, fale com ele, se assim deseja. Mas não o pressione. Deixe que Kermiac tome sua própria decisão.

— Ele não vai aceitar — informou Marjorie, corando quando todos nos viramos para fitá-la. — Achei que era meu dever, como Guardiã, conversar com ele. Lorde Kermiac lembrou que nem mesmo quis me ensinar. Disse que um círculo era apenas tão forte quanto o mais fraco de seus integrantes, e que sua presença arriscaria nossas vidas.

Senti-me ao mesmo tempo desapontado e aliviado. Desapontado porque apreciaria a oportunidade de me unir a ele nesse vínculo especial que só acontece com membros de um círculo, de me sentir de fato seu parente. Aliviado porque era verdade o que ele dissera a Marjorie, e todos sabíamos disso. Thyra insistiu, rebelde:

— Será que ele não compreende quanto precisamos de sua ajuda? Não vale a pena algum risco?

Eu poderia assumir os riscos para nós, mas não para ele. Em Arilinn, recomendavam o gradativo abandono do trabalho depois da meia-idade, à medida que a vitalidade diminuía.

— Sempre Arilinn — disse Thyra, impaciente, como se eu tivesse falado em voz alta. — Eles treinam as pessoas para serem covardes?

Virei-me para ela, contendo a súbita ira interior que Thyra despertava em mim com a maior facilidade. Fazendo um esforço para que Marjorie e os outros não fossem apanhados no turbilhão de emoção entre Thyra e mim, tratei de responder:

— Há uma coisa que nos ensinam, Thyra, e é sermos honestos com nós mesmos, e uns com os outros.

Estendi a mão em sua direção. Se ela fosse treinada em Arilinn, já saberia que a ira era com bastante frequência um disfarce para emoções menos permissíveis.

— Está disposto a ser honesta comigo?

Relutante, ela pegou minha mão estendida entre as suas. Empenhei em baixar as barreiras, em vez de erguer barricadas contra ela. Thyra tremia, e eu sabia que aquela era uma experiência nova e angustiante para ela, que nenhum homem, à exceção de Kadarin, seu amante por muito tempo, jamais aticara seus sentidos. Por um momento, pensei que ela ia chorar. Seria melhor se o fizesse, mas Thy-ra mordeu o lábio e fitou-me com uma expressão de desafio, enquanto sussurrava:

— Não faça...

Rompi o contato trêmulo, sabendo que não podia forçar Thyra, como teria de fazer em Arilinn, a ir até o fundo e confrontar o que se recusava a perceber. Não podia fazer isso. Não diante de Marjorie.

Não era covardia, disse a mim mesmo, com veemência. Éramos todos parentes. Simplesmente não havia necessidade. Apressei-me em mudar de assunto.

— Podemos tentar sintonizar a matriz de Sharra amanhã, se vocês quiserem. Já explicou a seu pai, Beltran, que vamos precisar de um local isolado para trabalhar? Deve também pedir permissão para usarmos o helicóptero.

— Falarei com ele esta noite, ao jantar — prometeu Beltran.

Depois do jantar, quando nos reunimos na pequena sala íntima, que convertêramos em base de operações, ele nos avisou que a permissão fora concedida e que poderíamos usar a antiga pista de pouso. Conversamos pouco nessa noite, cada um absorvido em seus pensamentos. Refleti que fora sem dúvida aflitivo para Kadarin me entregar a matriz. Desde o início, ele pensara que teria o comando-total do projeto, junto com Beltran, e que eu seria apenas um ajudante, emprestando minha habilidade, mas sem impor decisões. Era bem provável que Beltran ainda se ressentisse de eu ter assumido um papel preponderante, e sua incapacidade para participar do círculo devia ser a dose mais amarga que já engolira.

Marjorie mantinha-se um pouco apartada dos demais; o isolamento desolador de uma Guardiã já a dominara, forçando-a a se afastar dos outros. Odiei a mim mesmo por tê-la condenado a isso. Com uma parte de meu ser, queria acabar com tudo aquilo, tomá-la em meus braços. Talvez Kadarin estivesse certo, talvez a castidade de uma Guardiã fosse uma das superstições mais estúpidas do Comyn, e Marjorie e eu passávamos por aquele inferno sem necessidade.

Deixei-me sair de foco, tentando ver à frente, divisar o dia em que estaríamos livres para amar um ao outro. E por mais estranho que pudesse parecer, embora minha vida fosse aqui, e sentisse que renunciara por completo a toda e qualquer fidelidade ao Comyn, ainda tentei me ver transmitindo a notícia a meu pai.

Retornei à percepção normal e constatei que Rafe dormia junto à lareira. Alguém deveria acordá-lo, mandá-lo para a cama. Aquele trabalho seria extenuante demais para um menino de sua idade? Ele

deveria estar distraído-se com matrizes do tamanho de um botão, não trabalhando a sério num círculo como aquele!

Meus olhos persistiram por mais tempo, com uma cruel inveja, em Kadarin e Thyra, lado a lado, olhando para o fogo. Não havia qualquer proibição entre os dois; mesmo separados, tinham um ao outro. Vi os olhos de Marjorie a nos contemplar, com a mesma tristeza remota. Isso, pelo menos, podíamos partilhar... e por enquanto era tudo o que podíamos partilhar.

Virei a mão e olhei com pesar desligado para a marca tatuada era meu pulso direito, o sinal do Comyn. O sinal de que eu era o herdeiro com laran de um Domínio. Meu pai jurara por mim, antes que a marca fosse feita, pelos serviços ao Comyn, pela lealdade a meu povo.

Olhei para a cicatriz de meu primeiro ano em Arilinn. Doía sempre que eu fazia um trabalho de matriz como aquele; doía agora. Isso, não a tatuagem do meu Domínio, era o verdadeiro sinal de minha lealdade a Darkover. E agora eu me empenhava por um grande renascimento do conhecimento e sabedoria, para beneficiar todo o nosso mundo. Violava a lei de Arilinn ao trabalhar com telepatas destreinados, com matrizes que não eram monitoradas. Violava a letra da lei, talvez, mas para restaurar seu espírito por todo Darkover!

Quando Rafe e as mulheres se retiraram, bocejando de cansaço, detive Kadarin por um momento.

— Preciso saber uma coisa. Você e Thyra são casados? Ele sacudiu a cabeça.

— Companheiros livres, talvez. Nunca pensamos em cerimônias formais. Se ela quisesse, eu estaria disposto, mas já conheci muitos costumes matrimoniais, em muitos mundos, para me importar com qualquer um. Por quê?

— Num círculo de Torre, isso não deveria acontecer; aqui, precisa ser levado em consideração. Há alguma possibilidade de que ela possa estar esperando uma criança?

Ele alteou uma sobrancelha. Eu sabia que essa pergunta era uma intromissão indesculpável, mas era necessário saber. Ele acabou respondendo:

— Duvido. Tenho viajado por tantos mundos e me exposto a tantas coisas... Sou mais velho do que pareço, mas nunca tive nenhum filho. Provavelmente não posso. Assim, receio que, se Thyra quiser uma criança, terá de procurar outro para ser o pai. Não quer ser voluntário?

Ele concluiu com uma gargalhada. Considerei a pergunta afrontosa demais para sequer pensar a respeito.

— Apenas achei que devia avisá-lo de que o trabalho no círculo de matriz podia ser perigoso se houvesse alguma possibilidade de gravidez. Não tanto por ela, mas sim pela criança. Já houve tragédias terríveis, e me senti na obrigação de alertá-lo.

— Creio que faria melhor se avisasse a ela, mas agradeço a delicadeza.

Ele me ofereceu uma expressão estranha e indecifrável, antes de se afastar. Bom, eu cumprira meu dever ao perguntar, e se o problema o afligia, ele teria de absorvê-lo e aceitá-lo, assim como eu absorvia minha frustração por Marjorie e aceitava a maneira como a presença física de Thyra me perturbava. Meus sonhos naquela noite foram desconcertantes. Thyra e Marjorie se fundiam numa única mulher, de tal forma que várias e várias vezes vi uma no sonho, só para descobrir de repente que era a outra. Deveria ter reconhecido isso como um sinal de perigo, mas só compreendi quando já era tarde demais.

O dia seguinte amanheceu cinzento, as nuvens baixas. Especulei se teríamos de esperar até a primavera para qualquer trabalho realmente eficaz. Talvez fosse melhor, pois nos daria tempo para uma sintonia maior, talvez para encontrar outros que se integrassem no círculo. Beltran e Kadarin ficariam impacientes. Ora, teriam de controlar a impaciência.

Marjorie parecia fria e apreensiva; eu também me sentia assim. Uns poucos flocos de neve isolados caíam, mas eu não podia apresentar a neve como uma desculpa para adiar a experiência. Até mesmo a animação constante de Thyra arrefecera.

Desenrolei a espada em que a matriz estava guardada. O povo da forja devia ter feito isso; não pude deixar de me perguntar se eles sabiam de fato o que estavam fazendo. Havia tradições antigas

sobre matrizes assim, instaladas em armas. Vinham da Era do Caos, quando se conhecia tudo o que era possível conhecer sobre as matrizes, pelo que se dizia, e nosso mundo quase foi destruído em consequência. Eu disse a Beltran:

— É muito perigoso sintonizar uma matriz desse tamanho sem um objetivo definido. Deve ser sempre controlada ou acabará por nos controlar.

— Fala da matriz como se fosse uma coisa viva — comentou Kadarin.

— Não tenho certeza se não é mesmo. — Apontei o helicóptero, parado a uns trinta metros de distância, na beira da pista de pouso deserta, a neve começando a se acumular nos rotores. — O que estou querendo dizer é o seguinte: não podemos simplesmente sintonizar a matriz, ordenar "voa", e ficar parados aqui, observando o aparelho decolar. Precisamos saber como o mecanismo funciona, a fim de determinar com precisão que forças devemos exercer e em que direções. Minha sugestão é que comecemos por nos concentrar em acionar o mecanismo dos rotores, até alcançar velocidade suficiente para a decolagem. Não precisamos de uma matriz tão grande para isso, nem de cinco trabalhadores. Eu poderia fazer só com isto.

Fiz uma pausa, encostando a mão na bolsa pendurada no pescoço que continha minha matriz, antes de continuar:

— Mas devemos aprender a direcionar as forças com precisão. Descobriremos assim como elevar o helicóptero; e como não queremos que caia e se arrebente, vamos nos limitar a girar os rotores até que suba alguns centímetros e depois diminuiremos a velocidade pouco a pouco, para que torne a pousar. Mais tarde, podemos tentar o controle de seu vôo. — Virei-me para Beltran. — Isso servirá como demonstração para os terráqueos de que a energia psíquica tem usos materiais, a fim de que eles nos ajudem a desenvolver um meio de aproveitá-la como um propulsor estelar?

Foi Kadarin quem respondeu:

— Claro que sim, se bem conheço os terráqueos! Marjorie verificou as mãos enluvadas de Rafe.



— Já estão bastante aquecidas? — Ele retirou as mãos, indignado, e Marjorie acrescentou, em advertência: — Não seja tolo! O tremor de frio consome bastante energia, e vai precisar de toda a que possui para se concentrar!

Fiquei satisfeito por constatar que ela tinha uma boa noção da situação. Meu próprio calafrio era mental, não físico. Coloquei Beltran a alguma distância do círculo. Sabia que o fato de que Rafe, com doze anos, podia ser um dos integrantes e ele não era uma pílula amarga para engolir e lamentava muito, mas a primeira necessidade do trabalho de matriz era conhecer e aceitar durante todo o tempo as próprias limitações. Se Beltran não era capaz, não podia participar de um círculo.

Não havia, na verdade, necessidade de um círculo físico, mas mantive todos bem próximos para que a energia magnética de nossos corpos pudesse sobrepor-se e reforçar o vínculo crescente.

Sabia que aquilo era uma loucura, uma Guardiã só com um mínimo de treinamento, um monitor psíquico só com um mínimo de treinamento... uma matriz ilegal, que não era monitorada... e, no entanto, pensava nos pioneiros dos primeiros dias de nosso mundo, os primeiros que controlaram matrizes. Colonos terráqueos? Era o que Kadarin pensava. Antes que as Torres fossem construídas, antes que o uso fosse protegido pelo ritual e pela superstição. E cabia a nós reconstituir seus passos!

Separei o cabo da lâmina e retirei a matriz. Ainda não se encontrava ativada, mas ao contato a cicatriz antiga em minha mão se contraiu, com uma pontada de dor. Marjorie deslocou-se com uma serena segurança para o centro do círculo. Parou de frente para mim e pôs uma das mãos na pedra azul... um vórtice procurando atrair-me para suas profundezas, um redemoinho... Fechei os olhos, procurando o contato com Marjorie, controlei-me ao me ligar à sua força suave e fria. Senti que Thyra assumia seu lugar, depois de Kadarin; a sensação de um fardo quase insuportável diminuiu com sua força, como se ele transferisse um grande peso para seus ombros. Rafe entrou no círculo como uma coisinha pequena e agitada se aninhando em nós.

Experimentei a insólita sensação de que a força fluía da pedra para o círculo. Era como estar ligado a uma potente bateria, vibrando em todos nós, no corpo e no cérebro. O que era errado, muito errado. Podia ser revigorante, mas eu sabia que não devíamos sucumbir a isso, por um instante sequer. Com alívio, senti que Marjorie assumia o controle, e com um esforço determinado direcionava o fluxo de força, focalizando-o para fora, por seu intermédio.

Por um momento, ela foi envolta por chamas transparentes e tremeluzentes, e de repente assumiu a aparência de outra mulher... dourada, em correntes, ajoelhada, como o povo da forja representava sua deusa... Eu sabia que se tratava de uma ilusão, mas parecia que Marjorie ou a enorme forma de fogo que assomava ao redor, sobre e através dela projetava-se para longe, pegava os rotores do helicóptero e girava-os, como uma criança gira um cata-vento de papel. Com meus ouvidos físicos, escutei o zumbido quando começaram a girar, lentamente a princípio, sob uma força controladora, e depois com um rugido cada vez mais rápido, um rangido estridente carregado pelas correntes de ar que criava. E, devagar, o enorme aparelho foi subindo, pairando a um ou dois palmos acima do solo...

Fazendo força para partir...

Fique onde está! Eu direcionava a força para o exterior, à medida que Marjorie a formava e moldava; podia sentir os outros se comprimirem contra mim, embora fisicamente nenhum de nós se tocasse. Enquanto eu tremia, sentindo o vasto fluxo daquela força combinada, vi numa sucessão de intensos lampejos a grande forma de fogo que contemplara antes, que era Marjorie e ao mesmo tempo não era Marjorie, um jato de força tremendo, uma mulher nua, alta como o céu, os cabelos desgrenhados, e cada fio separado era uma flama... e senti uma raiva estranha aflorar e sair de mim. Pegue o helicóptero, parado ali, inútil, a poucos centímetros do chão, arremesse-o pelo céu, alto, muito alto, lance-o como um míssil contra as torres do Castelo Aldaran, queimando, destruindo, explodindo os muros como se fossem feitos de areia, espalhando uma chuva de fogo sobre o vale, incendiando Caer Donn, arrasando

a base terráquea... Lutei contra essas imagens de fogo e destruição, como um cavaleiro luta contra seu cavalo rebelde. Muito forte. Muito forte. Senti um cheiro estranho, uma besta selvagem rondava pela selva de meus impulsos, raiva, desejo, uma constelação de emoções desvairadas, um pequeno animal arisco subindo por uma árvore em terror... a estridência dos rotores, um grito, um rugido ensurdecedor...

Pouco a pouco, o ruído foi decrescendo para um zumbido, um tênue murmúrio, e depois o silêncio. O helicóptero parou de vibrar, ficou imóvel. Marjorie, ainda tremeluzindo com débeis chamas do fogo invisível, mantinha-se tranqüila, sorria distraída. Senti-a projetar-se e romper o contato, os outros se retiraram também, um a um, e voltamos a nos isolar. Marjorie retirou a mão da matriz, e me descobri sozinho, com frio, lutando contra espasmos de desejo, uma violência intensa turbilhonando em meu cérebro, fora de controle, o coração disparado, o sangue latejando na cabeça, a visão turva...

Beltran tocou de leve meu ombro; senti o tumulto se desvanecer, e com um tremor de dor consegui retirar minha percepção. Apressei-me em cobrir a matriz e levei a mão dolorida à testa. Saiu molhada.

— Pelos infernos de Zandru! — sussurrei.

Nunca, em nenhum momento dos três anos que passara em Arilinn, eu jamais conhecera tanta força. Kadarin, olhando para o helicóptero, pensativo, comentou:

— Poderíamos ter feito qualquer coisa com o aparelho.

— Exceto talvez controlá-lo.

— Mas a força existe, e quando aprendermos a controlá-la... — declarou Beltran. — Uma espaçonave. Qualquer coisa.

Rafe tocou de leve o pulso de Marjorie.

— Por um momento, pensei que você estivesse pegando fogo. Isso foi real, Lew?

Eu não tinha certeza se fora apenas uma ilusão, a maneira como gerações e gerações do povo da forja imaginaram sua deusa, a força que trazia metal das profundezas do solo para suas fogueiras

e forjas. Ou seria alguma força objetiva daquele estranho outro mundo, para o qual o telepata vai quando deixa seu corpo físico?

— Não sei, Rafe — respondi. — Qual foi a sua sensação, Marjorie?

— Vi o fogo. Pude até senti-lo, pelo menos um pouco, só que não me queimou. Mas senti que se perdesse o controle, mesmo que por um instante sequer, iria me queimar por dentro e... e assumir o comando, eu seria o fogo, para me projetar e... destruir tudo. Não estou explicando direito...

Então não fora apenas eu. Ela também sentira a ira mortífera, a ânsia de destruição. Eu ainda lutava contra os efeitos físicos posteriores, o leve tremor da adrenalina consumida. Se essas emoções tivessem de fato aflorado dentro de mim, eu não seria capacitado para aquele trabalho. Mas me examinando agora, com a disciplina adquirida no treinamento na Torre, não encontrei qualquer vestígio dessa emoção.

O que me inquietou. Se minhas emoções ocultas — uma raiva que eu não conhecia, o desejo reprimido por uma das mulheres, a hostilidade secreta contra um dos outros — se projetassem de minha mente para me consumir, então era um sinal de que eu perdera, sob pressão, a disciplina imposta na Torre. Mas tais emoções, sendo minhas, eu podia controlar. Se não eram minhas, se vinham de outra parte para nos dominar, todos corríamos perigo.

— Estou mais perturbado do que nunca com essa matriz — declarei. — A força existe, não se pode negar, mas tem sido usada como uma arma...

— E quer nos destruir — interveio Rafe, inesperadamente -, como a espada no conto de fadas; quando era empunhada, nunca voltava à bainha enquanto não tivesse sua quota de sangue.

— Muitos desses contos de fadas baseiam-se em histórias truncadas da Era do Caos — expliquei, muito sério. — Talvez Rafe esteja certo, e a matriz queira sangue e destruição.

Com uma expressão pensativa, Thyra indagou:

— Não é o que todos os homens querem, pelo menos um pouco? A história nos diz que sim. E isso se aplica tanto aos darkovanos quanto aos terráqueos.

Kadarin soltou uma risada.

— Você foi criado no Comyn, Lew, e por isso o perdooarei por ser supersticioso. — Ele passou por meus ombros e deu-me um abraço afetuoso. — Tenho mais fé na mente humana do que nas superstições do povo da forja.

Ainda nos encontrávamos ligados; senti outra vez a força que levantara um enorme peso de meus ombros. Deixei-me apoiar nele. Kadarin provavelmente tinha razão. Minha mente se povoara desde a infância com os velhos deuses e poderes. A ciência da mecânica da matriz fora formulada para nos livrar de tudo isso. Eu era um técnico competente; por que permitia que a imaginação prevalecesse?

— Vamos tentar de novo — acrescentou Kadarin. — Agora que sabemos que podemos controlá-la, é tudo uma questão de aprender como.

— Cabe sempre à Guardiã decidir isso — ressalttei. Perturbava-me que Marjorie ainda acatasse o meu comando.

Era natural, já que eu a treinara, mas ela devia aprender que a iniciativa lhe pertencia, que devia liderar, não obedecer.

Marjorie estendeu a mão para mim, formando a linha de força primária. Um a um, ela nos reuniu no círculo, cada um se ajustando em seu lugar, como se fôssemos batedores num campo de batalha. Desta vez senti que ela fazia contato também com Beltran, e o situava, a fim de que ele pudesse manter um vínculo logo além do círculo. Foi mais fácil transmitir a força agora... fogo acorrentado, eletricidade armazenada numa bateria, um cavalo de corrida sob controle... Vi o fogo se elevar em torno de Marjorie, mas desta vez pude perceber através das chamas. Não era genuíno, apenas uma maneira de visualizar uma força que não tinha realidade física.

Permanecemos ligados, mantendo em suspenso a força em vibração. Se os terráqueos não quiserem dar-nos o que precisamos e merecemos, podemos forçá-los; não precisamos ter suas bombas e raios. Eles pensam que somos bárbaros, armados com espadas e forcados?

Era claro agora: à medida que a forma de fogo se formava, eu podia ver uma mulher, uma deusa alta como o céu, vestida de chamas, projetando-se irrequieta para atacar.

...fogo chovendo sobre Caer Donn, destruindo a cidade, só deixando escombros, naves estelares caindo do céu como cometas...

Com toda a firmeza, Marjorie procurou o controle, como um desses cavaleiros nos espetáculos de equitação que controla quatro cavalos ao mesmo tempo, trazendo-nos de volta ao aeroporto físico. Tremeluzia ao nosso redor, mas estava ali. Os rotores do helicóptero recomeçaram a zumbir, a girar com o maior estrépito.

Precisamos de mais poder, mais força. Por um momento, vi com absoluta nitidez o rosto de meu pai, senti a forte linha de contato. Ele despertara meu dom; nunca estivéramos completamente fora de contato. Percebi o espanto, o medo que ele experimentou ao contato da matriz, quando foi atraído... E ele logo desapareceu. Nunca estivera ali. Depois, senti Thyra se projetar, com um contato firme, e atrair Kermiac para o círculo, como se estivesse fisicamente presente. Por um instante, o círculo expandiu-se com a força de Kermiac, ardendo com grande intensidade, e o helicóptero se ergueu do solo sem a menor dificuldade, pairou ali, os rotores girando com vigor. Vi, senti Kermiac entrar em colapso e se retirar. As linhas de força se tornaram irregulares... Kadarin e eu nos unimos, sustentando Marjorie, enquanto ela controlava as forças oscilantes, baixando, baixando... O helicóptero bateu no solo, com toda a força, e o barulho rompeu o vínculo. Uma dor imensa me dominou. Marjorie arriou, soluçando. Beltran agarrara Thyra pelos ombros e sacudia-a como um cachorro sacode um roedor. Estendeu o braço para trás e deu-lhe um tapa na cara. Senti — todos sentimos — a dor lancinante do golpe.

— Sua cadela insidiosa! Sua diaba! — berrou Beltran. — Como teve coragem, como ousou...

Kadarin segurou-o e afastou-o de Thyra pela força. Beltran continuou a se debater. Um terror frio me invadiu, e me projetei para Kermiac. Tio, eles o mataram? Depois de um momento, trêmulo de alívio, senti sua presença, um fio de vida, fraco, em colapso, mas ainda vivo. Vivo, graças a Deus!

Kadarin ainda continha Beltran, impedindo-o de agredir Thyra; acabou por derrubá-lo no chão, com a maior violência, e disse, furioso:

— Encoste a mão nela outra vez, Beltran, e juro que o matarei com minhas próprias mãos!

Ele mal parecia humano naquele momento. Marjorie chorava, tremia tanto que temi que pudesse cair desfalecida. Tratei de ampará-la. Thyra levou a mão ao rosto machucado e declarou, tentando assumir um ar de desafio:

— Tanta confusão por nada! Ele é mais forte do que qualquer um de nós!

Meu medo por Kermiac se transformara em raiva quase tão grande quanto a de Beltran. Como Thyra ousava fazer uma coisa dessas contra a vontade dele e contra o julgamento de Marjorie? Eu sabia que não podia confiar nela, uma cadela astuta e traiçoeira! Virei-me para ela, ainda amparando Marjorie com um dos braços; Thyra recuou, como se tivesse recebido um golpe. Isso me fez recuperar o controle dos sentidos. Bater numa mulher? Devagar, baixando a cabeça, cobri a matriz. Aquela raiva era nossa; e era tão perigosa quanto o que Thyra fizera.

Marjorie podia agora se manter de pé sozinha. Pus a matriz em sua mão e me aproximei de Thyra.

— Não vou machucá-la, criança. Mas o que deu em você para fazer uma coisa assim?

Uma das leis mais fortes de todos os telepatas era a de nunca se impor à vontade ou ao julgamento de outro. O desafio desapareceu do rosto de Thyra. Ela tateou com as pontas dos dedos a parte do rosto em que Beltran a esbofeteara.

— Juro que não sei, Lew — respondeu ela, quase num sussurro. — Senti que precisávamos de alguém, e no passado essa matriz conheceu os Aldarans, queria Kermiac... não, isso não faz sentido, não é mesmo? E senti que podia e devia, porque Marjorie não queria... Não pude me conter, observei-me a fazer e tive medo...

Ela começou a chorar, desamparada. Adiantei-me e tomei-a em meus braços, apertando-a contra mim, seu rosto molhado no meu ombro. Senti uma profunda ternura. Todos nos mostráramos impotentes diante daquela força. Minha própria emoção deveria ter-me alertado, mas me encontrava muito aflito para perceber o sinal de alarme. A sensação do corpo quente de Thyra em meus braços

deveria ter-me alertado também, àquela altura, mas deixei-a continuar assim, soluçando, por mais um ou dois minutos, antes de afagar seus ombros ternamente, enxugar suas lágrimas e virar-me para ajudar Beltran a se levantar. Ele ficou de pé, massageando o quadril. Soltei um suspiro e comentei:

— Sei como se sente, Beltran. Foi uma coisa perigosa para se fazer. Mas você também errou, ao perder o controle. Um técnico de matriz deve se controlar em todas as circunstâncias.

O desafio e o arrependimento entraram em conflito no rosto de Beltran. Ele procurou palavras adequadas. Eu deveria ter esperado que Beltran falasse — era responsável por todo aquele círculo -, mas me sentia fraco e cansado demais para ter paciência. Em vez de esperar, declarei bruscamente:

— É melhor verificar se o helicóptero sofreu algum dano ao cair.

— De dez centímetros de altura?

O tom de Beltran era desdenhoso agora. Isso também me perturbou, mas a exaustão era grande demais para me importar.

— Como achar melhor. O aparelho é seu. Se é esse o resultado de tê-lo no círculo, cuidarei para que fique bem afastado da próxima vez.

Virei-lhe as costas. Marjorie apoiava-se em Rafe. Parara de chorar, mas tinha os olhos e o nariz vermelhos. Por mais absurdo que possa parecer, amei-a ainda mais do que antes assim. Ela disse, a voz fraca e trêmula:

— Estou bem agora, Lew. Juro.

Baixei os olhos para o chão. Estava coberto por mais de dois dedos de neve. Sempre se perdia a noção do tempo dentro de uma matriz. Nevava cada vez mais forte, o céu escurecia. O tremor de minhas mãos foi um alerta, e declarei:

— Todos precisamos de comida e repouso. Corra na frente, Rafe, e peça aos criados que aprontem uma refeição.

Ouvi um barulho familiar por cima e levantei os olhos. O outro helicóptero deu uma volta e começou a descer. Beltran se afastava em sua direção. Ainda pensei em chamá-lo.... ele também se encontrava esgotado, precisava de comida e sono. Nesse momento,



porém, meu único pensamento foi o de deixá-lo sofrer um colapso. Seria bom para ele aprender que aquilo não era uma brincadeira! E fomos embora, ele ficou para trás.

Eu teria de apresentar um pedido de desculpas a Kermiac. Não importava que tivesse sido feito contra as minhas ordens. Era eu que operava a matriz. E fora eu quem treinara aquele círculo. Portanto, era responsável por tudo o que acontecia.

Tudo mesmo.

Tudo. Aldones, Senhor da Luz... tudo: Ruína e morte, uma cidade em chamas e caos, Marjorie...

Tratei de me desvencilhar do turbilhão de angústia e sofrimento, olhando para o caminho sereno, o céu escuro, a neve caindo gentilmente. Nada daquilo era real. Não passava de alucinação. Misericordiosa Avarra, se depois de três anos em Arilinn alguma matriz ainda podia levar-me a alucinações, estava numa situação crítica!

Os servos de Kermiac haviam preparado uma esplêndida refeição para nós, embora eu sentisse tanta fome que comeria apenas pão e leite com o mesmo apetite. Enquanto comia, a fraqueza foi diminuindo, mas a culpa vaga e indefinida persistiu. Marjorie. Ela fora queimada pelo fogo? Continuava a ter vontade de tocá-la, certificar-me de que ainda estava ali, viva, ilesa. Thyra comeu com as lágrimas escorrendo pelas faces, a equimose aos poucos inchando e escurecendo, até que ficou com o olho fechado. Beltran não apareceu, e imaginei que ele se encontrava com Kermiac. Mas não me importava com ele. Um tanto constrangida, Marjorie empurrou para o lado seu terceiro prato cheio de comida, murmurando:

— Sinto-me envergonhada de ser tão gulosa!

Fiz menção de tranquilizá-la, mas Kadarin se antecipou:

— Coma, criança, coma. Seus nervos estão exaustos, precisa da energia. Qual é o problema, Rafe? — O menino, inquieto, empurrava a comida de um lado para outro do prato. — Não comeu nada.

— Não posso, Bob. Minha cabeça dói. Não consigo engolir. Se tentar comer qualquer coisa, acho que vomitarei.

Kadarin fitou-me nos olhos e murmurou:

— Cuidarei dele. Sei o que fazer. Já passei por isso, quando tinha a sua idade.

Ele pegou Rafe no colo e carregou-o para fora da sala, como se fosse um bebê. Thyra se levantou e foi atrás. A sós com Marjorie, eu lhe disse:

— Você também deve descansar, depois de tudo o que aconteceu.

Ela respondeu num fio de voz:

— Tenho medo de ficar sozinha. Não me deixe, Lew.

Eu não tencionava mesmo deixá-la, enquanto não tivesse certeza de que estaria sã e salva. Uma Guardiã em treinamento passa por tensões que nenhum mecânico de matriz sofre, e eu me sentia responsável por Marjorie. Embora os distúrbios emocionais fossem bastante comuns quando as matrizes maiores eram sintonizadas pela primeira vez, explosões tão terríveis quanto a que ocorrera entre Beltran e Thyra não eram normais. Ainda bem. Não era de admirar que todos nós estivéssemos abalados.

Eu nunca vira antes o quarto de Marjorie. Era no alto de uma pequena torre, isolado, o acesso por uma escada em espiral, um quarto em forma de cunha, com enormes janelas. Com o tempo claro, devia oferecer uma vista espetacular das montanhas. Agora, estava escuro, a neve batia contra a janela, o vento zunia. Marjorie tirou as botas e foi ajoelhar-se junto da janela, olhando a tempestade.

— Foi uma sorte termos voltado a tempo. Há ocasiões em que a neve se acumula tão depressa que a pessoa pode se perder a cem passos de sua própria porta. Lew, Rafe vai ficar bom?

— Claro que vai. É apenas estresse, talvez um toque da doença do limiar. O acesso de Beltran agravou o problema, mas não vai durar muito.

A partir do momento em que um telepata adquiria pleno controle de sua matriz — e para fazer isso precisava dominar os canais nervosos —, as recorrências da doença do limiar não eram graves. Era provável que Rafe estivesse sentindo-se muito mal, mas

não ia durar. Marjorie encostou-se na janela, pressionando a têmpora contra o vidro frio.

— Minha cabeça dói.

— Beltran é um desgraçado! — exclamei, com uma violência que me surpreendeu.

— A culpa foi de Thyra, Lew, não dele.

— O que Thyra fez é responsabilidade de Thyra, mas Beltran também deve assumir a responsabilidade por perder o controle.

Minha mente voltou àquele estranho intervalo dentro da matriz

— e eu não tinha como saber se fora por alguns segundos ou horas

— quando sentira a presença de meu pai. Ocorreu-me especular se em qualquer das Torres, Hali, Arilinn ou Neskaya, haviam sentido o despertar daquela imensa matriz. Meu pai era um telepata extraordinário; servira em Arilinn sob a última das Guardiãs ao estilo antigo. Ele devia ter sentido o despertar de Sharra.

Saberia o que estávamos fazendo? Como se acompanhasse meus pensamentos, Marjorie perguntou:

— Lew, como é seu pai? Meu tutor sempre falou bem dele.

— Não quero falar de meu pai, Marjorie.

Mas minhas barreiras haviam sido rompidas, e aquela furiosa despedida aflorou em minha mente, com a mesma amargura. Ele se dispôs a me matar, afim de impor o que queria. Não se importava comigo mais do que... Marjorie interrompeu meus pensamentos, em voz baixa:

— Está enganado, Lew. Seu pai o amava. E continua a amá-lo. Não, não estou lendo seus pensamentos. Você... irradiava. E uma pessoa afetuosa, gentil. Para ser assim, deve ter sido amado. Muito amado.

Baixei a cabeça. Era verdade. Durante todos aqueles anos eu me sentira seguro no amor de meu pai, a tal ponto que ele nunca poderia sobreviver a uma mentira. Não para mim. Fôramos completamente abertos um para o outro. Mas, de certa forma, isso tornava tudo pior, ele me amar, e ainda assim me arriscar de uma forma tão impiedosa... Marjorie sussurrou:

— Conheço você, Lew. Não seria capaz de continuar a viver... o que poderia ser sem laran? Sem o pleno potencial de seu dom? Ele sabia que sua vida não valeria a pena sem isso. Cego, surdo, entrevado... e por isso ele assumiu o risco. Para se tornar o que ele sabia que você era.

Encostei a cabeça nos joelhos dela, cego de tanta dor. Marjorie me devolvera uma coisa que eu nunca soubera que havia perdido; restaurara a segurança do amor de meu pai. Não podia levantar a cabeça, não podia deixá-la ver meu rosto contorcido, perceber que eu chorava como uma criança. Mesmo assim, ela sabia. Suponho que essa foi a minha forma de ter um acesso. Thyra desobedecia a ordens, Rafe tinha a doença do limiar, Kadarin e Beltran se agrediam... e eu desatava a chorar como uma criança...

Depois de algum tempo, peguei a mão de Marjorie e beijei os dedos esguios. Ela parecia exausta, e murmurei:

— Você também precisa descansar, querida.

Sentia-me orgulhoso da habilidade com que ela assumira o controle. Marjorie foi recostar-se em seus travesseiros. Inclinei-me, como teria feito em Arilinn, e passei as pontas dos dedos de leve ao longo de seu corpo. Sem tocá-la, é claro, apenas sentindo os fluxos de energia, monitorando os centros nervosos. Ela ficou quieta, sorrindo ao contato que não era um contato. Senti que ainda se encontrava exaurida, a energia esgotada, mas tal estado não se prolongaria por muito tempo. Os canais estavam desobstruídos. Experimentei uma intensa satisfação por ela ter passado por aquele início difícil tão bem, tão ilesa.

Naquele momento, eu não sofria ativamente porque Marjorie me era proibida, até mesmo um simples beijo seria inconcebível. Sentia-me remotamente consciente de sua presença, mas sem qualquer elemento sexual. Era apenas um amor intenso, como eu jamais conhecera antes por qualquer pessoa viva. E não precisava falar a respeito. Sabia que ela o partilhava.

Se não pudesse fazer contato com a mente de Marjorie, acho que eu acabaria enlouquecendo de tanto desejá-la, de precisar dela com todos os meus nervos. Mas tínhamos aquele contato, e era

suficiente. Quase suficiente, e ainda contávamos com a promessa do resto.

Eu já sabia a resposta, mas queria dizer as palavras em voz alta.

— Quando isso acabar, Marjorie, você quer casar comigo?

Ela respondeu com uma simplicidade que me deixou comovido:

— Quero, sim. Mas o Comyn vai lhe dar permissão?

— Não pedirei. A esta altura, talvez o Comyn já tenha aprendido que não tem o direito de se intrometer na vida de todo mundo!

— Eu não gostaria de criar problemas para você, Lew. O casamento não significa tanto assim para mim.

— Mas significa para mim\ Acha que eu quero que os nossos filhos sejam bastardos? Quero que me sucedam em Armida, sem a luta que meu pai teve para me fazer seu herdeiro...

A risada de Marjorie foi adorável, mas ela logo voltou a ficar séria.

— Lew, Lew, não estou rindo de você, querido. Fico muito feliz por saber que significa tanto para você... não apenas me querer, mas se preocupar com tudo o que virá depois, nossos filhos, os filhos de nossos filhos, uma família a continuar pelo futuro. Minha resposta é sim, Lew. Quero ter seus filhos, e só lamento que tenhamos de esperar algum tempo para isso. Claro que casarei com você, se me quiser; no Comyn, se eles aceitarem; caso contrário, de qualquer maneira que pudermos, de qualquer maneira que você escolher.

Por um instante, num contato leve como uma pluma, ela encostou os lábios no dorso de minha mão.

Meu coração transbordava a tal ponto que não pude mais agüentar. Já desejara mulheres antes, mas nunca com aquela plenitude, muito além de qualquer desejo momentâneo, prolongando-se pelo futuro, por nossas vidas inteiras. O tempo tornou a sair de foco... e me descobri ajoelhado ao lado da cama de uma menina, talvez com cinco ou seis anos, o rosto no formato do coração, enormes olhos dourados, da mesma cor que os de

Marjorie... e senti um estranho espanto, uma dor na mão direita, consternado, dilacerado pela angústia...

— O que é, Lew? — sussurrou Marjorie.

— Um lampejo de precognição — respondi, voltando ao presente, abalado. — Vi... vi uma menina. Com os seus olhos.

Mas por que eu me sentira tão aturdido, tão agoniado? Tentei ver de novo, mas aqueles lampejos afloravam espontaneamente, nunca podiam ser invocados. Senti os pensamentos de Marjorie, que transbordavam de alegria: Tudo vai acabar bem então. Ficaremos juntos, como desejamos, veremos essa criança. Suas pálpebras se fecharam, na exaustão, e, ajoelhado ali, tornei a contemplar seu rosto. Ela pensou, sonolenta: Devemos ter um menino primeiro. Compreendi que ela vira o rosto da criança em minha mente. Marjorie sorriu de pura felicidade, os olhos fechados, sua mão apertou a minha.

— Não me deixe — murmurou ela, meio adormecida.

— Nunca. Durma agora, minha amada.

Estendi-me ao seu lado, segurando seus dedos, meu amor a envolvendo no sono. Depois de um momento, também adormeci, na mais profunda felicidade que já conhecera.

Ou que jamais conheceria.

Estava escuro quando acordei, a neve ainda batia contra as janelas. Kadarin se encontrava de pé ao lado da cama, segurando uma luz. Marjorie continuava num sono profundo. Seu olhar para ela era de extrema ternura, o que me fez gostar dele como nada mais poderia fazer.

E depois, por um instante, senti seu rosto se contrair, se contorcer em raiva... E a expressão logo desapareceu, Kadarin murmurou:

— Beltran pediu que você descesse. Deixe Margie dormir, se quiser. Ela está muito cansada.

Saí da cama. Ela se agitou, deixou escapar um breve ruído de protesto... Tive a impressão de que murmurara meu nome. Cobri-a gentilmente com um xale, peguei as botas na mão e deixei o quarto sem fazer barulho, sentindo que ela resvalava de volta ao sono profundo.

— Como está Rafe?

— Muito bem. Dei-lhe algumas gotas de kirian, obriguei-o a beber leite quente com mel e deixei-o adormecido. — Kadarin exibiu um sorriso triste e terno. — Procurei você em toda parte. Depois de todas as suas advertências, nunca imaginei... foi Thyra quem sugeriu que você podia estar com Marjorie. — Ele soltou uma risada. — Mas não esperava encontrá-lo na sua cama!

— Posso lhe assegurar...

— Em nome de todos os deuses obscenos das Cidades Secas, Lew, acha que isso tem alguma importância para mim? — Ele soltou outra risada. — E se quer saber, acredito que você é mesmo escrupuloso, continua de mãos e pés atados às suas superstições idiotas! Acho que você está exigindo demais da natureza humana... eu mesmo não confiaria em mim para deitar com uma mulher amada sem tocá-la... mas, se você gosta da auto-tortura, a escolha é sua. Como disse aquele homem das Cidades Secas a uma cralmac...

E ele se lançou ao relato de uma história longa, engraçada e muito obscena, que afastou minha mente da situação embaraçosa, como nada mais poderia fazer. Nem uma única palavra era apropriada para se repetir em companhia polida, mas era exatamente o que o momento exigia. Quando chegamos à pequena sala, com a lareira acesa, Kadarin indagou:

— Ouviu o helicóptero que pousou esta tarde?

Eu ainda ria das aventuras do morador das Cidades Secas, do espaçonauta e dos três não-humanos; a súbita solenidade em sua voz me trouxe de volta ao normal, com um sobressalto.

— Claro que sim. O que tem isso a ver comigo?

— Trouxe um hóspede especial. Beltran acha que você deve falar com ele. Disse-nos que se trata de um telepata catalisador, sem qualquer motivo para amar o Comyn, e Beltran enviou alguns homens para persuadi-lo...

Sentado num dos bancos de pedra perto do fogo, os cabelos escuros desgrehados, com muito frio e furioso, deparei com Danilo Syrtis. Beltran disse:

— Talvez você possa explicar que não tencionamos lhe causar mal algum, que ele não é um prisioneiro, mas sim um hóspede de honra.

Danilo tentava ostentar uma atitude de desafio, mas sua voz tremia, apesar de todo o esforço:

— Vocês me trouxeram para cá à força, com homens armados, e meu pai ficará doente de pavor! É assim que os homens das montanhas tratam seus hóspedes, sequestrando-os em infernais máquinas terráqueas?

Não parecia mais velho do que Rafe.

— Danilo... — murmurei.

Ele ficou boquiaberto e levantou-se de um pulo.

— Disseram-me que você estava aqui, mas pensei que era apenas mais uma mentira. — O rosto infantil se endureceu. — Foi por ordem sua que me seqüestraram? Por quanto tempo mais o Comyn vai me perseguir?

Sacudi a cabeça.

— Não foi uma ordem minha nem do Comyn. Até este momento, eu não tinha a menor idéia do seu paradeiro.

Danilo virou-se para Beltran, num triunfo infantil. Sua voz, ainda trêmula, soou estridente:

— Eu sabia que você mentia quando disse que Lew Alton ordenou que me trouxessem para cá...

Virei-me para Beltran, e disse, com raiva genuína:

— Eu lhe disse que Danilo podia ser persuadido a se juntar a nós! Considerou isso como uma autorização para seqüestrá-lo? — Estendi as mãos para o menino. — Perdoe-me, Dani. É verdade que falei de você e seu laran; sugeri que um dia poderiam procurá-lo e convencê-lo a se juntar ao que estamos fazendo.

Senti suas mãos geladas, de tanto medo, e me apressei em acrescentar:

— Não tenha medo. Juro por minha honra que ninguém lhe fará mal.

— Não tenho medo desta ralé — declarou ele, desdenhoso.

Vi Beltran estremecer. Ora, se ele queria comportar-se como algum Brynat Scarface ou Cyrillon des Trailles, devia esperar ser



chamado por nomes descorteses! Danilo acrescentou, a voz ainda tremendo:

— Meu pai é velho e fraco. Já sofreu com a minha desgraça. E agora me perder de novo... ele vai com certeza se lamentar até a morte!

Eu disse a Beltran:

— Seu tolo! Envie uma mensagem agora mesmo, pelo sistema de comunicações dos terráqueos, se for preciso, avisando que Danilo continua vivo e bem, e que alguém deve comunicar à sua família que está aqui, como um hóspede de honra! Quer ter um amigo e aliado ou um inimigo mortal?

Beltran teve a graça de parecer envergonhado.

— Não dei ordens para machucar ou assustar, nem a ele, nem a seu pai. Alguém o tratou com violência, meu rapaz?

— Não foi um convite polido, com toda a certeza, Lorde Aldaran. Tem o hábito de desarmar seus hóspedes de honra?

Tornei a interferir:

— Envie logo a mensagem, Beltran, e deixem-me conversar com ele a sós.

Beltran se retirou, e fui atizar o fogo, dando tempo a Danilo para recuperar o controle. Só depois de algum tempo é que indaguei:

— Diga-me a verdade, Danilo: você foi maltratado?

— Não, embora eles também não se mostrassem gentis. Viajamos por terra durante alguns dias, e depois embarcamos na máqui-na-do-céu. Não sei o seu nome...

O helicóptero. Eu o vira pousar. Sabia que deveria ter seguido Beltran. Se estivesse presente quando Danilo chegara... Ora, já estava feito.

— Um helicóptero é mais seguro na travessia dos picos e correntes de ar das Hellers do que qualquer avião, Danilo. Ficou muito assustado?

— Só um pouco, quando fomos obrigados a descer por causa do mau tempo. Acima de tudo, temi por meu pai.

— Ele vai receber a mensagem em breve. Já comeu alguma coisa?

— Ofereceram-me comida assim que desembarcamos.

Ele não disse que se sentia muito abalado e assustado para comer, mas foi o que presumi. Chamei um servo e ordenei:

— Peça a meu tio para me dispensar de sua mesa e avise que Lorde Beltran explicará tudo. Depois, mande trazerem comida para cá. — Tornei a me virar para Danilo. — Sou seu inimigo, Dani?

— Capitão, eu...

— Já deixei a Guarda. Não sou mais capitão. Para meu espanto, ele comentou:

— É uma pena. Era o único oficial de que todos gostavam. Não, Lew, você não é meu inimigo, e sempre pensei que seu pai fosse meu amigo. Foi Lorde Dyan... sabe o que aconteceu?

— Mais ou menos. Independentemente do que possa ter sido desta vez, sei muito bem que quando você sacou a adaga ele já fizera bastante provocação para uma dúzia de duelos em qualquer outro lugar. Não precisa me contar os detalhes desagradáveis. Conheço Dyan.

— Mas por que o Comandante...

— Eles foram crianças juntos. Aos olhos dele, Dyan não pode fazer nada errado. Não o defendo, mas você nunca fez alguma coisa que julgava errada só para proteger um amigo?

— Você fez, Lew?

Eu ainda tentava pensar numa resposta quando o jantar chegou. Servi Dani, mas descobri que não estava com fome, e fiquei mordiscando uma fruta, enquanto ele satisfazia seu apetite. Especulei se lhe haviam dado qualquer coisa para comer desde a sua captura. Claro que sim. Acontecia apenas que os rapazes de sua idade viviam famintos, e isso era tudo.

Enquanto ele dormia, preocupei-me com o que Marjorie pensaria ao despertar e se descobrir sozinha. Rafe já se recuperara ou eu deveria ir verificar pessoalmente? Kermiac sofrera efeitos perniciosos duradouros da precipitação de Thyra? Não aprovava o que Beltran fizera, mas compreendia por que ele se sentira tentado. Precisávamos tanto de alguém como Danilo que isso até me assustava.

Servi um copo de vinho a Danilo quando ele acabou de comer. Limitou-se a prová-lo, por cortesia, mas pelo menos agora se mostrava disposto outra vez a ser cortês. Tomei um gole do meu vinho e larguei o copo.

— Danilo, você sabe que tem laran. Também possui um dos mais raros e preciosos dons do Comyn, um dom que todos julgavam extinto. Se o Conselho do Comyn souber, fará todas as correções pela atitude estúpida e cruel de Dyan. Vão lhe oferecer qualquer coisa que quiser, até mesmo um lugar no Conselho do Comyn, o casamento com alguém como Linnell Aillard... basta você dizer para conseguir. Compareceu àquela reunião com os terráqueos. Está interessado no poder desse tipo? Se estiver, eles lhe vão oferecê-lo com a maior ansiedade. É isso o que você quer?

— Não sei. Nunca pensei a respeito. Depois do período no corpo de cadetes, esperava viver tranqüilo em casa, cuidando de meu pai, enquanto ele vivesse.

— E depois?

— Também não havia pensado sobre isso. Creio que imaginava que já seria adulto quando o momento chegasse, e saberia então o que queria.

Não pude conter um sorriso irônico. Aos quinze anos, eu também tinha certeza de que quando chegasse aos vinte minha vida já teria sido delineada em padrões simples.

— Não é assim que acontece quando se tem laran, Danilo. Entre outras coisas, você precisa de treinamento. Um telepata destreinado é uma ameaça a si mesmo e a todos os outros ao redor.

Ele fez uma careta de repulsa.

— Jamais desejei ser um técnico de matriz.

— Provavelmente não. É preciso ter certo temperamento. — Não podia imaginar Danilo numa Torre; eu, por outro lado, jamais quisera qualquer outra coisa. E ainda não queria. — Mesmo assim, deve aprender a controlar o que você é e os dons que possui. Muitos tele-patas destreinados acabam loucos.

— Neste caso, quer eu esteja ou não interessado no Conselho do Comyn, que opção me resta? O treinamento não pertence

exclusivamente ao Comyn, por intermédio das Torres? E podem me treinar para fazer o que quiserem.

— Isso é verdade nos Domínios. Ali, eles atraem todos os telepatas para seu serviço. Mas você ainda tem uma opção.

Passei a falar sobre o plano de Beltran e sobre o trabalho que iniciáramos. Ele escutou sem comentários até que acabei, e só então comentou:

— Portanto, parece que minha opção é aceitar subornos pelo uso de meu laran do Comyn... ou de Aldaran.

— Eu não poria nesses termos. Estamos convidando-o a se juntar a nós por sua livre e espontânea vontade. Se conseguirmos o que queremos, o Comyn não terá mais o poder de exigir que todos os telepatas fiquem a seu serviço ou se tornem presas da loucura. E seria o fim desse tipo de sede de poder que o deixou à mercê de um homem como Dyan.

Danilo ficou pensando a respeito, tomou outro gole de vinho e fez uma careta infantil.

— Parece que algo assim sempre vai acontecer a pessoas como eu, como nós. Alguém sempre vai nos subornar para usarmos os nossos dons em seu benefício, não no nosso.

Ele parecia muito jovem, muito amargo.

— Não é bem assim. Alguns podem ter uma opção agora. Depois que nos tornarmos parte legítima do Império Terráqueo...

— Nesse caso, Lew, imagino que o Império encontrará algum meio de nos usar. O Comyn comete erros, mas não sabe mais sobre nós e nosso mundo do que os terráqueos jamais conseguirão saber?

— Não sei. Está disposto a deixar que eles permaneçam no poder, controlando nossas vidas, pondo corruptos como Dyan no comando...

— Claro que não. Ninguém poderia querer isso. Mas se pessoas como você e eu... disse que eu poderia ter um lugar no Conselho, se quisesse... se pessoas como você e eu estivessem no Conselho, os pervertidos como Dyan não poderiam fazer o que bem quisessem, não é mesmo? Seu pai é um homem de bem, mas, como você mesmo disse, para ele Dyan não pode fazer nada errado. Mas

quando você sentar no Conselho, não vai se sentir assim, não é mesmo?

— O que eu quero é não ser obrigado a participar do Conselho, — respondi, com uma violência que não dava para disfarçar -, nem ter de fazer todas as outras coisas que o Comyn deseja de mim!

— Se homens de bem como você não querem se incomodar, Lew, então quem resta, exceto os maus, que nem deveriam participar das decisões?

Havia alguma verdade nas palavras de Danilo, mas insisti, veemente:

— Tenho outras habilidades, e acho que posso servir melhor a meu povo por outros meios. É o que estou tentando fazer agora, em benefício de todos os habitantes de Darkover. Não tento destruir o Comyn, Dani, apenas oferecer às pessoas mais de uma opção. Não acha que é uma ambição que vale a pena? Ele parecia desamparado.

— Não tenho condições de julgar. Ainda nem me acostumei a pensar em mim mesmo como um telepata. Não sei o que devo fazer.

Ele me fitou com aquele seu olhar estranho e confiante, que me fazia pensar, de certa forma, em meu irmão Marius. Se Marius estivesse agora em minha presença, dotado de laran, eu tentaria persuadi-lo a encarar Sharra? Senti um calafrio me percorrer a espinha e estremei, embora a sala estivesse quente.

— Mas pode confiar em mim, Dani?

— Eu bem que gostaria. Você nunca mentiu para mim, nunca tentou me prejudicar. Mas creio que não confiaria em nenhum dos Aldarans.

— Sua mente ainda é povoada pelos demônios da infância? Pensa que todos eles são renegados perversos só porque mantêm uma antiga divergência política com o Comyn? Você tem razões também para desconfiar do Comyn, Danilo.

— É verdade. Mas como posso confiar num homem que começa por me seqüestrar e deixar meu pai apavorado? Se ele me procurasse, explicasse o que desejava, e que você e ele juntos achavam que meu dom poderia ser útil, e depois pedisse a meu pai permissão para que eu o acompanhasse...

Dani tinha toda a razão. O que dera em Beltran para fazer uma coisa assim?

— Se ele tivesse me consultado, Dani, seria exatamente isso o que eu o aconselharia a fazer.

— Sei disso. Você é você. Mas, se Beltran não é o tipo de homem que age assim, como posso confiar nele?

— Ele é meu parente — murmurei, desolado. — O que espera que eu diga? Acho que a ansiedade prevaleceu sobre a razão de Beltran. E ele não o machucou, não é?

Dani ficou furioso.

— Está falando da mesma forma que disse que seu pai se comporta em relação a Lorde Dyan!

Não era a mesma coisa, eu sabia, mas não podia esperar que Danilo entendesse.

— Não pode examinar a situação além dos aspectos pessoais, Dani? Beltran errou, mas o que tentamos fazer é tão grande que talvez deixe as pessoas cegas para as questões menores. Pense no que ele planeja e perdoe-o. Ou prefere esperar... — Falei em tom incisivo, com alguma malícia, para que ele percebesse como sua posição parecia cínica. — ...que o Comyn apresente uma oferta melhor?

Ele corou, espicaçado até as profundezas. Eu não subestimara nem sua inteligência, nem sua sensibilidade. Ainda era um garoto, mas se tornaria um homem que valeria a pena conhecer, com a maior integridade e honra. Torci com todo o meu coração para que ele aceitasse ser nosso aliado.

— Precisamos de você, Danilo. O Comyn o expulsou em desgraça, injustamente. Que lealdade você lhe deve?

— Ao Comyn, nenhuma. Mas assumi um compromisso, empenhei meus serviços. Mesmo que eu quisesse fazer o que me pede, Lew... e não tenho certeza se sou capaz... não estaria livre.

— Como assim?

O rosto de Danilo manteve-se impassível, mas pude sentir a emoção por trás de suas palavras:

— Regis Hastur me procurou em Syrtis. Ele não sabia como ou por que, mas tinha certeza de que eu fora vítima de uma injustiça e

se comprometeu a repará-la.

— Estamos tentando reparar muitas injustiças, Dani, não apenas o seu caso.

— É possível. Mas nós dois prestamos um juramento, e empenhei minha espada e meus serviços por Regis. Sou o escudeiro dele, Lew. Portanto, se você quer minha ajuda, deve pedir o consentimento de Regis. Se ele permitir, então o ajudarei. Caso contrário, terei de cumprir meu juramento.

Fitei aquele rosto jovem e solene e compreendi que não havia mais nada que eu pudesse dizer para persuadi-lo. Senti uma raiva irracional de Regis por me frustrar nesse caso. Por um momento, tive de resistir a uma forte tentação. Podia fazer com que ele visse as coisas pelo meu ângulo...

Tratei de recuar, horrorizado e envergonhado por meus pensamentos. O primeiro compromisso que assumira em Arilinn fora o seguinte: nunca, mas nunca mesmo, me impor à vontade ou à consciência de outra pessoa, nem sequer para o seu próprio bem. Podia tentar persuadir. Podia suplicar. Podia usar a razão, a emoção, a lógica, a retórica. Podia até procurar Regis, pedir seu consentimento; ele também tinha motivos para se sentir descontente, para se rebelar contra a corrupção no Comyn. Além disso, porém, eu não podia ir. Em hipótese alguma. O mero fato de ter pensado a respeito já me deixava repugnado.

— Posso pedir a Regis que concorde com a sua ajuda, Dani. Ele é meu amigo também. Mas nunca o forçarei. Não sou Dyan Ardais.

Isso o fez sorrir.

— Nunca pensei que você fosse igual a Dyan, Lew. E, se Regis me der permissão, confiarei nele e em você. Mas até esse momento, Dom Lewis... — Ele usou o meu título formalmente, embora até então o tratamento fosse informal. — ...tenho sua autorização para partir, voltar à casa de meu pai?

Gesticulei para a neve, uma torrente branca fustigando as janelas, fragmentos de granizo caindo pela chaminé.

— Com este tempo, meu rapaz? Deixe-me pelo menos oferecer a hospitalidade do teto de meu parente, até que o tempo melhore.

Quando isso acontecer, terá uma escolta e companhia para deixar as montanhas. Não pode esperar que eu permita que parta a esmo pelas montanhas, à noite, em pleno inverno, com uma tempestade assim, não é mesmo?

Tornei a chamar um servo e ordenei que providenciasse aposentos apropriados para um hóspede, perto dos meus próprios aposentos. Antes de Danilo se retirar, dei-lhe um abraço de parente, que ele retribuiu com uma cordialidade infantil que me fez sentir melhor.

Mas ainda me sentia profundamente perturbado. E pretendia ter uma conversinha com Beltran antes de dormir!



## Capítulo Dezesseete

Regis cavalgava devagar, a cabeça baixa contra o vento forte. Disse a si mesmo que, se algum dia conseguisse sair daquelas montanhas, nunca mais qualquer outro lugar de Darkover lhe pareceria frio.

Poucos dias antes, parara numa aldeia e trocara sua égua por um dos pequenos e resistentes pôneis das montanhas. Sentia um pesar desesperado pela necessidade — a égua preta fora um presente de Kennard, e ele a amava -, mas aquele animal atraía menos atenção e tinha passos mais seguros nas trilhas perigosas. A pobre Melisande com certeza já teria morrido de frio ou quebrado uma perna nos caminhos íngremes.

A viagem fora um pesadelo interminável: um terreno cheio de penhascos e desconhecido, um frio intenso, abrigando-se à noite em estábulos ou cabanas de pastores abandonados, ou encolhendo-se sob o manto e sob um cobertor contra um paredão rochoso, aninhando-se no corpo do pônei. Tentava em geral evitar que alguém o visse, mas a intervalos de poucos dias parava numa aldeia, a fim de comprar comida e ração para o pônei. Despertava pouca curiosidade; concluíra que a vida nas montanhas devia ser tão difícil que as pessoas não tinham tempo para se mostrar curiosas por viajantes.

Em algumas ocasiões, quando temia ter-se perdido, tirava a matriz da bolsa e tentava, numa furiosa concentração, fixar sua atenção em Danilo. A matriz agia como um daqueles instrumentos terráqueos sobre os quais Kennard outrora lhe falara, orientando-se na direção de Danilo e de Aldaran, com insistente pressão subliminar.

A essa altura, ele já se sentia entorpecido pelo medo, e só a determinação o impelia para a frente, assim como a lembrança do compromisso que assumira com o pai de Danilo. Mas havia momentos em que viajava por um sonho escuro, perdendo a noção de Danilo e dos caminhos que percorria. Imagens turbilhonavam em sua mente, que parecia absorver as cenas e os pensamentos das

aldeias por que passava. A perspectiva de olhar de novo para a matriz deixava-o tão nauseado que já não tinha mais coragem de pegá-la. A doença do limiar outra vez. Javanne o advertira. Nas últimas aldeias, ele se limitara a perguntar o caminho para Aldaran.

Durante toda a manhã subira por uma longa encosta, que fora devastada por um incêndio há não muito tempo. Podia ver quilômetros de terreno ainda enegrecido, tocos se projetando sem folhas das ravinas. Em seu estado de hipersensibilidade, o cheiro de madeira queimada, cinzas e fuligem, que se elevava cada vez que o pônei descia um casco, trazia de volta o último verão que passara em Armida e seu primeiro serviço nas linhas de fogo, a noite em que o incêndio chegara tão perto do castelo que alguns prédios mais distantes haviam sido destruídos pelas chamas.

Naquela noite, ele e Lew comeram da mesma tigela, porque os suprimentos se tornavam cada vez mais escassos. Quando se deitaram, foram invadidos pelo cheiro de cinzas e de madeira queimada. Perto da meia-noite, alguma coisa o despertara, e vira Lew sentado, olhando para o clarão vermelho do incêndio.

E Regis soubera que Lew estava com medo. Entrara em contato com a mente de Lew e sentira: o medo, a dor das queimaduras, tudo. Podia sentir como se fosse em sua própria mente. E o medo de Lew doía tanto que Regis não fora capaz de suportar. Teria feito qualquer coisa para confortar Lew, para afastar sua mente da dor e do medo. Fora demais. Regis não conseguira se fechar, não conseguira suportar.

Mas esquecer. Obrigara-se a esquecer, até agora. Bloqueara a memória, até que mais tarde, ainda naquele ano, ao ser testado por laran em Nevarsin, nem se lembrara de outra coisa que não o incêndio.

E fora por isso, Regis compreendeu, que Lew se surpreendera quando lhe dissera que não tinha laran...

O pônei das montanhas cambaleou e acabou caindo. Regis se levantou, abalado mas ileso, pegou as rédeas e exortou o animal a se levantar também, gentilmente. Passou a mão pelas pernas do pônei. Não havia ossos fraturados, mas o animal se encolheu quando tocou no jarrete direito posterior. Estava mancando, e Regis

compreendeu que não poderia suportar O seu peso, pelo menos por algum tempo. Puxou-o pela trilha, atravessando o desfiladeiro. A descida era ainda mais íngreme, o chão escuro e lamacento, onde as chuvas recentes haviam encharcado os remanescentes do incêndio. O fedor em suas narinas era pior do que nunca, estimulando outra vez as lembranças do incêndio anterior e do medo partilhado. Regis não parava de indagar a si mesmo por que esquecera, por que se obrigara a esquecer.

O sol se achava oculto por trás de densas nuvens. Uns poucos flocos de neve começaram a cair, não muito intensos, mas incessantes, enquanto ele descia para o vale. Calculou que devia ser mais ou menos meio-dia. Sentia um pouco de fome, mas não o suficiente para parar e procurar alguma coisa em sua mochila.

Não comera muito ultimamente. Os aldeões haviam se mostrado generosos, muitas vezes se recusando a aceitar pagamento pela comida, que era saborosa, mas estranha. Às vezes lhe provocava náusea, por isso relutava em acionar esse reflexo de novo, ao mastigar e engolir alguma coisa. A fome era menos dolorosa.

Depois de algum tempo, Regis tirou um pouco de cereais da mochila para o pônei. A trilha agora era bastante usada; devia haver outra aldeia nas proximidades. Mas o silêncio era desconcertante. Nenhum cachorro latia, não se ouviam os gritos de aves ou bestas selvagens. Não havia outro som além de seus próprios passos e do ritmo irregular do pônei manco. E, muito acima, o uivo interminável do vento, passando pelos troncos secos da floresta morta.

Era solidão demais. Até mesmo a presença de um ou dois homens numa escolta seria bem-vinda agora, vozes comentando os pequenos riscos da trilha. Regis recordou as ocasiões em que circulara a cavalo, com Lew, pelas colinas em torno de Armida, caçando ou inspecionando os homens que cuidavam dos cavalos nas terras altas. E de repente, como se o pensamento aticasse sua mente, o rosto de Lew surgiu à sua frente, iluminado por uma claridade intensa... não um incêndio na floresta desta vez! Parecia arder num enorme clarão azul, que distorcia o espaço, dilacerava as entranhas — o clarão de uma matriz! O chão se sacudia e se

inclinava sob seus pés, e por um momento, enquanto largava as rédeas e levava as mãos aos olhos atormentados, viu uma forma imensa se delinear na parte interna das pálpebras, dentro de seu próprio cérebro.

...uma mulher, uma deusa dourada, vestida de chamas, uma coroa flamejante, em correntes de ouro, ardendo, reluzindo, consumindo...

E, depois, Regis perdeu a consciência. O pônei das montanhas deu a volta com todo o cuidado, focinhando inquieto seu cavaleiro desfalecido.

Foi o focinho do pônei que o despertou, algum tempo mais tarde. O céu escurecia, e nevava tanto que, ao se levantar, os músculos rígidos, uma cascata de neve se despreendeu de seu corpo. Um cheiro enjoativo indicava que vomitara enquanto estava desmaiado. Pelos infernos de Zandru, o que me aconteceu?

Tirou o cantil do alforje, limpou a boca e bebeu um pouco, mas ainda se sentia nauseado demais para engolir muito.

Nevava tanto agora que ele concluiu que precisava encontrar um abrigo sem demora. Fora treinado em Nevarsin a procurar abrigo nos lugares mais improváveis, até mesmo algumas moitas rasteiras serviriam, mas num caminho como aquele, tão usado, devia haver cabanas, estábulos, proteções mais adequadas nas proximidades. Não se enganara. Algumas dezenas de metros adiante, os contornos de um grande estábulo de pedra formavam um quadrado escuro contra o branco turbilhonante. As pedras se achavam enegrecidas pelo incêndio que devastara a região, uma parte do telhado ruíra, mas alguém substituíra a porta por algumas tábuas pregadas. O gelo e a neve da tempestade anterior se acumulavam na entrada, mas Regis sabia que nas montanhas as portas nunca eram trancadas, por causa de emergências assim. Depois de muito esforço, ele conseguiu abrir um espaço, por onde se esgueirou, puxando o pônei, para uma escuridão sinistra e malcheirosa. A estrutura era usada outrora como estábulo e depósito de forragem, e ainda havia alguns fardos esquecidos junto das paredes, com as marcas de roedores. O frio era intenso, mas pelo menos se livrara do vento. Tirou a sela do pônei, alimentou-o e prendeu-o com uma boa folga da corda no

fundo do estábulo. Depois, juntou um pouco da palha, estendeu seus cobertores por cima, deitou e mergulhou no sono... ou na inconsciência.

Aquele sono prolongado foi mais como um choque ou uma animação suspensa, em vez de um sono normal. Regis não podia saber que era a reação mental e física de um telepata em crise. Pareceu apenas que vagueara por eternidades — com toda a certeza por dias — em pesadelos inquietantes. Às vezes tinha a impressão de que saía de seu corpo dolorido e errava por um espaço cinzento e informe, gritando impotente, pois sabia que não tinha voz. Uma ou outra vez, aflorando a uma vaga semi-consciência, descobriu o rosto molhado e compreendeu que chorara no sono. O tempo desaparecia. Embrenhava-se pelo que sabia ser, vagamente, o passado ou o futuro: ora no dormitório em Nevarsin, onde a lembrança do frio, da solidão e da frustração o mantinha apartado, assustado, sem amigos; ora ao lado do fogo em Armida, depois se inclinando, junto com Lew e uma moça loura desconhecida, sobre a cama de uma criança aparentemente agonizante; e de novo caminhando por densas florestas, enquanto seres estranhos, de olhos vermelhos, espiavam atrás das árvores.

E se descobriu mais uma vez empenhado numa luta com facas, numa platibanda estreita, os seres de olhos vermelhos atacando-o, tentando jogá-lo lá de cima. Sentou na Câmara do Conselho e ouviu as argumentações dos terráqueos; na sala da Guarda do Castelo Comyn viu a espada de Danilo ser partida, com aquele som terrível de vidro estilhaçado. Contemplava com um senso de tragédia angustiante duas crianças pequenas, pálidas e sem vida, estendidas lado a lado, em seus caixões, mortas pela traição, tão pequenas, tão pequenas, e compreendeu que eram suas. Outra vez se encontrou na armaria, entorpecido e envergonhado, enquanto as mãos de Dyan percorriam seu corpo dolorido. No instante seguinte, Danilo e ele estavam parados na fonte da praça central em Thendara, só que Danilo era mais alto e barbudo, os dois bebiam de canecas de madeira e riam muito, enquanto moças jogavam grinaldas do festival das janelas por cima.

Não demorou muito para que ele passasse a filtrar essas percepções casuais de uma maneira mais crítica. Viu Lew e Danilo de pé junto de uma lareira, numa sala com um mosaico de aves brancas no chão, conversando muito compenetrados, e sentiu um ciúme insano. E depois parecia que Kennard gritava seu nome, nos espaços cinzentos, e pôde avistá-lo flutuando na semi-escuridão. Só que Kennard não era mais um entrevado, mas jovem e empertigado, e risonho como Regis mal podia recordar. Chamava-o com um crescente senso de urgência: Regis, Regis, onde você está? Não se esconda de mim! Precisamos encontrá-lo! Regis só foi capaz de deduzir que deixara a Guarda sem permissão, e o Comandante queria que fosse trazido de volta, a fim de sofrer a punição merecida. Sabia que podia tornar-se invisível ali, naqueles espaços cinzentos, e foi o que fez, correndo da voz, a toda velocidade, por uma planície cinzenta e informe, embora a essa altura tivesse plena consciência de que continuava deitado, semi-inconsciente, no estábulo-celeiro abandonado. E depois divisou Dyan nos espaços cinzentos, só que Dyan como um jovem de sua idade. De alguma forma, percebeu que naquele mundo cinzento, onde os corpos não vinham, apenas as mentes, cada pessoa aparecia como se via em sua própria mente. Assim, é claro que Kennard parecia jovem e saudável. Dyan dizia: Não posso descobri-lo, Kennard. Ele não está em parte alguma do mundo superior. Regis sentiu que ria por dentro e dizia: Estou aqui, mas não deixarei que me vejam. Kennard e Dyan ficaram juntos, de mãos dadas, e Regis sabia que o procuravam, com uma atenção redobrada. Os rostos e os corpos sumiram, eles se tornaram apenas olhos na planície cinzenta, procurando, procurando. Regis compreendeu que deveria deixar o mundo cinzento ou o encontrariam agora. Para onde podia ir? Não queria voltar! Avistou Danilo a distância, e os dois retornaram ao alojamento escuro — naquela noite! -, e ele se inclinava para o amigo, tocava-o, solícito, ansioso. E depois o sussurro tenso e terrível, o choque mais mental do que físico, ao ser empurrado: Chegue perto de mim outra vez, seu ombredin asqueroso, e torcerei seu pescoço...

Mas eu apenas tentava fazer contato, só queria ajudá-lo! Não é verdade? Não é verdade? E com um sobressalto ofegante Regis sentou no estábulo, plenamente desperto, olhando para a tênue claridade que entrava pelo telhado quebrado. Tremia da cabeça aos pés, o corpo doía como se tivesse levado uma surra. Estava totalmente consciente, porém, a mente lúcida. No outro lado do estábulo, o pônei batia com as patas no chão, irrequieto. Regis se levantou, devagar, especulando por quanto tempo permanecera ali.

Tempo demais. O pônei comera toda a forragem remanescente e escavara o solo, até onde podia, à procura de farelos.

Regis foi até a porta improvisada e abriu-a. Há muito que parara de nevar. O sol surgira, e a neve derretida do telhado escorria em filetes. Regis sentia uma sede imensa, mas como todos os cavaleiros pensou primeiro no pônei. Levou-o para fora e soltou-o; depois de um momento, o animal seguiu decidido para o fundo da construção. Regis acompanhou-o, e ali encontrou um poço, coberto contra a neve, com uma roldana ainda em funcionamento, um balde vazando. Deu água ao pônei, e só depois é que bebeu. Tremendo, tirou as roupas. Sentiu-se grato pelo rigorosa disciplina de Nevarsin, que agora lhe permitia se lavar com a água gelada do poço. As roupas rescendiam a suor e vômito; pegou uma muda limpa na mochila. Ainda tremendo, mas já se sentindo muito melhor, sentou ao lado do poço e comeu algumas frutas secas. Por mais frio que estivesse ali fora, o interior do prédio parecia impregnado de seus pesadelos, ressoando com as vozes que ouvira no delírio, se é que tudo fora mesmo um delírio. E o que mais podia ter sido?

Movimentando-se com lentidão, até ter certeza de que podia confiar em seu corpo, tornou a selar o pônei e recolheu seus pertences. Devia estar aproximando-se agora das terras de Aldaran, e não havia tempo a perder.

A neve abafara o cheiro de incêndio na floresta, o que o deixou satisfeito. Fazia apenas uma ou duas horas que viajava quando ouviu o barulho de cavalos se aproximando. Afastou-se para o lado do caminho, a fim de deixá-los passar. Em vez disso, eles o confrontaram, bloqueando a passagem, exigindo que dissesse seu nome e o que fazia ali.

— Sou Regis-Rafael Hastur, e estou a caminho do Castelo Aldaran.

— E eu sou o Legado Terráqueo de Port Chicago — disse o líder, um homem das montanhas, grande e moreno, numa voz afetada, zombando do sotaque casta de Regis. — Quem quer que você seja, vai mesmo para Aldaran, e mais depressa do que imagina.

Era mesmo mais perto do que Regis calculara; ao alcançar a crista da colina seguinte, ele avistou o castelo e mais além a cidade de Caer Donn, os prédios brancos terráqueos.

Agora que se encontrava à vista de Aldaran, seus antigos temores ressurgiram. Nenhum homem sabia — ou se alguém sabia, era o segredo mais bem guardado de Darkover — por que Aldaran fora exilado dos Sete Domínios.

Ora, eles não podiam ser tão ruins assim, refletiu Regis. Kennard casara com uma mulher do clã. E se outrora pertenciam aos Sete Domínios, deviam descender também da linhagem sagrada de Hastur e Cassilda. E por que um Hastur deveria sentir medo de gente de sua espécie? Ele se fez essa pergunta ao se aproximar dos enormes portões. Mesmo assim, ainda sentia medo.

Homens das montanhas, usando túnicas de couro de corte estranho, pegaram os cavalos. Um dos guardas levou Regis a uma sala, onde conversou por algum tempo com outro guarda, antes de anunciar:

— Vamos levá-lo a Lorde Aldaran. Mas se você não for quem alega, é melhor planejar o resto do dia na prisão. O velho lorde está doente, e não nos agrada a idéia de incomodá-lo com um impostor.

Conduziram-no por longos corredores e escadas de pedra, até parar diante de uma porta grande. Dava para ouvir vozes lá dentro, uma baixa e indistinta, a outra áspera, obviamente de um velho, num protesto irado:

— Pelos infernos de Zandru! Kirian na minha idade! Como se eu fosse um colegial... ora, está bem, está bem! Mas o que vocês estão fazendo é perigoso, se pode ter efeitos secundários como este, e quero saber mais... muito mais... antes de deixar que continuem!

Os guardas trocaram olhares por cima da cabeça de Regis; um deles bateu de leve na porta, e alguém deu a ordem para entrar.



Era uma câmara de pedra, grande, em arcadas, cinzenta com a claridade exterior. Na outra extremidade, um velho magro estava estendido numa cama alta, apoiado em muitos travesseiros. Lançou-lhes um olhar irado.

— Mas o que foi agora? O que aconteceu?

— Um intruso em nossas terras, Lorde Aldaran, talvez um espião dos Domínios.

— Ora, ele não passa de um menino! — exclamou o velho. — Venha até aqui, criança.

Os guardas empurraram Regis para a frente, e o velho focalizou-o, os olhos aguçados como os de um falcão. Depois ele sorriu, um sorriso divertido.

— Essa não! Nem preciso perguntar seu nome! Acho que nenhum homem jamais exibiu tanto sua linhagem no rosto! Você pode ser o filho de Rafael. Mas pensei que seu herdeiro ainda se encontrava numa sala de aula. Quem é você então, algum nedestro, ou talvez um bastardo do velho Danvan?

Regis ergueu o queixo.

— Sou Regis-Rafael Hastur de Hastur!

— Em nome de todos os infernos, o que veio fazer aqui, esgueirando-se pela fronteira, sozinho? O herdeiro de Hastur deveria ter chegado aos portões com uma escolta apropriada e pedido para me falar. Nunca me recusei a receber qualquer um que para cá venha em paz! Acha que isto ainda é uma fortaleza de bandidos?

Regis ficou constrangido, ainda mais porque sabia que o velho tinha razão.

— Meu lorde, pensei que podia haver uma guerra sem o meu conhecimento. Se há paz entre nós, o que fez com meu homem jurado?

— Eu, jovem Hastur? Não conheço nenhum homem seu. Quem é ele?

— Meu escudeiro e amigo, Danilo Syrtis. Foi seqüestrado por homens armados, nas colinas próximas de sua casa, por homens que exibiam o seu brasão, meu lorde.

Aldaran franziu o rosto. Olhou para o homem alto e magro, em roupas terráqueas, parado perto da cabeceira da cama.

— Bob, sabe alguma coisa a respeito? Você geralmente está a par das ações de Beltran. O que ele andou fazendo enquanto eu permanecia deitado aqui, doente?

O homem virou-se para Regis e disse:

— Danilo Syrtis está aqui e ileso, jovem Hastur. Os homens de Beltran apenas exageraram em suas ordens; foram instruídos a convidá-lo a vir até aqui, com toda a cortesia. E contávamos com a informação de que ele não sentia qualquer motivo para amar o Comyn; como poderíamos saber que ele era o seu homem jurado?

Regis sentiu um desdém silencioso. E por que deveríamos nos importar com isso? Mas as palavras de Kadarin eram polidas:

— Ele está ileso, é um hóspede de honra.

— Terei uma conversa com Beltran — declarou Kermiac de Aldaran. — Não é a primeira vez que seu entusiasmo o leva longe demais. Lamento muito, jovem Hastur. Não sabia que tínhamos um homem seu aqui. Kadarin, leve-o para seu amigo.

Era tão simples assim? Regis sentiu uma vaga apreensão.

— Não há necessidade de pressa — disse Kadarin. — Lew Alton conversou com o jovem Syrtis por horas, ontem à noite. Tenho certeza de que ele sabe agora que não é um prisioneiro. Não gostaria de falar primeiro com seu parente, Lorde Regis?

— Lew ainda está aqui? Claro que eu gostaria de vê-lo! Kermiac olhou para os trajes sujos da viagem de Regis e disse:

— Foi uma longa jornada para um rapaz da sua idade. Deve estar exausto. Permita-nos que o levemos antes a aposentos de hóspede, ofereçamos-lhe um banho, uma refeição...

As duas ofertas eram muito atraentes, mas Regis sacudiu a cabeça.

— Para ser sincero, não preciso de nada neste momento, pois ainda estou profundamente preocupado com meu amigo.

— Como quiser, meu rapaz. — Ele estendeu a mão encarquilhada, parecendo ter dificuldade para movimentá-la como desejava. — Ora, não vou chamar um rapaz de sua idade de lorde qualquer coisa! Isso é a metade do que está errado em nosso mundo!

Regis inclinou-se sobre a mão estendida, como teria feito cora o avô.

— Se o julguei mal, Lorde Aldaran, imploro o seu perdão. A ansiedade por Danilo é a minha desculpa.

— Acho que nós de Aldaran também lhe devemos desculpas, meu rapaz. Bob, mande Beltran vir falar comigo... imediatamente!

— Tio, ele está muito ocupado com...

— Não interessa se ele está ocupado ou não! Traga-o agora! E depressa! — Ele soltou a mão de Regis e acrescentou: — Tornarei a vê-lo em breve, meu rapaz. É meu hóspede, permaneça aqui em paz, seja bem-vindo.

Dispensado da presença de Aldaran, Kadarin o conduzindo pelos corredores do castelo, Regis sentiu-se mais confuso do que nunca. O que estava acontecendo ali? Fazia calor dentro do castelo, e ele desejou ter tirado seu manto de viagem; e de repente foi dominado pelo cansaço e fome. Não comia uma refeição quente nem dormi' numa cama por mais dias do que podia calcular, e durante a doença perdera por completo a contagem. Kadarin encaminhou-se pai uma sala pequena, informando:

— Creio que Lew está aqui com Beltran.

Regis piscou os olhos, atônito, ao ver, no primeiro momento, apenas o fogo aceso na lareira, o chão com o mosaico das aves brancas! Fantasias afloraram em sua cabeça. Danilo não se encontrava ali, como no sonho, mas Lew estava de pé diante do fogo, de costas para Regis. Olhava para uma mulher que tinha uma pequena harpa apoiada nos joelhos. Ela tocava e cantava. Regis já ouvira a canção em Nevarsin; era muito antiga, tinha uma dúzia de nomes e de melodias:

Como surgiu o sangue em sua mão direita,

Conte, irmão, conte, É o sangue do velho lobo cinzento, Que de trás de uma árvore espreitava.

A canção foi interrompida no meio de um acorde; Lew virou-se, deparou com Regis e demonstrou todo o seu espanto.

— Regis! — Ele se adiantou apressado para a porta. — O que está fazendo aqui?

Lew estendeu os braços, deu um abraço forte, segurou-o pelos ombros e acrescentou, incisivo:

— Se isso é mais uma das idéias de Beltran...

Regis empertigou-se. Tinha vontade de arriar nos braços de Lew, apoiar-se nele, dar vazão à fadiga e ao medo... mas não na presença daqueles estranhos.

— Vim até aqui à procura de Danilo. Javanne viu em seu cristal que ele fora levado por homens de Aldaran. Você teve alguma participação nisso?

— De jeito nenhum! — protestou Lew. — Quem você pensa que eu sou? Foi um equívoco, posso lhe assegurar, apenas um equívoco. Venha sentar, Regis. Parece cansado e doente. Bob, se ele foi maltratado, vou querer a cabeça de alguém por isso!

— Não foi, não — garantiu Kadarin. — Lorde Kermiac recebeu-o como um hóspede, e mandou-o ao seu encontro imediatamente.

Regis deixou que Lew o conduzisse para o banco ao lado do fogo. A mulher recomeçou a tocar a harpa, em acordes suaves. Outra mulher, esta muito jovem, com longos cabelos vermelhos, um rosto bonito e remoto, veio pegar seu manto, fitando-o nos olhos, com a maior ousadia. Nenhuma moça dos Domínios olharia para ele assim! Regis teve a constrangedora impressão de que ela sabia o que ele pensava e achava muito engraçado. Lew disse os nomes das mulheres, mas Regis não estava em condições de prestar atenção. Foi também apresentado a Beltran de Aldaran, que deixou a sala no instante seguinte. Regis desejou que os outros também se retirassem. Lew sentou ao seu lado e perguntou:

— Como decidiu fazer essa longa viagem sozinho? Apenas por Danilo?

— Fizemos um juramento, somos bredin — respondeu Regis. - Ele está mesmo ileso, e não é um prisioneiro?

— Danilo foi acomodado no luxo, é um hóspede de honra. Você poderá vê-lo no momento em que quiser.

— Não consigo entender, Lew. Você veio para cá numa missão do Comyn, mas o descubro envolvido nos assuntos deles. O que aconteceu?

Assim que suas mãos se tocaram, eles entraram em contato, e Regis descobriu-se a especular: Lew se tornem um traidor do Comyn? Em resposta, Lew disse calmamente:

— Não sou um traidor. Mas passei a acreditar que o serviço ao Comyn e o serviço a Darkover talvez não sejam a mesma coisa.

A mulher voltou a cantar, baixinho:

Nenhum logo espreita a esta hora,

Conte, irmão, conte! É o sangue de meu outro irmão, Que conosco sentava à mesa.

*Como pôde lutar contra seu sangue,*

*Conte, irmão, conte,*

*Os filhos de seu pai, os filhos de sua mãe,*

*Que em paz aqui habitavam com você.*

Lew ainda falava, pela canção:

— O Comyn tem sido injusto com uma freqüência grande demais. Danilo foi descartado como se fosse lixo, apenas porque ofendeu um homem iníquo e corrompido, que nunca deveria exercer qualquer poder. Danilo é um telepata catalisador. Sugeri que o trouxessem para cá... não tinha idéia de que o fariam pela força... e recrutassem seus serviços para uma lealdade maior. Achei que ele poderia servir a todo o nosso mundo, não apenas a um bando de aristocratas, doentios e loucos pelo poder, empenhados em se manter no comando a qualquer custo...

Os acordes tristes da harpa eram suaves, a voz da mulher, muito doce:

Ao banquete sentamos, lutamos de brincadeira,

Irmã, assim eu juro; Uma ira assassina me dominou a mão, E matei, para minha vergonha eterna.

— Mas já chega de conversa — declarou Lew. — Você está cansado da viagem, ansioso por Dani, e precisa repousar um pouco. Assim que se recuperar, quero informá-lo de tudo o que estamos fazendo aqui. Saberá então por que as pessoas leais a Darkover podem servir melhor a todos nós se desafiarem os poderes do Comyn.

Regis sentiu a sinceridade de Lew através do contato em sua mão, mas havia também alguma hesitação. Ele estendeu a mão pelo braço de Lew para tocar a tatuagem.

— Você também não tem certeza absoluta disso, Lew. Prestou um juramento, assumiu um compromisso com o Comyn.

Lew retirou a mão e comentou, amargurado:

— Juramento? Não, promessas foram feitas em meu nome, quando tinha cinco anos de idade. Mas conversaremos a respeito em outra ocasião. Se imaginou que Danilo era um prisioneiro, vai ficar mais tranqüilo ao encontrá-lo nos melhores aposentos de hóspedes, os únicos, eu acho, dignos de acolher um Hastur. Se ele é seu homem jurado, devem partilhar os mesmos aposentos.

Ele se virou, apresentando suas desculpas às mulheres. Em seu estado de extrema sensibilidade, Regis pôde sentir as emoções delas também: ressentimento intenso da mais velha, a cantora. A mais jovem parecia só prestar atenção a Lew. Regis não queria ser parte daqueles problemas complexos. Por isso, ficou contente quando saíram só os dois para o corredor.

— O que há com você, Regis? Está doente!

Regis tentou — mas sabia que não teria êxito — cortar o contato por completo. Tinha certeza de que Lew ficaria extremamente preocupado se lhe dissesse que sofrera um ataque da doença do limiar durante a viagem. Até mesmo Javanne tratara a questão como algo muito sério. Por algum motivo, ele queria evitar o assunto, e disse:

— Apenas me sinto exausto. Não estou acostumado a viajar pelas montanhas, e posso ter pego um resfriado.

Ele resistiu à solicitude de Lew. Podia sentir a ansiedade do parente a seu respeito, e isso o deixou irritado, por alguma razão desconhecida. Não era mais uma criança! Sentiu a perplexidade cora que Lew se retirou.

Ao chegarem à porta dupla toda lavrada, Lew parou, franzindo o rosto para o guarda postado ali.

— Está vigiando um hóspede, senhor?

— É mais uma proteção, Dom Lewis. Lorde Beltran ordenou que me mantivesse aqui para impedir que alguém o perturbe. Nem

todos são cordiais com as pessoas das terras baixas. — O guarda empurrou a porta. — Nem mesmo está trancada.

Lew entrou na frente e chamou:

— Danilo!

Regis, seguindo-o, correu os olhos pelo ambiente luxuoso e antiquado. Danilo veio de outro cômodo e estacou abruptamente. Regis sentiu um imenso alívio. Não conseguia falar. Lew sorriu.

— Como pode ver — comentou ele -, Dani está vivo, bem e ileso. Danilo sacudiu a cabeça, num gesto agressivo.

— Mandou que o capturassem também?

— Você é desconfiado demais, Dani — protestou Lew. — Pergunte a ele. Mandarei servos para cuidarem de vocês.

Ele tocou de leve o braço de Regis.

— Minha palavra de honra de que nada será feito contra a vontade de vocês, e poderão partir assim que estiverem em condições de viajar.

Uma pausa, e ele acrescentou, antes de sair e fechar a porta:

— Cuide bem dele, Dani.

## Capítulo Dezoito

(Narrativa de Lew Alton)

Quando voltei à sala, Thyra ainda tocava a harpa, e percebi que me ausentara por bem pouco tempo; e ela continuava a cantar a balada do proscrito enlouquecido.

E quando voltará outra vez para mim,

Conte, irmão, conte?

Quando o sol e a lua nascerem juntos no oeste,

E isso jamais acontecerá.

Devia ser uma canção muito antiga, e de outro mundo, pensei, pois falava de uma lua, em vez de quatro! Beltran já retornara, e olhava o fogo, parecendo furioso e distante. Devia ter recebido a censura que merecia de Kermiac. Antes disso, a doença do velho nos impedira de lhe contar o que Beltran fizera. Senti-me angustiado porque Beltran também o estava... não podia evitar, pois gostava dele, compreendia o que o impelira às ordens precipitadas. Mas o que ele fizera com Danilo era imperdoável, e ainda me deixava irritado.

E ele sabia disso. Sua voz, quando se virou para mim, era truculenta:

— Agora que já levou a criança para a cama...

— Não zombe do rapaz, primo. Ele é jovem, mas foi bastante homem para cruzar as Hellers sozinho. Eu não faria isso.

— Já ouvi tudo isso de meu pai. Ele só tinha elogios pela coragem e boas maneiras do rapaz. Não preciso ouvir de você também.

Ele tornou a me virar as costas. Não senti pena de Beltran naquele momento. Com sua ação, ele poderia ter-nos privado da amizade e ajuda de Danilo; e essa ajuda, como eu podia compreender agora, era a única coisa capaz de salvar o círculo. Se o laran de Beltran pudesse ser plenamente aberto, se com a ajuda de Danilo pudéssemos encontrar e despertar mais alguns telepatas latentes, havia uma possibilidade, por menor que fosse, de



controlarmos de alguma forma a matriz de Sharra. Sem isso, parecia algo impossível. Marjorie sorriu e comentou:

— Seu amigo não falou comigo, nem mesmo olhou para mim, mas mesmo assim eu gostaria de conhecê-lo.

— É um homem das terras baixas, amor, e acharia uma grosseria olhar para uma donzela. Mas ele é meu grande amigo.

Os lábios de Kadarin se contraíram numa expressão irônica.

— Mas não foi por você que ele atravessou as montanhas, e sim pelo jovem Syrtis.

— Vim para cá por minha livre e espontânea vontade, e Regis sabia disso. — Soltei uma risada divertida. — Pelos meus antepassados provavelmente inexistentes, Bob, acha que estou com ciúme? Não sou amante de rapazes, mas Regis foi entregue aos meus cuidados quando era pequeno, e me é mais caro do que meu próprio irmão.

Marjorie sorriu o seu sorriso irresistível e murmurou:

— Então eu também o amarei.

Thyra levantou os olhos e escarneceu, em meio aos acordes da harpa:

— Não se esqueça de que é uma Guardiã, Marjorie! Se um homem a tocar, vai desaparecer em fumaça ou qualquer coisa assim!

Um tremor gelado me sacudiu de repente. Marjorie, ardendo nas chamas de Sharra... Dei um passo na direção da lareira, arranquei a harpa das mãos de Thyra e depois me controlei, o corpo rígido. O que estivera prestes a fazer? Jogar a harpa para o outro lado da sala? Quebrá-la naquele rosto zombeteiro? Devagar, determinado, forçando os músculos contraídos a relaxarem, baixei a harpa e larguei-a no banco.

— Breda — murmurei, usando a palavra para irmã, não a comum, mas a íntima, que podia também significar querida -, tal zombaria é indigna de você. Se eu julgasse possível ou se a tivesse treinado desde o início, não acha que a escolheria, em vez de Marjorie? Não acha que eu teria preferido que Marjorie permanecesse livre?

Passei o braço por seus ombros. Por um momento, ela manteve uma atitude de desafio, fitando-me com fúria.

— Teria realmente confiado em mim para manter sua regra da castidade?

Fiquei chocado demais para responder de imediato. Só depois de algum tempo é que consegui falar:

— Breda, não é em você que não confio, mas no seu treinamento.

Ela permanecera rígida em meus braços; subitamente, arriou inerte contra meu peito, seus braços me enlaçaram pelo pescoço. Pensei que ela ia chorar. Tratei de acrescentar, ainda tremendo, com aquela mistura de raiva e ternura:

— E não faça gracejos sobre o fogo! Que Evanda tenha misericórdia, Thyra! Você nunca esteve em Arilinn, nunca viu o memorial, mas é uma cantora de baladas; nunca ouviu a história de Marelle Hastur? Não tenho voz para cantar, mas relatarei o que aconteceu, se precisar ser lembrada de que não se pode brincar com essas coisas!

Parei de falar, a voz trêmula. Kadarin interveio, muito calmo:

— Todos vimos Marjorie no fogo, mas foi apenas uma ilusão. Não se machucou, não é mesmo, Margie?

— Não. Nada me aconteceu. Por favor, Lew, pare com isso. Thyra não falava sério.

Marjorie tremia agora. Ansiei em tomá-la nos braços, mantê-la segura. Mas isso a levaria a um perigo maior do que qualquer outra coisa que eu pudesse fazer.

Fora um tolo ao abraçar Thyra.

Ela ainda se comprimia contra mim, quente, íntima, cheia de vitalidade. Tive vontade de empurrá-la para longe com a maior violência, mas ao mesmo tempo eu queria — e ela sabia disso, por Zandru, ela sabia disso! — o que poderia ter como algo normal de qualquer mulher do meu círculo que não fosse uma Guardiã. E que dissiparia a hostilidade e a tensão. Qualquer mulher treinada numa Torre perceberia o estado em que eu me encontrava e se sentiria responsável...

Forcei-me a permanecer calmo, a me desvencilhar dos braços de Thyra. Não era culpa de Thyra, assim como não era de Marjorie. Não era culpa de Thyra que Marjorie, e não ela própria, fosse

forçada a se tornar a Guardiã, por falta de outra qualquer. Não era Thyra que me excitava assim. Também não era culpa de Thyra não ter sido treinada nos costumes de um círculo de Torre, onde a intimidade e a percepção são mais profundas do que qualquer laço de sangue, mais profundas do que o amor, em que a necessidade de uma pessoa desperta a responsabilidade das outras.

Eu só podia impor as leis de um círculo de Torre àquele grupo na medida em que fosse necessário para sua própria segurança. Não podia pedir mais do que isso. Seus próprios vínculos eram muito anteriores ao meu advento. Thyra só sentia desprezo por Arilinn. E não era possível se interpor entre Thyra e Kadarin.

Gentilmente, a fim de não magoá-la com uma retirada abrupta, afastei-me dela. Beltran, olhando o fogo como se estivesse hipnotizado pelas chamas, disse em voz baixa:

— Marelle Hastur. Conheço a história. Era uma Guardiã em Arilinn que foi capturada por bandidos das montanhas nas Colinas Kilghard, estuprada e largada para morrer junto aos muros da cidade. Mas por orgulho ou medo da compaixão, ela ocultou o que lhe haviam feito e foi trabalhar nas telas de matriz, apesar da lei das Guardiães... E morreu, um cadáver enegrecido, como se tivesse sido atingida por um raio.

Marjorie estremeceu, e amaldiçoou Beltran. Por que ele tinha de contar essa história na presença de Marjorie? Parecia uma crueldade gratuita, uma atitude insólita da parte de Beltran.

Mas era verdade. E eu estivera prestes a contá-la a Thyra, assim como quase quebrara a harpa em sua cabeça. O que também era uma atitude insólita de minha parte.

Em nome de todos os Deuses, o que estava acontecendo conosco?

— Uma história falsa — protestou Kadarin, em tom ríspido. - Uma fraude para intimidar as Guardiãs, forçá-las a manter a virgindade, um bicho-papão para assustar as crianças!

Estendi a mão com a cicatriz.

— Bob, isto não é uma fraude!

— E também não acredito que tenha qualquer coisa a ver cora sua virgindade. — Ele riu e pôs a mão em meu ombro, num gesto

afetuoso. — Você está se entregando a pesadelos, Lew. Para a sua Marelle Hastur, eu cito Cleindori Aillard, parenta de seu próprio pai, que casou e gerou um filho, sem perder nada dos seus poderes como Guardiã. Já esqueceu que eles a mataram por guardar esse segredo? Basta isso para desmentir todas as bobagens supersticiosas sobre castidade.

Vi o rosto de Marjorie perder um pouco da tensão e me senti grato a Kadarin, embora não estivesse totalmente convencido. Trabalhávamos sem as salvaguardas elementares, e eu ainda não estava disposto a ignorar as precauções mais simples e antigas. Kadarin acrescentou:

— Se você e Marjorie se sentem mais seguros continuando apartados até que o trabalho seja concluído, a opção é de vocês. Mas não se deixem arrebatados por pesadelos. Marjorie tem o controle. Eu me sinto seguro com ela.

Ele se inclinou e beijou-a de leve na testa, um beijo sem paixão, mas afetuoso. Passando o outro braço por meus ombros, Kadarin puxou-me, sorrindo. Por um instante, pensei que ia beijar-me também, mas ele soltou uma risada.

— Estamos ambos muito velhos para isso — comentou Kadarin, sem escárnio.

Senti que nos encontrávamos todos unidos outra vez, sem qualquer vestígio da terrível violência e desarmonia que nos separara. Voltei a ter esperança. Thyra perguntou:

— Como está nosso pai, Beltran?

Eu tinha esquecido que Thyra também era filha de Kermiac.

— Muito fraco. Mas não se preocupe, irmãzinha. Ele sobreviverá a todos nós.

— Devo ir ajudá-lo, Beltran? — indaguei. — Tenho uma longa experiência de tratamento de choque por sobrecarga de matriz...

— E eu também tenho, Lew — disse Kadarin gentilmente, soltando-me. — Todo o conhecimento da tecnologia de matriz não está encerrado em Arilinn, bredu. Posso passar melhor sem dormir do que os jovens.

Eu sabia que deveria insistir, mas não tinha ânimo para enfrentar outra zombaria de Thyra sobre Arilinn. E era verdade que

Kermiac treinara técnicos de matriz naquelas montanhas antes do nascimento de qualquer um de nós. E meu cansaço me traiu. Balancei um pouco, e Kadarin me amparou.

— Vá descansar, Lew. Olhem, Rafe adormeceu no tapete. Thyra, chame alguém para carregá-lo até sua cama. E todos vocês vão se deitar agora!

— Está bem — disse Beltran. — Amanhã teremos muito trabalho. Já protelamos por tempo demais. Agora que contamos com um tele-pata catalisador...

— Talvez seja preciso muito tempo para persuadi-lo a confiar em você, Beltran — ressaltei. — E não pode usar a força contra ele. Sabe disso, não é?

Beltran se mostrou furioso.

— Não farei mal a um fio de cabelo daquela preciosa cabeça, parente. Mas é melhor que você seja muito bom na persuasão. Sem a ajuda dele, não sei o que faremos.

Eu também não sabia. Precisávamos muito de Danilo. Deixamos a sala em silêncio, todos bem sóbrios. Eu experimentava uma terrível sensação de peso em meu coração. Thyra acompanhou o corpulento servo que carregava Rafe para a cama. Kadarin e Beltran, eu sabia, iam verificar o estado de Kermiac. Eu deveria partilhar essa vigília. Amava o velho, e era responsável pela falta de controle momentânea que o abatera.

Já ia deixar Marjorie na base da escada para sua torre quando ela segurou minha mão.

— Por favor, Lew, fique comigo. Como fez na outra noite.

Fiz menção de concordar, mas uma coisa me ocorreu de repente.

Não confiava em mim mesmo.

Não sei se era pelo breve e desconcertante contato físico com Thyra ou pelo impacto tremendo da discussão, ou as antigas baladas... mas não confiava em mim mesmo!

Mesmo agora, precisei de toda a minha disciplina, adquirida com tanto esforço, para não tomá-la em meus braços, beijá-la com ardor, carregá-la pela escada até seu quarto, para a cama partilhada castamente...

Parei por aí. Mas mantínhamos um contato profundo; ela vira, sentira, partilhara a percepção. Marjorie corou, mas não desviou os olhos dos meus, e murmurou:

— Você disse que, ao trabalharmos juntos assim, nada de mal poderia me acontecer... que não haveria nenhum risco.

Balancei a cabeça, aturdido.

— Também não compreendo, Marjorie. Em circunstâncias normais, neste estágio... — Soltei uma risada, que nada tinha de divertida. — ...você e eu poderíamos deitar nus, e dormiríamos como irmãos ou bebês desmamados. Por todos os Deuses, pensa que eu não quero?

Agora ela desviou os olhos e sussurrou:

— Kadarin diz que é apenas uma superstição. Eu... eu arriscaria, se você quisesse, Lew. Se você precisa...

Senti-me envergonhado. Era mais disciplinado do que demonstrava agora. Respirei fundo e tirei as mãos do corrimão da escada.

— Não, minha querida. Talvez eu possa descobrir o que está errado... mas preciso ficar sozinho.

Ouvi sua súplica, não em voz alta, mas direto para a minha mente, direto para o meu coração: Não me deixe! Não vá, Lew, não... Rompi o contato bruscamente, cortando-a, excluindo-a. Doeu demais, mas sabia que se permitisse continuar mais um pouco não seria capaz de deixá-la, e sabia como terminaria. E a disciplina de Marjorie prevaleceu. Ela fechou os olhos e respirou fundo. Vi aquela estranha expressão de distância, retraimento e isolamento dominar suas feições. A expressão que Callina exibira na Noite do Festival. O olhar que eu vira tantas vezes em Janna, na minha última temporada em Arilinn. Ela também sabia que eu a amava, que a desejava. Doeu, mas também fiquei aliviado. Marjorie disse calmamente:

— Eu compreendo, Lew. Vá dormir, meu querido.

Ela se virou e começou a subir pela longa escada, e fui embora, meio cego de tanta dor.

Passei pela porta fechada da suíte em que Regis e Danilo haviam sido alojados. Sabia que deveria conversar com Regis. Ele

estava doente, exausto. Mas meu próprio sofrimento fez com que me abstinêsse. Regis deixara bem claro que não queria a minha atenção. Reunira-se com seu amigo; por que eu deveria incomodá-los agora? Ele dormiria, depois daquela extenuante viagem sozinho pelas Hellers.

Fui para o meu quarto e me joguei na cama, sem me dar o trabalho de tirar as roupas.

Havia algo errado. Profundamente errado.

Sentira uma vez antes uma interrupção como aquela, um vórtice de fúria, desejo, raiva, destruição, absorvendo todos nós. Não deveria ser assim. Não podia ser assim!

Normalmente, o trabalho com a matriz deixava as pessoas esgotadas, nada sobrava para qualquer emoção violenta. Acima de tudo, eu me acostumara ao fato de que nada restava para a sexualidade. Não era o que acontecia agora.

Eu ficara furioso com Thyra a princípio, não excitado. Sentira raiva quando ela escarnecera de Marjorie, mas de repente fora dominado por uma necessidade tão intensa que seria capaz de rasgar suas roupas e possuí-la ali mesmo, diante do fogo!

E Marjorie. Uma Guardiã. Eu não deveria sequer pensar a respeito dela dessa -maneira. Mas pensara. Ainda tremia de desejo. E ela queria que eu fosse para o seu quarto! Estaria chorando agora, sozinha, as lágrimas que fora orgulhosa demais para derramar na minha presença? Eu deveria ter arriscado? A sanidade, a prudência, o longo hábito, tudo me dizia que não; fizera a única coisa segura.

Olhei por um instante para a matriz coberta e senti um frêmito de percepção me percorrer os nervos. Isolada daquele jeito, deveria estar completamente inativa. Afinal, eu fora treinado em Arilinn, e qualquer telepata do primeiro ano aprende a isolar uma matriz. E quando isolo uma, ela permanece isolada! Devia estar sonhando, imaginando coisas. Andava vivendo pelos nervos, que agora se encontravam à flor da pele, hipersensíveis.

Aquela coisa era responsável por todos os nossos problemas. Eu gostaria de jogá-la pela janela; ou, melhor ainda, despachá-la num foguete terráqueo e deixar que exercesse sua iniquidade sobre a poeira cósmica! Desejei do fundo do coração que Beltran, a matriz

de Sharra, Kadarin e a velha Desideria, com toda a sua história do povo da forja, estivessem ardendo juntos, numa de suas próprias forjas.

Ainda concordava com o sonho de Beltran, mas, se interpondo entre nós e a realização desse sonho, surgia o pesadelo devastador de Sharra. Eu sabia, tinha certeza, com as raízes mais profundas do meu ser, de que não podia controlá-la, de que Marjorie não podia controlá-la, de que nada humano jamais conseguiria controlá-la. Despertáramos apenas a superfície da matriz. Se fosse atigada por completo, talvez nunca mais pudesse ser controlada, e amanhã eu diria isso a Beltran.

Com essa determinação, mergulhei num sono irrequieto.

Por um longo tempo, vagueei em pesadelos confusos pelos corredores do Castelo Comyn; sempre que encontrava alguém, a pessoa tinha o rosto velado ou o desviava em aversão e desdém. Javanne Hastur recusando-se a dançar comigo num baile de crianças. O velho Domenic di Asturien com as sobancelhas alteadas. Meu pai, projetando-se para mim ao longo de um vasto abismo. Callina Aillard, virando-se e deixando-me sozinho na varanda batida pela chuva. A impressão é de que vagueei por aqueles corredores durante horas, sem que nenhum rosto humano se virasse para mim, em preocupação ou compaixão.

E depois o sonho mudou. Eu me encontrava na varanda da Torre de Arilinn, contemplando o nascer do sol, com Janna Lindir ao meu lado. Fiquei um pouco surpreso ao vê-la. Retornara ao lugar em que fora feliz, em que fora aceito e amado, onde não havia qualquer nuvem em minha mente e coração. Mas pensara que meu círculo fora desfeito, dispersara-se, os outros voltando para suas casas, eu indo para a Guarda, onde me sentira desprezado, Janna casando... não, isso só podia ter sido um pesadelo! Ela se virou e pôs a mão sobre a minha, e experimentei uma profunda felicidade.

Só depois percebi que não era Janna, mas Callina Aillard, murmurando, zombeteira, "Sabe muito bem o que há de errado com você", escarnecendo de mim da barreira segura de sua posição de Guardiã, proibida, intocável... Enlouquecido por meu ímpeto de necessidade e fome, estendi os braços para Callina, arranquei os



véus de seu corpo, enquanto ela gritava e se debatia. Obriguei-a a deitar-se, chorando, nas pedras frias, montei por cima, nu, e no meio dos gritos desvairados de terror ela mudou, começou a pegar fogo, a arder, as chamas de Sharra nos engolfando, consumindo-nos num espasmo delirante de desejo e êxtase, terror e agonia...

Despertei sobressaltado, gritando, na mistura de terror e encantamento do sonho. A matriz de Sharra permanecia coberta e inativa. Mas não tive coragem de tornar a fechar os olhos naquela noite.

## Capítulo Dezenove

Depois que Lew se retirou, fechando a porta, foi Regis quem tomou a iniciativa, adiantando-se lentamente, como se andasse pelo meio da neve, para segurar os ombros de Dani num abraço de parente. Escutou a própria voz, rouca em seus ouvidos:

— Você está são e salvo. Está aqui e seguro.

Ele duvidara da palavra de Lew, embora o amigo nunca lhe tivesse dado qualquer motivo, em toda a sua vida, para duvidar. Que tipo de clima maligno havia ali?

— É verdade, são e salvo — murmurou Danilo, para depois soltar uma exclamação de consternação. — Mas está completamente encharcado, Lorde Regis!

Pela primeira vez, Regis percebeu o calor da lareira, as cortinas que bloqueavam as correntes de ar, depois das lufadas frias dos corredores. O próprio calor provocou um acesso de tremor, mas ele se forçou a perguntar:

— Os guardas... é de fato um prisioneiro aqui?

— Eles montam guarda para me proteger, pelo que dizem. Mas têm se mostrado bastante cordiais. Sente aqui, deixe-me tirar suas botas, pois está enregelado até os ossos!

Regis deixou-se levar para uma cadeira de braços, de um desenho tão antigo que até sentar ele não sabia direito o que era. Os pés saíram dormentes e gelados das botas. Sentia-se quase cansado demais para desatar a túnica; permaneceu arriado na cadeira, os braços pendentes, as pernas estendidas, e só depois de algum tempo, com grande esforço, é que levantou os dedos rígidos para os laços da túnica. Sabia que sua voz soou mais irritada do que pretendia quando protestou:

— Posso cuidar de mim sozinho, Dani. Você é meu escudeiro, não meu valete!

Danilo, ajoelhado diante do fogo, ajeitando as botas de Regis para secar, empertigou-se no mesmo instante, espicaçado, e disse, olhando para o fogo:

— Lorde Regis, sinto-me honrado em servi-lo por qualquer forma que puder.

Através do formalismo das palavras, Regis, outra vez aberto, sentiu algo mais, uma ressonância de desespero sem palavras: Ele não falava sério, ao aceitar meus serviços. Foi... foi apenas uma forma de expiação pelo que seu parente fez comigo...

Sem se deter a pensar, Regis saiu da cadeira e foi ajoelhar-se ao lado de Danilo, diante do fogo. Sua voz tremia, em parte por causa do frio, que ameaçava dilacerá-lo em tremores, em parte pela intensa percepção da mágoa de Danilo.

— Os Deuses são testemunhas de que falei sério! Acontece apenas que... que... — Subitamente, ele compreendeu qual era a coisa certa a dizer. — Lembra-se da repercussão quando esperei que alguém me servisse no alojamento!

Os olhos se encontraram e assim permaneceram. Regis não teve a menor idéia se o pensamento foi seu ou de Danilo: Éramos meninos naquele tempo. E agora... quanto tempo parece ter transcorrido! Mas foi apenas na estação passada! Regis teve a impressão de que olhavam para trás, como homens, ao longo de um profundo abismo da passagem do tempo, para uma infância partilhada. Para onde teria ido?

Com uma sensação de que lutava contra um cansaço insuportável — parecia que sentia esse cansaço por todo o tempo de que podia lembrar -, ele pegou as mãos de Danilo. Eram duras, calosas, reais, a única âncora firme num universo em transformação, em dissolução. Por um instante, ele sentiu que suas mãos passavam pelas de Danilo, como se não fossem sólidas. Piscou com força para focalizar, e avistou uma forma com um halo azul na sua frente. Podia ver através de Danilo agora, contemplar a parede além. Tentando focalizar, contra os pirilampos que enxameavam diante de seus olhos, Regis recordou a advertência de Javanne, resista, mexa-se, fale. Empenhou-se em forçar a voz pela garganta:

— Perdoe-me, Dani. Quem mais deveria me servir, se não meu homem jurado?

E no momento mesmo em que falava, sentiu, espantado, a extensão do alívio de Danilo: Minha família serviu aos Hastur por

gerações. Agora também me encontro no lugar a que pertencço.

Não! Não quero ser amo de nenhum homem!

Mas o protesto foi compreendido por ambos, não como uma rejeição pessoal, mas como a própria representação do que eles eram; a prestação do serviço por Danilo era um prazer e um alívio, e Regis sabia que devia não apenas aceitar, mas também aceitar de bom grado.

Mas de repente uma expressão estranha, assustada, estampou-se no rosto de Danilo. Sua boca se mexia, mas Regis não podia mais ouvi-lo, flutuava sem corpo numa escuridão faiscante. A base de seu crânio latejava com uma dor crescente. Ele se ouviu sussurrar:

— Estou... em suas mãos...

E depois o mundo se inclinou de lado, e ele sentiu que arriava nos braços de Danilo. Nunca soube como chegou lá, mas segundos depois, ao que parecia, sentiu uma dor lancinante em todo o seu corpo nu, e descobriu-se imerso até o queixo numa enorme tina com água fervente. Danilo, ajoelhado ao lado, esfregava seus pulsos, com uma ansiedade evidente. Sua cabeça parecia estar rachando, mas podia ver outra vez os objetos sólidos, e seu próprio corpo era tranqüilizadamente firme. Um servo pairava ao redor, com roupas limpas, tentando atrair a atenção de Danilo pelo tempo suficiente para obter sua aprovação.

Regis permaneceu inerte, observando, fraco demais para fazer outra coisa que não aceitar os cuidados dos dois homens. Notou que Danilo, de uma forma discreta, mantinha seu corpo entre a tina e o servo de Aldaran. Danilo logo dispensou o homem, murmurando baixinho:

— Não tenho confiança suficiente para deixá-lo a sós com qualquer um deles!

A princípio, a água parecera escaldante para seu corpo gelado; agora, ele percebeu que estava apenas morna, já devia ter sido despejada havia algum tempo, tudo indicava que era um banho preparado para Danilo antes de sua chegada. Danilo ainda se inclinava em sua direção, o rosto contraído em preocupação. Regis foi dominado por uma ansiedade tão insuportável que cortou o

prazer intenso e sensual da água morna relaxando seu corpo enregelado e rígido — onze noites em viagem, e não se aquecera direito uma única vez! — e tratou de se levantar, saiu da tina e pegou uma toalha para se enrolar. Danilo ajoelhou-se para enxugá-lo, informando:

— Mandei o servo buscar uma curandeira. Deve haver alguém assim por aqui. Regis, nunca vi antes alguém desmaiar desse jeito; seus olhos continuaram abertos, mas não podia me ver, nem ouvir...

— Doença do limiar. — Regis descreveu em poucas palavras o problema. — Sofri alguns ataques antes, mas creio que já passei pelo pior.

Pelo menos é o que espero, ele acrescentou para si mesmo, antes de dizer em voz alta:

— Duvido muito que a curandeira seja capaz de fazer alguma coisa para me ajudar. Dê-me isso. Posso me arrumar sozinho. — Com firmeza, ele tirou a toalha de Danilo. — Vá dizer à mulher que não precisa se incomodar, e descubra se há alguma coisa quente para beber.

Com óbvio ceticismo, Danilo retirou-se. Regis acabou de se enxugar e vestiu as roupas estranhas. As mãos tremiam tanto que teve dificuldade com os laços da túnica. O que há comigo, ele se perguntou, por que não quero a ajuda de Dani para me vestir? Ele olhou para suas mãos, chocado, como se pertencessem a outra pessoa. Eu não queria que ele me tocasse!

Até mesmo para Regis, isso parecia incongruente. Haviam convivido na rude intimidade do alojamento por meses. Haviam sido muito ligados, a ponto de um pensar os pensamentos do outro.

Mas aquilo era diferente.

De uma forma irresistível, sua mente foi atraída para a noite no alojamento em que estendera a mão para Danilo, dominado por um desejo quase frenético de partilhar seu sofrimento, o acesso de aversão e horror com que Danilo o repelira...

E depois, abalado, envergonhado e apavorado, Regis compreendeu o que o impelira àquele contato, e por que de repente se mostrava agora inibido com Danilo. A descoberta deixou-o imóvel,

os pés descalços sentindo o frio do chão de ladrilhos, através do tapete de pele de lobo.

Tocá-lo... não para confortar Dani, mas para atender à sua própria necessidade, solidão, desejo...

Ele se movimentou, deliberado, com medo de que a doença do limiar tornasse a dominá-lo se permanecesse imóvel por mais um instante. Ajoelhou-se no tapete, enfiou as meias forradas de pêlo até os joelhos e prendeu as tiras em laços intrincados. Na superfície de sua mente, refletia que as roupas de pêlo eram vitais ali nas montanhas. E proporcionavam uma sensação maravilhosa.

Mas, implacável, a lembrança que reprimira desde os doze anos se abriu como um ferimento sangrando; a lembrança com a qual perdera a consciência na trilha do norte: o rosto de Lew, iluminado pelo fogo, suas barreiras arriadas, no limite da exaustão, dor e medo.

E Regis partilhara tudo com ele, não houvera barreira entre os dois naquele momento. Absolutamente nenhuma. Regis soubera o que Lew queria, mas jamais pediria, era orgulhoso e tímido demais para pedir. Algo que Regis nunca sentira antes, que Lew pensava que ele era muito jovem para sentir ou compreender. Mas Regis soubera e partilhara.

E depois, talvez porque Lew nunca falasse a respeito, Regis sentira-se envergonhado demais para recordar. E nunca mais ousara abrir sua mente de novo. Por quê? Por quê? Por medo, por vergonha? Por... anseio?

Até que Danilo, sem sequer tentar, rompera a barricada.

E agora Regis sabia por que fora Dani quem conseguira rompê-la...

Ele não sabe, pensou Regis, e depois, com um orgulho espartano e desolado: Nunca deve saber.

Levantando, Regis tornou a sentir a dor lancinante na testa. Experimentou um momento terrível de apreensão. Como poderia ocultar? Dani também era um telepata!

Lew dissera que era como viver sem a pele. Pois sua pele fora arrancada, e se sentia duplamente nu. Fazendo um esforço para se controlar, Regis foi para o outro cômodo e verificou que suas botas

ainda não haviam secado. Por dentro, sentia-se frio e trêmulo, mas fisicamente estava aquecido e calmo.

Como poderia encarar Lew de novo, sabendo disso? Friamente, Regis disse a si mesmo para não bancar o tolo. Lew sempre soubera. Não era um covarde, não mentia para si mesmo! Lew lembrava, e por isso ficara atônito quando Regis lhe dissera que não tinha laran!

E Lew perguntara por que ele não suportava lembrar...

— Deveria ter ido direto para a cama, e eu lhe serviria o jantar ali — disse Danilo, por trás de Regis.

Assumindo com firmeza o controle de seu rosto, Regis virou-se. Danilo fitava-o com uma preocupação de amigo. Regis refletiu, sobressaltado, que Danilo nada sabia, ignorava a lembrança e a percepção que o haviam invadido nos poucos minutos em que permaneceram apartados. Ele disse em voz alta, tentando imprimir à voz um tom neutro e casual:

— Desmaiei antes de ter visto o resto da suíte. Não tenho a menor idéia de onde vou dormir.

— E eu tive dias sem nada para fazer além de explorar. Venha comigo que lhe mostrarei. Mandei o servo trazer o seu jantar para cá. O que acha de ficar alojado numa suíte real, depois do dormitório dos estudantes em Nevarsin?

Havia espaço suficiente para um regente e toda a sua comitiva naquela suíte de hóspedes: quartos enormes, aposentos para servos em abundância, uma enorme sala, até mesmo uma pequena câmara de audiências, octogonal, com um trono e bancos para os cortesãos. Era mais requintada do que a suíte do seu avô em Thendara. Danilo escolhera o quarto menor e menos requintado, mas ainda assim parecia o cômodo de um favorito real. Havia uma cama imensa sobre urna plataforma, em que caberia, pensou Regis, irreverente, um cidadão das Cidades Secas, com três de suas esposas e seis concubinas. O servo que ele vira antes esquentava os lençóis com uma panela quente de cabo comprido, o fogo estava aceso na lareira. Ele deixou Danilo ajudá-lo a se acomodar na cama e depois ajeitar uma bandeja com comida quente ao seu lado. Danilo dispensou o servo, anunciando em tom solene:

— É privilégio meu servir a meu lorde com minhas próprias mãos.

Regis teve vontade de rir das palavras solenes e formais, mas sabia que um simples sorriso magoaria Danilo. Manteve o controle, até que o servo se retirou, e depois disse:

— Espero que você não use esse tratamento formal de meu lorde durante todo o tempo, bredu.

Os olhos de Danilo demonstraram alívio.

— Só na presença de estranhos, Regis.

Ele levantou as tampas das tigelas de comida fumegante, subiu na cama e serviu a sopa quente de um jarro.

— A comida está boa, Regis. Tive de pedir sidra em vez de vinho no primeiro dia. Mas vejo que trouxeram as duas coisas esta noite, e a sidra está quente.

Regis tomou a sopa e a sidra quente, com o maior apetite; mas, embora fosse a sua primeira refeição quente em dias, encontrou a maior dificuldade para mastigar e engolir.

— E agora me conte como me descobriu aqui, Regis.

A mão de Regis subiu para a matriz na bolsa pendurada no pescoço. Danilo se encolheu.

— Pensei que tais coisas só eram usadas por técnicos, com salvaguardas apropriadas. Não é perigoso?

— Eu não conhecia outro meio para descobri-lo. Danilo fitou-o nos olhos, comovido.

— E assumiu esse risco por mim, bredu?

Regis se retirou deliberado do momento de emoção.

— Não quer ficar com esta última fatia de vitela, Dani? Não sinto fome... Estou aqui e vivo, não é? Mas creio que terei problemas com minha família; escapei de Gabriel e da escolta por um ardil. Deveria estar a caminho da Torre de Neskaya.

A diversão deu certo. Danilo perguntou, com alguma aversão:

— Vai se tornar um técnico de matriz, agora que sabem que possui laran?

— Deus me livre! Mas tenho de aprender a me resguardar. Danilo dera um longo salto mental.



— Foi por isso... por usar a matriz, destreinado... que vem sofrendo a doença do limiar?

— Não sei. É possível. Mas eu não podia fazer outra coisa.

— Eu deveria ter chamado Lew Alton, em vez da curandeira — disse Danilo. — Ele foi treinado numa Torre, saberia o que fazer.

Regis se arrepiou todo. Não queria enfrentar Lew, pelo menos por enquanto. Não antes de ordenar seus pensamentos.

— Não precisa incomodá-lo. Estou bem agora.

— Se você tem certeza... — murmurou Danilo, hesitante. — A essa altura, sem dúvida, ele está na cama com sua namorada, e não agradecerá se alguém o perturbasse, mas mesmo assim...

— Sua namorada?

— A filha-de-adoção de Aldaran. Os guardas se sentem solitários, e não têm outra coisa para fazer senão conversar. Achei que deveria saber de tudo o que pudesse sobre o que está acontecendo aqui. Os guardas dizem que Lew está perdidamente apaixonado por ela, e o velho Kermiac já pensa em arrumar o casamento.

Fazia sentido, pensou Regis. Lew nunca fora feliz nas terras baixas, era um solitário. Seria ótimo se tomasse uma esposa entre seus parentes das montanhas.

— Há vinho, se você quiser — informou Danilo.

Mas Regis sacudiu a cabeça. Poderia dormir melhor se tomasse o vinho, mas não ousava arriscar qualquer coisa que pudesse baixar suas barreiras. Pegou um punhado de nozes açucaradas e começou a comê-las.

— Agora, Dani, quero que me conte tudo o que sabe. O velho Kermiac não sabia por que o trouxeram para cá, e não tive a oportunidade de perguntar a Lew em particular.

Ele especulou de repente qual das mulheres junto da lareira seria a namorada de Lew. A moça de rosto inflexível, com a harpa? Ou a mais jovem, delicada e remota, vestida de azul?

— Mas você já deve saber de tudo, Regis... se não como poderia vir atrás de mim? Tentei... tentei me projetar para você com a mente, mas tive medo. Podia senti-los. E receei que eles usassem isso de alguma forma...

Regis sentiu que Danilo estava quase chorando, enquanto ele acrescentava:

— É terrível! O laran é terrível! Eu não o quero, Regis! Não o quero mesmo!

Sem pensar, Regis estendeu a mão para o pulso do amigo, mas se conteve. Não. De jeito nenhum. Nada de uma desculpa fácil para... tocá-lo. Mantendo a voz neutra, ele comentou:

— Parece que não temos opção, Dani. Veio para nós dois.

— É como... como um raio! Atinge as pessoas que não o querem, atinge-as ao acaso...

A voz de Danilo tremia. Regis se perguntou como alguém podia viver com isso.

— Também não o quero, agora que o tenho. Assim como também não quero ser um herdeiro do Comyn. — Ele suspirou. — Mas não temos opção. Ou, melhor, temos a opção de usá-lo da maneira errada... como Dyan... ou de o aceitarmos como homens, com toda a dignidade. — Regis sabia que não falava apenas do laran agora. — E o laran não pode ser tão terrível assim, pois me ajudou a encontrá-lo.

— E se eu o atraí para um perigo de morte...

— Já chega dessa conversa! — As palavras foram uma brusca censura; Danilo encolheu-se, como se tivesse sido esbofeteado, mas Regis sentiu que não podia suportar outra explosão emocional. - Lorde Kermiac me chamou de hóspede. Entre os habitantes das montanhas, é uma obrigação sagrada. Nenhum dos dois corre qualquer perigo.

— Talvez não do velho Kermiac. Mas Beltran quer usar meu laran para despertar outros telepatas... e o que fará com eles depois de despertá-los? O que quer que seja... — Danilo fitou Regis nos olhos ao sussurrar: — É uma coisa errada. Posso sentir, uma força me procurando, até no sono!

— Lew não participaria de qualquer iniciativa desonrosa, não é mesmo?

— Talvez não, se soubesse. Mas ele guarda um profundo ressentimento contra o Comyn, e assumiu um compromisso com Beltran. Foi o que ele próprio me contou.

Danilo passou a explicar o plano de Beltran para ressuscitar a antiga tecnologia de matriz, levando Darkover de uma cultura não-industrial e não-tecnológica para uma posição de poder no império galático. Enquanto ele falava em viagens pelas estrelas, os olhos de Regis brilharam, na recordação de seus sonhos. E se ele não precisasse abandonar seu mundo e sua herança para sair pelas estrelas, mas ainda pudesse servir ao seu povo, e ainda ser parte integrante de uma vasta cultura galática... parecia bom demais para ser verdade.

— Se tudo isso fosse possível, já teria sido realizado no auge do poder das Torres. Devem ter tentado.

— Não posso saber... — murmurou Danilo humildemente. -Não sou tão instruído quanto você, Regis.

E Regis sabia tão pouco!

— Não vamos tentar adivinhar o que eles estão fazendo. Esperaremos até amanhã e perguntaremos. — Regis bocejou, um gesto deliberado. — Não durmo numa cama há doze noites. Acho que vou experimentar esta.

Danilo já começava a se afastar com as canecas e tigelas; Regis chamou-o de volta.

— Espero que você não tenha a idéia tola de montar guarda enquanto eu durmo, nem de se deitar no chão diante de minha porta.

— Só se você quiser — respondeu Dani.

Mas ele parecia magoado, e Regis compreendeu, com sua nova sensibilidade indesejável, que era esse o desejo de Danilo. A imagem que o atormentara por dias ressurgiu agora, o irmão de Danilo protegendo seu pai com o próprio corpo. Dani estava realmente disposto a morrer por ele? O pensamento chocou-o, e ele disse, em tom um tanto brusco:

— Durma onde quiser, por favor, mas trate de dormir... e isso é uma ordem, Dani.

Ele não esperou para ver que lugar Danilo escolhia. Acomodou-se na cama enorme e mergulhou num poço insondável de sono.

A princípio, a exaustão cobrou seu tributo ao corpo dolorido e as emoções estressantes, sentia-se cansado demais para sonhar.

Depois, no entanto, passou a entrar e a sair de sonhos: o som de cascos de cavalos numa estrada, a galope... a sala de treinamento no Castelo Comyn, lutando contra Dyan, armado e vigoroso, Regis mal conseguindo levantar a espada de tanto cansaço... uma imensa forma estranha descendo, tocando o Castelo Aldaran com um dedo de fogo, as chamas elevando-se para o céu. A luz do fogo, Regis viu o rosto de Lew, dominado pelo terror, e se projetou para ele, com sensações e emoções estranhas, até então desconhecidas, mas a essa altura já sabia o que estava fazendo. Agora não era mais uma criança, seu corpo de criança reagindo meio inconsciente às carícias mais inocentes; agora sabia e aceitava tudo, e subitamente tinha Danilo em seus braços, e Danilo se debatia, tentava repeli-lo, em angústia e pavor. Regis, engolfado pela necessidade e por uma crueldade cega, apertava-o com mais e mais força, esforçando-se para mantê-lo ali, subjugá-lo, até que ofegou, gritou "Não! Não!", empurrou-o com toda a força e sentou na cama.

Estava sozinho, o fogo na lareira se reduzira a brasas. Ao pé da enorme cama, como uma sombra escura, Danilo dormia, enrolado num cobertor, de costas para ele. Regis ficou olhando para o jovem adormecido, incapaz de se livrar do horror do sonho, do choque de saber o que tentara fazer.

Não. Não tentara fazer. Desejara fazer. Sonhara em fazer. Havia uma diferença.

Ou não havia, para um telepata?

Uma ocasião, Kennard lhe dissera, muito sério, numa das poucas vezes em que falara de seus anos numa Torre:

— Sou um Alton; minha ira pode matar. Um pensamento assassino é, no meu caso, quase um assassinato. Um pensamento libidinoso é o equivalente psicológico ao estupro.

Regis se perguntou se era responsável até mesmo por seus sonhos. Algum dia ousaria dormir de novo?

Danilo agitou-se no sono, gemendo. Abruptamente, começou a ofegar, gritar e se debater. Murmurou em voz alta "Não! Por favor, não!", e desatou a chorar. Regis olhava horrorizado. Seu próprio sonho perturbara Dani! Dyan fazia contato com ele, mesmo no

sono... Não podia permitir que ele continuasse a chorar. Inclinou-se para a frente e disse gentilmente:

— Está tudo bem, Dani. Você estava dormindo.

Ainda meio adormecido, Danilo fez o sinal de salvaguarda das orações dos cristoforos. Devia ser confortador ter sua fé, pensou Regis. Os soluços abafados de Danilo dilaceravam Regis como garras. Não tinha como saber que em outro ponto do castelo, bem distante, Lew Alton também saía de um pesadelo, tremendo de culpa pelo mais terrível crime que ele podia imaginar; mas Regis se descobriu a especular que forma o pesadelo de Danilo teria assumido. Não se atrevia a perguntar, não se atrevia a arriscar a intimidade de confidências noturnas. Danilo já controlara seu choro agora, e perguntou:

— Não é... a doença do limiar outra vez?

— Não. Foi apenas um pesadelo. Desculpe tê-lo acordado.

— Este lugar amaldiçoado está cheio de pesadelos... — murmurou Danilo.

Regis sentiu-o projetar-se em busca de conforto, de contato. Mas se absteve. Depois de um longo tempo, ele percebeu que Danilo voltara a dormir. Continuou acordado, olhando para os remanescentes do fogo na lareira. O fogo que fora um devastador incêndio na floresta em sua infância conturbada, que se tornara a enorme presença de chamas. Sharra, das lendas. Em nome de todos os Deuses, o que estavam fazendo aqui em Aldaran? Havia algo fora de controle, perigoso.

O fogo era a resposta, ele sabia, não apenas porque a lembrança de um incêndio na floresta trouxera de volta a memória que sepultara, mas era ainda pior. Lew dera a impressão de que fazia algo perigoso. E tudo aquilo... aquele deslocamento da memória, aqueles pesadelos de crueldade e luxúria... alguma coisa terrível vinha acontecendo ali.

E Regis tinha Danilo para proteger. Viera a Aldaran para isso, e jurou de novo que cumpriria sua promessa.

Oprimido sob, o fardo insuportável do laran, conhecendo a culpa até mesmo por seus sonhos, sufocado ao peso do conhecimento que esquecera, Regis não teve coragem de voltar a

dormir. Em vez disso, pensou. O erro fora enviá-lo para Nevarsin, ele sabia. Em

qualquer outro lugar, poderia absorver. Sabia, racionalmente, que tudo o que lhe acontecera, o que estava acontecendo agora, não era suficiente para provocar um sentimento de culpa tão catastrófico, um ódio contra si mesmo tão profundo. Nem sequer se importara quando os outros cadetes pensavam que era o favorito de Dyan.

Mas isso fora antes de saber o que Dyan fizera...

A sombra de Dyan pairava sobre Regis. E com uma intensidade ainda maior sobre Danilo. Regis sabia que não suportaria se Dani passasse a pensar nele como pensava de Dyan... mesmo que Regis pensasse em si mesmo assim...

A mente pressionada a esse ponto, Regis compreendeu de repente que tinha uma opção. Diante do autoconhecimento insuportável, podia repetir o que fizera aos doze anos, e desta vez não haveria mais como romper a barreira. Podia esquecer de novo. Podia cortar o autoconhecimento indesejável e suprimir assim o laran intolerável.

Podia libertar-se de tudo aquilo, e agora ninguém mais conseguiria fazer contato. Ficar livre da herança e da responsabilidade. Se não tivesse laran, não haveria qualquer problema se deixasse o Comyn, saísse pelo Império e nunca mais voltasse. Até providenciara um herdeiro para tomar seu lugar. Já o fizera uma vez. Era possível fazer de novo. Poderia confrontar Danilo pela manhã sem o conhecimento da culpa, sem medo, encontrá-lo em absoluta inocência, como um amigo. Nunca mais precisaria temer que Danilo entrasse em contato com sua mente e descobrisse o que Regis sentia agora e que preferia morrer a revelar.

Fizera uma vez. E nem mesmo Lew fora capaz de romper a barreira.

A tentação era quase irresistível. A boca ressequida, Regis olhou para o amigo adormecido ao pé da cama. Ser livre outra vez, pensou ele, livre de tudo.

Mas aceitara o juramento de Danilo, como um Hastur. Aceitara seus serviços e seu amor.

Não era mais livre. Dissera isso sobre Danilo, e também se aplicava a ele. Não tinham opção, a força surgira neles, e só podiam abusar dela ou usá-la com honra.

Regis não sabia se seria capaz de usá-la com honra, mas tinha certeza de que tentaria. As galinhas não podiam retornar ao ovo.

De qualquer forma, só havia à frente um inferno.

## Capítulo Vinte

(Narrativa de Lew Alton)

Pouco depois da aurora, caí num cochilo irrequieto. Algum tempo mais tarde, fui despertado por um estranho clamor, mulheres gritando... não, gemendo, um som que eu só ouvira uma vez antes... na viagem pelas áreas remotas, numa casa em que ocorrera uma morte. Vesti-me apressado e saí para o corredor. Havia muita gente ali, servos correndo de um lado para outro, mas ninguém se dispôs a parar para responder às minhas perguntas. Encontrei Marjorie na base da pequena escada que descia de sua torre. Seu rosto era tão branco quanto o robe que usava.

— O que aconteceu, querida?

— Não sei, mas é o gemido da morte! — Ela estendeu a mão e obrigou uma mulher a parar. — Por que o lamento? O que aconteceu?

A mulher soltou um gemido.

— É o velho lorde, domna Marguerida, seu tutor, ele morreu durante a noite...

Assim que ouvi a notícia, compreendi que já esperava por isso. Fiquei abalado, desesperado. Mesmo em tão pouco tempo, passara a amar meu tio, e além da dor pessoal havia a consternação pelo que isso devia significar. Não apenas para o Domínio de Aldaran, mas também para todo Darkover. Seu reinado fora longo e sábio.

— Thyra... — sussurrou Marjorie. — Evanda tenha piedade de nós! O que ela vai fazer? Como viverá com isso? — Ela me apertou o braço, do pai de Thyra, Lew! Você sabia? Meu pai a assumiu, mas Thyra não era sua filha... e foi por sua culpa, pelo seu erro, que Kermiac morreu!

— Não, a culpa não foi dela — protestei gentilmente. — Foi de Sharra.

Eu já começara a acreditar agora que éramos todos impotentes diante de Sharra. Amanhã — não, hoje, quanto mais cedo, melhor — seria devolvida ao povo da forja. Desideria tinha razão: permanecia segura na guarda do povo da forja, nunca deveria ter saído de lá.



Hesitei, pensando no que Beltran diria. Mas Kadarin prometera a Desideria que acataria meu julgamento.

Primeiro, eu devia visitar a câmara mortuária, prestar a última homenagem a meu parente. Gemidos fúnebres vinham lá de dentro, abalando ainda mais os meus nervos já em frangalhos. Marjorie apertava meus dedos em desespero. Ao entrarmos na enorme câmara, ouvi a voz de Thyra, veemente, quase gritando:

— Parem com essa miação paga! Não vou admitir isto aqui!

Um pouco de mulheres interromperam os gemidos; as outras, desoladas, pararam só por um instante, e logo recomeçaram. A voz de Beltran soou como um grito ríspido:

— Você que o matou, Thyra, pode negar a meu pai o respeito devido?

Ela estava parada ao pé da cama, a cabeça inclinada para trás, numa atitude de desafio. Parecia no limite de sua resistência.

— Seu idiota supersticioso! Acredita mesmo que o espírito dele permaneceu aqui, para escutar os uivos sobre seu cadáver? É essa a sua idéia de um som de luto respeitoso?

Beltran disse, a voz um pouco mais gentil:

— Talvez mais respeitoso do que este tipo de briga que estamos tendo, irmã. — Ele parecia como se poderia esperar depois de uma longa noite de vigília e uma morte. Gesticulou para as mulheres. -Saíam, saíam. Terminem o seu lamento em outro lugar. Há muito que já passaram os dias em que as pessoas deviam ficar acordadas uivando para afugentar os demônios que se aproximavam do morto.

Kermiac fora preparado para o funeral, as mãos cruzadas sobre o peito, os olhos fechados. Marjorie fez o sinal cristoforo na testa do velho, depois na sua. Inclinou-se e comprimiu os lábios por um momento contra a testa fria, murmurando:

— Descanse em paz, meu lorde. Santo Portador dos Fardos, dê-nos a força para suportar nossa perda... .

Ela se afastou e foi para junto de Thyra, que chorava.

— Ele está além de todo perdão ou culpa, querida. Não se atormente assim. Cabe a nós arcar agora com as responsabilidades, pelos vivos. Venha comigo, querida. Vamos sair daqui.

Em soluços, Thyra deixou que a irmã a conduzisse para fora da câmara mortuária. Contemplei o rosto idoso de Kermiac, sereno na morte. Por um momento, tive a impressão de que era meu próprio pai que se encontrava estendido ali. Inclinei-me, beijei a testa fria, como Marjorie fizera, e disse a Beltran:

— Conheci-o por muito pouco tempo. Minha grande perda é não ter vindo para cá antes.

Abracei meu parente, face contra face, sentindo a sua dor se acrescentar à minha. Beltran virou-se, pálido e controlado, enquanto Regis entrava, com Danilo em sua esteira. Regis murmurou uma frase formal de condolências e estendeu a mão. Beltran inclinou-se sobre a mão estendida, mas não disse nada. O pesar ofuscara sua noção de cortesia? Deveria ter dado as boas-vindas a Regis, como seu hóspede; por algum motivo, senti-me apreensivo por causa disso. Danilo fez o sinal cristoforo sobre a testa do velho, como Marjorie, e sussurrou, eu acho, uma de suas orações, depois ofereceu uma reverência formal a Beltran.

Saí atrás dos dois. Regis parecia ter passado a noite em pesadelos, como me acontecera, e erguera todas as suas barreiras contra mim — uma atitude nova, inquietante.

— Ele era seu parente, Lew — disse Regis. — Lamento por seu pesar. E sei que meu avô o respeitava. É conveniente que haja alguém dos Hasturs presente para apresentar nossas condolências. Daqui por diante, as coisas serão diferentes nas montanhas.

Era o que eu também já pensara. A visão de Regis assumindo de uma forma quase automática o seu lugar como representante formal do Comyn era outro fato inquietante. Eu sabia que seu avô aprovaria, mas mesmo assim isso me surpreendeu.

— Ele me disse, Regis, pouco antes de sua morte, que esperava que um dia você e Beltran pudessem sentar juntos e planejar um futuro melhor para o nosso mundo.

Regis deu um sorriso frio.

— Essa função caberá ao Príncipe Derik. Os Hasturs não são mais reis.

Respondi com um sorriso cético.

— Mas continuam a ser os mais próximos do trono. Não tenho a menor dúvida de que Derik o escolherá para seu principal conselheiro, assim como os parentes dele escolheram seu avô para regente.

— Se você gosta de mim, Lew, não me deseje uma coroa — declarou Regis, com um arrepio de repulsa. — Mas já chega de política

por enquanto. Permanecerei para o funeral, é claro; não devo cortesias a Beltran, mas também não insultarei o leito de morte de seu pai.

Se a morte prematura de Kermiac adiava a partida imediata de Regis, devia também, por uma questão de decência, adiar meu ultimato a Beltran. Previa menos problemas, agora que ele tivera um gosto amargo dos perigos inerentes a Sharra. Kadarin podia mostrar-se menos suscetível, mas eu confiava em seu bom senso e na afeição que sentia por todos nós.

E, assim, durante todos aqueles dias de luto pelo velho lorde de Aldaran, nenhum de nós falou sobre Sharra ou sobre os planos de Beltran. À luz do dia, eu podia me resguardar contra a memória e o medo; só voltavam em sonhos apavorantes, que me dilaceravam com garras de tormento...

Os serviços fúnebres chegaram ao fim; os lordes das montanhas, que vieram prestar sua última homenagem ao morto e apresentar sua lealdade a Beltran, foram embora, um a um. Beltran se comportou com solene dignidade, aceitando os protestos de amizade e apoio, mas senti em todos aqueles homens das montanhas a certeza de que uma época terminara para sempre. Beltran também tinha consciência disso, e compreendi que servia para reforçar sua determinação de não seguir em paz o caminho percorrido por seu pai — dependente das realizações do pai e contando com a concordância dos outros apenas por respeito a Kermiac -, mas procurar o seu próprio lugar.

Éramos muito parecidos, e já conheci gêmeos que não tinham tanta semelhança. E, no entanto, éramos também diferentes. Eu não percebera antes que ele tinha também ambições pessoais. Perdera os últimos vestígios de ambição pessoal em Arilinn, ressentira-me

das tentativas de meu pai de despertá-la em mim, na Guarda. Sentia-me agora profundamente perturbado. Beltran aceitaria o abandono de seus planos sem protestar? Seria preciso usar toda a minha persuasão, todo o meu tato, para convencê-lo a enveredar por um curso menos perigoso para o nosso mundo. De alguma forma, eu devia deixar bem claro para Beltran que ainda partilhava seus sonhos, que trabalharia por seus objetivos e o ajudaria ao máximo, embora tivesse renunciado de forma irrevogável aos meios que ele e Kadarin haviam escolhido.

Depois que os lordes das montanhas partiram, Beltran pediu cortesmente a Regis e a Danilo que ficassem por mais alguns dias. Eu não esperava que nenhum dos dois concordasse e já me dispunha a tentar persuadi-los; para minha surpresa, no entanto, Regis aceitou o convite. Talvez não fosse tão surpreendente assim. Ele parecia muito doente. Eu deveria ter conversado com ele, tentar descobrir o que o afligia. Mas sempre que procurava uma conversa a sós, Regis me repelia, desviando a conversa para assuntos irrelevantes. Não entendia o motivo. Quando criança, ele me amava; considerava-me um traidor ou seria um problema mais pessoal?

Era esse o estado em que eu me encontrava quando nos reunimos naquela manhã, na pequena sala com lareira em que trabalháramos juntos tantas vezes. Beltran exibia as marcas da tensão e sofrimento, parecia mais velho também, sob o peso da nova responsabilidade. Thyra estava pálida e controlada, mas eu sabia que aquele controle só fora adquirido com muito esforço. Kadarin também — se mostrava desolado. Rafe, embora abalado, sofrera menos; seu pesar era apenas o de uma criança que perdera seu gentil tutor. Era muito jovem para perceber as implicações mais profundas.

Marjorie mantinha uma atitude remota, cada vez mais acentuada nos últimos dias, o isolamento típico de cada Guardiã. Por trás, porém, senti uma inquietação enorme. Beltran era agora o seu tutor. Se ele e eu brigássemos, o futuro para nós não seria dos mais agradáveis.

Eram meus parentes. Juntos, construíramos um lindo sonho. Confrangia-me ser a pessoa que deveria destruí-lo.

Mas, quando Danilo e Regis foram introduzidos na sala, de modo cerimonioso, tornei a experimentar um vislumbre de esperança. Talvez, talvez, se eu os pudesse persuadir a nos ajudar, ainda houvesse um meio de salvar o sonho!

Beltran começou com extrema cortesia, apresentando desculpas formais a Danilo pela maneira como seus homens haviam exorbitado as ordens recebidas. Se as palavras tinham mais diplomacia do que um arrependimento sincero, creio que só o mais forte dos telepatas poderia notar a diferença. Ele concluiu com as seguintes palavras:

— Deixem que o **Ilm** por que me empenho tanto supere as considerações pessoais. Aproxima-se o dia para Darkover em que os homens das montanhas e dos Domínios deverão esquecer suas divergências antigas e trabalhar juntos pelo bem de nosso mundo.

Não podemos concordar pelo menos, Regis Hastur, que você e eu falemos juntos por um mundo só, um mundo que nossos pais e avôs deveriam ter mantido unido, em vez de separado?

Regis fez uma reverência formal. Observei que ele voltara a usar suas próprias roupas.

— Para o seu bem, Lorde Beltran, eu gostaria de ser mais versado nas artes da diplomacia, a fim de poder representar os Hasturs de uma forma mais adequada. Nas circunstâncias atuais, só posso falar por mim, como um cidadão individual. Espero que a longa paz entre o Comyn e Aldaran possa se prolongar por nossas vidas e muito além.

— E que não seja uma paz sob o domínio dos terráqueos — acrescentou Beltran.

Regis limitou-se a fazer outra reverência e não disse nada. Kadarin interveio, com um sorriso triste:

— Vejo que já é hábil, Lorde Regis, na maior das artes do Comyn, que é a de não dizer nada em palavras agradáveis. Já chega desses floreios. Beltran, conte a eles o que pretende fazer.

Beltran tornou a descrever seus planos para tornar Darkover independente, auto-suficiente, capaz de viajar pelas estrelas. Escutei com toda a atenção, caindo pela última vez sob o encantamento desse sonho. Desejei — e todos os deuses que já existiram sabem

quanto desejei — que seus planos pudessem dar certo. E eram viáveis. Se Danilo pudesse ajudar-nos a encontrar telepatas em quantidade suficiente, se os poderes latentes do próprio Beltran pudessem ser despertados... Se, se, se! E, acima de tudo, se tivéssemos outra fonte de poder que não a incontrolável Sharra...

Beltran encerrou o discurso, e compreendi que nossos pensamentos, pelo menos naquele momento, seguiam o mesmo curso:

— Chegamos a um ponto em que estamos dependendo da sua ajuda, Danilo. Você é um telepata catalisador, o mais raro de todos os dons psíquicos, e, se ingressar em nosso serviço, as possibilidades de sucesso serão muito maiores. Não é preciso dizer que será recompensado muito além de seus sonhos. Vai ou não nos ajudar?

Danilo confrontou o sorriso insinuante com o rosto franzido em perplexidade.

— Se o que está fazendo é tão justo e certo, Lorde Aldaran, por que recorreu à violência? Por que não me procurou para explicar tudo e solicitar minha ajuda?

— Ora, não pode me perdoar por isso? — indagou Beltran, num tom jovial.

— Claro que o perdôo, senhor. E até me sinto um pouco grato. Se não fosse assim, eu poderia ser levado a fazer o que me pede, sem pensar direito a respeito. Agora, não tenho tanta certeza. Tive experiências demais com pessoas que falam lindas palavras, mas são capazes de fazer qualquer coisa que considerem justificada para alcançar o que desejam. Se sua causa é tão boa quanto diz, acho que qualquer telepata teria o maior prazer em ajudá-lo. Se isso me for garantido por alguém em quem eu possa confiar, e se meu lorde me conceder permissão... — Ele se virou e fez uma reverência formal para Regis. — ...então me porei à sua disposição. Mas preciso ter plena segurança de que seus motivos e seus métodos são tão bons quanto diz... — Ele fitou Beltran nos olhos, e soltei uma exclamação em voz alta por sua audácia. — ...e não apenas belas palavras para encobrir uma sede de poder e ambição pessoal.

Beltran ficou vermelho como um peru. Não estava acostumado a ser contestado, e receber uma lição de ética daquele rapaz insignificante e miserável era mais do que podia suportar. Pensei por um momento que ele ia agredir Danilo. É bem provável que se tenha lembrado de que Danilo era o único telepata catalisador crescido e com seu dom ativo, pois se controlou, embora desse para perceber os sinais da ira interior, e perguntou:

— Você confiaria no julgamento de Lew Alton?

— Não tenho motivos para não confiar, mas...

Danilo virou-se para Regis. Compreendi que ele chegara ao fim do seu desafio. Regis estava tão assustado quanto Danilo, mas igualmente determinado, e declarou:

— Não confiarei no julgamento de homem nenhum enquanto não ouvir o que ele tem a dizer.

Kadarin interveio bruscamente:

— Vocês dois, ainda jovens, que nada sabem sobre a mecânica de matriz, têm a pretensão de julgar um telepata treinado em Arilinn, sobre questões de sua competência?

Regis lançou-me um olhar suplicante. Depois de uma longa pausa, durante a qual quase pude senti-lo procurando palavras certas, ele disse:

— Julgar sua competência... não. Julgar se eu posso apoiar em sua consciência seus... seus meios e motivos... para isso, só devo confiar no meu próprio julgamento. Escutarei o que ele tem a dizer.

— Pois então diga a eles, Lew — pediu Beltran -, que devemos fazer isso se queremos que Darkover sobreviva como um mundo independente, não como uma colônia escrava do Império!

Todos os olhos fixaram-se em mim. Era o momento da verdade, e um momento de grande tentação. Abri a boca para falar. O futuro de Darkover era uma causa que justificava todas as coisas, e precisávamos de Dani.

Mas eu servia a Darkover ou a meus próprios fins particulares? Diante do rapaz cuja carreira fora arruinada por um abuso do poder, descobri que não podia mentir. Não podia dar a Danilo a garantia que seria necessária para recrutar sua ajuda e, depois, tentar

freneticamente encontrar algum meio de converter a mentira em verdade.

— Beltran, seus objetivos são bons, e confio neles — declarei.  
— Mas não podemos realizá-los com a matriz que temos para trabalhar. Não com Sharra, Beltran. É impossível, absolutamente impossível.

Kadarin virou-se. Eu já testemunhara sua raiva uma vez, dirigida contra Beltran. Agora, concentrou-se em mim, e me atingiu como um golpe físico.

— Mas que loucura é essa, Lew? Você me disse que Sharra possui toda a força de que podemos precisar!

Tentei erguer uma barreira contra a investida e controlar com firmeza minha própria ira. A fúria desencadeada de um Alton pode matar, e aquele homem era meu amigo querido.

— A força, sim, toda a força que poderíamos precisar, para esse trabalho ou qualquer outro. Mas é acima de tudo incontrolável. Tem sido usada como uma arma e agora não tem condições de ser outra coisa que não uma arma. Sharra está... — Hesitei, tentando exprimir minhas vagas impressões. — ...está faminta por poder e destruição.

— As superstições do Comyn outra vez! — explodiu Thyra. - Uma matriz é uma máquina. Nada mais, nada menos.

— A maioria das matrizes, talvez, embora eu comece a pensar que até mesmo em Arilinn sabemos muito pouco sobre elas para usá-las de uma forma tão temerária. Mas essa é mais do que isso.

Hesitei de novo, procurando palavras para um conhecimento, uma experiência, que era basicamente além das palavras.

— Traz para o nosso mundo alguma coisa que não é deste mundo. Pertence a outras dimensões, outros lugares ou espaços. É um portão, e, depois de aberto, será impossível fechá-lo por completo. — Olhei de rosto em rosto. — Não percebem o que está fazendo conosco? Vem despertando a temeridade, o abandono da cautela, uma sede de poder...

Eu mesmo sentira a tentação de mentir para Regis e Danilo, refleti, antes de acrescentar:



— Thyra, você sabe o que fez sob o impulso de Sharra, e agora seu pai-de-adoção está morto. Nunca poderei acreditar que você fez isso por sua própria iniciativa, com plena consciência do seu ato. É muito mais forte do que nós e está nos usando como se fôssemos brinquedos!

— Desideria usou-a sem qualquer desses problemas — lembrou Kadarin.

— Mas usou-a como uma arma e por uma causa justa. Não tinha nenhum desejo de poder pessoal, por isso Sharra não foi capaz de dominá-la e corrompê-la, como tem feito conosco; ela a entregou ao povo da forja, para que ficasse inativa e inofensiva em seus altares.

Beltran indagou, em tom ríspido:

— Está querendo insinuar que corrompeu a mim? Fitei-o nos olhos.

— Isso mesmo. Nem mesmo a morte de seu pai levou-o a ver a luz da razão.

— Você fala como um tolo, Lew — proclamou Kadarin. — Eu não esperava esse tipo de lamúria de sua parte. Se dispomos do poder para proporcionar a Darkover seu lugar no Império, como podemos nos abster de qualquer coisa que devemos fazer?

— Escute, meu amigo, escute! — supliquei. — Não podemos usar a matriz de Sharra para o tipo de força controlada que você deseja demonstrar aos terráqueos. Não pode ser usada para impulsionar uma espaçonave; eu não confiaria nela agora nem mesmo para controlar o helicóptero. É uma arma, apenas uma arma, e não é de armas que precisamos. É de tecnologia.

O sorriso de Kadarin foi ameaçador.

— Mas se uma arma é tudo o que temos, então usaremos essa arma para obter o que queremos dos terráqueos! Depois de mostrar-lhes o que podemos fazer...

Um calafrio me percorreu a espinha. A visão surgiu de novo: chamas se elevando de Caer Donn, a grande forma de fogo se inclinando com um dedo de destruição...

— Não! — insisti, quase gritando. — Não vou mais me envolver nisso!

Levantei-me, corri os olhos pela assembléia e acrescentei, desesperado:

— Não podem perceber como Sharra já nos corrompeu? Foi para a guerra, assassinato, violência, chantagem e ruína que criamos o nosso vínculo, com tanto amor e harmonia? Era esse o seu sonho, Beltran, quando conversamos sobre um mundo melhor?

— Se temos de lutar — respondeu ele, veemente -, será por culpa dos terráqueos, que negam os nossos direitos! Prefiro fazer tudo em paz, mas, se eles nos forçam à luta...

Kadarin se adiantou, pôs as mãos em meus ombros, com uma afeição genuína, e disse:

— Lew, você está sendo tolo e melindroso. Depois que eles souberem o que podemos fazer, tenho certeza de que mais nada será necessário. Mas vai nos proporcionar uma posição de igualdade de poder com os terráqueos por uma vez. Será que não pode entender? Mesmo que nunca mais a usemos, devemos ter a força, apenas para controlar a situação e não sermos forçados à submissão!

Claro que eu compreendia o que ele tentava dizer, mas também podia perceber o erro fatal.

— Bob, não podemos blefar com Sharra. Ela quer ruína e destruição... não consegue sentir isso?

— É como a espada no velho conto de fadas — interveio Rafe. -Lembram o que estava escrito na bainha? "Nunca me saquem se eu não puder beber sangue."

Todos nos viramos para fitá-lo, e ele sorriu nervoso com a nossa atenção.

— Rafe tem razão — apressei-me em declarar. — Não podemos soltar Sharra, a menos que realmente pretendamos usá-la, e nenhum ser humano são faria isso.

— Marjorie, você é Guardiã — disse Kadarin. — Acredita nessas sandices supersticiosas?

Sua voz não era firme, mas ela estendeu as mãos para mim ao dizer:

— Creio que Lew sabe mais sobre matrizes do que qualquer um de nós ou do que todos nós juntos. Você prometeu, Bob, jurou

para Desideria que se submeteria ao julgamento de Lew. Não ficarei contra isso.

— Vocês dois têm sangue terráqueo! — interveio Beltran. — Estão do lado deles, contra Darkover?

Fiquei aturdido com a calúnia. Nunca imaginara que Beltran fosse capaz disso. Marjorie explodiu:

— Foi você, você mesmo, quem ressaltou, não faz muito tempo, que todos nós somos terráqueos! Não há nenhum "lado", apenas o bem comum para todos! A mão esquerda decepa a direita?

Senti que Marjorie lutava para manter o controle, e que Kadarin também fazia um esforço para conter sua ira explosiva. Ainda confiava na integridade dele, quando se empenhava para controlar aquela raiva insidiosa, que era a única falha na armadura de sua vontade. A voz de Kadarin soou gentil quando ele falou:

— Lew, sei que há alguma verdade no que diz. Confio em você, bredu. — A palavra me comoveu mais do que eu podia exprimir. - Mas que alternativa temos, meu amigo? Está tentando dizer que devemos renunciar a nossos planos, nossas esperanças, nosso sonho? Era o seu sonho também. Devemos esquecer tudo aquilo em que acreditávamos?

— Que os Deuses nos livrem disso — murmurei, abalado. — Não é o sonho que quero pôr de lado, apenas a participação de Sharra nele.

Fiz uma pausa e formulei um apelo direto para Beltran, que era a pessoa a quem devia convencer:

— Deixe Sharra voltar para a guarda do povo da forja. Eles a mantiveram inofensiva durante todos esses anos. Não, parente, não fale nada, apenas escute. Faça isso, e irei para Arilinn; conversarei com os telepatas em Hali, Neskaya, Corandolis e Dalereuth. Explicarei a todos o que você está fazendo por Darkover, argumentarei por sua causa e a defenderei até mesmo, se for necessário, diante do próprio Conselho do Comyn. Acredita mesmo que é o único homem em Darkover que sofre sob o domínio e controle dos terráqueos? Tenho tanta certeza, quanto a de que me encontro parado aqui, de que eles virão em seu apoio, trabalharão com você com o maior entusiasmo, muito melhor do que eu sozinho

sou capaz. E eles têm acesso a todas as matrizes conhecidas e monitoradas em Darkover, dispõem dos registros do que se fazia com elas no passado. Podemos descobrir uma matriz segura para os nossos propósitos. Depois, trabalharei com você pessoalmente, por tanto tempo quanto quiser, para alcançar seus verdadeiros objetivos. Não um blefe com uma arma terrível, mas um esforço total e conjunto de todos, unidos, para recuperar as forças reais de Darkover, algo positivo para oferecer aos terráqueos e ao Império, em troca do que podem nos dar.

Fitei Regis nos olhos, e de repente o tempo voltou a se desfocar. Vi-o num vasto salão, apinhado de homens e mulheres, centenas e centenas, todos os telepatas em Darkover! A imagem logo sumiu, e nós oito estávamos outra vez na pequena sala com lareira. Perguntei a Regis e a Danilo:

— Vocês não cooperariam num plano assim?

Regis, os olhos cintilando de excitação, respondeu:

— Com todo o meu coração, Lorde Beltran. Tenho certeza de que até mesmo o Conselho do Comyn colocaria todos os telepatas e Torres de Darkover a seu serviço!

Era um sonho muito mais amplo do que aquele que acalentáramos! E tinha de ser! Eu o vira! Beltran também devia deixar-se contagiar!

Ele permaneceu em silêncio por um momento, olhou para todos nós, e senti um frio no coração antes mesmo que começasse a falar. Havia um desdém gelado em sua voz e palavras.

— Seu traidor amaldiçoado! — gritou ele para mim. — Quer me deixar sob o tacão do Comyn? Que eu caia de joelhos diante do Hali'imyn, aceitando como uma dádiva o poder que me pertence por direito? É pior até do que fez meu pai velho e senil, rastejando diante dos terráqueos! Mas sou agora o lorde de Aldaran, e antes mergulharei todo Darkover nos caos vermelho! Nunca! Nunca! Mas nunca mesmo!

A voz se alteou para um grito estridente de raiva.

— Beltran, eu lhe suplico...

— Você suplica, seu mestiço sórdido? Como quer me obrigar a fazer, suplicar, rastejar...

Cerrei os punhos, tremendo com a necessidade de agredi-lo, de arrancar aquele desdém de seu rosto... não. Também não era essa a sua verdadeira personalidade, mas uma influência de Sharra.

— Sinto muito, parente. Você não me deixa alternativa. — Independentemente do que acontecesse depois, a intimidade daquele círculo fora destruída; nada jamais poderia voltar a ser como antes. — Kadarin, você entregou Sharra aos meus cuidados, assumiu o compromisso de respeitar meu julgamento. Antes que seja tarde demais o círculo deve ser rompido, o vínculo dissolvido, a matriz isolada, antes que controle a todos nós.

— Não! — gritou Thyra. — Se você não tem coragem de usá-la, eu o farei!

— Breda...

— Não, Thyra, não — murmurou Marjorie, a voz trêmula. — É o único jeito. Lew tem razão, pode destruir a todos nós. Bob... — Ela fitou Kadarin, as lágrimas transbordando dos olhos dourados. — Você me fez Guardiã. Por essa autoridade, tenho de falar. — Um soluço embargou sua voz. — O vínculo deve ser rompido.

— Não! — protestou Kadarin, ríspido, repelindo as mãos estendidas. — Eu não queria que você fosse a Guardiã; temia justamente isso... que se deixasse influenciar por Lew! O círculo de Sharra deve ser preservado! E sabe que não pode rompê-lo sem o meu consentimento!

Ele a fitava com fúria, e pensei num falcão que observara uma ocasião, pairando sobre sua presa. Beltran postou-se diante de Danilo, fitando-o com arrogância.

— Pergunto pela última vez: vai fazer o que eu peço?

Danilo tremia. Lembrei que ele fora o mais jovem e o mais tímido dos cadetes.

— Não, Lorde Aldaran, não o farei — balbuciou ele.

Beltran virou-se para Regis, e disse, a voz controlada e sombria:

— Regis Hastur, não se encontra agora nos Domínios, mas no baluarte de Aldaran. Veio aqui por sua livre e espontânea vontade, e não partirá enquanto não ordenar a seu acólito que use seus poderes como eu determinar.

— Meu escudeiro é livre para seguir sua vontade e consciência. Ele já recusou; apoio sua decisão. E agora, Lorde Aldaran, solícito respeitosamente sua permissão para ir embora.

Beltran gritou na língua das montanhas. As portas foram abertas, e uma dúzia de guardas entrou. Compreendi, em súbita consternação, que ele devia ter planejado tudo aquilo. Um dos guardas aproximou-se de Regis, que estava desarmado; Danilo sacou sua adaga e interpôs-se entre os dois, mas foi logo desarmado. Os homens de Beltran retiraram os dois da sala.

Marjorie fitou Beltran, numa censura furiosa.

— Não pode fazer isso, Beltran! É traição! Ele era hóspede de nosso pai!

— Mas não é meu hóspede — respondeu Beltran, desdenhoso. — Não tenho paciência com códigos bárbaros, sob a pretensão de honra. Agora, Lew Alton, quero que me diga: vai honrar o compromisso que assumiu conosco?

— Você fala em honra? — As palavras pareciam sair de uma fonte oculta dentro de mim, e cuspi no chão, a seus pés. — Honro meu compromisso com você da mesma maneira como honra a memória de seu pai!

Virei as costas. Em menos de uma hora, estaria em contato com Arilinn, através da matriz, e o Comyn saberia o que Beltran planejava... Esquecera o vínculo forte que ainda persistia entre nós. Kadarin apressou-se em dizer:

— Nada disso! — Ele gesticulou para os guardas. — Levem-no!

Estendi a mão para o cabo da espada... e nada encontrei, é claro. Não use espada na casa de parente. Confiara que estaria seguro na casa de meu primo. Dois guardas agarraram-me e imobilizaram-me. Kadarin se adiantou, estendeu a mão para a minha garganta e abriu os laços da túnica. Ergueu a mão para a bolsa de couro que continha minha matriz pessoal.

Comecei a me debater, num medo extremo. Nunca estivera a mais do que uns poucos centímetros de meu corpo desde que fora sintonizada, quando eu tinha doze anos. Fora alertado para o que significava ser tocada por outra pessoa. Kadarin pegou na bolsa de couro; levantei o joelho para sua virilha. Ele gritou de dor, e senti o

choque da agonia em meu próprio corpo; mas o golpe só reforçou a fúria de Kadarin. Ele chamou o resto dos guardas. Foram necessários quatro para me conter, mas logo fui estendido no chão, braços e pernas estendidos e imobilizados. Kadarin ajoelhou-se por cima do meu corpo impotente, os punhos me acertando golpes no rosto. Senti o sangue escorrer do nariz, dos olhos; engasguei com meu próprio sangue, escorrendo pela garganta, de um dente arrancado. Não podia mais ver Marjorie, por causa do sangue em meus olhos, mas ouvi seus gritos, soluços, súplicas. Estariam agredindo-a também?

Kadarin sacou sua adaga. Fitou-me nos olhos, seu rosto cintilando com uma chama maligna.

— Eu deveria cortar sua garganta agora e poupar todos nós de problemas futuros.

Com um movimento rápido, ele cortou a tira que prendia a bolsa de couro, que segurou em seguida, e puxou.

Até o dia de minha morte, jamais esquecerei aquela agonia. Ouvei Marjorie gritar, um brado de dor e terror, senti todo o meu corpo se arquear num espasmo convulsivo, depois arriar inerte. Ouvei minha própria voz, berrando, rouca, senti dedos de aço me comprimirem o coração, senti que me faltava a respiração. Cada nervo do meu corpo sofria um espasmo. Jamais soubera que poderia sobreviver a tanta agonia. Um nevoeiro vermelho toldou o que restava de minha vista, senti que morria e ouvi o grito instintivo e estridente de minha voz:

— Pai! Pai!

E depois mergulhei numa escuridão total, pensando: Isto é a morte.

Não sei o que aconteceu nos três dias subseqüentes. Por tudo o que sei, eu estava morto. Sei que foram três dias porque me disseram mais tarde; podiam ter sido trinta segundos ou trinta anos depois que despertei para a percepção meio indistinta de que ainda vivia, mas preferia não estar vivo.

Descobri-me estendido na cama, em meus aposentos no Castelo Aldaran. Sentia-me machucado, doente, cada osso e

músculo do corpo tinha uma dor separada. Cambaleei para o banheiro e contemplei meu reflexo no espelho. Pela aparência do rosto, só podia imaginar que meu corpo continuara a lutar por muito tempo depois que eu o deixara.

Havia dois dentes quebrados em minha boca, e doíam demais. Meus olhos se achavam tão doloridos e inchados que mal conseguia abri-los. O rosto fora cortado por alguma coisa dura, talvez os enormes anéis que Kadarin usava. Ficariam cicatrizes.

Pior do que a dor física, que já era intensa, havia uma terrível sensação de vazio. Sombrio, especulei por que não morreria. Alguns telepatas morrem do choque, se são separados à força de suas matrizes pessoais sintonizadas. Eu era apenas um dos desafortunados.

Marjorie. Minha última lembrança era o seu grito. Será que a haviam torturado também?

Se Kadarin a tivesse machucado, eu o mataria...

O pensamento provocou uma angústia insuportável. Ele fora meu amigo — não podia ter sido fingimento, não para um telepata. Sharra o corrompera...

E desejei que ele tivesse cortado minha garganta.

Sharra. Procurei a matriz, mas desaparecera. Senti-me contente por ter-me livrado da pedra amaldiçoada, mas também tive medo. Sharra deixaria que a descartássemos?

Bebi um pouco de água, tentando diminuir a náusea ressequida. Minha mão não parava de tatear pelo lugar no pescoço em que deveria estar a matriz. Não podia pensar direito, a visão era turva, e havia um zumbido constante em meus ouvidos. Era uma surpresa e tanto ter sobrevivido ao choque.

Pouco a pouco, percebi outra coisa. Por mais dolorido que estivesse, não havia sangue no rosto, nem nas roupas. E as roupas não estavam sujas. O que significava que alguém estivera ali, cuidara dos meus ferimentos, vestira-me roupas limpas. Kadarin, quando viera buscar a matriz de Sharra?

Descobri que me repugnava o pensamento de Kadarin aparecendo ali, manipulando meu corpo inconsciente. Cerrei os



dentes, constatei que doía demais, fiz um esforço para relaxar. Outra conta a acertar com ele.

Bom, ele já fizera o seu pior, e eu continuava vivo. Verifiquei a porta, cauteloso. Como já desconfiava, fora trancada por fora.

O corpo doía tanto que a perspectiva de um banho quente era tentadora. A possibilidade de ser surpreendido nu e indefeso na banheiro, porém, removia toda a tentação da idéia. Encharquei uma toalha na água quente e lavei o rosto machucado.

Vasculhei os aposentos, mas não encontrei a espada, nem a adaga. Procurei nos alforjes as botas de viagem e constatei que até mesmo a pequena skeandhu que guardava ali sumira da bainha.

Meu rosto se contraiu num sorriso sombrio. Pensavam que haviam me deixado impotente? Ainda contava com o treinamento na Guarda, e Kadarin podia — apenas podia — desprezar-me o suficiente para entrar ali sozinho.

Puxei uma cadeira — ainda não me sentia bastante firme para ficar de pé numa espera que podia prolongar-se por horas — e sentei diante da porta trancada.

Mais cedo ou mais tarde, alguém apareceria... e me encontraria pronto.

Muito tempo passou antes que eu ouvisse um pequeno ranger metálico na porta. Alguém tentava puxar a tranca furtivamente. A porta começou a se abrir para dentro, devagar.

Dei um pulo, agarrei a mão que acabara de se insinuar para dentro, puxei com força... e senti o pulso delicado tarde demais para conter a violência. Marjorie cambaleou para dentro, soltando um grito de surpresa, esbarrando no batente. Larguei seu pulso no mesmo instante, como se estivesse queimando. Ela tropeçou, e tratei de ampará-la.

— Feche a porta, depressa! — sussurrou ela.

— Que os Deuses nos guardem! — balbuciei, horrorizado. — Eu poderia tê-la matado!

— Fico contente que você seja capaz... — Ela prendeu a respiração. — Lew, seu rosto! Oh, Deus...

— Os cuidados afetuosos de meus parentes.

Fechei a porta e empurrei a pesada cadeira para escorá-la.

— Eu supliquei a eles... supliquei... Abracei-a.  
— Sei disso, minha querida. Ouvi tudo. Eles a machucaram?  
— Não. Nem mesmo Beltran me machucou, embora eu o tivesse arranhado e mordido. — A voz saía em ofegos. — Trouxe sua matriz.

Tome aqui.

Ela me estendeu a pequena bolsa de couro. Guardei-a dentro da túnica, encostada na pele. A impressão foi a de que a visão se desanuviou numa fração de segundo, o zumbido dentro da cabeça cessou. Até o coração passou a bater com mais firmeza. Continuava com todas as dores da terrível surra que levara, mas me sentia vivo outra vez.

— Como a conseguiu?

— Bob me mandou ficar com ela. Disse que eu era Guardiã, a única pessoa que podia ficar com a matriz sem machucá-lo. Afirmou que de outra forma você morreria. Por isso peguei a matriz, Lew, só para salvá-lo. Juro...

— Sei disso. Se outra pessoa que não uma Guardiã guardasse a pedra por muito tempo, minha morte seria inevitável.

Claro que eu não dava a Kadarin o crédito de se preocupar com meu bem-estar. Era mais provável que soubesse o que a manipulação da matriz sintonizada de outra pessoa poderia fazer a ele.

— Onde está a matriz de Sharra?

— Acho que ficou com Thyra — respondeu Marjorie, em dúvida. — Mas não tenho certeza.

— Como conseguiu entrar aqui, Marjorie? Há guardas me vigiando?

Ela acenou com a cabeça.

— Os guardas me conhecem. Quase todos eram amigos de meu pai e me conhecem desde criança. Confiam em mim... e eu lhes trouxe um vinho drogado. Envergonho-me disso, Lew, mas o que mais eu podia fazer? Mas nós devemos escapar logo, o mais depressa possível. Saberão quando acordarem, e contarão a Beltran...

A voz de Marjorie tremia de medo.

— Ele deve agradecer a você por salvar o que resta de sua honra. — Só depois de um momento é que registrei que ela dissera "nós", e indaguei: — Você irá comigo?

— Tenho de ir. Não ousou ficar, depois do que fiz. Lew, você não me quer? Acha que tive alguma participação... oh, não!

Apertei-a com força.

— Pode duvidar do meu amor? Mas nesta estação, nas montanhas...

— Nasci nas montanhas e já viajei com tempo pior.

— Pois então vamos partir logo, antes que os guardas acordem. O que você lhes deu?

Ela me informou, e balancei a cabeça.

— Não é suficiente. Eles acordarão em uma hora. Mas talvez eu possa fazer melhor agora. — Toquei na matriz. — Vamos embora.

Recolhi às pressas minhas coisas. Percebi que Marjorie vestira-se para o frio, com botas grossas, uma saia de montaria comprida. Olhei pela janela. A noite caía, mas pela misericórdia de algum deus não nevava.

Na semi-escuridão do corredor, dois vultos estavam esparramados no chão, roncando. Abaixei-me para escutar suas respirações. Marjorie balbuciou:

— Não os mate, Lew. Eles não lhe fizeram nenhum mal.

Eu não tinha tanta certeza. Minhas costelas ainda doíam do peso das botas de alguém.

— Posso fazer melhor do que matá-los.

Aninhei a matriz entre as palmas. Num instante, determinado, penetrei nas mentes dos homens drogados. Durmam, ordenei, durmam por muito tempo, um sono profundo, durmam até que o sol nascente os desperte. Marjorie nunca esteve aqui, vocês não tomaram vinho, drogado ou puro.

Os pobres coitados teriam de responder a Beltran por dormir no posto. Mas eu fizera o que podia.

Avancei pelo corredor na ponta dos pés, Marjorie grudada na parede atrás de mim. Diante da grande suíte de hóspedes, havia mais dois guardas drogados; Marjorie fora meticulosa. Inclinei-me para eles e irradiei a mesma mensagem para suas mentes.

Minhas mãos são fortes. Trabalhei mais depressa com as trancas do que Marjorie conseguira. Por um instante, especulei sobre o tipo de hospitalidade que põe uma tranca no lado de fora da porta de um quarto de hóspedes, para qualquer contingência. No momento em que entrei, Danilo se interpôs entre Regis e mim, mas logo me reconheceu e recuou. Regis disse:

— Pensei que o tivessem matado... — Seus olhos fixaram-se em meu rosto. — Parece que tentaram. Como conseguiu escapar?

— Isso não importa agora. Ponham depressa suas roupas de viagem, a menos que gostem tanto de Aldaran que preferam continuar a desfrutar de sua hospitalidade!

— Tiraram a minha espada e a adaga de Danilo — informou Regis.

Por algum motivo, ele parecia lamentar mais pela perda da adaga. Não havia tempo para especular sobre o motivo. Fui pegar as espadas dos guardas desfalecidos, entreguei uma a Regis, enfiei a outra na minha bainha. Era comprida demais para mim, mas melhor do que nada. Entreguei as adagas a Marjorie e Danilo.

— Já compensei o furto de meu parente — murmurei. — Agora, vamos sair daqui.

— Para onde iremos? Tomei uma decisão rápida.

— Levarei Marjorie para Arilinn. Vocês dois tratem de se afastar bem depressa, para o mais longe possível, antes que seja dado o alarme.

Regis acenou com a cabeça.

— Seguiremos direto pela estrada para Thendara, e avisaremos ao Comyn.

— Não deveríamos permanecer juntos? — indagou Danilo.

— Não, Dani. Um de nós pode conseguir escapar, se os outros forem recapturados, e o Comyn deve ser avisado, independentemente do que venha a acontecer. Há uma matriz sem monitoração e fora de controle sendo usada aqui. Digam a eles, se eu não puder! — Hesitei por um instante. — Regis, não siga direto pela estrada. É suicídio. Será o primeiro lugar em que eles procurarão.

— Nesse caso, talvez eu possa desviar a busca de vocês — sugeriu ele. — De qualquer forma, é você e Marjorie que eles querem. Danilo e eu nada significamos.

Eu não tinha a mesma certeza. Foi só então que percebi o que não deveria ter escapado à minha atenção.

— Não podemos nos separar agora. Não posso enviá-lo pelo caminho do perigo. Você está doente. — Doença do limiar, finalmente compreendi. — Não posso expor o herdeiro de Hastur a tamanho risco.

— Lew, temos de nos separar. — Ele me fitou nos olhos. — Alguém deve passar para avisar ao Comyn.

Era verdade o que ele dizia, e eu sabia.

— Pode agüentar a viagem?

— Cuidarei dele — assegurou Danilo. — De qualquer forma, ele estará mais seguro na estrada do que nas mãos de Beltran, ainda mais depois de você escapar.

O que também era verdade, e eu sabia disso. Danilo separava depressa o conteúdo dos alforjes de Regis, descartando quase tudo.

— Devemos viajar com pouco peso. Ainda resta comida da viagem de Regis para o norte...

Ele dividiu os alimentos, carne e frutas secas, pão duro, em dois pequenos pacotes. Entregou-me o maior e acrescentou:

— Você seguirá pelas estradas secundárias, passando ao largo das aldeias.

Guardei o pacote no bolso interno do manto de montaria e olhei para Marjorie.

— Podemos sair sem sermos vistos?

— É bastante fácil, pois a notícia ainda não chegou aos estábulos. Poderemos também pegar cavalos.

Marjorie conduziu-nos por uma porta lateral, perto dos estábulos. Quase todos os cavaleiros dormiam; ela acordou um velho que a conhecia como pupila de Kermiac. Podia ser uma excentricidade da parte de Marjorie partir à noite com alguns dos hóspedes de honra de Beltran, mas não cabia ao velho cavaleiro questionar. A maioria já me vira em companhia de Marjorie e ouvira os comentários no castelo sobre os acertos para o casamento. Se ele

tomara conhecimento da briga, concluiria que Marjorie e eu fugíamos agora para casar contra a vontade de Beltran. Tenho certeza de que era essa a explicação para a expressão de simpatia que o velho cavaleiro nos concedeu. Ele providenciou montadas para todos. Pensei um pouco tarde na escolta do Comyn que me trouxera até aqui.

Podia ordenar que viajassem com Regis e Danilo, para protegê-los Mas isso provocaria uma comoção. Marjorie sussurrou:

— Se eles não souberem para onde você foi, não poderão ser obrigados a contar.

Foi o argumento que me decidiu. Se viajássemos depressa até de manhã, e os guardas de Beltran dormissem por tanto tempo quanto eu determinara, poderíamos nos distanciar além de qualquer possibilidade de perseguição. Levamos os cavalos até os portões, que foram abertos pelo velho cavaleiro. Levantei Marjorie para a sela e preparei-me para montar também. Ela olhou para trás com alguma tristeza, mas depois, percebendo que eu a observava, sorriu corajosa e virou o rosto para a estrada.

Virei-me para Regis, apertando-o por um momento num abraço de parente. Algum dia tornaria a vê-lo? Pensava ter voltado as costas ao Comyn, mas o vínculo era mais forte do que imaginara. Pensava em Regis como uma criança, alguém que podia ser facilmente lisonjeado e influenciado. Não. Ele era muito menos assim do que eu. Disse a mim mesmo, com firmeza, para não ser mórbido, beijei-o no rosto e deixei-o partir.

— Que os Deuses o acompanhem, bredu.

Sua mão me segurou o braço por mais um instante, e nessa fração de segundo vi pela última vez o menino assustado que levava para as linhas de fogo; ele também se lembrou, mas a própria memória do medo dominado nos fortalecia. Ainda assim, não podia esquecer que ele fora entregue aos meus cuidados, e murmurei, hesitante:

— Não tenho certeza... Não me agrada a idéia de deixá-lo partir pelo caminho de maior perigo, Regis.

Ele estendeu as mãos para meus antebraços, fitou-me nos olhos e disse com veemência:

— Lew, você também é herdeiro de seu Domínio! E eu já tenho um herdeiro, você não! Se chegar a esse ponto, é melhor que seja eu a morrer do que você!

Fiquei chocado, sem saber o que dizer. Mas as palavras eram verdadeiras. Meu pai estava velho e doente; e Marius, pelo que sabíamos até agora, não tinha laran.

Eu era o último Alton na linhagem masculina. E precisara de Regis para me lembrar disso!

Ali estava um homem de verdade, um Hastur. Inclinei a cabeça em aquiescência, sabendo que nos encontrávamos naquele momento diante de algo mais antigo e mais poderoso do que qualquer dos dois. Regis respirou fundo, retirou as mãos e arrematou:

— Vamos nos encontrar em Thendara, se os Deuses permitirem, primo.

Eu sabia que minha voz tremia quando falei:

— Cuide dele, Dani.

— Com minha própria vida, Dom Lewis — respondeu Danilo.

Os dois montaram. Sem olhar para trás, Regis afastou-se pelo caminho, com Danilo um passo atrás.

Montei também, seguindo pela direção oposta na bifurcação da estrada, Marjorie ao meu lado. Agradei a todos os deuses de que já ouvira falar, e ao resto que ainda não conhecia, pelo tempo que passara estudando mapas na viagem para o norte. Era uma longa viagem até Arilinn, ao longo de algumas das regiões mais inóspitas de Darkover, e me perguntei se Marjorie seria capaz de suportá-la.

Duas das luas pairavam no céu, violeta-azul, verde-azul, derramando uma suave claridade sobre as colinas cobertas de neve. Viajamos por horas sob aquela luz noturna. Eu tinha plena percepção de Marjorie ao meu lado: sua angústia e tristeza por deixar o lar de sua infância, o desespero que a levava àquela situação. Ela nunca deveria arrependê-la de sua decisão! Assumi o compromisso, por minha vida, de compensá-la por tudo o que perdera.

A verde face de Idriel desapareceu abaixo da crista do desfiladeiro; acima de nós, surgiu um nevoeiro frio, tingido de

sangue pela iminência do nascer do sol. Devíamos começar a procurar algum abrigo; tinha certeza de que a caçada seria iniciada logo depois do amanhecer. Mantinha suficiente contato com Marjorie para saber quando seu cansaço se tornou quase insuportável. Mas no momento em que falei a respeito, ela propôs:

— Vamos percorrer pelo menos mais um quilômetro. Na encosta da colina seguinte, longe da estrada, há uma pastagem de verão. As mulheres que cuidam dos animais devem tê-los levado para o vale, e não deve haver ninguém ali.

A cabana se encontrava oculta num bosque de nogueiras. Senti um aperto no coração ao nos aproximarmos, pois podia ouvir o barulho de animais. Ao desmontarmos, avistei uma das mulheres, descalça na neve derretendo, os cabelos compridos emaranhados em torno do rosto, vestindo uma saia de couro. Marjorie, porém, parecia satisfeita.

— Estamos com sorte, Lew. A mãe dela era ligada à minha mãe. — Marjorie chamou baixinho: — Mhari!

A mulher virou-se e seu rosto se iluminou.

— Domna Marguerida!

Ela falou num dialeto antigo demais para que eu pudesse entender; Marjorie respondeu em voz baixa, no mesmo dialeto. Mhari sorriu e levou-nos para a cabana.

Quase todo o interior era ocupado por duas enxergas de palha sujas, sobre as quais dormiam uma mulher mais velha, meia dúzia de crianças pequenas e ainda alguns cachorrinhos. O único móvel era um banco de madeira. Mhari gesticulou para que sentássemos ali e serviu-nos tigelas de um mingau de nozes quente. Marjorie quase arriou no banco; Mhari adiantou-se para tirar suas botas.

— O que ele lhe disse, Marjorie? E o que você disse a ela?

— A verdade. Que, depois de Kermiac me prometer a você em seu leito de morte, você e Beltran brigaram, e por isso estamos fugindo para as terras baixas, onde casaremos. Mhari prometeu que nem ela, nem sua amiga, nem qualquer das crianças dirão uma só palavra sobre a nossa presença aqui.

Marjorie tomou outra colher do mingau. Estava quase cansada demais para levantar a colher até a boca. Senti-me contente por



poder tirar a espada e as botas, e mais tarde, quando o aglomerado de bebês e cachorrinhos desocupou as enxergas, deitar-me ali, vestido, ao lado de Marjorie.

— Elas já deveriam ter partido há vários dias — explicou Marjorie -, mas o marido de Caillean não voltou para buscá-las. Ela disse que passarão o dia inteiro fora, com os animais, e poderemos dormir em segurança.

Dali a pouco, o bando de crianças, depois de alimentadas com o resto do mingau, deixou a cabana. Puxei Marjorie para meus braços e descobri que, apesar do barulho das crianças e dos cachorros, ela já pegara num sono profundo. A palha rescendia a cachorros e sujeira, mas eu me sentia muito cansado para ser crítico. Com Marjorie aninhada na curva do meu braço, também adormeci.

A próxima coisa de que tomei conhecimento foi que a tarde chegava ao fim, a cabana se encontrava outra vez cheia de crianças e cachorros. Levantamos e comemos tigelas enormes de uma sopa de legumes, que passara o dia inteiro no fogo. Depois, chegou o momento de calçarmos as botas e partirmos. As mulheres, do alto das encostas, não haviam observado cavaleiros nas proximidades, o que significava que ainda não éramos perseguidos. Marjorie beijou Mhari e a menor das crianças, e avisou-me para não lhes oferecer dinheiro. Mhari e a amiga insistiram para que levássemos um saco de nozes e um pão, alegando que já tinham coisas demais para levar nos animais de carga, ao descer para o vale, onde passariam o inverno. Claro que não acreditei, mas não podíamos recusar.

As duas ou três noites seguintes da viagem foram quase réplicas da primeira. Fomos abençoados com um bom tempo e não houve qualquer sinal de perseguição. Dormíamos durante o dia, escondidos em cabanas de pastores, só que essas abandonadas. Tínhamos comida suficiente, embora quase sempre sentíssemos frio. Marjorie nunca se queixava, mas eu me preocupava demais com ela. Não podia imaginar qualquer mulher que já conhecesse suportando uma viagem assim. Mas ela riu quando fiz esse comentário.

— Não sou uma dama mimada das terras baixas, Lew. Estou acostumada ao tempo ruim e posso viajar sempre que for preciso,

até mesmo em pleno inverno. Thyra talvez fosse uma companheira melhor, pois sempre fez longas viagens com Bob, em todas as estações...

Marjorie parou de falar e virou o rosto. Mantive-me em silêncio. Sabia quanto ela era ligada à irmã e como se sentia pela separação. Foi a primeira vez que ela falou sobre sua vida no Castelo Aldaran. E também foi a última.

Na quarta ou quinta manhã tivemos de viajar mesmo depois que amanheceu, sem encontrar qualquer abrigo. Estávamos agora na parte mais inóspita das montanhas, e as estradas se reduziam a meras trilhas. Marjorie se encontrava exausta. Eu já pensava em procurar um lugar mais resguardado no meio do bosque, para dormir ali, ao ar livre, quando de repente, ao entrar numa pequena clareira, deparamos com uma sede de fazenda deserta.

Estranhei que alguém pudesse manter uma fazenda naquelas colinas desoladas, mas havia construções rurais e uma pequena casa de pedra, um pátio que outrora fora cercado, um poço com tubulações de madeira ainda derramando água numa gamela de pedra quebrada... tudo abandonado. Receei que a casa tivesse se tornado o abrigo de aves ou morcegos, mas, quando forcei a porta, descobri que era bem resguardada contra o tempo e se achava quase limpa.

O sol estava alto e quente. Enquanto eu tirava as selas dos cavalos, Marjorie removeu o manto e as botas, foi enfiar as mãos na gamela de pedra e disse:

— Já passei da primeira sonolência, e não tiro as roupas desde que partimos. Vou me lavar; creio que me revigorará mais do que dormir.

Ela seguiu as palavras com a ação, tirando a saia de montaria e a túnica forrada de pele, ficando na minha frente apenas de blusa comprida e anágua. Fui para junto dela. A água era gelada, descendo direto de uma fonte mais acima, mas maravilhosamente revigorante. Espantei-me como Marjorie podia ficar descalça nos últimos filetes da neve da noite anterior se derretendo. Ela parecia não sentir tanto frio quanto eu. Sentamos depois ao sol, cada vez mais quente, comendo o último pedaço de pão que Mhari e sua

amiga nos deram. Encontrei uma árvore no quintal em que os antigos fazendeiros cultivavam cogumelos, por meio de um complexo sistema de tubos de madeira dirigindo a água para o tronco. Quase todos os cogumelos eram duros e velhos, mas havia uns poucos ainda novos e tenros, e os comemos ao final da refeição, saboreando sua doçura. Marjorie espreguiçou-se um pouco, sonolenta agora.

— Eu gostaria de dormir aqui, Lew, ao sol. Começo a me sentir como uma ave noturna, nunca saindo à luz do dia.

— Mas eu ainda não estou acostumado ao tempo nas montanhas, e muito em breve talvez sejamos obrigados a dormir a céu aberto.

Ela fez uma careta entre irônica e séria.

— Pobre Lew... está com frio? Muito bem, acho que é melhor entrarmos para dormir.

Marjorie recolheu suas roupas e carregou-as para a casa. Estendeu-as sobre uma enxerga abandonada, torcendo o nariz ao cheiro de mofo.

— É melhor que o cheiro de cachorro — comentei.

Ela riu e sentou sobre as roupas. Usava uma blusa de lã que descia até os joelhos, com as mangas compridas; eu já a vira vestida com roupas mais leves em Aldaran, mas havia alguma coisa em nossa presença ali, daquele jeito, que despertou uma percepção que o medo e o cansaço quase tinham sufocado. Durante toda a viagem ela dormira em meus braços, mas sempre em inocência. Talvez porque eu ainda estivesse recuperando-me dos efeitos da surra brutal que levara de Kadarin. Agora, abruptamente, voltei a sentir o excita-mento por sua proximidade física. Ela sentiu — mantínhamos agora um contato ligeiro em todos os momentos — e desviou um pouco o rosto, o rubor subindo pelas faces. Havia uma insinuação de desafio quando disse:

— Mesmo assim, vou soltar os cabelos, escová-los e entrançá-los direito, antes que fiquem emaranhados como os de Mhari, o que me obrigaria a cortá-los.

Ela ergueu os braços, tirou a travessa em forma de borboleta que prendia as tranças na nuca e começou a soltá-las.

Senti o calor do embaraço. Nas terras baixas, uma irmã que já fosse uma mulher não faria isso na presença de um irmão adulto. Eu não vira os cabelos soltos de Linnell desde que éramos crianças, embora naquele tempo a ajudasse a escová-los. Os costumes diferiam tanto assim? Observei-a passar a escova de cabo de marfim pelos longos cabelos acobreados; eram lisos, apenas um pouco ondulados das trancas, e muito finos. O sol que entrava pelas frestas do telhado de madeira parecia inflamá-los ao brilho do precioso metal. Acabei murmurando, em voz rouca:

— Não me provoque, Marjorie. Não tenho certeza se conseguirei resistir.

Ela não levantou os olhos ao sussurrar:

— E por que deveria? Estou aqui.

Estendi a mão, tirei a escova e virei-a para me fitar nos olhos.

— Não posso tomá-la assim, meu amor. Teria de lhe oferecer toda a honra e cerimônia.

— Não pode — disse ela, com a insinuação de um sorriso -, porque eu não mais... — As palavras saíam devagar agora, como se ela tivesse dificuldade para pronunciá-las. — ...não mais reconheço o direito de Beltran de me dar em casamento. Meu pai-de-adoção pretendia me dar a você. Isso é cerimônia suficiente.

Ela fez uma pausa, e depois acrescentou, falando mais depressa agora:

— E não sou uma Guardiã agora! Renunciei a isso, não quero continuar separada de você, e não ficarei!

Marjorie soluçava agora. Larguei a escova e puxei-a para os meus braços, apertando-a com súbita violência.

— Guardiã? Não, não, nunca mais — sussurrei contra sua boca.

— Nunca mais...

O que posso dizer? Estávamos juntos. E apaixonados.

Depois, trancei os cabelos para ela. Parecia quase tão íntimo quanto deitarmos juntos, minhas mãos tremiam ao tocar as mechas sedosas, como acontecera na primeira vez. Não dormimos por um longo tempo.

Era tarde quando acordamos, e nevava bastante. Quando fui selar os cavalos, o vento fustigava a neve pelo pátio. Não podíamos

viajar com aquele tempo. Voltei à casa, e Marjorie fitou-me com uma consternação culpada.

— Eu nos atrasei. Desculpe...

— Acho que estamos além de qualquer possibilidade de perseguição agora, preciosa. Não podemos viajar com este tempo. Guardarei os cavalos no estábulos, providenciarei um pouco de forragem.

— Deixe-me ajudar...

— Não saia com esta nevasca, querida. Pode deixar que cuidarei sozinho dos cavalos.

Quando entrei, descobri que Marjorie acendera um fogo na lareira há muito apagada, encontrara uma velha panela de pedra num canto, lavara-a, enchera-a no poço e pusera um pouco de nossa carne seca para esquentar com cogumelos. Censurei-a por ter saído para o pátio — em tempestades como aquela, havia histórias de homens que haviam se perdido e congelado até a morte entre seu próprio estábulo e a porta de casa -, e ela disse timidamente:

— Eu queria que tivéssemos um fogo aceso... e nosso primeiro banquete nupcial.

Abracei-a e murmurei:

— No instante em que a conhecer, meu pai terá o maior prazer em providenciar tudo isso.

— Eu sei, mas preferia que fosse aqui.

O pensamento me esquentou mais do que o fogo.

Comemos o guisado quente ao lado do fogo. Tivemos de partilhar a mesma colher e comer direto da panela. Havia pouca lenha, e o fogo definhou depressa, mas assim que ficou escuro Marjorie sussurrou:

— Nosso primeiro fogo conjugai...

Entendi o que ela queria dizer. Não era a cerimônia formal, di catenas, o requintado banquete nupcial para minha família, sua proclamação diante do Conselho do Comyn, que a tornaria minha esposa. Em toda parte, nas montanhas, onde as cerimônias são poucas e as testemunhas escassas, a partilha deliberada de "uma cama, uma refeição, um fogo" anuncia a situação legal de casamento. Eu sabia por que Marjorie correria o risco de se perder

na neve para acender uma fogueira e nos preparar uma refeição. Pelas leis simples das montanhas, estávamos agora casados, não apenas a nossos próprios olhos, mas numa cerimônia que seria aceita por todos.

Senti-me contente por ela ter certeza de mim a ponto de não perguntar. Sentia-me contente pelo fato de o tempo nos obrigar a permanecer ali por mais uma noite. Mas uma coisa me perturbava, e comentei:

— Regis e Danilo estão mais perto de Thendara agora do que nós de Arilinn, se não foram recapturados. Mas nenhum dos dois é um telepata hábil, e duvido que tenham conseguido transmitir uma mensagem. Preciso enviar uma mensagem, para Arilinn ou para meu pai. Já deveria ter feito isso antes.

Marjorie segurou minha mão, enquanto eu pegava a matriz.

— É mesmo seguro, Lew?

— É preciso, amor, quer seja ou não seguro. Deveria tê-lo feito no momento em que recuperei minha matriz. Temos de enfrentar a possibilidade de que eles tentem de novo. Beltran não desistirá de seus objetivos tão depressa, e receio que Kadarin seja inescrupuloso.

Abstive-me de pronunciar em voz alta o nome de Sharra, mas pairava entre nós, e ambos sabíamos disso.

E se eles tentassem de novo, sem o meu conhecimento ou controle, sem Marjorie como Guardiã, o que poderia acontecer? Um incêndio na floresta seria brincadeira de criança em comparação com o risco de despertar aquela coisa sem uma Guardiã treinada! Eu precisava alertar as Torres. Marjorie lembrou, hesitante:

— Estivemos todos em contato. Se você... usar sua matriz... eles não poderão sentir, descobrir onde nos encontramos?

Era uma possibilidade, mas, independentemente do que nos acontecesse, Sharra deveria ser controlada e contida ou nenhum de nós jamais voltaria a ter qualquer segurança. E durante todos aqueles dias eu não sentira qualquer contato, nenhuma mente a nos procurar.

Descobri a matriz. Para minha consternação, experimentei uma pontada de vertigem ao contemplar as profundezas azuis. Era um

sinal de perigo. Talvez eu tivesse saído um pouco da sintonia durante os dias em que ficara separado da pedra. Focalizei-a, concentrando-me na delicada tarefa de estabelecer contato outra vez com a pedra-da-estrela; e por várias vezes fui obrigado a desviar os olhos pela dor, a visão turva.

— Pare, Lew, pare... você está cansado demais...

— Não posso.

Se protelasse, perderia o controle da matriz, seria forçado a começar de novo, com outra pedra. Empenhei-me por quase uma hora, lutando contra a incapacidade de focalizar a matriz. Olhei para Marjorie, pesaroso, sabendo que esgotava minhas energias naquele esforço telepático. Amaldiçoei o destino que me fizera um telepata e mecânico de matriz, mas nunca me passou pela cabeça abandonar a luta inacabada.

Se isso tivesse acontecido em Arilinn — algo inconcebível -, eu tomaria kirian, ou alguma das outras drogas que estimulavam os dons psíquicos, e receberia a ajuda de um monitor e de minha Guardiã. Agora, tinha de obter o controle sozinho. Eu mesmo tornara impossível e perigoso que Marjorie me ajudasse.

Ao final, a cabeça latejando, consegui focalizar as luzes na pedra. Num instante, enquanto ainda me restavam forças, projetei-me pelos espaços cinzentos e informes a que chamamos de mundo superior, procurando o ponto de referência luminoso que era o círculo de transmissão de Arilinn.

Localizei-o, por um momento. E foi então que surgiu dentro da pedra uma flama intensa, um fluxo de percepção brutal, um ímpeto de violência familiar... uma mulher, sinistra e vigorosa, empunhando uma chama viva, um grande círculo de rostos irradiando uma vasta emoção...

Ouvi Marjorie ofegar, lutar para romper o contato. Sharra! Sharra! Fomos ligados a ela, estamos sendo absorvidos e atraídos para os fogos da destruição...

— Não! Não! — gritou Marjorie, em voz alta.

Vi as chamas definharem e desaparecerem. Nunca haviam estado ali. Eram reflexos das brasas agonizantes de nosso fogo nupcial ritual; os fantásticos contornos de luz em torno do rosto de

Marjorie eram apenas os resquícios da claridade na lareira. Ela sussurrou, tremendo:

— Lew, o que foi isso?

— Você sabe... — Eu ainda hesitava em dizer o nome em voz alta. — Kadarin. E Thyra. Trabalhando diretamente com a espada. Pelos infernos de Zandru, Marjorie, eles estão tentando usá-la à maneira antiga, não com um círculo de telepatas controlado por uma Guardiã, numa rede de energônios ordenada... e mesmo assim é incontrollável, como constatamos... mas com um único telepata focalizando as emoções de um grupo de seguidores destreinados.

— Isso não é perigoso demais?

— Perigoso? A palavra é inadequada! Você atearia um incêndio na floresta para preparar uma refeição? Concentraria as chamas mais fortes para assar suas costeletas ou secar as botas? Eu bem que gostaria de pensar que eles só vão matar a si mesmos!

Andei de um lado para outro, diante do fogo morto, escutando irrequieto o barulho da tempestade lá fora.

— E não posso sequer alertar o pessoal em Arilinn!

— Por que não, Lew?

— Tão perto de... Sharra, minha matriz não vai funcionar. Tentei explicar como Sharra, sem qualquer dúvida, ofuscara todas as matrizes menores.

— Até que ponto esse efeito se estende, Lew?

— Quem pode saber? Talvez pelo planeta inteiro. Nunca trabalhei com algo tão forte. Não há precedentes.

— Mas se alcançasse até Arilinn, os telepatas ali não saberiam que há algo errado?

Animeimei-me no mesmo instante. Talvez fosse essa a nossa única esperança. Cambaleei de repente, e Marjorie me segurou pelo braço, amparando-me.

— Você está esgotado, Lew. Descanse aqui ao meu lado, querido.

Obedeci, tonto e desesperado. Nem sequer falara de meus outros temores, de que, se usasse minha matriz pessoal, eu, que estivera sintonizado com Sharra, poderia ser atraído de volta a seu



vórtice, àquele fogo brutal, àquele canto do inferno... Marjorie sabia, no entanto, sem que eu precisasse dizer, e sussurrou:

— Posso sentir que se projeta para nós... Tem condições de nos levar de volta?

Ela se comprimiu contra mim, em terror; virei-me para enlaçá-la, apertando-a com uma força desvairada, lutando contra um desejo quase incontrolável. E isso me deixou apavorado. Deveria encontrar-me esgotado, exausto, incapaz do menor impulso sexual. O que era frustrante, mas normal, e há muito eu aceitara o fato.

Mas aquele desejo desenfreado — e era pura luxúria, uma coisa animal, sinistra e odiosa, sem qualquer vestígio de amor ou afeto — fazia minha pulsação disparar, deixava-me ofegante no esforço para resistir. Era forte demais; permiti que me envolvesse e dominasse, sentindo o fogo arder em minhas veias, como se um líquido escaldante tivesse substituído o sangue em meu corpo. Comprimi a boca contra a de Marjorie e senti sua débil tentativa de me repelir. E, depois, o fogo engolfou a nós dois.

É a única lembrança que tenho de Marjorie que não é de total alegria. Possuía brutalmente, sem ternura, querendo extinguir o fogo da necessidade que ardia dentro de mim. Ela retribuiu com igual violência, detestando tanto quanto eu, ambos dominados por um desespero incontrolável. Era furioso e animal... não! Animal, não! Os animais se confrontam de uma maneira mais pura, impelidos apenas por sua força vital, sem ter conhecimento daquele tipo de sinistro desejo. Não havia inocência ali, nenhum amor, apenas uma violência bruta, insaciável, um poço sem fundo do inferno. Era o inferno, todo o inferno que jamais conheceríamos. Ouvei Marjorie soluçando, desamparada, e sabia que eu também chorava, de vergonha e ódio. Depois, não conseguimos dormir.

## Capítulo Vinte e Um

Nem mesmo em Nevarsin, pensou Regis, nunca nevara tanto, ou com tanta persistência. Seu pônei avançava determinado, seguindo os passos da montaria de Danilo, como os animais das montanhas eram treinados a fazer. A neve voltava a cair.

Não se importaria com nada daquilo, refletiu ele, a viagem, o frio intenso, a falta de sono, se pelo menos pudesse ver direito, ou manter o mundo plano por baixo.

A doença do limiar continuara a dominá-lo, intermitente, mais predominante no decorrer do último dia. Tentava ignorar os olhares ansiosos de Danilo, sua preocupação com ele. Não havia nada que Danilo pudesse fazer para ajudá-lo; portanto; quanto menos falasse a respeito, melhor.

Mas era muito desagradável. O mundo parecia dissolver-se, a intervalos regulares. Não tinha ataques tão violentos quanto o que sofrera em Thendara ou na viagem para o norte, mas tinha a impressão de viver numa amena desorientação crônica durante todo o tempo. Não sabia o que era pior, mas desconfiava de que era a forma que por acaso o dominava na ocasião. Danilo esperou que ele emparelhasse no caminho.

— Já está nevando, e ainda nem chegamos ao meio da tarde. Neste ritmo, levaremos doze dias para alcançar Thendara, e perderemos a longa dianteira com que contávamos.

Quanto mais depressa chegassem a Thendara, melhor. Regis sabia que era preciso dar o aviso, mesmo que Lew e Marjorie fossem recapturados. Até agora, não houvera qualquer sinal de perseguição. Mas Regis também sabia, amaldiçoando sua fraqueza, que não seria capaz de suportar muito mais daquele constante esforço, das longas horas na sela, a vertigem incessante.

No início do dia, haviam passado por uma pequena aldeia, onde compraram comida e rações para os animais. Talvez pudessem arriscar-se a acender uma fogueira naquela noite... se encontrassem um lugar apropriado!

— Qualquer lugar serve, menos um estábulo cheio de feno — concordou Danilo.

Na noite anterior tinham dormido num estábulo, partilhando o calor com diversas vacas e cavalos e muito feno seco. Os animais esquentavam o ambiente para dormir, mas não puderam se arriscar a acender uma fogueira por causa do feno seco. Por isso, comeram apenas tiras de carne curtida e um punhado de nozes.

— Estamos com sorte — disse Danilo, apontando.

A alguma distância da estrada havia um abrigo para viajantes, construído várias gerações antes, quando Aldaran era o sétimo Domínio e aquela estrada era bastante usada, em todas as estações. Todas as estalagens haviam sido abandonadas, mas os abrigos, construídos para se manter de pé por séculos, ainda eram habitáveis, pequenas cabanas de pedra com telheiros anexos para os cavalos, e os confortos mínimos para os viajantes.

Os dois desmontaram e acomodaram os cavalos, mal falando, Regis por cansaço, Danilo por relutância em se intrometer nos pensamentos do amigo. Dani achava que ele estava zangado, Regis sentia; e sabia que deveria dizer que não era isso, apenas exaustão. Mas relutava em demonstrar fraqueza. Era um Hastur: cabia a ele liderar, assumir a responsabilidade. Por isso, ele se exigia ao máximo, implacável, o esforço tornando as palavras poucas e incisivas, a voz ríspida. Agravava a situação saber que, se proporcionasse o menor estímulo, Danilo o serviria por todos os meios, e com o maior prazer. Não queria aproveitar-se do culto ao herói por parte de Danilo.

O Comyn já fizera isso em demasia...

Os cavalos acomodados para a noite, Danilo levou os alforjes para o interior da cabana. Parando na porta, ele comentou:

— Este é um momento interessante, todas as noites, quando vemos o que os anos deixaram de cada lugar que encontramos para dormir.

— É mesmo interessante — disse Regis secamente. — Nunca sabemos o que encontraremos, nem com quem partilharemos nossas camas.

Uma noite haviam dormido no estábulo, porque um enxame dos letais escorpiões-formigas haviam invadido o abrigo.

— É verdade — respondeu Danilo, jovial. — Um escorpião-formiga é uma forma de vida inferior com que não me agrada dormir. Mas parece que temos sorte esta noite.

O interior da cabana era despojado, rescendia a mofo, mas havia uma lareira intacta, dois bancos para sentar e uma resistente prateleira embutida na parede; assim, não precisavam dormir no chão, à mercê de aranhas ou roedores. Danilo largou os alforjes num banco.

— Vi alguns galhos secos perto do estábulo. A neve ainda não os deixou completamente encharcados. Pode não haver o suficiente para manter um fogo durante toda a noite, mas com certeza dá para preparar uma refeição quente.

Regis suspirou.

— Vou ajudá-lo a buscar a lenha.

Ele tornou a abrir a porta, contra o crepúsculo de neve; o mundo girou vertiginoso ao seu redor, e teve de se segurar na porta para não cair.

— Deixe-me sair sozinho, Regis. Você está doente de novo.

— Posso me agüentar.

— Já chega! — Danilo se mostrou subitamente furioso. — Quer parar de fingir, de bancar o herói para mim? O que farei se você cair e não conseguir se levantar de novo? É muito mais fácil arrastar alguns galhos secos do que tentar carregar você ao longo da neve! Fique aqui dentro, está bem?

Fingir. Bancar o herói. Era assim que Danilo encarava a sua tentativa de carregar o próprio peso? Regis murmurou, tenso:

— Não quero tornar as coisas mais difíceis para você. Pode ir.

Danilo fez menção de falar, mas mudou de idéia. Empinou o queixo e saiu para a neve. Regis começou a tirar as coisas dos alforjes, mas sentiu-se tão tonto que teve de sentar num dos bancos de pedra, apoiando-se com as duas mãos.

Era um peso morto para Danilo, pensou ele. Só servia para atrasá-lo. Especulou como Lew estaria saindo-se na viagem pelas montanhas. Esperara desviar a perseguição dele, mas parecia que

isso também não dera certo. Sua vontade era encolher-se no banco, deixar-se dominar pelo acesso da doença, mas recordou o conselho de Javanne: trate de se movimentar, resista. Levantou-se com grande esforço, pegou a pederneira e as mechas de feno seco que haviam guardado para acender fogo e ajoelhou-se diante da lareira, limpando os remanescentes da última fogueira de viajantes. Há quantos anos teria sido acesa?

O vento e flocos de neve entraram pela porta aberta; carregando os galhos secos, Danilo cambaleou para dentro, largou a lenha perto da lareira e tornou a sair. Regis separou os galhos mais secos para acender a fogueira, mas não conseguiu manter as mãos bastante firmes para manipular a pequena pederneira mecânica de aço, alimentada com óleo de resina, para assegurar uma chama mais duradoura. Largou o artefato no banco e sentou com a cabeça nas mãos, sentindo-se completamente inútil, até que Danilo, vergado por outra carga de lenha, entrou meio trôpego e fechou a porta com o pé.

— Meu pai diz que isto é uma carga de preguiçoso — comentou ele, jovial -, carregar lenha demais porque você tem preguiça de voltar para buscar outra. Servirá para afugentar o frio por algum tempo. E, de qualquer forma, prefiro sentir frio aqui a sentir calor na suíte real de Aldaran.

Ele foi até o lugar em que Regis armara a lenha e ajoelhou-se para acendê-la com a pederneira.

— Abençoado seja o homem que inventou este aparelho. Ainda bem que você tinha um.

Era parte do equipamento de acampamento de Gabriel que Javanne lhe entregara, junto com as pequenas panelas. Dani olhou para Regis, encolhido e imóvel no banco, tremendo todo.

— Está muito zangado comigo?

Regis limitou-se a sacudir a cabeça. Danilo acrescentou, hesitante:

— Não quero... ofendê-lo. Mas sou seu escudeiro e tenho de fazer o que é melhor para você. Mesmo que nem sempre seja o que você quer.

— Tudo bem, Dani. Eu estava errado, e você tinha toda a razão. Não consegui sequer acender o fogo.

— Não me incomode de acendê-lo, ainda mais com o seu aparelho. Há água encanada ali, no canto, se não congelou na tubulação. Se isso aconteceu, teremos de derreter a neve. O que vamos cozinhar?

A última coisa com que Regis se importava naquele momento era comida, mas forçou-se a discutir se seria melhor uma sopa de carne seca e favas, ou um mingau de cereais moídos. Quando borbulhava no fogo, Danilo foi sentar ao seu lado.

— Regis, não quero irritá-lo de novo, mas temos de tirar isso de você. Pensa que não percebo a dificuldade com que se mantém na sela?

— O que quer que eu lhe diga, Dani? Estou fazendo o melhor que posso.

— Vem fazendo mais do que pode. — A luz do fogo fazia Danilo parecer muito jovem e perturbado. — Acha que o estou culpando? Mas deve deixar que eu o ajude mais. O que direi em Thendara se o herdeiro de Hastur morrer aos meus cuidados?

— Está exagerando o problema, Dani. Nunca ouvi falar de ninguém que tenha morrido da doença do limiar.

Mas Javanne se mostrara sinceramente assustada...

— Talvez não — disse Danilo, cético -, mas se você não conseguir permanecer sentado em seu cavalo, cair e fraturar o crânio, isso também é fatal. Ou se ficar esgotado e pegar um resfriado fatal. Não esqueça que é o último Hastur.

— Não sou, não — murmurou Regis, ao final de sua resistência. — Não me ouviu contar a Lew? Tenho um herdeiro. Antes de iniciar esta viagem, considerei o fato de que poderia morrer, por isso designei um dos filhos de minha irmã para meu herdeiro. Legalmente.

Danilo se acorou, aturdido, os olhos arregalados, e seu pensamento foi tão claro quanto se tivesse falado em voz alta: Por minha causa? Regis absteve-se de falar mais alguma coisa a respeito. Não podia encarar a emoção intensa nos olhos de Danilo. Aquele era o momento do perigo, a intimidade compulsória da noite,

quando devia erguer todas as barreiras para não revelar o que sentia. Seria fácil demais se agarrar a Danilo em busca de força, aproveitar-se da reação emocional do amigo.

— Mesmo assim, não quero ter sua morte em minha consciência! — protestou Danilo, furioso. — Os Hasturs precisam de você por você mesmo, Regis, não por seu sangue ou por seu herdeiro!

— O que sugere que eu faça?

O próprio Regis não sabia se era uma pergunta honesta ou um desafio sarcástico.

— Não estamos sendo perseguidos. Devemos descansar aqui até que você se recupere.

— Creio que nunca vou me recuperar por completo enquanto não for a uma Torre e aprender a controlar isso.

Laran, um dom? Era mais uma maldição, pensou Regis. Em seu sangue, em seu cérebro. Mas sabia que não era a única coisa que o deixava doente. Era também a constante necessidade de se resguardar contra seus sentimentos, contra pensamentos e desejos que não queria acalentar. E para isso não havia ajuda, concluiu ele. Nem mesmo nas Torres poderiam transformá-lo numa pessoa diferente do que era. Mas podiam ensiná-lo a ocultar, a conviver com o problema. Danilo pôs a mão no ombro de Regis.

— Deve deixar que eu cuide de você. É meu dever. — Uma pausa, e ele acrescentou: — E meu prazer.

Por um esforço que literalmente fez sua cabeça girar, Regis manteve-se imóvel sob o contato. Rígido, recusou o contato oferecido e disse:

— Seu mingau está queimando. Se sente tão ansioso em fazer alguma coisa, cuide do que deve fazer. A coisa é intragável mesmo quando cozida direito.

Danilo empertigou-se como se as palavras fossem um golpe. Foi até o fogo e tirou a panela. Regis não olhou para ele, não se importou por tê-lo magoado. Situava-se além de pensar sobre qualquer coisa, exceto a sua tentativa de não pensar.

Sentia uma intensa raiva de Danilo por forçá-lo àquela confrontação íntima. Recordou de repente a briga que tivera com

Danilo no alojamento dos cadetes, uma briga que poderia ter ido muito além de um único golpe, se não fosse pela intervenção de Hjalmar. Queria fustigar Danilo agora, agredi-lo com palavras cruéis. Sentia uma necessidade de aumentar a distância entre os dois, romper aquela insuportável intimidade, impedir que Danilo o fitasse com tanto amor. Se brigassem, talvez não precisasse mais ter uma vigilância constante, com medo de fazer e dizer o que não suportava nem pensar...

Danilo veio com o mingau numa pequena caneca e murmurou, hesitante:

— Acho que não queimou...

— Pare de ser tão atencioso! — exclamou Regis. — Coma o seu mingau e me deixe em paz, não fique me tratando assim! O que devo fazer para você compreender que não o quero, que não preciso de você? Deixe-me em paz!

O rosto de Danilo ficou branco. Ele foi sentar no outro banco, a cabeça inclinada para seu mingau. De costas para Regis, declarou friamente:

— Há mais mingau quando quiser se servir, meu lorde. Regis podia ver com clareza, como se o tempo tivesse saído de foco, o momento no alojamento em que Danilo o repelira com um insulto. Era claro também na mente de Danilo: Ele fez comigo, sabendo, o que eu fiz com ele, sem saber.

Com um esforço consciente, Regis absteve-se de um pedido de desculpa imediato. O cheiro do mingau causou-lhe uma náusea violenta. Foi para a prateleira de pedra, deitou-se ali, envolvendo-se com o manto de montaria, e tentou reprimir os tremores que sacudiam todo o seu corpo. Tinha a impressão de que podia ouvir Danilo chorando, como acontecera tantas vezes no alojamento. Mas Danilo continuava sentado no banco, comendo seu jantar em silêncio. Regis ficou olhando para o fogo, até que começou a aumentar, as chamas se elevando... alucinação. Não era o incêndio na floresta, nem Sharra. Apenas outra alucinação. Perdera o controle psíquico.

Ainda assim, parecia ver o rosto de Lew, bem nítido, à luz do fogo. E se, pensou Regis, no momento em que estendi as mãos e



puxei-o para o meu lado, ele tivesse me repellido? E se pensasse que o conforto que eu lhe oferecia era uma coisa muito vergonhosa para suportar ou reconhecer?

Eu era apenas uma criança. Não sabia o que fazia. Ele não era uma criança. E sabia.

Incapaz de suportar esse curso de pensamento, ele deixou que a doença intermitente o dominasse de novo. Foi quase um alívio permitir que o mundo se desvanecesse para o nada. O tempo se dissipou. Ouviu a voz de Danilo depois de um longo momento, só que as palavras não faziam mais sentido; eram apenas vibrações, sons sem qualquer significado ou relevância. Regis sabia, com o último alento de sanidade, que sua única esperança agora de se salvar era gritar, levantar-se, andar, chamar Danilo, agarrar-se a ele, como uma âncora no meio do nada...

Mas não podia. Não podia entregar-se a uma coisa assim; preferia morrer... e ouviu uma vozinha estranha e remota em sua mente dizer: Pois então morra, se é tão importante assim para você. E sentiu algo como um gigantesco balanço arrebatá-lo, levá-lo para o alto, cada vez se embrenhando mais pelo nada a cada respiração, vendo estrelas, átomos, estranhas vibrações, o próprio ritmo do universo... ou seriam as células de seu próprio cérebro vibrando, fora de controle?

Fizera isso a si mesmo, ele sabia. Permitira que acontecesse, covarde demais para enfrentar.

Chame Danilo, disse a voz interior. Ele o ajudará, mesmo agora, se pedir. Mas terá de pedir, pois você mesmo tornou impossível que ele se aproxime sem ser chamado. Chame logo, depressa, enquanto ainda pode.

Não posso...

Regis sentiu que a respiração começava a sair em ofegões, como se pairasse em algum lugar dos espaços distantes, que era agora tudo o que podia ver, a cada respiração retornando por um instante ao corpo se debatendo, cada vez mais fraco, inerte na prateleira. Depressa! Grite agora por socorro, ou vai morrer, aqui e agora, com tanta coisa a fazer, só por causa de seu orgulho...

Com o que ainda lhe restava de força, Regis lutou para ter voz suficiente para gritar, chamar bem alto. Mas saiu um mero sussurro abafado:

— Dani... ajude-me...

Tarde demais, pensou ele, sentindo que resvalava para o nada. E se perguntou, com um pesar desesperado, se estava morrendo... porque não suportava ser honesto consigo mesmo, com seu amigo...

Oscilava na escuridão, imóvel, o corpo todo dormente, paralisado. Sentiu Danilo, apenas um tênue nevoeiro azulado através de seus olhos fechados, inclinando-se sobre ele, mexendo nos laços da túnica. Não podia sequer sentir as mãos de Danilo, só sabia que estavam em sua garganta. E Regis, insano: Ele vai me matar?

Sem aviso, seu corpo se convulsionou num espasmo da dor mais terrível que já conhecera. Estava ali outra vez, o rosto de Danilo visível através de um nevoeiro avermelhado, cor de sangue, pairando sobre ele, a mão tocando na matriz pendurada do pescoço de Regis. A voz rouca, Regis balbuciou:

— Não... não de novo...

E sentiu voltar o espasmo que parecia dissolver os ossos. Danilo largou a matriz, como se o tivesse queimado, e a dor infernal diminuiu. Regis permaneceu inerte, ofegando. Tinha a sensação de que caíra no fogo. Danilo balbuciou:

— Perdoe-me... pensei que estivesse morrendo! Não conhecia outro meio de entrar em contato com sua mente...

Com todo o cuidado, sem tocá-la, Danilo tornou a cobrir a matriz. Arriou na plataforma de pedra, ao lado de Regis, como se os joelhos estivessem fracos demais para mantê-lo de pé.

— Regis, Regis, pensei que estivesse morrendo... Regis sussurrou:

— Foi o que eu também pensei.

— Disse a mim mesmo: se deixá-lo morrer por não poder perdoar uma palavra áspera, então seria uma desgraça para meu pai e para todos aqueles que serviram aos Hasturs. Sou um telepata catalisador, tinha de haver algum meio de fazer contato com você... gritei, mas não me ouviu, bati em você, belisquei-o, achei que já tinha morrido, mas ainda podia senti-lo me chamando...

Ele estava totalmente exausto. Regis sussurrou:

— O que você fez? Senti...

— Toquei a matriz... nada mais podia alcançá-lo, e eu tinha tanta certeza de que estava morrendo... — Danilo perdeu o controle de vez e soluçou. — Eu poderia tê-lo matado! Poderia tê-lo matado!

Regis puxou Danilo para baixo e abraçou-o.

— Bredu, não chore... veja, não morri.

Ele se sentiu subitamente inibido outra vez. O rosto de Danilo, molhado de lágrimas, comprimia-se contra sua face. Regis afagou-o, desajeitado.

— Não chore mais.

— Mas eu o magoei tanto... e não suporto magoá-lo!

— Acho que nada mais conseguiria me trazer de volta, bredu. É a minha vida que lhe devo agora.

Ele ainda se sentia tonto e dolorido, na esteira do que sabia agora que só podia ter sido uma convulsão. Mais tarde, descobriria que aquele tratamento heróico, de último recurso, segurar uma matriz, só era usado à beira da morte; quando telepatas mais fortes determinavam que sem isso o sofredor poderia vaguear pelos corredores do próprio cérebro, isolado de todos os estímulos externos, até morrer. Danilo o fizera por puro instinto. Regis recordou agora o que Javanne dissera.

— Tenho de levantar e me movimentar ou pode voltar. Mas você terá de me ajudar, Dani. Estou fraco demais para andar sozinho.

Danilo ajudou-o a ficar de pé. À última claridade do fogo se extinguindo, Regis pôde ver as lágrimas em seu rosto. Ele manteve o braço em torno de Regis, amparando-o.

— Eu nunca deveria ter discutido com você quando estava doente.

— Eu é que provoquei a discussão, Dani. Pode me perdoar?

Regis sabia que fora cruel com Danilo por medo, o medo do que ele próprio era. Talvez Dyan também recorresse à crueldade por medo, e acabasse preferindo a crueldade ao medo — ou à vergonha — de se conhecer tão bem.

O laran era uma coisa terrível. Mas não tinham opção, a não ser a de aceitá-lo com honra.

— Mantive o mingau quente para você — murmurou Danilo timidamente. — Pode tentar comê-lo agora?

Regis pegou a caneca, ardendo em seus dedos. O mero pensamento de comida provocou-lhe náusea, mas engoliu algumas colheres, obediente, e logo descobriu que de fato sentia fome. Continuou a comer e murmurou, depois de algum tempo:

— Não é pior do que as coisas que comíamos na Guarda. Se algum dia se tornar um homem sem mestre, Dani, pode ser contratado como cozinheiro da Guarda.

— Deus me livre de me tornar um homem sem mestre enquanto você viver, Regis.

Pegando a mão de Danilo, Regis apertou-a com força. Sentia-se exaurido e dolorido, mas em paz. Acabou o mingau, e Danilo foi lavar a caneca. Regis tornou a deitar na prateleira. O fogo quase se extinguiu por completo, e fazia frio agora. Danilo voltou, estendeu seu manto e seu cobertor ao lado de Regis, sentou e tirou as botas.

— Eu gostaria de saber mais sobre a doença do limiar.

— Fique contente por não saber, pois é um verdadeiro inferno. Espero que você nunca a tenha.

— Já tive. Sei agora o que devo ter sofrido quando comecei... a ler mentes. Não havia ninguém para me explicar o que era, e nunca levei a sério. O problema é que não sei o que fazer com isso. Caso contrário, poderia ajudá-lo. — Ele fitou Regis com alguma hesitação, na semi-escuridão, antes de acrescentar: — Ainda mantemos um ligeiro contato. Deixe-me tentar.

— Faça o que quiser, Dani. Não vou repeli-lo de novo. Apenas tome cuidado. Sua última tentativa foi dolorosa.

— Descobri uma coisa. Pude ver e sentir, e há uma espécie de... energia. Olhe.

Ele se inclinou sobre Regis, passando as pontas dos dedos de leve por cima de seu corpo, sem tocá-lo.

— Posso senti-lo assim, sem tocar você, em determinados pontos e mais forte, em outros sinto que deve ser também, mas não é... Não sei como explicar. Você também sente?

Regis recordou o pouco que a Ieronis lhe dissera quando o testara, em vão, à procura de laran.

— Há certos... centros de energia no corpo, que despertam com o laran. Todas as pessoas os possuem, mas num telepata são mais fortes e mais... perceptíveis. Se isso é verdade, você também deve tê-los.

Ele se inclinou para Danilo, passando as mãos sobre seu rosto, sentindo um incontestável fluxo de energia.

— É como uma... uma pulsação extra aqui, logo acima de sua testa. — Haviam lhe mostrado um desenho desses centros de energia, mas na ocasião ele não tinha motivos para acreditar que também os possuía. Agora, fez um esforço para recordar, sentindo que devia ser importante. — Há outro na base da garganta.

— Posso ver — murmurou Danilo, tocando de leve, com a ponta do dedo.

O contato não foi doloroso, mas Regis sentiu-o como um tênue choque elétrico. Contudo, assim que passou a ter plena consciência da pulsação, suas percepções se desanuviaram, e a vertigem que o dominava há semanas pareceu dissipar-se, mudar de alguma forma. Sentiu que descobrira algo muito importante, mas não sabia o que era. Danilo continuou, tentando determinar os fluxos de energia com as pontas dos dedos.

— Não preciso tocar você para senti-los. Parece que sei...

— Provavelmente porque você também os tem — disse Regis. - O trabalho com matriz exige treinamento, mas deve ser possível aprender sozinho a controlar o laran ou as técnicas não poderiam ter sido desenvolvidas. A menos que se queira acreditar em todas aquelas histórias antigas sobre deuses e semideuses descendo dos céus para ensinar ao Comyn como usá-las... e eu não acredito.

Estava muito escuro, mas ele podia ver Danilo com nitidez, como se seu corpo fosse delineado pelos fluxos de energia, pálidos e pulsantes. Danilo murmurou:

— Nesse caso, talvez possamos descobrir como evitar que você caia de novo nesse tipo... de crise.

— Parece que estou em suas mãos, Dani. Literalmente. Não sei se eu poderia sobreviver a outro ataque igual. — Ele sabia que fora

ressuscitado pelo choque físico que Danilo aplicara ao tocar sua matriz, mas isso o deixara esgotado, perigosamente fraco. — Você já teve a doença do limiar? E conseguiu superá-la?

— Já, sim. Embora, como eu disse, não tivesse a menor idéia do que era. Mas ajudou bastante a descoberta das correntes de energia. Podia fazer com que fluíssem melhor, durante a maior parte do tempo, parecia até que podia usar essa energia. Não estou explicando direito, não é? Não conheço as palavras certas.

Regis deu um sorriso triste.

— Talvez não haja palavras certas.

Ele ficou observando os fluxos de energia no corpo de Danilo e teve a estranha impressão de que, embora ambos estivessem bastante vestidos contra o frio, os dois se encontravam de certa forma nus, só que com um tipo diferente de nudez. Podia também sentir os fluxos de energia em Danilo, pulsando, em movimentos suaves e firmes, as forças vitais. Danilo continuava a procurar os fluxos nele, sem tocá-lo; mesmo assim, o contato que não era um contato tornou a despertar a percepção física. Regis não ouvira Lew explicar que as mesmas correntes transmitiam a força telepática e a energia sexual, mas sentiu o suficiente para se tornar embaraçado. Gentilmente, afastou a mão de Danilo.

— Não — sussurrou ele, não com raiva agora, mas enfrentando com honestidade... não podiam mais mentir um para o outro agora. — Você não vai querer despertar isso, não é mesmo, Dani?

Houve um instante de tempo suspenso, em que Danilo quase parou de respirar. Depois, ele disse, num sussurro abafado:

— Pensei que você não sabia.

— Ou seja, quando me chamou de nomes... estava mais próximo da verdade do que imaginava, Dani. Eu também não sabia na ocasião, mas preferia não... não me aproximar de você como Dyan. Portanto, Dani, tome cuidado.

Ele não tocava Danilo agora, mas ainda assim sentiu as correntes de energia de Danilo mudarem, a pulsação se tornar irregular, como um redemoinho num rio de curso sereno. Não sabia o que isso significava, mas sentiu sem definir por que era

importante, que descobrira algo que realmente precisava saber, algo de que dependia a sua própria vida. Danilo balbuciou, a voz rouca:

— Você? Como Dyan? Nunca!

Regis teve de fazer um esforço para manter a voz firme, mas estava agora consciente das correntes de energia. A pulsação firme que acalmara e desanuviara suas percepções começava agora a se tornar irregular, quase um turbilhão. Lutando para não perder o controle, ele respondeu:

— Não por qualquer meio que... que possa deixá-lo com medo. Juro. Mas é verdade. Você me odeia agora, ou me despreza por isso?

A voz de Danilo soou áspera:

— Acha que não posso perceber a diferença? Não direi o seu nome do mesmo jeito...

— Lamento muito desiludi-lo, Dani, mas seria pior mentir para você agora. Foi isso o que saiu errado antes. Achava que eu tentava demais... esconder de você, esconder até de mim mesmo, e foi o que me deixou doente. Conhecia os seus medos; e tem bons motivos para acalotá-los. Tentei com o máximo de empenho evitar que você soubesse: quase morri, para não deixar que pensasse em mim como Dyan. Sei que é um cristoforo, e sei que seus costumes são diferentes.

Ele não podia deixar de saber, depois de três anos em um dos seus mosteiros. E agora Regis sabia o que bloqueara seu laran: as duas coisas ao mesmo tempo, a reação emocional, despertando naquele momento com Lew, e a percepção telepática, o laran. E durante três anos, os anos em que deveria estar despertando e se fortalecendo, cada vez que experimentava qualquer espécie de impulso emocional ou físico, tinha de bloquear de novo; e cada vez que ocorria a menor e mais débil reação telepática, tratara de sufocá-la. Para não despertar outra vez todo o anseio, angústia, memória...

São-Valentim-das-Neves, santo ou não, quase destruíra Regis. Talvez, se fosse menos obediente, menos escrupuloso...

— Mesmo assim, Dani, devo lhe falar a verdade. Lamento se o magoa, mas não posso magoar a mim mesmo outra vez com a

mentira. Sou mesmo como Dyan. Agora, pelo menos. Não farei o que Dyan fez, mas me sinto como ele, e acho que você já sabe há algum tempo. Se não pode aceitar isso, não precisa me chamar de lorde, nem de amigo, mas acredite, por favor, que eu próprio não sabia.

— Acontece que sei que você tem sido sincero comigo — balbuciou Danilo. — Eu tentei esconder de você... sentia-me envergonhado... queria morrer por você, o que teria sido mais fácil. Pensa que não posso perceber a diferença?

As lágrimas escorriam pelo rosto de Danilo, enquanto continuava:

— Como Dyan? Você? Dyan, que não se importava comigo, que encontrava prazer em me atormentar, que se alegrava com meu medo e aversão...

Ele respirou fundo, ofegante, como se não houvesse ar suficiente em qualquer parte para encher seus pulmões.

— Enquanto você... ficou assim, dia após dia, torturando-se, deixando-se levar até a beira da morte, só para não me assustar... acha que tenho medo de você? De qualquer coisa que você possa dizer... ou fazer?

As linhas de luz ao seu redor eram muito brilhantes agora, e Regis se perguntou se Danilo, no ímpeto de emoção que envolvia os dois, compreendia de fato o que dizia. Ele estendeu as duas mãos para Danilo e murmurou, gentilmente:

— Parte da doença, eu acho, foi causada por tentar esconder um do outro. Chegamos perto de nos destruir por causa disso. Não precisamos falar a respeito, tentar encontrar as palavras certas. Dani... bredu... quer conversar comigo agora, de um jeito em que não possa haver mal-entendidos?

Danilo hesitou por um momento, e Regis, apavorado com o medo antigo e angustiante de uma rejeição, teve a sensação de que não conseguia respirar. Depois, embora Regis pudesse sentir um último resquício de medo, relutância, vergonha, como se fossem nele próprio, Danilo estendeu suas mãos, guiado por um instinto seguro, e comprimiu as palmas contra as de Regis, sussurrando:

— Claro, bredu.



O contato era mínimo, mas provocou um intenso choque elétrico. Regis sentiu as pulsações de energia arderem nele como raios vivos, por um instante. Depois, sentiu as correntes passando pelos dois, de Danilo para ele, percorrendo todo o seu corpo — os centros na cabeça, na base da garganta, sob o coração, nas profundezas de todo o seu corpo — e voltando a Danilo. Os remoinhos intensos e turvos nas correntes começaram a se desmanchar, a fluir numa pulsação uniforme e rápida. Pela primeira vez em meses, ao que parecia, ele podia ver claramente, sem a doença insidiosa e a vertigem, à medida que os canais de energia se abriam, num circuito completo. Por um momento, essa energia vital partilhada foi tudo o que podiam sentir; sob o alívio, Regis respirou fundo, e parecia a sua primeira respiração pura em muito tempo.

Depois, muito devagar, seus pensamentos começaram a se fundir com os de Danilo. Lúcidos, juntos, como se formassem uma só mente, um único ser, juntando-se em intenso afeto e intimidade.

Era esta a verdadeira necessidade. Entrar em contato com alguém, desta maneira, sentir esta plenitude, esta fusão. Viver sem a sua pele. O laran é isto.

Na paz e conforto daquela fusão mágica, Regis ainda permanecia consciente da tensão e profunda necessidade de seu corpo, mas isso era menos importante. Mas por que qualquer dos dois deve ter medo disso agora?

Era isso, compreendeu Regis, que distorcera suas forças vitais em nós, bloqueando os fluxos de energia, até que quase morrera. A sexualidade era apenas uma parte; o verdadeiro problema era a relutância em encarar e reconhecer o que havia dentro dele. Sabia sem palavras que a desobstrução dos canais o libertara para ser o que era, e o que seria.

Algum dia conheceria a técnica para orientar essas correntes, sem fazê-las fluir por todo o seu corpo. Mas agora era isso o que precisava, e apenas alguém que pudesse aceitá-lo por completo, todo ele, mente, corpo e emoções, poderia proporcionar-lhe. E era uma irmandade mais profunda que a do sangue. Viver sem sua pele.

E de repente ele soube que não precisava ir para uma Torre. O que aprendera agora era um meio mais simples do que lhe teriam

ensinado ali. Sabia que podia usar o laran agora, de qualquer forma que precisasse. Podia usar sua matriz sem ficar doente de novo, podia alcançar qualquer pessoa que precisasse alcançar, enviar a mensagem que tinha de transmitir.

## Capítulo Vinte e Dois

(Narrativa de Lew Alton)

Pela nona ou décima vez em uma hora, fui na ponta dos pés até a porta, soltei a tranca de couro e espiei lá fora. O mundo exterior era apenas um cinzento escuro e turbilhonante. Tratei de recuar, limpando a neve dos olhos, e depois percebi, na semi-escuridão, que Marjorie acordara. Ela sentou e removeu o resto da neve de meu rosto com seu lenço de seda.

— Ainda é cedo na estação para uma tempestade tão forte.

— Temos um ditado nas montanhas, querido. Não deposite qualquer fé nas profecias de um bêbado, no cachorro de outro homem ou no tempo em qualquer estação.

Uma pausa, e ela acrescentou, fazendo um esforço para traduzir meus pensamentos em palavras:

— Mesmo assim, conheço as montanhas. Há alguma coisa nesta tempestade que me assusta. O vento não assovia como deveria. A neve é úmida demais para esta época. Está errada, de alguma forma. Tempestades, sim, mas não como esta.

— Certa ou errada, eu só gostaria que parasse.

Mas, no momento, estávamos impotentes. Era melhor aproveitarmos o pouco de bom que havia em ficarmos retidos pela neve juntos. Comprimi o rosto contra seus seios, e ela comentou, rindo:

— Você não lamenta nem um pouco estar preso aqui comigo.

— Preferia que estivéssemos em Arilinn. Teríamos ali uma câmara nupcial.

Marjorie me abraçou. Estava tão escuro que não podíamos ver os rostos um do outro, mas não precisávamos de luz. Ela sussurrou:

— Sinto-me feliz com você em qualquer lugar em que estivermos.

Éramos exageradamente gentis um com o outro agora. Eu esperava que viesse um dia em que poderíamos nos abraçar sem medo. Sabia que nunca esqueceria, enquanto vivesse, aquela loucura terrível que nos dominara, nem aquelas horas angustiantes,

depois que Marjorie chorara até um sono atordoado e exausto, enquanto eu permanecia acordado, irrequieto, palpitando com o temor de que talvez ela nunca mais pudesse confiar em mim ou me amar.

Esse medo desapareceu poucas horas depois, quando ela abriu os olhos, ainda sombrios e magoados no rosto manchado de lágrimas, e num súbito impulso estendeu os braços para mim, com um carinho que dissipou todas as minhas apreensões. Mas um temor persistiu: aquilo podia nos dominar outra vez? Alguém poderia recuperar a sanidade total depois do contato de Sharra?

Mas, por enquanto, nos livráramos do medo. Mais tarde, Marjorie voltou a dormir; eu esperava que o prolongado repouso a ajudasse a recuperar as forças, depois da extenuante viagem. Continuei a andar de um lado para outro, inquieto, e tornei a observar a tempestade. Sabia que dali a pouco teria de enfrentar o tempo lá fora para dar as últimas rações aos cavalos.

Havia mesmo algo de errado com a tempestade. Fez-me pensar na manobra de Thyra com a cascata. Não, isso era um absurdo. Nenhuma pessoa sã haveria de interferir com o tempo para alcançar um objetivo pessoal.

Mas indaguei a mim mesmo: alguém podia ser sã depois de entrar em contato com Sharra?

Não ousava sequer olhar para minha matriz, a fim de verificar o que havia, se é que havia alguma coisa, por trás da força incessante da tempestade. Enquanto Sharra estivesse em ação, tentando atrair-nos de volta, minha matriz era inútil... pior do que inútil, perigosa, mortífera.

Alimentei os cavalos, retornei à cabana para encontrar Marjorie ainda dormindo e ajoelhei-me para acender um fogo com a pouca lenha que ainda nos restava. A comida chegava ao fim, mas uns poucos dias de jejum forçado não nos fariam mal. Pior era a escassez de forragem para os animais. Enquanto punha alguns grãos para cozinhar, a fim de fazer um mingau, especulei se já teria engravidado Marjorie. Esperava que sim, é claro, e depois me controlei com um grunhido de consternação. Por Evanda e Avarra, não, ainda não! A viagem já era bastante difícil para Marjorie nas

circunstâncias atuais. Sentia-me dividido. Com um instinto profundo, queria que ela já tivesse no ventre uma criança minha, mas ao mesmo tempo tinha medo do que mais desejava.

Sabia o que fazer, é claro. A abstinência é impossível nos círculos de Torre, exceto para as Guardiãs, e cobra um pesado tributo das pessoas. Contudo, a gravidez é perigosa para as mulheres trabalhando nas redes de transmissão, e não podemos nos arriscar a uma interrupção de seus ciclos. Desconfiava de que Marjorie ficaria chocada e indignada se eu tentasse protegê-la assim. Não gostaria de que ela reagisse de outra forma. Mas o que podíamos fazer? Pelo menos devíamos conversar a respeito, com toda a franqueza, abertamente. De qualquer forma, a decisão seria dela.

Por trás de mim, Marjorie remexeu-se no sono, gritou "Não, Thyra, não...", e sentou, levando as mãos à cabeça, como se estivesse dominada por um terror total. Corri para ela. Marjorie soluçava de pavor, mas depois que a despertei não foi capaz de me contar o que vira ou sonhara.

Thyra estaria fazendo alguma coisa com ela? Eu não duvidava dessa possibilidade, pois agora já não tinha mais qualquer confiança nos escrúpulos de Thyra. Nem nos de Kadarin. Respirei fundo contra a mágoa que isso me causava. Éramos amigos. O que os teria mudado?

Sharra? Se as chamas de Sharra podiam romper a disciplina de anos em Arilinn, o que não fariam com um telepata destreinado? Marjorie perguntou, meio ansiosa:

— Você esteve um pouco apaixonado por Thyra, não é?

— Eu a desejei — respondi, encarando a verdade. — Esse tipo de coisa é inevitável num círculo tão íntimo. Poderia acontecer com qualquer mulher que alcançasse minha mente. Mas ela não queria, e resistiu. Pelo menos eu sabia que podia acontecer. Thyra empenhou-se ao máximo para ignorar.

Quanto dessa batalha consigo mesma a prejudicara e perturbara? Eu teria falhado a Thyra também? Deveria ter-me esforçado mais para ajudá-la a enfrentar, com plena consciência. Deveria ter cuidado para que todos nós fôssemos francos uns com

os outros, como meu treinamento exigia, ainda mais por constatar para onde nossas emoções indisciplinadas nos levavam... à raiva, à violência e ao ódio..

Jamais conseguiríamos controlar Sharra. Mas se compreendêssemos mais cedo o que acontecia conosco, eu teria percebido a maneira como éramos desviados, distorcidos.

Falhara com todos, meus parentes, meus amigos, por amá-los demais, por não querer magoá-los com o que eram.

A experiência estava arruinada, por mais nobre que fosse o sonho de Beltran. Agora, qualquer que fosse o custo, a matriz de Sharra devia ser monitorada, e depois destruída. Mas o que aconteceria com as pessoas absorvidas por Sharra?

A neve continuou a cair durante todo o dia e a noite, e ainda persistia quando acordamos na manhã seguinte, empilhando-se alta em torno das construções de pedra. Senti que deveríamos seguir adiante, apesar de tudo, mas seria uma insanidade. Os cavalos nunca conseguiriam avançar pela neve tão alta. Mas se permanecêssemos acuados ali por muito mais tempo, sem rações, eles não seriam mais capazes de viajar.

Deve ter sido na tarde seguinte — os acontecimentos desse período ficaram um tanto toldados em minha mente — que acordei para ouvir Marjorie gritando de medo. A porta foi arrombada para dentro, e Kadarin surgiu, com meia dúzia dos guardas de Beltran por trás.

Peguei minha espada, mas em poucos segundos fui dominado, e com uma horrível sensação de infinita repetição parei de me debater, imobilizado entre os guardas. Marjorie recuara para um canto. Enquanto Kadarin avançava em sua direção, eu disse a mim mesmo que o mataria se a machucasse; mas ele apenas a levantou, gentilmente, e ajeitou seu próprio manto nos ombros dela.

— Criança tola... não sabia que não poderíamos deixar vocês partirem assim? — Kadarin a entregou a dois guardas e acrescentou: — Levem-na para fora. Não a machuquem, tratem-na com toda a gentileza, mas não a deixem escapar ou pagarão com suas cabeças!

— Você faz guerra contra mulheres? Não podemos acertar tudo só nós dois, de homem para homem?

Ele ainda segurava minha espada; deu de ombros e jogou-a para um canto.

— Chega de seus brinquedos das terras baixas. Aprendi há muito tempo a travar minhas batalhas com armas mais formidáveis. Se acha que eu machucaria Marjorie, é mais tolo do que imaginei. Precisamos de vocês dois.

— Como pode pensar que eu voltaria a trabalhar com você? De jeito nenhum! Prefiro morrer primeiro!

— Sei disso — respondeu ele, num tom quase cordial. — Mas não há o menor sentido em seu heroísmo, meu rapaz.

— O que aconteceu? Descobriu que não era capaz de manipular Sharra sozinho? Quanto destruiu antes de chegar a essa conclusão?

— Não tenho de lhe dar satisfações! — exclamou Kadarin, com uma súbita fúria.

Lutei por mais um momento contra os homens que me seguravam, ao mesmo tempo que desfechei uma violenta agressão mental. Sempre me haviam dito que a raiva desenfreada de um Alton pode matar, e fora disciplinado a jamais permitir que minha ira se tornasse totalmente livre. Mas agora...

Desencadeei toda a raiva de que era capaz, visualizando minhas mãos na garganta de Kadarin, a mente irradiando ódio... Senti que ele estremecia sob a investida, vi-o empalidecer, os joelhos vergarem...

— Depressa! — balbuciou ele, a voz estrangulada. — Derrubem-no... sem sentidos...

Um punho acertou em meu queixo, a escuridão invadiu minha mente. Senti que ficava inerte, pendendo entre os guardas. Kadarin se adiantou e passou a me agredir, as mãos cheias de anéis cortando meu rosto, golpe após golpe, até que desfaleci por completo. Depois, percebi que me arrastavam para a tempestade; o granizo frio no rosto me levou a recuperar um pouco os sentidos. O rosto de Kadarin apareceu diante dos meus olhos, numa névoa vermelha.

— Não quero matá-lo, Lew. Venha comigo sem resistir. Com a boca arrebatada e sangrando, consegui balbuciar:

— É melhor me matar... um homem corajoso, que espanca outro... imobilizado por dois guardas... dê-me dois homens para segurar você... e também o deixarei meio morto... desonrado...

— Ora, poupe-me dessa hipocrisia dos Domínios.. Já passei além de toda conversa de honra e desonra há muito tempo. Não tenho qualquer proveito para você morto. Vai comigo de qualquer maneira; portanto, o que escolhe: acompanhar-me quietinho, como o rapaz sensato que sempre foi ou prefere ser carregado, depois que os guardas o surrarem até ficar sem sentidos? Eles também não gostam de bater em homens indefesos. Ou devo imobilizá-lo para tornar tudo mais fácil?

Kadarin estendeu a mão para a matriz em meu pescoço.

Não! Não! Não outra vez! Soltei um grito frenético, que o fez recuar um passo. Depois, calmamente — e nunca houve nada no mundo tão terrível quanto sua voz baixa, até suave — ele disse:

— Não poderia suportar isso de novo, não é? Mas eu o farei, se for preciso. Por que não poupa esse sofrimento a nós dois?

— Melhor... me matar... em vez disso...

Cuspi o sangue que me enchia a boca. Acertou em sua cara. Sem pressa, ele limpou o rosto. Os olhos faiscavam como os de uma ave de rapina, loucos e inumanos.

— Eu esperava que você me poupasse da pior ameaça. Nascar, vá buscar a moça. Arranque sua matriz. Ela a guarda...

Amaldiçoei-o, tornando a fazer força para me desvencilhar dos guardas.

— Seu demônio, enviado do inferno! Faça o que quiser comigo, mas deixe-a em paz!

— Concorda em me acompanhar sem mais resistência?

Lentamente, derrotado, acenei com a cabeça. Ele deu um sorriso presunçoso e triunfante e sacudiu a cabeça para que os homens me levassem. Deixei que me conduzissem sem mais protestos. Se eu, um homem forte, não era capaz de suportar aquele tormento, como podia permitir que o infligissem a Marjorie?

Os homens nos empurraram ao longo da neve ofuscante. A menos de cem metros da casa, além da linha das árvores, a neve cessou, como se uma torneira tivesse sido fechada; a estrada se



estendia verdejante à nossa frente. Olhei aturdido, incrédulo. Kadarin balançou a cabeça.

— Thyra sempre quis fazer experiências com tempestades e manteve vocês dois no mesmo lugar, até que pudéssemos alcançá-los.

Meu instinto fora certo. Deveríamos ter seguido adiante. Eu tinha a obrigação de adivinhar o que estava acontecendo. O desespero me dominou. Um helicóptero nos esperava; levantaram-me para um banco, Marjorie para outro. Haviam amarrado os pulsos de Marjorie com seu lenço de seda, mas ela nada mais sofrera, afora isso. Inclinei-me para tocar sua mão. Kadarin se interpôs entre nós e agarrou meu pulso com dedos de aço.

Arranquei a mão bruscamente, como se ele fosse um cadáver gelado. Tentei fitar os olhos de Marjorie. Juntos, poderíamos subjugá-lo...

— Não adianta, Lew. Não posso lutar contra você, continuar a ameaçá-lo, por todo o caminho até Aldaran.

Kadarin falou sem qualquer inflexão. Enfiou a mão no bolso, tirou um pequeno frasco vermelho e destampou-o.

— Beba isto... agora!

— Não...

— Eu mandei beber! E depressa! Se der um jeito para derramar, não terei outro recurso senão tirar suas matrizes, primeiro a de Marjorie, depois a sua. Não ameaçarei de novo.

Contemplando aqueles olhos inumanos — por todos os Deuses, aquele homem fora meu amigo! Será que ele sabia o que se tornara? — compreendi que ambos nos encontrávamos indefesos em suasmãos. Derrotado, levei o frasco aos lábios e engoli o líquido vermelho.

O helicóptero se dissolveu, o mundo inteiro se dissolveu.

E não voltou.

Eu não sabia na ocasião que droga ele me dera. Ainda não sei direito. Também jamais soube quanto me recordo dos dias subseqüentes que não passam de sonho, quanto é resquício de um estranho núcleo de realidade.

Por um longo tempo, a única coisa que pude ver foi fogo. Incêndio na floresta, nas colinas além de Armida; fogo se abatendo sobre Caer Donn; a grande forma de chamas estendendo braços irresistíveis, destruindo as muralhas do Castelo Storn, como se fossem de papel. Fogo ardendo em minhas próprias veias, fervendo meu sangue.

Postei-me uma vez no ponto mais alto do Castelo Aldaran, contemplei uma centena de homens reunidos, e senti o fogo ardendo atrás de mim, envolvendo-me com sua ânsia e terror. Senti as emoções desenfreadas dos homens projetando-se para o lugar em que me encontrava, com a espada de Sharra entre as mãos, alimentando meus nervos com medo, desejo, ganância...

Outra vez um menino apavorado, coloquei-me entre as mãos de meu pai, aguardando dócil o contato que poderia proporcionar minha herança ou a morte. Senti a fúria aflorando em mim, dominando-me, e deixei que o fogo o engolfasse. Ele se elevou em chamas, queimando, queimando...

Vi Regis Hastur, estendido numa pequena cabana escura, em algum ponto do caminho entre Aldaran e Thendara, e compreendi que ele fracassara. Estava morrendo, o corpo sacudido pelas últimas convulsões fatais, incapaz de cruzar o limiar escuro, agonizante, queimando...

Senti Dyan Ardais me agarrar por trás, senti meu braço estalar entre suas mãos, senti pelo contato a combinação de crueldade e luxúria. Virei-me e irradiei ódio e violência contra ele também, e o vi subir sob a chama de meu ódio, queimando, queimando...

Ouvi Marjorie gritar, impotente, e lutei para recuperar a consciência, e me descobri em meu quarto no Castelo Aldaran. Mas estava imobilizado por enormes pesos. Alguém abriu minha boca à força e despejou outra dose da droga vermelha, e logo me perdi outra vez nos sonhos que não eram sonhos.

Descobri-me no alto de um longo lance de escada, descendo e descendo, interminável, para um vasto poço ardente de inferno, e Marjorie se achava diante de mim, com a matriz de Sharra entre as mãos, o rosto branco e vazio, e a matriz em minhas mãos ardia como fogo. Lá embaixo, os rostos de homens, erguidos em minha

direção, irradiando ondas sucessivas de emoção pura, por meu intermédio outra vez, de tal forma que eu queimava sem parar num fogo infernal de fúria e desejo, ardendo, ardendo...

Ouvi Thyra gritando "Não, não, não posso, não quero", e um terrível som de choro. Nem mesmo no leito de morte de seu pai ela chorara assim...

E depois, sem transição, Marjorie estava em meus braços, e me lancei sobre ela, como fizera antes. Cobri-a de beijos frenéticos e desesperados; mergulhei agradecido em seu calor, meu corpo e até o sangue nas veias ardendo, ardendo, tentando num único ato atenuar o frenesi de ira e luxúria que me atormentara, impotente, por dias, meses, anos, eternidades... Tentei controlar-me, sentindo que havia alguma dimensão de realidade nisso que não existira na maioria dos outros sonhos ou ilusões. Tentei gritar, estava acontecendo de novo, a coisa que temia e odiava, a coisa que desejava... a coisa que não ousava ver — era responsável, pessoalmente responsável, por toda aquela crueldade e violência! Era meu próprio ódio, jamais reconhecido, jamais admitido, que eles usavam, canalizando por meu intermédio! Era impotente para me controlar agora; um mundo de frenesi me sacudia, dilacerava-me com garras implacáveis. Marjorie chorava, desamparada, desolada, e pude sentir seu medo e angústia, ardendo em mim, ardendo, ardendo... Um raio passou por meu corpo, uma trovoada ressoou dentro e fora, um mundo de luxúria e fúria despejava-se por minha virilha... ardendo, ardendo...

Estava sozinho. Exausto, esgotado, ainda confuso dos sonhos. Estava sozinho. Onde se encontrava Marjorie? Não aqui, graças a todos os Deuses, não aqui, não aqui! Nada daquilo fora real.

A mente e o corpo em paz, adormeci, mas muito longe, na escuridão, alguém chorava...

## Capítulo Vinte e Três

— Não é a doença do limiar desta vez, bredu — disse Regis, erguendo a cabeça da matriz. — Agora estou fazendo certo, mas não consigo ver coisa alguma além... além da imagem que me surgiu na viagem para o norte. O fogo e a forma dourada. Sharra. Danilo estremeceu.

— Sei disso. Também vi.

— Pelo menos não me deixou sem sentidos desta vez.

Regis cobriu a matriz. Não mais lhe provocava a doença, apenas um senso intenso de percepção aguçada. Deveria ter sido capaz de entrar em contato com Kennard, ou com alguém em Arilinn, mas não havia nada... a não ser a imensa imagem, ardendo, em correntes, que ele sabia ser Sharra.

Não havia como duvidar: alguma coisa terrível estava acontecendo nas montanhas.

— Creio que todos os telepatas em Darkover já devem saber, a esta altura, Regis. Não estão sempre vigilantes a essas coisas nas Torres? Não há necessidade de você se sentir culpado porque não pode fazer tudo sozinho, ainda mais sem treinamento.

— Não me sinto exatamente culpado, mas sim muito preocupado. Tentei também entrar em contato com Lew, mas não consegui.

— Talvez ele esteja são e salvo em Arilinn, por trás de um campo de força.

Regis desejou poder pensar assim. Tinha a mente lúcida, e sabia que a doença não voltaria, mas o reaparecimento da imagem de Sharra o perturbava profundamente. Ouvira histórias de matrizes fora de controle, a maioria da Era do Caos, mas algumas mais recentes. Uma nuvem cobriu o sol, e ele estremeceu de frio.

— Acho que devemos seguir viagem, se você já acabou — sugeriu Danilo.

— Acabei? Nem sequer comecei! — Desconsolado, Regis tornou a guardar a matriz na bolsa. — Vamos continuar, mas deixe-me comer alguma coisa antes.

Ele aceitou o pedaço de carne seca que Danilo estendeu e sentou para mastigá-lo. Os dois se acomodavam lado a lado numa árvore caída, os cavalos pastando ali perto, ao longo da neve derretida.

— Há quanto tempo estamos viajando, Dani? Perdi a contagem durante a doença.

— Seis dias, eu acho. Devemos estar a poucos dias de Thendara. Talvez esta noite alcancemos os arredores das terras de Armida, e posso dar um jeito de avisar meu pai. Lew disse que os homens de Beltran lhe enviariam a mensagem de que eu estava bem, mas não confio nele.

— Meu avô sempre considerou Lorde Kermiac um homem honrado. Beltran é um filho estranho para um homem assim.

— Talvez ele fosse bastante decente até cair sob o domínio de Sharra — comentou Danilo. — Ou talvez Kermiac tenha reinado por tempo demais. Sempre ouvi dizer que a terra que vive por tempo demais sob o regime de velhos torna-se ansiosa para mudanças a qualquer custo.

Regis se perguntou o que aconteceria nos Domínios quando a regência de seu avô terminasse, quando o Príncipe Derik Elhalyn fosse coroado. O povo estaria ansioso por mudança a qualquer custo? Regis recordou a reunião do Conselho do Comyn em que testemunhara, junto com Danilo, a luta pelo poder. Não seriam meros observadores quando Derik assumisse o poder, mas participantes. O poder era sempre maligno, sempre corrompido? Dani disse, como se lesse os pensamentos do amigo:

— Mas Beltran não queria o poder apenas para mudar as coisas; queria um mundo inteiro para se divertir.

Regis surpreendeu-se com a lucidez da análise e pensou outra vez, com satisfação, que, se o destino de Darkover algum dia dependesse dos Hasturs, gostaria de ter alguém como Danilo para ajudá-lo nas decisões. Inclinou-se, apertou com força a mão do amigo e disse apenas:

— Vamos selar os cavalos. Talvez possamos evitar que ele se divirta com o nosso mundo.

Já iam montar quando ouviram um zumbido distante, que logo se transformou num rugido que povoou o céu. Danilo olhou para cima; sem dizerem nada, ele e Regis levaram os cavalos para a cobertura das árvores. Mas o helicóptero passou direto por cima, sem lhes dispensar qualquer atenção.

— Não tem nada a ver conosco — comentou Danilo, depois que o helicóptero sumiu de vista. — Deve ser alguma missão dos terráqueos.

Ele deixou escapar a respiração contida, soltou uma risada e acrescentou, contrafeito:

— Nunca mais ouvirei esse som sem medo!

— De qualquer forma, um dia virá em que teremos de usá-los também. Talvez as terras de Aldaran e os Domínios se compreendessem melhor se a distância entre Thendara e Caer Donn não fosse de dez dias de viagem.

— É possível.

Regis sentiu que Danilo se retraía, e não falou mais nada. Enquanto cavalgavam, ele refletiu que, quer gostasse ou não, os terráqueos ali se encontravam, e nada jamais poderia, voltar a ser como antes. Não era errado o que Beltran queria, pensou Regis. O problema era o meio que ele escolhera para realizar seu sonho. Regis teria optado por um caminho mais seguro.

Ele percebeu de repente, com espanto e repulsa, o rumo pelo qual seus pensamentos enveredavam. O que tinha a ver com tudo aquilo?

Percorrera aquela mesma estrada, vindo de Nevarsin, menos de um ano atrás, acreditando na ocasião que não tinha laran, que era livre para recusar sua herança e sair pelo espaço, seguindo nas naves estelares terráqueas até os confins do Império. Levantou o rosto para contemplar Liriel, de um violeta-claro no céu de meio-dia, e pensou que nenhum darkovano jamais pusera os pés em qualquer de suas luas. O avô assumira o compromisso de ajudá-lo a partir, se Regis ainda quisesse, depois de sua temporada na Guarda. Ele não quebraria sua palavra.

Mais dois anos, concedidos ao corpo de cadetes e ao Comyn. Depois, estaria livre. Contudo, um peso invisível parecia oprimi-lo,

mesmo enquanto fazia planos para a liberdade.

Danilo parou seu cavalo subitamente.

— Cavaleiros, Lorde Regis, Na estrada, à nossa frente.

Regis também parou, deixando as rédeas frouxas no pescoço do pônei.

— Devemos sair da estrada?

— Creio que não. Já entramos nos limites dos Domínios, e está seguro aqui, Lorde Regis.

Regis franziu as sobrancelhas ao tom formal, compreendendo de repente seu significado. No isolamento dos últimos dias, sob a tensão intensa, todas as barreiras artificiais haviam caído; eram apenas dois jovens da mesma idade, amigos, bredin. Agora, nos Domínios, outra vez na presença de estranhos, ele era o herdeiro de Hastur, e Danilo, seu escudeiro. Regis sorriu, um pouco pesaroso, aceitando a necessidade de tudo aquilo, e deixou que Danilo se adiantasse alguns passos. Olhando as costas do amigo, ele pensou, com um estranho calafrio, que era a verdade literal, não apenas palavras: Dani morreria em sua defesa.

Era um pensamento assustador, embora não devesse ser tão estranho. Sabia muito bem que qualquer um dos guardas que o escoltavam para um lado e outro, quando era um menino doentio, ou o acompanharam na ida e volta de Nevarsin, prestara muitos juramentos de protegê-lo com sua própria vida. Mas nunca fora completamente real para ele até que Danilo, por sua livre e espontânea vontade, levado pelo amor, assumira esse compromisso. Regis continuou a avançar, com o controle firme que aprendera, mas sentia-se todo arrepiado. Era isso o que significava ser um Hastur?

Podia ver os cavaleiros agora. Os primeiros usavam o uniforme verde e preto que ele próprio vestira no verão passado. A Guarda do Comyn! E um grupo grande de outros homens, sem uniformes. Só que não havia estandartes, não havia formação de desfile. Aquela era uma expedição de guerra. Ou, pelo menos, disposta a lutar!

Os viajantes comuns teriam saído da estrada, — deixando os guardas passarem. Em vez disso, Regis e Danilo seguiram direto para eles, sem diminuir o ritmo. O líder dos guardas na vanguarda —

Regis reconheceu-o agora, o jovem oficial Hjalmar — baixou sua lança e ofereceu o desafio formal:

— Quem anda nos Domínios... — Ele fez uma pausa abrupta e esqueceu o resto, para exclamar: — Lorde Regis!

Gabriel Lanart-Hastur adiantou-se apressado, parou seu cavalo ao lado de Regis e lhe estendeu as mãos.

— Louvado seja o Senhor da Luz, você está são e salvo! Javanne se desesperava de medo por você!

Regis compreendeu que Gabriel teria sido culpado por deixá-lo partir sozinho. Devia-lhe uma desculpa. Só que não havia tempo para isso agora. Os cavaleiros os cercaram, e ele notou que havia muitos membros do Conselho do Comyn entre os guardas, além de outros que não reconheceu. À frente, num enorme cavalo cinza, postava-se Dyan Ardais. Seu rosto severo e orgulhoso relaxou um pouco ao ver Regis, e ele disse, em sua voz áspera mas musical:

— Deu um susto e tanto a todos nós, parente. Temíamos que estivesse morto ou prisioneiro em algum lugar das montanhas. — Seus olhos se desviaram para Danilo; o rosto se contraiu, mas a voz se manteve firme quando acrescentou: — Dom Syrtis, a notícia chegou a Thendara, enviada pelos terráqueos, e transmitida a nós... uma mensagem para seu pai, senhor, de que estava vivo e bem.

Danilo inclinou a cabeça e respondeu com um formalismo frio:

— Fico agradecido, Lorde Ardais.

Regis pôde perceber a dificuldade com que as palavras corteses saíam. Olhou para Dyan com alguma curiosidade, surpreso com a imediata comunicação da mensagem tranquilizadora, perguntando-se por que Dyan não encarregara um subordinado de transmiti-la. Mas logo compreendeu a resposta. Dyan tinha o comando daquela expedição, e consideraria isso como seu dever.

Independentemente de seus defeitos e conflitos pessoais, Regis sabia, a fidelidade de Dyan ao Comyn vinha em primeiro lugar. Qualquer coisa que fizesse era subordinada a isso. Provavelmente nunca ocorrera a Dyan que sua vida particular pudesse afetar o Comyn. Era um pensamento indesejável, e Regis tentou rejeitá-lo, mas persistiu mesmo assim. E ainda mais inquietante era a noção de que, se Danilo fosse um cidadão particular, em vez de um cadete,



não teria a menor importância como Dyan o tratasse ou maltratasse. Mas era evidente que Dyan esperava alguma explicação, e Regis disse:

— Danilo e eu fomos mantidos prisioneiros em Aldaran. Dom Lewis Alton nos libertou.

O título formal de Lewis tinha uma estranha ressonância em seus ouvidos. Não se lembrava de tê-lo usado alguma vez antes.

Dyan virou a cabeça, e Regis avistou a liteira entre cavalos no centro da coluna. Seu avô? Viajando naquela estação? Depois, com os sentidos aguçados que começava a aprender a usar, ele soube que era Kennard, antes mesmo que Dyan falasse.

— Seu filho está seguro, Kennard. Um traidor, talvez, mas seguro.

— Ele não é um traidor — protestou Regis. — Também era mantido como prisioneiro. Libertou-nos na ocasião em que fugia.

Ele se absteve de revelar a informação de que Lew fora torturado, mas Kennard soube mesmo assim: Regis ainda não era capaz de erguer barreiras apropriadas. Kennard empurrou para o lado as cortinas de couro da liteira e disse:

— O aviso veio de Arilinn... você sabe o que está acontecendo em Aldaran? O despertar de Sharra?

Regis constatou que Kennard ainda tinha as mãos inchadas, o corpo encurvado.

— Lamento vê-lo doente demais para montar, Tio.

Em sua mente, a angústia mais intensa era a recordação de Kennard durante aqueles anos em Armida, como Regis o vira no mundo cinzento. Alto, empertigado e forte, domando seus próprios cavalos pelo prazer que isso lhe proporcionava, orientando os homens nas linhas de fogo com a sabedoria do melhor dos comandantes e trabalhando tanto quanto qualquer um. Lágrimas não derramadas arderam nos olhos de Regis pelo homem que lhe era mais próximo como um pai. Suas emoções flutuavam quase na superfície nos últimos dias, e queria chorar pelo sofrimento de Kennard. Mas controlou-se e se inclinou de cima do cavalo sobre a mão entevada do parente.

— Lew e eu nos separamos com palavras ásperas, mas não pude acreditar que ele tivesse se tornado um traidor — disse Kennard. -Não quero a guerra com Lorde Kermiac...

— Lorde Kermiac está morto, Tio. Lew era um hóspede de honra em sua casa. Depois de sua morte, porém, Beltran e Lew brigaram. Lew se recusou...

Cavalgando ao lado da liteira de Kennard, Regis relatou tudo o que sabia sobre Sharra, até o momento em que Lew suplicara a Beltran que renunciasse às suas intenções, prometendo mobilizar a ajuda do Conselho do Comyn... e como Beltran os tratara em seguida. Os olhos de Kennard fecharam-se em angústia quando Regis contou como Kadarin espancara seu filho. Jamais ocorreria a Regis poupá-lo desse sofrimento. Afinal, Kennard também era telepata.

Depois que ele concluiu, revelando como Lew os libertara, com a ajuda de Marjorie, Kennard balançou a cabeça, com uma expressão sombria.

— Esperávamos que Sharra permanecesse inativa para sempre, sob a guarda do povo da forja. Enquanto assim continuasse, não os privaríamos de sua deusa.

— Um sentimentalismo que pode nos custar caro — comentou Dyan. — O garoto parece ter-se comportado com mais coragem do que eu o julgava capaz. Agora, a questão é a seguinte: o que vamos fazer?

— Disse que o aviso veio de Arilinn, Tio. Isso significa que Lew está são e salvo?

— Ele não está em Arilinn, e a Guardiã ali o procurou, mas não conseguiu descobri-lo. Receio que ele tenha sido recapturado. Só temos a informação de que Sharra fora despertada e provocava destruição nas Hellers. Reunimos todos os telepatas que pudemos mobilizar fora das Torres, na esperança de conseguirmos controlá-la de alguma forma. Nada menos poderia me fazer sair agora... — Ele olhou com uma expressão neutra os pés e as mãos entevados. -Sou treinado numa Torre, e provavelmente sei mais sobre o trabalho com matriz do que qualquer outra pessoa que não esteja numa Torre.

Regis, seguindo ao seu lado, especulou se Kennard seria bastante forte. Teria condições de enfrentar Sharra? Kennard respondeu à pergunta não formulada, dizendo em voz alta:

— Não sei, filho, mas tenho de tentar. Só espero não ter de enfrentar Lew, se ele foi forçado a se submeter a Sharra de novo. Ele é meu filho, e não quero encará-lo como inimigo. — Seu rosto se contraiu em determinação e pesar. — Mas não hesitarei, se for preciso.

E Regis ouviu também o que ele não disse em voz alta: Mesmo que deva matá-lo dessa vez.

## Capítulo Vinte e Quatro

(Conclusão da narrativa de Lew Alton)

Até hoje, nunca soube nem fui capaz de adivinhar por quanto tempo fui mantido sob a droga que Kadarin me obrigara a tomar. Não houve momento de transição, nenhum período de foco incompleto. Um dia minha cabeça desanuviou de repente, e me descobri sentado numa cadeira na suíte de hóspedes em Aldaran, calçando as botas. Uma bota se achava no pé, a outra fora, mas não tinha lembrança de ter posto a primeira ou do que fizera antes disso.

Levantei as mãos para o rosto lentamente. A última recordação nítida era a de ter engolido a droga que Kadarin me dera. Depois disso, tudo fora como um sonho, quase lembranças alucinatórias de ódio e desejo, fogo e frenesi. Sabia que algum tempo transcorrera, mas não tinha a menor idéia de quanto. Ao engolir a droga, meu rosto sangrava dos golpes violentos que recebera de Kadarin. Agora, tinha o rosto bastante sensível, com cicatrizes ainda saltadas e doloridas, mas todos os ferimentos já haviam fechado. Uma dor intensa na mão direita, onde tinha a marca da queimadura antiga de matriz do meu primeiro ano em Arilinn, provocou-me um sobressalto e levou-me a virá-la. Fiquei olhando para a palma sem compreender. Durante três anos e mais, fora uma cicatriz branca, do tamanho de uma moeda, um trecho de pele enrugada, de aparência desagradável.

Agora... continuei a olhar, aturdido. A mancha branca desaparecera; ou melhor, fora substituída por uma queimadura em carne viva, vermelha, infeccionada, pela metade da largura de minha mão. E doía demais.

O que eu andara fazendo? No fundo da mente, tinha certeza absoluta de que estivera deitado ali, sofrendo alucinações, durante todo o tempo. Em vez disso, descobria-me agora de pé, meio vestido. Afinal, o que estava acontecendo?

Fui para o banheiro e contemplei o reflexo no espelho grande e rachado.

O rosto que havia ali não era o meu.

Minha mente oscilou por um instante, à beira da loucura. Depois, pouco a pouco, constatei que os olhos, os cabelos, as sobrancelhas familiares e o queixo eram os mesmos. Mas o conjunto do rosto era uma rede assustadora de cicatrizes se cruzando, vergões vermelhos, equimoses arroxeadas. Um lábio fora cortado e já cicatrizara, ficara todo contraído, dando-me uma expressão permanente de sorriso desdenhoso. Havia muitos fios brancos nos cabelos; eu parecia anos mais velho. Especulei de repente, num pânico insano, se me haviam mantido drogado ali por muitos anos, enquanto eu envelhecia...

Tratei de conter o ímpeto de pânico. Usava as mesmas roupas que tinha ao ser capturado. Estavam amarrotadas e sujas, mas não puídas e esfiapadas. Portanto, só estivera inconsciente pelo tempo necessário para que os ferimentos da surra cicatrizassem e para adquirir alguns novos, além daquela horrível queimadura na mão. Afastei-me do espelho, lançando um último olhar pesaroso para a ruína que era meu rosto. Quaisquer que fossem as pretensões de boa aparência que pudesse ter antes, haviam desaparecido para sempre. Muitas das cicatrizes estavam fechadas, o que significava que não ficariam melhor do que agora.

Minha matriz voltara ao saco pendurado no pescoço, embora a tira de couro cortada por Kadarin tivesse sido substituída por um cordão de seda. Tateei para tirá-la. Antes de pegar a pedra, a imagem surgiu, dourada, ardendo... Sharra! Com um estremecimento de horror, larguei a bolsa no mesmo instante.

O que teria acontecido? Onde estava Marjorie?

Ou o pensamento a chamou, ou fora provocado por sua presença iminente. Ouvi de novo o rangido da tranca da porta, e ela entrou, parou de repente, fitando-me com um estranho medo. Meu coração afundou para as solas das botas. Aquele sonho, entre todos os sonhos, fora verdadeiro? Por um momento angustiante, desejei que ambos tivéssemos morrido juntos na floresta. Pior do que a tortura, pior do que a morte, era ver Marjorie me contemplar com medo... E, depois, ela murmurou:

— Graças a Deus! Você despertou desta vez, e me reconhece!

Marjorie correu para meus braços. Apertei-a com força. Minha vontade era nunca mais largá-la. Ela soluçava.

— É você outra vez! Durante todo esse tempo, nunca olhou para mim, nem uma única vez, apenas para a matriz...

Um horror gelado me invadiu. Portanto, alguma coisa acontecera de fato.

— Não me lembro de nada, Marjorie, absolutamente nada, desde o momento em que Kadarin me drogou. Por tudo o que sei, passei o tempo todo neste quarto. O que aconteceu?

Senti que ela tremia.

— Não se lembra de nada? Nem do povo da forja, nem mesmo do incêndio em Caer Donn?

Meus joelhos começaram a vergar; arriei na cama e ouvi minha voz trêmula balbuciar:

— Não me lembro de nada, apenas de sonhos terríveis... — As implicações das palavras de Marjorie me deixaram atordoado. Com um esforço intenso, controlei o tremor interior e consegui sussurrar: — Juro que não me lembro de nada, absolutamente nada. Qualquer coisa que eu possa ter feito... Diga-me, em nome de Zandru, eu a machuquei... maltratei?

Ela tornou a me abraçar e murmurou:

— Você nem sequer olhou para mim. Muito menos me tocou. Foi por isso que eu disse que não podia continuar.

Sua voz definhou. Ela pôs a mão na minha. Soltei um grito de dor, Marjorie retirou a mão no mesmo instante e sussurrou, com ternura:

— Sua pobre mão! — Ela examinou-a atentamente. — Mas está melhor, muito melhor.

Não me agradou pensar no que devia ter ficado, se aquilo era melhor. Não era de admirar que o fogo ardesse em todos os meus pesadelos. Mas como, em nome de todos os demônios de todos os infernos, eu queimara a mão daquele jeito?

Só havia uma explicação. Sharra. De alguma forma, Kadarin me obrigara a voltar ao serviço de Sharra. Mas como, como? Como ele podia usar os conhecimentos de meu cérebro enquanto a mente consciente se mantinha em outro lugar? Eu poderia jurar que era

impossível. O trabalho de matriz exige uma concentração deliberada e consciente... Cerrei os punhos. À dor lancinante na palma, tornei a abri-los, devagar.

Ele ousara! Ousara roubar minha mente, minha consciência...

Mas como? Como?

Só havia uma resposta, apenas uma coisa que ele poderia ter feito; usar toda a raiva, ódio e compulsão flutuando livres em minha mente, depois que perdera o controle consciente... e canalizar tudo por intermédio de Sharra! Todo o meu ódio intenso, os frenesim do inconsciente, libertados da disciplina que eu impunha e alimentados por aquela coisa insidiosa.

Kadarin fizera isso comigo, enquanto meu consciente permanecia em suspensão. Em comparação, o crime de Dyan fora uma brincadeira de criança. A ruína do meu rosto, a queimadura na mão, tudo isso nada significava. Ele roubara minha mente consciente, usara meu inconsciente, sem controle, as paixões reprimidas... Era terrível! Perguntei a Marjorie:

— Ele a forçou também a entrar em Sharra? Ela estremeceu.

— Não quero falar sobre isso, Lew — balbuciou, choramingando como um cachorrinho machucado. — Por favor, não... não insista. Vamos apenas... apenas ficar juntos, enquanto podemos.

Puxei-a para a cama, ao meu lado, e aninhei-a no círculo de meus braços. Meus pensamentos eram sombrios. Marjorie acariciou com as pontas dos dedos meus rosto todo arrebatado, e pude sentir seu horror ao contato das cicatrizes. Murmurei, a voz presa na garganta:

— Meu rosto está... repulsivo demais para você?

Ela se inclinou, encostou os lábios nas cicatrizes e murmurou, com a simplicidade que, mais do que qualquer outra coisa, significava Marjorie para mim:

— Você nunca poderia ser horrível para mim, Lew. Só estava pensando na dor que deve ter sentido, meu querido.

— Por sorte, não me lembro de muita coisa.

Por quanto tempo poderíamos continuar assim, antes de sermos interrompidos? Eu sabia, sem precisar perguntar, que ambos

éramos prisioneiros agora, que não havia esperança de qualquer manobra como a que realizáramos antes. Kadarin, ao que parecia, podia obrigar-nos a fazer qualquer coisa. Absolutamente qualquer coisa!

Apertei-a com força, numa angústia impotente. Creio que foi nesse momento que compreendi, pela primeira vez, o que a impotência significava, o desamparo assustador e total da verdadeira impotência.

Jamais desejava o poder pessoal. Mesmo quando me fora confiado, eu tentara renunciar. E agora não podia sequer proteger aquela jovem, minha esposa, de quaisquer torturas, mentais ou físicas, que Kadarin quisesse infligir-lhe.

Fora submisso durante toda a minha vida, disposto a ser comandado, disposto a disciplinar minha raiva, a aceitar a continência no auge do início da virilidade, curvando a cabeça a qualquer jugo legal que me impunham.

E agora me descobria impotente, de pés e mãos atados. O que haviam feito comigo, poderiam fazer de novo... E agora, quando mais precisava de força, estava de fato impotente...

— Marjorie, querida, prefiro morrer a magoá-la, mas preciso saber o que está acontecendo. — Não perguntei sobre Sharra; seu tremor já era resposta suficiente. — Como ele permitiu que você viesse me ver agora, depois de tanto tempo?

Ela controlou seus soluços para falar:

— Eu disse a Kadarin... e ele sabia que era para valer... que, se não libertasse sua mente e nos deixasse ficar juntos, eu me mataria. Ainda posso fazer isso, e ele não seria capaz de impedir.

Senti um calafrio, que penetrou até os ossos. Marjorie continuou, mantendo a voz suave, e apenas eu, que conhecia a disciplina que a tornara uma Guardiã, podia adivinhar quanto isso lhe custava:

— Ele não pode controlar... a matriz, a coisa, sem a minha participação. E sob o efeito de drogas não posso fazer nada. Kadarin bem que tentou, mas não deu certo. Assim, tenho esse último poder para desafiá-lo. Ele fará quase qualquer coisa para evitar que eu me mate. Sei que já deveria ter feito isso, mas tinha... — A voz tremeu,



fora de controle, por um instante. — ...tinha de ver você de novo, quando fosse capaz de me reconhecer, e perguntar...

Eu me sentia mais desesperadamente assustado do que nunca.

— Kadarin sabe que fomos para a cama juntos? Marjorie sacudiu a cabeça.

— Tentei lhe dizer, mas acho que agora ele só escuta o que quer. Ficou completamente louco. De qualquer forma, não faria a menor diferença para ele, pois acha que é apenas uma superstição do Comyn. — Ela mordeu o lábio. — E não pode ser tão perigoso quanto você pensa. Ainda estou viva e bem.

Não muito bem, refleti, observando sua palidez, as tênues linhas azuladas em torno da boca. Viva, sim. Mas por quanto tempo mais seria capaz de suportar? Kadarin a pouparia ou a usaria de forma ainda mais implacável para alcançar seus objetivos — quaisquer que fossem agora, em sua loucura — antes que o corpo frágil de Marjorie cedesse?

Será que ele sabia que a estava matando? Será que se dera o trabalho de providenciar uma monitoração de Marjorie?

— Você falou num incêndio em Caer Donn...?

— Você testemunhou tudo, Lew. Não se lembra de nada?

— Não. Só de fragmentos de sonhos. Pesadelos terríveis. Ela tocou de leve na horrível queimadura em minha mão.

— Foi lá que você sofreu isto. Beltran deu um ultimato. Não foi por sua própria vontade... bem que ele tentou se esquivar... mas acho que também se encontra impotente agora nas mãos de Kadarin. Fez ameaças, e os terráqueos se recusaram a atender. Kadarin levou-nos para a parte mais alta da cidade, de onde se pode avistar tudo ao redor, e... oh, Lew, foi horrível, o fogo atingindo o coração da cidade, as chamas se elevando por toda parte, gritos...

Marjorie se virou, comprimindo o rosto contra um travesseiro, a voz saindo abafada quando acrescentou:

— Não posso... não posso contar. Sharra já é bastante horrível, mas aquele fogo... nunca sonhei, nunca imaginei... E ele disse que na próxima vez seria o espaço-porto e as naves!

Caer Donn. Nossa cidade mágica dos sonhos. A cidade que eu vira transformada por uma síntese da ciência terráquea e dos

poderes psíquicos darkovanos. Destruída, incendiada. Em ruínas.

Como nossas vidas, como nossas vidas... E Marjorie e eu éramos responsáveis. Ela soluçava incontrolável agora:

— Eu deveria ter morrido primeiro. E morrerei antes de usar... esse poder de destruição outra vez!

Eu a abraçava desesperado. Podia ver o sinal do Comyn gravado em meu pulso, a poucos centímetros da terrível queimadura. Não havia esperança para mim agora. Era um traidor.

Por um momento, o tempo se confundindo em minha mente, descobri-me ajoelhado diante da Guardiã em Arilinn e ouvi minhas próprias palavras:

— ...juro por minha vida que os poderes que possa alcançar serão usados apenas para o bem de minha casta e de meu povo, nunca por vantagem pessoal ou objetivos particulares...

Eu cometera perjúrio. Usara meus dons e as habilidades adquiridas na Torre para levar a ruína e destruição às pessoas que deveria salvaguardar e proteger, por um duplo juramento, como Comyn e como telepata de uma Torre.

Marjorie e eu mantínhamos um contato profundo. Ela me fitou, os olhos arregalados em horror e protesto, e sussurrou:

— Você não fez isso por sua livre e espontânea vontade. Foi forçado, drogado, torturado...

— Não faz a menor diferença. — Era minha própria raiva, meu próprio ódio, que eles haviam usado. — Nem mesmo para salvar minha vida, nem mesmo para salvar a sua, deveria ter permitido que nos trouxessem de volta. Deveria ter feito com que Kadarin nos matasse.

Não havia nenhuma esperança para qualquer dos dois agora, nenhum meio de escapar. Kadarin podia drogar-me de novo, forçar-me outra vez, e não teria a menor possibilidade de resistir. Meu próprio ódio desconhecido me pusera à sua mercê, e não tinha como fugir a isso.

A não ser pela morte.

Marjorie... Olhei para ela, que se contorcia em angústia. Também não havia escapatória para ela. Deveria ter feito com que

Kadarin a matasse depressa, ainda na cabana de pedra. E assim ela morreria limpa, e não daquele jeito, lentamente, obrigada a matar.

Ela tateou na cintura do vestido e tirou uma adaga pequena e afiada, murmurando:

— Esqueceram que eu tenho isto. É bastante afiada, Lew? Acha que pode fazer isso por nós dois?

Foi então que perdi o controle por completo e chorei desesperado, apertando-a em meus braços. Não havia esperança para nenhum dos dois. Eu sabia disso. Mas que terminasse assim, com Marjorie falando calmamente de uma adaga para nos matar, como teria indagado se um bordado tinha as cores certas... isso eu não podia suportar, era além de toda e qualquer capacidade de resistência.

Quando me acalmei um pouco, depois de um longo momento, levantei-me, fui até a porta e disse em voz alta:

— Vamos trancá-la por dentro desta vez. A morte, pelo menos, é um assunto particular.

Puxei a tranca. Não esperava que agüentasse por muito tempo quando viessem nos buscar, mas àquela altura já não faria a menor diferença.

Voltei para a cama e tirei as botas que me descobrira calçando com algum propósito desconhecido. Ajoelhei-me diante de Marjorie e tirei suas sandálias. Também tirei as travessas de seus cabelos e deitei-a na cama.

Pensava ter deixado o Comyn. Agora, no entanto, ia morrer para deixar Darkover nas mãos do Comyn, as únicas mãos que podiam proteger nosso mundo. Puxei Marjorie para os meus braços por um momento.

Estava pronto para morrer. Mas teria coragem para matá-la?

— Você deve — sussurrou Marjorie -, pois sabe o que eles me obrigarão a fazer. E o que os terráqueos farão com todo o nosso povo depois disso.

Ela nunca me parecera tão bonita. Os cabelos cor de chamas caíam pelos ombros, cintilando com a luz. Desatou a chorar. Abracei-a mais uma vez, apertando-a com tanta força que devo tê-la machucado. Ela também me apertou, murmurando:

— É o único jeito, Lew. O único jeito. Mas eu não queria morrer, Lew, queria viver com você, acompanhá-lo para as terras baixas, e desejava... desejava ter seus filhos.

Jamais conheci outro sofrimento na vida que se comparasse àquele momento de agonia, com Marjorie soluçando em meus braços, dizendo que queria ter meus filhos. Senti-me contente porque não viveria por muito tempo para me lembrar da cena; tinha a esperança de que os mortos não recordavam coisa alguma...

Nossas mortes eram tudo o que se interpunha entre o nosso mundo e uma terrível destruição. Peguei a adaga. Encostei o dedo no gume, uma gota de sangue surgiu, e experimentei uma satisfação insana por saber que era tão afiada... Inclinei-me para um último e longo beijo nos lábios de Marjorie.

— Tentarei não... não machucá-la, minha querida... Ela fechou os olhos, sorriu e sussurrou:

— Não tenho medo.

Fiz uma breve pausa, para firmar a mão, a fim de poder desfechar um único golpe, rápido e indolor. Podia ver a pequena veia pulsando na base de sua garganta. Mais uns poucos momentos, e ambos estaríamos em paz. E que Kadarin se danasse...

Um espasmo de horror me convulsionou. Quando estivéssemos mortos, o último resquício de controle desapareceria da matriz. Kadarin morreria, é claro, nas chamas de Sharra. Mas as chamas nunca morreriam. Sharra, desperta e voraz, continuaria a destruir, consumindo nosso povo, nosso mundo, Darkover inteiro...

E por que deveríamos nos importar com isso? Os mortos estão em paz.

E em troca de uma morte indolor para nós, deixaríamos que nosso mundo fosse destruído nas chamas de Sharra?

A adaga caiu de minha mão. Ficou nos lençóis, ao nosso lado, mas para mim se encontrava tão distante como se estivesse numa das luas. Amargurado, lamentei não poder conceder a Marjorie, pelo menos, a graça daquela morte rápida e indolor. Ela já sofrera demais. Era certo que eu continuasse a viver pelo tempo suficiente para expiar minha traição com o sofrimento. Mas era cruel, injusto,

fazer com que Marjorie partilhasse esse sofrimento. Contudo, sem o seu treinamento de Guardiã, eu não viveria pelo tempo de que precisava para fazer o que devia. Ela abriu os olhos e insistiu, a voz trêmula:

— Não espere, Lew. Faça agora. Lentamente, balancei a cabeça.

— Não podemos seguir por esse caminho fácil, meu amor. Vamos morrer, sem dúvida. Mas devemos usar nossas mortes. Devemos fechar os portões para Sharra antes de morrer, e destruir a matriz, se for possível. Temos de entrar nela. Não há possibilidade... você sabe que não existe nenhuma... de sobrevivermos a isso. Mas há uma possibilidade de que possamos viver pelo tempo suficiente para bloquear o acesso e salvar nosso mundo da destruição pelo fogo de Sharra.

Ela me fitou em silêncio por um longo momento, os olhos arregalados em choque e temor, antes de murmurar:

— Prefiro morrer.

— Eu também, mas essa saída fácil não é para nós, querida.

Sacrificáramos esse direito. Olhei com anseio para a pequena adaga, com sua lâmina afiada. Marjorie acabou balançando a cabeça em concordância. Pegou a adaga, contemplou-a pesarosa, depois se levantou, foi até a janela e jogou-a pela abertura estreita. Voltou, sentou ao meu lado e disse, fazendo um esforço para firmar a voz:

— Agora não posso perder a coragem de novo. — E depois, os olhos ainda marejados de lágrimas, uma insinuação mínima do riso antigo surgiu em sua voz, quando acrescentou: — Pelo menos passaremos uma noite juntos, numa cama decente.

Uma noite pode durar uma vida inteira?

Talvez. Se você sabe que urna vida inteira é medida por uma única noite. Murmurei, a voz rouca, abraçando-a:

— Não vamos desperdiçar nenhum momento.

Nenhum dos dois tinha força suficiente para muito amor físico. Passamos a maior parte da noite descansando nos braços um do outro, às vezes conversando, com mais freqüência nos acariciando em silêncio. Pelo longo treinamento em disciplinar os pensamentos indesejáveis ou perigosos, fui capaz de eliminar quase por completo

as reflexões sobre o que nos aguardava no dia seguinte. Por mais estranho que pudesse parecer, meu pior pesar não era a morte, mas os muitos anos de vida comum e tranqüila que jamais conheceríamos, o conhecimento angustiante de que Marjorie nunca veria as colinas nos arredores de Armida, nunca chegaria ali como minha esposa. Perto do amanhecer, Marjorie chorou um pouco pela criança que não viveria por tempo suficiente para gerar. Ao final, aninhada em meus braços, ela mergulhou num sono irrequieto. Permaneci acordado, pensando em meu pai e no meu filho ainda por nascer, aquela frágil centelha de vida, que mal fora ateadada e já estava prestes a se extinguir. Desejei que Marjorie fosse pelo menos poupada desse conhecimento. Não, era certo que alguém chorasse por isso, e não me restavam mais lágrimas.

Outra morte em minha conta...

Finalmente, quando o sol nascente já tingia os picos distantes de escarlate, também dormi. Foi como uma graça derradeira de alguma deusa desconhecida o fato de não ter pesadelos de fogo, apenas trevas misericordiosas, o manto negro de Avarra que encobre nosso sono.

Acordei ainda nos braços de Marjorie. O sol invadira o quarto; os olhos dourados de Marjorie fitavam-me arregalados pelo medo.

— Eles virão nos buscar em breve — murmurou ela. Beijei-a, devagar, determinado, antes de me levantar.

— Assim termina o período de espera.

Fui puxar a tranca da porta. Vesti-me da melhor forma possível, com uma túnica de seda, um gibão de couro e um calção de couro tingido de dourado. Um herdeiro do Comyn não ia ao encontro da morte como um criminoso comum prestes a ser enforcado! Marjorie devia ter sentido a mesma coisa no dia anterior, pois pusera o seu melhor vestido, azul-claro, com bordados de seda, um decote profundo. Em vez das tranças habituais, prendera os cabelos no alto da cabeça com uma fita. Parecia linda e orgulhosa. Guardiã, comynam.

Os servos nos trouxeram o desjejum. Fiquei satisfeito por ela ser capaz de sorrir orgulhosa, agradecendo com sua cortesia normal. Não havia vestígios em seu rosto das lágrimas e do terror de ontem;

mantínhamos a cabeça erguida e sorrimos para os olhos um do outro. Nenhum dos dois se atreveu a falar.

Como eu já previra que aconteceria, Kadarin entrou quando partilhávamos em silêncio a última fruta na bandeja. Não sei como meu corpo podia conter tanto ódio. Senti-me fisicamente doente com a ânsia de matá-lo, de sentir os dedos afundando na carne de sua garganta.

E, no entanto — como posso explicar? — nada restava para odiar. Levantei os olhos para fitá-lo apenas uma vez, e logo desviei o rosto. Ele não era mais sequer um homem, mas outra coisa. Um demônio? Sharra se apresentando como um homem? O verdadeiro Kadarin não mais existia. Matá-lo não deteria a coisa que o usava.

Outra conta a acertar com Sharra: aquele homem fora meu amigo. A destruição de Sharra não apenas o mataria, mas também o vingaria.

— Já conseguiu fazer com que ele veja a luz da razão, Marjorie? — indagou Kadarin. — Ou devo drogá-lo de novo?

As pontas dos dedos de Marjorie tocaram-me, fora do campo de visão de Kadarin. Eu sabia que ele não vira, embora antes sempre percebesse.

— Farei o que me pede — declarei.

Não podia chamá-lo de Bob, nem mesmo de Kadarin. Ele se encontrava muito longe do homem que eu conhecera.

Enquanto andávamos pelos corredores, lancei um olhar rápido para Marjorie. Ela estava muito pálida; senti a vida palpitando irrequieta. Sharra a esgotara, drenara suas forças vitais quase a ponto da morte. Mais uma razão para não continuar a viver. Estranho, eu pensava como se tivesse uma opção.

Sáímos para o balcão alto de onde se via Caer Donn e o aeroporto terráqueo. Num nível inferior, vi-os reunidos, os rostos que contemplara... no quê? Sonho, pesadelo drogado? Ou essa parte fora real? Tive a impressão de que conhecia os rostos. Alguns esfarrapados, alguns em trajes ricos, alguns instruídos e sofisticados, alguns obtusos e ignorantes, alguns nem mesmo totalmente humanos. Mas, cada um e todos, seus olhos brilhavam com a mesma intensidade vidrada.

Sharra! A ansiedade daquelas pessoas ardia em mim, dilacerava, devastava.

Olhei para Caer Donn. Senti a respiração prender na garganta. Marjorie me dissera, mas não havia palavras que pudessem me preparar para aquele tipo de destruição, ruína, desolação.

Só depois do grande incêndio na floresta que devastara as Colinas Kilghard, nas proximidades de Armida, eu vira algo assim. A cidade se tornara enegrecida; em extensas áreas, não restava pedra sobre pedra. Toda a cidade antiga desaparecera, e os danos haviam se espalhado pela Zona Terráquea.

E eu tivera uma participação naquilo!

Pensava que sabia como as grandes matrizes podiam ser perigosas. Contemplando aquela terra arrasada que fora uma linda cidade, compreendi que jamais soubera de coisa alguma. E todas aquelas mortes eram da minha responsabilidade. Nunca seria capaz de expiar aquele crime. Mas talvez, apenas talvez, pudesse viver pelo tempo suficiente para acabar com a destruição.

Beltran estava nas alturas. Parecia a própria morte. Não vi Rafe em parte alguma. Tinha certeza de que Kadarin não hesitaria agora em destruí-lo, mas esperava, com uma profunda angústia, que o menino estivesse vivo e seguro em outro lugar, bem longe dali. Mas não acalentava nenhuma esperança. Se a matriz de Sharra fosse destruída, não era provável que sobrevivesse qualquer pessoa que se ligara a ela.

Kadarin começou a desembulhar a espada que continha a matriz de Sharra. Mais além, avistei Thyra, os olhos ardentes fixados nos meus, com um ódio implacável. Eu também a magoara de uma forma insuportável. E, ao contrário de Marjorie, ela nem sequer consentira em sua morte. Eu a amara, e ela nunca saberia.

Kadarin colocou a espada em minha mão. A matriz, vibrando com sua força na junção do cabo e da lâmina, fez minha mão queimada latejar com uma dor que subiu pelo braço e me deixou tonto e nauseado. Mas devia manter um contato físico com a pedra, não apenas mental. Tirei-a da espada e ajeitei-a na mão. Sabia que minha mão nunca mais seria utilizável depois, mas que importância isso tinha? Por que um morto haveria de se preocupar com a mão



queimada de seu cadáver? Fora treinado para suportar até mesmo uma dor tão terrível, e não podia durar por muito tempo. Se conseguisse agüentar por um período suficiente para fazer o que precisava...

Sabemos o que você está tentando fazer, Lew. Mantenha-se firme, e o ajudaremos.

Senti todo o meu corpo estremecer. Era a voz de meu pai!

Uma esperança cruel, angustiante. Ele devia estar nas proximidades, caso contrário nunca seria capaz de me alcançar através do tremendo campo de força da matriz de Sharra.

Pai! Pai! Experimentei um enorme ímpeto de gratidão. Mesmo que todos morrêssemos, talvez sua força somada à minha pudesse nos ajudar a viver pelo tempo suficiente para destruir aquela coisa. Entrei em contato com Marjorie através da matriz de Sharra e senti o antigo vínculo ressuscitar: a tremenda força de sustentação de Kadarin, Thyra como uma besta selvagem, trazendo à união garras, selvageria, uma espreita em feroz frenesi. E tudo isso passou, em torrentes, através de mim...

Não era do jeito que tínhamos usado antes o fechado círculo de poder. Quando ergui a matriz desta vez, senti uma poderosa corrente de energia que se avolumava a partir de Kadarin, os vastos fluxos de emoção pura dos homens parados lá embaixo: adoração, raiva, ânsia, ódio, destruição, o selvagem poder do fogo, ardendo, ardendo...

Era o que eu sentira antes, o sonho, o pesadelo.

Marjorie já se encontrava envolta pela auréola de luz. Devagar, à medida que a força aumentava, despejando-se em minha mente através do foco concentrado, depois canalizando por meu intermédio para Marjorie, eu a vi começar a mudar, assumindo força, altura e majestade. A frágil moça de vestido azul foi-se fundindo, momento a momento, na deusa imensa, os braços erguidos para o céu, as chamas tremendo, exultantes, como cabelos esvoaçando, um grande jato de fogo...

Lew, agüente firme por mim. Não posso fazer isso sem a sua cooperação. Vai doer, você sabe que pode matá-lo, mas sabe também quanto depende disso, meu filho...

O contato de meu pai, mais familiar do que sua voz. E quase as mesmas palavras que ele transmitira antes.

Eu sabia muito bem onde me encontrava, no círculo de matriz de Sharra, no alto do Castelo Aldaran, a imensa forma de fogo assomando por cima. Marjorie, sua identidade perdida, dissolveu-se no fogo, ao mesmo tempo que o controlava, como uma dançarina das tochas com as tochas em suas mãos; inclinou-se para encostar um dedo de fogo no antigo espaço-porto. Lá embaixo, houve uma tremenda explosão; uma das espaçonaves estilhaçou como um brinquedo de criança, as chamas se elevando para o céu. Embora eu me encontrasse aqui, todo eu, ainda estava também no quarto de meu pai em Armida, esperando, com um medo terrível... e exultação! Projetei-me para ele, com uma confiança desenfreada e temerária. Continue! Faça logo! Acabe o que começou! Melhor nas suas mãos que nas de Sharra!

Senti nesse momento, o profundo contato Alton focalizado, ardendo vi em mim, espalhando-se por todos os cantos do meu cérebro e ser, enchendo as veias. Era uma agonia que eu jamais conhecera, esse contato intenso, violento, traumático, dilacerante, que parecia abrir até a última fibra do meu cérebro. Só que desta vez eu tinha o controle. Era o foco de toda aquela força, e projetei-a, girando como um laço de aço em minha mão, uma corda de fogo. A mão era calcinada pelas chamas, mas eu mal sentia. Kadarin se encontrava imóvel, arqueado para trás, absorvendo o fluxo de emoções dos homens lá embaixo, transformando-as em energônios, focalizando-as para Sharra, por meu intermédio. Marjorie... Marjorie estava ali, em algum lugar, no meio do fogo, mas eu podia ver seu rosto, confiante, sem medo, rindo. Contemplei-a por um breve instante, desejando angustiado poder tirá-la dali, mesmo que por uma fração de segundo, libertá-la de Sharra, vê-la de novo... mas não havia tempo para isso. Percebi a deusa fazer uma pausa para golpear. Tenho de agir agora, depressa, antes de ser absorvido também no fogo irracional, que anseia por violência e destruição. Fitei por um último momento de angústia e expiação os olhos afetuosos de meu pai.

Firmei-me contra a terrível agonia latejante na mão que segurava a matriz. Só mais um pouco. Só mais um momento, murmurei para a agonia clamorosa, como se fosse uma entidade viva separada, você pode suportar por mais um instante. Focalizei a escuridão profunda e ondulante por trás da forma de fogo, onde surgiam, em vez dos parapeitos e das torres do Castelo Aldaran, trevas desfocadas, um monstruoso portal, um portal de fogo, um portal de poder, onde alguma coisa pairava, oscilando, estufando, como se tentasse romper pela abertura. Reuni todo o poder das mentes focalizadas, todas, sem exceção, a força de meu pai, a minha, a de Kadarin, a de mais de cem fiéis focalizados por trás dele, irradiando suas emoções...

Concentrei todo esse poder, fundindo-o como uma corda de fogo, um cabo de força retorcido. Focalizei tudo na matriz em minha mão. Senti o cheiro de carne queimando, sabia que era minha própria mão, ardendo e escurecendo, enquanto a matriz luzia, flamejava, voraz, um fogo que povoava todos os mundos, o portal entre os mundos, os universos girando e se espatifando...

E destruí o portal, despejando de volta todo o fogo. A forma de fogo se encolheu, morreu, dispersou-se, sumiu. Vi Marjorie cambaleiar, tombar para a frente; pulei para ampará-la com o braço, ainda segurando a matriz. Ouvi-a gritar, enquanto as chamas voltavam, ardendo em sua própria carne. Peguei seu corpo desfalecendo entre os braços, e com um ímpeto final de força projetei-me entre o espaço, para o mundo cinzento, para outro lugar.

O espaço rodopiou por baixo de mim; o mundo desapareceu. Nos espaços cinzentos e informes não tínhamos corpo, não sentíamos dor. Era isso a morte? O corpo de Marjorie ainda era quente em meus braços, mas ela estava inconsciente. Eu sabia que só poderíamos permanecer entre os mundos por um instante. Todas as forças do equilíbrio me dilaceravam, puxando-me de volta para o holocausto, para a chuva de fogo, para as ruínas do Castelo Aldaran, onde os homens que haviam consumido seus poderes morriam, queimados, enegrecidos, enquanto as chamas se extinguíam. De volta à ruína e morte? Não! Não! Alguma resistência final, uma derradeira vitalidade, algo em mim bradou Não!, e num ímpeto final

de poder focalizado, exaurindo-me de forma implacável, projetei-me junto com Marjorie pelos portões fechando, e escapei...

Meus pés bateram no chão. Era a luz do dia, num cômodo com cortinas, iluminado pelo sol; havia uma dor terrível em minha mão, e Marjorie, entre meus braços, gemia baixinho, sem sentidos. A matriz ainda continuava na ruína enegrecida que outrora fora uma mão. Eu sabia onde me encontrava: na sala mais alta da Torre de Arilinn, dentro do campo de força. Uma jovem com a túnica branca de monitora psíquica me observava, os olhos arregalados. Eu a conhecia; ela cumpria o primeiro ano em Arilinn enquanto o meu último terminava. Balbuciei:

— Lori! Depressa, a Guardiã...

Ela desapareceu, e arriei no chão, agradecido, meio inconsciente, ao lado de Marjorie, que não parava de gemer.

Estávamos em Arilinn. Seguros. E vivos!

Nunca fora capaz de me teleportar antes, mas conseguira agora, para salvar Marjorie.

Perdia e recuperava a consciência, como uma cortina cinzenta ondulando. Vi Callina Aillard me contemplando, os olhos cinzentos refletindo angústia e compaixão.

— Agora sou a Guardiã aqui, Lew. Farei o que puder.

A mão isolada pelo véu cinza de seda, ela se inclinou para pegar a matriz e se apressou em jogá-la dentro do campo de um amortecedor. A cessação da vibração por trás da matriz foi um momento de conforto quase celestial, mas também interrompeu o efeito quase anestésico do esforço profundo focalizado. Eu já sentira antes uma dor infernal na mão, mas agora experimentei outra vez a sensação de que era esfolada, mergulhada em chumbo derretido. Não sei como me absteri de gritar.

Arrastei-me para o lado de Marjorie. Ela tinha o rosto contorcido, mas nesse instante se desanuviou, recuperou a serenidade. Desmaiara, e me senti contente por isso. As chamas que haviam queimado minha mão até uma ruína enegrecida tinham atacado por dentro, por intermédio de Marjorie, enquanto o fogo de Sharra recuava pelo portal aberto. Não me permiti pensar no quanto ela devia ter sofrido, no quanto ainda sofreria, se sobrevivesse.

Levantei os olhos para Callina com um apelo desesperado, e li o que ela fora muito gentil para não me dizer em palavras.

Ajoelhando-se ao nosso lado, Callina disse, com uma bondade que eu jamais ouvira na voz de qualquer mulher:

— Tentaremos salvá-la para você, Lew.

Mas constatei que as tênues correntes de energia azuladas pulsavam cada vez mais fracas. Ainda ajoelhada, Callina ergueu Marjorie em seus braços e encostou a cabeça em seu peito. As feições de Marjorie se contraíram por um instante na consciência renovada e na dor renovada; e depois seus olhos fixaram-se nos meus, dourados, triunfantes, orgulhosos. Ela sorriu, sussurrou meu nome, repousou a cabeça no peito de Callina, serena, e fechou os olhos. Callina baixou a cabeça, chorando, e seus longos cabelos escuros caíram como um véu de luto pelo rosto imóvel de Marjorie.

Deixei que a consciência resvalasse, deixei que o fogo em minha mão se estendesse por todo o corpo. Talvez eu pudesse morrer também.

Mas não havia sequer esse mínimo de misericórdia em qualquer lugar do universo.

## Epílogo

A Câmara de Cristal, no alto do Castelo Comyn, era a mais formal de todas as salas de reunião do Conselho do Comyn. Uma suave luz azul derramava-se pelas paredes; havia raios verdes, vermelhos e violeta, refletidos por toda parte pelos prismas. Era como se reunir no centro de um arco-íris, pensou Regis, especulando se o encontro fora marcado ali em homenagem ao Legado Terráqueo. O Legado, sem dúvida, parecia bastante impressionado. Não eram muitos os terráqueos que conheciam a Câmara de Cristal.

— ...em conclusão, meus lordes, estou pronto para explicar que disposições foram adotadas para se impor a Aliança numa base planetária — disse o Legado.

Regis esperou, enquanto o intérprete repetia suas palavras em casta, em benefício dos membros do Comyn e dos nobres reunidos. Regis, que conhecia o Padrão Terráqueo, ficou pensando no jovem intérprete, Dan Lawton, o meio-darkovano ruivo que conhecera no espaço-porto.

Lawton poderia estar no outro lado, escutando o discurso, em vez de servir como intérprete para os terráqueos. Regis especulou se ele estava arrependido de sua opção. Era fácil adivinhar a resposta: nenhuma opção era totalmente desprovida de arrependimento. Regis pensou na sua.

Ainda havia tempo. O avô o fizera prometer três anos. Mas ele sabia que se esgotara o tempo para suas opções.

Dan Lawton encerrava a tradução do discurso do Legado:

— ...cada pessoa que desembarcar em qualquer Cidade Comercial, quer seja Thendara, Port Chicago ou Caer Donn, quando Caer Donn puder voltar a operar como uma Cidade Comercial, será obrigada a assinar uma declaração formal de que não há contrabando em sua posse e deixar todas as suas armas sob guarda na Zona Terráquea. Além disso, todas as armas trazidas para este planeta, para o uso legal por terráqueos, serão marcadas com uma

substância radiativa, impossível de apagar, a fim de que seu paradeiro possa sempre ser determinado.

Regis não pôde deixar de sorrir. Os terráqueos haviam mudado de idéia num instante ao descobrir que a Aliança não se destinava a eliminar as armas terráqueas, mas sim as terríveis e perigosas armas darkovanas. Haviam conhecido as darkovanas na noite em que Caer Donn fora incendiada. Agora, mostravam-se ansiosos em respeitar a Aliança, em troca do compromisso darkovano de fazer a mesma coisa.

Portanto, Kadarin conseguira alguma coisa. E para o Comyn. Que ironia!

Um breve recesso foi determinado depois do discurso do Legado, e Regis, saindo para esticar as pernas no corredor, encontrou-se com Dan Lawton.

— Não o reconheci — disse o jovem terráqueo. — E não sabia que tinha um lugar no Conselho, Lorde Regis.

— Para ser mais preciso, estou antecipando o fato em cerca de meia hora.

— Isso significa que seu avô vai se afastar?

— Não por muitos anos, eu espero.

— Ouvi um rumor... — Lawton hesitou. — Não sei se é conveniente conversar assim, fora dos canais diplomáticos...

Regis soltou uma risada.

— Digamos que ainda falta meia hora para que eu tenha de me enquadrar nos canais diplomáticos. Uma das coisas que espero ver alterada, nas relações entre terráqueos e darkovanos, é essa obrigação de fazer tudo por meio dos canais diplomáticos. É um costume de vocês, não nosso.

— Sou bastante darkovano para me ressentir de vez em quando. Ouvi o rumor de que haveria uma guerra com Aldaran. Há alguma procedência?

— Absolutamente nenhuma, posso garantir, com a maior satisfação. Beltran já tem problemas suficientes. O incêndio de Caer Donn destruiu oitenta anos de lealdade a Aldaran entre os habitantes das montanhas... e oitenta anos de boas relações entre

Aldaran e os terráqueos. A última coisa que ele pode querer neste momento é uma guerra com os Domínios.

— Rumor por rumor — disse Lawton. — O homem chamado Kadarin parece ter desaparecido em pleno ar. Foi visto nas Cidades Secas, mas tornou a sumir. Oferecemos um prêmio por sua captura desde que ele deixou o serviço de informações terráqueo, há trinta anos...

Regis piscou os olhos, aturdido. Só vira Kadarin uma vez, mas seria capaz de jurar que o homem não tinha mais de trinta anos.

— Estamos vigiando o espaço-porto, e vamos pegá-lo se ele tentar deixar Darkover. Pessoalmente, gostaria que ele continuasse sumido para sempre. É bem provável que se esconda nas Hellers pelo resto de sua vida natural. Isto é, se é que sua vida tem alguma coisa de natural.

O recesso terminou, e todos começaram a voltar para a Câmara de Cristal. Regis descobriu-se de repente cara a cara com Dyan Ardais, que não se vestia nas cores de seu Domínio, mas sim com o preto do luto ritual.

— Lorde Dyan... não, Lorde Ardais, quero apresentar minhas condolências.

— Não há necessidade, são um desperdício — respondeu Dyan. — Meu pai já não se encontrava em seu juízo perfeito anos antes de você nascer, Regis. Lamentei por ele por tanto tempo que até esqueci o sofrimento. Ele esteve morto durante a metade da minha vida; o sepultamento foi apenas protelado, mais nada.

Ele exibiu um sorriso sombrio por um instante, antes de acrescentar:

— Mas formalidade por formalidade, Lorde Regis. Meus parabéns. — Havia um brilho divertido nos olhos de Dyan. — Mas desconfio de que também são um desperdício. Eu o conheço bastante bem para saber que não sente nenhum prazer em ocupar um lugar no Conselho. Mas é claro que ambos somos muito bem condicionados pelas formalidades do Comyn para dizer isso expressamente.

Dyan fez uma reverência para Regis e entrou na Câmara de Cristal. Talvez aquelas formalidades fossem uma boa coisa, refletiu



Regis. Como Dyan e ele poderiam trocar palavras corteses sem isso? Regis sentiu uma profunda tristeza, como se tivesse perdido um amigo sem sequer conhecê-lo.

A Guarda de Honra, comandada hoje por Gabriel Lanart-Hastur, orientava os membros do Comyn para seus lugares; enquanto as portas eram fechadas, o Regente reiniciou a sessão.

— O próximo assunto desta assembléia é determinar certas heranças dentro do Comyn — disse ele. — Lorde Dyan Ardais, adiante-se, por favor.

Dyan, em seu traje de luto, foi-se postar no centro das luzes de arco-íris.

— Pela morte de seu pai, Kyril-Valentine Ardais de Ardais, eu o convoco, Dyan-Gabriel Ardais, a renunciar à posição de herdeiro-regente do Domínio de Ardais e assumir a posição de Lorde Ardais, com guarda e soberania sobre o Domínio de Ardais e de todos os que lhe devem lealdade e fidelidade. Está preparado para assumir a guarda de seu povo?

— Estou preparado.

— Declara solenemente que, ao máximo de seu conhecimento, tem condições de assumir essa responsabilidade? Há algum homem que conteste seu direito a essa guarda solene do povo de seu Domínio, do povo de todos os Domínios, do povo de Darkover?

Quantos podiam de boa fé declarar-se em condições de assumir tamanha responsabilidade? pensou Regis. Dyan deu a resposta apropriada:

— Acatarei a contestação.

Gabriel, como comandante da Guarda de Honra, foi-se colocar ao seu lado, desembainhou a espada de Dyan e gritou:

— Há alguém que conteste a guarda legítima de Dyan-Gabriel, Lorde Ardais?

Houve um longo silêncio. Hipocrisia, pensou Regis. Uma formalidade sem sentido. Só uma vez em vinte anos houvera uma resposta, e mesmo assim nada tinha a ver com as condições para exercer as funções, e sim com uma disputa de herança. Quando fora a última ocasião em que alguém contestara a sério?

— Eu contesto a guarda de Ardais — disse uma voz áspera e estridente, de um velho, partindo das fileiras dos nobre menores.

Dom Felix Syrtis levantou-se e avançou devagar para o meio da Câmara de Cristal. Pegou a espada da mão de Gabriel. A palidez calma de Dyan não se alterou, mas Regis percebeu que sua respiração se acelerava. Gabriel perguntou:

— Sob que alegação, Dom Felix?

Regis olhou ao redor. Como seu escudeiro jurado, Danilo sentava ao seu lado. Danilo não o fitou nos olhos, mas Regis constatou que ele tinha os punhos cerrados. Era o que Danilo temia, se o caso chegasse ao conhecimento de seu pai.

— Contesto a sua competência — disse Dom Felix — sob a alegação de que ele tramou de forma injusta a desgraça e a desonra de meu filho, quando meu filho era um cadete na Guarda do Castelo. Declaro uma rivalidade de sangue e lanço um desafio formal.

Todos permaneceram em silêncio, aturdidos. Regis captou o pensamento desdenhoso de Gabriel Lanart-Hastur, de que, se Dyan tivesse de travar um duelo para cada episódio desse tipo, ficaria lutando ali até o amanhecer do dia seguinte; e, por sorte sua, era o melhor espadachim dos Domínios. Em voz alta, Gabriel disse apenas:

— Ouviu o desafio, Dyan Ardais, e deve aceitá-lo ou recusá-lo. Deseja consultar alguém antes de tomar sua decisão?

— Recuso o desafio — respondeu Dyan, a voz firme.

O desafio não tinha precedentes, mas a recusa era ainda mais surpreendente. Hastur inclinou-se para a frente e disse:

— Deve enunciar seus motivos para recusar um desafio formal, Lorde Dyan.

— Eu o faço sob a alegação de que a contestação é justificada. Murmúrios de surpresa soaram por toda parte. Um lorde do

Comyn não admitia esse tipo de coisa! Todos os presentes, pensou Regis, deviam saber que a acusação era procedente. Mas todos também sabiam que o passo seguinte de Dyan era aceitar o desafio, matar o velho e sair de lá. Mas Dyan fez apenas uma breve pausa, antes de acrescentar:

— A acusação é justa, e não há honra a adquirir com o assassinato legal de um homem idoso. E seria de fato um assassinato. Quer sua causa fosse justa ou injusta, um homem da idade de Dom Felix não teria nenhuma chance razoável de comprová-la diante da minha habilidade como espadachim. E declaro ainda que não cabe a ele me desafiar. O filho por quem Dom Felix lança esse desafio é um homem, não uma criança, e é ele, não seu pai, quem por direito deve me desafiar nesta causa. Ele está disposto a isso?

Dyan virou-se para fitar Danilo, sentado ao lado de Regis, que se ouviu soltar um audível murmúrio de espanto.

Gabriel também parecia abalado, mas, como exigia o protocolo, teve de perguntar:

— Dom Danilo Syrtis, está disposto a desafiar Lorde Dyan Ardais nesta causa?

Dom Felix interveio, a voz áspera:

— Ele vai fazê-lo ou eu o repudiarei!

Gabriel censurou-o gentilmente:

— Seu filho é um homem, Dom Felix, não uma criança sob sua proteção. Ele deve responder por si mesmo.

Danilo adiantou-se até o centro da sala e disse:

— Sou o escudeiro jurado de Lorde Regis Hastur. Meu lorde, tenho sua permissão para lançar o desafio?

Ele estava branco como um lençol. Regis pensou, desesperado, que o tolo não era um adversário à altura para Dyan. Não podia continuar sentado ali, de braços cruzados, e observar Dyan assassiná-lo, a fim de acertar aquele ressentimento de uma vez por todas.

Todo o seu amor por Danilo se rebelava contra essa perspectiva, mas compreendeu que não tinha opção, ao fitar os olhos firmes do amigo. Não podia proteger Dani, por isso respondeu:

— Tem a minha permissão para fazer o que sua honra exigir, parente. Mas não há nenhuma obrigação. Prestou um juramento para meu serviço, e por beí esse serviço tem precedência. Assim, também tem permissão para recusar o desafio, sem qualquer mácula para sua honra.

Regis oferecia a Danilo uma saída honrosa, se ele a quisesse. Não podia, pela imunidade do Comyn, lutar no lugar de Danilo. Mas podia chegar a esse ponto.

Danilo fez uma reverência formal para Regis. Evitou seus olhos. Virou-se para fitar Dyan e declarou:

— Eu o desafio, Lorde Dyan.

Dyan respirou fundo. Estava tão pálido quanto Danilo.

— Aceito o desafio. Mas, por lei, um desafio dessa natureza pode ser resolvido, na opção de quem é desafiado, pela oferta de uma reparação honrosa. Não é assim, Lorde Hastur?

Regis pôde sentir que a confusão do avô era tão grande quanto a sua, enquanto o velho Regente respondia, em voz pausada:

— A lei de fato lhe dá essa opção, Lorde Dyan.

Regis, observando-o atentamente, notou o movimento quase involuntário da mão de Dyan para o cabo da espada. Sempre fora assim que Dyan acertara todos os seus desafios anteriores. Mas ele se conteve, cruzando as mãos à sua frente. Regis pôde sentir, como uma dor amarga, o pesar e a humilhação de Dyan, mas o homem mais velho disse, em voz áspera e firme:

— Nesse caso, Danilo-Felix Syrtis, eu lhe ofereço, diante de seus pares e de meus parentes, um pedido de desculpa público pelo mal que lhe causei, ao tramar de forma injusta e errada sua desgraça, provocando-o deliberadamente a uma violação das regras dos cadetes, por meio do abuso do laran; e lhe ofereço também toda e qualquer reparação honrosa ao meu alcance. Isso resolverá o desafio e a rivalidade de sangue, senhor?

Danilo permaneceu imóvel, como se transformado em pedra. Sua expressão era de espanto total.

Por que Dyan fez isso? especulou Regis. Dyan poderia tê-lo matado, com impunidade, legalmente, e o caso nunca mais poderia ser levantado contra ele.

E, de repente, quer recebesse ou não a resposta do próprio Dyan, ou fosse sua própria intuição, ele compreendeu: todos haviam recebido uma lição do que podia acontecer quando o Comyn abusava de seus poderes. Surgia a discórdia entre os súditos, entre eles próprios, até os filhos se viravam contra os pais. Não era apenas

pelos súditos que deviam restaurar a confiança pública na integridade do Comyn. Se os próprios parentes perdiam a fé neles, então perdiam tudo. E nesse momento, quando Dyan fitou-o por um instante, Regis soube o resto, direto da mente de Dyan:

Não tenho filho. Pensei que não importava se deixava ou não um nome desonrado. Meu pai jamais se importou com o que seu filho pudesse pensar dele, e eu não tinha filho com que me preocupar.

Danilo continuava imóvel, e Regis também pôde sentir seus pensamentos, perturbados, indecisos: Há muito tempo que desejo matá-lo. Valeria a pena morrer por isso. Mas prestei um juramento a Regis Hastur, e por seu intermédio assumi um compromisso com o Comyn. Dani respirou fundo e umedeceu os lábios, antes de conseguir falar:

— Aceito suas honrosas reparações, Lorde Dyan. E por mim e por minha casa, declaro que não resta qualquer hostilidade, e o desafio é retirado... — Ele fez uma pausa e se apressou em corrigir: — O desafio foi resolvido.

A palidez de Dyan foi pouco a pouco substituída por um rubor intenso. Ele falou quase ofegante:

— Que reparações me pede, senhor? É necessário explicar aqui, diante de todos os homens, a natureza da injustiça e do pedido de desculpas? É seu direito...

Regis pensou que Dani podia fazê-lo rastejar. Podia obter sua vingança, no final das contas. Mas Danilo disse calmamente:

— Não é necessário, Lorde Ardais. Aceitei suas desculpas; deixo as reparações à sua honra.

Ele se virou e voltou para seu lugar, ao lado de Regis. Suas mãos tremiam. Mais uma vantagem do costume da formalidade, pensou Regis, irônico. Todos sabiam, ou adivinhavam, e talvez a maioria adivinhasse errado. Mas agora não precisaria ser dito expressamente.

Hastur pronunciou as palavras formais que confirmavam a posição legal de Dyan como Lorde Ardais e guardião do Domínio de Ardais, e depois acrescentou:

— É indispensável, Lorde Ardais, que designe um herdeiro. Tem um filho?

Regis pôde sentir, no próprio ar, o pesar de seu avô pela inflexibilidade desse ritual, que devia infligir ainda mais dor a Dyan; e a dor e a angústia de Dyan também se abatiam sobre todos ali que tinham laran.

— O único filho de meu corpo, meu herdeiro legítimo, morreu há quatro anos, numa avalanche em Nevarsin.

— Pelas leis do Comyn — explicou Hastur desnecessariamente -você deve então indicar alguém entre os parentes próximos como seu herdeiro designado. Se mais tarde gerar um filho, essa indicação pode ser alterada.

Regis recordou a longa conversa na taverna e a irreverência de Dyan pela ausência de um herdeiro. Ele não se mostrava irreverente agora. O rosto empalideceu e tornou-se impassível como antes.

— Meu parente mais próximo vive entre os terráqueos. Devo primeiro indagar se ele está disposto a renunciar a essa fidelidade. Daniel Lawton, você é o único da mais velha das filhas nedestro de meu pai, Rayna di Asturien, que casou com o terráqueo David Daniel Lawton. Está disposto a renunciar à cidadania do Império e jurar fidelidade ao Comyn?

Dan Lawton piscou, aturdido. Não respondeu de imediato, mas Regis sentiu — e teve certeza, quando ele falou, um minuto depois - que a hesitação fora apenas uma forma de cortesia.

— Não, Lorde Ardais — disse ele, em casta. — Assumi minha lealdade e não renunciarei a ela. E sei que não gostaria de que eu o fizesse; o homem que é falso com sua primeira fidelidade, também será falso com a segunda.

Dyan fez uma reverência e disse, com um tom de respeito:

— Aceito e aprecio sua decisão, parente. Peço ao Conselho que seja testemunha de que meu parente mais próximo renunciou a toda e qualquer reivindicação.

Houve breves murmúrios de assentimento.

— Nesse caso, passo para a minha escolha privilegiada. — A voz de Dyan era dura e incisiva. — A segunda entre meus parentes próximos era outra filha nedestro de meu pai; a Guardiã de Neskaya

confirmou que seu filho possui o dom de Ardais. Sua mãe era Melora Castamir e seu pai Felix-Rafael Syrtis, que é do sangue Alton. Danilo-Felix Syrtis, como tem sangue Comyn e o dom de Ardais, eu o chamo para prestar fidelidade ao Comyn, como herdeiro do Domínio de Ardais; e estou disposto a defender minha escolha contra qualquer homem que queira contestá-la.

Seus olhos correram pela assembléia, com uma expressão de desafio. Foi como uma trovada! Então era essa a reparação honrosa de Dyan! Regis não soube dizer se o pensamento era seu ou do amigo, enquanto Danilo, atordoado, se aproximava de Dyan.

Regis lembrou como pensara que Dani deveria ocupar um lugar no Conselho do Comyn. Mas assim? Kennard teria arquitetado tudo aquilo? Dyan disse formalmente:

— Aceita a designação, Danilo?

Tremendo todo, Danilo fez um esforço para controlar a voz.

— É... meu dever aceitar, Lorde Ardais.

— Então ajoelhe-se, Danilo, e responda. Jura fidelidade ao Comyn e a este Conselho, e empenhará sua vida para servi-los? Jura que defenderá a honra do Comyn em todas as causas justas, e que se esforçará para reparar as injustas? — A voz de Dyan era forte e musical, mas agora ele hesitou, a voz tremeu um pouco. — Vai me conceder... o dever de um filho... até o momento em que um filho de meu corpo possa substituí-lo?

Regis pensou, sentindo o tormento de Danilo: quem se vingava de quem? Podia notar que Danilo chorava em silêncio, enquanto Dyan continuava, a voz ainda trêmula:

— Jura que será... um filho leal para mim, até o momento em que eu ceder meu Domínio, por causa da idade, de incapacidade ou de enfermidade, e passará a servir como meu regente, perante este Conselho?

Dani permaneceu em silêncio por um instante, e Regis, em contato com ele, compreendeu que tentava firmar a voz. Só depois de algum tempo é que ele sussurrou, quase inaudível:

— Eu juro.

Dyan inclinou-se, levantou-o e declarou, a voz agora firme:

— Que todos sejam testemunhas de que este é meu herdeiro nedestro; ninguém terá precedência sobre ele; e esta decisão... — A voz voltou a tremer. — ...nunca será renunciada por mim ou em meu nome, por qualquer dos meus descendentes.

Rapidamente, com extrema formalidade, ele abraçou Danilo e acrescentou em voz baixa, mas que deu para Regis ouvir:

— Pode voltar por enquanto a seu serviço jurado, meu filho. Só na minha ausência ou doença é que precisa tomar seu lugar em Ardais. Mas deve comparecer a este Conselho, e todos os assuntos aqui discutidos devem ser do seu conhecimento, já que pode precisar assumir meu lugar inesperadamente.

Como se andasse em sonho, Danilo retornou para o lado de Regis. Com um orgulho sereno, sentou em seu lugar. E depois não pôde mais se controlar, pôs os braços na mesa à sua frente, arriou a cabeça e desatou a chorar. Regis estendeu a mão e tocou o braço de Danilo, acima do cotovelo, mas não disse nada, nem o alcançou com seus pensamentos. Algumas coisas eram angustiantes demais até para um irmão jurado. Mas Regis refletiu, com uma estranha aflição, que Dyan os tornara iguais. Dani era herdeiro de um Domínio; não precisava agora ser escudeiro ou vassalo de ninguém, não precisava da proteção de Regis. E ninguém poderia jamais tornar a falar em desgraça ou desonra.

Ele sabia que deveria regozijar-se por Danilo, regozijar-se por si mesmo. Mas o amigo não era mais seu dependente, e isso fazia com que se sentisse inseguro e estranho.

— Regis-Rafael Hastur, herdeiro-regente de Hastur — disse Danvan Hastur.

No choque do ato de Dyan, Regis esquecerá por completo que ele também deveria falar perante o Conselho. Danilo ergueu a cabeça, cutucou-o gentilmente e murmurou:

— É você, seu cabeça-dura!

Por um momento, Regis pensou que ia desatar num riso histérico pelo lembrete. Senhor da Luz, não podia fazer isso! Não numa cerimônia formal! Mordeu o lábio com força e evitou os olhos de Danilo, mas ao se levantar e se adiantar não estava mais



preocupado com as conseqüências de tudo aquilo no relacionamento entre os dois. Fora um tolo por se afligir.

— Regis-Rafael — disse o avô — juramentos foram feitos em seu nome quando tinha seis meses de idade, como herdeiro designado de Hastur. Agora que alcançou a idade adulta, cabe a você confirmá-los ou rejeitá-los, com pleno conhecimento de tudo o que acarretam. A Guardiã da Torre de Neskaya já proclamou que possui laran completo, e assim é capaz de receber o dom de Hastur na ocasião oportuna. Tem um herdeiro?

Ele hesitou, depois acrescentou gentilmente:

— A lei estipula que até os vinte e quatro anos de idade ninguém precisa repetir os juramentos formais de fidelidade, nem indicar um herdeiro designado. E não pode ser legalmente obrigado a casar até completar essa idade.

— Tenho um herdeiro designado — anunciou Regis.

Ele fez um sinal para Gabriel Lanart-Hastur, que saiu para o corredor e pegou o pequeno Mikhail dos braços da ama. Levou-o até Regis, que pôs o menino no centro das luzes de arco-íris e declarou:

— Sejam todos testemunhas de que este é meu herdeiro nedestro, uma criança de sangue Hastur, do meu conhecimento. Ele é filho de minha irmã Javanne Hastur, que é a filha de minha mãe e de meu pai, e de seu legítimo consorte di catenas, Gabriel Lanart-Hastur. Eu lhe dei o nome de Danilo Lanart Hastur. Por causa de sua tenra idade, não é legal lhe pedir qualquer juramento formal. Perguntarei apenas, como é meu dever: Danilo Lanart Hastur, você será um bom filho para mim?

O menino fora instruído com todo o cuidado para a cerimônia, mas não respondeu de imediato, e Regis se perguntou se ele esquecera. Mas depois de um momento, ele sorriu e disse:

— Sim, eu prometo.

Regis levantou-o e beijou a face rosada; o menino passou os braços pelo pescoço de Regis e beijou-o com o maior entusiasmo. Regis não pôde deixar de sorrir ao devolvê-lo ao pai.

— Gabriel, assume o compromisso de criá-lo como meu filho, e não como seu?

A expressão de Gabriel era solene.

— Juro por minha vida e por minha honra, parente.

— Pois então leve-o e crie-o como convém a um herdeiro de Hastur, e que os Deuses o tratem como você a meu filho.

Ele observou Gabriel se afastar com o menino, pensando que sua vida teria sido muito mais feliz se o avô o entregasse a Kennard para adoção, ou a algum outro parente com filhos e filhas. Regis jurou para si mesmo que não cometeria o mesmo erro com Mikhail.

E, no entanto, sabia que a afeição distante do avô e a disciplina rigorosa em Nevarsin também haviam contribuído para o que se tornara. Kennard gostava de dizer:

— O mundo seguirá como tem de ser, não como você ou eu gostaríamos.

E apesar de todos os esforços de Regis para escapar ao caminho determinado para o herdeiro de Hastur antes mesmo de seu nascimento, o fato é que o conduzira até ali, no momento apropriado. Ele se virou para o Regente, pensando com angústia que não precisava fazer aquilo. Ainda era livre. O avô lhe prometera três anos. Mas depois do que pretendia fazer, nunca mais seria completamente livre.

Ele fitou Danilo nos olhos e sentiu que, de alguma forma, sua expressão firme e afetuosa lhe proporcionava força.

— Estou pronto para repetir meu juramento, Lorde Hastur.

O rosto do velho Hastur se contraiu, tenso de emoção. Regis sentiu seus pensamentos, sem qualquer barreira, mas Hastur declarou, com o controle de cinqüenta anos de vida pública:

— Você alcançou os anos da vida adulta; se é a sua livre opção, ninguém pode lhe negar esse direito.

— É a minha livre opção — afirmou Regis.

Não o seu desejo. Mas sua vontade, sua opção. Seu destino. O velho Regente deixou seu lugar e foi para o centro das luzes prismáticas.

— Ajoelhe-se então, Regis-Rafael.

Regis ajoelhou-se. Sabia que tremia todo.

— Regis-Rafael Hastur, jura fidelidade ao Comyn e a este Conselho, empenhará sua vida para servi-los? Jura...

Ele continuou. Regis ouvira as palavras através de um nevoeiro tremeluzente de angústia: nunca mais seria livre. Nunca mais poderia contemplar as grandes espaçonaves a caminho das estrelas e imaginar que um dia viajaria em alguma para aqueles mundos distantes.

Nunca mais sonhar...

— ...e se empenhará em se um filho leal a mim, até eu ceder meu lugar pela idade, incapacidade ou enfermidade, e passar então a servir como herdeiro-regente, sujeito às decisões deste Conselho?

Regis pensou, por um momento, que desataria a chorar, como acontecera com Danilo. Esperou, recorrendo a todo o seu controle, até poder erguer a cabeça e dizer, em voz retumbante:

— Eu juro por minha vida e honra.

O velho inclinou-se, levantou Regis, abraçou-o e beijou-o nas faces. Suas mãos tremiam de emoção, as lágrimas transbordavam dos olhos, escorriam pelo rosto. E Regis compreendeu que, pela primeira vez em sua vida, o avô via a ele, somente a ele. Nenhum fantasma, nenhuma sombra do filho morto se interpunha entre os dois. Não Rafael. O próprio Regis.

E, de repente, Regis sentiu uma profunda solidão. Desejou que a reunião terminasse logo. Voltou para seu lugar. Danilo respeitou seu silêncio, não disse nada, não olhou para ele. Mas Regis sabia que o amigo se encontrava ali e dissipava, pelo menos um pouco, a fria e trêmula solidão em seu íntimo. Hastur controlara sua emoção e disse agora:

— Kennard, Lorde Alton.

Kennard ainda claudicava bastante, parecia cansado e alquebrado, mas Regis sentiu-se contente por vê-lo de pé outra vez.

— Meus lordes — disse ele -, trago notícias de Arilinn. Foi determinado que a matriz de Sharra não pode ser monitorada nem destruída no momento. Até que chegue um tempo em que haja meios de desativá-la por completo, ficou decidido enviá-la para o mundo exterior, onde não poderá cair nas mãos erradas, nem despertar outra vez, com seus perigos específicos.

— Isso também não é perigoso, Kennard? — indagou Dyan. — Se o poder de Sharra for despertado em outro lugar...

— Depois de longas discussões, concluímos que esse é o curso mais seguro. É nossa opinião que não existem telepatas em qualquer outro lugar do Império que sejam capazes de usá-la. E nas distâncias interestelares, não poderá absorver os pontos ativados nas proximidades de Aldaran, o que é sempre um risco, enquanto permanecer em Darkover. Nem mesmo o povo da forja pode mantê-la inativa agora. Fora do nosso mundo, provavelmente permanecerá adormecida até que se descubra um meio de destruí-la.

— É um risco — insistiu Dyan.

— Tudo é um risco, enquanto uma coisa de tanto poder continuar ativa, em qualquer parte do universo. Só podemos fazer o melhor ao nosso alcance com os instrumentos e técnicas de que dispomos.

— Você vai levá-la pessoalmente para fora do nosso mundo? — perguntou Hastur. — E seu filho? Ele foi responsável, pelo menos em parte, por seu uso...

— Não! — exclamou Danilo, e Regis compreendeu que ele tinha agora tanto direito quanto qualquer outro de falar no Conselho. -Ele se recusou a ter qualquer participação no abuso, e foi torturado ao tentar impedi-lo!

— E arriscou a própria vida — acrescentou Kennard -, esteve perto de perdê-la, para levá-la a Arilinn e romper o círculo de destruição. Se ele e sua esposa não arriscassem suas vidas... e se a moça não se sacrificasse... Sharra ainda estaria em ação nas montanhas, e nenhum de nós se encontraria aqui em paz, neste momento, decidindo quem nos sucederá no Conselho!

Abruptamente, a raiva de Alton foi desencadeada, fustigando a todos.

— Sabem o preço que ele pagou para ajudar o Comyn, que o desprezou e tratou com desdém, e nenhum de vocês, absolutamente nenhum, é capaz de sequer perguntar se ele viverá ou morrerá?

Regis sentiu-se contrafeito pelo desespero de Kennard. Fora despachado para Neskaya, mas sabia que deveria ter encontrado algum meio de enviar uma mensagem.

— Vim pedir permissão para levá-lo à Terra — acrescentou Kennard, em tom ríspido -, onde ele poderá recuperar a saúde, e

talvez salvar a sanidade.

— Pelas leis do Comyn, Kennard, você e seu filho não podem partir para o mundo exterior ao mesmo tempo.

Kennard fitou Hastur com desprezo ostensivo.

— As leis do Comyn que se danem! O que ganhei por cumpri-las? De que me valeram os dez anos que passei no Conselho? Tentem me impedir, se puderem. Tenho outro filho, mas não passarei pela mesma história de novo. Aceitaram Lew, e vejam o que lhe aconteceu por isso!

Sem a menor menção de uma retirada formal, ele virou as costas e deixou a Câmara de Cristal.

Regis levantou-se e partiu apressado em seu encalço; sabia que Danilo o seguia. Alcançou Kennard no corredor. Virando-se, ainda hostil, Kennard disse:

— Mas o que...

— Tio, como está Lew? Estive em Neskaya e não pude... não me amaldiçoe junto com os outros, Tio.

— Como podia esperar que ele estivesse? — indagou Kennard, ainda truculento, mas logo seu rosto se desanuviou. — Não muito bem, Regis. Não viu o rosto dele desde que o trouxemos de Arilinn?

— Nem sabia que ele já tinha condições de viajar.

— E não tem. Nós o trouxemos de Arilinn num avião terráqueo. Talvez eles possam salvar sua mão. Ainda não é certo.

— Vão para a Terra?

— Isso mesmo. Partiremos dentro de uma hora. Não tenho tempo para discutir com o Conselho, e não permitirei que Lew seja atormentado.

Por mais furioso que ele parecesse, Regis sabia que era o desespero, não a hostilidade, que tornava áspera a voz de Kennard. Tentou erguer suas defesas contra aquela terrível angústia. Em Neskaya, aprendera as técnicas básicas de excluir o pior; não mais se sentia completamente nu, despojado. Podia enfrentar Dyan agora, e mesmo com Danilo não precisavam baixar suas barreiras, a menos que ambos assim desejassem.

— Tio, Lew e eu somos amigos desde que eu era apenas um menino. Eu... eu gostaria de vê-lo, para me despedir.

Kennard fitou-o com hostilidade por alguns segundos, mas acabou dizendo:

— Pois então venha comigo. Mas não me culpe se ele não quiser falar com você.

A voz de Kennard também não era firme.

Regis não pôde deixar de recordar a última vez em que estivera ali, na sala grande dos aposentos dos Altons, diante de Kennard e de seu avô. E a ocasião anterior. Lew sentava num banco, diante do fogo. Exatamente no mesmo lugar em que se encontrava na noite em que Regis lhe fizera um apelo para despertar seu laran. Kennard perguntou gentilmente:

— Lew, você quer falar com Regis? Ele veio se despedir.

As barreiras de Lew se achavam arriadas, e Regis sentiu o ímpeto de angústia, de rejeição: Não quero falar com ninguém, não quero que ninguém me veja agora. Foi como um golpe, quase fez Regis cambalear. Mas ele respirou fundo e murmurou:

— Bredu...

Lew virou-se, e Regis se arrepiou, quase em horror, pela primeira visão daquele rosto alterado de uma forma hedionda. Lew envelhecera vinte anos nas poucas semanas que haviam transcorrido desde que se separaram. O rosto era uma teia assustadora de cicatrizes. O desespero abria sulcos profundos, e a expressão nos olhos era de alguém que contemplara horrores além da capacidade de qualquer um suportar. Uma das mãos estava toda enfaixada, apoiada numa tipóia. Ele tentou sorrir, mas foi apenas uma careta.

— Desculpe. Estou sempre esquecendo que tenho uma cara capaz de assustar as criancinhas.

— Mas não sou mais uma criança, Lew. — Regis conseguiu bloquear a angústia e o sofrimento de Lew, e comentou, tão calmamente quanto podia: — Creio que as piores cicatrizes vão sarar.

Lew deu de ombros, como se isso lhe fosse indiferente. Regis ainda o fitava com apreensão; agora que haviam se reunido, não sabia por que viera. Lew parecia ter morrido para todo e qualquer contato humano, e era assim que queria. Qualquer contato mais profundo entre os dois, qualquer tentativa de alcançá-lo com o laran,

só serviria para ressuscitar a antiga intimidade, violar o torpor misericordioso e renovar o sofrimento ativo de Lew. Quanto mais depressa ele se despedisse e fosse embora, melhor seria. Regis fez uma reverência formal, decidindo manter o encontro nesses termos.

— Boa viagem, primo, e um retorno seguro.

Ele começou a recuar e esbarrou em Danilo, que segurou seu pulso, abrindo o contato entre os dois. Tão claramente como se Danilo falasse em voz alta, Regis sentiu a veemência de sua aflição:

Não, Regis! Não feche todas as portas, não se afaste dele! Não percebe que ele está morrendo por dentro, isolado de todos que ama? Ele deve saber que você está a par do seu sofrimento, que não quer evitá-lo! Não posso alcançá-lo, mas você pode, porque o ama, e deve, antes que ele tranque a última barreira e exclua todos para sempre. E a sanidade de Lew que está em jogo, talvez sua vida!

Regis se arrepiou de novo. Depois, dividido, agoniado, compreendeu que esse era também um fardo de sua herança: aceitar que nada, absolutamente nada, na mente humana era assustador demais para encarar, que o sofrimento de uma pessoa podia ser partilhado por outra. Ele soubera disso quando era apenas uma criança, antes que seu laran fosse plenamente despertado. Não tivera medo na ocasião, nem se envergonhara, porque não pensava em si mesmo, mas apenas em Lew, porque ele estava amedrontado e desesperado.

Ele largou a mão de Danilo e tornou a dar um passo na direção de Lew. Um dia — o pensamento aflorou de repente em sua mente, ao acaso, e parecia irrelevante -, como sempre acontecera com os homens de sua casta que eram telepatas, ele desceria, com a mulher esperando seu filho, às profundezas da agonia, à beira da morte, e seria capaz de encarar tudo, por amor a ela. E por amor ele podia encarar isto também. Adiantou-se até Lew, que tornara a baixar a cabeça.

— Bredu... — murmurou Regis.

Ele se inclinou para abraçar o parente e deliberadamente se abriu a todo o tormento de Lew, absorvendo o choque total do contato entre os dois.

Dor. Desolação. Culpa. O choque da perda, da mutilação. A lembrança da tortura e do terror. E, acima de tudo, culpa, uma culpa terrível, por estar vivo, quando pessoas que ele amara haviam morrido...

Por um momento, Lew se empenhou para excluir a percepção de Regis, bloqueá-lo também. Depois, respirou fundo, tremendo todo, ergueu o braço ileso e apertou Regis.

...você lembra agora. Eu sei, eu sei, você me ama, e nunca traiu esse amor...

— Adeus, bredu — murmurou ele, numa voz estridente e angustiada, que magoou Regis muito menos do que o formalismo frio anterior. Dando um beijo no rosto de Regis, Lew acrescentou: — Se os Deuses quiserem, voltaremos a nos encontrar. E se isso não acontecer, que os Deuses sempre o acompanhem.

Ele largou Regis, que compreendeu que não podia curá-lo, nem ajudá-lo muito, pelo menos não agora. Ninguém podia. Mas talvez, pensou Regis, talvez ele tivesse aberto uma fresta, o suficiente para fazer Lew lembrar que, além do sofrimento, da culpa, da perda e da desolação, havia também o amor no mundo.

E depois, pelos sonhos e esperanças a que renunciara, ainda vividos em sua mente, Regis ofereceu o único conforto que podia, apresentando-o como um presente diante do amigo:

— Mas você tem outro mundo, Lew. E está livre para conhecer as estrelas.

**Fim**



Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por  
**LeYtor**  
Tendo como base a digitalização em *Doc* de autor desconhecido

